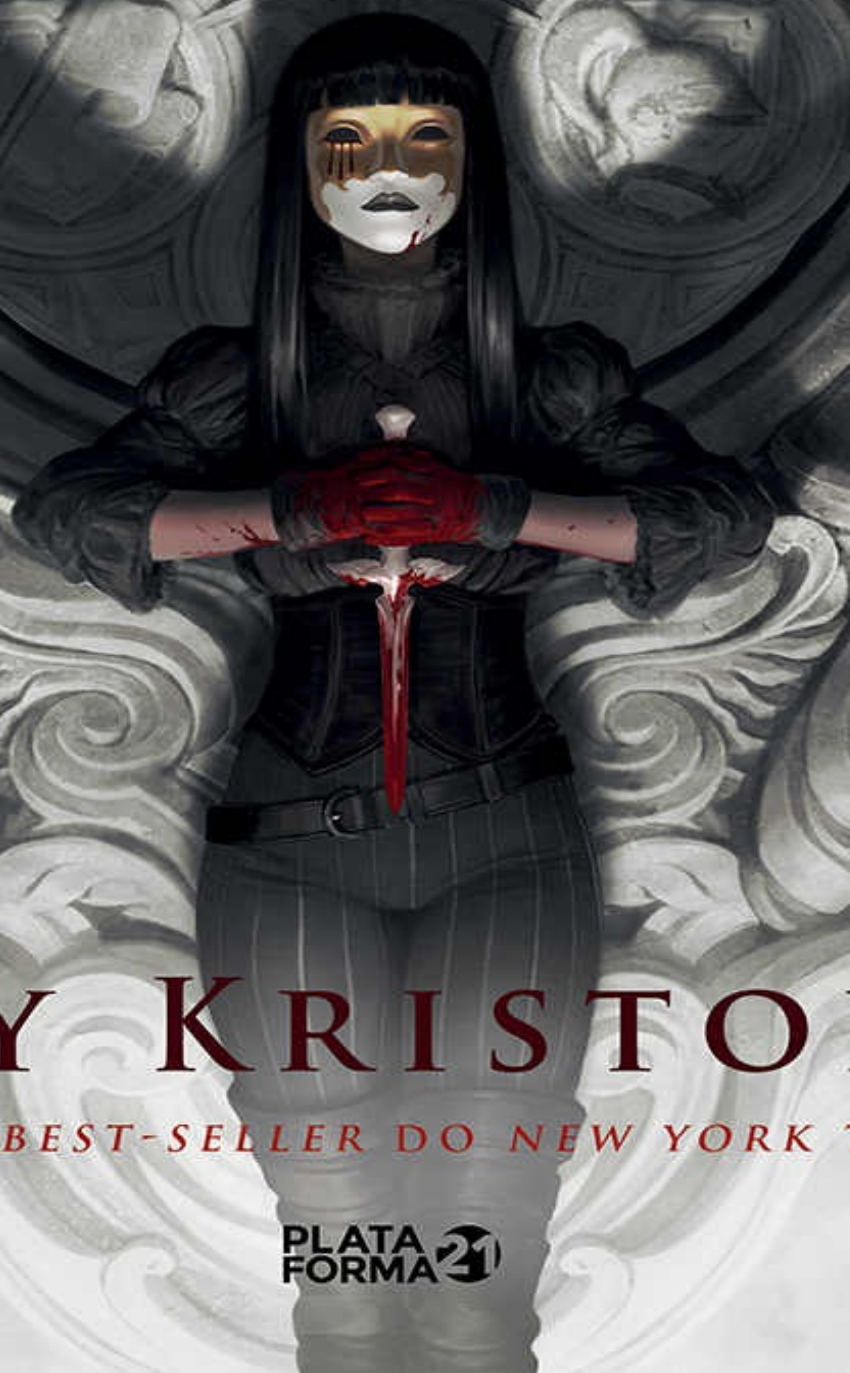


NEVERNIGHT

A SOMBRA DO CORVO

V.1 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE



JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATA
FORMA 21



TÍTULO ORIGINAL *Nevernight*

© 2016 Neverafter Pty, Ltd. Publicado mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL, representante da Adams Literary.

Todos os direitos reservados.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Fábio Bonillo

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DESIGN DE CAPA Young Jin Li

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Jason Chan

TIPOGRAFIA DE CAPA Meg Morley

DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Kristoff, Jay Nevernight: a sombra do corvo, livro um [livro eletrônico] / Jay Kristoff; tradução Clemente Pereira. – São Paulo: Plataforma21, 2017. – (Crônicas da quasinoite); 5Mb; ePub Título original: Nevernight ISBN: 978-85-92783-25-9 1. Ficção juvenil 2. Suspense – Ficção I. Título II. Série.

17-03667 CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

*Para minhas irmãs
luz e treva e tudo o que há de belo entre ambas.*





Não há sombra sem luz,
O dia à noite conduz,
Entre o breu e o que reluz
Há o cinza.

- ANTIGO PROVÉRPIO ASHKAHI

Caveat Emptor

As pessoas costumam cagar-se todas ao morrer.

Seus músculos relaxam, suas almas voam livres e o resto... escorre. Apesar de todo o amor do público pela morte, os dramaturgos quase não tratam disso. Quando nosso herói exala seu último suspiro nos braços de sua heroína, eles não chamam a atenção para a mancha vazando-lhe por entre as coxas, nem para o fedor que faz lacrimejar os olhos da mulher que se inclina para o beijo de despedida.

Digo isso a fim de avisar, ó caros amigos, que este seu narrador não partilha desses escrúpulos. E se a realidade desagradável do sangue derramado revira seus estômagos, estejam cientes desde já que as páginas em suas mãos falam de uma garota que está para o assassinato assim como o maestro está para a música. Que fez com os finais felizes o mesmo que uma serra faz com a pele.

Ela própria está morta, palavras que tanto os perversos como os justos dariam os olhos da cara para ouvir. Deixou atrás de si as cinzas de uma república. Uma cidade de pontes e ossos caída nas profundezas do oceano por suas mãos. E, contudo, tenho certeza de que ela ainda encontraria um jeito de me matar se soubesse que pus estas palavras no papel. Eu seria partido ao meio e deixado para a Escuridão faminta. Mas penso que alguém deveria pelo menos tentar separar a garota das mentiras contadas sobre ela. Através dela. Por ela.

Alguém que sabe da verdade.

Uma garota que alguns chamavam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou Corvo. Mas, na maioria das vezes, não chamavam de nada. Matadora de matadores, cuja lista de finados somente a deusa e eu conhecemos de verdade. E isso a tornou famosa ou infame, ao fim? Tanta morte? Confesso que jamais pude enxergar a diferença. Contudo, jamais enxerguei as coisas

como vocês.

Jamais vivi no mundo que vocês chamam de seu.

Nem ela, na verdade.

Penso que é por isso que eu a amava.

Livro I

Quando tudo é sangue

Capítulo 1

COMEÇOS

O garoto era belo.

Pele suave em tom caramelo, sorriso doce como o melaço. Cachos pretos e rebeldes do lado direito. Mãos fortes e músculos rijos e os olhos... Ah, Filhas, os olhos. Tinham cinco mil braças de profundidade. Puxavam você para o riso ao mesmo tempo que te afogavam.

Os lábios dele tocavam os dela, cálidos, curvos e tenros. Estavam enlaçados na Ponte dos Suspiros, um rubor arroxado recortado contra as ondas do céu. As mãos dele deslocaram-se até as costas dela e agora lhe queimavam a pele. O roçar de pena das línguas lhe deu calafrios; seu coração disparava, suas entranhas pulsavam de desejo.

Ambos recuaram como dançarinos instantes antes de a música parar, com as cordas ainda vibrando dentro de si. Ela abriu os olhos, deparou com ele devolvendo o olhar através da luz nebulosa. Um canal murmurava sob eles, a lentidão de suas águas sangrando para o mar. Bem como ele desejava. Bem como ela precisava. Rezando para não se afogar.

Sua última quasinoite nesta cidade. Parte dela não queria dizer adeus. Mas antes de partir, ela queria saber a verdade. Devia isso a si mesma.

– Tem certeza? – ele perguntou.

Ela o olhou bem dentro dos olhos.

Tomou-o pela mão.

– Tenho certeza – ela sussurrou.

O homem era repugnante.

Pele esclerosada, um queixo raso perdido em camadas de banha e buço. Um brilho de saliva na boca, nódoas de uísque pelas bochechas e nariz, e os olhos, pelas Filhas, os olhos. Azuis como o céu sem nuvens. Cintilando como

estrelas na imobilidade da veratreva.

Seus lábios tocaram a caneca, enxugando os restos da bebida, enquanto música e riso se levantavam ao redor. Equilibrou-se mais um pouco no coração da taverna, em seguida lançou uma moeda no balcão de pau-ferro e caminhou a passos trôpegos para a luz dos sóis. Seus olhos, turvos de álcool, percorreram o calçamento. As ruas enchiam-se cada vez mais, e ele teve de abrir caminho à força por entre a multidão, almejando somente sua casa e um sono sem sonhos. Não olhou para cima. Não espiou a figura agachada no topo de uma gárgula de pedra no telhado oposto, vestida de branco-cal e cinzamento.

A garota o observava manquitar pela Ponte dos Irmãos. De tempos em tempos, levantava a máscara de arlequim para tragar sua cigarrilha; a fumaça com aroma de alho riscava uma trilha no ar. A visão do homem – com seu sorriso cadavérico, suas mãos ásperas como cordas – a fez ter calafrios; seu coração disparou, suas entranhas pulsaram de desejo.

Sua última quasinoite nesta cidade. Parte dela não queria dizer adeus. Mas antes de partir, ela queria que ele soubesse a verdade. Devia isso a ele.

Uma sombra sob a forma de gato sentou-se ao seu lado no telhado. Era chata como papel e semitranslúcida, negra como a morte. A cauda abraçava o tornozelo da garota de maneira quase possessiva. As águas frias circulavam pelas veias da cidade até o mar. Bem como ela desejava. Bem como ela devia. Ainda rezando para não se afogar.

– ...tem certeza? – perguntou o gato feito de sombras.

A garota observou seu alvo coxear rumo à cama.

Um aceno devagar com a cabeça.

– Tenho certeza – ela sussurrou.

O quarto era pequeno, despojado; era só o que podia pagar. Mas ela havia disposto velas de rosa e um buquê de lírios-d'água sobre os lençóis, brancos e limpos e com as pontas dobradas para baixo como que em convite. O garoto sorriu diante da doçura esmerada do arranjo.

Ao aproximar-se da janela, ela contemplou a velha e grande cidade de Godsgrove. Mármore branco, tijolos ocres e cumes graciosos beijando o céu queimado de sol. Ao norte, as Costelas erguiam-se centenas de metros até as nuvens douradas, e janelas minúsculas espiavam dos apartamentos escavados no osso antigo. Os canais fluíam da Espinha oca, recortando padrões na pele das cidades como teias de aranhas loucas. Longas sombras cobriam as vias abarrotadas de gente à medida que o segundo sol sumia – o primeiro já desaparecera havia muito – e deixava o terceiro e intratável irmão vermelho de guarda durante os perigos da quasinoite.

Ah, se ao menos fosse veratreva.

Se fosse, ele não a veria.

Ela não sabia ao certo se queria que ele a visse fazendo aquilo.

O garoto se aproximou por atrás, envolto em suor fresco e tabaco. Escorregando as mãos pela cintura dela, correu os dedos como gelo e chama ao longo das depressões no quadril. Ela respirou mais forte, sentindo formigar um lugar profundo e antigo. Os cílios agitavam-se como asas de borboleta contra suas bochechas enquanto as mãos dele contornavam a cúspide do seu umbigo, dançando por suas costelas, até envolverem seus seios. Sua pele arrepiou-se com a respiração dele em seus cabelos. Arqueando a espinha, devolvendo a pressão daquela rigidez que sentia no ventre dele, alçou uma mão até os seus cachos rebeldes. Ela não conseguia respirar. Não conseguia falar. Não queria que aquilo começasse ou terminasse.

Virou-se, suspirando quando seus lábios se encontraram novamente, e brincou com as abotoadoras na manga rendada dele; era toda dedos, suor e tremores. Arrancando as suas camisas, lançou os lábios contra os dele e afundaram-se na cama. Só ela e ele agora. Pele com pele. Seus gemidos ou os dele, ela não conseguia mais diferenciar.

A dor era insuportável, vazava-lhe; as mãos trêmulas exploravam as ondulações no peito dele, suaves como a cera, e a rija linha de carne em V que descia até as calças. Ela enfiou os dedos lá dentro e roçou aquele calor pulsante, pesado como ferro. Terrível. Estonteante. Ele gemeu, freminho

como um potro recém-nascido enquanto ela o acariciava, suspirando sobre sua língua.

Ela nunca sentira tanto medo.

Nunca em todos os seus dezesseis anos.

– Me fode... – balbuciou.

O quarto era luxuoso, do tipo que só os ricos podiam bancar. Contudo, havia garrafas vazias sobre a escrivaninha e flores mortas na cabeceira, murchas em seu cheiro rançoso de desgraça. A garota consolou-se ao ver que aquele homem que tanto odiava estava tão bem de vida e tão completamente sozinho. Pela janela, ela o viu pendurar a sobrecasaca e apoiar o tricórnio puído num jarro vazio. Tentava convencer a si mesma de que era capaz de fazer aquilo. De que era dura e afiada como aço.

Empoleirada no telhado da frente, baixou o olhar para a cidade de Godsgrave, para os calçamentos manchados de sangue e túneis escondidos e catedrais altivas de osso reluzente. As Costelas penetravam o céu acima dela, os canais tortos fluíam da Espinha deformada. Longas sombras cobriam as vias abarrotadas de gente à medida que o segundo sol sumia – o primeiro já desaparecera havia muito – e deixava o terceiro e intratável irmão vermelho de guarda durante os perigos da quasinoite.

Ah, se ao menos fosse veratreva.

Se fosse, ele não a veria.

Ela não sabia ao certo se queria que ele a visse fazendo aquilo.

Com o braço estendido e dedos ágeis, ela puxou as sombras para si, tecendo e torcendo as teias negras até fluírem de seus ombros como um manto. Ela desapareceu dos olhos do mundo, tornou-se quase translúcida, como uma mancha numa pintura dos edifícios da cidade. Deu um salto pelo vazio até o beiral da janela dele. Ergueu-se, rapidamente destrancou o vidro e penetrou no quarto da frente, silenciosa como o gato feito de sombras que a seguia de perto. Puxou um estilete do cinto, a respiração saindo mais pesada, fazendo formigar um lugar profundo e antigo. Agachada, escondida num canto, os cílios

agitavam-se como asas de borboleta contra suas bochechas, e ela o observou encher um copo com mãos trêmulas.

Ela estava respirando alto demais, com as lições todas desabaladas na cabeça. Mas ele estava entorpecido demais para notar, perdido em algum lugar nas lembranças do estalar de mil pescoços esticados, do dançar de mil pares de pés dançando ao som do enforcador. Com os dedos brancos ao redor da bainha da adaga, ela observava tudo da escuridão. Não conseguia respirar. Não conseguia falar. Não queria que aquilo começasse ou terminasse.

Ele soltou um suspiro ao beber do cálice, brincou com as abotoaduras nas mangas rendadas; era todo dedos, suor e tremores. Arrancando a camisa, coxeou pelas tábuas do piso e afundou-se na cama. Só ela e ele agora. Fôlego por fôlego. Seu fim ou o dele, ela não conseguia mais diferenciar.

A pausa era insuportável. O suor vazava-lhe nos calafrios da noite. Lembrou-se de quem era, do que aquele homem havia levado, de tudo o que podia acontecer se ela falhasse. E, rígida como aço, removeu o manto de sombras e avançou ao encontro dele.

Ele gemeu, ameaçando correr como um potro recém-nascido quando ela surgiu à luz vermelha do sol com um sorriso de arlequim em vez do próprio.

Ela nunca tinha visto alguém com tanto medo.

Nunca em todos os seus dezesseis anos.

– Me fode... – ele balbuciou.

Ele montou sobre ela, já com as calças nos calcanhares. Ele com os lábios no pescoço dela, e ela com o coração na garganta. Uma era passou-se, em algum ponto entre o querer e o temer e o amar e o odiar, e por fim ela o sentiu, quente, uma dureza estarrecedora, forçando contra a suavidade no meio das suas pernas. Ela tomou fôlego, talvez para falar (mas o que diria?) e então veio a dor, dor. Ai, Filhas, doeu. Ele estava dentro dela – aquilo estava dentro dela – tão duro e real que ela não conseguiu evitar o grito e mordeu os lábios para represar a torrente.

Ele fora grosso, descuidado, jogando o peso sobre ela enquanto forçava e

forçava. Nada parecido com os sonhos doces com que ela inflara o momento. As pernas esticadas, o nó no estômago. Ela chutava o colchão querendo que ele parasse. Que esperasse.

Era aquela a sensação certa?

Era aquele o jeito certo?

Se depois tudo malograsse, aquela seria a sua última quasinoite neste mundo. E ela sabia que a primeira vez geralmente era a pior. Ela se julgara pronta; tenra o bastante, molhada o bastante, desejosa o bastante. Julgara que tudo o que as outras garotas da rua tinham dito entre risinhos e olhares divertidos não seria verdade para ela.

– Feche os olhos – aconselharam. – Acaba logo.

Mas ele era tão pesado, e ela tentava não chorar, e desejava que não precisasse ser daquele jeito. Ela tinha sonhado com aquilo, esperado algo especial. Mas agora que estava ali, achava aquilo uma coisa tosca, estabanada. Nada de mágica e fogos de artifício ou êxtase. Só a pressão dele sobre seu peito, a dor com os seus movimentos, enquanto ela gemia baixo, encolhia-se, de olhos fechados, à espera de que ele terminasse.

Ele apertou os lábios contra os dela, os dedos agarrando-lhe as bochechas. E naquele momento, houve uma faísca – uma doçura que a fez formigar de novo, apesar da estranheza e pressa e dor de tudo aquilo. Ela retribuiu o beijo e sentiu calor dentro de si, inundando-a e preenchendo-a à medida que todos os músculos dele se retesavam. E ele apertou o rosto no cabelo dela e estremeceu numa pequena morte para enfim desabar sobre ela, mole e úmido e lânguido.

Ela permaneceu deitada, respirando fundo. Suspirou.

Ele rolou para o lado e desabou nos lençóis ao lado dela. Ao colocar a mão no meio das pernas, ela sentiu umidade, dor. Manchas nas pontas dos dedos e nas coxas. Sobre o linho branco e limpo com os cantos dobrados como que o convidando.

Sangue.

– Por que não me disse que era sua primeira vez? – ele perguntou.

Ela não disse nada. Só olhava o vermelho reluzindo nas pontas dos

dedos.

– Desculpe – ele sussurrou.

Ela olhou para ele.

Desviou o olhar com a mesma rapidez.

– Você não tem nada do que se desculpar.

Ela estava montada nele, imobilizando-o com os joelhos. Ele estava com a mão no pulso dela, e ela com o estilete na garganta dele. Uma era passou-se, em algum ponto entre o debater-se e o bufar e o implorar, e por fim a lâmina afundou no seu lugar, afiada, um dureza estarrecedora, penetrando o pescoço e atingindo a coluna. Ele tentou tomar fôlego (mas o que diria?) e ela conseguia ver nos seus olhos: a dor, a dor. Ó, Filhas, *doeu*. Aquilo estava dentro dele – *ela* estava dentro dele –, perfurando duro enquanto ele tentava gritar, a mão dela na boca dele para represar a torrente.

Ele estava em pânico, desesperado, arranhando a máscara dela enquanto ela torcia a lâmina. Nada parecido com os sonhos terríveis com que ela inflara o momento. As pernas esticadas, o pescoço jorrando. Ele chutava o colchão querendo que ela parasse. Que esperasse.

Era aquela a sensação certa?

Era aquele o jeito certo?

Se depois tudo malograsse, aquela seria a sua última quasinoite neste mundo. E ela sabia que a primeira vez era geralmente a pior. Ela não se julgara pronta; não forte o bastante, não fria o bastante, que as palavras de incentivo do Velho Mercurio não seriam verdade para ela.

– Lembre-se de respirar – ele tinha aconselhado. – Vai acabar logo.

Ele se debatia e ela o mantinha no lugar, e tudo nela se perguntava se sempre seria daquele jeito. Ela tinha imaginado que este momento seria algum tipo de mal. Um martírio a suportar, não um momento para saborear. Mas agora que estava ali, achava aquilo uma coisa linda, uma dança. A coluna dele arqueada debaixo de si. O medo nos olhos dele enquanto arrancava sua máscara. O brilho da lâmina que ela tinha enfiado no lugar certo, a mão na

boca dele enquanto acenava com a cabeça, ninando-o com voz materna, à espera de que ele terminasse.

Ele arranhou a bochecha dela; o odor fétido do seu hálito e da sua merda enchia o quarto. E naquele momento, houve uma faísca – um horror dando à luz à misericórdia, apesar do fato de que ele merecia aquele fim e mais cem outros. Ela retirou a lâmina e a enterrou no peito dele, e sentiu o calor nas mãos, inundando e encharcando, à medida que cada músculo do corpo dele se retesava. E ele agarrou-lhe a mão e suspirou morrendo, murchando sob ela, mole e úmido e lânguido.

Sentada sobre ele, ela respirou fundo. Sentiu gosto de sal e escarlate. Suspirou.

Ela rolou para o lado, os lençóis amarrotados ao seu redor. Ao tocar o rosto, sentiu umidade, calor. Manchas nas mãos e nos lábios.

Sangue.

– *Escuta-me, Niah* – ela murmurou. – *Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-a para perto de ti.*

O gato feito de sombras observava do seu poleiro na cabeceira da cama. Observava-a como apenas os cegos são capazes. Não disse palavra alguma.

Não precisava.

L*uz baça do sol na pele. Cabelo de corvo, molhado de suor, caído sobre os olhos. Ela subiu as calças de couro, passou a camisa cinza-cimento por sobre a cabeça, calçou as botas de couro de lobo. Dolorida. Maculada. Mas contente, de alguma forma. Em algum lugar perto do contentamento.*

– *O quarto está pago para a quasinoite inteira* – ela disse. – *Se você quiser.*

O açúcarado observava do outro lado da cama com a cabeça sobre o cotovelo.

– *E a minha moeda?*

Ela estendeu a mão para pegar a bolsa ao lado do espelho.

– *Você é mais jovem do que as minhas clientes regulares – ele disse. – Não faço muita primeira vez.*

Ela se olhou no espelho: pele alva e olhos escuros. Mais jovem do que a própria idade. E embora a prova do contrário estivesse secando em sua pele, por um momento, ela ainda achou difícil considerar-se outra coisa que não uma garota. Uma coisa frágil e trêmula, uma coisa que dezesseis anos nesta cidade jamais conseguiram enrijecer.

Ela enfiou a camisa dentro da calça. Conferiu a máscara de arlequim no manto. O estilete no cinto. Afiado e brilhante.

O enforcador logo sairia da taverna.

– *Tenho que ir – ela disse.*

– *Posso lhe perguntar uma coisa, mi dona?*

– *Pergunte.*

– *Por que eu? Por que agora?*

– *Por que não?*

– *Isso não é resposta.*

– *Você acha que eu deveria ter me guardado, é isso? Que sou uma espécie de presente a ser dado? Agora estragado para sempre?*

O garoto não disse nada, apenas a observava com seus olhos com cinco mil braças de profundidade. Belo como no retrato. A garota sacou uma cigarrilha de um estojo de prata e acendeu-a numa das velas. Respirou fundo.

– *Só queria saber como era – ela disse afinal. – Caso eu morra.*

Ela deu de ombros, e exalou cinza.

– *Agora sei.*

E caminhou sombras adentro.

Luz baça do sol na pele. Manto cinza-cimento pendendo dos ombros, transformando-a em sombra na luz melancólica. Ela estava debaixo de um arco de mármore na Piazza Rei Mendigo; o terceiro sol pendia sem rosto no céu. Lembranças do fim do enforcador secavam com as manchas de sangue das

mãos. Lembranças dos lábios do açucarado secavam com as manchas na calça. Dolorida. Suspirando. Mas ainda contente, de alguma forma. Ainda em algum lugar perto do contentamento.

– Vejo que não morreu.

O Velho Mercurio a observava do outro lado do arco, tricórnio baixo, cigarrilha nos lábios. Parecia menor de alguma forma. Mais magro. Mais velho.

– Não por falta de tentativa – retrucou a garota.

Ela o observou: mãos manchadas e olhos desbotados. Envelhecido além da própria idade. E embora ela tivesse a prova do contrário incrustada na pele, por um instante achou difícil considerar-se outra coisa que não uma garota. Uma coisa frágil e trêmula, alguma coisa que seis anos sob a tutela dele não conseguiram enrijecer.

– Não vou vê-lo por muito tempo, vou? – ela perguntou. – Talvez jamais o veja de novo.

– Você sabia disso – ele disse. – Fez sua escolha.

– Não sei se em algum momento houve escolha de verdade – ela disse.

Ela abriu o punho; havia uma bolsa de pele de ovelha na palma da mão. O velho tomou a oferta e contou o conteúdo com um dedo manchado de tinta. Tilintando. Manchados de sangue. Vinte e sete dentes.

– Parece que o enforcador perdeu alguns antes que eu o alcançasse – ela explicou.

– Eles vão entender – Mercurio atirou a bolsa de volta à garota. – Esteja no décimo sétimo cais quando o sino soar as seis. Um bergantim dweymeri chamado *Namorado de Trelene*. É um navio livre que não navega sob as cores de Itreya. Ele a conduzirá dali em diante.

– Para um lugar a que você não vai.

– Eu a treinei bem. Você deve ir só. Atravesse a passagem da Igreja Vermelha antes da primeira volta de Septimus, ou jamais a atravessará na vida.

– Compreendo.

Um brilho de afeto apareceu nos olhos reumosos dele.

– Você é a melhor pupila que já mandei para o serviço da Mãe. Lá, vai abrir as asas e voar. E *vai* me ver de novo.

Ela sacou o estilete do cinto. Com a cabeça curvada, colocou-o sobre o antebraço como que em oferenda. A lâmina era trabalhada em ossário, brilhava branca e dura como o aço, o cabo esculpido como um corvo em voo. Os olhos vermelhos de âmbar brilhavam à luz escarlate do sol.

– Fique com ele – o velho fungou. – É seu de novo. Você fez por merecer. Finalmente.

Ela olhou bem para a faca, de cima a baixo.

– Devo lhe dar um nome?

– Você poderia, imagino. Mas para que serviria?

– Para furar as pessoas – ela respondeu tocando a ponta da lâmina. – É para isso que servem as facas.

– Ah, bravo. Cuidado para não se cortar com esse seu intelecto tão afiado.

– Todos os punhais e espadas famosos têm um nome. É assim que funciona.

– Besteira – comentou Mercurio, tomando a adaga de volta e a erguendo entre ambos. – Facas com nomes são o tipo de fanfarra reservado aos heróis, garota. Homens que ganham canções a seu respeito, sobre quem criam histórias, que têm seu nome dado a fedelhos. Você e eu vamos pela estrada das sombras. E se der conta do recado, ninguém jamais saberá sequer seu nome, quanto mais o desse espeto de porco na sua cinta. Você será um rumor. Um sussurro. O pensamento que faz os bastardos deste mundo acordarem suando na quasinoite. A *última coisa* que você virá a ser neste mundo, garota, é heroína de alguém. – Mercurio devolveu o punhal. – Mas *será* uma garota que os heróis temem.

Ela sorriu. De repente, e com uma tristeza terrível. Hesitou por um instante. Chegou perto. Presenteou as bochechas de lixa com um beijo delicado.

– Sentirei saudades – disse.

E caminhou sombras adentro.

Capítulo 2

MÚSICA

O céu chorava.

Ou ao menos assim lhe parecia. A garotinha sabia que a água gotejando das manchas cor de carvão no alto se chamava chuva – ela não tinha nem dez anos, mas já era velha o bastante para saber disso. Mesmo assim, ainda fantasiava com lágrimas caindo daquele rosto de algodão doce. Tão frias comparadas às dela própria. Não continham sal nem ardiam. Mas sim, o céu com certeza chorava.

O que mais poderia fazer num momento como este?

Ela estava no alto da Espinha acima do fórum, ossários brilhando aos seus pés, vento frio soprando no cabelo. Uma multidão estava reunida na praça lá embaixo, com bocas abertas e punhos cerrados. Debatiam-se ao redor do cadafalso no coração do fórum, e a garota se perguntava se, caso eles o derrubassem, os prisioneiros ali receberiam permissão para voltar para casa.

Ah, não seria maravilhoso?

Ela nunca tinha visto tanta gente. Homens e mulheres de diferentes formatos e tamanhos, crianças não muito mais velhas do que ela. Vestiam roupas feias e seus urros a assustavam, e ela ergueu o braço para segurar na mão da mãe e apertá-la com força.

A mãe pareceu não notar. Seus olhos estavam fixos no cadafalso, assim como os dos outros. Mas a mãe não cuspiu nos homens diante dos laços, não atirou comida podre nem vociferou “traidor” por entre dentes cerrados. Dona Corvere simplesmente ficou parada, seu vestido preto encharcado pelas lágrimas do céu, como uma estátua diante de uma cova ainda não enchida.

Ainda não. Mas logo.

A garota quisera perguntar por que a mãe não chorava. Ela não sabia o

que “traidor” queria dizer, e quisera perguntar isso também. Contudo, de alguma forma sabia que aquele era um lugar onde as palavras não tinham vez. E por isso permaneceu calada.

Apenas observando.

Seis homens estavam no cadafalso lá embaixo. Um com o capuz de carrasco, negro como a veratрева. Outro em trajes sacerdotais, brancos como as penas de uma pomba. Os outros quatro tinham cordas atadas no pulso e revolta no olhar. Mas quando o encapuzado passou o laço em volta de cada pescoço, a garota viu a impetuosidade esvair-se das bochechas junto com o sangue. Nos anos que se seguiram, ela viria a comentar uma ou outra vez como o pai fora corajoso. Mas ao vê-lo dali de cima, o último dos quatro, ela notou que ele estava com medo.

Apenas uma criança de dez anos, e já conhecia a cor do medo.

O sacerdote deu um passo à frente, batendo o cajado sobre as tábuas. Tinha uma barba de espinheiro e ombros de boi; parecia mais um salteador que tinha assassinado um homem santo e lhe roubado as roupas do que um santo de verdade. Os três sóis que pendiam da corrente ao redor do pescoço tentavam reluzir, mas as nuvens do céu em pranto não permitiam.

A voz era espessa como o melado, doce e escura. Mas falava de crimes contra a República de Itreya. De conspiração e traição. O santo salteador invocou a Luz como testemunha (ela se perguntou se a Luz tinha escolha), nomeando um homem de cada vez:

- Senador Claudius Valente.
- Senador Marconius Albari.
- General Gaius Maxinius Antonius.
- Justicus Darius Corvere.

O nome de seu pai, como que a última nota da canção mais triste que ela já ouvira. As lágrimas lhe subiram aos olhos, embaçando o mundo. Como ele parecia pequeno e pálido ali embaixo, em meio ao mar de urros! Sozinho. Ela se lembrou dele como tinha sido até havia pouco: alto e orgulhoso e, oh, tão forte. Sua armadura de ossário branca como o hibernal, a capa derramando-se como rios carmim dos seus ombros. Os olhos, azuis e

brilhantes, enrugavam-se nos cantos quando ele sorria.

Armadura e manto já se tinham ido, substituídos por farrapos de estopa e feridas como frutinhas gordas e arroxeadas por todo o rosto. O olho direito fechado de inchaço, o outro fixo nos pés. A garota queria tanto que ele olhasse para ela. Queria que ele voltasse para casa.

– Traidor! – a massa gritava. – Põe ele pra dançar!

A garota não sabia o que queriam dizer. Não ouvia música alguma.¹

O santo salteador olhou para cima, para as ameias, para os medulares e políticos reunidos nelas. O Senado inteiro parecia ter comparecido ao espetáculo, quase cem homens com suas vestes bordadas em roxo, os olhos impiedosos cravados no cadafalso.

À direita do Senado havia um agrupamento de homens de armadura branca e mantos vermelhos como sangue. Espadas envoltas por chamas ondulantes nas mãos. Chamavam-se luminatii, a garota sabia bem disso. Tinham sido os irmãos de armas do seu pai antes da traição – era isso, imaginava ela, que os traidores faziam.

Tudo foi tão barulhento.

No meio dos senadores estava um homem belo de cabelos escuros, com olhos negros penetrantes. Vestia trajes finos tingidos com o roxo mais intenso – roupas de cônsul. E a garota que sabia, ah, tão pouco, sabia que ali estava um homem de posição. Bem acima dos sacerdotes e dos soldados e da massa urrando pela dança sem melodia. Se ordenasse, a multidão deixaria seu pai ir embora. Se falasse, despedaçaria a Espinha e desfaria as Costelas em pó, e Aa, o Deus da Luz em pessoa, fecharia os três olhos e traria a abençoada escuridão para aquele desfile terrível.

O cônsul deu um passo à frente. A multidão silenciou. E à medida que o homem bonito falava, a garota apertava a mão da mãe com o tipo de esperança que só as crianças conhecem.

– Aqui na cidade de Godsgrave, sob a Luz de Aa o Onividente e pela palavra unânime do Senado de Itreya, eu, cônsul Julius Scaeva, proclamo estes acusados culpados de insurreição contra a nossa gloriosa República. Só pode haver uma sentença para aqueles que traem seus concidadãos de

Itreya. Uma sentença para aqueles que desejavam uma vez mais acorrentar esta grande nação ao jugo dos reis.

Ela segurou a respiração.

O coração palpitava.

– Morte.

Um rugido, que se abateu sobre a garota como a chuva. E ela correu os olhos arregalados desde o belo cônsul até o santo salteador e até a mãe – mamãe querida, faça-os parar –, mas os olhos da mãe estavam fixos no homem lá embaixo. Apenas o lábio inferior trêmulo traía sua agonia. E a garotinha já não conseguia suportar mais, e o grito rugiu dentro dela e transbordou pelos lábios

nãonãonão

e as sombras por todo o fórum tremeram com a fúria dela. O negrume sob o pé de cada homem, de cada dama e de cada criança, a escuridão projetada pela luz dos sóis ocultos, por pálida e tênue que fosse – não se engane, ó, caro amigo. Aquelas sombras tremeram.

Mas ninguém notou. Ninguém se importou.²

Os olhos de dona Corvere não se apartaram do marido enquanto ela agarrava a garotinha; abraçava-a. Um braço ao redor do peito. Uma mão no pescoço. Tão apertado que a garota não conseguia se mexer. Não podia virar. Não podia respirar.

Você a imagina agora: uma mãe com o rosto da filha apertado contra as saias. A loba hirsuta, defendendo a filhote do assassinato que tomava lugar abaixo. É perdoável que você a imagine assim. Perdoável e errado. Porque a dona forçou a filha a olhar para a frente. Para a frente, a fim de experimentar tudo. Cada pedaço daquela refeição amarga. Cada migalha.

A garota observou o carrasco testar cada laço, um por um. Ele foi coxeando até uma alavanca à beira do cadafalso e levantou o capuz para cuspir. A garota vislumbrou seu rosto – dentes amarelos, barba por fazer, lábio leporino. Algo dentro dela gritava Não olhe, não olhe e ela fechou os olhos. E a mãe a apertou mais, com sussurros afiados como navalhas.

– Nunca trema – ela murmurou. – Nunca tema.

A garota sentiu as palavras dentro do peito. No lugar mais profundo, mais escuro, onde a esperança que as crianças respiram e os adultos lamentam definhou e sumiu, como cinzas pairando no vento.

E ela abriu os olhos.

Então ele olhou para cima. Seu pai. Apenas um olhar através da chuva. A partir de então, nas quasinoites seguintes, ela sempre se perguntaria o que ele estaria pensando naquele momento. Mas não havia palavras que atravessassem aquele mal sibilante. Apenas lágrimas. Apenas o céu em prantos. E o carrasco puxou a alavanca, e o chão se abriu. E para seu horror, ela finalmente compreendeu. Finalmente ouviu.

A música.

A canção do escárnio da multidão. O estalo da corda tensa. O guh-guh-guh dos homens estrangulados, varado pelo aplauso do santo salteador e do belo cônsul e do mundo agora errado e podre. E ao som da crescente e horrível melodia, com as pernas chutando, o rosto arroxado, seu pai começou a dançar.

Papai...

– Nunca trema. – Um sussurro frio no ouvido. – Nunca tema. E nunca, jamais, esqueça.

A garota fez que sim, devagar.

Exalou a esperança dentro de si.

E assistiu ao pai morrer.

Ela estava no convés do *Namorado de Trelene*, observando a cidade de Godsgrave diminuir e diminuir. As pontes e catedrais da capital foram desaparecendo até restarem apenas as Costelas; dezesseis arcos de osso erguendo-se centenas de metros no ar. Mas conforme continuava a observar, os minutos fundindo-se em horas, mesmo aqueles picos afundaram na boca do horizonte e desapareceram na neblina.³

Suas mãos estavam apoiadas no parapeito branqueado pelo sal; sangue incrustado sob as unhas. O punhal de ossário no cinto, os dentes de um

carrasco na bolsa. Olhos escuros refletindo o inconstante sol vermelho lá em cima, enquanto o eco do outro, seu irmão menor e mais azul, ainda ondulava nos céus do oeste.

O gato feito de sombras também estava ali. Enroscado na sombra aos pés dela enquanto não era necessário. É mais fresco na sombra, como você sabe. Um sujeito perspicaz teria notado que a sombra da garota era um pouco mais escura que a dos outros. Um sujeito perspicaz teria notado que era escura o bastante para dois.

Felizmente, faltavam sujeitos perspicazes a bordo do *Namorado*.

Ela estava longe de ser linda. Ah, os contos que você deve ter ouvido sobre a assassina que destruiu a República de Itreya sem dúvida a descreviam com uma beleza de outro mundo: uma pele branca como leite e curvas esguias e lábios redondos. E ela possuía mesmo essas qualidades, é verdade, mas a composição ficava... um pouco disforme. “Pele branca como leite” é só um jeito bonito de dizer “sem cor”. “Esguia” é um jeito poético de dizer “raqútica”.

A pele pálida e as bochechas fundas lhe conferiam uma aparência faminta, desgastada. O cabelo preto como um corvo chegava até as costelas, com exceção de uma franja torta feita por ela mesma. Os lábios e a carne sob os olhos pareciam perpetuamente inchados, e o nariz já tinha sido quebrado ao menos uma vez.

Se seu rosto fosse um quebra-cabeça, a maioria das pessoas o poria de volta na caixa sem terminar.

Além do mais, ela era baixa. Magra feito um palito. Mal tinha traseiro para sustentar a calça. Não era uma beleza pela qual amantes morreriam, exércitos marchariam, heróis matariam um deus ou demônio. Tudo o oposto do que os poetas contaram a vocês, estou certo. Mas não é que ela não tivesse um charme, nobres amigos. E os poetas de vocês falam muita merda.

O *Namorado de Trelene* era um bergantim de dois mastros tripulado por marinheiros das ilhas de Dweym, de garganta enfeitada com colares de dente de dragão em homenagem à sua deusa Trelene.⁴ Conquistados pela República de Itreya um século antes, os dweymeris tinham pele escura, e a maioria era

mais alta que o itreyano médio por uma cabeça. Reza a lenda que descendiam das filhas dos gigantes que se deitavam com homens de língua de prata, mas a logística dessa lenda não suporta qualquer investigação mais séria.⁵ Em termos simples, eram homens grandes como touros e rijos como pregos de caixão, e a tendência a enfeitar o rosto com tatuagens de tinta de leviatã não colaborava muito para uma boa primeira impressão.

Apesar da aparência temível, os dweymeris tratam seus passageiros menos como hóspedes e mais como cargas sagradas. E assim, apesar da presença de uma garota de dezesseis anos a bordo – viajando só e armada apenas com uma lasca afiada de ossário –, a ideia de causar-lhe algum problema passava longe da cabeça dos marujos. Infelizmente, havia a bordo do *Namorado* vários recrutas não nascidos em Dweym. E para um deles, aquela garota solitária parecia valer a pena.

Verdade seja dita, sempre, com exceção dos momentos de solidão – e em alguns casos, mesmo neles –, pode-se contar com a companhia dos tolos.

Ele era do tipo garanhão. Um macho itreyano de peito depilado com um sorriso bonito o bastante para lhe angariar alguns nomes no caderninho; o chapéu de feltro enfeitado com uma pena de pavão. Seriam várias semanas até o *Namorado* aportar em Ashkah, e alguns consideram sete semanas tempo demais para passar apenas na companhia das mãos. Assim, o itreyano debruçou-se no parapeito ao lado da garota e lhe abriu um sorriso sedoso.

– Você é linda – ele disse.⁶

Ela o olhou pelo tempo necessário para julgá-lo e logo voltou os olhos pretos como carvão para o mar.

– Não tenho assuntos a tratar com o senhor.

– Ora, não seja assim, linda. Só quero ser seu amigo.

– Já tenho amigos o suficiente, obrigada. Por favor, me deixe estar.

– Você me parece bem sozinha, moça.

Ele estendeu uma mão amistosa demais e afastou o cabelo da bochecha dela. Ela se virou e deu um passo adiante com um sorriso que, na verdade, era a sua parte mais bonita. E, enquanto falava, sacou o punhal e o apertou contra a fonte de desgraças da maioria dos homens, seu sorriso crescendo na mesma

medida que os olhos dele.

– Ponha a mão em mim de novo, senhor, e sirvo suas joias de comida para a porra dos dragões.

O pavão guinchava conforme ela apertava mais o coração dos seus problemas – sem dúvida um problema menor do que tinha sido momentos antes. Pálido, ele recuou antes que algum dos seus companheiros testemunhasse sua indiscrição. E, depois de fazer a melhor das suas medidas, escapuliu para convencer-se de que sua mão talvez fosse a melhor companhia, afinal.

A garota voltou-se de novo para mar. A adaga voltou para a cinta.

Tinha lá o seu charme, como eu disse.

S em desejar mais atenção, ela passou a maior parte do tempo a sós, aparecendo apenas para as refeições ou para tomar um ar durante a calmaria da quasinoite. Enfurnar-se na rede da cabine e estudar os tomos antigos que o Velho Mercurio lhe tinha dado já lhe bastava. O alfabeto ashkahi lhe fazia forçar a vista, mas o gato feito de sombras a ajudava com as passagens mais difíceis – aninhado nos cachos do cabelo dela, observava-a por cima do ombro estudar as *Verdades arquêmicas* de Hypaciah e um exemplar poeirento de *Teorias da Fauce*,⁷ de Plienes.

A garota agora debruçava-se sobre as *Teorias*, a testa lisa sulcada por uma ruga.

– ...*tente de novo* – sussurrou o gato.

Ela esfregou as têmporas, fazendo uma careta.

– Está me dando dor de cabeça.

– ...*pobrezinha, quer um beijinho para melhorar...*

– Isso são histórias para crianças. Qualquer pirralho as conhece.

– ...*não foram escritas para o público itreyano...*

A garota voltou às letras retorcidas. Limpou a garganta e leu em voz alta:

– “O céu sobre a República de Itreya é iluminado por três sóis, tidos geralmente pelos olhos de Aa, o Deus da Luz. Não é coincidência que Aa é

muitas vezes referido como o *Onividente* pelos imundos.”

Ela arqueou a sobancelha e olhou para o gato-sombra.

– Eu tomo bastante banho.

– ...*plienes era elitista*...

– Você quer dizer um metido.

– ...*continue*...

Um suspiro.

– O maior dos três sóis é um globo de um vermelho furioso chamado Saan. *O Vedor*. Flanando pelos céus como um salteador sem nada melhor para fazer, Saan pende do alto por quase cem semanas de cada vez. O segundo sol é chamado Saai. *O Conhecedor*. Um sujeito de rosto azul que se levanta e se põe mais rápido do que o irmão...

– ...*esse irmão não está no masculino, os substantivos em ashkahi antigo não têm gênero*... – lembrou o gato.

– ...mais rápido que o irmão ou irmã e aparece talvez por quatorze semanas por vez, passando quase duas vezes esse tempo além do horizonte. O terceiro sol é Shiih. *O Observador*. Um gigante amarelo e baço, Shiih leva quase tanto tempo quanto Saan em seus volteios pelo céu.

– ...*muito bem*...

– Entre as morosas jornadas dos três sóis, os cidadãos de Itreya apenas conhecem a noite propriamente dita, que chamam de *veratreva*, por uma breve temporada a cada dois anos e meio. Durante todos os outros entardeceres, os cidadãos de Itreya suspiram por um momento de trevas para beber com os camaradas, fazer amor com seus amados...

A garota fez uma pausa.

– O que significa *oshk*? Mercurio nunca me ensinou essa palavra.

– ...*não surpreende*...

– Então tem a ver com sexo.

O gato passou para o outro ombro da garota sem tocar numa só mecha de cabelo.

– ...*significa “fazer amor onde não existe amor”*...

– Certo – confirmou a garota. – ... fazer amor com seus amados, *foder* suas

prostitutas, ou qualquer combinação de ambos. Eles são obrigados a suportar a luz constante da chamada quasinoite, iluminada por um ou mais dos olhos de Aa no céu. Quase três anos seguidos, às vezes, sem nenhuma gota de verdadeira escuridão.

A garota fechou o livro com força.

– ...*excelente*...

– Minha cabeça está estourando.

– ...*a escrita ashkahi não foi feita para os de mente fraca*...

– Bem, muito obrigada.

– ...*não foi isso que quis dizer*...

– Sem dúvida. – Ela se levantou, se alongou e esfregou os olhos. – Vamos tomar um ar.

– ...*você sabe que eu não respiro*...

– Eu respiro. Você olha.

– ...*como quiser*...

A dupla esgueirou-se para o convés. Os passos dela eram menos que cochichos, e os do gato, nada. O rugido dos ventos que marcava a mudança para a quasinoite estava à espera lá em cima. A lembrança azul de Saai desvanecia devagar no horizonte, deixando apenas Saan para projetar seu brilho vermelho e pesado.

O convés do *Namorado* estava quase vazio. Um timoneiro enorme, de rosto torto, no timão; dois vigias nas gáveas; e um camaroteiro (apesar de garoto, quase meio metro mais alto do que ela) que cochilava sobre o cabo do esfregão sonhando com os braços da amada. O navio estava quinze viragens dentro do Mar de Espadas, o filete retorcido que era a costa ao sul de Liis. A garota conseguia avistar outro navio à distância, turvado pela luz de Saan. Um pesado encouraçado com os três sóis de Itreya na bandeira, cortando as ondas como uma adaga de ossário na garganta de um carrasco velho.

O fim sangrento que ela concedeu ao enforcador lhe pesava no peito, mais pesado que a lembrança da dureza suave do açúcarado, o suor que ele deixara secando na sua pele. Embora este broto fosse florescer em uma assassina que outros assassinos temeriam com justiça, no momento ela era uma donzela

recém-deflorada, e as lembranças do rosto do carrasco enquanto ela lhe cortava a garganta a deixavam... dividida. Uma coisa é observar a pessoa passar da potencialidade da vida à finalidade da morte. Outra coisa completamente distinta é ser quem deu o *empurrão*. E apesar de todos os ensinamentos de Mercurio, ela permanecia uma garota de dezesseis anos que tinha acabado de cometer o primeiro assassinato.

O primeiro premeditado, pelo menos.

– Oi, linda.

A voz a arrancou dos devaneios, e ela se amaldiçoou pelo amadorismo. O que Mercurio tinha ensinado? *Nunca dê as costas para um cômodo*. E embora o sangue recentemente derramado constituísse uma causa válida de distração, e o convés não fosse sequer um *cômodo*, ela era quase capaz de ouvir a vara de salgueiro que o velho assassino ergueria em resposta.

– *Duas vezes escada acima!* – vociferaria. – *Ida e volta!*

Ela se virou e viu o jovem marujo com o chapéu de pena de pavão e o sorriso de caderninho. Estava acompanhado por outro homem, largo como uma ponte, músculos esticando as mangas da camisa como nozes socadas em sacos malfeitos. Itreyano pela aparência, bronzeado, olhos azuis, o luzir baço das ruas de Godsgrove gravado no olhar.

– Eu tinha a esperança de vê-la de novo – disse o Pavão.

– O navio não é grande o bastante para que eu pudesse esperar outra coisa, senhor.

– Senhor, não é? Da última vez que falamos, você ameaçou remover partes muito preciosas e atirá-las aos peixes.

Mia olhava o rapaz. Ela observava pelo rabo do olho o saco de nozes estufado.

– Sem ameaças, senhor.

– Só bravatas, então? Leviandade que merece um pedido de desculpas, creio.

– E o senhor aceitaria as desculpas?

– Lá embaixo, sem dúvida.

A sombra da garota ondulou, como a água de um lago quando a chuva lhe

cai na superfície. Mas o pavão estava obcecado pela afronta, e o capanga, estufado, pelas adoráveis feridas que poderia conferir a ela em poucos minutos numa cabine sem janelas.

– O senhor tem consciência de que só preciso gritar – ela disse.

– E por quanto tempo você conseguiria gritar – o Pavão sorriu – antes de jogarmos a sua carcaça magricela daqui?

Ela lançou um olhar para o convés do piloto. Para as gáveas. Um tombo no mar seria uma sentença de morte – ainda que o *Namorado* virasse, ela só era capaz de nadar um tantinho melhor que a âncora, e o Mar de Espadas pululava de dragões assim como um açúcarado de porto estava infestado de chatos.

– Não por muito tempo – ela concordou.

– ...*com licença, nobres amigos...*

Os bandidos se surpreenderam com a voz – não tinham ouvido ninguém se aproximar. Ambos se viraram, o Pavão entre bufos e caretas para esconder o medo súbito. E ali, atrás deles no convés, os dois viram o gato feito de sombras lambendo as patas.

Era exíguo como um pergaminho velho. Uma sombra cortada de uma faixa de escuridão, não sólido o suficiente para os impedir de ver o convés por trás. Sua voz era um murmúrio de lençóis de cetim contra a pele fria.

– ...*receio que escolheram a garota errada para dançar...* – ele disse.

Um tremor passou pelo corpo de ambos, um calafrio leve como um suspiro. Um movimento no convés atraiu os olhos do Pavão, e ele percebeu com crescente horror que a sombra da garota estava muito maior do que deveria ser; na verdade, do que *poderia* ser. E pior, *movia-se*.

A boca do Pavão abriu quando ela apresentou sua bota ao saco do seu parceiro, com um chute forte o suficiente para aleijar os futuros filhos dele. Quando o capanga estufado se dobrou para a frente, ela o agarrou pelo braço e o lançou por cima do parapeito até o mar. O Pavão xingou quando ela passou para trás dele, mas se viu impedido de se mover para encará-la – era como se suas botas estivessem coladas na sombra dela no convés. Ela o chutou com força nas costas e ele tombou de cara no parapeito. Seu nariz espalhou-se de uma bochecha a outra como uma geleia de sangue. A garota o virou para si,

faca na garganta, empurrando-o contra o parapeito até deixar-lhe a coluna cruelmente curvada.

– Peço perdão, senhorita – ele balbuciou. – Verdade, eu não queria ofender.

– Qual o seu nome, senhor?

– Maxinius – ele cochichou. – Maxinius, a seu dispor.

– Sabe o que eu sou, Maxinius-a-seu-dispor?

– ... S-som...

A voz dele tremia. O olhar disparou para as sombras movendo-se ao redor dos pés da garota.

– Sombria.

No suspiro seguinte, o Pavão viu sua vidinha empilhar-se diante dos olhos. Todos os erros e acertos. Todos os fracassos e triunfos e o que houve no meio. A garota sentiu uma forma familiar no ombro – uma pontada de tristeza. O gato que não era gato, agora empoleirado na clavícula dela, bem como estivera empoleirado na cabeceira do carrasco enquanto ela o ofertava à Fauce. E embora ele não tivesse olhos, ela sabia bem que ele assistia à vida passar pelas pupilas do Pavão, enlevado como uma criança diante de um teatro de marionetes.

Agora ouçam: ela poderia ter poupado o rapaz. E o seu narrador poderia com a mesma facilidade mentir-lhes sobre esse episódio – num truque charlatanesco para pintar a nossa garota em cores mais simpáticas.⁸ Mas a verdade, nobres amigos, é que ela não o poupou. Ainda assim, talvez vocês se consolem com o fato de ela ter ao menos feito uma pausa. Não para gabar-se. Não para saborear.

Para rezar.

– *Escuta-me, Niah* – ela murmurou. – *Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-a para perto de ti.*

Um leve empurrão mandou-o para aquele abismo chiante. Logo que a pena de pavão afundou na água, a garota começou a gritar contra os rugidos do vento, altos como demônios na Fauce. “Homem ao mar!”, ela berrava, “homem ao mar!”, e logo soavam todos os sinos. Mas até o *Namorado* dar meia-volta

já não havia sinal nem do Pavão nem do capanga estufado por entre as ondas.

E, simples assim, a lista de finados da nossa garota triplicou.

Pedregulhos numa avalanche.

O capitão do *Namorado* era um dweymeri chamado Papalobos, dois metros de altura com cachos escuros embaraçados pelo sal. O bom capitão ficou compreensivelmente irritado pelo desembarque prematuro, e interessado em saber comos e porquês. Mas, quando interrogada na cabine dele, a pequena e pálida garota que soou o alarme apenas murmurou sobre uma briga entre os itreyanos que acabou com uma enxurrada de murros e palavrões e com os dois caindo para o túmulo dos marujos. As chances de dois lobos do mar – mesmo tolos de Itreya – terem se acabado de beber eram parcas. Mas ainda mais parcas eram as chances de aquela menininha ter ofertado ambos a Trelene sozinha.

O capitão dava dois daquela mocinha de branco e cinza, envolta no aroma de cravo queimado. Ele não sabia quem ela era nem por que ia a Ashkah. Mas ao botar o cachimbo de osso de dragão nos lábios e bater as pederneiras para acender o breu, acabou olhando para o convés. Para a sombra recolhida ao redor dos pés daquela garota estranha.

– Melhor ficar na sua até o fim da viagem, moça – ele disse, soltando fumaça pela escuridão entre ambos. – Vou mandar levarem comida para a sua cabine.

A garota o olhou de alto a baixo, os olhos negros como a Fauce. Reparou na própria sombra, escura o bastante para dois. E concordou com a decisão de Papalobos com um sorriso doce como melado.

Os capitães costumam ser sujeitos espertos, afinal.

¹ Ela ainda não sabia como escutar. Vocês raramente sabem.

² Alguma coisa notou. Alguma coisa se importou.

³ As Costelas talvez sejam a atração mais espetacular da capital de Itreya; dezesseis incríveis torres ossificadas reluzindo no coração da Cidade das Pontes e Ossos. Dizem que as Costelas pertenceram ao último titã, derrotado pelo Deus da Luz Aa na guerra pela soberania do Paraíso de Itreya. Aa ordenou aos seus fiéis a construção de um templo no lugar onde o titã caiu na terra, a fim de comemorar a vitória. Assim, as sementes da grande cidade foram plantadas na tumba do último inimigo da Luz.

O estranho, nobre amigo, é que você não encontrará qualquer menção ao nome do titã em nenhuma escritura ou livro santo...

4 Senhora dos Oceanos, Terceira filha da Luz e da Fauce, Aquela que beberá o Mundo.

5 Por exemplo, quão bêbado não deve estar um homem para considerar razoável a perspectiva de amar uma gigante? Além do mais, em tamanho estado de embriaguez, como é possível esperar que um sujeito esteja apto a manejar com segurança o seu próprio equipamento, quanto mais a indispensável escada?

6 Esse é poeta, sem dúvida.

7 Um dos únicos seis que ainda existem. Plíen e todos os exemplares conhecidos do seu trabalho foram para a fogueira em 27PR, durante uma conflagração brevemente conhecida como “a Luz Fulgentíssima”.

Organizada pelo grão-cardeal Crassus Alvaro, a pira destruiu mais de quatro mil obras “incendiárias” e foi considerada um sucesso estrondoso pelo clero itreyano – até o *filho* de Crassus, cardeal Leo Alvaro, ressaltar que não havia luz em toda a criação mais fulgente do que aquela do próprio Deus da Luz e que dizer que qualquer fogueira feita pelo homem o fosse era, na verdade, heresia.

Depois da crucificação do grão-cardeal, o grão-cardeal Alvaro II decretou que a pira deveria ser chamada de “a Luz Fulgente” nos textos subsequentes.

8 “Ela pode ter sido a assassina mais temida em Itreya, matadora de legiões, Dama dos Punhais, destruidora da República, mas *vejam*, ela também tinha *bondade* dentro de si. Misericórdia, mesmo para estupradores e brutos. Ah, toquem aquele violino arrastaaaaado!”

Capítulo 3

DESESPERANÇA

Algo daquele lugar a tinha seguido. O lugar acima da música onde seu pai morrera. Algo faminto. Uma consciência cega, larval, sonhando com ombros coroados com asas translúcidas. E com ela, que as concederia.

A garota se tinha jogado sobre uma cama suntuosa nos aposentos da mãe, com as bochechas úmidas de lágrimas. O irmão deitou ao lado, de cueiros, piscando com os olhos grandes e pretos. O bebê não entendia nada do que acontecia à sua volta. Jovem demais para saber que o pai se fora, e todo o mundo junto dele.

A garotinha sentia inveja.

A residência deles ficava no alto de um oco na segunda Costela, com frisos elaborados esculpidos nas paredes de ossário antigo. Olhando através do vitral, ela avistava a terceira e a quinta Costelas à frente, erguendo-se sobre a Espinha centenas de metros abaixo. Os ventos da quasinoite uivavam ao redor das torres petrificadas, trazendo para dentro o frescor das águas da baía.

A opulência transbordava até o chão; tudo de veludo vermelho prensado e artesanato dos quatro cantos da República de Itreya. Esculturas em maquinaria do Colégio de Ferro. Tapeçarias de milhões de fios tecidas pelos profetizadores cegos de Vaan. Um candelabro de puro cristal dweymeri. Os criados moviam-se numa tempestade de vestidos ligeiros e lágrimas secas, em cujo olho estava dona Corvere, instando-os a ir, ir, pelo amor de Aa, ir.

A garotinha sentou-se ao lado do irmão na cama. Um gato preto apertado contra seu peito ronronava suavemente. Mas ele se eriçou e cuspiu ao ver uma sombra mais intensa despontar ao pé das cortinas. As garras se enterraram nas mãos da menina, e ela o soltou em frente a uma criada, que caiu com um grito. Dona Corvere voltou-se para a filha com nobreza e furor.

– Mia Corvere, tire esse animal maldito do caminho ou vamos deixá-lo

aqui!

E, simples assim, conseguimos o nome dela.

Mia.

– O Capitão Pocinhas não é imundo – disse Mia, quase só para si.²

Um garoto no meio da adolescência entrou no quarto, o rosto vermelho pela corrida escada acima. Tinha o brasão da família Corvere bordado no gibão; um corvo negro voando num céu vermelho, com espadas cruzadas aos pés.

– Mi dona, perdoe-me. O cônsul Scaeva exigiu...

Passos pesados lhe pararam a língua. As portas se abriram de par em par e o quarto encheu-se com homens de armadura branca como a neve e plumas carmesim nos elmos; eram chamados luminatii, vocês devem lembrar-se. Fizeram a pequena Mia recordar o pai. O maior homem que ela já vira os liderava; sua barba aparada emoldurava traços lupinos, e os olhos cintilavam de esperteza animal.

Entre os luminatii estava o belo cônsul com seus olhos pretos e trajes roxos – o homem que tinha dito “Morte” e sorrido quando o chão se abriu sob os pés do pai de Mia. Os criados desapareceram no plano de fundo, tornando a mãe de Mia uma figura solitária em meio a um mar de neve e sangue. Alta e bela e gritantemente só.

Mia desceu da cama, esgueirou-se para o lado da mãe e segurou a mão dela.

– Dona Corvere – começou o cônsul, cobrindo o coração com dedos cravejados de anéis. – Vim oferecer-lhe meus pêsames neste momento de prova. Que o Onividente a mantenha sempre na Luz.

– Sua generosidade me lisonjeia, cônsul Scaeva. Que Aa o abençoe pela gentileza.

– Sinto muito, mi dona. Darius serviu a República com distinção antes de cair em desgraça. Uma execução pública é sempre uma pantomima. Mas o que mais poderia ser feito com um general que marcha contra sua própria capital? Ou com um justicus que teria posto uma coroa na cabeça desse general?

O cônsul correu os olhos pelo quarto, notou os criados, a bagagem, a desordem.

– Vai deixar-nos?

– Levarei o corpo do meu marido para ser enterrado no Ninho do Corvo, na cripta da sua família.

– Pediu permissão para o justicus Remus?

– Parabenido nosso novo justicus pela promoção. – A mãe olhou de relance para o cara de lobo. – O manto do meu marido lhe cai bem. Mas por que precisaria que ele me concedesse salvo-conduto?

– Não falo de permissão para deixar a cidade, mi dona. Falo de permissão para enterrar o seu Darius. Não sei se o justicus Remus quer o cadáver de um traidor apodrecendo no seu porão.

Então a dona captou:

– Você não ousaria...

– Eu? – o cônsul ergueu uma das sobrancelhas desenhadas. – Essa é a vontade do Senado, dona Corvere. O justicus Remus foi recompensado com as propriedades do seu falecido esposo por ter revelado o hediondo conluio dele contra a República. Qualquer cidadão leal veria nisso uma justa paga.

O desejo de matar reluziu nos olhos da dona. Ela encarou as criadas à toa pelo quarto.

– Saiam.

As garotas apressaram-se para fora. Depois de uma olhada nos luminatii, a dona Corvere cravou os olhos no cônsul. Mia teve a impressão de que a firmeza do homem foi abalada, e, finalmente, ele voltou-se para o sujeito lupino.

– Espere do lado de fora, justicus.

Os olhos do luminatii brutamontes dirigiram-se à mãe de Mia. Depois baixaram até a menina. As mãos grandes o bastante para cobrir a cabeça dela inteira se fecharam. A menina o encarou de volta.

Nunca trema. Nunca tema.

– Luminus Invicta, cônsul.

Remus acenou com a cabeça aos seus homens, e em meio ao tump tump

sincronizado das botas pesadas, o quarto ficou vazio exceto por três pessoas.¹⁰

A voz da dona Corvere era uma faca recém-afiada através de uma fruta podre.

– O que você quer, Julius?

– Você sabe perfeitamente bem, Alinne. Quero o que é meu.

– Você tem o que é seu. Sua vitória vazia. Sua preciosa República. Espero que sirvam de consolo nas noites frias.

O cônsul Julius baixou os olhos para Mia, com um sorriso escuro como hematoma.

– Você gostaria de saber qual é o meu consolo nas noites frias, pequena?

– Não olhe para ela. Não fale com...

O tapa fez a cabeça da mãe ir para o lado; os cabelos negros balançaram como fitas esgarçadas. E antes que Mia pudesse piscar, a mãe sacou da manga um punhal cumprido de ossário, com o cabo entalhado como um corvo de olhos vermelhos de âmbar. Num segundo, ela o tinha apertado contra a garganta do cônsul; a marca da mão dele lhe pulsava no rosto enquanto vociferava:

– Encoste em mim de novo e corto a sua merda de garganta, filho da puta. Scaeva nem tremeu.

– A gente tira a garota da sarjeta, mas nunca a sarjeta da garota – ele comentou com um sorriso, então olhou para Mia. – Mas você sabe o preço que os seus entes queridos pagariam se afundasse um pouco mais essa lâmina. Seus aliados políticos a abandonaram. Romero. Juliannus. Gracius. Até o próprio Florenti fugiu de Godsgrave. Você está só, minha bela.

– Não sou sua...

Scaeva mandou a faca longe com um tapa que a vez tilintar sobre o chão até a sombra embaixo da cortina. Deu um passo à frente, os olhos apertados.

– Devia ter inveja do seu querido Darius, Alinne. Fui misericordioso com ele. Você não terá força. Só uma masmorra cavada na Pedra Filosofal, e escuridão para a vida inteira. Quando já estiver cega em meio à treva, a

doce Mãe Tempo reclamará a sua beleza, e a sua vontade, e a sua exígua convicção de que era mais do que merda liisiana embalada em seda itreyana.

Os lábios dos dois estavam tão próximos que quase se tocavam. Os olhos dele vasculhavam os dela.

– Mas pouparei sua família, Alinne. Pouparei se você implorar.

– Ela tem dez anos, Julius. Você não faria...

– Não faria? Desde quando me conhece tão bem?

Mia levantou os olhos para a mãe. Estavam marejados.

– O que foi que você me disse, Alinne? “Neh diis lus’a, lus diis’a”?

– Mãe? – chamou Mia.

– Uma palavra e sua filha ficará segura. Eu prometo.

– Mãe?

– Julius...

– Sim?

– Eu...

Existe uma espécie de aracnídeo em Vaan conhecida como a aranha da nascente.

As fêmeas são negras como a veratreva, e possuem um dos instintos maternos mais impressionantes na república animal. Uma vez grávida, a fêmea constrói uma despensa, a enche de cadáveres, e então se fecha lá dentro. Se tocam fogo ao ninho, a aranha prefere queimar até morrer a abandoná-lo. Se for atacada por um predador, vai morrer defendendo a ninhada. Mas ela é tão contumaz na sua recusa em abandonar os filhotes quando bota os ovos, que não se move, nem para caçar. E é esse o motivo de a aranha da nascente levar o título de mãe mais protetora da República. Pois assim que devora todas as reservas da sua despensa, a fêmea começa a devorar a si mesma.

Uma perna por vez.

Arrancando os membros do tórax. Comendo apenas o bastante para sustentar a vigília. Puxando e mastigando até restar somente uma perna, aferrada ao tesouro sedoso que aumenta sob si. E quando os filhotes

chocam, furando as faixas em que a mãe os envolvera com amor, participam, bem ali, da primeira refeição.

A mãe que os gerou.

Digo-lhe agora, nobre amigo, e juro que é verdade, que a aranha da nascente mais protetora de toda a República não era páreo – nem de longe – para Alinne Corvere.

Ali, naquele quartinho minúsculo, Mia sentiu a mãe cerrar os punhos.

O orgulho lhe endurecia o queixo.

A agonia lhe iluminava os olhos.

– Por favor – a dona enfim sibilou, como se a simples palavra já a queimasse. – Poupe-a, Julius.

Um sorriso vitorioso, tão brilhante quanto os três sóis. O belo cônsul se afastou, sem deixar de olhar para a mãe da menina. Deu uma ordem ao chegar à porta, e as vestes flutuando ao seu redor como fumaça. E, sem uma palavra, os luminatii marcharam de volta ao quarto. O cara de lobo arrancou Mia das saias da mãe. O Capitão Pocinhas miou em protesto. Mia apertou o gato com força, com os olhos queimando de lágrimas.

– Pare! Não toque na minha mãe!

– Dona Corvere, por força da lei e das correntes, a senhora está presa por crimes de conspiração e traição contra a República de Itreya. Acompanhe-nos até a Pedra Filosofal.

Então lançaram os ferros em volta dos punhos da dona, apertando com força o bastante para fazê-la se encolher. O cara de lobo voltou-se para o cônsul e olhou de soslaio para Mia com uma pergunta no rosto.

– E as crianças?

O cônsul olhou para o pequeno Jonnen, ainda sobre a cama, envolto nos cueiros.

– O bebê ainda mama. Pode acompanhar a mãe para a Pedra.

– E a garota?

– Você prometeu, Julius! – Dona Corvere debatia-se nos braços dos luminatii. – Você jurou!

Scaeva agiu como se a mulher nem tivesse falado. Olhou para Mia

soluçando ao pé da cama com o Capitão Pocinhas apertado contra o peito.

– A sua mãe já ensinou você a nadar, pequena?

ONamorado de Trelene cuspiu Mia num cais miserável que avançava da parte baixa de um porto em ruínas conhecido por Última Esperança. As construções se espalhavam à beira-mar como os dentes de um lutador; uma torre de vigia de pedra e algumas fazendas distantes completavam a pintura a óleo. A população consistia em pescadores, fazendeiros, um tipo especialmente imbecil de caçadores de fortuna que ganhava a vida saqueando velhas ruínas ashkahi, e uma variante um pouco mais inteligente que conseguia suas moedas pilhando o cadáver dos colegas.

Ao pôr os pés no molhe, Mia viu três pescadores agachados em volta de um caniço e uma garrafa de vinho verde de gengibre. Os homens a olharam do jeito que os vermes olham carne podre. A garota encarou um de cada vez, esperando para ver se algum deles se ofereceria para dançar.¹¹

Papalobos desceu a prancha de desembarque batendo os pés, com vários marujos logo atrás. O capitão notou os olhares famintos fixos na garota – dezesseis anos, sozinha, armada apenas com uma faca de cozinha. Apoiando a bota sobre um toco do molhe, o enorme dweymeri acendeu o cachimbo e secou o suor das bochechas tatuadas.

– As menores aranhas têm os piores venenos, amigos – alertou os pescadores.

A palavra de Papalobos parecia ter algum peso para os patifes, já que os três se viraram novamente para a água, que batia e borbulhava contra as pilastras do molhe.

Um tanto decepcionada, a garota estendeu a mão ao capitão:

– Agradeço a hospitalidade, senhor.

Papalobos olhou bem para os dedos esticados e soltou uma baforada cinza-claro:

– Há poucos motivos capazes de fazer gente vir para a velha Ashkah, amiga. Menos ainda para uma garota como você vir desbravar uma região tão

cruel. Não quero ofender, mas não vou tocar a sua mão.

– E por quê, senhor?

– Porque sei os nomes de quem a tocou primeiro.

Ele olhou para a sombra dela enquanto mexia no colar de dente de dragão na garganta.

– Se é que essas coisas têm nome – continuou. – Mas sei com certeza que têm lembranças, e não quero que se lembrem das minhas.

A garota abriu um sorriso leve. A mão voltou para o cinto.

– Que Trelene o proteja então, Capitão.

– Que tudo seja azul acima e abaixo de você, garota.

Ela lhe deu as costas e começou a caminhar pelo cais, a luz de apenas um sol nos olhos enquanto procurava o prédio de que Mercurio lhe tinha falado. Com o coração na garganta, ela logo o encontrou: um estabelecimento decrepito à borda da água. Uma placa rangendo sobre a porta o identificava como o Velho Império. Uma placa numa das janelas imundas informava “Ajuda”, mas Mia sabia que na verdade era “Procura-se”.

Um lugarzinho de merda, com certeza. Não era o pior edifício da criação.¹² Mas se a estalagem fosse um homem e você trombasse com ele num bar, não seria recriminado por imaginar que esse homem – depois de ter concordado cheio de entusiasmo com a ideia da esposa de levar outra mulher para a cama dos dois – encontrasse a esposa preparando uma cama para ele no chão do quarto de hóspedes.

A garota avançou até o balcão com passos lentos, mantendo as costas o mais perto possível da parede. Cerca de uma dúzia de pessoas tinha se refugiado do calor da viragem lá dentro: uns sujeitos da região e um punhado de ladrões de túmulos bem armados. Todos no salão pararam para a observar entrar; se alguém estivesse tocando o velho cravo no canto, com certeza teria errado uma nota para dar um efeito dramático à cena – uma pena que aquele troço não dava um pio fazia anos.¹³

O proprietário do Império parecia ser um sujeito inofensivo – quase deslocado naquela cidade à beira do abismo. Seus olhos era um pouco juntos demais, e ele fedia a peixe podre, mas tendo em conta as histórias que tinha

ouvido sobre as Ruínas Sussurrantes de Ashkah, Mia já ficou feliz porque o homem não tinha tentáculos. Ele estava apoiado no outro lado do balcão, vestindo um avental encardido (de sangue?) e limpando um caneco sujo com um pano ainda mais sujo. Mia reparou que um dos seus olhos se movia um pouco antes do outro, como uma criança que puxa o primo lento pela mão.

– Boa viragem, senhor – ela disse, mantendo a voz firme. – Que Aa o abençoe e guarde.

– Veio com Papalobos, é?

– Bem notado, senhor.

– Paga de quatro mendigos por semana, mas cê fica no beliche.¹⁴ Vinte por cento de tudo que cê levar com seus truques na cama vem direto pra mim. E eu provo antes de te contratar. Fechado?

O sorriso de Mia arrastou o do proprietário para trás do balcão e o estrangulou em silêncio.

Ele fez bem pouco barulho antes de morrer.

– Receio que o senhor tenha se confundido – ela disse. – Não estou aqui para pedir emprego no seu – um olhar ao redor – *ótimo* estabelecimento.

Uma fungada.

– Para quê, então?

Ela botou a bolsa de pele de carneiro sobre o balcão. O tesouro ali dentro tilintou com uma melodia em nada parecida com ouro. Se o homem fosse dentista, talvez tivesse reconhecido que a orquestra minúscula dentro do saco era composta inteiramente de dentes humanos.

Custou-lhe um tempo falar. Encontrar as palavras que tinha ensaiado até sonhar com elas.

– Minha oferenda à Fauce.

O homem a olhou com uma expressão indecifrável. Mia tentou conter os tremores na respiração, nas mãos. Foram seis anos para chegar tão longe. Seis anos de telhados e becos e quasinoites sem dormir. De tomos empoeirados e dedos sangrados e nociva melancolia. Mas, enfim, ela atingira o limiar, estava a um mero aceno de distância dos salões ogivais da Igreja...

– Que que a minha fauce vai fazer com isso? – disparou o dono.

Mia manteve uma expressão de pedra apesar das voltas terríveis que sentia nas entranhas. Ela correu os olhos pela estalagem. Os ladrões de tumba debruçavam-se sobre seu mapa. Um punhado de malandros locais jogava “panca” com um maço de cartas mofadas. Uma mulher de roupa e véu cor de deserto desenhava espirais no tampo de uma mesa com o que parecia ser sangue.

– A Fauce – repetiu Mia. – Está é minha oferenda.

– Ela morreu – o taberneiro rebateu com a testa franzida.

– Quê?

– Morreu já tem quatro veratrevas.

– A Fauce – ela repetiu de cara fechada. – Morta. Você está louco?

– É você que está trazendo presentes para a minha finada mãe Fausta, moça. A compreensão lhe deu um tapinha no ombro e fez uma dancinha divertida.

Tá-dá!

– Não estou falando da sua mãe *Fausta*, seu merd...

Mia pegou sua irritação pelo colarinho e deu-lhe um bom chacoalhão. Limpando a garganta, tirou a franja torta do olho.

– Não me refiro à sua mãe, senhor, mas à *Fauce*. Niah. A Deusa da Noite. Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Uma das esposas de Aa, e mãe da Treva faminta dentro de todos nós.

– Ah, você quer dizer a *Fauce*.

– Sim – a palavra saiu como uma pedra jogada bem no meio dos olhos do sujeito. – A *Fauce*.

– Desculpa – o homem disse com candura. – É o sotaque, sabe?

Mia lhe lançou um olhar penetrante.

O dono pigarreou.

– Não tem nenhuma igreja da Fauce por aqui, moça. O culto dela foi proibido, até o clandestino. Não tenho negócio com os Assassinos da Noite e gente do tipo neste estabelecimento em particular. É ruim para o movimento.

– Você é o Daniio Gordo, dono do Velho Imperial?

– Não sou gordo...

Mia bateu no balcão. Vários dos jogadores de panca se viraram para ver.

– Mas o seu nome é Daniio? – ela sibilou.

Pausa. Testa sulcada em pensamento. O olho lento de Daniio parecia estar perambulando distraído por belas flores, ou talvez por um arco-íris.¹⁵

– É – Daniio disse afinal.

– Me disseram, me disseram *especificamente*, para vir até o Velho Imperial na costa de Ashkah e entregar minha oferenda para o Daniio Gordo.

Mia empurrou a bolsa por cima do balcão e acrescentou:

– Então pegue.

– O que tem dentro?

– O troféu de um matador, também morto.

– Hã?

– Os dentes de Augustus Scipio, carrasco-mor do Senado de Itreya.

– Ele vem aqui pegar?

Mia mordeu os lábios e fechou os olhos.

– Não.

– Mas como ele foi perder os...

– Ele não perdeu – disparou Mia, debruçando-se mais para a frente, que se danasse o cheiro. – Eu arranquei do crânio dele depois de ter cortado sua garganta desgraçada.

Daniio Gordo se calou. Uma expressão *quase* pensativa desenhou-se no seu rosto. Ele se inclinou mais, banhado no fedor de peixe podre, o que fez lágrimas involuntárias despontarem nos olhos de Mia.

– Desculpa, moça. Mas o que você quer que eu faça com os dentes de um figurão morto?

A porta abriu com um rangido, e o Papalobos abaixou a cabeça para conseguir cruzar o batente e entrar no Velho Imperial como se fosse um dos sócios.¹⁶ Uma dúzia de marujos veio atrás, lotando o lugar com suas botas puídas e se apoiando contra o balcão rangente. Dando de ombros como que para se desculpar, Daniio Gordo se pôs a servir os marujos dweymeri. Mia o agarrou pela manga da camisa antes que ele fosse para as mesas.

– O senhor tem quartos livres?

– Ah, tenho. Um mendigo por semana, desjejum por fora.

Mia pôs uma moeda de ferro na pata do homem.

– Por favor, me avise quando acabar.

Uma semana sem um sinal, sem uma palavra, sem um sussurro exceto o dos ventos nas ruínas. A tripulação do *Namorado de Trelene* permaneceu a bordo do navio enquanto se reabastecia de suprimentos, fazendo uso frequente das amenidades da cidade. Uma quasinoite típica começava com uma janta no Velho Imperial, uma investida nos braços da dona Amile e suas “dançarinas” num lugar apropriadamente chamado Sete Sabores,¹⁷ antes de voltar ao Imperial para uma sessão de álcool, cantoria, e a eventual briga amigável de faca. Só um dedo foi removido durante a estada inteira. Seu dono encarou a perda com bom humor.

Mia se sentou num canto escuro com os dentes do enforcador amontoados no tampo de madeira diante de si. Os olhos iam para a porta cada vez que ela rangia. Comia de vez em quando uma tigela do *incrivelmente* apimentado (e, ela tinha de admitir, delicioso) chili “viuveiro” do Daniio Gordo. E sua expressão ficava mais sombria à medida que a viragem da partida do *Namorado* se aproximava.

Poderia Mercurio ter-se enganado? Fazia anos desde a última vez que mandara um aprendiz à Igreja Vermelha. Talvez o lugar tivesse sido engolido pelas ruínas? Talvez os luminatii finalmente tivessem conseguido acabar com eles, como o justicus Remus prometera depois do Massacre da Veratreva.

E talvez tudo isso seja um teste. Para ver se você fugiria como uma criancinha assustada...

Mia passou a circular pela cidade na viragem de cada quasinoite, escutando em portas, quase invisível sob seu manto de sombras. Veio a conhecer bem demais os moradores de Última Esperança. O vidente que fazia augúrios para as mulheres da cidade, interpretando sinais de um volume esturricado escrito num ashkahi que Mia não conseguia ler. O menino escravo do Sete Sabores que tramava o assassinato da madame para fugir para as ruínas.

Os legionários luminatii estacionados na torre de guarnição eram os

soldados mais desgraçados que Mia já tinha visto. Duas dúzias de homens na fronteira da civilização, com algumas lâminas de aço-solar entre eles e os horrores das Ruínas Sussurrantes de Ashkah. Diziam que os ventos que sopravam das ruínas do Velho Império enlouqueciam os homens, mas Mia tinha certeza de que o tédio deixaria os legionários loucos bem antes dos ventos sussurrantes. Eles conversavam o tempo todo sobre sua terra, sobre mulheres, sobre os pecados que cometeram e que os levaram a ser estacionados no cu da República.¹⁸ Depois de uma semana, Mia estava enjoada de todos eles. E nem uma palavra sequer sobre a Igreja Vermelha.

Sete viragens depois da sua chegada a Última Esperança, Mia se sentou para observar a tripulação do *Namorado* lacrar seus pertences, suas vozes roucas de bebedeira. Parte dela queria pouco mais do que se infiltrar a bordo enquanto eles partiam pelo azul. Correr de volta para Mercurio. Mas a verdade é que ela tinha ido longe demais para desistir agora. Se a Igreja esperava que ela enfiasse o rabo entre as pernas ao primeiro obstáculo, não sabiam nada sobre ela.

Sentada no telhado do Velho Imperial com um cigarro de cravo nos lábios, ela observou o *Namorado* içar velas da baía. Os ventos sussurrantes rolavam das ruínas atrás de si, informes como sonhos. Ela olhou de esguelha para o gato que não era gato, sentado na longa sombra que os sóis projetavam dela. A voz dele era um beijo de veludo na pele de um bebê.

– ...*você teme...*

– Isso deveria lhe agradar.

– ...*mercurio não a mandaria para cá à toa...*

– Há anos os luminatii tentam derrubar a Igreja. O Massacre da Veratreva mudou o jogo.

– ...*se isso tivesse acontecido, restariam vestígios...*

– Sua sugestão é que devemos ir para as Ruínas Sussurrantes conferir?

– ...*isso, ou esperar aqui, ou voltar para casa...*

– Nenhuma dessas opções é muito tentadora.

– ...*com certeza a proposta do daniio gordo ainda está de pé...*

O sorriso dela saiu estreito e pálido. Mia voltou-se para o mar e observou

a luz do sol cintilando e espalhando-se sobre as ondas chiantes. Tragou fundo o fumo e soltou nuvens de cinza.

– ...*mia*...

– Sim?

– ...*não há motivo para ter medo*...

– Não tenho.

Uma pausa, preenchida por um vento sussurrante.

– ...*não há motivo para mentir também*...

Mia acabou roubando a maior parte dos seus suprimentos. Os odres para água, a ração e uma tenda vieram do Armazém Geral e Funerária de Última Esperança. Os cobertores, o uísque e as velas, do Velho Imperial. Ela já tinha marcado o melhor garanhão do estábulo da guarnição para roubar, apesar de ter tanta intimidade com uma sela quanto uma freira com um bordel.

Ela disse a si mesma que a ladroagem a manteria afiada, e o fato de esgueirar-se de volta para as lojas para depositar uma compensação em cima do balcão lhe pareceu uma boa prática.¹⁹ Sentada à lareira do Imperial, ela desfrutou de uma última tigela do chili viuveiro e esperou que os ventos da quasinoite comesçassem, trazendo um frescor bendito depois de uma viragem de calor vermelho.

Mia levantou os olhos quando a porta da frente se abriu com um rangido, dando entrada a dedos curvados de pó.

O garoto que entrou aparentava ser dweymeri – tatuagens faciais (de péssima qualidade) em tinta de leviatã, cachos impregnados de sal amarrados em tranças. Mas sua pele era esverdeada, não morena, e ele era baixo demais para ser da ilha; mal tinha uma cabeça de vantagem sobre Mia, para dizer a verdade. Trajava couro escuro, portava uma cimitarra numa bainha puída, e cheirava a cavalo e muito tempo de estrada. Quando adentrou o recinto, conferiu cada canto com seus olhos castanhos. Conforme o olhar dele percorria as alcovas, Mia cobriu-se com sombras e desapareceu como uma

marca-d'água na penumbra.

O garoto voltou-se para Daniio Gordo, que esfregava o mesmo copo seboso com o mesmo pano seboso. Olhando-o de alto a baixo, o garoto falou com voz suave como veludo:

– Bênçãos ao senhor.

– Certo – respondeu Daniio Gordo. – O que você tem?

– Isto.

O garoto colocou uma caixinha de madeira sobre o balcão. Mia forçou a vista ao ouvi-la chacoalhar. O garoto olhou ao redor de novo, e então falou num cochicho sufocado:

– Minha oferenda. Para a Fauce.²⁰

9 O gatinho, como vocês devem suspeitar, ganhou o nome por conta do gosto por urinar fora dos lugares determinados. Era um nome tolerado pela mãe, e aprovado com entusiasmo pelo finado e querido pai.

10 O Capitão Pocinhas estava escondido debaixo da cama lambendo as patas. Aquela coisa já mencionada permanecia ainda debaixo das cortinas.

11 A essa altura, ela já tinha aprendido a ouvir a música.

12 Essa dúvida honra pertencia ao Rosa Solitária, uma casa de tolerância nas docas de Godsgrave que era frequentada por lunáticos sífilíticos e presos recém-libertos. A dona era uma vaaniana com tantas doenças, que se referia ao seu próprio baixo ventre com a afetuosa alcunha de “a fazedora de órfãos”.

13 O único homem em Última Esperança que sabia tocar – um ladrão de túmulos da região chamado Paulo Azul – tinha sido encontrado amarrado nos caibros do seu quarto dois verões antes. A suspeita de suicídio ou o protesto de outro morador particularmente contrário à música do cravo foi muito especulada, mas pouco investigada nas semanas seguintes ao seu suicídio/assassinato.

14 As moedas da República de Itreya vinham em três sabores: a menos valiosa era de cobre, a irmã do meio era de ferro, e a mais bonita, de ouro. Moedas de ouro eram tão raras quanto um coletor de impostos Sr. Simpático.

No começo, o dinheiro de Itreya recebia o nome de “soberano”, mas dada a tendência itreyana de assassinar brutalmente seus reis, o termo já tinha saído de moda havia décadas. Os cobres eram agora às vezes chamados de “mendigos”, e os ferros de “sacerdotes”, já que eram essas as pessoas que geralmente as manuseavam com mais entusiasmo. Não havia uma gíria aceita por todos para as moedas de ouro; quem quer que fosse rico o suficiente para possuí-las provavelmente não era do tipo que dava apelidos. Ou que manuseava o próprio dinheiro.

Para não estragarmos a explicação, vamos chamá-las de impostores dourados.

15 Não havia arco-íris no recinto nesse momento.

16 Ele não era, embora o Daniio Gordo devesse uma pesada soma ao capitão, dívida que fez durante uma discussão bêbada sobre a aerodinâmica dos porcos e a distância entre o Velho Imperial e o estábulo do outro lado da via. A dívida, que tomaria a forma de uma sessão extensiva de... prazer oral para a tripulação do *Namorado de Trelene* (que Daniio aparentemente levaria a cabo enquanto plantava bananeira com o traseiro pintado de azul), ainda precisava ser quitada, mas a sua ameaça pairava pesada no ar sempre que o *Namorado* e sua tripulação estavam no porto.

17 Menino, menina, homem, mulher, porco, cavalo e, com aviso prévio e dinheiro suficientes, cadáver.

18 Insubordinação, bebedeiras ou desordem eram os mais comuns, embora um legionário tenha sido postado em Ashkah por ter matado o cozinheiro do seu batalhão depois de este lhe servir fiambre para a virada por não menos que 342 quasinoites seguidas.

– Será que ia te matar – ele rugiu – servir [facada] a merda [facada] de uma salada?

19 Ora, vejam, há bem nela! Chamem os violinos arrastaaaaados.

20 Pois bem, permitam-me uma explicação básica.

Em todas as religiões deve haver um adversário. Um mau para o bom. Um negro para o branco. Para a gente da República, esse papel cabia a Niah, Deusa da Noite, Nossa Senhora do Bendito Assassinato, uma das esposas de Aa, também (como você sem dúvida desconfiava) conhecida como a Fauce.

No começo, o casamento de Niah e Aa era feliz. Faziam amor na aurora e no crepúsculo, e depois se retiravam para seus respectivos domínios, compartilhando em igualdade o governo da noite. Temendo um rival, Aa ordenou que Niah não lhe desse filhos, e a Noite, obedientemente, gerou quatro filhas para a Luz: Tsana, a Senhora do Fogo, Keph, a Senhora da Terra, e por fim as gêmeas Trelene e Nalipse, as Senhoras dos Oceanos e das Tempestades, respectivamente. Contudo, Niah acabou por sentir falta do marido nas longas e frias horas de escuridão e, para aliviar sua solidão, escolheu trazer um filho ao mundo. A Noite chamou esse filho de Anais.

Aa, contudo, sentiu-se ultrajado com a desobediência da esposa. Como castigo, Niah foi banida do céu. Sentindo-se traída pelo marido, Niah jurou vingar-se de Aa, e não fala com ele desde então. O próprio Aa ainda se ressentia de toda a situação.

E o que aconteceu com Anais, talvez você pergunte? O rival que Aa temia, e com razão?

Isso, nobre amigo, seria estragar as coisas.

Capítulo 4

BONDADE

Capitão Pocinhas tinha amado a sua Mia.

Ele a conhecia desde filhote, afinal. Antes de se esquecer do calor dos seus irmãos ao seu lado, ela já o embalava nos braços e o beijava no seu narizinho rosa e ele soube então que ela seria o centro do seu mundo para sempre.

Assim, quando o justicus Remus abaixou-se para agarrar o pulso da menina por ordem do cônsul, o Capitão Pocinhas arreganhou os dentes amarelos, estendeu a pata cheia de garras, e rasgou o rosto do justicus do olho até o lábio. Aos urros, o grandalhão pegou a cabeça do bravo Capitão com uma mão, os ombros com a outra, e com uma facilidade quase ensaiada, torceu.

O som foi como o partir de gravetos molhados, alto demais para ser sufocado pelo grito de Mia. E no fim daqueles terríveis estalos, uma forma negra pendia imóvel da mão do justicus; uma forma cálida, tenra e ronronante que dormira ao lado de Mia toda quasinoite, e que agora não ronronava mais.

Ela perdeu o controle. Uivou, esperneou, arranhou. Teve a vaga consciência de ter sido pega por outro luminatii e jogada por cima do ombro dele. O justicus tapou o rosto ensanguentado e puxou a espada, fogo estendendo-se até a ponta, o aço brilhando com uma luz dolorosa e ofuscante.

– Não aqui, Remus – disse Scaeva. – Suas mãos devem estar limpas.

O justicus berrou com seus homens e a mãe dela gritava e chutava. Mia a chamou, mas um golpe brusco lhe atingiu a nuca, e ela só teve forças para não cair sobre o negro aos seus pés enquanto os gritos da dona Corvere desfaziam-se em nada.

As escadas dos criados, numa espiral para baixo. Uma passagem através

da Espinha – não os maravilhosos salões de ossário polido e lustres de cristal e medulares luxuosos.²¹ Um tunelzinho escuro e claustrofóbico, conduzindo aos terrenos mais adiante. Mia estreitou os olhos para o alto – as Costelas arqueadas contra o céu lavado pelas tempestades, os grandes edifícios e bibliotecas e observatórios – antes de os homens a atirarem num barril vazio, baterem a tampa e o jogarem numa carroça puxada por cavalos.

Ela sentiu o chicote botar a carroça em movimento, o solavanco das rodas sobre o pavimento. Havia homens ao seu lado, mas ela não conseguia distinguir suas palavras, abalada pela lembrança do Capitão Pocinhas, torcido no chão, e da mãe acorrentada. Ela não compreendia nada daquilo. O barril lhe raspava a pele; farpas desfiavam seu vestido. Ela os sentia cruzar uma ponte atrás da outra, e sua neblina de inconsciência a essa altura já tinha se dissipado o bastante para que ela começasse a chorar, soluçando e resfolegando. Um punho bateu forte na lateral do barril.

– Cala a boca, sua merdinha, ou eu vou te dar motivo pra choramingar.

Eles vão me matar, ela pensou.

Um calafrio percorreu o corpo dela. Não por medo de morrer, veja; na verdade, nenhuma criança se considera outra coisa que não imortal. O calafrio foi uma sensação física que brotou da escuridão dentro do barril e se aninhou aos seus pés, uma sensação fria como água gelada. Ela sentiu uma presença – ou melhor, a falta de uma presença. Como a sensação de vazio depois de ganhar um abraço. E ela soube, com certeza absoluta, que havia algo com ela lá dentro do barril.

Algo que a observava.

Esperava.

– Oi? – ela sussurrou.

Uma ondulação no negro. Um terremoto silencioso, do tamanho de uma mancha de tinta. E onde instantes antes não havia nada, algo brilhou sob seus pés, captado pelos fiozinhos de luz do sol que jorravam através das fendas na tampa do barril. Algo comprido e mortalmente afiado como só ossário pode ser, com um cabo trabalhado na forma de um corvo em pleno

voo. Visto pela última vez debaixo da cortina quando o cônsul Scaeva deu um tapa na mão da mãe da menina e falou de súplicas e promessas.

O punhal de ossário da dona Corvere.

Mia estendeu a mão para apanhá-lo. Jurava que por um átimo foi capaz de ver luzes aos seus pés, reluzindo como diamantes num oceano de nada. Sentiu um vazio tão vasto que pensou estar caindo – caindo, caindo numa escuridão faminta. E então seus dedos fecharam-se no cabo da adaga, e ela apertou forte, e veio um frio que quase queimava.

Ela sentiu algo na escuridão ao redor.

O cheiro picante e ferroso do sangue.

Uma torrente de ódio pulsante.

A carroça foi sacudindo estrada afora; o estômago de Mia se revirava. Até que, enfim, pararam. Ela sentiu o barril ser levantado, arremessado, atingir o chão com um estrondo que quase a fez perder a língua com uma mordida. Ouviu vozes de novo, palavras altas o suficiente para serem distinguidas.

– Estou de saco cheio disso, Alberius.

– Ordens são ordens. Luminus Invicta, certo?²²

– Que se dane.

– Você quer mexer com Remus? Com Scaeva? Os salvadores da maldita República?

– Salvadores o escambau. Sabe como eles conseguiram? Como capturaram Corvere e Antonius bem no meio de um acampamento armado?

– Não, não sei. Ajuda aqui.

– Ouvi dizer que foi mágica. Arquemia negra. Scaeva está no...

– Vira homem, sua mocinha. Quem quer saber como eles conseguiram? Corvere era um traidor de merda, e é isso que um traidor merece.

A tampa do barril foi arrancada. Apertando os olhos, Mia olhou para os dois homens com seus mantos escuros sobre a armadura branca. O primeiro tinha braços que pareciam troncos e mãos que pareciam pratos. O segundo tinha belos olhos azuis e o sorriso de um sujeito que estrangulava câezinhos por diversão.

– Pelos dentes da Fauce – suspirou o primeiro. – Ela não pode ter mais de dez anos.

– E nunca vai chegar aos onze – o segundo comentou, dando de ombros. – Aguenta firme, menina. Não vai doer por muito tempo.

O matador de cães agarrou a garganta de Mia, sacando do cinto uma faca longa e afiada. E ali, no reflexo daquele aço escovado, a menininha viu a própria morte. Teria sido fácil, então, fechar os olhos e esperar. Afinal, ela tinha apenas dez anos. Estava sozinha, indefesa e com medo. Mas esta é a verdade, nobres amigos, não importa quantos sóis há no céu de vocês. No fim das contas, existem dois tipos de pessoa neste e noutros mundos: aqueles que fogem e aqueles que lutam. Entre vocês há muitos termos para este último tipo de gente. Sanguinário. Instinto assassino. Mais coragem que cérebro.

E você não devia ficar surpreso, pelo pouco que já sabe, que diante desse capanga e sua lâmina, e carregada com a lembrança da execução do pai

nunca trema

nunca tema

em vez de gemer ou desabar como faria outra menina de dez anos, a jovem Mia agarrou o punhal que fagara na escuridão e o enfiou direto no olho do matador de cães.

O homem berrou e caiu para trás, sangue jorrando por entre os dedos. Mia rolou para fora do barril, para o brilho insuportável do sol depois da escuridão do lado de dentro. Ela sentiu aquele algo vir até ela, recolhido na sua sombra, empurrando-lhe os calcanhares. Viu que a tinham levado para alguma ponte de pedra, com um riacho sufocado pela sujeira, janelas tapadas por toda parte.

O homem das mãos de prato arregalou os olhos diante do amigo caído aos gritos. Puxou a espada de aço-solar, as chamas ondulando pela lâmina. Mas o movimento a seus pés atraiu seus olhos para a pedra, e ao olhar para baixo, ele viu a sombra da menina começar a se mover. Alongando-se e se retorcendo como se estivesse viva, avançou sobre ele como mãos famintas.

– Luz, valei-me – ele murmurou.

A espada estremeceu nas mãos do capanga. Mia recuou alguns passos na ponte, a faca ensanguentada num dos pulsos trêmulos, e o algo ainda forçando seus calcanhares. E quando o matador de cãezinhos se ergueu com o rosto tingido de sangue, a menininha fez o que qualquer um faria na sua situação – dane-se a proporção entre coragem e cérebro.

– ...corra...! – disse uma vizinha.

E ela correu.

O garoto dweymeri submeteu-se ao mesmo diálogo com Daniio Gordo que Mia,²³ embora o tenha padecido com dignidade silenciosa.

O estalajadeiro informou-lhe que uma garota tinha feito as mesmas perguntas e apontou para a mesa dela – ou pelo menos para a mesa em que ela tinha estado sentada. Àquela altura, Mia já tinha se esgueirado escada acima e ouvia tudo fora do campo de visão deles, silenciosa como um sacerdote férreo de Itreya.²⁴

Depois de murmurar um obrigado, o garoto dweymeri perguntou se havia quartos disponíveis e pagou com uma moeda tirada de uma bolsa esfarrapada. Partia para as escadas quando um dos jogadores de carta locais, um sujeito chamado Scrupps, falou:

– Você é do bando do Papalobos?

O garoto respondeu com tom grave e suave:

– Não conheço nenhum Papalobos.

– Ele não é marujo do *Namorado*. – Mia reconheceu a segunda voz; era o irmão de Scrupps, Lem. – Olha o tamanho dele. Mal consegue alcançar as bolas do Papalobos.

Risos.

– Talvez a ideia seja essa.

Mais risos.

O garoto dweymeri esperou para se assegurar de que não haveria mais escárnio e, então, seguiu escada acima. Mia enfiou-se no quarto e, pelo buraco da fechadura, observou o garoto arrastar os passos até o próprio quarto. Seus

pés mal provocaram um sussurro, embora Mia soubesse que as tábuas rangessem mais do que uma família de ratos assassinados. O garoto olhou a porta dela por cima do ombro, fungou e entrou no próprio quarto.

Ela ficou no quarto pensando se o abordava ou se simplesmente partia de Última Esperança ao fim da viragem, como planejado.²⁵ Obviamente, ele estava atrás do mesmo que ela, mas era provável que fosse um psicopata de sangue-frio. Ela não achava provável que muitos noviços em busca da Igreja Vermelha tivessem motivos tão altruístas quanto os dela.

Assim que os sinos da cidade soaram na quasinoite, ela ouviu o garoto descer as escadas com uma leveza de veludo. Mia sentiu sua sombra agitar-se e esticar-se, cravando suas garras imateriais no assoalho de madeira.

– *...se eu não voltar até o amanhecer, diga a minha mãe que eu a amo...*

A garota torceu o nariz enquanto o não-gato passava por baixo da porta. Esperou por horas, lendo à luz de vela em vez de abrir as janelas e deixar entrar o sol. Se ela queria sair naquela viragem, teria que ser às doze badaladas, quando trocavam a guarda na torre de vigia. Seria mais fácil roubar um garanhão nessa hora. A ideia de que ela poderia simplesmente comprar um pangaré velho espichou a mão no fundo da sua sala de aula mental, mas logo foi silenciada pela convicção de que ela não partiria para as ruínas montada em qualquer coisa que não fosse o melhor cavalo que a cidade tinha a oferecer.²⁶

Mia sentiu um calafrio ondulante, uma sensação de perda, e o gato feito de sombras pulou para o seu lado na cama. Piscou com olhos que não tinha, tentou ronronar e fracassou.

– E então?

– *...ele comeu uma refeição frugal, entre uma colherada e outra ficou observando os sujeitos que o insultaram e os seguiu até a casa deles quando saíram...*

– Ele os matou?

– *...mijou no barril de água deles...*

– Não é muito sanguinário, então. E depois?

– *...subiu no telhado do estábulo e desde então está de olho na sua*

janela...

Mia acenou com a cabeça.

– Bem que achei que ele tinha me marcado da primeira vez que entrou.

– ...*é esperto*...

– Vamos ver quão esperto.

Mia juntou suas coisas e meteu os livros encadernados em uma pequena bolsa de lona às suas costas. Sua esperança era sair despercebida, mas agora que o garoto dweymeri a observava, a questão não era mais se ela iria abordá-lo. Era como.

Ela esgueirou-se para fora do quarto, atravessando o assoalho ruidoso sem fazer o menor barulho. Deslizando até o quarto vazio diante do seu, sacou duas gazuas de uma carteira fina, pôs-se a trabalhar e ouviu um leve estalo minutos depois. Passando a janela e saltando sobre o telhado, ela sentiu a luz dos sóis queimar o céu ventoso. A adrenalina latejava nos dedos. Era bom estar em ação de novo. Ser testada de novo.

Disparou pela viela entre o Imperial e a padaria vizinha, as botas menos que um suspiro no pavimento. O não-gato ia na frente, aos saltos, observando-a com seus não-olhos.

Do mesmo jeito que havia feito do lado de fora da janela de Augustus, Mia estendeu a mão para pegar as sombras ao seu redor. Fio por fio, puxou a escuridão para si com dedos hábeis, como uma costureira tecendo um manto – um manto em que olhos incautos podiam perder-se.

Um manto de sombras.

Chamem do que quiser, nobres amigos. Taumaturgia. Arquemia. Obraria. Mágica. Como todo poder, traz consigo um porém. Quando Mia puxava as sombras para si, a luz nos seus olhos enfraquecia. Como sempre, ficava difícil enxergar além do véu de escuridão, assim como era difícil que *a* enxergassem dentro *dele*. O mundo ao redor tornava-se turvo, baço, amortalhado, e ela tinha que andar devagar se não quisesse escorregar ou tropeçar. Mas, envolta nas sombras, ela avançava incógnita, avançava sob o olhar da quasinoite, como uma marca-d'água na tela do mundo.

Para cima, pela lateral do estábulo, escalou a calha às apalpadelas.

Rastejando no telhado, ela forçou a vista para além das suas trevas, descobriu o dweymeri à sombra da chaminé, ainda observando a janela do quarto dela. Mia seguiu na ponta dos pés pelas telhas, imaginando ainda estar no galpão do Velho Mercurio; folhas mortas espalhadas pelo chão, uma sede de três viragens lhe queimando a garganta, quatro cachorros selvagens dormindo ao redor de um filtro com água cristalina.

A palavra de ordem do velho era “motivação”, sem dúvida.

Mais perto agora. Sem saber se falava ou fazia, se começava ou terminava. A uma distância de talvez vinte passos, ela viu o garoto contrair o corpo, virar a cabeça. E no momento seguinte ela estava rolando no chão sob o punhado de facas que ele atirou, três em rápida sequência, reluzindo sob a luz do maldito sol. Se fosse veratreva, ela o teria pego. Se fosse veratreva...

Não olhe.

Ela se levantou com um salto, punhal na mão, a sombra contorcendo-se sobre as telhas na direção dele. O garoto dweymeri tinha puxado a cimitarra, enquanto a outra mão segurava mais duas facas prontas para serem jogadas. Nós de cabelo emaranhado pendiam sobre os seus olhos. As tatuagens no rosto dele eram as mais feias que Mia já vira na vida, como se tivessem sido rabiscadas por um cego durante uma convulsão. Contudo, o rosto por trás delas...

O par permaneceu imóvel, observando-se, como duas estátuas, e os instantes passavam como horas enquanto a ventania uivava ao seu redor.

– Você tem ouvidos muito bons – disse Mia, afinal.

– Seus pés são melhores, Moça Branca. Não ouvi nada.

– E como percebeu, então?

O garoto abriu um sorriso de covinhas.

– Você fede a fumaça de cigarro. De cravo, acho.

– Impossível. Estou contra o vento.

O garoto olhou de relance para as sombras movendo-se como cobras ao redor de seus pés.

– Está uma chuva impossível por aqui.

Ela o encarou. Duro e afiado e magro e ágil. Um florete num mundo de

montantes. Mercurio era o melhor leitor de pessoas que ela já conhecera, e a ensinara a captar os outros num só olhar. Quem quer que fosse o garoto, quaisquer que fossem seus motivos para procurar a Igreja, ele não era psicopata. Não era alguém que matava por matar.

Interessante.

– Você está atrás da Igreja Vermelha – ela disse.

– O gordo não quis aceitar minha oferenda.

– Nem a minha. Acho que estamos sendo testados.

– Pensei a mesma coisa.

– É possível que ela não esteja mais aqui. Eu estava indo procurar nas ruínas.

– Se você busca a morte, há maneiras mais fáceis de encontrar. – O garoto apontou para além das muralhas de Última Esperança. – Por onde você começaria?

– Pensava em seguir o meu faro – sorriu Mia. – Mas algo me diz que é melhor seguir o seu.

Ele a olhou com vagar e dureza. Os olhos castanhos percorreram o corpo dela, frios e atentos. Ele tinha a espada nas mãos, sombras nos pés. As ruínas sussurrantes atrás de si.

– Meu nome é Tric – ele disse, embainhando a cimitarra nas costas.

– Tric? Tem certeza?

– Certeza do meu próprio nome? Ah, sim, claro.

– Não quero desrespeitar, moço – disse Mia. – Mas se vamos viajar pelas ruínas juntos, temos que ser honestos e dar nossos nomes verdadeiros. E o seu nome não pode ser Tric.

– Está me chamando de mentiroso, garota?

– Não te chamei de nada. E agradeço se não me chamar de “garota” de novo, como se a palavra fosse derivada das coisas que você acha na sola da sua bota.

– Você tem um jeito estranho de fazer amigos, Moça Branca.

Mia soltou um suspiro. Pegou o mau gênio pela orelha e o pôs de pé.

– Li que os dweymeris se aferram a ritos fixos para dar nomes. Seus nomes

seguem um padrão. Verbo seguido de substantivo. Os dweymeris têm nomes como “Quebracostas”, “Papalobos”, “Malhaporcos”.

– Malhaporcos?

Mia piscou, surpresa.

– Malhaporcos foi um dos mais infames piratas dweymeri de todos os tempos. Você já ouviu falar dele, certo?

– Nunca fui bom de história. Qual é o motivo da infâmia dele?

– Malhar porcos.²⁷ Aterrorizou os fazendeiros de Temporal a Pontassol por quase dez anos. No fim, havia uma recompensa de trezentos ferros pela cabeça dele. Nenhum suíno estava a salvo.

– O que aconteceu com ele?

– Os luminatii. As espadas deles fizeram com o rosto do pirata o que ele fazia com os porcos.

– Ah.

– Assim, o seu nome não pode ser Tric.

O garoto a olhou de alto a baixo com o rosto nublado. Mas, quando falou, sua voz saiu carregada de ferro. De indignação. De uma ira bem nutrida a vida toda.

– Meu nome – ele disse – é Tric.

Ela o olhou bem com seus olhos escuros. Um quebra-cabeça, era isso que ele era. E a verdade é que a nossa garota sempre teve um fraco por quebra-cabeças.

– Mia – ela disse afinal.

O garoto caminhou com vagar e firmeza pelas telhas, sem dar atenção à escuridão sob si. Estendeu a mão. Dedos calosos, um anel de prata – os contornos compridos e serpenteantes de três dragões-marinhos entrelaçados – no indicador. Mia olhou bem para ele, para as cicatrizes e tatuagens feias no rosto, a pele oliva, o corpo magro de ombros largos. Ela lambeu os lábios e sentiu gosto de suor.

As sombras ondularam sob seus pés.

– Prazer em conhecê-la, dona Mia – ele disse.

– Digo o mesmo, don Tric.

E, com um sorriso, ela apertou a mão dele.

21 Quando reside em Godsgrave, a nobreza da República habita os ocos escavados nas já mencionadas Costelas, e realizam seus negócios nas entranhas da Espinha – daí o termo “medulares”. O status se dá pela proximidade da primeira Costela, onde se situa o Senado de Itreya e moram os cônsules eleitos para liderar. Ao norte da primeira Costela está o Fórum, construído no lugar onde poderia estar o Crânio.

Digo “poderia”, nobre amigo, porque o Crânio propriamente dito está desaparecido.

22 O lema da Legião Luminatii, nobre amigo. “A Luz triunfará.”

23 Ah, você quer dizer a Faaaaaaaaauce.

24 Os sacerdotes do Colégio Itreyano de Ferro são admitidos à sua ordem depois de sua segunda veratreva, e passam por um teste de aptidão na Ars Machina. Os garotos não aprendem a ler nem a escrever. Na véspera da quinta veratreva, aqueles julgados dignos para o serviço são levados para um cômodo intensamente iluminado no coração do Collegium. Ali, em meio ao aroma do alcatrão queimando e à beleza do coro do colégio, professam seus votos para, em seguida, serem libertados das próprias línguas por tesouras de ferro em brasa. Os segredos da construção e manutenção dos andantes de guerra estão entre os mais bem guardados da República – são ensinados *fazendo*, não falando – e o clero leva os votos de silêncio bem a sério.

Pode ser reconfortante aos bons de coração entre vocês saber que os sacerdotes não fazem votos de castidade. São livres para tomar parte de todos os prazeres da carne, embora a falta de língua possa revelar-se um empecilho à sua busca por uma esposa.

Embora, *isso sim*, faça deles excelentes companheiros de mesa.

25 Apesar da infeliz falta de escuridão, a maior parte dos cidadãos da República ainda necessita dormir e, independentemente da estação, a passagem das horas despertas para as horas de sono é marcada por uma viragem no clima de Itreya. Quando a quasinoite se aproxima, o vento sopra dos oceanos do oeste e atravessa uivante a República, trazendo consigo uma grata queda de temperatura. Como é mais fácil dormir em clima mais fresco, essa mudança é tomada pela maioria como um sinal para cair na cama, na palha ou no pavimento, dependendo do estado de ebriedade de cada um. Os ventos desaparecem devagar, voltando a soprar com força talvez umas vinte e quatro horas depois. Dizem que são um presente de Nalipse, a Senhora das Tempestades, que se apieda da terra e do povo queimados pela luz quase constante do seu Pai.

A “viragem”, portanto, é o termo que os itreyanos usam para marcar o ciclo de sono e despertar. Uma semana tem sete viragens, trezentas e cinquenta num ano sazonal. Trata-se de uma bizarrice linguística, claro, mas necessária numa terra em que os dias de verdade duram dois anos e meio, e festas de aniversário são um luxo que somente os mais ricos podem pagar.

26 De vez em quando, e quase sempre para seu malgrado, um resquício de orgulho medular de Mia escapava por sua fachada de “foda-se” cuidadosamente cultivada. É possível tirar uma garota da sarjeta, mas não a sarjeta da garota. Infelizmente, o mesmo vale para o luxo.

27 Ah, parem de rir e cresçam.

Capítulo 5

ELOGIOS

A garotinha disparou pelas ruas estreitas, por cima de pontes, por baixo de escadas, com sangue secando nas mãos. O algo a tinha seguido, empoçado no escuro sob seus pés, que batiam forte no calçamento rachado. Ela não fazia ideia do que era ou o que queria – só sabia que a tinha ajudado, e sem essa ajuda, estaria tão morta quanto o pai.

olhos abertos

pernas chutando

guh-guh-guh

Mia forçou as lágrimas a parar, cerrou os punhos, e correu. Dava para ouvir o matador de cãesinhos e seu amigo atrás dela, berrando, xingando. Mas ela era ligeira e ágil; e estava desesperada de medo, de um medo que lhe dava asas. Correu por vielas tortuosas, por cima de riachos espremidos, até finalmente escorregar por baixo do muro de um beco, já sentindo pontadas na lateral.

Segura. Por ora.

Com o corpo mole sustentado nos joelhos dobrados, ela tentava segurar as lágrimas como a mãe lhe tinha ensinado. Mas elas eram tão maiores do que ela; empurravam de volta até ela não conseguir mais contê-las. Soluços e tremores, o rosto catarrento enfiado entre mãos vermelhas, bem vermelhas.

Seu pai tinha sido enforcado por traição sob o olhar do próprio grão-cardeal. Sua mãe tinha sido acorrentada. As propriedades do clã Corvere foram dadas ao malvado justicus Remus, que tinha quebrado o pescoço do Capitão Pocinhas. E Julius Scaeva, cônsul do Senado de Itreya, tinha ordenado que a afogassem num canal como uma gatinha indesejada.

Seu mundo inteiro desfeito numa única viragem.

– Filhas, salvem-me... – ela murmurou.

Mia viu a sombra sob si mover-se. Ondas, como se fosse água, e ela

mesma uma pedra atirada no meio. Era estranho, mas ela não sentia medo; o medo vazava como que por furinhos na sola dos pés. Não tinha a sensação de ameaça, nem temores infantis de seres desconhecidos debaixo da cama que a faziam tremer. Mas ela sentiu aquela presença de novo – ou melhor, aquela falta absoluta de presença – recolhida em sua sombra sobre as pedras do chão.

– Oi de novo – ela sussurrou.

Sentiu a coisa que não era nada. Na cabeça. No peito. Sabia que a coisa lhe sorria – um sorriso amistoso que talvez se refletisse até nos olhos, se eles existissem. Ela enfiou a mão pela manga da roupa, encontrou o punhal ensanguentado que a coisa lhe tinha dado.

O presente que salvou sua vida.

– O que é você? – ela sussurrou para a escuridão aos seus pés.

Nenhuma resposta.

– Você tem nome?

A coisa estremeceu.

Esperando.

Espera

ndo

– Você é simpático – ela declarou. – Seu nome também precisa ser.

Outro sorriso. Preto e ávido.

Mia também sorriu.

E decidiu.

– Senhor Simpático – ela disse.

De acordo com a placa em cima da baia, o nome do garanhão era Bravura, mas Mia viria a conhecê-lo simplesmente por Bastardo.

Dizer que Mia não gostava de cavalos é o mesmo que dizer que eunucos não gostam de facas. Criada em Godsgrave, ela nunca tivera muita necessidade desses animais, e, com efeito, são um meio de transporte bem desagradável apesar do que os seus poetas dizem. Cheiram como um gancho

de direita bem servido num nariz já quebrado; o prejuízo para os arredondados dos cavaleiros costuma ser medido mais em bolhas do que em hematomas; e uma viagem sobre cascos não é muito mais rápida do que uma viagem a pé. E *todos* esses problemas multiplicam-se quando o cavalo tem certa noção da própria importância, o que, infelizmente, o pobre Bravura tinha.

O cavalo pertencia ao centurião da guarnição, um medular que era membro da Legião Luminatii e se chamava Vincenzo Garibaldi. Era um garanhão puro-sangue, preto como os pulmões de um limpador de chaminés.²⁸ Tratado (e alimentado) melhor do que a maior parte dos homens de Garibaldi, Bravura tolerava somente a mão do mestre. Assim, confrontado por uma estranha na sua baia quando o relógio soou, relinchou irritado e passou a esvaziar a bexiga na maior área de chão possível.

Como Mia vivera anos perto do rio Rosa, o fedor do mijo não a chocou, e ela logo enfiou um biscoito na boca do cavalo para o calar. Apesar de odiar esses animais, ela suportara uma temporada de três semanas num haras do continente a “pedido” do Velho Mercurio, e ganhara conhecimento suficiente para não colocar os arreios no traseiro do cavalo.²⁹ Contudo, quando Mia ergueu a sela, Bravura começou a pular pelo curral, e foi somente graças a um salto apressado para o lado da porta que a garota evitou perder consideráveis medidas na silhueta.

– Pelos melões de Trelene, faça o cavalo ficar quieto! – Tric estrilou da porta do estábulo.

– Sério que você acabou de jurar pelos “melões” de uma deusa?

– Esquece isso e cale a boca dele!

– Eu te disse que os cavalos não gostam de mim! E blasfemar sobre os biquinhos da Senhora dos Oceanos não vai ajudar em nada. Na verdade, você vai acabar se afogando por isso, seu tarado.

– Com certeza terei os longos anos trancafiado no barraco fedorento que serve de cadeia nesta privada de cidade para me arrepender dos meus pecados.

– Não baixe as calças ainda – cochichou Mia. – O barraco vai ficar

ocupado por um tempo.

Tric se perguntou do que a garota estaria falando. Mas enquanto ela voltava a se enfiar na baia de Bravura para tentar montar de novo, ele ouviu gemidos na torre da guarnição, súplicas ao Onividente, e uma explosão de palavrões de tantos matizes que dava para jogá-la para o alto e compor um arco-íris. O vento começou a soprar um fedor tão intenso que fazia seus olhos marejar. Então, enquanto Mia murmurava xingamentos contra a cabeça de Bravura, o garoto decidiu conferir qual era o motivo da algazarra.

Senhor Simpático estava no telhado do estábulo, fazendo o máximo para imitar a curiosidade encontrada em gatos de verdade. Observou o garoto mover-se rumo à torre e escalar a muralha. Pela janela coberta de areia, Tric espiou a sala de onde vinha o barulho; seu rosto ficou verde por trás das tatuagens desastradas. Sem emitir um som, ele caiu ao chão e esgueirou-se de volta ao estábulo a tempo de ver Mia forçar a sela no lombo de Bravura com o auxílio de vários cubos de açúcar roubados.

O garoto ajudou Mia a puxar o garanhão bufante porta afora. Ela era baixa, e o puro-sangue tinha uns vinte palmos de altura, de modo que ela teve de tomar distância para conseguir pular para a sela. Enquanto lutava para subir, ela notou o tom verde no rosto de Tric.

– Algo errado? – ela perguntou.

– Mas que abismo está acontecendo naquela torre? – perguntou Tric, baixo.

– Um contratempo – replicou Mia.

– Quê?

– Três botões ressecados de baga-de-logan da Liisia, um terço de xícara de essência de melaço, e uma pitada de raiz seca de corticeira.

Ela deu de ombros e emendou:

– Um contratempo. Você deve conhecer. É a “perdição do encanador”.

Tric piscou surpreso:

– Você envenenou a guarnição inteira?

– Bom, tecnicamente, o Daniio Gordo os envenenou. Ele serviu a virada. Só acrescentei o tempero – sorriu Mia. – Não é letal. Só vão passar por um pouco de... desarranjo intestinal.

– Um pouco?

O garoto lançou um olhar assustado de volta à torre, aos horrores sujos e gritantes lá dentro.

– Não se ofenda se só eu cozinhar nas ruínas, hein?

– À vontade.

Mia fixou o olhar nas ruínas além de Última Esperança, despediu-se da torre de vigia com o chapéu, e picou os flancos de Bravura. Infelizmente, em vez de um galope disparado rumo ao horizonte, a garota acabou jogada pelos ares, e seu breve voo terminou num monte de lixo na rua. Ela rolou na sujeira, esfregando o traseiro, com um olhar furioso para o cavalo, que agora relinchava.

– Bastardo... – ela sibilou.

Ela olhou para Sr. Simpático, sentado na rua ao lado dela.

– Nem. Me. Venha. Falar. Merda.

– ...*miau*... – ele disse.

Com um estrondo seco, a porta da torre de vigia se abriu. Um imundo centurião Vincenzo Garibaldi cambaleou para fora, com uma mão segurando as calças sem cinto.

– Ladrões! – gemeu.

Com um gesto fraco, o centurião luminatii puxou a espada. O aço luzia mais do que os sóis do céu. Com uma palavra, línguas de fogo percorreram o fio da lâmina, e o homem saltou para a frente com o rosto torcido por uma ira justa.

– Parem em nome da Luz!

– Pelos bolinhos de Trelene, vamos!

Tric pulou na sela de Bravura, puxando Mia para cima do assento como se ela fosse um saco de batatas. Então, batendo forte a bota no garanhão, a dupla fugiu a galope rumo ao fim certo.³⁰

A dupla fez uma pausa apenas para pegar o garanhão de Tric – um cavalo castanho com o inexplicável nome de Flores – antes de fugir para as ruínas. A “perdição do encanador”, contudo, cumprira sua missão, de modo

que a perseguição por parte da guarnição de Última Esperança durou um breve e caótico período. Mia e Tric logo se viram diminuindo a velocidade para um trote ligeiro sem perseguidores à vista.

As Ruínas Sussurrantes, como eram chamadas, consistiam na desolação mais ameaçadora que Mia já vira. O horizonte era rachado como os lábios de um mendigo, fustigado por ventos carregados de vozes no limite do audível. Em Itreya, a visão do segundo sol começando a beijar o horizonte era tida por sinal de que os invernos brutais se aproximavam; ali, porém, o calor ainda era abrasador. Sr. Simpático, encolhido na sombra de Mia, sofria tanto quanto ela. Botando um tricórnio (roubado e depois pago) sobre a cabeça, Mia contemplou o horizonte.

– Acho que os membros da Igreja ficam num lugar alto – arriscou Tric. – Sugiro que comecemos por aquelas montanhas ao norte e depois sigamos para leste. Aí provavelmente já teremos sido sugados até a morte por espectros ou comidos por krakens-de-areia, e nossos ossos não vão ligar para onde serão cagados depois.

Mia xingou quando Bastardo refugou de leve. As coxas doíam por causa da sela, e o traseiro estava prestes a pedir arrego. Ela apontou para uma pedra quebrada a uns quinze quilômetros de distância.

– Lá.

– Com todo o respeito, Moça Branca, mas duvido que o maior enclave de assassinos que o mundo conhece estabelecerá seu quartel num lugar de onde dá para sentir o cheiro dos chiqueiros de Última Esperança.

– Concordo. Mas acho que é lá que devemos acampar. Parece que tem um riacho. E vamos ter uma boa visão de cima de Última Esperança, e aposto que também de todas as ruínas ao redor.

– Pensei que fôssemos seguir meu faro.

– Só sugeri isso por causa de quem está nos ouvindo.

– Ouvindo?

– Concordamos que isto é uma prova, certo? Que a Igreja Vermelha está nos testando?

– Concordamos – respondeu o garoto, acenando devagar com a cabeça. –

Mas isso não devia ser surpresa. O seu shahiid não testou você em preparação para as provas a que vão nos submeter aqui?

Mia sacudiu as rédeas; era a quinta vez em cinco minutos que Bastardo tentava dar meia-volta.

– O Velho Mercurio adorava seus testes – ela disse com um aceno. – Não havia um instante que não pudesse ser uma prova disfarçada.³¹ A questão é que ele nunca me passou um teste que eu não conseguisse superar. E a Igreja não seria diferente. Assim, qual é a única pista que nos deram? Qual é a única peça do quebra-cabeça que temos em comum?

– Última Esperança.

– Exato. Acho que a Igreja não pode ser autossustentável. Mesmo que plantem a própria comida, vão precisar de outros suprimentos. Dei uma xeretada no porão do *Namorado* e vi bens inúteis para gente nascida em Última Esperança. Acho que a Igreja tem um discípulo no navio. Talvez de olho em noviços, mas sobretudo para garantir que os bens cheguem à fortaleza da Igreja. Então tudo o que precisamos fazer é ficar de olhos abertos para uma caravana carregada indo em direção às ruínas. E segui-la.

Tric olhou a garota de alto a baixo e esboçou um sorriso:

– Muito sábio, Moça Branca.

– Não tema, don Tric. Não vou deixar que ela...

O garoto levantou a mão e puxou as rédeas de Flores numa parada repentina. Olhou bem para a terra arrasada ao redor, nariz enrugado, cheirando o ar do deserto sussurrante.

– Que foi? – perguntou Mia com a mão já pairando sobre a adaga de ossário.

Tric balançou a cabeça. Respirava fundo, de olhos fechados.

– Nunca senti esse cheiro antes. Lembra couro velho e...

Bastardo refugou e deu um passo para trás. Mia segurou-se na sela, soltando um palavrão quando a areia vermelha explodiu ao redor deles e uma dúzia de tentáculos espocou do chão. Dois metros cada um, pontilhados de ganchos serrados e tenazes; pareciam secos como as entranhas da agulha de um tinteiro.

Bastardo relinchou aterrorizado quando um dos membros coriáceos serpenteou em volta da sua pata dianteira, enquanto outro circulava sua garganta como um nó de força. O garanhão lutou, bufando e coiceando como uma coisa selvagem. Mia mais uma vez se viu voando pelos ares depois de quicar na cabeça de Bastardo e tombar na direção do dono dos tentáculos, que agora já se arrastava para fora da terra e abria um bico horrendo. O ar assoviava com um sssssssssss gutural e trêmulo.

– Kraken-de-areia! – berrou Tric, um pouco desnecessariamente.³²

Mia sacou a adaga de ossário e rasgou um tentáculo que se agitava em sua direção. Sangue oleoso jorrou; um rugido enregelante fez tremer a terra. Mia passou entre dois outros membros medonhos, abaixou sob um terceiro e rolou pelo chão sem fôlego. Senhor Simpático, despegado da sombra da garota, espiando o horror, soltou um suave não-suspiro:

– ...*lindo*...

Tric puxou a cimitarra, saltou do lombo do garanhão, e golpeou o tentáculo agarrado à perna de Bastardo. Com o estalo seco de uma corda salgada de mar, o membro se partiu em dois, e a fera soltou mais um rugido; seus olhos estavam grandes como pratos, e as guelras poeirentas debatiam-se. O membro amputado girou sobre a terra, borrifando Tric com um icor intenso. Bastardo relinchou aterrorizado de novo, e sangue esguichava do seu pescoço, apertado pelo tentáculo.

– Solta! – gritou Mia enquanto esfaqueava o kraken.

– Sai daí! – Tric urrou para ela.

– Sair? Você está louco?

– Você que está! – rebateu Tric, apontando para a adaga da garota. – Quer matar um kraken-de-areia com essa merda de palito? Deixa o bicho comer o garanhão!

– Pelo abismo que não! Acabei de roubar a porra do cavalo!

Esquivando-se, Mia rasgou outro daqueles ganchos, arrancando uma gorda gota de sangue. Um golpe de outro tentáculo deixou Tric estatelado no chão, xingando. Mia fechou as mãos e juntou um punhado apressado de sombras ao redor de si para evitar um golpe parecido. Aqueles ganchos pareciam capazes

de fazer estrago até num Andante de Guerra.³³

Apesar de incomodado por aqueles pedacinhos de carne com palitos afiados, o kraken parecia determinado a arrastar a sua refeição puro-sangue – que sem dúvida lamentava seu roubo agora mais do que nunca – para debaixo das areias. Mas quando Mia puxou a escuridão para si, o monstro soltou um rugido estremecido e ergueu-se estrondosamente da areia, agitando-se todo. Quase como se tivesse raiva da garota.

Tric cuspiu um bocado de areia vermelha e deu um grito de alerta enquanto golpeava outro membro. O manto de sombra parecia não ajudar Mia em nada – ela ficava quase cega sob ele, e a fera parecia capaz de vê-la sob ele sem problemas. Assim, ela o deixou cair dos ombros e se jogou na direção do cavalo choroso rolando na terra. Passou pela floresta de golpes e ganchos, sentindo a brisa dos quase acertos no rosto e na garganta, o zunido agudo dos tentáculos no ar. Ela não sentia medo de verdade em meio àquela tempestade. Apenas gingava e desviava, deslizava e rolava. A dança que Mercurio lhe ensinara. A dança com que vivera quase todos os dias desde que o pai afundara no cadafalso com uma corda curta no pescoço.

Um mergulho no chão, um salto de costas, pulando entre tentáculos como uma criança pulando uma dúzia de cordas. Ela viu o bico aberto do animal, abrindo e fechando e rosnando mais alto que os gritos de Bastardo, o roçar da carapaça que se arrastava cada vez mais para fora da areia. O cheiro úmido da morte e salgado do couro, a poeira arranhando seus pulmões. Um sorriso brincou em seus lábios diante da ideia que lhe ocorreu, e com uma breve disparada e um salto sobre um e dois e *três* tentáculos golpeantes, Mia montou no lombo de Bastardo.

– Pelos dentes da Fauce, ela *é* louca... – sussurrou Tric.

O cavalo refugou de novo, Mia agarrada nele com coxas e unhas e pura determinação. De dentro do alforje, ela tirou um jarro pesado com um pó vermelho e brilhante. E, com um suspiro, lançou-o para trás e o atirou na boca do kraken.

O jarro despedaçou-se no bico da criatura, vidro quebrado e fino pó vermelho espalhando-se para o fundo na goela do monstro. Mia rolou das

costas do cavalo para evitar mais um golpe, rastejando na terra enquanto um chiado agonizante varava o ar. O kraken soltou o garanhão e começou a bater, arranhar, esfregar a boca. Tric desferiu mais uma frágil espadada, mas o animal tinha se esquecido por completo da briga. Os olhos grandes rolavam e rolavam, e o corpo enorme afundava-se de novo na areia. Uivava feito um cão que volta de uma viragem difícil no trabalho e dá com outro cachorro na sua casinha, fumando cigarros na cama com a sua esposa.

Mia levantou-se com esforço em meio aos jorros de areia deixados pela retirada do kraken. Tirando as mexas empapadas de suor dos olhos, ela sorria como uma desvairada. Tric se levantou boquiaberto, a cimitarra ensanguentada pendendo da mão, o rosto recoberto de terra.

– O que foi isso? – ele balbuciou.

– Bom, tecnicamente, krakens não são cefalópodes...

– Quero saber o que você jogou na boca dele!

Mia deu de ombros:

– Um jarro do fazedor de viúvas do Daniio Gordo.

Tric piscou. Várias vezes.

– Você acabou de derrotar o horror das Ruínas Sussurrantes com um jarro de chili em pó?

Mia confirmou:

– Uma pena, não é? O negócio era bom, e eu só roubei um.

Um instante de silêncio incrédulo ecoou pelas ruínas, carregado da canção desafinada dos ventos enlouquecedores. Então o garoto começou a rir; um sorriso de covinhas, de dentes branquíssimos, brilhava no seu rosto imundo. Depois de esfregar os olhos, ele limpou um fio de sangue escuro das espada e foi buscar Flores. Mia voltou-se para seu garanhão roubado, que se erguia exausto na areia, sangrando na garganta e nas dianteiras. Ela falou-lhe em tom calmo, apesar da língua coberta de poeira, na esperança de acalmar o animal:

– Você está inteiro, garoto?

Mia aproximou-se devagar, com a mão estendida. O animal estava abalado, mas depois de algumas viragens de descanso no abrigo se recuperaria; talvez ficasse até mais bem-disposto com ela, que tinha acabado de lhe salvar a vida.

Mia deu-lhe tapinhas nos quadris com mãos firmes, abriu o alforje para pegar...

– Ai, merda!

Ela gemeu com a mordida que o garanhão lhe deu no braço, forte o suficiente para deixar uma marca vermelha de sangue. O cavalo jogou a cabeça para trás com um som que parecia demais com uma gargalhada.³⁴ Em seguida, agitou a crina e começou um trote manco rumo a Última Esperança, deixando pegadas de sangue à sua passagem.

– Espere! – gritou Mia. – Espere!

– Ele não gosta *mesmo* de você – comentou Tric.

– Agradecida, don Tric. Quando terminar de entoar a sua Ode ao Óbvio, talvez queira me conceder a honra de alcançar o cavalo que está fugindo com a minha porra toda no lombo?

Tric abriu um sorriso maldoso, pulou na sela de Flores e partiu a galope no encalço de Bastardo. Mia levou a mão ao braço machucado, ouvindo o riso débil do gato que não era gato ecoar ao vento.

Ela cuspiu no chão, olhos fixos no garanhão fugitivo.

– *Bastardo...* – sibilou.

Tric retornou meia hora depois, com o manco Bastardo a reboque. Juntos novamente, ele e Mia seguiram caminho até a estreita ponta de pedra que lhes serviria de abrigo. Mantinham-se o tempo todo atentos a perturbações sob a terra, e Tric farejava o ar como um cão de caça, mas nenhum outro horror ergueu quaisquer tentáculos (ou outros apêndices) para impedir o seu avanço.

Bastardo e Flores estavam livres para pastar no capim ralo que circundava o morro; Flores aproveitou a chance alegremente, ao passo que Bastardo cravava em Mia o olhar vingativo de um animal acostumado com aveia fresca em toda refeição e recusava-se a comer qualquer outra coisa. Ele tentou morder Mia mais duas vezes enquanto ela o amarrava, de modo que a garota acariciou ostensivamente Flores (apesar de não gostar muito dele também) e lhe deu a castanha e alguns cubos de açúcar que tinha no alforje. O único

presente para o garanhão roubado foi o gesto mais grosseiro que Mia foi capaz de lembrar.³⁵

– Por que você chama o seu cavalo de Flores? – Mia perguntou quando ela e Tric se preparavam para a escalada.

– Qual o problema com Flores?

– Bom, a maior parte dos homens dá nomes um pouco mais... masculinos para seus cavalos, só isso.

– Lendário ou Príncipe ou coisa assim.

– Já vi um cavalo chamado Relâmpago – ela disse, erguendo a mão. – Que a Luz não me deixe mentir.

– Acho uma besteira – fungou o garoto. – Dar esse tipo de informação de graça.

– Como assim?

– Bom, você dá o nome de Lendário para o seu cavalo e as pessoas já ficam sabendo que você se acha uma espécie de herói de livro. Se você o chama de Relâmpago... Pelas Filhas de Aa, seria melhor pendurar uma placa no pescoço dizendo “Meu pênis é um amendoim”.

Mia sorriu:

– Vou confiar na sua palavra.

– É como os sujeitos que chamam suas espadas de “Quebra-Crânio” ou “Desalmada” ou coisa assim – retomou Tric enquanto amarrava os cachos num nó no alto da cabeça. – Querem aparecer, só isso.

– Se eu fosse dar um nome para a minha adaga – disse Mia, pensativa –, seria “Fofinha”.

Tric bufou uma gargalhada.

– Fofinha?

– Abismos que sim! – confirmou a garota. – Pense no terror que ela instilaria. Dá para aceitar ser derrotado por um inimigo que maneja uma espada chamada Desalmada... Agora, imagine a vergonha de perder o couro para uma adaga chamada Fofinha.

– Bom, é o que eu digo. Os nomes dizem tanto sobre quem dá o nome como sobre a coisa nomeada. Talvez eu não queira que as pessoas saibam quem eu

sou. Talvez goste de ser subestimado.

O garoto deu de ombros e concluiu:

– Ou talvez eu apenas goste de flores...

Mia deixou escapar um sorriso no meio da escalada da face rachada do penhasco. Ambos subiam sem pitão nem corda – o tipo de tolice comum entre os jovens aparentemente imortais. O abrigo ficava a uns trinta metros de altura, e a dupla chegou sem fôlego no topo. Contudo, como Mia adivinhara, a pedra oferecia uma vista utilíssima; todas as ruínas estendiam-se diante deles. O olhar vermelho de Saan era impiedoso, e Mia se perguntava quão brutal seria o calor durante a vernaluz, quando os três sóis ardiam juntos no céu branco.

– Bela vista – concordou Tric. – Um espirro em Última Esperança e nós ficaremos sabendo.

Mia chutou uma pedrinha penhasco abaixo e observou-a cair no vazio. Sentou-se numa rocha com as botas apoiadas em outra logo à frente, numa pose que a dona Corvere estremeceria se visse. Sacou do cinto uma caixinha fina e prateada gravada com o corvo e as espadas cruzadas da família Corvere. Ela meteu uma cigarrilha nos lábios e ofereceu a caixinha a Tric. O garoto aceitou e sentou-se de frente para ela, torcendo o nariz e examinando a inscrição no verso.

– *Neh diis lus'a, lus diis'a* – ele murmurou. – Meu liisio é péssimo. Alguma coisa a ver com sangue?

– “Quando tudo é sangue, sangue é tudo” – explicou Mia, acendendo a cigarrilha com a pederneira e suspirando satisfeita. – Provérbio da família.

– Você é dessa família? – Tric perguntou com o dedo no brasão. – Eu jurava que tinha roubado a caixinha.

– Acha que eu não faço o tipo medular?

– Não sei direito qual é o seu tipo. Mas filha de medulares pedantes? Não mesmo.

– Precisa melhorar os elogios, don Tric.

O garoto cutucou a sombra de Mia com a bota; seu rosto era ilegível. Olhou para o não-gato perto do ombro dela. Senhor Simpático devolveu o olhar sem

uma palavra. Quando Tric falou, a voz saiu com uma trepidação óbvia.

– Já ouvi falar da sua gente. Só que nunca tinha conhecido uma. Nunca pensei que fosse conhecer.

– Minha gente?

– Sombrios.

Mia exalou cinza, apertando os olhos. Levou a mão até Sr. Simpático como que para acariciá-lo, e os dedos o atravessaram como se ele fosse fumaça. Verdade seja dita, poucos a tinham visto pôr seu dom em ação e vivido para contar a história. O povo da República temia o que não entendia, e odiava o que temia. Contudo, aquele garoto parecia ter mais curiosidade do que medo. Olhando de alto a baixo o dweymeri de meia-tigela, com suas tatuagens da ilha e seu nome do continente, ela se deu conta de que também ele era diferente. Então ela percebeu a alegria que era estar na companhia dele naquela jornada estranha e poeirenta.

– E o que você sabe dos sombrios, don Tric?

– Folclore. Besteiras. Vocês roubam bebês do berço e defloram virgens por onde passam e outras bobagens – respondeu o garoto, dando de ombros. – Ouvi dizer que os sombrios atacaram a Grande Basílica uns anos atrás. Mataram um monte de legionários luminatii.

– Ah – Mia sorriu, envolta em fumaça. – O Massacre da Veratreva.

– Provavelmente mais um monte de merda que inventaram para aumentar os impostos ou coisa assim.

– Provavelmente – condordou Mia, com um aceno para a própria sombra. – Ainda assim, isso não parece te deixar nervoso.

– Conheci um vidente que previa o futuro revirando as tripas de animais. Encontrei um arquemista capaz de fazer fogo a partir de pó e matar um homem com um suspiro. Acho que mexer com as trevas é só mais um tipo de taumaturgia de varejo. – Ele olhou para o céu sem nuvens. – E não vejo muita utilidade nisso num lugar onde os sóis quase nunca se põem.

– *...quanto maior a luz, mais profundas as sombras...*

Tric olhou para o não-gato, evidentemente surpreso por ouvi-lo falar. Ele o observou com cautela por uns instantes, como se o não-animal fosse crescer

outras cabeças ou soltar fogo negro pelas ventas. Como não houve indícios de novas cabeças prestes a aparecer, o garoto voltou a fixar os olhos em Mia.

– De quem você puxou o dom? – perguntou. – Da sua mãe ou do seu pai?

– Não sei. E nunca encontrei alguém como eu para perguntar. Meu shahiid disse que eu tinha sido tocada pela Mãe, seja lá o que isso significa. Ele com certeza não sabia.

O garoto deu de ombros e correu o dedo pelo brasão na caixa de cigarrilhas.

– Se minha memória não falha, a família Corvere se envolveu em algum problema umas veratrevas atrás. Algo a ver com reis?

– Nunca trema. Nunca tema. – suspirou Mia. – E nunca, jamais, esqueça.

– Então o enigma começa a fazer sentido. A última filha de uma família desgraçada, rumo à melhor escola de assassinos de toda a República. Tem planos para acertar as contas depois de se formar?

– Você não está prestes a brindar-me com palavras sábias sobre a futilidade da vingança, está, don Tric? Porque eu até estava começando a gostar de você.

– Ah, não. – Tric sorriu. – Entendo a vingança. Mas pelo tamanho da injustiça que você quer corrigir, imagino que os seus alvos não vão ser fáceis de acertar, vão?

– Um deles já foi para o saco – ela disse com um tapinha na bolsa de dentes. – Mais três pela frente.

– Esses cadáveres ambulantes têm nome?

– O primeiro é Francesco Duomo.

– *O* Francesco Duomo? Grão-cardeal da Igreja da Luz?

– Ele mesmo.

– Sombras e abismo...

– O segundo é Marcus Remus, justicus da Legião Luminatii.

– E o terceiro?

A luz de Saan cintilou nos olhos de Mia, os fios do longo cabelo preto tocando-lhe os cantos da boca. As sombras ao redor dela estremeceram como oceanos, ondulando até se aproximarem das botas de Tric.

– Cônsul Julius Scaeva.

– Pelas Quatro Filhas – sussurrou Tric. – É por isso que você quer o treinamento da Igreja?

Mia fez que sim.

– Com sorte, uma faca afiada basta para eliminar Duomo ou Remus, mas não vai ser uma pirralha com um canivete que vai dar fim a Scaeva. Não depois do Massacre. Ele não deita na cama sem que um quadro de luminatii confira os lençóis antes.

– Três vezes eleito cônsul do Senado de Itreya – suspirou Tric. – Mestre arquemista. O homem mais poderoso de toda a República. – O garoto balançou a cabeça. – Você sabe dificultar as coisas, Moça Branca.

– Ah, claro. Ele é perigoso como um saco cheio de víboras pretas – concordou Mia. – E um filho da puta, com certeza.

O garoto arqueou as sobrancelhas, a boca semiaberta.

Mia percebeu o olhar e fez uma careta.

– Quê?

– Minha mãe dizia que isso era palavrão – explicou Tric de testa franzida. – O pior. Me falou para nunca dizer isso. Especialmente na frente de uma dona.

– Ah, é? – a garota tragou a cigarrilha mais uma vez, estreitando os olhos. – E por quê?

– Não sei – gaguejou Tric. – É só o que ela falou.

Mia balançou a cabeça, as mexas tortas pendendo sobre os olhos.

– Sabe, nunca entendi isso. Por que ser chamado de filho de uma mulher da vida é mais ofensivo do que qualquer outro insulto. Para mim, seria bem pior se fosse filho de um homem da vida. Quer dizer, o que você imagina quando ouve a palavra “puto”?

Tric deu de ombros, confuso com o estranho desvio da conversa.

– Imagina um ignorante, não é? – continuou Mia. – Um sujeito que só pensa com a cabeça de baixo. Um infeliz que parte pra cima dos outros, sem fazer a menor ideia do que os outros pensam.

Uma exalação cinza, adocicada com cravo, pairou no ar entre os dois.

– Puto é só outra palavra para “trouxa”. Mas puta, bom... – A garota sorriu. – Tem uma malícia. Um propósito. A puta tem consciência de si, da maldade.

Não pense que eu chamo o cônsul Scaeva de filho da puta por nada. As putas são espertas, don Tric. Têm dentes, unhas. Se alguém te chamar de filho da puta, tome como elogio para sua mãe e para você. É sinal de que as pessoas vão pensar duas vezes antes de te foder. – Então completou, dando de ombros: – Acho que isso é que chamam de ironia.

Mia fungou enquanto lançava um olhar para as ruínas diante de si.

– A verdade é que um puto e uma puta não são tão diferentes, no fim das contas. Além das óbvias, claro. Mas um não carrega mais peso do que o outro. Por que o que uma mulher faz com o que tem no meio das pernas vale mais ou menos, é melhor ou pior, mais burro ou mais inteligente, do que o que faz um homem? É tudo carne, don Tric. No fim, tudo comida de vermes. Que nem Duomo, Remus e Scaeva vão ser.

Uma última tragada, longa e profunda, como se a fumaça lhe desse vida, antes de concluir:

– Mas eu ainda prefiro ser chamada de puta do que de puto.

A garota suspirou uma nuvem cinza e esmagou a cigarrilha na sola da bota. Cuspiu ao vento.

E só isso bastou para o jovem Tric se apaixonar.

28 O cavalo, não o centurião.

29 Durante a estada no haras, ela foi mordida por três cavalos diferentes, derrubada setes vezes da sela (duas no esterco) e pisoteada uma vez. Também levou um beliscão no lombo de um jovem cavaleiro especialmente ousado cujo nome era Romero (infelizmente, isso se deu no mesmo dia em que um cavalo a lançou na merda pela primeira vez) e que tinha sido falsamente informado por um menestrel itinerante que as mulheres da cidade “gostavam desse tipo de coisa”.

O nariz do garoto nunca chegou a sarar totalmente, mas ele conseguiu recuperar três dentes. A última notícia que ouvi era que ele tinha sido condenado a quatro anos na Pedra Filosofal por um ataque brutal e, muitos dizem, imotivado, a um menestrel itinerante.

30 O Império Ashkah dominou o mundo conhecido por aproximadamente sete séculos; um período considerado pelos estudiosos como uma era ímpar para os campos da ciência e das artes arcanas. Ashkah era uma sociedade de feiticeiros, cujas incursões ousadas no reino da mágica – ou obraria, ou o termo que você preferir – não apenas superavam os fracos ritos taumatúrgicos dos Reis Magos de Liisia que os sucederam, mas também transformavam a própria realidade.

Infelizmente, como quase sempre é o caso quando mortais começam a fuçar nas tramas tecidas pelos deuses, alguém, ou *algo*, acaba perdendo o rumo. Nenhum estudioso mortal conhece com precisão a natureza da queda de Ashkah. Muitos dizem que o império foi varrido do mundo pelo próprio Aa. Outros afirmam que as obrarias dos feiticeiros ashkahi chamaram a atenção de seres mais antigos do que os deuses – monstrosidades inominadas além das fronteiras do universo e da sanidade, que tragaram o

império como um tinteiro numa farra de três dias.

E há ainda outros que dizem que um dos feiticeiros simplesmente fodeu com tudo.

Fodeu e MUITO.

31 Mercurio chamava essas provas de “caças ao tesouro”, e embora variassem em dificuldade e risco à vida e à integridade física, quase sempre começavam com Mía despertando em lugares desconhecidos com uma leve ressaca de erva-dormente. Uma vez, depois de uma aula sobre os princípios do magnetismo, ela acordou no breu dos esgotos de Godsgrave com nada além de um grampo de cabelo de ferro e um pedaço de giz para ajudá-la a descobrir a saída. Depois de seis meses de aulas do velho idioma ashkahi, ela acordou a cinco quilômetros da entrada da necrópole de Godsgrave com meio odre de água e instruções para a saída escritas em ashkahi.

Claro, apesar de Mercurio chamar tudo isso de “caças aos tesouros”, o único “tesouro” encontrado ao fim desses exercícios era “continuar a existir”. Ainda assim, ajudaram a formar uma aluna especialmente aplicada.

32 Embora chamados de “krakens-de-areia” pelos poucos acadêmicos loucos o bastante para estudá-los, os predadores-alfa das ruínas ashkahi não são verdadeiros cefalópodes. Nadam na areia com a mesma facilidade que os seus “parentes” marinhos o fazem na água, filtrando o oxigênio da terra por meio de guelras especializadas. Comem qualquer coisa desprovida de uma velocidade de fuga acima da média, e são famosos por seu temperamento, descrito por muitos como “antissocial”.

O especialista incontestado no seu estudo, Loresman Carlo Ribisi, propôs a teoria de que seriam um tipo de cobra do deserto que sofreu mutações devido aos poluentes mágicos das ruínas do Império Ashkah. Ribisi postulou que essas feras são dotadas de uma inteligência de nível canino, e para provar sua hipótese, capturou um filhote de kraken-de-areia, levou-o ao Grande Collegium de Godsgrave e tentou ensinar-lhe a realizar tarefas simples.

Ribisi construiu um labirinto de pedra, encheu-o de terra e soltou o animal (a quem chamou de Alfi para homenagear um bicho de estimação caro à família) dentro dele. Alfi seria recompensado com comida se conseguisse atravessar o labirinto. Ribisi foi tornando o labirinto mais complexo à medida que Alfi crescia (até o tamanho de dois metros, de acordo com o último registro do pesquisador), e também incorporou dispositivos simples – como trancas e portas – para demonstrar o crescimento da inteligência do animal. Infelizmente, Alfi usou esse conhecimento certa quasinóite para escapar do confinamento e assassinar a maior parte dos professores de zoologia, incluindo um Ribisi bastante decepcionado, antes de ser neutralizado por um esquadrão de luminatii pasmos.

As ordenações relativas à conservação de animais selvagem nas dependências do colégio se tornaram consideravelmente mais rígidas depois do caso.

33 Embora um quadro de dez deles ainda exista em Godsgrave, os gigantes feitos com a obraria do Colégio de Ferro encontram-se sem combustível nem homens e devem ser operados somente em tempos de intensa crise. Por causa do poderio militar de Itreya e das dificuldades de se atacar Godsgrave por qualquer outro meio que não o mar, a presença dessas máquinas na cidade é quase que exclusivamente cerimonial. Nas últimas quarenta veratrevas, os Andantes de Guerra de Godsgrave foram ativados precisamente duas vezes.

A primeira durante a derrubada do rei Francisco XV: legionários leais à monarquia tentaram invadir o palácio e resgatar o rei dos seus perseguidores quando surgiram notícias do levante. Os pilotos (naquela fase da monarquia já um cargo meramente cerimonial) realistas renderam-se ao descobrir que Francisco e toda sua família já estavam mortos.

O segundo incidente começou com três garrafas de vinho d'ouro meia-boca e um discurso bêbado para uma possível amante, continuou com uma colisão ruidosa com a sexta Costela (que se quebrou na base e caiu no mar) e terminou com um julgamento rápido e uma crucificação ainda mais rápida do jovem responsável.

E a moça nem gostava tanto dele...

34 Se algum cavalo nascido sob os olhos de Aa era realmente capaz de zombar dos outros, esse cavalo era Bastardo.

35 Conhecido como “nós”, o gesto consiste em fechar o punho e levantar o indicador e mindinho, mas só até o primeiro nó de cada dedo.

Ele tem origem na batalha das Areias Escarlates, em que o rei Francisco I de Itreya, também conhecido como “O Grande Unificador”, derrotou o último Rei Mago liisio, Lucius, o Onipotente.

Depois da derrota, o esperado era que a resistência de Liisia ao domínio itreyano fosse vacilar. Itreya ocupava os territórios que conquistava com iguais medidas de engenho e perfídia: um pequeno grupo de administratii medulares instalava-se no vácuo de poder criado pela destruição da classe dominante, e por meio da coerção e do suborno, formava uma nova elite local atada a Itreya. Os filhos dos chefes locais logo eram enviados para Godsgrave a fim de serem educados, as jovens itreyanas casavam-se com homens da região, o dinheiro fluía para os bolsos certos: numa geração, os conquistados se perguntavam por que sequer tentaram resistir à invasão.

Mas em Liis não era assim, nobres amigos.

Depois da morte de Lucius, uma guarnição de luminatii permaneceu estacionada na capital do país, Elai, para supervisionar a “assimilação”. As coisas iam bem até que um pelotão das tropas de elite, ainda fiéis à memória de Lucius, invadiu um banquete no ex-palácio do Rei Mago. A elite de Treya e a guarnição de luminatii foram capturados, perfilados pelos realistas, e castrados um a um com uma faca em brasa.

Os reféns foram soltos em seguida, e as tropas de elite ergueram barricadas no palácio e puseram-se a esperar a retaliação inevitável. Com duração de mais de seis meses, o Cerco de Elai tornou-se lendário. Dizem que os realistas circulavam pelos anexos do palácio mostrando o punho cerrado com o indicador e o mindinho levantados até o primeiro nó – uma provocação que queria lembrar os invasores itreyanos de que os rebeldes ainda possuíam seu... equipamento, ao passo que as joias dos itreyanos tinha sido dadas aos cães. Embora os realistas tenham sido derrotados no fim, os “nós” ganharam uso corrente por muitos cidadãos da República: tornaram-se um gesto provocativo para demonstrar superioridade sobre um oponente com poucos homens.

Capítulo 6

POEIRA

A mãe de Mia tinha lhe dado uma caixa-segreto aos cinco anos – um cubo de madeira com faces deslizantes que, quando alinhadas corretamente, revelariam o verdadeiro presente dentro. Seria o melhor presente de Grande Partilha que a menina receberia na vida.³⁶

Mia achou crueldade na época. Enquanto todas as outras crianças medulares brincavam com bonecas novas ou espadas de madeira, ela tinha que se contentar com aquela maldita caixa que simplesmente se recusava a se abrir. Ela a jogou na parede – em vão. Chorou com o pai que aquilo não era justo, e ele apenas sorriu. E quando Mia bateu o pé diante da dona Corvere e exigiu saber por que não tinha ganhado uma fita bonita para o cabelo ou um vestido novo em vez daquela porcaria, a mãe se abaixou e olhou a filha nos olhos.

– A sua mente vai ser mais útil para você do que qualquer quinquilharia que existe sob os sóis – ela disse. – Ela é uma arma, Mia. E como qualquer arma, você precisa de treino para manejá-la bem.

– Mas, mãe...

– Não, Mia Corvere. A beleza vem de berço, mas a inteligência é uma conquista.

Então Mia pegou a caixa e ficou com ela. Torceu o nariz para ela. Encarou-a até sonhar com ela. Girou e puxou e xingou com todos os palavrões que ouvira o pai dizer. Então, depois de dois meses de frustração, ela girou uma última peça e ouviu um som maravilhoso.

Clic.

A tampa abriu e dentro havia um broche – um corvo com pequeninos olhos de âmbar. O selo da sua família. O corvo dos Corvere. Ela o usou no desjejum da viragem seguinte. A mãe sorriu, sem jamais dizer uma palavra. Mia guardou a caixa; em todas as Grandes Partilhas seguintes, de todos os

quebra-cabeças que seus pais lhe deram, a caixa permaneceu o seu favorito. Depois da execução do pai e da prisão da mãe, ela deixou a caixa e um pouco da menininha que a amava para trás.

Mas o broche ela levou consigo. O broche, e o seu talento para quebra-cabeças.

Ela tinha acordado debaixo de uma pilha de dejetos num beco solitário, em alguma das vielas de Godsgrave. Ainda esfregava o sono dos olhos quando ouviu o ronco do estômago. Sabia que os homens do cônsul ainda podiam estar no seu encalço, que ele podia mandar mais se descobrisse que aqueles dois tinham falhado em afogá-la. Ela não tinha onde ficar. Não tinha amigos. Dinheiro. Comida.

Ela estava dolorida, com medo e sozinha. Sentia falta da mãe. Do pequeno Jonnen, seu irmão bebê. Da cama macia e das roupas quentes e do seu gato. A lembrança dele jazendo torcido no chão encheu seus olhos de lágrimas; a imagem do homem que o tinha matado enchia seu coração de ódio.

– Coitado do Capitão Pocinhas...

– ...miau... – veio uma voz.

O som fez a menina levantar a cabeça, afastando o cabelo escuro dos cílios molhados. E ali, na rua, entre as ervas e a podridão e a imundície, ela viu um gato.

Não era o seu gato, com certeza. Ah, era preto como a veratрева, que nem o bom capitão. Mas era fino como papel e translúcido, como se alguém tivesse recortado uma silhueta de gato da própria matéria da sombra. E, apesar de agora ele ter uma forma em vez de nenhuma forma, ela reconheceu o amigo mesmo assim. Aquele que a tinha ajudado quando ninguém mais no mundo pudera.

– Senhor Simpático? – ela perguntou.

– ...miau... – ele respondeu.

Ela esticou o braço até aquele ser, como que para acariciá-lo, mas a mão o atravessou como se ele fosse fumaça. Ao olhar para ele, a menina teve a mesma sensação: seu medo era drenado como se faz com o veneno de uma

ferida, deixando-a forte e destemida. E ela se deu conta de que – apesar de não ter irmão, nem mãe, nem pai, nem família – não estava completamente só.

– Muito bem – ela disse, acenando a cabeça.

Primeiro, comida. Ela não tinha dinheiro, mas tinha o punhal e o broche preso no vestido (cada vez mais esfarrapado). Uma lâmina de ossário devia valer uma fortuna, mas ela detestava a ideia de abrir mão da sua única arma. Contudo, sabia que haveria quem desse dinheiro pela joia. Com as moedas, arranjaría comida e um quarto em que se esconder até pensar no que faria depois. Dez anos de idade, mãe presa, seu...

– ... miau... – disse Senhor Simpático.

– Certo – ela concordou. – Um enigma por vez.

Ela nem sabia em que parte de Godsgrave estava. Passara a vida inteira na Espinha. Mas o pai tinha mapas da cidade no escritório, pendurados nas paredes com as espadas e os louros, e ela se lembrava mais ou menos da disposição da metrópole. Era melhor ficar longe do bairro medular, escondida até ter certeza de que os homens do cônsul tinham desistido da perseguição.

Quando ela se levantou, Sr. Simpático fluiu como água para o preto ao redor dos seus pés, e a sombra dela ficou mais escura. Embora soubesse que provavelmente se assustaria com a visão, Mia respirou fundo, penteou o cabelo com os dedos e deu um passo para fora do beco, pisando num montinho de algo que ela esperava que fosse lama.³⁷

Xingando de maneira muito inapropriada e esfregando a sola dos sapatos nos paralelepípedos, ela viu pessoas de todos os tipos se acotovelando pela rua lotada. Vaanianos loiros e itreyanos de olhos azuis e dweymeris altos com tatuagens de tinta de leviatã, assim como dezenas de escravos com sinais arquêmicos de “vende-se” queimados na bochecha. Mas Mia logo percebeu que a maioria eram liisios, de pele esverdeada e cabelo escuro. As fachadas das lojas carregavam um selo que Mia reconheceu das aulas com o Irmão Crassus e das missas de veratreva dentro das grandes catedrais: três círculos ardentes entrelaçados. Um espelho dos três sóis que cruzavam os

céus acima. Os olhos do próprio Aa.

*A Trindade.*³⁸

Mia se deu conta de que devia estar no bairro liisio – o Pequeno Liis, já tinha ouvido dizer. Esquálido e superpopulado, com a pobreza estampada na alvenaria descascada. As águas dos canais corriam altas ali, consumindo os andares inferiores dos prédios ao redor. Palazzos de tijolo comum, enferrujando em tons de marrom escuro à beira da água. Além do fedor das águas, Mia conseguia sentir o cheiro de pães apimentados e fumaça de cravo e ouvir canções numa língua que não compreendia direito, mas que quase reconhecia.

Ela uniu-se ao fluxo de pessoas entre cotoveladas e empurrões. O impacto deveria assustar uma garota criada a vida inteira no refúgio da Espinha, mas, de novo, Mia viu-se sem medo. Foi empurrada para a frente até a rua desembocar numa piazza ampla, circundada de barracas e lojas por todos os lados. Subiu numa pilha de caixotes vazios e percebeu que estava na praça do comércio; o ar carregado com a correria e os ruídos de centenas de pessoas, o olhar impiedoso dos dois sóis ardendo no alto, e o cheiro mais extraordinário que sentira na vida.

Mia não conseguia considerá-lo um fedor, embora um fedor fizesse certamente parte do perfume incomparável. O Pequeno Liis situava-se na região sudeste de Godsgrave, abaixo da Bacia e perto da Baía dos Açougueiros, e era rodeado pelos matadouros e vários despejos de esgoto da cidade. O fedor da baía já tinha sido comparado a uma barriga aberta coberta com estrume de cavalo e cabelo humano queimado, depois de três viragens apodrecendo no calor da veraluz.

Contudo, mascarando o fedor, havia o perfume da própria praça do comércio. O aroma torrado de pães, tortas e pães-de-açúcar, todos recém-assados. O cheiro vivo dos jardins no alto das casas. Mia viu-se meio babando, meio enjoada – metade dela desejava comer tudo diante dos seus olhos, enquanto a outra metade se perguntava se jamais voltaria a comer novamente.

Ela acariciou o broche no peito e saiu à procura de um comprador. Havia

diversas barracas de enfeites, mas a maioria parecia coisa de dois cobres. No canto do mercado, ela viu uma construção antiga, encolhida feito um mendigo na esquina de duas ruas curvadas. Uma placa balançava de dobradiças enferrujadas acima da portinha infeliz.

PENHORAS MERCURIO – BIZARRICES, RARIDADES & AS MAIS FINAS ANTIGUIDADES.

Um cartaz na porta informava à menina: “Não são bem-vindos enroladores, ralé ou religiosos”.

Ela apertou os olhos naquela direção, então baixou a vista para a sombra escura demais a seus pés.

– E aí? – ela perguntou.

– ...miau... – disse Senhor Simpático.

– Também acho.

E Mia saltou dos caixotes e partiu para a loja.

O sangue escorria pelo chão da carroça, grosso e encrostado nas mãos de Mia. A poeira lhe arranhava os olhos, subindo numa tempestade das patas dos camelos. Não havia necessidade de chicoteá-los; os animais estavam correndo muito bem sozinhos. Por isso ela se concentrava em amainar a enxaqueca que lhe rachava a testa e segurar o ímpeto já familiar de dar várias facadas na cara de Tric.

O garoto estava de pé na traseira da carroça, batendo a esmo no que poderia ter sido um xilofone, se xilofones fossem feitos de tubos de ferro e emitissem um ruído de burros acasalando num campanário. O garoto também estava ensopado de sangue e poeira; dentes brancos perfeitos cerrados numa máscara de vermelho imundo e tatuagens péssimas.

– Tric, já deu! – rugiu Mia.

– Isso espanta os krakens!

– Espanta os krakens... – gemeu Naev da poça do próprio sangue.

– Não espanta porra nenhuma! – berrou Mia.

Ela lançou um olhar para trás, só para o caso de aquela batucada dos

demônios ter mesmo espantado as monstruosidades atrás deles, mas não, os quatro rastros de terra movente ainda os perseguiam bem de perto.

Bastardo galopava ao lado da carroça, preso pelas rédeas. O garanhão encarava Mia furioso, de vez em quando relinchando em tom de acusação na direção dela.

– Ah, cala a boca! – ela gritou para o cavalo.

– ...*ele não gosta mesmo de você*... – sussurrou Senhor Simpático.

– Você não está ajudando!

– ...*e o que ajudaria*...?

– Me explique como foi que nos metemos nisso!

O gato feito de sombras inclinou a cabeça para o lado, como em pensamento. Um urro enregelante dos behemotes fez a carroça estremecer nos eixos, mas os solavancos da corrida pelas dunas não o incomodavam nem um pouco. Ele olhava para as longas Ruínas Sussurrantes, para o horizonte entrecortado que se aproximava, para a dona acima dele. E falou com a voz de alguém que revela uma verdade feia mas necessária:

– ...*foi basicamente tudo culpa sua*...

Duas semanas tinham-se passado no topo do abrigo, e tanto Mia como Tric começaram a perder fé na teoria da garota. A primeira viragem de Septimus se aproximava rápido – se eles não cruzassem o limiar da Igreja antes disso, não havia chance de serem aceitos no rebanho daquele ano. Eles se alternavam na sentinela; um subia no pico do morro para render o outro, com uma pausa para papear entre os turnos. Compartilhavam episódios dos seus tempos de aprendiz ou macetes da profissão. Contudo, ele sempre se detinha um pouco mais – ainda que não tivesse o que fazer, sentava-se e a observava ler por um tempo.

Bastardo acabou por se acostumar a comer a grama em volta da base do morro, embora o fizesse com óbvio desdém. Mia sempre o flagrava olhando para ela como se quisesse comê-la no lugar da grama.

Quando a veratrega caiu naquela que provavelmente era a trigésima

viragem, Mia e Tric estavam sentados no topo da pedra, olhando para as ruínas. Mia fumava a última das suas quarenta e duas cigarrilhas e já desejava ter trazido mais.

– Tentei parar uma vez – ela disse, inspecionando a marca-d’água de Dorian, o Negro,³⁹ no fumo fino, enrolado à mão. – Durou quatorze viragens.

– Sentiu muita falta?

– Abstinência. Mercurio me obrigou a voltar. Ele disse que as três viragens por mês em que eu agia feito um urso de ressaca já eram suficientes.

– Três viragens por... ah.

– Ah.

– Você não fica tão ruim, fica?

– Me diga você daqui uma ou duas viragens – ela riu.

– Eu não tenho irmãs – Tric começou, refazendo o nó do cabelo, um hábito a que ele recorria quando ficava desconfortável. – Não sou versado em... – um vago aceno com a mão – ...coisas de mulher.

– Bom, então logo terá uma amostra.

Ele parou no meio do nó, encarando Mia de um jeito estranho.

– Você é diferente de todas as garotas que já...

O garoto se calou, então deslizou da pedra e se agachou. Sacou uma velha luneta de marinheiro, em que os mesmos três dragões-marinhos do anel estavam gravados, e a apertou contra o olho.

Mia se agachou ao lado dele, espichando a vista na direção de Última Esperança.

– Vê alguma coisa?

– Uma caravana.

– Caçadores de fortuna?⁴⁰

– Acho que não – Tric respondeu antes de cuspir na lente da luneta e limpar a poeira. – Duas carroças cheias. Quatro homens. Camelos puxando o ritmo. Vieram para uma longa jornada.

– Nunca montei num camelo.

– Nem eu. Ouvi dizer que fedem. E cospem.

– Já parecem estar um passo à frente do Bastardo.

– Um dragão branco de sela está um passo à frente do Bastardo.

Ambos observaram a caravana marchar pela areia vermelho-sangue por uma hora, pensando no que aconteceria caso o grupo realmente fosse da Igreja Vermelha. E quando a caravana era quase um ponto no horizonte, a dupla desceu do trono e a seguiu pelas ruínas.

De início mantiveram distância, e Flores e Bastardo trotavam devagar. Mia tinha certeza de ouvir uma melodia estranha no vento. Não os sussurros enlouquecedores – com os quais ainda não tinha se acostumado –, mas algo parecido com sinos desafinados, empilhados um em cima do outro e badalados com um malho de ferro. Ela não fazia ideia do que pensar daquilo.

Os dois não estavam trajados para uma jornada no interior do deserto, e resolveram galopar até a caravana quando esta parasse para descansar. Não havia como se esgueirar dessa vez – as pedras salientes e os monumentos quebrados não bastavam para ocultar a aproximação, e o manto de sombras de Mia só cobria um. Além disso, ela raciocinou, se aquelas pessoas *fossem* servos da Senhora do Bendito Assassinato, talvez não achassem muito agradável serem surpreendidas enquanto paravam para mijar.

Infelizmente, o povo da caravana parecia muito contente com o próprio ritmo, por assim dizer. A dupla ganhava terreno, mas depois de duas viragens inteiras sem descer da sela – com Bastardo mordiscando as pernas de Mia e às vezes tentando jogá-la no chão –, ela já não aturou mais. Parando o garanhão perto de um círculo de estátuas judiadas pelo tempo, ela não perdeu a paciência exatamente, mas a lançou de cara na areia.

– Pare, pare – vociferou. – Me fodi. Bem no ouvido.

Tric ergueu a sobancelha.

– Que foi?

– Na minha calça tem mais talhos do que traseiro. Temos que dar um tempo.

– Estamos brincando de falar a língua do “T” e você não me avisou, ou...

– Foda-se. Preciso descansar.

Tric olhou para o horizonte e franziu a testa.

– Podemos perder a caravana.

– Eles são puxados por uma dúzia de camelos, Tric. Um cachorro sem nariz

é capaz de farejar a sua trilha de merda no meio da veratreva. Se de repente a caravana começar a avançar mais rápido que um fumante quarentão com uma prostituta bêbada em cada braço, acho que podemos encontrá-la de novo.

– O que prostitutas bêbadas têm...

– Não quero massagem nos pés. Não quero que me esfreguem as costas. Só quero me sentar por uma hora numa coisa que não se mexa. – Mia desceu da sela com um gemido e agitou o punhal para Bastardo. – E se você me morder de novo, juro pela Fauce que vou te abrir uma guelra.

Bastardo bufou, ao passo que Mia, suspirando, soltou o corpo devagar numa pedra lisa. Ela pressionou as entranhas latejantes com uma mão, e esfregou as costas com a outra.

– Posso ajudar nisso – ofereceu Tric. – Se você precisar.

O garoto sorriu quando Mia lhe deu os nós. Depois de amarrar os cavalos, sentou-se na frente da garota, que pescou uma cigarrilha na caixinha, bateu as pederneiras e inalou fundo.

– Seu shahiid era um homem sábio – comentou Tric.

– Por que diz isso?

– Três viragens assim por mês são mais do que suficiente.

A garota fingiu rir e chutou areia em Tric, que escapou rolando e rindo. Baixando o tricórnio por cima dos olhos, ela apoiou a cabeça contra a pedra, a cigarrilha sempre pendente dos lábios. Tric a observava, olhando ao redor à procura de algum sinal de Sr. Simpático. Não havia.

Ele examinou a alvenaria do lugar em que estavam. As estátuas eram todas parecidas; figuras vagamente humanoides com cabeças de felino, despedaçadas pelo vento e pelo tempo. Subindo numa saliência de pedra, apertou o olho na luneta para observar a caravana de camelos marchando para longe. Mia tinha razão – eles se moviam no ritmo de trote, e mesmo com algumas horas de descanso daria para recuperar a diferença. Os cavalos não o deixavam tão verdes de enjoo quanto Mia, mas depois de duas viragens colado na sela, ele sentia dor em alguns dos lugares mais errados para isso. Então, sentando-se na sombra por um instante, esforçou-se ao máximo para não a observar enquanto dormia.

Só fechou os olhos por um segundo.

— Naev o aconselha a permanecer em silêncio.

Um sussurro arrastado no seu ouvido, afiado como a lâmina contra a sua garganta. Tric abriu os olhos, sentiu cheiro de couro, de aço, de algo rançoso que ele supôs ser camelo. Uma voz de mulher carregada de saliva, um sotaque que ele não conseguia identificar. Atrás dele.

Tric não disse nada.

— Por que ele segue Naev?

Tric olhou para o lado, viu Bastardo e Flores ainda amarrados. Pegadas na areia. Nenhum sinal de Mia. A faca ficou mais apertada na garganta.

— Fale.

— Você me disse para ficar em silêncio.

— Garoto esperto. — Um sorriso atrás das palavras. — Esperto demais?

Tric levou a mão até o cinto, estremecendo ao movimento da lâmina. Devagar, muito devagar, ele puxou uma pequena caixa de madeira e balançou de leve; lá de dentro veio o tênue chacoalhar dos dentes.

— Minha oferenda — ele disse. — Para a Fauce.

A caixa foi tomada da sua mão.

— A Fauce morreu.

— Ah, Deusa, de novo não...

— Ela está brincando com você, don Tric.

Tric abriu um sorriso ao ouvir a voz de Mia, e o alargou ao ouvir a mulher da faca silvar de surpresa.

— Mas eu tenho um jogo melhor para nós — Mia disse radiante. — Chama-se “largue a faca e o solte antes que eu corte fora suas mãos”.

— Naev vai abrir a garganta dele.

— Então a sua cabeça vai fazer companhia para os seus dedos no chão.

Tric se perguntou se aquilo era um blefe de Mia. Perguntou-se como seria sentir a lâmina rasgá-lo de uma orelha a outra. Morrer mesmo antes de começar. A pressão no pescoço diminuiu, e ele se encolheu ao sentir uma

coisa pequena e afiada espetar sua pele.

– Ai.

Estrelas escuras colidiam nos seus olhos, o sabor de flores empoeiradas na língua. Ele rolou para o lado, vagamente consciente da luta atrás de si. Lâminas sussurrantes cortavam o ar, pés raspando a areia vermelho-sangue. Viu de relance, com olhos embaçados, quem os atacava: uma mulher pequena, musculosa, de véu no rosto, envolta numa capa da cor da areia do deserto. Carregava duas facas curvas de dois gumes e dançava como alguém que conhecia os passos.

Tric apalpou o arranhão no pescoço com dedos úmidos. Tentou levantar, mas não conseguiu. Olhou por instantes para a mão até o cérebro responder. A mente ainda lhe pertencia, mas o corpo...

– Envenenado... – murmurou.

Mia e a estranha rondavam uma a outra, segurando as facas prontas para a luta. Moviam-se como um casal novo – hesitantes no começo, aproximando-se aos poucos até caírem uma no braço da outra com punhos, cotovelos e joelhos, defesas e contra-ataques e golpes. O suspiro do aço no ar. A percussão úmida da carne e do osso. Tric nunca tinha visto Mia num combate de verdade com um oponente humano, mas logo se deu conta de que ela não vacilava com o punhal: bem treinada, aparentemente não tinha medo. Lutava com a esquerda, num estilo heterodoxo, e se movia ligeira. Mas apesar de toda a sua habilidade, a mulher magra parecia uma adversária à altura. Todos os golpes eram defendidos. Todo ataque gerava um contra-ataque.

Depois de uns minutos como espectador, Tric começava a sentir de novo os pés. Mia resfolegava de cansaço, e o cabelo negro como um corvo estava colado feito mato em sua pele. A estranha não tomava a iniciativa de atacar; simplesmente se defendia em silêncio. Mia andava em círculos na tentativa de dar as costas para o sol, mas a inimiga era esperta o bastante para evitar que Saan lhe entrasse nos olhos. E então, com um pequeno suspiro como se admitisse a derrota, Mia fez a própria sombra se mover a fim de que a estranha ficasse atolada nela até os tornozelos.

A mulher silvou, alerta, e tentou sair de lado, mas as sombras se moviam

rápidas demais. Tric observou-a ficar imóvel, como se seus pés tivessem sido colados no chão. Mia partiu para cima e deu um golpe na garganta da mulher; a lâmina assoviou no ar. Mas, em vez de morrer, a estranha agarrou o antebraço de Mia, torceu até a faca cair e derrubou a garota nas costas machucadas, rápida como uma alma que voa para o Lume.⁴¹

O punhal de Mia cravou-se na areia no meio das pernas de Tric, a dois dedos de um acidente bastante infeliz. O garoto piscou diante do ossário na tentativa de recuperar o foco. Pensou que deveria devolver o punhal à dona – parecia importante –, mas o calor no seu pescoço lhe indicava que ficasse imóvel por mais um tempo.

Mia levantou-se com um salto, o rosto vermelho de fúria. Puxando a faca da areia, voltou-se para a mulher, os dentes expostos numa carranca.

- Que tal tentarmos de novo? – a garota arquejou.
- Sombria – disse a estranha, só um pouco sem fôlego. – Sombria idiota.
- Quê?
- Você invoca a Escuridão aqui? Nas profundezas das ruínas?
- Quem é você?
- Naev – ela respondeu com voz arrastada. – Apenas Naev.
- Essa palavra é do ashkahi. Significa “nada”.
- Então você é uma idiota estudada.

Mia apontou para Tric.

- O que você fez com o meu amigo?
- Tinta – a mulher disse, mostrando um anel rebarbado no dedo. – Uma pequena dose.⁴²

– Por que nos atacou?

– Se Naev a tivesse atacado, as areias estariam ainda mais vermelhas. Naev perguntou por que a seguiram. E agora Naev sabe. Naev está impressionada com a habilidade da garota. E agora Naev vê. – A mulher de véu olhou para Tric e depois para Mia, e fez um som como quem mastiga. – Vê um par de idiotas.

Tric ergueu-se nos pés incertos e se escorou na pedra atrás de si. À medida que sua cabeça clareava, a raiva tomava o lugar da vertigem. Ele puxou a

cimitarra e olhou furioso para as três mulherzinhas embaçadas diante de si, com o orgulho sangrando.

– Quem você está chamando de idiota, baixinha?

A mulher lançou um olhar na direção dele.

– O garoto cuja garganta Naev poderia ter cortado.

– Você me surpreendeu enquanto eu dormia.

– O garoto que dormia quando devia estar de vigia.

– Que tal você vigiar enquanto eu te...

– Tric – disse Mia. – Calma.

– Mia, esse pedacinho de merda magra pôs uma *faca* no meu pescoço.

– Ela está testando você. Testando a gente. Com tudo o que diz e faz. Olhe para ela.

Naev continuava a encarar Mia, seus olhos ardendo como lâmpadas negras dentro do crânio. Mia já tinha visto um olhar desses – o olhar de uma pessoa que tinha visto o fim de perto tantas vezes que considerava a morte uma amiga. O Velho Mercurio também o tinha. E enfim ela entendeu quem era a estranha.

O momento não foi nada parecido com seus ensaios em frente ao espelho. Mesmo assim, Mia ainda sentiu certo alívio ao pegar do cinto a bolsa com os dentes e atirá-la para a mulher magra. Foi como se seis anos tivessem sido tirados das suas costas.

– Minha oferenda – disse. – Para a Fauce.

A mulher sentiu o peso do saco nas mãos.

– Naev não precisa disto.

– Mas você é da Igreja Vermelha...

– É a honra de Naev servir na Casa de Nossa Senhora do Bendito Assassinato, sim. Pelo menos pelos próximos minutos.

– Próximos minutos? O que você...

O chão estremeceu sob eles. Um tremor fraco no começo, que dava para sentir na espinha. Aumentava a cada segundo.

– Isso é o que acho que é? – perguntou Tric.

– Kraken – suspirou Naev. – Escutam quando ela chama a Escuridão. Uma idiota, como eu disse.

Mia e Tric trocaram um olhar e falaram ao mesmo tempo:

– Ah, merda...

– Você não sabia disso? – indagou Tric.

– Pelas Quatro Filhas, como eu ia saber? Nunca estive em Ashkah!

– O kraken que nos atacou ficou louco quando você fez aquela coisa de manto!

– “Coisa de manto”? Quantos anos você tem, cinco?

– Bom, qualquer que seja o nome, não é melhor você parar? – questionou Tric, apontando para as sombras em volta do pé de Naev. – Antes de atrair mais?

A sombra de Mia recolheu-se por cima da areia e assumiu sua forma normal de novo. A garota manteve um olho alerta em Naev, mas a estranha apenas embainhou as adagas e inclinou a cabeça para o lado.

– São dois – ela declarou. – Bem grandes.

– O que fazemos? – quis saber Mia.

– Correr? – Naev deu de ombros. – Morrer?

– Correr me parece ótimo. Tric?

Tric já estava montado em Flores, e o cavalo empinava para arrancar.

– Só estou esperando você.

Mia saltou para a sela e estendeu a mão para a mulher magra.

– Venha comigo.

Naev hesitou por um instante com a cabeça de lado e o olhar negro cravado em Mia.

– Você é livre para ficar aqui se preferir...

Naev se aproximou e o chão tremeu; Bastardo empinou e começou a dar coices no ar. Mia olhou para trás e viu uma trilha de terra movendo-se cada vez mais para perto, como se algo gigantesco nadasse sob a areia.

Bem na direção deles.

Quando o garanhão botou os cascos de volta no chão, Mia invocou as sombras de novo, prendendo-o no lugar pelo tempo suficiente para Naev se pendurar atrás dela. Um rugido gutural soou debaixo da terra, como se as *coisas* também estivessem respondendo ao chamado. Assim que Naev agarrou

a cintura de Mia, a garota sentiu um cheiro picante de fumaça. Algo podre lá embaixo.

– Ela os está irritando – disse a mulher.

– Vamos! – gritou Tric.

Mia soltou os cascos de Bastardo e esporeou forte; o garanhão disparou num galope rápido. Então o chão atrás deles explodiu; tentáculos se ergueram da areia estalando como chicotes cheios de ganchos. Mia ouviu um rugido estarrecedor na terra e vislumbrou um bico capaz de engolir Bastardo inteiro. Viu outro monte rasgando a terra na direção deles vindo do oeste. O trovejar dos cascos e os rugidos preenchiam seus ouvidos.

– Dois, bem como você falou! – gritou Mia.

A mulher de véu apontou para o norte.

– Galope na direção das carroças. A ferraria vai segurar os krakens.

– O que é ferraria?

– Vá!

E eles foram. Um galope furioso sobre o oceano de areia vermelho-sangue. Um olhar para trás: as duas trilhas convergiam e se aproximavam rápido. Ela se perguntava como as feras a rastreavam. Como sabiam que tinha sido *ela* a invocar a Escuridão. Um tentáculo rompeu a superfície, com a altura de dois andares, cheio de ganchos de osso enegrecido. Em meio a rugidos zangados que preenchiam o ar, mergulhou de volta para a terra.

A poeira fustigava os olhos dela. Bastardo bufava e as batidas dos cascos latejavam no seu peito. Mia agarrou as rédeas e apertou o galope, grata porque, apesar de o garanhão a odiar feito veneno, parecia odiar ainda mais a ideia de ser comido.

– Cuidado! – gritou Tric.

Mia olhou para a frente e viu outro rastro se aproximar do norte. Maior, mais rápido, fazendo a terra sacudir. Flores soltou um relincho aterrorizado.

– Parece que são três – disse Naev. – Desculpem...

Tentáculos jorraram do chão como as pétalas de uma flor mortífera. Mia olhou dentro da face da fera, um ser de bico cortante e ossos curvados. Quando Flores cortou para o leste a fim de evitar o behemote, Bastardo

finalmente percebeu que correria bem mais rápido sem dois caronas nas costas. E começou a coicear.

Mia tinha a vantagem dos estribos. Rédeas. Sela. Mas Naev estava montada na traseira de Bastardo sem nada além da cintura de Mia para ancorá-la. Bastardo coiceou de novo, chacoalhando as duas como bonecas de pano. E, sem um suspiro, Naev caiu do lombo do cavalo.

Mia cortou para o leste para seguir Tric, berrando para o garoto em meio ao caos:

– Perdemos Naev!

O dweymeri olhou por cima do ombro.

– Talvez eles parem para comê-la!

– Temos que voltar!

– Desde quando você é altruísta? É suicídio voltar lá!

– Não é altruísmo, imbecil. Eu dei a minha oferenda para ela!

– Ai, merda! – Tric apalpou a cintura. – Ela também está com a minha.

– Você pega Naev – decidiu Mia. – Eu distraio os bichos!

– ...*mia*... – disse o gato na sombra dela. – ...*isso é burrice*...

– Temos que salvar Naev!

– ...*o garanhão do garoto não vai querer voltar*...

– Porque está com medo! E você é capaz de consertar isso!

– ...*se eu o beber, não posso beber você*...

– Eu lido com meu medo! Você só lida com Flores!

Um suspiro vazio.

– ...*como quiser*...

Terra vermelha, rachada e perfurada, tremendo sob eles. Poeira nos olhos. Coração na boca. Ela sentiu Sr. Simpático pairar sobre a areia e aninhar-se na sombra de Flores, banquetecendo-se com o medo do garanhão. Já ela sentiu o próprio medo tornar-se uma enchente: um nó gélido no estômago esquecido havia tanto que quase se deixou dominar. Fazia tantos anos que não precisava encará-lo! Tantos anos com Sr. Simpático ao seu lado, bebendo cada gota para que ela fosse sempre corajosa.

Medo.

Mia puxou forte as rédeas, fazendo Bastardo parar. O garanhão torceu o focinho, mas obedeceu o aço na boca, batendo os cascos e bufando. Ela o fez dar meia-volta e viu que Naev estava de pé, uma mão nas costelas enquanto corria pela areia agitada.

– Tric, vá! – urrou Mia. – Encontro você na carroça!

Tric ainda parecia meio grogue por causa da tinta, mas fez que sim e disparou de volta à mulher caída e ao kraken que se aproximava. Flores corria rápido como um furacão rumo à monstruosidade, completamente sem medo, com o gato sem olhos agarrado à sua sombra.

O primeiro kraken emergiu atrás de Naev, cortando o ar com tentáculos do tamanho de um escaler. A mulher magra rolou e se esquivou, deslizando pelo meio de meia dúzia de golpes. Infelizmente, o sétimo a pegou: os ganchos rasgaram-lhe o peito e o ventre quando o tentáculo a puxou para cima. E mesmo naquele aperto terrível, ela recusou-se a gritar; em vez disso, pegou a faca e começou a golpear o animal.

As veias de Mia encheram-se de terror; as pontas dos dedos latejavam, os olhos estavam arregalados. A sensação era tão desconhecida que a garota só podia tentar não se afundar nela. Mas o medo de falhar era mais forte do que a perspectiva de morrer pelos tentáculos de um kraken; a lembrança das palavras da mãe no enforcamento do pai ainda estava gravada em seus ossos. E assim, ela juntou forças dentro de si e fez o que tinha que fazer.

Enrolou-se nas sombras, perdendo-se de vista nas costas do garanhão. O kraken que segurava Naev parou e seu corpo inteiro estremeceu. E com um uivo de dar calafrios até nos ossos, a fera largou a presa na areia e voltou-se na direção de Mia com seus dois primos nadando rápido logo atrás.

A garota deu meia-volta e correu para se salvar.

Com dentes cerrados, viu de relance aquelas formas gigantescas rasgarem o chão atrás de si e mergulharem de novo como dragões-do-mar numa caçada. Além dos horrores, viu também Tric galopar a toda velocidade, puxar Naev para cima e jogar a mulher ferida na sua sela. Naev estava ensopada de sangue, mas Mia pôde ver que ainda se movia. Ainda estava viva.

Ela virou Bastardo para o norte, rumo à caravana. Os fiéis da Igreja não

eram burros: seus camelos já se afastavam depressa pela areia. Os krakens acompanhavam o ritmo do cavalo, e um deles bateu o tentáculo na areia a apenas dez metros de distância, fazendo o garanhão tropeçar com o tremor de terra. Altos rugidos e o zunido de seus corpos perfurando a terra enchiam os ouvidos de Mia. Perguntando-se como eles eram capazes de senti-la, Mia disparou rumo a um trecho deserto de rocha, rezando para que o chão ali fosse ao menos vagamente sólido.

Cerca de quarenta pilares de pedra erodida erguiam-se do deserto; um pequeno jardim rochoso no nada infinito. Tirando o manto de sombras, Mia costurou pelo meio das feras, que deixaram escapar rugidos frustrados. Com isso, a garota ganhou uma pequena vantagem e galopou até o outro lado das pedras enquanto os krakens tiveram que dar a volta. Melada de suor, com o coração latejando, ela se aproximava da caravana de camelos, palmo a palmo, passo a passo. Tric já os tinha alcançado, e um dos viajantes pegava o corpo sangrento de Naev enquanto outro armava uma balestra carregada com dardos grandes como cabos de vassoura.

Ela conseguiu ouvir a música metálica no vento; notou então que um dispositivo estranho estava atado à última carroça, ao lado da balestra. Parecia um xilofone grande feito com tubos de ferro. Um dos viajantes o golpeava como se o instrumento tivesse ofendido a sua mãe, enchendo o ar de ruído.

A ferraria, Mia se lembrou.

Mas, sob a cacofonia, ela conseguia ouvir os krakens atrás de si, a terra despedaçada por horrores do tamanho de casas. As coxas doíam, os músculos gemiam, e ela cavalgava com todas as forças. O medo aumentava dentro de si – uma coisa viva, que respirava, cravando as garras nas suas entranhas e obscurecendo o pensamento e a vista. Mãos trêmulas, lábios vacilantes, por favor, Mãe, tire isso daqui...

Por fim ela alcançou a última das carroças, e a ferraria a fez estremecer. Tric berrou, estendendo a mão. O coração da garota trovejava no peito. Os dentes batiam. E com as rédeas de Bastardo no punho bem fechado, ela se levantou em pernas incertas e saltou para o dweymeri.

O garoto a segurou, puxou-a contra o peito, duro feito mogno e ensopado de sangue. Tremendo nos braços dele, Mia levantou a cabeça e viu olhos castanhos, notando a forma como ele a encarava – alívio e admiração e algo um pouco além. Algo...

Ela sentiu Sr. Simpático esgueirar-se para sua sombra de novo e passar alguns instantes sobrecarregado pelo terror nas veias dela. E então ele bebeu, e suspirou, e nada daquilo permaneceu senão na memória. Mia voltou a ser ela mesma. Voltou a ser forte. Não precisava de ninguém. Não precisava de *nada*.

Balbuciando um obrigado, ela saiu dos braços de Tric e se esticou para amarrar Bastardo à lateral da carroça. Tric se ajoelhou ao lado do corpo ensanguentado de Naev para conferir se ainda estava viva. O fiel da Igreja no assento do cocheiro berrou mais alto do que a ferraria:

– Mãe Negra, o que você...

Um tentáculo explodiu da terra bem diante deles, assoviando. Cortou o tórax do cocheiro, partindo-o e o amigo em dois, as tripas e sangue espalhando-se enquanto a cobertura da carroça era despedaçada feito papel. Mia mergulhou no assoalho, os ganchos zunindo a centímetros da sua cabeça enquanto toda a estrutura balançava para o lado. Tric berrava e Bastardo gritava diante do kraken recém-chegado e seus urros furiosos. A balestra e seu atirador foram jogados para a areia com um só golpe. Os camelos desviaram em pânico, fazendo a carroça tirar as quatro rodas do chão. Mia saltou para pegar as rédeas abandonadas e fez o veículo pousar numa série de solavancos. Ela se arrastou até o assento do cocheiro e xingou ao ver por cima dos ombros as *quatro* feras que os perseguiam.

– Lembre-me de nunca mais invocar a Escuridão neste deserto de novo! – ela gritou para Senhor Simpático no meio da confusão.

– ...*não tenha dúvida*...

O fiel da Igreja que tocava o xilofone tinha sido derrubado pelo ataque do kraken e agora gemia enquanto um dos monstros o arrastava para a morte. Tric pegou o bastão caído do homem e começou a bater no aparelho. Ao mesmo tempo, Mia berrou para Naev:

– Para que lado fica a Igreja Vermelha?

A mulher respondeu com um gemido, ainda apertando as feridas no peito e na barriga. As piores deixavam Mia ver o brilho das entranhas lá dentro, e as roupas de Naev estavam empapadas de sangue.

– Naev, escuta! Para que lado vamos?

– Norte – a mulher balbuciou. – Para as montanhas.

– Que montanha? Tem dezenas!

– Não é a mais alta... nem a mais baixa. Nem a... que parece fazer uma careta, nem a que parece um velho tristonho ou uma muralha destruída. – Uma pausa para um suspiro entrecortado e cheio de saliva. – A montanha mais simples de todas.

A mulher gemeu e encolheu-se. A ferraria era quase ensurdecedora, e a enxaqueca de Mia saltitava dentro do crânio com alegre liberdade.

– Tric, já deu! – rugiu Mia.

– Isso espanta os krakens!

– Espanta os krakens... – gemeu Naev da poça do próprio sangue.

– Não espanta porra nenhuma! – berrou Mia.

Ela lançou um olhar para trás, só para o caso de aquela batucada dos demônios ter mesmo espantado as monstruosidades atrás deles, mas não, os quatro rastros de terra movente ainda os perseguiram bem de perto.

Bastardo galopava ao lado da carroça, preso pelas rédeas. O garanhão encarava Mia furioso, de vez em quando relinchando em tom de acusação na direção dela.

– Ah, cala a boca! – ela gritou para o cavalo.

– *...ele não gosta mesmo de você...* – sussurrou Senhor Simpático.

– Você não está ajudando!

– *...e o que ajudaria...?*

– Me explique como foi que nos metemos nisso!

O gato feito de sombras inclinou a cabeça para o lado, como em pensamento. Um urro enregelante dos behemotes fez a carroça estremecer nos eixos, mas os solavancos pelas dunas não o incomodavam nem um pouco. Ele olhava para as longas Ruínas Sussurrantes, para o horizonte entrecortado que se aproximava, para a dona acima dele. E falou com a voz de alguém que

revela uma verdade feia mas necessária:

– ...*foi basicamente tudo culpa sua...*

36 A Grande Partilha marcava (aproximadamente) o ponto médio entre duas veratrevas, e era uma das festas sagradas de Aa, tradicionalmente marcada pela troca de presentes entre entes queridos. Diz-se que a primeira Grande Partilha foi a viragem em que Aa deu às filhas o domínio sobre os elementos. Para Tsana, a primogênita, ele deu o domínio do fogo. Para Keph, a terra. Para Trelene, os oceanos. Nalipse ficou com a tempestade. Em retribuição, as filhas deram ao pai amor e obediência.

Dizem que Niah não deu nada às filhas, porque a Fauce não tem nada dentro de si para dar. Mas isso não passa de falsidades arrotadas pelos ministros da Igreja de Aa.

Para Keph, Niah deu os sonhos, para lhe fazer companhia em seu sono eterno. Para Trelene, deu o enigma; a escuridão profunda das águas fora do alcance da luz dos sóis. Para Nalipse, ela deu calma; a paz no olho da tempestade. E para Tsana? A primogênita que tanto a desprezava?

Para Tsana, deusa do fogo, Niah deu fome.

Fome sem fim.

37 Não era lama. Que pena.

38 Naturalmente, o número três possui grande significado em Itreya, e o culto ao Onividente é considerado a religião oficial da República. Contudo, é interessante notar que, mesmo noutras regiões, em que o culto a Aa não prevalece, o número três ainda possui uma significância cultural incalculável.

Veja Liis, por exemplo.

Nas viragens antes de os Andantes de Guerra do Colégio de Ferro marcharem por Liis e a conquistarem em nome do Grande Unificador, o rei Francisco I, os liisios adoravam seu próprio panteão: uma trindade composta pelo Pai, a Mãe e o Filho. Crianças nascidas na terceira viragem do mês eram consideradas abençoadas. O terceiro filho de um terceiro filho de um terceiro filho ingressava no clero liisio sem exceção. E, por fim, diziam que os reis liisios tinham três testículos – um sinal do seu direito divino de governar.

Embora os outros governantes, invejosos, não acreditassem, a afirmação foi comprovada definitivamente pelo rei Francisco I. Depois de capturar o último rei liisio, Lucius, o Onipotente, na Batalha das Areias Escarlates, o Grande Unificador removeu o escroto do monarca com sua própria adaga e deparou com três bolinhas, que pareciam lhe dirigir um olhar triste de dentro da bolsinha.

Embora grato pela confirmação da lenda, Lucius, o Onipotente, não gostou muito do método de verificação usado por Francisco.

Mas não teve muito tempo para lamentar.

39 Um fornecedor de fumo de alta qualidade, ótimos conhaques e da mais extensa coleção de litogravuras indecentes de toda Godsgrave.

40 Um grupo tinha partido para as Ruínas Sussurrantes umas três viragens antes, à frente de um longo comboio de cavalos sem carga. Por causa das armas à mostra, Mia os considerou ladrões de tumbas, mas na verdade eram peregrinos de uma facção marginal conhecida como kephianos. O grupo tinha sido convencido por seu líder – um homem chamado Emiliano Rostas – de que o tempo do despertar do grande Keph se aproximava, de que a Deusa Terra logo levantaria do sono e causaria o fim do mundo. Apenas os fiéis reunidos no Umbigo da Deus (que Emiliano acreditava estar situado no deserto ashkahi) se salvariam.

Quando lhe sugeriram que a jornada poderia ser mais perigosa do que simplesmente sentar e esperar Keph aparecer, Emiliano respondeu que ele e seus seguidores eram amados pela Deusa Terra, e que ela não permitiria que mal algum recaísse sobre eles.

Só podemos supor que os espectros que devoraram seus cadáveres não receberam o memorando da deusa.

41 O Lume: um fogo eternamente alimentado pela deusa Tsana dentro da barriga da dormente Deusa Terra, Keph. As chamas atraem os espíritos justos dos mortos, ficando mais luminosa e quente com cada alma que entra no pós-vida. Os itreyanos creem que o número dos mortos se tornará tão vasto que o fogo acordará Keph e o mundo acabará.

As almas perversas têm a entrada no Lume negada; perambulam no frio até serem consumidas por Niah. Às vezes, essas almas são mandadas de volta para o mundo dos vivos pela deusa a fim de torturar os justos e bons. Chamados de “desalumiados”, são figuras comuns no folclore, à espreita em tumbas abandonadas ou lugares de um mal terrível; raptam bebês e defloram virgens e provocam injustiças e aumentos ilógicos nos impostos.

42 Destilada do mecanismo de defesa dos leviatãs das profundezas, a tinta é um sedativo alucinógeno. A inoculação da droga induz uma sensação de bem-estar acompanhada da perda do controle dos músculos (na vida real, o leviatã usa a tinta para fugir de predadores; um borrifo da coisa costuma bastar para fazer até o mais faminto dos dragões brancos esquecer o jejum por um tempo). Usuários inveterados, contudo, sofrem perda de empatia, e em casos de uso exagerado, um descolamento completo da realidade.

Francisco XV, último rei de Itreya, era um tinteiro famigerado. Sob os efeitos do vício mesmo durante o levante que o destronou, relatam que permaneceu absolutamente maravilhado quando a sua guarda pessoal o declarou um traidor do povo. Sua rainha, Isabella, também viciada, teria rido às gargalhadas enquanto Francisco era esquartejado na sala do trono.

Imagina-se que ela tenha parado com a risada quando os republicanos voltaram suas espadas contra ela e seus filhos.

Capítulo 7

APRESENTAÇÕES

Mia abriu a porta da casa de penhores de Mercurio, e um sininho em cima do batente anunciou a sua chegada. A loja era escura e poeirenta, e estendia-se para todos os lados. As persianas estavam fechadas para bloquear a luz dos sóis. Mia lembrou-se da placa do lado de fora – “Bizarrices, Raridades & as Mais Finas Antiguidades”. Olhando para as prateleiras, viu muitas coisas bizarras. As outras partes da equação eram bem discutíveis.

Verdade seja dita, a loja parecia prestes a explodir de tanta tralha. Mia era capaz de jurar que era maior por dentro do que por fora, embora tivesse atribuído a impressão à sua falta de desjejum. Como que para lembrar a menina do seu abandono, a barriga roncou uma reclamação severa.

Mia avançou por entre as quinquilharias até chegar ao balcão. E lá, atrás de uma mesa de mogno entalhada em espirais que doíam nos olhos, ela encontrou a maior bizarrice dentro da Penhoras Mercurio: o proprietário em si.

O rosto dele parecia ser feito para caretas, e culminava com um tufo de cabelo curto e grisalho. Os olhos azuis apertavam-se por trás de óculos de arame que já tinham visto viragens melhores. Uma estátua de uma mulher elegante com cabeça de leão assentava-se ao lado dele sobre a mesa; na palma estendida, a figura segurava um globo arquêmico. O velho lia um livro do tamanho de Mia. Uma cigarrilha lhe pendia da boca e exalava um vago aroma de cravo. Permaneceu grudada nos lábios do velho quando este falou:

– Posso ajudar?

– Boa viragem, senhor. Que Aa Onipotente abençoe e guarde...

O velho deu uma batidinha na plaqueta de cobre sobre o balcão que repetia o aviso do lado de fora: “Não são bem-vindos enroladores, ralé ou

religiosos”.

– Perdão, senhor. Que as Quatro Filhas...

O velho bateu com mais força na plaqueta, encarando Mia de cara fechada.

A menina ficou calada. O velho voltou ao livro.

– Posso ajudar?

A menina limpou a garganta.

– Queria vender uma joia, senhor.

– Querer não é poder, menina.

Mia hesitou um pouco, mordeu os lábios. O velho retomou as batidinhas na plaqueta até a menina captar a mensagem, soltar o broche da roupa e o colocar na mesa. O pequeno corvo parecia olhá-la com seus olhos vermelhos de âmbar, como se magoado por ser empenhado àquele velho resmungão. Ela deu de ombros na tentativa de se desculpar.

– Onde você roubou isto?

– Não roubei, senhor.

Mercurio tirou a cigarrilha dos lábios e concentrou toda a atenção em Mia.

– Este é o selo da família Corvere.

– Bem notado, senhor.

– Darius Corvere teve uma morte de traidor ontem por ordem do Senado de Itreya. E corre na boca pequena que a sua família inteira foi trancafiada na Pedra Filosofal.⁴³

A menininha não tinha lenço, de maneira que assoou o nariz na manga da roupa e ficou calada.

– Quantos anos você tem, fedelha?

– Dez, senhor.

– Tem um nome?

Mia piscou surpresa. Quem aquele velho pensava que era? Ela era Mia Corvere, filha do justicus da Legião Luminatii. Medular de família nobre, uma das grandes doze casas da República. Não seria interrogada por um mero lojista. Especialmente quando lhe oferecia um item que valia mais do

que todo o lixo naquele buraco lúgubre junto.

– Meu nome não é da sua conta, senhor – respondeu Mia, cruzando os braços e fazendo o máximo para imitar a mãe quando lidava com um criado desobediente.

– Não é da sua conta? – Uma sobancelha gris arqueou. – Nome estranho para uma menina, não?

– Quer o broche ou não?

O velho pôs a cigarrilha na boca de novo e voltou ao seu livro.

– Não.

Mia piscou:

– É feito da melhor prata de Itreya. E...

– Some daqui – o velho retrucou sem levantar os olhos. – E leve seus problemas junto quando sumir, Senhorita Não-é-da-sua-conta.

As bochechas de Mia arderam de raiva. Ela pegou o broche da mesa e o pôs de volta no vestido, jogou o cabelo por cima do ombro e deu as costas para o velho.

– Um conselho – disse o velho, ainda sem olhar para cima. – Corvere e seu bando tiveram sorte de ser apenas enforcados. Seus seguidores malnascidos foram crucificados às margens do Choir. Dizem que as ruas do Senado vão ser pavimentadas com os crânios deles. Vários desses soldados têm família aqui. De modo que eu não andaria por aí com a marca de um traidor pendurada nas tetas, se fosse você.

As palavras atingiram Mia como uma pedra jogada na nuca. Ela virou-se para o velho com os dentes cerrados.

– Meu pai não era nenhum traidor – disparou.

Ela saiu da loja batendo os pés e a porta, e sua sombra espalhou-se pelo chão. A garota estava tão brava que nem notou.

De volta à praça, ela hesitou na frente da loja, apertando as mãos de raiva. Como ele ousava falar de seu pai daquela maneira? Ela estava quase decidida a entrar de novo e exigir um pedido de desculpas, mas sua barriga roncava e ela precisava de uma moeda.

Ela começou a descer até a algazarra do mercado a fim de procurar uma

barraca de joias, quando um garoto um pouco mais velho que ela surgiu desequilibrado no meio da multidão. Tinha um cesto de pães e doces nos braços, e antes que Mia pudesse dar um passo para o lado, com um palavrão e uma pequena explosão de açúcar, o garoto trombou de frente com ela.

Mia soltou um grito e caiu estatelada, o vestido polvilhado de branco. Da mesma forma, o garoto tombou para trás, e os pãezinhos espalharam-se na sujeira.

– Por que você não olha por onde anda? – vociferou Mia.

– Ai, Filhas, mil perdões, senhorita. Por favor, me perdoe...

O garoto pôs-se de pé e estendeu a mão para ajudar Mia a se levantar. Ele limpou o pó branco do vestido dela o melhor que pode, balbuciando desculpas o tempo todo. Em seguida, inclinou-se para pegar os pães caídos e enfiá-los de volta no cesto. Com um sorriso arrependido, tomou uma das tortinhas menos sujas da pilha e a ofereceu para Mia com uma leve mesura.

– Por favor, aceite isto em sinal de desculpas, mi dona.

A raiva de Mia arrefeceu com um ronco da barriga e, com um biquinho, ela pegou o doce da mão grudenta do garoto.

– Obrigada, mi don.

– É melhor eu ir embora. O humor do bom pai fica horrível se me atraso para a distribuição de esmolas – ele disse, então sorriu de novo para Mia e inclinou um chapéu imaginário. – Perdão de novo, senhorita.

Mia acenou com a cabeça e diminuiu a careta.

– Que Aa te abençoe e te guarde.

O garoto apressou-se pela multidão. Mia o observou partir, a raiva dissipando-se aos poucos. Olhou a tortinha na mão e sorriu à própria sorte. Desjejum grátis!

Ela encontrou um beco afastado da correria, levou a torta à boca e deu-lhe uma bela mordida. Seu sorriso retorceu-se nos cantos da boca, os olhos se arregalaram. Xingando, ela cuspiu o bocado no chão e jogou o resto da tortinha junto. A massa estava dura feito madeira, e o recheio azedo a não mais poder. Ela fez uma careta e limpou os lábios na roupa.

– Pelas Quatro Filhas! – exclamou. – Por que alguém...

Mia piscou. Baixou a vista para o vestido, ainda levemente polvilhado de açúcar. Lembrou-se das mãos do garoto apalpando-a. Maldisse a própria burrice e se deu conta, afinal, do esquema do garoto.

Ela estava sem broche.

No fim, a ferraria *espantou* os krakens.

Ao menos era o que Tric afirmava. Ele tinha passado quatro horas espancando o xilofone como se o instrumento lhe devesse moedas, e Mia achou que ele precisava de alguma justificativa. Conforme os perseguidores foram desistindo um a um, Sr. Simpático sugeriu que o solo estava ficando mais duro à medida que a caravana se aproximava das montanhas. Mia, não sem razão, tinha certeza de que as feras simplesmente tinham se cansado e ido atrás de uma presa mais fácil para devorar. Naev não arriscou nenhuma opinião, apenas permaneceu encolhida numa poça de sangue coagulado fazendo o máximo para não morrer.

Para falar a verdade, Mia não tinha muita certeza de que a mulher conseguiria.

Tric assumiu as rédeas depois de muita insistência. Sob o misericordioso silêncio que se fez após o garoto abandonar seu papel de percussionista, Mia ajoelhou-se ao lado da mulher inconsciente e se perguntou por onde começar.

As tripas de Naev tinham sido mascadas pelos ganchos do kraken, e um fedor de intestinos e vômito pendia no ar – só as Quatro Filhas sabiam como Tric aguentara aquilo com o seu faro afiado como uma faca. Boa conhecedora do cheiro de merda e morte, Mia simplesmente tentou deixar a mulher confortável. Não havia muito o que ela pudesse fazer de verdade; a sepsia terminaria o que a hemorragia começou. Sabendo o fim que esperava Naev, Mia julgou que seria um ato de misericórdia acabar com a vida da mulher.

Removendo o tecido de cima da barriga destroçada de Naev, Mia procurou algo com que atar as feridas, decidindo-se finalmente a usar o pano que envolvia o rosto da mulher. Ao levantar o véu da cabeça de Naev, Mia sentiu

Sr. Simpático inchar-se e suspirar enquanto bebia o pico de terror doentio que, do contrário, teria feito a garota gritar.

Ainda assim, foi por pouco.

– Sangue e abismo... – ela murmurou.

– O quê? – perguntou Tric, olhando por cima do ombro e quase caindo do banco. – Mãe Negra da Noite... o rosto dela...

Filhas, que rosto...

Chamar Naev de desfigurada seria o mesmo que chamar uma facada no coração de “leve desconforto”. A carne da mulher tinha sido esticada e retorcida num nó no lugar onde deveria estar o nariz. O lábio inferior estava murcho como o de uma enteada espancada, e o superior enrolava-se para cima, deixando os dentes à mostra. Cinco talhos cortavam-lhe o rosto, como se ele fosse feito de argila e alguém o tivesse *apertado*. Ao mesmo tempo, a cara hedionda era margeada por belos cachos de loiro avermelhado.

– O que pode ter causado isso?

– Não faço ideia.

– Amor – a mulher sussurrou com os lábios mascados cheio de saliva. – Apenas o amor.

– Naev... – começou Mia. – Suas feridas...

– Ruins.

– Boas é que não são.

– Levem Naev até a Igreja. Ela tem muito a fazer antes de se encontrar com a Bendita Senhora.

– Estamos a duas viragens das montanhas – disse Tric. – Talvez mais. Mesmo que cheguemos lá, você não está em condições de escalar nada.

A mulher sugou a saliva, tossiu sangue. Então levou a mão ao pescoço e puxou um cordão de couro do qual pendia um frasco prateado. Tentou sentar-se e soltou um gemido agoniado. Mia forçou-a para baixo de novo.

– Você não pode...

– Saia de cima dela! – rosnou Naev. – Ajude-a a se levantar. Puxe-a – ela continuou, apontando para a parte de trás da carroça. – Puxe-a para fora do sangue, para onde a madeira estiver limpa.

Mia não fazia ideia dos planos da mulher, mas obedeceu. Levantou Naev daquela poça coagulada e a arrastou até os fundos da carroça. E ali a mulher arrancou a rolha do frasco com os dentes e virou o conteúdo sobre as tábuas sem acabamentoo.

Mais sangue.

Vermelho brilhante, como se de uma ferida recém-aberta. Mia franziu a testa; Sr. Simpático encolheu-se no ombro dela e espiou a cena por trás da cortina de cabelo. E quando Naev começou a arrastar os dedos sobre a poça, o gato feito de sombras fez o melhor que pôde para ronronar, o que fez um calafrio descer pela espinha de Mia.

– ...*interessante*...

Naev estava escrevendo, Mia percebeu. Como se a poça fosse uma tábua e os dedos o pincel. As letras eram ashkahi – ela as reconhecia dos seus estudos, mas o ritual em si...

– Isso é feitiçaria de sangue – murmurou consigo.

Mas era impossível. A mágica dos ashkahis tinha sido extinta quando o império caíra. Ninguém via uma obraria de sangue de verdade desde...

– Como você faz isso? Essa arte está morta faz cem anos.

– Nem todos os mortos morrem de verdade – respondeu Naev, rouca. – A Mãe conserva... só o necessário.

A mulher rolou de barriga para cima e levou as mãos à barriga rasgada.

– Galope para as montanhas... a mais simples de todas.

Mia jurou ver lágrimas nos olhos dela. Naev continuou:

– Não lhe dê fim, garota. Deixe a misericórdia de lado. Se a Bendita Senhora... a levar, que seja. Mas não ajude Naev a ir. Ela ouve?

– Ouço.

Naev tomou a mão de Mia. Apertou. E então entregou-se de novo à escuridão.

Mia atou as feridas o melhor que pôde, o sangue lhe cobrindo até os pulsos; então tirou seu manto do alforje de Bastardo (o cavalo tentou mordê-la) e o enrolou sob a cabeça de Naev. Sentando-se ao lado de Tric no banco, olhou para as montanhas adiante. Uma cadeia de esporões negros estendia-se do

norte ao sul, alguns altos o bastante para terem cumes nevados. Um deles parecia um rosto fechado, bem como Naev descrevera. Outra cordilheira comprida podia ser a muralha destruída que ela mencionara. E, aninhada num esporão que parecia um velho triste, Mia viu o pico que se encaixava na descrição.

Era complementemente normal segundo os padrões do robusto granito pré-histórico. Não alto o bastante para estar envolto em gelo, nem evocava qualquer comparação com rostos ou formas. Apenas uma protuberância de rocha antiga no deserto vermelho-sangue. Do tipo que ninguém olha duas vezes.

– Ali – disse Tric, apontando para o esporão.

– É.

– Pensei que eles escolheriam algo com um ar mais dramático.

– Acho que essa é a intenção. Quem for procurar um ninho de assassinos não vai começar pela montanha mais entediante de toda a criação.

Tric acenou com a cabeça e presenteou-lhe com um sorriso.

– Muito sábio, Moça Branca.

– Não tema, don Tric – ela respondeu, retribuindo o sorriso. – Não vou deixar que me suba à cabeça.

Cavalgaram por mais duas viragens, com Tric de cocheiro e Mia ao lado de Naev. A garota molhou um pano para umedecer os lábios malformados, perguntando-se o que ou quem teria sido capaz de mutilar o rosto de uma mulher daquele jeito. Naev falava como que febril, conversando com algum fantasma, pedindo-lhe para esperar. Uma vez estendeu a mão para o ar, como se para acariciá-lo. E, ao fazer isso, os lábios retorceram-se numa paródia hedionda de sorriso. Senhor Simpático permaneceu ao lado da mulher o tempo inteiro.

Ronronando.

Tanto Flores como Bastardo estavam exaustos, e Mia temia que um dos dois começasse a mancar a qualquer momento. Parecia crueldade (até mesmo com

Bastardo) fazê-los correr ao lado da carroça sem necessidade. Tric e Mia não podiam mais voltar atrás; ou chegavam até a Igreja Vermelha ou morriam. Ela tinha visto cavalos selvagens pelos sopés recortados das montanhas e imaginou que devia haver água nas imediações. Então, relutante, propôs soltar a dupla.

Tric pareceu entristecer-se, mas viu a sabedoria da sugestão. Pararam a carroça e o garoto desatou Flores, deixando o garanhão tomar bons goles do seu odre. Ele passou a mão carinhosa pelo pescoço do cavalo e sussurrou suavemente:

– Você foi um amigo leal. Tenho certeza de que encontrará outro. Cuidado com os krakens.

Ele deu um tapa na traseira do cavalo, que saiu galopando a leste pela cadeia de montanhas. Mia desatou Bastardo. O garanhão a encarava com ódio mesmo enquanto ela esvaziava seu odre inteiro na goela dele. Ela meteu a mão no alforje e lhe ofereceu o último torrão de açúcar na palma da mão.

– Você merece. Acho que consegue voltar para Última Esperança, se quiser.

O garanhão baixou a cabeça e mordiscou de leve o torrão. Relinchou de leve, jogou a crina para o lado e aconchegou o focinho no ombro de Mia. E – enquanto a garota, sorrindo, lhe dava uns tapinhas de leve na bochecha –, abriu a boca e mordeu forte bem acima do seio esquerdo.

– *Seu filho de uma...*

O animal disparou pelas ruínas enquanto Mia dava pulos com a mão no peito, maldizendo o cavalo pelos Três Sóis e as Quatro Filhas e para quem mais quisesse ouvir. Bastardo seguiu Flores para o leste e desapareceu numa nuvem de pó.

– Posso dar um beijo para melhorar – sorriu Tric.

– Ah, vai se *foder*! – berrou Mia antes de rolar para a carroça e esticar-se sobre o assoalho.

Os dedos mancharam-se de sangue quando ela tocou a mordida, e a pele já inchava por baixo da camisa. Pela primeira vez na vida, agradeceu as Quatro Irmãs por não ser mais avantajada, então silvou entre dentes cerrados ao ouvir Sr. Simpático rindo de dentro da sombra.

– Mas ele era *muito bastardo...*

Naev esmaecia rápido e já não era possível fazer paradas – Mia receava que a mulher não durasse mais uma quasinoite, e o Primeiro de Septimus era a viragem seguinte. Se não chegassem à Igreja logo, não adiantaria encontrá-la depois. Já estavam no sopé da cadeia, e os montes os cobriam como os braços de um amante. Mia tinha lido que espectros habitavam onde os ventos uivavam mais forte, e esforçou-se para ouvir um riso fraco sobre a brisa sussurrante.

O sangue tinha engrossado sobre o assoalho da carroça, agora recoberto de moscas. A garota fazia o melhor que podia para afastar os insetos da barriga da Naev, apesar de saber que a mulher estava morta. A resolução de Naev já tinha acabado – quando estava inconsciente, gemia o tempo todo, e quando acordava, gritava até voltar a desmaiar. Ela estava no meio de um acesso de urros quando Tric parou a carroça. Mia levantou os olhos diante da ausência de movimento após viragens de galope, e sua voz saiu grossa de fadiga:

– Por que paramos?

– A não ser que você consiga botar asas nessas máquinas de cuspe – Tric apontou para os camelos irritados –, chegamos o mais longe possível.

A montanha erguia-se com seus despenhadeiros diante dos camelos, toda recortada e escarpada. Mia olhou ao redor, não vendo nada nem ninguém fora do comum. Então inclinou-se e agarrou o ombro de Naev, gritando mais alto que os gemidos dela:

– Aonde vamos agora?

A mulher encolheu-se e balbuciou sandices, crispando as mãos na barriga fétida. Tric desceu do banco e passou para o lado de Mia, o rosto sério. O fedor de dejetos humanos e sangue podre era opressivo. A agonia à mostra era insuportável.

– Mia...

– Preciso fumar – rosnou a garota.

Ela rolou para fora da carroça. Tric juntou-se a ela com um pulo, enquanto

Mia já acendia uma cigarrilha. O vento beliscava a franja da garota, que tragava fundo. Os dedos estavam incrustados de sangue. Naev ria e esfregava a parte de trás da cabeça no assoalho da carroça.

– Devíamos pôr um fim nisso – disse Tric. – É misericórdia.

– Ela nos disse que não.

– Ela está agonizando, Mia. Pela Mãe Negra, *escute*.

– Eu sei. Eu teria feito isso ontem, mas ela *me pediu para não fazer*.

– Então você está feliz em deixá-la morrer sorrindo?

– E eu pareço feliz, porra?

– Bom, e o que fazemos agora? Esta é a montanha mais simples, e se estende por quilômetros, até onde minha vista alcança. Não enxergo nenhum campanário, e você? Vamos continuar até cairmos de sede?

– Não sei mais do que você sobre o que faremos. Mas Naev nos disse para seguir nessa direção. Ela não fez aquela obraria de sangue só para cagar e rir. Alguém sabe que estamos aqui.

– Sim, a porra dos espectros do deserto! Escutam os gritos dela a quilômetros de distância!

– Então o que te move é o medo ou a misericórdia, don Tric?

– Não temo nada – ele rosnou.

– Senhor Simpático consegue cheirar o medo em você. E eu também.

– Para a Fauce com você – ele estrilou, puxando a faca. – Vou acabar com isso agora.

– Pare! – Mia o agarrou pelo braço. – Não.

– Me solta! – ele exclamou, afastando os dedos de Mia com um tapa.

A mão de Mia foi para o seu punhal. A mão de Tric para a sua cimitarra. As sombras dela alargaram-se em longos ramos que saíam das pedras e agitavam-se como uma música que só ela ouvia.

– Ela é o nosso único meio de encontrar a Igreja – disse Mia. – Além disso, foi por minha culpa que o kraken a pegou. E ela me pediu para não a matar.

– Ela não consegue nem baixar as calças antes de mijar, no estado em que está. E eu não prometi nada para ela.

– Não puxe essa espada, don Tric. As coisas vão ficar feias para nós dois.

– Desde o começo te achei fria, Mia Corvere – ele disse, balançando a cabeça. – Só não sabia quanto. Onde você guarda o coração que deveria estar no seu peito?

– Continue assim e enfio o seu goela abaixo, bastardo.

– Posso ser bastardo – disparou Tric. – Mas é você que escolhe ser uma filha da puta todas as viragens da sua vida.

Mia empunhava a faca, sorrindo.

– É a coisa mais bonita que você já me disse.

Tric puxou a cimitarra; seus belos olhos castanhos cravaram-se nos da garota. Ódio e confusão ferviam por trás do olhar dela. Um caldo engrossando na mente, silenciando o senso comum e berrando no fundo da sala. Ela percebeu que queria matar aquele garoto. Rasgá-lo da barriga à garganta e lavar as mãos nas suas entranhas. Meter-se dentro dele até os cotovelos e pintar os lábios e os seios com o seu sangue. Sua respiração acelerou quando apertou a mão entre as pernas, morte e luxúria debatendo-se em sua cabeça enquanto Sr. Simpático sussurrava das sombras:

– ...*esta não é você*...

– Quietos – ela vociferou. – Para a Fauce, demônio.

– ...*esses pensamentos não são seus*...

Tric avançava, os olhos apertados como o gume de uma lâmina, as veias tensas na garganta. Respiração pesada, pupilas dilatadas. Mia lançou um olhar para baixo da cintura dele e se deu conta de que ele estava *excitado*, que suas calças se avolumavam, e aquela visão fez sua respiração acelerar. Ela piscou para tirar o suor dos olhos e imaginou a sua lâmina entrando e saindo do peito dele, e a lâmina dele fazendo o mesmo no seu; imaginou o gosto do cobre na língua...

– Isto não está certo... – ela murmurou.

Tric atacou. Mia desviou e o golpe cruzado passou por cima da sua cabeça. Ela tentou um chute no saco, que ele bloqueou com o joelho; arriscou um segundo e acabou ela mesma de joelhos. Partiu para uma facada na barriga exposta, ciente de que aquilo *estava errado*, estava errado, e abortou o golpe no último instante, quando ele já desferia outro golpe que lhe passou por cima

da cabeça. Ele sorria como um louco, e ela achou graça naquilo. Tentando não rir, tentando pensar além do desejo de matar, de transar, de fazer as duas coisas ao mesmo tempo – deitar-se com ele dentro dela enquanto ambos se esfaqueavam e se mordiam e sangravam até o fim sobre a areia.

– Tric, pare – ela disse com esforço.

– Venha cá...

Com o peito arfante, a mão estendida, ela se aproximava apesar de si mesma. Resfolegando. *Querendo*.

– Algo está errado. Isto está errado.

– Venha cá – ele disse, perseguindo-a pela areia com as espadas erguidas.

– ...isto não é real...

Ela balançou cabeça, piscando .

– ...você é mia corvere... – disse Sr. Simpático. – ... lembre-se...

Ela estendeu a mão e sua sombra tremeu, esticando-se dos seus pés para envolver os do garoto. Ele logo ficou grudado na areia e arqueou o corpo para trás, os braços erguidos como que para defender-se de um golpe. A faca pesava na mão dela, puxando-a de volta, enchendo sua mente com a ideia de enfiá-la nele enquanto ele se enfiava nela, mas não, NÃO, aquela não era ela (*esta não sou eu*), e com um grito desesperado, ela atirou o punhal para longe.

Ela caiu de joelhos e deitou de barriga no chão, com os olhos cerrados. Balançou a cabeça e a areia lhe entrou nos dentes, expulsando a luxúria e o desejo de matar. Mia concentrou-se na ideia com que Sr. Simpático lhe presenteara, aferrando-se a ela como um homem que se agarra à palha para não se afogar.

– Eu sou Mia Corvere – ela arfava. – Eu sou Mia Corvere...

Um aplauso lento.

Mia levantou os olhos na direção daquele som sóbrio que ecoava em sua cabeça. Viu uma série de figuras ao seu redor, vestidas no vermelho do deserto, os rostos cobertos. Uma dúzia, reunida em torno de um homem esbelto com uma espada curvada na cintura. O cabo era feito à semelhança de corpos humanos com cabeças de felino – macho e fêmea, nus e enlaçados. A lâmina era de aço-negro de Ashkah.⁴⁴

– Mia? – Tric chamou, sua voz de volta ao normal.

Do seu berço de pó, Mia lançou um olhar para o homem que batia palmas. Era musculoso e bonito como um punhado de demônios. Tinha o cabelo cacheado, escuro, polvilhado de cinza. Seu rosto era o de um homem de trinta e poucos anos, mas os olhos profundos, cor de cacau, revelavam que tinha muitos anos atrás de si. Um meio sorriso esboçou-se nos cantos de seus lábios como se ele planejasse roubar a prataria de uma casa.

– Bravo – ele disse. – Não vejo alguém resistir tão bem à Discórdia desde Lorde Cassius.

O homem deu um passo à frente, e a roda de gente que o cercava se desfez de imediato. Começaram a descarregar a caravana e a tirar os arreios dos camelos exaustos. Quatro deles puseram Naev numa maca e a carregaram para o penhasco. Mia não via nenhuma corda ali. Nenhuma...

– Qual é o seu nome?

– Mia, mestre. Mia Corvere.

– E quem é o seu shahiid?

– Mercurio de Godsgrave.

– Ah, Mercurio enfim juntou coragem para mandar outro cordeiro para a Igreja do Morticínio? – O homem estendeu a mão. – Interessante.

Ela aceitou a mão oferecida e levantou da areia. Sua boca estava seca, o coração disparava. Ecos do desejo de matar e de transar ainda lhe vibravam nas veias.

– Você é Tric – disse o homem, voltando-se com um sorriso para o garoto. – Que possui o sangue mas não o nome do clã dos Três Dragões. Aluno de Adiira.

Tric concordou devagar com a cabeça e tirou as tranças da frente dos olhos.

– Isso.

– Meu nome é Mouser, servo de Nossa Senhora do Bendito Assassinato e Shahiid de Bolsos na Igreja Vermelha. – Uma breve medida. – Creio que vocês têm algo para nós.

A pergunta pairou como uma espada sobre a cabeça de Mia. Mil viragens. Quasinoites sem sono e dedos ensanguentados e veneno pingando das mãos.

Ossos quebrados e lágrimas ardentes e mentiras atrás de mentiras. Tudo que ela fizera, tudo que perdera – tudo convergia naquilo.

Mia levou a mão ao cinto, até a bolsa com os dentes.

Sua barriga gelou.

– *Não* – ela balbuciou.

Tateou a cintura, a túnica, os olhos cada vez maiores de pânico até se dar conta...

– Minha oferenda! Sumiu!

– Oh, querida – disse Mouser.

– Mas eu estava com ela até agora!

Mia procurou pela areia ao seu redor, temendo tê-la perdido na luta com Tric. Escavou a areia com lágrimas nos olhos. Senhor Simpático inchava-se e rolava dentro da escuridão da sombra dela, mas nem mesmo ele era capaz de conter por completo o seu terror. Só de pensar que tudo tinha sido para nada... Rastejando no chão, o cabelo embaraçado diante dos olhos, ela mordida os lábios e...

Clic, clic.

Ela levantou os olhos. Viu a bolsa de pele de cabra pendendo de dedos ágeis.

O sorriso de Mouser.

– Você devia ser mais cuidadosa, cordeirinha. Shahiid de Bolsos, como eu disse.

Mia se levantou e tomou a bolsa de volta com uma careta. Ao abri-la, contou os dentes lá dentro e os apertou até a mão ficar branca. Encarou o homem de alto a baixo, e a raiva cobriu seu terror por alguns instantes. Ela precisou resistir ao ímpeto de acrescentar os dentes dele à sua coleção.

– Isso foi cruel – ela comentou.

O sorriso do homem alargou-se, mas havia uma tristeza nos cantos daqueles velhos olhos.

– Bem-vinda à Igreja Vermelha – ele disse.

⁴³ A “Pedra Filosofal”, como era conhecida popularmente, era uma estreita língua de rocha no litoral de

Godsgrave, cercada por recifes impiedosos e profundezas infestadas de dragões-do-mar. No topo da pedra havia uma prisão abissal, escavada na rocha, dizem, pela própria Niah. Nesse poço Godsgrave despejava qualquer criminoso que não merecesse execução imediata. A prisão transbordava com salteadores e ladrões, e os administratíi sub-remunerados pareciam quase não se preocupar em alimentar e cuidar dos condenados, nem garantir que fossem soltos na data prevista.

Uma pena de um ano facilmente se estendia para três ou cinco até que os burocratas da prisão conseguissem examinar a papelada necessária. Assim, a maioria dos prisioneiros passava boa parte do seu tempo pensando profundamente sobre a injustiça, a natureza da criminalidade e sobre como o par de botas que roubaram não valia os cinco anos de prisão que pagaram por ele. Daí o apelido “Pedra Filosofal”.

Por causa da superlotação, o Senado de Itreya criou um método engenhoso e divertido de controle populacional conhecido como “o Descenso”, que se realizava de três em três anos, durante o Carnavalé da veratreva. Contudo, um incidente inexplicável durante o último Descenso – que coincidiu com a noite do Massacre de Veratreva – causou a destruição de grandes seções da Pedra Filosofal, e a própria rocha desmoronou parcialmente. Desde então, a prisão ficou abandonada; uma casca vazia, assimétrica, que dizem ser assombrada pelos fantasmas das centenas de pessoas assassinadas lá dentro, os horrores das suas mortes impregnados na pedra por toda a eternidade.

Buuu!

44 O aço-negro, também conhecido como “falso-ferro”, era um metal maravilhoso criado pelos feiticeiros ashkahis antes da queda do império. Negro como a veratreva, o metal nunca perdia o corte nem enferrujava, e podia ser amolado até um fio impossível. Dizem que os ferreiros ashkahis costumavam a cortar suas bigornas ao meio com lâmina de aço-negro recém-fundida para provar a sua qualidade – uma prática que a Guilda dos Bigorneiros de Ashkah aprovava de todo o coração.

Um conto famoso narra a história de um ladrão chamado Tariq que roubou uma lâmina de aço-negro de um príncipe de Ashkah. Na pressa de fugir, o ladrão deixou a lâmina cair, e ela cortou o chão e desceu até o fundo da terra. A enchente de fogo que emergiu da terra aberta queimou a cidade inteira. Morte por imolação tornou-se a pena para roubo em Ashkah – não importava o tamanho do crime, quem roubasse um pedaço de pão ou as joias da coroa seria atado a um pilar de terra e incinerado.

Algumas pessoas têm o dom de estragar tudo para todo mundo, não é mesmo?

Capítulo 8

SALVAÇÃO

– *Dois ferros e doze cobres – exclamou o garoto. – Esta noite comemos como reis. Ou rainhas. Conforme o caso.*

– *Quê? – A garota sebosa ao lado dele bufou. – Você quer dizer crucificados na Fileira dos Tiranos? Prefiro comer como um cônsul, se dá no mesmo pra você.*

– *Garotas não podem ser cônsules, mana.*

Três pivetes estavam agachados num beco não muito distante da agitação do mercado, com um cesto de pães vencidos atrás de si. O primeiro, o camarada de mão leve que trombara com Mia na praça. A segunda, uma garota com cabelo loiro seboso e pés descalços. O terceiro, um garoto um pouco mais velho, magricela e sujo. Vestiam roupas esfarrapadas, embora o maior tivesse um bom cinto de facas na cintura. O fruto do seu trabalho matutino estava disposto diante deles; um punhado de moedas e um corvo de prata com olhos de âmbar.

– *Isso é meu – disse Mia por trás deles.*

O trio se levantou rápido e virou para encarar a acusadora. Mia estava na boca do beco com as mãos nos quadris. O garoto maior puxou uma faca do cinto.

– *Devolva agora mesmo – disse Mia.*

– *Ou o quê? – rebateu o garoto, erguendo a arma.*

– *Ou vou chamar os luminatii. Eles vão cortar as suas mãos e jogar você no Choir, com sorte. Sem ela, podem te meter na Pedra Filosofal.*

O trio a brindou com risos de galhofa.

O preto aos pés de Mia ondulou. O medo dentro dela tornou-se nada. E cruzando os braços, ela estufou o peito, estreitou os olhos, e falou com uma voz que não reconheceu como sua:

– *De-vol-va.*

– Cai fora, sua putinha – disse o maior.

O rosto de Mia fechou-se numa carranca.

– Putinha?

– Corta ela, Shivs – disse o mais novo. – Abre um buraco novo nela.

Com as bochechas avermelhando, Mia olhou para o primeiro garoto.

– Seu nome é Shivs? Ah, é como o barulho das suas facas, né? – Ela olhou para o mais novo. – Então você é o Pulga? – E para a garota. – E deixe-me adivinhar, você é a Verme?⁴⁵

– Espertinha – disse a loira. E com passo leve foi para o lado de Mia, ergueu o punho e o enterrou na boca do estômago de Mia.

O ar saiu dos pulmões dela com uma tosse úmida enquanto ela caía de joelhos. Piscando, meio cega, Mia levou a mão à barriga e fez força para não vomitar. Dentro, espanto. Espanto e raiva.

Ninguém tinha batido nela antes.

Ninguém tinha ousado bater nela antes.

Ela tinha visto sua mãe em inúmeras disputas de ofensas na Espinha. Tinha visto homens reduzidos a formas gaguejantes pela dona Corvere, e mulheres levada às lágrimas. E Mia tinha estudado bem tudo aquilo. Mas as regras diziam que a parte ofendida devia responder com alguma farpa própria, não perder a cabeça e socar alguém como um bandido malnascido num beco...

– Hmmm... – resmungou Mia. – Certo.

Shivs atravessou o beco a passos largos e meteu a bota nas costelas dela. A loira (que na cabeça de Mia seria sempre a Verme) sorriu contente enquanto Mia vomitava o vazio do estômago. Voltando-se para o garoto menor, Shivs apontou para o butim.

– Junta tudo e vamos embora. Já deu...

Shivs sentiu algo afiado e frio como a morte perfurar suas calças. Baixou os olhos e deu com a faca que cutucava suas partes íntimas, com o pequeno punho que o agarrava forte. Mia tinha se enroscado na cintura dele e pressionava sua adaga contra o saco do garoto; o corvo do cabo olhava bem para Shivs com seus dois olhos de âmbar. O sussurro da garota saiu suave e

mortal:

– Eu sou putinha?

Agora, se isto fosse uma estorinha, nobre amigo, e Mia sua heroína, Shivs teria intuído a assassina que ela se tornaria e recuado tremendo. Mas a verdade é que o garoto era meio metro mais alto que Mia, e pesava uns trinta quilos mais do que ela. E ao baixar a vista para a menina na sua cintura, não viu a assassina mais temida de toda a República – só uma fedelha que não fazia ideia de como segurar uma faca, com o rosto tão perto do cotovelo que uma boa torção bastaria para a mandar pelos ares.

Então Shivs torceu. E Mia voou pelos ares.

Caiu na lama, segurando o nariz que sangrava, cega pelas lágrimas de agonia. O mais novo (que na cabeça de Mia seria sempre Pulga) arregalou os olhos e pegou a adaga caída da dona Corvere.

– Pelas Filhas, vejam isto!

– Joga aqui.

O menor a jogou pelo cabo. Shivs a pegou no alto e admirou o trabalho com olhos cobiçosos.

– Pelo pau de Aa, isto é ossário de verdade...

Pulga deu um chute forte nas costelas de Mia.

– Onde uma vagabunda que nem você arranj...

Uma mão enrugada pousou sobre o ombro do sujeito e o forçou contra a parede. Um joelho cumprimentou suas bolas, uma bengala retorcida convidou seu queixo para a dança.⁴⁶ Um golpe com as duas mãos na nuca o deixou sangrando no chão.

O Velho Mercurio assomava sobre ele, trajado num sobretudo comprido de couro gasto, com uma bengala na mão ossuda. Seus olhos azuis de gelo estavam estreitados, contemplando a cena e a garota estatelada e sangrando no chão. Ele olhou para Shivs e arreganhou os lábios num sorriso malicioso.

– Então essa é a brincadeira de vocês? Chutar bola? – Ele acertou uma bota selvagem nas costelas do jovem Pulga, que retribuíram com um estalo doentio. – Posso brincar também?

Shivs encarou enfurecido o velho e o camarada sangrando. E com um palavrão pesado, arremessou o punhal da dona Corvere contra a cabeça de Mercurio.

Foi um belo arremesso. Bem no meio dos olhos. Mas, em vez de morrer, o velho pegou a lâmina no alto, rápido como o fedor das margens do Rosa.⁴⁷ Escondendo o punhal dentro do sobretudo, Mercurio agarrou a bengala e, ao girar um anel, fez saltar uma lâmina escondida na madeira. Então avançou contra Shivs e Verme, empunhando a espada.

– Ah, regras de Liis, certo? Velha guarda? Tudo bem, então!

Shivs e Verme trocaram um olhar cheio de pânico. E, sem dizer nada, a dupla deu meia-volta e disparou pelo beco, deixando o pobre Pulga inconsciente na lama.

Mia estava de quatro no chão, as bochechas manchadas de lágrimas e sangue, o nariz sensível e inchado, latejando. Ela não conseguia enxergar direito. Não conseguia pensar.

*– Eu te disse que o broche só causaria problemas – resmungou Mercurio.
– Era melhor você ter ouvido, menina.*

Mia sentia um calor no peito. Os olhos ardiam. Outra criança talvez choramingasse pela mãe. Gritasse que o mundo não era justo. Mas, em vez disso, toda a raiva, toda a humilhação, a lembrança do pai morto, da mãe presa, da brutalidade e da tentativa de assassinato, junto com o roubo e a briga que ela não ganhara no beco – tudo se empilhou dentro dela como lenha numa fogueira e estourou num fogo brilhante e furioso.

– Não me chame de “menina” – rebateu Mia, enxugando os olhos com raiva. Ela se levantou apoiando-se na parede, depois tombou de novo. – Sou filha de um justicus. Primogênita de uma das doze casas nobres. Eu sou Mia Corvere, seu desgraçado!

– Ah, eu sei quem você é – disse o velho. – A pergunta é: quem mais sabe?

– Quê?

– Quem mais sabe que você é a fedelha do Faz-Rei, mocinha?

– Ninguém – ela desdenhou. – Não contei a ninguém. E não me chame de “mocinha” também.

Uma fungada.

– Você não é tão burra quanto eu pensava, então.

O velho olhou o beco. A praça do comércio. Por fim, olhou para a garota ensanguentada aos seus pés. E com algo próximo a um suspiro, estendeu-lhe a mão.

– Vamos, pequeno corvo. Vamos endireitar seu bico.

Mia limpou os lábios no punho, que voltou cheio de sangue.

– Não sei nada sobre o senhor – ela disse. – E confio menos ainda.

– Essas foram as primeiras palavras sensatas que ouvi você dizer. Mas se eu quisesse te matar, bastaria deixá-la aqui. Porque, sozinha, vai estar morta até a quasinoite.

Mia permaneceu onde estava, a desconfiança patente em seus olhos.

– Tenho chá – suspirou Mercurio. – E bolo.

A menina tentou abafar o ronco da barriga com as duas mãos.

– Bolo de quê?

– De graça.

Mia fez beicinho. Lambeu os lábios e sentiu gosto de sangue.

– É o meu favorito.

E tomou a mão do velho.

—*E*u disse que não vou vestir isso! – urrou Tric.

– Peço desculpas – disse Mouser. – Eu dei a entender que era um pedido?

Ao pé da montanha mais simples, Mia fazia o melhor para manter a cabeça no lugar. Os fiéis estavam reunidos perto da face do penhasco, todos com os braços cheio de equipamentos ou com um camelo a reboque. Mouser segurava duas vendas, que insistia para Mia e Tric usarem. Por algum motivo inexplicável, a perspectiva enfureceu Tric. Mia quase conseguia ver os pelos das costas do garoto dweymeri se eriçarem como os de um animal.

Embora não sentisse resquícios do estranho coquetel de ódio e desejo que a inundara antes, Mia pensou que talvez o amigo ainda estivesse sob aquela influência.

– Shahiid – ela disse a Mouser –, não estávamos em posse das nossas mentes quando chegamos...

– A Discórdia. Uma obraria feita na Montanha Silenciosa em eras passadas.

– Ele ainda sente os efeitos.

– Não. A obraria afeta o ânimo daqueles que chegam à Igreja sem... convite. E agora vocês são bem-vindos aqui. *Se* usarem vendas.

– Salvamos a vida dela – disse Tric, apontando para Naev. – E você ainda não confia em nós?

Mouser enfiou os polegares no cinto e abriu seu sorriso de prata. Sua voz era rica como um vinho d'ouro Doze Barris.⁴⁸

– Você ainda está vivo, não está?

– Tric, que diferença faz? – questionou Mia. – Só coloque a venda.

– Não vou pôr venda nenhuma.

– Mas viemos tão longe...

– E não vão dar um passo a mais – acrescentou Mouser. – Não com olhos abertos.

Tric cruzou os braços, furioso.

– Não.

Mia soltou um suspiro, passou a mão na franja e pediu:

– Shahiid Mouser, eu gostaria de um instante para conversar com meu instruído colega.

– Seja breve – disse o shahiid. – Se Naev morrer às portas da Igreja, o orador Adonai não ficará nem um pouco contente. Caso Nossa Senhora a leve, a responsabilidade recairá sobre as suas cabeças.

Mia se perguntou o que o shahiid queria dizer – as feridas do kraken eram fatais, Naev já era uma mulher morta. Ainda assim, ela tomou a mão de Tric e o arrastou pelo sopé retorcido da montanha. Quando já não podiam ser ouvidos, virou-se para o garoto, e seu famigerado mau humor começou a crescer devagar.

– Pelos dentes da Fauce, qual é o seu problema?

– Não vou. Prefiro cortar minha própria garganta.

– Vão fazer isso por você, se continuar desse jeito!

– Que tentem!

– É assim que eles fazem as coisas, é assim que deve ser! Você entende qual é o nosso status aqui? Somos acólitos! Rabeira da fila! Ou fazemos o que querem, ou eles fazem coisa pior.

– Não vou usar venda.

– Então não vai entrar na Igreja.

– Que a Fauce leve a Igreja!

Mia balançou o corpo nos calcanhares. Sua testa escurecia-se de rugas.

– *...ele está com medo...* – sussurrou Senhor Simpático da sombra da garota.

– Cala a boca, seu merdinha sem coração – rebateu Tric.

– Tric, do que você tem medo?

Senhor Simpático fungou o seu não-nariz, piscou seus não-olhos:

– *...do escuro...*

– Calado! – rugiu Tric.

Mia piscou, o rosto tomado de perplexidade.

– Você não está falando sério.

– *...perdão. não sabia que eu tinha sido rebaixado para o papel de alívio cômico...*

Mia tentou olhar nos olhos de Tric, mas o garoto fechou a cara, cabisbaixo.

– Tric, é sério que você veio treinar com os assassinos mais temidos da República e *tem medo da porra do escuro?*

Tric estava prestes a berrar de novo, mas as palavras morreram na língua. Com os dentes cerrados, as mãos apertadas em punhos, as tatuagens malfeitas retorcendo-se numa careta, ele admitiu:

– Não é do maldito escuro – um suspiro baixo. – É... é só de não conseguir enxergar. Eu...

Ele soltou o corpo no chão, chutou um punhado de terra ladeira abaixo e completou:

– Ah, dane-se...

A culpa inundou o peito de Mia, afogando a raiva de antes. Ela se ajoelhou ao lado do dweymeri com um suspiro e pôs a mão no braço dele para

reconfortá-lo.

– Sinto muito, Tric. O que aconteceu?

– Coisas ruins – respondeu Tric, esfregando os olhos. – Só... coisas ruins.

Ela tomou a mão dele e apertou, com uma consciência aguda do quanto ela tinha passado a gostar daquele garoto estranho. Vê-lo daquele jeito, tremendo feito uma criança...

– Posso levar seu medo embora – ela ofereceu.

– Levar embora?

– É. Bom, Senhor Simpático pode, na verdade. Por um tempo. Ele bebe medo. Respira-o. É o que o mantém por perto. É assim que ele cresce.

Tric franziu a testa para a criatura-sombra, e seus olhos encheram-se de asco.

– Medo?

Mia fez que sim.

– Faz anos que ele bebe o meu. Não tanto que eu perca a noção, claro. Mas o bastante para me fazer encarar uma briga de faca ou um roubo. Ele me fortalece.

– Isso não faz sentido – desdenhou Tric. – Se ele come o seu medo, você nunca aprendeu a lidar com ele sozinha. Isso não é força. É uma muleta.

– Bom, é uma muleta que estou disposta a emprestar para você, don Tric – emendou Mia, irritada. – Portanto, em vez de me passar um sermão sobre os meus defeitos, eu preferiria que você dissesse “obrigado, Moça Branca” e sentasse esse seu rabo infeliz num banco da Igreja antes que sejamos degolados e deixados para os krakens.

O garoto baixou a vista para as mãos de ambos, enlaçadas. Então acenou devagar com a cabeça.

– Obrigado, Moça Branca.

Ela se levantou e o ajudou a fazer o mesmo. Nem precisaram pedir nada a Sr. Simpático – o não-gato simplesmente fluiu pela intersecção das duas sombras. A ansiedade começou a comer as entranhas de Mia na hora, como se vermes frios lhe mordessem a barriga. Mas ela fez o máximo para esmagá-los com as botas, enquanto Tric marchava com ela pelo solo rachado, na direção

de Mouser.

– Prontos, então? – quis saber o shahiid.

– Estamos prontos – disse Tric.

Mia sorriu ao ouvir a voz dele, quase uma oitava mais grave. Ele apertou os dedos dela e fechou os olhos, permitindo que Mouser amarrasse a venda. Depois de vendar Mia, o shahiid pegou os dois pela mão e os conduziu pelo solo rachado. Mia ouviu uma palavra – algo antigo, vibrante de força. E então ouviu pedras; pedras rachando-se e tombando. O chão tremeu debaixo dos seus pés, e a poeira levantou numa mortalha sufocante. Ela sentiu um vento impetuoso, cheirou uma nota oleosa de arquemia no ar.

Mãos tomaram as suas e conduziram-na por solo rachado e pedra lisa. A temperatura caiu de repente; a luz além das pálpebras foi morrendo devagar. Estavam em algum lugar escuro agora; dentro da barriga da montanha, ela supôs. Mouser ainda a conduzia pela mão. Chegaram a uma escadaria e subiram por uma espiral cada vez mais ampla. Girando e girando. Uma leve vertigem tomou conta da sua cabeça, e todo o senso de direção – de onde vieram, para onde iam – começou a desaparecer. Para cima. Para baixo. Esquerda. Direita. Conceitos sem sentido. Sem lembrança. Ela sentiu um desejo quase irresistível de chamar Sr. Simpático de volta, de sentir aquele toque familiar sem o qual ela já não sabia mais viver direito.

Por fim, depois do que pareceram horas, Mouser soltou os dois. Mia vacilou por um instante. Imaginava-se no pico de uma montanha, nada ao redor a não ser uma queda para a morte. Braços abertos para equilibrar-se. Respiração forte.

– Volte – ela sussurrou.

Ela sentiu o não-gato retornar como uma enchente, investir contra o frio na sua barriga e desfazer um a um os nós do seu estômago. A venda foi retirada e ela piscou. Viu um salão enorme, maior que o interior da mais grandiosa das catedrais. Paredes e piso de granito escuro, lisos como pedras de rio. Uma luz arquêmica suave brilhava atrás de belas janelas com vitrais, dando a impressão de que os sóis brilhavam lá fora – quando na verdade eles talvez estivessem quilômetros montanha adentro. Tric estava ao lado de Mia,

contemplando o ambiente. Arcos ogivais e enormes pilares de pedra formavam um círculo de frontões altivos aparentemente esculpidos no próprio núcleo da montanha.

– Por Trelene... a grande... suave...

As palavras faltaram ao garoto quando ele olhou para o coração do salão. Mia seguiu seu olhar e viu a estátua de uma mulher, joias pendendo das vestes de marfim como estrelas. A figura era colossal, erguendo-se vinte metros sobre eles, esculpida em pedra negra e brilhante. Pequenos anéis de ferro estavam incrustados na rocha, à altura da cabeça. Nas mãos, ela portava uma balança e uma espada enorme e maligna, larga como um tronco, afiada como obsidiana. O rosto era belo. Terrível e frio. Mia sentiu um calafrio descer pela espinha, e os olhos da estátua a acompanharam conforme se aproximava.

– Bem-vindos ao Salão dos Elogios – disse Mouser.

– Quem é ela?

– A Mãe – Mouser tocou os olhos, depois os lábios e depois o peito. – A Fauce. Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Niah Onipotente.

– Mas... ela é linda – balbuciou Mia. – Nas imagens que vi, ela era monstruosa.

– A Luz é cheia de mentiras, acólita. Os Sóis servem apenas para nos cegar.

Mia circulou pelo imponente salão, passando as mãos pela textura espiralada da pedra. As paredes continham centenas de portinholas, cada uma com meio metro de área, empilhadas como se fossem tumbas de um grande mausoléu. O único som era a melodia do que talvez fosse um coro, pairando incorpóreo no ar. O hino era belo, sem palavras, sem fim. O lugar transmitia uma sensação diferente de qualquer outro que ela visitara. Não havia altares nem frisos dourados, mas pela primeira vez na vida ela sentia que estava num lugar... santificado.

Senhor Simpático sussurrou na orelha dela:

– ...gostei *daqui*...

– O que são esses nomes, shahiid? – indagou Tric.

Mia piscou e percebeu que o chão sob seus pés estava gravado com nomes. Centenas – milhares – sulcados em letras minúsculas sobre a pedra negra e

lisa.

– Os nomes de cada uma das vidas reclamadas por esta Igreja para a Mãe.
– O homem fez uma reverência para a estátua. – Aqui honramos quem foi tomado. O Salão dos Elogios, como eu disse.

– E as tumbas? – perguntou Mia, apontando para as paredes com a cabeça.

– Abrigam os corpos dos servos da Mãe que foram para o lado dela. Além daqueles que levamos, aqui também honramos os caídos.

– Mas não há nomes gravados nessas tumbas, shahiid.

Mouser encarou Mia. O coral fantasmagórico cantava no escuro.

– A Mãe sabe seus nomes – ele disse afinal. – Ninguém mais importa.

Mia piscou, elevando os olhos para a estátua que se erguia acima de sua cabeça. A deusa a quem a Igreja pertencia. Terrível e bela. Incognoscível e poderosa.

– Venham – disse o Shahiid Mouser. – Seus aposentos os aguardam.

Ele os conduziu para fora do salão grandioso através de um dos amplos arcos pontiagudos. Um grande lance de escadas espiralava-se pela escuridão. Mia se lembrou da vara de salgueiro do Velho Mercurio e das malditas escadas da biblioteca, que ele a obrigara a subir e descer correndo tantas vezes que ela perdera a conta. Sorriu com a lembrança, ao mesmo tempo que agradecia o velho pelo exercício, agora que subia em passadas compridas e tranquilas.

Os dois subiram com o Shahiid de Bolsos logo atrás, silencioso como a peste.

– Mãe Negra – arfou Tric. – Deveriam chamar isto de Escadaria Vermelha...

– Você está bem? – cochichou Mia. – Senhor Simpático ajudou?

– Sim, e como... – O garoto balançou a cabeça. – Olhar para dentro de si e só encontrar aço... Nunca tinha sentido algo assim. Esqueça o que eu disse sobre a muleta. Ser sombrio deve ser uma coisa maravilhosa.

Por fim, eles chegaram ao topo da escada e entraram por um longo corredor. Os arcos estendiam-se pelo preto sem lume, texturas espiraladas em todas as paredes. O Shahiid Mouser parou diante de uma porta de madeira e a

abriu. Mia deparou com um cômodo espaçoso, mobiliado em bela madeira escura e com uma cama enorme coberta por uma suntuosa pele cinza. A visão fez seu corpo doer. Ela não dormia havia duas quasinoites...

– Seus aposentos, acólita Mia – disse Mouser.

– Onde eu fico? – quis saber Tric.

– No fim do corredor. Os outros acólitos já estão instalados. Vocês dois são os últimos a chegar.

– Quantos são? – questionou Mia.

– Quase trinta. Não vejo a hora de descobrir quem é de ferro e quem é de vidro.

Tric despediu-se com um aceno de cabeça e seguiu Mouser pelo corredor. Mia entrou e deixou a bolsa perto da porta. O hábito a forçou a revistar cada canto, gaveta e fechadura. Terminou espiando embaixo da cama antes de desmoronar sobre ela. Pensou na possibilidade de desamarrar as botas, mas decidiu que estava exausta demais para se dar ao trabalho. E, jogando-se novamente sobre os travesseiros, lançou-se ao sono mais profundo que já teve na vida.

Um gato feito de sombras empoleirou-se na cabeceira e guardou seus sonhos.

Mia acordou com o suspiro frio de Sr. Simpático em sua orelha.
– ...alguém se aproxima...

Os olhos se abriram rápidos como um raio. Mia sentou-se na cama enquanto batidas leves soavam na porta. Ela puxou a adaga e tirou o cabelo dos olhos incrustados de areia. Por um momento, esqueceu-se de onde estava. De volta ao seu velho quarto em cima da loja de Mercurio? De volta às Costelas, com o irmão bebê dormindo ao seu lado, com os pais no quarto contíguo...

Não.

Não olhe...

– Entre? – chamou, insegura.

A porta se abriu devagar e uma figura enfaixada em trajes pretos entrou e cruzou o quarto, até parar ao pé da cama. Mia ergueu a lâmina de ossário, alerta.

– Ou você escolheu o quarto errado ou a garota errada...

A intrusa levantou as mãos e baixou o capuz. Mia viu cachos loiros avermelhados e olhos familiares, espiando por entre os véus de tecido negro.

– Naev...?

Mas era impossível. As tripas da mulher tinham sido trituradas pelos ganchos do kraken. Depois de dois dias apodrecendo sob os sóis, seu sangue deveria estar nadando em veneno. Como, pela Fauce, ela foi capaz de sobreviver, quanto mais estar andando e falando?

– Você deveria estar morta...

– Deveria. Mas não está. – A mulher magra curvou a cabeça. – Graças a ela.

Mia fez que não.

– Você não precisa me agradecer.

– Mais do que agradecer você. Arriscou a vida para salvar Naev. E Naev não se esquecerá.

Mia recuou quando Naev tirou uma faca escondida de dentro da manga, e Sr. Simpático inflou-se na sombra da garota. Mas Naev passou a faca pela palma da própria mão; o sangue brotou do corte e espargiu-se no chão.

– Ela salvou a vida de Naev – disse a mulher. – Então agora, Naev deve. Sobre o próprio sangue, à vista da Mãe Noite, Naev jura.

– Você não precisa fazer isso...

– Está feito.

Naev se abaixou e começou a desamarrar as botas de Mia. Mia deu um gritinho e sentou sobre os pés. A mulher tentou abrir os nós na camisa de Mia, e a garota afastou seus dedos com um tapa, recuando na cama com as mãos erguidas.

– Escute...

– Ela precisa se despir.

– Você escolheu *mesmo* a garota errada. E a maioria das pessoas oferece

uma bebida antes.

Naev pôs as mãos nos quadris.

– Ela precisa se banhar antes de encontrar o Ministério. Se Naev pode falar às claras, ela fede a cavalo e excremento, seu cabelo está mais seboso do que pão doce liisio, e ela está pintada de sangue seco. Se ela quer participar do batismo da congregação da Bendita Senhora parecendo um selvagem dweymeri, Naev recomenda que se poupe do trabalho e simplesmente se jogue do Altar Celeste agora.

– Espera... – piscou Mia. – Você falou banho?

– Naev falou.

– Com água? – Mia se levantou nos joelhos com as mãos no peito. – E sabonete?

A mulher fez que sim.

– Cinco tipos.

– Pelos dentes da Fauce – disse Mia, abrindo a camisa. – Você escolheu a garota certa, afinal.

Figuras escuras estavam reunidas sob o olhar da deusa de pedra, banhadas pela luz incolor.

Fazia doze horas que Mia tinha chegado à Montanha Silenciosa. Quatro desde que acordara. Vinte e sete minutos desde que tinha sido arrastada do banho até o Salão dos Elogios, deixando para trás uma espuma de sangue e imundície que, com mais algumas viragens de gestação, poderia sair andando sozinha.

A túnica suave ao toque, o cabelo amarrado numa trança úmida. O aroma do sabonete pairava a seu redor. Ela virou para olhar os outros acólitos: vinte e oito no total, todos vestidos de um cinza sem tom. Um garoto brutamontes de Itreya com punhos que pareciam marretas. Uma jovem tensa com cabelo ruivo e curto, olhos repletos de uma esperteza lupina. Um dweymeri imenso, com tatuagens faciais sofisticadas e ombros capazes de suportar o mundo. Dois vaanianos loiros e sardentos – irmão e irmã, ao que parecia. Um garoto

magrelo com olhos azuis de gelo, no fim da fila, ao lado de Tric, que estava tão imóvel que ela quase sentia a falta dele. Todos mais ou menos da mesma idade que ela. Todos duros, famintos e silentes.

Naev estava perto de Mia, envolta em sombras. Outras figuras de preto também estavam, silenciosas, à beira da escuridão; homens e mulheres, com dedos enlaçados como penitentes numa catedral.

– Mãos – sussurrara Naev. – Ela encontrará dois tipos na Igreja Vermelha. Aquelas que recebem as vocações, fazem oferendas... o que a gente comum chama de assassinos, certo? Chamamos de Lâminas.

Mia concordou com a cabeça.

– Mercurio me falou.

– O segundo tipo é chamado de Mão – continuou Naev. – Há vinte Mãos para cada Lâmina. Mantêm a Casa dela em ordem. Gerenciam as coisas. Buscam suprimentos, como Naev. Não mais do que quatro acólitos se tornam Lâminas. Aqueles que sobrevivem ao ano, mas não conseguem passar no teste, se tornam Mãos. Outras pessoas apenas vêm aqui servir a deusa como podem. Nem todos são capazes de assassinar em nome dela.

Então é assim. Só quatro de nós vão conseguir.

Mia assentiu com a cabeça enquanto observava as figuras de trajes negros. Forçando a vista no escuro, conseguia enxergar a cicatriz arquêmica da escravidão em algumas bochechas. Depois que todos os acólitos se juntaram sob o olhar da estátua, as Mãos recitaram um trecho da escritura, Naev com elas, cada um falando de cor:

*Ela que é tudo e nada,
Primeira e última e sempre,
Negro perfeito, Treva Faminta,
Agora, e na hora da nossa morte,
Rogai por nós.*

Um sino tocou suave em algum lugar do breu. Mia sentiu Sr. Simpático enrolado aos seus pés, sorvendo forte. Ouviu passos e viu uma figura aproximar-se vinda das sombras. As Mãos levantaram as vozes em uníssono.

– *Mouser, Shahiid de Bolsos, rogai por nós.*

Uma figura familiar subiu no estrado ao redor da base da estátua. Rosto belo e olhos idosos – o homem que havia encontrado Mia e Tric do lado de fora da Montanha. Trajava cinza, e o único adorno era a espada de aço-negro. Assumiu seu lugar, encarou os acólitos, e com um sorriso de brilho comparável à prataria e aos candelabros, falou:

– Vinte e seis.

Mia ouviu mais passos, e as Mãos falaram de novo:

– *Mataranhas, Shahiid das Verdades, rogai por nós.*

Uma mulher dweymeri esgueirou-se pelo breu, alta e grave, com costas tão retas quanto os pilares ao redor. Cabelo longo em tranças bem-feitas e limpas, escorrendo pelas costas como cordas. Sua pele era escura como a do seu povo, mas ela não tinha tatuagens no rosto. Parecia uma estátua ambulante, esculpida em mogno. As mãos crispadas estavam manchadas do que talvez fosse tinta. Os lábios estavam pintados de preto. Uma coleção de frascos de vidro pendia do cinto, ao lado de três adagas curvadas.

Ela assumiu seu lugar no estrado e falou com voz forte e ativa:

– Vinte e nove.

Mia observou em silêncio, mordendo os lábios. E embora Mercurio a tivesse ensinado bem a arte sutil da paciência, a curiosidade acabou levando a melhor:⁴⁹

– O que eles estão fazendo? – Mia cochichou para Naev. – Qual o significado dos números?

– Sua contribuição para a deusa. O número de oferendas que realizaram em nome dela.

– *Solis, Shahiid das Canções, rogai por nós.*

Mia observou um homem avançar das sombras a passos largos, também vestido de cinza. Era uma figura descomunal, com bíceps do tamanho das coxas dela. O cabelo estava raspado até o talo, tão loiro que era quase branco, e a cabeça era riscada de cicatrizes. A barba terminava em quatro pontas no queixo. Usava um cinturão para espada, mas a bainha estava vazia. Ao assumir seu lugar, Mia olhou bem para os seus olhos e percebeu que ele era cego.

– Trinta e seis – ele disse.

Trinta e seis assassinatos? Pelas mãos de um cego?

– *Aalea, Shahiid das Máscaras, rogai por nós.*

Outra mulher caminhou devagar até a luz branda; balançava o corpo, toda curvas e pele de alabastro. Mia viu-se boquiaberta: a recém-chegada era com certeza a mulher mais bonita em que já pusera os olhos na vida. Cabelo negro e espesso esparramando-se até a cintura, olhos escuros bem delineados, lábios pintados em vermelho-sangue. Ela estava desarmada, aparentemente.

– Trinta e nove – ela disse, com uma voz como fumaça doce.

– *Reverenda Mãe Drusilla, rogai por nós.*

Uma mulher surgiu da escuridão, silenciosa como a morte súbita. Idosa, cabelo ondulado e grisalho partido em tranças. Uma chave de obsidiana pendia do pescoço numa correntinha de prata. Ela parecia ser uma velhinha simpática; os olhos reluziam enquanto examinava o grupo. Mia não estranharia se a encontrasse numa cadeira de balanço ao lado de uma lareira, netos no colo e uma xícara de chá perto do cotovelo. Aquela não podia ser a ministra-chefe do bando mais mortal de...

– Oitenta e três – a velha disse ao assumir seu lugar no estrado.

Que a Fauce me leve! Oitenta e três...

A Reverenda Mãe olhou para o grupo com um sorriso bondoso nos lábios.

– Dou-lhes as boas-vindas à Igreja Vermelha, filhos – ela disse. – Vocês viajaram quilômetros e anos para estarem aqui. Ainda têm quilômetros e anos à frente. Mas, no fim da jornada, serão Lâminas, brandidas para a glória da deusa no mais sagrado dos sacramentos. Aqueles que sobreviverem, claro.

A velha fez um gesto para as quatro figuras ao seu redor.

– Obedeçam às palavras do seu shahiid. Saibam que tudo o que vocês eram antes deste momento está morto. Que, uma vez que se consagrarem à Fauce, serão dela e somente dela.

Uma figura de túnica com uma vasilha prateada subiu para o lado da Reverenda Mãe, que em seguida convocou Mia:

– Apresente a sua oferenda. Os resquícios de um matador, que foi morto e ofertado à Nossa Senhora da Bendita Morte nesta hora do seu batismo.

Mia deu um passo à frente com a bolsa na mão. O estômago se revirava, mas as mãos estavam firmes feito pedra. Ela assumiu seu lugar diante da velha com seu sorriso gentil, olhando direto nos olhos azuis-claros. Sentiu-se medida. Perguntou-se se seria considerada indigna.

– Minha oferenda – ela disse com esforço. – Para a Fauce.

– Eu a aceito em nome dela e com a gratidão dela em meus lábios.

Mia soltou um suspiro ao ouvir a resposta, e quase caiu de joelhos quando a Reverenda Mãe a abraçou e beijou-lhe as duas bochechas com seus lábios frios como o gelo. Ela apertou Mia com força, e a garota respirou fundo e piscou para conter as lágrimas quentes. Em seguida, a anciã voltou-se para a vasilha de prata e enfiou os dedos finos como gravetos dentro dela, então os tirou logo em seguida. Eles pingavam vermelho.

Sangue.

– Diga o seu nome.

– Mia Corvere.

– Você jura servir à Mãe da Noite? Jura aprender a morte em todas as suas cores e a levar em nome dela a quem a merecer e a quem não a merecer? Jura tornar-se uma acólita de Niah e instrumento terreno da escuridão entre as estrelas?

Mia viu-se com dificuldade para respirar.

Tomou um fôlego comprido antes do salto.

– Eu juro.

A Reverenda Mãe apertou a palma contra o rosto dela e esfregou o sangue na sua pele. Ainda estava morno, e o cheiro de sal e cobre enchia os pulmões da jovem. A anciã marcou uma bochecha, depois a outra, antes de finalmente traçar uma mancha longa pelos lábios e queixo de Mia. A garota sentiu a gravidade do momento nos ossos, como se estivesse à beira de um abismo. A Mãe acenou com a cabeça e Mia se afastou, abraçando a si mesma, lambendo o sangue dos lábios, quase chorando ou rindo. Estava um passo mais perto de vingar sua família. Um passo mais perto da cova de Scaeva.

Foi então que se deu conta de que estava lá.

Estou aqui.

O ritual foi repetido, os acólitos apresentaram suas oferendas um a um. Alguns levaram dentes, outros olhos: o garoto alto com mãos de marreta levou um coração em decomposição envolto em veludo preto. Mia se deu conta de que não havia sequer um deles ali que não fosse assassino. De que não havia na República uma sala mais perigosa do que aquela em que ela estava naquele exato momento.⁵⁰

– Seus estudos começam pela manhã – disse a Reverenda Mãe. – A virada será servida no Altar Celeste em meia hora.

Ela gesticulou para a fileira de figuras encapuzadas e continuou:

– As Mãos estarão à sua disposição se precisarem de guias, e eu recomendo que não as dispensem até se situarem. Pode ser difícil se orientar pela Montanha no começo, e perder-se num desses salões pode ter... consequências tristes. – Os olhos azuis cintilaram na escuridão. – Andem devagar. Aprendam bem. Que Nossa Senhora tarde a encontrá-los. E quando encontrar, que os cumprimente com um beijo.

A anciã fez uma reverência e se retirou de volta às trevas. Os outros membros do Ministério saíram um a um. Tric aproximou-se de Mia e a cumprimentou com um sorriso; suas bochechas estavam vermelhas de sangue. Ele tinha tomado banho e esfregado o corpo, e até as tranças pareciam não ter mais vida própria.

– Você fez a barba – ela sorriu, maliciosa.

– Não se acostume com isso. Acontece duas vezes por ano.

Ele olhou bem para Naev, e seus olhos se arregalaram à medida que a reconhecia.

– Pela Senhora, como você...

– Nos encontramos de novo – a mulher magra falou enquanto se curvava. – Naev agradece a sua ajuda nas profundezas do deserto. A dívida não vai ser esquecida.

– Como você ainda anda e respira?

– Há segredos dentro de segredos neste lugar – disse.

– Corvere? – disse uma voz suave atrás de Mia.

Mia virou-se para a interlocutora. Era a garota que ela tinha notado; a ruiva

bonitinha com cabelo curto repicado e olhos verdes de caçadora. Com a cabeça inclinada, a examinava intensamente. O itreyano alto com mãos de marreta estava ao lado dela como uma sombra irritada.

– Na cerimônia – disse a garota –, você falou que o seu nome era Corvere.

– É – confirmou Mia.

– Por acaso você é parente de Darius Corvere? O ex-judicus?

Mia mediu a garota mentalmente. Esbelta. Ligeira. Rija feito madeira. Mas quem quer que fosse, Mia tinha certeza de que Scaeva e seus capangas não teriam aliados dentro daquelas paredes; Remus e seus luminatii tinham jurado eliminar a Igreja Vermelha desde o Massacre da Veratreva, afinal. Ainda assim, Mercurio tinha insistido que Mia abandonasse seu nome ao cruzar a porta do lugar. Foi uma das poucas coisas pelas quais discutiram. Idiotice, talvez. Mas a morte do pai tinha sido o único motivo de ela ter começado a percorrer aquele caminho. O nome Corvere tinha sido apagado da história por Scaeva e seus lacaios – ela não o deixaria na lama, não importava o que lhe custasse.

– Sou filha de Darius Corvere – respondeu Mia, afinal. – E você é?

– Jessamine, filha de Marcinus Gratianus.

– Peço desculpas, mas eu deveria ter ouvido falar dessa pessoa?

– Primeiro centurião da Legião Luminatii – respondeu a garota, afrontada. – Executado por ordem do Senado de Itreya depois da Rebelião Faz-Rei.

O rosto de Mia se suavizou. Pela Mãe Negra, aquela era a filha de um dos centuriões do pai dela! Uma garota igual a ela – tornada órfã pelo cônsul Scaeva e pelo justicus Remus e o resto daqueles bastardos. Era alguém que conhecia o gosto da injustiça tão bem quanto ela.

Mia estendeu-lhe a mão.

– É um prazer, irmã. Meu...

Jessamine afastou a mão com um tapa; seus olhos faiscavam.

– Você não é minha irmã, sua vadia.

Mia sentiu Tric bufar ao seu lado, e os não-pelos de Sr. Simpático se eriçarem na sombra a seus pés. Ela esfregou a mão estapeada e falou com cuidado:

– Sinto pela sua perda. De verdade. Meu pai...

– Seu pai era um traidor de merda – vociferou Jessamine. – Os homens dele morreram por terem honrado seus juramentos a um justicus idiota, e agora os crânios deles são o calçamento da escadaria do Senado. Tudo por causa do poderoso Darius Corvere.

– Meu pai era leal ao general Antonius – disse Mia. – Ele também tinha juramentos a honrar.

– Seu pai era um pau-mandado do caralho – disparou Jessamine. – Todo mundo sabe por que ele seguiu Antonius, e não tinha *nada* a ver com honra. Meu pai e meu irmão foram *crucificados* por causa dele. Minha mãe morreu de desgosto no Asilo de Godsgrave. Nenhum deles foi vingado.

A garota deu um passo à frente e apertou os olhos antes de continuar:

– Mas não por muito tempo. É melhor você arranjar olhos na parte de trás da cabeça, Corvere. É melhor começar a ter sono leve.

Mia olhou a garota de alto a baixo, sem piscar, enquanto Sr. Simpático inchava sob seus pés. Naev chegou perto da ruiva e murmurou-lhe ao ouvido:

– Ela vai se afastar. Ou vai ser afastada.

Jessamine firmou o queixo e olhou para a mulher. Depois de uma troca de olhares que se estendeu por quilômetros, a garota deu meia-volta e foi embora lentamente. O itreyano enorme foi logo atrás. Mia percebeu que as unhas lhe cortavam a palma da mão.

– Você sabe mesmo como fazer amigos, Moça Branca.

Mia voltou-se para Tric, que estava sorrindo, embora a mão dele também estivesse dentro da manga. Ela relaxou um pouco e se permitiu um sorriso também. Por pior que fosse em fazer amigos, ao menos tinha um dentro daquelas paredes.

– Venha – disse o garoto. – Vamos para a virada ou não?

Mia olhou outra vez para Jessamine, então correu os olhos pelos outros acólitos. Apercebeu-se, com mais consistência, do lugar em que se encontrava. Uma escola de matadores. Cercada por noviços e mestres na arte do assassinato. Ela estava lá. Era aquilo.

Hora de trabalhar.

– Virada parece uma boa ideia – ela concordou. – Não consigo pensar num lugar melhor para começar a vigia.

– Vigia? Por quê?

– Já ouviu o ditado que o caminho mais rápido para o coração de um homem é o estômago?

– Sempre cismeí com isso – Tric comentou de testa franzida. – Acho a caixa torácica um jeito bem mais rápido.

– É bem verdade. Mesmo assim, dá para aprender muito sobre os animais observando-os comer.

– Você é um pouco assustadora às vezes, Moça Branca.

Ela abriu um sorriso retorcido.

– Só um pouco?

– Na maioria das vezes, você é apenas aterrorizante.

– Vamos lá – ela disse, lhe dando um tapinha no braço. – Eu te pago uma bebida.

45 Mais coragem do que cérebro, nobres amigos. Mais coragem do que cérebro.

46 O queixo recusou, mas infelizmente dançou mesmo assim.

47 O rio Rosa tem o nome mais enganador de toda a República de Itreya e, talvez, de toda a criação. Seu fedor é tão terrível que, quando ofereceram ao herético niahano don Anton Bosconi a opção de ser afogado no Rosa ou castrado e crucificado, ele teria respondido com a célebre frase a seus confessores: “Querem uma faca emprestada, nobres amigos?”.

48 O vinho d’ouro é um uísque de Itreya, assim chamado por causa dos vastos campos de cereais no centro do país, a partir dos quais é destilado. Várias famílias são renomadas por suas receitas, e as mais notáveis dentre elas são a Valente e a Albari.

A rivalidade entre as duas famílias ferveu e mais de uma vez passou de mero estranhamento para um aniquilamento, o mais famoso dos quais foi a Guerra dos Doze Barris, que durou quatro veratrevas e resultou em não menos que trinta e duas mortes. Uma vez declarada a Vendeta oficial – isso é, uma vingança sancionada pela Santa Igreja de Aa – o conflito ganhou esse nome porque, em meio ao massacre e ao incêndio realizados, apenas doze cascos do uísque dos Albari sobreviveram para serem distribuídos pela República.

Garrafas de um “Doze Barris”, portanto, são extremamente raras e incrivelmente caras: sabe-se de uma única garrafa que atraiu mais de quarenta impostores de ouro num leilão. Quando a casa de veraneio do senador Ari Giancarli pegou fogo por causa de dois servos estabaneados, dizem que o senador voltou à casa em chamas não menos do que três vezes: para salvar a esposa, o filho e suas duas garrafas de Doze Barris.

Boatos de que ele salvou as garrafas *primeiro* são, claro, difamações grosseiras inventadas por rivais políticos, e carecem de base nos fatos.

(As garrafas foram salvas em segundo lugar.)

49 Um dos testes favoritos do velho no começo do aprendizado de Mia era um jogo chamado “clero-de-

ferro”, em que ele e a garota disputavam quem conseguia ficar mais tempo sem falar. Embora Mia no começo pensasse se tratar de um jogo para testar sua paciência e determinação, depois de uns anos Mercurio confessou que apenas inventara aquilo para obter um pouco de paz e tranquilidade na loja.

O seu teste mais infame, porém, foi quando Mia tinha doze anos. Durante uma inverno particularmente gélida, o velho instruiu a garota a esperar no telhado em frente à Grande Capela de Tsana por um mensageiro de luvas vermelhas e a seguir o sujeito aonde quer que fosse. O assunto, Mercurio disse a ela, era de uma importância tremenda.

O mensageiro, claro, era um dos muitos agentes de Mercurio na cidade. Não viajava para nenhum lugar de importância – muito menos tremenda –, e o propósito era somente que Mia o seguisse numa caçada divertida pelo frio congelante até voltar à loja de antiguidades. Contudo, sem que Mercurio soubesse, o garoto foi atingido por um cavalo fugido a caminho do templo e, assim, nunca chegou lá.

Mia permaneceu no telhado, apesar do frio horrendo (apenas um sol permanece no céu durante os invernos de Godsgrave, e a temperatura é baixa, duradoura e cortante). Quando a neve começou a cair, ela se recusou a sair para não perder o alvo. Quando chegou o dia seguinte e Mia ainda não tinha voltado, Mercurio ficou preocupado e refez o caminho combinado com o mensageiro até chegar enfim ao topo do telhado no bairro do templo. Lá, encontrou a aprendiz quase em hipotermia, tremendo incontrolavelmente, os olhos ainda fixos na Capela de Tsana. Quando o velho perguntou por que, pela Mãe, Mia tinha ficado no telhado e se arriscado a congelar até a morte, a garota de doze anos simplesmente respondeu: “Você disse que era importante”.

Tinha o seu charme, como eu disse.

50 Impressionante, notável e impossivelmente errado.

Capítulo 9

ESCURIDÃO

O velho endireitou o nariz dela o melhor que pôde e limpou o sangue do seu rosto com um trapo encharcado de uma coisa que tinha um cheiro agudo e metálico. Em seguida, depois de tê-la sentado a uma mesinha nos fundos da loja, fez chá.

O cômodo era algo entre uma cozinha e uma biblioteca. Tudo estava recoberto de sombras, pois as persianas estavam fechadas contra a luz dos sóis lá fora.⁵¹ Uma única lâmpada arquêmica iluminava montes de louça de barro suja e pilhas enormes e instáveis de livros. A dor ia extinguindo-se à medida que Mia sorvia o preparado de Mercurio, e o latejamento no meio do rosto ia adormecendo misericordiosamente. Ele deu à menina um bolo de mel e observou-a engolir três fatias, como uma aranha observa uma mosca. E quando ela empurrou o prato de lado, ele finalmente falou:

– Como vai o bico?

– Não dói mais.

– O chá é bom, não é? – ele sorriu. – Como você quebrou?

– O maior. Shivs. Botei a faca nas partes íntimas dele e ele me bateu por causa disso.

– Quem te disse para atacar a braguilha de um menino numa briga?

– Meu pai. Ele disse que a maneira mais rápida de ganhar de um menino é fazê-lo desejar ser menina.

Mercurio riu baixo.

– Duum’a.

– O que isso quer dizer? – quis saber Mia, piscando de surpresa.

– Você não fala liisio?

– Por que falaria?

– Pensei que a sua mãe teria te ensinado. Ela era dessa região.

Mia piscou de novo.

– Era?

O velho fez que sim.

– Já faz muito tempo. Antes de ela casar e virar dona.

– Ela... nunca falou disso.

– Não tinha muito motivo, acho. Talvez pensasse que tinha deixado essas ruas de lado para sempre – ele disse, dando de ombros. – Em todo caso, a tradução mais próxima de “duum’a” seria “é sábio”. Você diz isso quando ouve palavras agradáveis. Como vocês dizem “ouçam, ouçam” ou coisa assim.

– O que é “Neh diis...” – Mia pronunciou com dificuldade, fazendo careta. – Neh diis lus’a... lus diis’a? O que isso quer dizer?

Mercurio levantou uma sobrancelha.

– Onde você ouviu isso?

– O cônsul Scaeva disse para a minha mãe. Quando ele falou para ela implorar pela minha vida.

Mercurio cofiou a barba rala.

– É um velho ditado liisio.

– O que significa?

– Quando tudo é sangue, o sangue é tudo.

Mia fez que sim, pensando ter entendido. Ambos permaneceram em silêncio por um tempo. O velho acendeu uma das suas cigarrilhas com aroma de cravo e tragou fundo. Por fim, Mia voltou a falar:

– Você disse que a minha mãe era daqui. De Pequeno Liis?

– É. Faz muito tempo.

– Ela tinha família aqui? Alguém que eu pudesse...

Mercurio fez que não com cabeça.

– Foram embora, criança. Ou morreram. As duas coisas, provavelmente.

– Como meu pai.

Mercurio limpou a garganta e deu mais um trago na cigarrilha.

– Foi uma vergonha o que fizeram com ele.

– Disseram que ele era um traidor.

O velho deu de ombros.

– Um traidor é só um patriota que está do lado errado da vitória.

Mia tirou a franja dos olhos e abriu uma expressão esperançosa.

– Então ele era um patriota?

– Não, pequeno corvo – o velho disse. – Ele perdeu.

– E foi morto.

O ódio subiu pelo seu estômago e desceu pelas mãos, que se fecharam em punhos.

– O cônsul. O sacerdote gordo. O novo justicus. Eles mataram o meu pai.

Mercurio baforou um exíguo anel cinza, observando-a com atenção.

– Seu pai e o general Antonius queriam derrubar o Senado, garota. Formaram um maldito exército e estavam prestes a marchar contra a própria capital. Pense em todas as mortes que aconteceriam se não tivessem sido capturados antes que a guerra começasse de verdade. Talvez eles devessem mesmo ter enforcado o seu pai. Talvez ele merecesse.

Os olhos de Mia se arregalaram. Ela chutou a cadeira para trás e procurou a faca que não estava lá. O ódio ressurgiu, toda a dor e toda a raiva das últimas vinte e quatro horas abrasaram-se dentro dela, e a raiva correu grossa a ponto de fazer seus braços e pernas tremerem.

E as sombras na loja também começaram a tremer.

O negrume contorcia-se. Aos pés dela. Atrás dos olhos. Ela apertou os punhos. Disparou através de dentes cerrados:

– Meu pai era um bom homem. E não merecia morrer daquele jeito.

A chaleira deslizou da mesa até despedaçar-se no chão. As portas dos armários chacoalhavam nas dobradiças, as xícaras dançavam sobre os pires. Torres de livros desmoronaram e espalharam-se pelo chão. A sombra de Mia esticou-se na direção do velho, avançando às unhas pelo assoalho rachado, pregos se levantando à medida que se aproximava. Senhor Simpático amalgamou-se à sombra, seus pelos translúcidos eriçados, rosnando e chiando. Mercurio recuou para o fundo do quarto, mais rápido do que Mia teria imaginado possível para um sujeito velho daquele jeito, e levantou as mãos em súplica, com a cigarrilha ainda pendendo dos lábios sem carne.

– Paz, paz, pequeno corvo – ele disse. – É só um teste, um teste. Não quis ofender.

À medida que a louça foi parando de tremer e os armários silenciaram, Mia voltou a si, lágrimas superando a raiva. Tudo recaiu sobre ela naquele momento: a visão do pai pendendo na corda, os gritos da mãe, a noite passada num beco, o roubo e a surra... tudo aquilo. Era demais.

Demais.

Senhor Simpático circulou seus pés, ronronando e andando em círculos como um gato de verdade. A sombra da garota recolheu-se pelo chão, empoçando-se na forma normal, só um pouco mais escura do que deveria. Mercurio apontou para ela.

– Faz quanto tempo que ela te ouve?

– Quem?

– A Escuridão. Faz quanto tempo que ela ouve o seu chamado?

– Não sei do que você está falando.

Ela sentou-se, abraçando os joelhos, na tentativa de segurar aquilo lá dentro. Apertou, empurrou até os sapatos. Os ombros tremiam. A barriga doía. E, suavemente, ela começou a soluçar.

Ah, Filhas, como ela se odiava naquele momento...

O velho enfiou a mão no sobretudo. Sacou um lenço quase limpo e o estendeu a ela. Observou-a tomá-lo das suas mãos, enxugar o melhor que podia o nariz quebrado, as lágrimas de ódio nos cílios. E, por fim, ajoelhou-se no assoalho diante da garota e cravou nela os olhos afiados e azuis como safiras puras.

– Não sei nada do que tudo isso significa – ela murmurou.

Os olhos do velho cintilaram quando ele sorriu. Com um olhar para o gato feito de sombras, Mercurio tirou do sobretudo o punhal da mãe de Mia e o cravou nas tábuas de madeira do assoalho entre os dois. O ossário lapidado reluziu à luz da lanterna.

– Gostaria de aprender? – ele perguntou.

Mia olhou para a faca e concordou devagar.

– Sim, senhor, gostaria.

– Não há senhores aqui, pequeno corvo. Nada de donas ou dons. Só você e eu.

Mia mordeu os lábios, tentada a simplesmente pegar a faca e sair correndo.

Mas para onde iria? O que faria?

– Do que eu devo chamá-lo então? – perguntou afinal.

– Depende.

– Do quê?

– Se você quer recuperar o que é seu daqueles que o tomaram. Se você é do tipo que não esquece nem perdoa. Se quer compreender por que a Mãe pôs uma marca sobre você.

Mia retribuiu o olhar. Sem piscar. Sua sombra ondulou aos seus pés.

– E se eu for?

– Então você me chama de “shahiid”. Até a viragem em que eu te chame de “Mia”.

– O que “shahiid” quer dizer?

– É uma antiga palavra ashkahi. Significa “honrado mestre”.

– Do que você vai me chamar até lá?

Um exíguo anel de fumaça escapou dos lábios do velho quando ele falou:

– Adivinhe.

– Aprendiz.

– Você é mais esperta do que parece, garota. Uma das poucas coisas de que gosto em você.

Mia olhou para a sombra sob seus pés. Ergueu os olhos para o brilho dos sóis à espera do outro lado das persianas. Godsgrave. A Cidade das Pontes e dos Ossos, que lentamente se enchia dos ossos daqueles a quem ela amava. Não havia ninguém lá fora que pudesse ajudá-la, ela sabia. E se quisesse libertar sua mãe e seu irmão da Pedra Filosofal; se quisesse salvá-los de um túmulo ao lado daquele do seu pai – no caso de ele ter sido enterrado –; se quisesse fazer justiça contra aqueles que destruíram sua família...

Bom. Precisaria de ajuda, não?

– Muito bem, então. Shahiid.

Mia inclinou-se para pegar a faca. Mercurio a apanhou rápido e a segurou entre os dois. Os minúsculos olhos de âmbar cintilavam na escuridão.

– Não até você merecer – ele disse.

– Mas é minha – protestou Mia.

– Esqueça a garota que tinha tudo. Ela morreu junto com o pai.

– Mas eu...

– Você começa do nada. Não possui nada. Não sabe nada. É nada.

– E por que eu faria isso?

O velho apagou a cigarrilha no chão entre os dois.

Seu sorriso a fez sorrir também.

– Porque então você será capaz de tudo.

Nos anos vindouros, Mia recordaria o instante em que viu o Altar Celeste pela primeira vez e o consideraria como o momento em que começou a crer nas divindades. Ah, Mercurio a tinha doutrinado na religião da Mãe. A morte como oferenda. A vida como vocação. E ela tinha sido criada como boa e temente filha de Aa antes de tudo aquilo. Mas foi apenas quando olhou daquela sacada que abraçou a probabilidade daquilo, ou começou a entender de verdade o lugar onde estava.

Ela e Tric foram conduzidos por mais uma das escadarias (aparentemente intermináveis) da Igreja por Naev e outras figuras de túnica. Todos os vinte e oito acólitos tinham decidido fazer a refeição, e conversas baixas marcavam a subida; a mistura de sotaques fez Mia lembrar do mercado de Pequeno Liis. Mas toda a conversa silenciou quando chegaram ao alto da escada. Mia perdeu a respiração e levou uma mão ao peito. Naev sussurrou no seu ouvido:

– Bem-vinda ao Altar Celeste.

A plataforma esculpida na lateral da montanha abria-se para o céu acima. As mesas estavam dispostas em T, e o aroma de carne assada e pão fresco beijava o ar. E embora o seu estômago tivesse roncado pela presença da comida, os pensamentos de Mia giravam completamente em torno da vista

diante dela.

A plataforma projetava-se do flanco da montanha. Uma queda de quinhentos metros espreitava logo depois do parapeito de pau-ferro. Dava para avistar as Ruínas Sussurrantes lá embaixo, pequeninas e perfeitas e quietas. Mas acima, onde o céu deveria arder com a luz dos sóis teimosos, Mia enxergava apenas escuridão, preta, inteira e perfeita.

Cheia de minúsculas estrelas.

– Mas pela Luz, o que... – balbuciou Mia.

– Não é a Luz – corrigiu Naev. – É a Escuridão.

– Como pode ser? Ainda falta um ano para a veratreva.

– É sempre veratreva aqui.

– Mas isso é impossível...

– Apenas se *aqui* é onde ela imagina que seja – replicou a mulher, dando de ombros. – Não é.

Os acólitos receberam a indicação de onde sentar, todos boquiabertos com o escuro no alto. Embora o vento devesse uivar naquela altitude, nem uma brisa perturbava a cena. Nenhum ruído, exceto as vozes sussurradas e próprio pulso acelerado de Mia.

O lugar de Mia ficava à esquerda de Tric e à direita do garoto magrelo de olhos azul-gelo. Sentados à frente estava a dupla que Mia imaginara tratar-se de irmão e irmã. A garota tinha cabelo loiro repartido em tranças apertadas, raspado por baixo. O rosto era belo, com covinhas, salpicado de sardas. O irmão possuía o mesmo rosto redondo, embora não sorrisse, de maneira que não dava para ver qualquer covinha. O cabelo era um canteiro de pontas retorcidas. Ambos tinham olhos azuis como um céu vazio. As bochechas ainda estavam manchadas do sangue da cerimônia de batismo.

Mia já tinha recebido uma ameaça de morte ao chegar. Perguntava-se se todos os acólitos da safra daquele ano seriam seus oponentes ou inimigos declarados.

A loira apontou para as bochechas de Mia com a faca.

– Tem uma coisa no seu rosto.

– No seu também – respondeu Mia, acenando a cabeça. – A cor cai bem em

você. Realça os seus olhos.

A garota torceu os lábios num sorriso assimétrico.

– Bom – disse Mia –, vamos nos apresentar ou passar a refeição toda nos encarando?

– Meu nome é Ashlinn Järnheim – começou a garota. – Ash pra facilitar. Este é o meu irmão Osrik.

– Mia Corvere. Este é Tric – disse Mia, apontando com a cabeça para o amigo.

Tric, por sua vez, olhava fixamente para o outro dweymeri, na ponta da mesa. O garoto maior tinha o mesmo queixo quadrado e a mesma testa plana de Tric, mas era mais alto, mais largo, e enquanto as tatuagens de Tric eram rabiscos sem arte, as do grandalhão eram traços de tinta sofisticados feitos com habilidade. Ele observava Tric da mesma maneira que um dragão branco observa um filhote de foca.

– Olá, Tric – cumprimentou Ashlinn, estendendo a mão.

Ele apertou a mão da garota sem nem olhá-la.

– É um prazer.

Ashlinn, Osrik e Mia olhavam com alguma expectativa para o garoto pálido à esquerda de Mia. Ele, por sua vez, contemplava o céu noturno, os lábios tortos, como se estivesse chupando os dentes. Mia notou que ele era bonito – bom, “belíssimo” seria uma palavra melhor –, com as têmporas altas e os olhos azuis mais penetrantes que ela já vira. Mas magro. Magro demais.

– Meu nome é Mia – ela disse, estendendo-lhe a mão.

O garoto piscou e voltou o olhar para ela. Levantando uma pequena lousa do colo, escreveu nela com um pedaço de giz e a levantou para que Mia visse.

SHIU, dizia.

Mia piscou.

– Esse é o seu nome?

O garoto belíssimo fez que sim e voltou a olhar para céu sem emitir qualquer som. Não deu um pio durante toda a refeição.

Ashlinn, Osrik e Mia conversavam enquanto a comida era servida: canja de galinha e cordeiro em manteiga de limão, legumes assados e um delicioso

vinho tinto de Itreya. Ashlinn se encarregou de manter a conversa de pé, enquanto Osrik parecia mais preocupado em observar o ambiente. Os irmãos tinham dezesseis e dezessete anos (Osrik era o mais velho) e tinham chegado havia cinco viragens. O mentor (e pai, Mia soube depois) tinha sido bem mais instrutivo sobre a localização da Igreja, e os irmãos evitaram quaisquer monstruosidades no seu caminho para a Montanha Silenciosa. Ashlinn pareceu impressionar-se com a história de Mia sobre o kraken-de--areia. Osrik pareceu mais impressionado com Jessamine. A ruiva e seus olhos de lobo matreiro estavam sentados três bancos mais adiante, e Osrik parecia incapaz de desgrudar o olhar. A garota, por sua vez, parecia mais preocupada com o brutamontes itreyano sentado ao seu lado, com quem cochichava entre um e outro olhar furioso para Mia.

Mia conseguia sentir outros olhares, furtivos ou demorados; embora uns fossem melhor em disfarçar do que outros, quase todo acólito examinava seus companheiros. Shiu apenas olhava para céu e sorvia a canja como se fosse uma obrigação, sem tocar qualquer outra comida.

Entre um prato e outro, Mia observava o Ministério, prestando atenção à maneira como os membros interagiam. Solis, o Shahiid das Canções cego, parecia dominar a conversa, embora as gargalhadas que Mouser, o Shahiid de Bolsos, arrancava dos outros de vez em quando dessem a entender que ele era o mais arguto. Mataranhas e Aalea, Shahiids das Verdades e das Máscaras, sentavam tão próximas que quase se tocavam. Todos pagavam o maior respeito à Reverenda Mãe Drusilla, e a conversa cessava quando a anciã falava.

Então, bem no meio da refeição, Mia sentiu certa náusea invadir seu corpo. Correu os olhos pelo lugar e sentiu Sr. Simpático encolher-se na sua sombra. A Reverenda Mãe levantou de repente, e os membros do Ministério fizeram o mesmo logo em seguida, com olhos baixos.

A Mãe Drusilla falou, encarando os acólitos:

– Todos vocês, por favor, se levantem.

Mia pôs-se de pé, a testa um pouco franzida. Ashlinn virou-se para o irmão, cochichando com algo próximo do fervor.

– Pela Mãe Negra, ele está *aqui*.

Mia percebeu que um homem de cabelos escuros estava de pé na sacada do Altar Celeste, contemplando as ruínas fugazes lá embaixo – embora ela jurasse pela própria vida não o ter visto entrar. Ela sentiu sua sombra tremer, recolher-se, e Sr. Simpático encolher-se a seus pés.

– Lorde Cassius – disse Drusilla, fazendo uma reverência. – Sua presença nos honra.

O homem voltou-se para a Reverenda Mãe com um sorriso exíguo. Era alto, musculoso, vestido em couro negro suave. O longo cabelo negro emoldurava os olhos penetrantes e ele tinha um maxilar capaz de quebrar punhos. Usava um manto negro e pesado e espadas gêmeas na cintura. Perfeitamente simples. Perfeitamente mortais. Falava com uma voz que fazia Mia formigar nos lugares mais errados.

– Esteja em paz, Reverenda Mãe.

Os olhos negros examinaram os novos acólitos, ainda de pé, como que alertas.

– Só queria admirar a vista – ele continuou. – Posso juntar-me a vocês?

– Claro, lorde.

A Reverenda Mãe cedeu seu lugar à cabeceira da mesa do Ministério, e os outros shahiids pularam lugares para acomodar o recém-chegado. Ainda sorrindo, o homem caminhou até o assento da Reverenda Mãe, silencioso como o pôr dos sóis. Seus movimentos eram macios, fluidos como a água, e ele jogou o manto de lado para sentar-se na cadeira da Reverenda Mãe. O enjoo na barriga de Mia disparou quando o estranho lançou um olhar diretamente para ela. Mas quando ele ergueu uma taça de vinho, o feitiço de absoluta imobilidade que ele parecia ter jogado sobre todos desfez-se suavemente. As Mãos apressaram-se para preparar um novo lugar à mesa, o Ministério assentou-se devagar, e os acólitos fizeram o mesmo logo depois. A conversa recomeçou, cautelosa no começo, então relaxando pouco a pouco até preencher o ambiente.

Mia viu-se encarando o misterioso recém-chegado ao longo de toda a refeição, seguindo com os olhos o desenho do seu maxilar, da sua garganta. Ela tinha certeza de que se tratava de um truque da luz, mas o cabelo comprido

e negro do homem aparentava quase se mover, e os olhos dele brilhavam com uma luz interior.

Mia procurou por Naev, mas a mulher sentava-se com outras Mãos, longe demais.

– Ashlinn – ela finalmente cochichou. – Quem é ele?

A garota piscou para Mia. O irmão Osrik arqueou uma sobrancelha.

– Pelos dentes da Fauce, Corvere – a garota espantou-se. – Aquele é Cassius. O Príncipe Negro. Senhor das Lâminas. Líder da congregação inteira. Mais cadáveres nas costas do que uma necrópole liisia.

– O que ele faz aqui? É um dos professores?

– Não. – Osrik balançou a cabeça. – Não fazíamos ideia de que ele estaria aqui nesta virada.

– O pai sempre nos disse que Cassius ficava longe daqui – disse Ashlinn. – Alguns acólitos só põem os olhos nele uma vez na vida, na noite em que ele os declara Lâminas de pleno direito. Se você é escolhido, ele unge sua cabeça que nem a Reverenda Mãe fez hoje no batismo – explicou o garoto, apontando para o sangue seco nas bochechas de Mia. – A diferença é que vai ser com o sangue *dele*. O sangue do Senhor das Lâminas. Mão direita da própria Mãe.

Mia viu-se incapaz de desgrudar os olhos do homem.

Ashlinn luziu um sorriso de covinhas para ela.

– Até que para líder de uma seita de assassinos em massa ele não é um tormento para os olhos, hein?

Mia tirou a franja de cima dos cílios. Ashlinn não estava...

– Continue olhando para mim, *koffi* – disse uma voz grave –, e eu arranco esses belos olhos.

Mia piscou de volta à realidade e à mesa. Percebeu que o dweymeri grandalhão dirigia-se a Tric com um olhar de desprezo.

Tric se levantou com a faca de carnes bem apertada na mão.

– Do que você me chamou, seu bastardo?

– Você me chama de bastardo? – riu o dweymeri grandalhão. – Meu nome é Trazáguas, terceiro filho de Chama-Chuvas do clã Arpão. Qual é o seu clã, *koffi*? Por acaso o seu pai pelo menos falou o nome dele para a sua mãe

quando terminou de limpar o fedor dela do pinto?

O rosto de Tric ficou pálido, a mandíbula tensionada.

– Você está morto – sibilou.

Mia pôs uma mão no braço dele para contê-lo, mas Tric saltou para a garganta de Trazáguas. O garoto maior já estava de pé, pulando sobre a mesa, derrubando pratos e copos e empurrando até Mia e Shiu na sua pressa de chegar em Tric. Mia caiu xingando e espatifou um pote de barro, e seu ombro bateu no garoto pálido e o fez soltar o fôlego num jorro de saliva.

Trazáguas abraçou Tric como um urso e os dois desabaram no chão, espatifando louça e copos. Ele pesava uns dez quilos mais que Tric – era disparado a pessoa mais forte ali, maior até que o Shahiid das Canções, que voltou os olhos cegos na direção da escaramuça e rugiu:

– VOCÊS DOIS, CHEGA!

Os garotos nem ligaram; continuaram a se debater, socar e cuspir. Tric acertou um belo golpe na cara de Trazáguas, amassando os lábios dele contra os dentes. Mas Mia ficou pasma com a facilidade com que o dweymeri gigante dominou Tric, virando-o para cima e acertando-lhe um soco atrás do outro nas costelas, e mais alguns no queixo. Os acólitos fizeram uma roda em volta da briga, mas nenhum se mexeu para ajudar. Mia se desvencilhou de Shiu e estava disposta a se intrometer quando viu o Shahiid Solis jogar a cadeira para trás e marchar na direção do combate.

Embora o homem parecesse ser completamente cego, movia-se rápido e de modo certo. Espalmou a mão no ombro de Trazáguas e emendou um gancho que bateu como uma bigorna no queixo do garoto, que saiu rodando. Tric tentou se levantar, mas Solis enterrou a bota na boca do estômago do garoto, tirando o ar e a vontade de lutar dele com um só golpe. Então o shahiid pisou forte nas bolas de Trazáguas, que se encolheu entre gemidos.

Foram apenas uns segundos, mas o shahiid tinha surrado os dois garotos como se eles fossem câezinhos desobedientes, mantendo os olhos pálidos e sem vista na direção do céu o tempo todo.

– Que desgraça – ele vociferou enquanto pegava os dois pelo colarinho. – Se querem brigar como dois cachorros, podem comer lá fora com eles.

O Shahiid das Canções arrastou Tric e Trazáguas até o balcão. Agarrando-os pela garganta, os jogou contra o parapeito, e a queda de quinhentos metros alargou-se diante deles. Ambos os garotos sufocavam e unhavam os braços do shahiid na tentativa de escapar. Os olhos cegos do homem não demonstravam qualquer dó, e os garotos estavam a um átimo da morte nas rochas lá embaixo. A mão de Mia estava na adaga quando a Reverenda Mãe falou:

– Basta, Solis.

O homem inclinou a cabeça, voltou os olhos leitosos na direção do som da voz e assentiu.

– Reverenda Mãe – ele disse.

Trazáguas e Tric caíram ao chão, resfolegantes. Até Mia mal conseguia respirar. Ela olhou para Lorde Cassius e descobriu que ele tinha simplesmente *sumido*, uma cadeira vazia marcando o lugar onde o Senhor das Lâminas tinha estado momentos antes. Mais uma vez, Mia poderia jurar que não o viu se mexer. A Mãe Drusilla contornou a mesa e caminhou devagar para onde os garotos tossiam e arfavam.

– Ah, eu me lembro de como era ser jovem. Sempre algo a provar. E garotos são sempre garotos, dizem.

Ela ajoelhou-se. Tocou a bochecha sangrenta de Tric e ajeitou o cabelo de Trazáguas.

– Mas vocês não são mais garotos – continuou. – São servos da Mãe, vinculados à Igreja dela. São matadores, todos vocês. E espero que se comportem como tal.

A anciã lançou um olhar para a roda dos acólitos e lamentou:

– Que mau exemplo foi dado esta noite.

Ela ajudou os dweymeris ensanguentados a se levantar, e por uns instantes sua fachada de matrona se desfez, e cada um dos seus oitenta e três assassinatos transbordou em sua voz:

– Assim, na próxima vez que vocês dois começarem a se estapear como crianças num beco, vou garantir que permaneçam garotos pelo resto da vida. Entendido?

Mia observou aqueles dois corpos massudos vacilarem e baixarem a

cabeça. E quando falaram em uníssono, como criancinhas diante da bronca do pai, só tiveram força para emitir um ganido:

– Sim, Reverenda Mãe.

– Ótimo. – O sorriso materno voltou para não mais partir, e Drusilla correu um olhar benevolente pelos acólitos. – Creio que encerramos a refeição desta noite. Vão para seus aposentos, todos vocês. As aulas começam amanhã.

O grupo se desfez devagar, e os acólitos rumaram para as escadas. Quando Mia foi para o lado de Tric a fim de conferir o corte sangrento em sua testa, flagrou Jessamine a observando com os lábios torcidos num sorriso. Trazáguas saiu mancando, ainda lançando um olhar cortante para o contrterrâneo. Ashlinn despediu-se de Mia com um aceno e desceu desajeitada as escadas. Mia pegou-se olhando pela última vez para o lugar onde Lorde Cassius se sentara.

Mão Direita da própria Mãe...

Ela permaneceu calada ao longo de todo o caminho até seus aposentos, cada vez mais irritada. Por que Tric tinha estourado tão fácil? Para onde tinha ido o garoto que suportara as provocações do salão do Velho Imperial? Ele tinha perdido a cabeça na frente do senhor de toda a congregação. Na primeira noite ali. Podia ter acabado morto por causa do seu descontrole. Aquele lugar não perdoava erros.

Ela finalmente perdeu a cabeça logo à frente da sua porta.

– Você ficou louco? – Mia sibilou o mais alto que ousava. – O que foi aquilo?

– Como está sua costela, Tric? – ele ironizou. – Não pude deixar de notar que você estava apanhando feito um condenado. Ah, estou bem, Moça Branca, obrigado por...

– O que você queria? Esta é a nossa primeira *viragem* dentro destas paredes e já irritou o Shahiid Solis e provavelmente o assassino mais temido da República de Itreya. E não nos esqueçamos do colega acólito disposto a matar você.

– Ele me chamou de *koffi*, Mia. Teve sorte de eu não ter afundado a cabeça dele.

– O que é *koffi*?

– Deixa para lá. – Ele estendeu a mão para ela apertar. – Esqueça.

– Tric...

– Estou cansado. Vejo você amanhã.

O garoto foi embora, deixando Mia a sós com Naev. A mulher a observava com olhos escuros cuidadosos, que pairavam como uma mariposa ao redor de uma chama negra. Mia franziu a testa, focada no quebra-cabeça mal resolvido diante de si.

– Por acaso você não fala dweymeri, fala? – ela perguntou.

– Não. Embora Naev tenha certeza de que há tomos e mais tomos de tradução no ateneu.

Mia mordeu os lábios. Imaginou a cama, com suas montanhas de travesseiros e peles macias.

– Fica aberta a essa hora?

– A biblioteca está sempre aberta aqui. Mas visitar sem convite...

– Você poderia me levar até lá? Por favor?

Os olhos escuros da mulher brilharam.

– Como ela quiser.

Escadarias e arcos. Arcos e escadarias. Mia e Naev andaram o que pareceram cansativos quilômetros, sem nada além da escuridão por companhia. A garota começou a se arrepender de não ter ido para a cama – a jornada desde Última Esperança tinha começado a pesar e ela estava se cansando rápido. Por várias vezes perdeu o senso de direção: os corredores e as escadas pareciam todos iguais, e ela começou a se sentir completamente desorientada.

– Como você não se perde aqui? – perguntou Mia.

A mulher passou o dedo pelas texturas espiraladas gravadas na parede.

– Naev lê.

Mia tocou a pedra fria.

– Isto são palavras?

– Mais. São um poema. Uma canção.

– Sobre o quê?

– Encontrar o caminho nas trevas.

– Encontrar a biblioteca já é o bastante. Meus olhos já estão prestes a ir para a cama sem mim.

– Que bom, então. Aqui estamos.

Um par de portas surgiu no fim do corredor. A madeira era escura, gravada com as mesmas marcas de pergaminho que havia na parede. Mia reparou que não havia maçanetas e que as portas deviam pesar uma tonelada cada uma. Contudo, Naev as abriu com mão leve, as dobradiças mal emitindo um sussurro ao se escancararem.

Mia deu um passo para dentro, e pela terceira vez naquela viragem sentiu seus pulmões se despedirem do fôlego. Ela estava num mezanino com vista para uma floresta escura – uma selva de estantes ornamentadas, dispostas como um labirinto de jardim. E em cada estante havia livros. Pilhas de livros. Montanhas de livros. Oceanos e oceanos de livros. Livros de velino manchado e pergaminho novo. Livros encadernados em couro e madeira e folhas, livros com cadeados e livros com pó, livros grossos como sua cintura e minúsculos como seu punho. Os olhos de Mia estavam acesos, suas unhas enterraram-se no parapeito de madeira.

– Naev, não me deixe descer – ela suspirou.

– Por que não?

– Você jamais me verá de novo.

– Não há palavras mais verdadeiras – disse uma voz rascante. – Dependendo do corredor em que você entrar.

Mia virou-se para o dono da voz, um liisio encarquilhado do outro lado do mezanino. Vestia calças e um casaco esfarrapado. Óculos incrivelmente grossos equilibravam-se sobre o nariz aquilino, e dois tufo de cabelo branco projetavam-se da cabeça calva, como se não conseguissem decidir qual era a melhor rota de fuga. As costas eram curvadas como um ponto de interrogação. Uma cigarrilha balançava na boca, outra atrás da orelha. Ele aparentava ter uns sete mil, quatrocentos e cinquenta e dois anos.

Estava de pé ao lado de um carrinho de madeira lotado de livros, em que se podia ler DEVOLUÇÕES.

– Isso é inteligente?

– O quê? – o velho perguntou, surpreso.

– Isto aqui é uma biblioteca. Você não pode fumar na porra de uma biblioteca.

– Ah, merda...

O velho arrancou a cigarrilha da boca, inspecionou-a brevemente e voltou a fumar.

– E se os livros pegarem fogo? – indagou Mia.

– Ah, *meeeeerda* – disse o velho, exalando uma nuvem de fumaça que fez a língua de Mia formigar.

– Bom... posso também?

– Pode o quê?

– Fumar.

– Você é tonta? – questionou o homem, encarando-a através dos óculos improváveis. – Você não pode fumar na porra de uma biblioteca. E se os livros pegarem fogo?

Mia enfiou os polegares no cinto e inclinou a cabeça.

– Ai, *meeeeerda*?

O velho pegou uma cigarrilha atrás da orelha, acendeu na sua e a ofereceu para a garota. Mia abriu um sorriso largo e tragou o fumo com sabor de morango, lambendo os lábios e deliciando-se com o papel açucarado. Naev estendeu a mão na direção do velho.

– Naev apresenta o cronista Aelius, guardião do ateneu.

– Tudo certo? – perguntou o velho.

– Tudo certo – confirmou Mia.

– Esplêndido.

Naev tossiu em meio à fumaça que subia:

– Cronista, ela quer traduzir uma palavra dweymeri. Ela deseja um livro sobre o assunto. Ele tem algum?

– Tenho muitos, sem dúvida. Mas se é apenas uma palavra que a acólita quer saber, provavelmente posso me poupar de procurar e dizer aqui mesmo.

– Você fala dweymeri? – perguntou Mia.

– Se existe alguma língua falada debaixo dos sóis que eu desconheça, você

pode arrancar meus olhos e usá-los como bolas de gude, moça.⁵²

– Bom, por mais que a ideia de caminhar por esses corredores de livros fosse uma tentação para mim em qualquer outra viragem, minha adorável cama de pele me chama, bom cronista – disse Mia, dando uma boa tragada. – Assim, se pudesse me dar o significado junto com esse fumo maravilhoso, minha dívida com você dobrará.

– Diga a palavra.

– *Koffi*.

– Ufff. – O velho estremeceu. – Quem te chamou disso?

– Ninguém.

– Muito bom... Espere, você não chamou ninguém disso, chamou?

– Ainda não.

– Bom, não chame. É o pior insulto que você pode fazer a um dweymeri.

– O que significa?

– Numa tradução improvisada? *Filho do estupro* – respondeu o velho antes de dar mais uma tragada. – Os piores piratas dweymeri têm o costume de... fazer o que querem com os povos que capturam. Um *koffi* é o produto de uma dessas crueldades. Um mestiço. O filho bastardo de uma mãe que não o queria.

– Pelos dentes da Fauce – suspirou Mia. – Não é à toa que Tric quis matá-lo.

Aelius esmagou a cigarrilha contra a parede e enfiou a bituca no bolso.

– Isso é tudo de que você precisa? Uma palavra?

– Por ora.

– Bom, então vou me retirar. Livros de mais. Séculos de menos.

– Muito obrigada, cronista Aelius.

– Boa sorte com a aula de canto amanhã.

Mia franziu a testa e observou as costas curvas do velho enquanto ele se afastava lentamente. Depois de apagar a própria cigarrilha, ela olhou para Naev.

– Hora de dormir. Você faria a gentileza de ir na frente?

– Claro.

A mulher guiou Mia de volta pelo labirinto sinuoso. Focos de luz arquêmica

jorravam dos vitrais nas janelas. Mia era capaz de jurar que o caminho da volta não era o mesmo que o da ida – ou isso ou as paredes se moviam. Sua cabeça girava como maquinaria.

Seria verdade o que Trazáguas dissera? Não seria possível que os pais de Tric tivessem se amado, apesar da diferença da pele? Mia não parava de pensar no desejo homicida nos olhos de Tric. Ele teria ficado tão ofendido se não houvesse verdade por trás do insulto?

Mia se perguntava se devia conversar com Tric a respeito. Ela não queria passar as quasinoites preocupada com a faca à espera dele no escuro, mas o garoto era teimoso como um carro de mulas. Já ia ser ruim o bastante ter que ficar olhando para trás o tempo todo por causa de Jessamine. Mas Tric não tinha não-olhos na nuca como Mia, e Trazáguas já tinha provado ser capaz de esfregar o chão com a cara dele.

Se o garoto não fosse cuidadoso, acabaria enterrado ali.

Você pode imaginar a surpresa de Mia quando descobriram Trazáguas estirado sob a sombra da estátua de Niah na manhã seguinte, uma poça de sangue esfriando sobre os nomes gravados na pedra ao redor dele.

A garganta cortada de orelha a orelha.

Livro II

Ferro ou vidro

51 Como você pode imaginar, nobre amigo, os métodos de evitar os sóis numa terra em que os desgraçados quase nunca se põem recebem não pouca importância. Os aposentos de luxo da República quase sempre são construídos nos porões, e os hóspedes de tavernas um pouco melhores pagam um extra para terem quartos sem janelas. Sonhadeira – enfermidade adquirida pela falta de sono profundo – é uma doença cada vez mais problemática, e embora o ministério de Aa o tenha queimado como herege, ainda é possível encontrar estátuas de don Augustine D’Antello, inventor da cortina tripla.

52 Na verdade, havia três línguas faladas debaixo dos sóis que o cronista Aelius desconhecia.

A primeira, um idioma falado por um clã das montanhas na Fronteira Leste que nunca teve um contato com forasteiros que não terminasse num espeto sobre as brasas.

A segunda era um dialeto peculiar do liisio antigo falado exclusivamente por uma seita apocalíptica em Elai conhecida como Os Esperançosos (a congregação consistia exatamente em seis membros, sendo um deles um cachorro chamado Rolf, mas chamado de “o Príncipe Amarelo” pelos companheiros).

E por último, a língua dos gatos. Ah, sim, os gatos falam, nobre amigo, não duvide – se você possui mais de um deles e não consegue vê-los nesse momento específico de conversa, é provável que eles estejam em algum canto lamentando que seu dono gaste todo o tempo lendo livros bobocas em vez de lhes dar a atenção que eles tanto merecem.

Capítulo 10

CANÇÃO

Vinte e sete acólitos apresentaram-se no Salão dos Elogios.

Um a menos do que havia na viragem anterior.

Mia olhou para eles, cismando. Jessamine com seu cabelo ruivo e olhos de caçador. Um garoto robusto de pele esverdeada sem uma orelha e com as unhas da mão roídas. Uma garota magra com cabelo escuro repicado e uma marca de escrava queimada na bochecha, balançando o corpo para a frente e para trás como uma cobra. Um desfavorecido vaaniano com mãos tatuadas que parecia falar sozinho o tempo todo. Mia ainda tentava ligar os nomes aos rostos. Mas embora quase todos ainda lhe fossem estranhos, ela sabia uma coisa a respeito de cada acólito ao seu redor.

Assassinos, todos.

A estátua da Mãe da Noite erguia-se diante deles, olhando para baixo com olhos impiedosos. Rumores espalhavam-se entre os acólitos já no caminho para o desjejum. Duas Mães ajoelhadas esfregavam a pedra aos pés da deusa com escovas de crina de cavalo. A água no balde assumira um tom vermelho translúcido.

O corpo de Trazáguas não estava à vista.

Ashlinn esgueirou-se para o lado de Mia e falou baixo, com o olhar fixo à frente:

- Ficou sabendo do garoto dweymeri?
- Um pouco.
- Dizem que foi degolado.
- Foi o que ouvi.

Tric, que estava ao lado de Mia, não disse uma palavra. Mia olhou para o amigo, procurando algum sinal de culpa no rosto dele. Tric era um assassino, sem dúvida – mas todos naquele lugar eram. Ter trocado socos com Trazáguas na virada não o punha no topo da lista de suspeitos. A Reverenda Mãe

Drusilla teria que considerá-lo um imbecil para achar que ele assassinaria Trazáguas por um motivo tão óbvio...

– Acha que o Ministério vai investigar? – indagou Mia.

– Você ouviu o que a Mãe Drusilla disse. “São matadores, todos vocês. E espero que se comportem como tal.” – Ashlinn lançou um olhar para Tric antes de continuar. – Talvez alguém tenha seguido as palavras dela literalmente.

– Acólitos.

As garotas levantaram os olhos e viram a Reverenda Mãe Drusilla, cabelos grisalhos soltos, dedos cruzados. Ela tinha chegado sem qualquer ruído; parecia ter brotado das próprias sombras. A anciã falou, e sua voz ecoou pelo salão:

– Antes das aulas começarem, devo fazer um anúncio. Tenho certeza de que todos vocês ouviram sobre o assassinato do seu colega acólito ontem, aqui neste mesmo salão. – Drusilla olhou para o ponto úmido na pedra, ainda sendo devidamente escovado. – O fim de Trazáguas é profundamente lamentável, e o Ministério investigará com afinco. Quem tiver qualquer informação, venha aos meus aposentos ao final da viragem. Estamos na Igreja de Nossa Senhora do Bendito Assassinato, e cabe a *ela*, não a vocês, dar fim à vida dos acólitos. Não importa se esse assassinato foi cometido por vingança, desdém ou frieza calculada; o seu perpetrador será punido.

Mia tinha certeza de que os olhos da anciã se detiveram em Tric quando disse “vingança”. Mia olhou para o amigo, mas o rosto dele permanecia estoico.

– Contudo – continuou Drusilla –, enquanto realizamos a investigação, todos os acólitos estão proibidos de sair dos quartos depois da nona batida do sino. Podem haver dispensas especiais para treinos e estudo caso o seu shahiid solicite, mas *não é* permitido perambular pelos corredores. Aqueles que desobedecerem esta proibição serão severamente punidos.

A Mãe Drusilla deteve o olhar sobre cada um dos acólitos. Mia se perguntou em que constituía uma punição “severa” para um rebanho de fanáticos assassinos.

– Agora – disse Drusilla –, vão para a Sala das Canções e esperem o

Shahiid Solis em silêncio.

A mulher desapareceu nas sombras com um volteio das suas vestes negras.

Murmúrios passavam para a frente e para trás na fileira de acólitos. A garota com a marca de escrava olhava Tric fixamente. O garoto de pele esverdeada cutucava o toco de carne onde costumava ficar a orelha e encarava o dweymeri com olhos semicerrados. Tric ignorava os olhares e caminhava atrás das Mãos que pareciam escoltá-los. Depois de uma cansativa escalada até o que parecia ser o pico da Montanha, Mia e os colegas adentraram a Sala das Canções.

Ela não fazia ideia do motivo por trás do nome do salão, embora suspeitasse que não tivesse nada a ver com a acústica.⁵³ Havia um vitral circular no teto, que lançava um feixe de luz dourada no coração da sala. O salão era enorme, e as sombras engoliam as beiradas, mas Mia ainda era capaz de vislumbrar os mesmos padrões espiralados nas paredes. Ela conseguia sentir o cheiro de sangue envelhecido, suor, óleo e aço. Bonecos de treino, alvos de arco e flecha e aparelhos de musculação estavam dispostos em fileiras perfeitas. O chão era de granito negro, e havia um círculo gravado no centro do salão, grande o bastante para quarenta homens ficarem lado a lado. Cada acólito assumiu um lugar ao redor dele e, como ordenado, a maioria esperou sua primeira aula em silêncio.

Ashlinn assumiu um lugar à esquerda de Mia e dez minutos depois já estava cochichando:

– Toque de recolher à nona badalada. Dá para acreditar?

Mia correu os olhos pelo salão antes de responder.

– Não é como se tivesse muito o que fazer aqui depois que apagarem as luzes.

A garota abriu um sorriso largo.

– Ah, Corvere. Você *não* faz ideia.

– Então por quê...

– Vocês receberam ordens de esperar em silêncio.

Uma voz grave ecoou pela Sala das Canções, reverberando nas paredes ocultas. Mia não ouviu quaisquer passos, mas o Shahiid Solis emergiu das

sombras atrás dela com as mãos nas costas. Ao vê-lo passar, Mia se deu conta de que o homem era ainda mais imponente de perto, com ombros largos e olhos brancos fantasmagóricos. Usava trajes leves e pretos e trazia a mesma bainha vazia na cintura. Apesar disso, se movia com uma graça silenciosa, como se escutasse uma melodia que só tocava para ele.

– Uma Lâmina da Mãe deve ser silenciosa como a luz das estrelas sobre o rosto de um bebê adormecido – ele disse, adentrando o círculo. – Uma vez me escondi no Grande Ateneu de Elai por sete viragens à espera de que a minha oferenda aparecesse, e nem mesmo os livros sabiam que eu estava lá.⁵⁴

Então ele se virou para Mia e Ashlinn.

– E vocês duas não são capazes de ficarem quietas por alguns segundos.

– Perdão, shahiid – desculpou-se Ashlinn de cabeça curvada.

– Três voltas na escada, garota. Descendo e subindo. Vá.

Ashlinn hesitou, insegura. O shahiid a encarou; seus olhos sem visão pareciam perfurar o crânio da garota.

– Seis voltas então. O número dobra toda vez que eu precisar repetir.

Ashlinn se curvou e, com mais um pedido de desculpas, retirou-se do salão. Solis virou-se para Mia, fixando os olhos sem cor nos ombros dela. A garota notou que o shahiid nunca piscava.

– E você, garota? Tem algo a dizer?

Mia permaneceu calada.

– Bom? – O shahiid aproximou-se, cobrindo-a com sua sombra. – Responda!

Mia manteve os olhos no chão e respondeu com voz firme:

– Perdão, shahiid, mas com todo o respeito, creio que qualquer coisa que eu diga será interpretada como um desrespeito ao silêncio que o senhor exigiu, de maneira que serei ainda mais castigada por isso.

Os lábios do brutamontes torceram-se num risinho.

– Uma espertinha, hein?

– Se eu fosse esperta, não teria sido pega falando, shahiid.

– Que pena então. Há pouquíssimo mais em você que merece destaque – comentou Solis, então apontou para as escadas. – Três voltas. Descendo e

subindo. Vá.

Mia curvou-se e foi sem dizer nada.

No alto do último degrau, ela esticou as pernas e começou a correr, contando os degraus mentalmente.⁵⁵ Ao mesmo tempo, perguntava-se como Solis sabia o que se destacava ou não nela – poderia apostar a vida que aqueles olhos dele eram tão cegos quanto um garoto apaixonado, mas ele se comportava como se enxergasse tão bem quanto ela. Na metade da segunda volta, toda reflexão sobre o shahiid tinha cessado, e Mia concentrou-se inteiramente em correr pelas escadas. Ao chegar no topo pela última vez, suas pernas pareciam feitas de geleia, e ela voltou a agradecer em silêncio o velho mestre por todas as escadarias de Godsgrave que ele a fizera correr por castigo. Ela quase desejou ter desobedecido mais vezes.

Ashlinn (que Mia tinha ultrapassado nos últimos quinze metros) chegou ao topo banhada de suor, e deu uma piscadela para a companheira enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Desculpe, Corvere – ela arfou. – Meu pai avisou sobre Solis. Eu devia ter sido mais esperta.

– Não foi tão ruim – sorriu Mia.

– Espere e verá. Eu ainda tenho mais três voltas – disse Ashlinn com um sorriso. – Vejo você lá dentro.

Mia voltou para o salão com as mãos na cintura. Chegou a tempo de ver o colega de Jessamine – o acólito itreyano alto, com mãos de marreta – entrar no círculo com o Shahiid Solis. Ela viu seis outros novatos – incluindo Jessamine, o garoto pálido que se chamava Shiu, e a garota com a da marca de escrava – inclinados em seus lugares no círculo, suando e resfolegando. Todos sangravam de pequenos arranhões na bochecha.

Solis estava de pé no centro do círculo. Mia viu que ele tinha tirado a túnica preta e revelado uma roupa de couro dourado flexível. Viu uma série de pequenas cicatrizes no antebraço colossal do homem, trinta e seis no total. Ele ainda tinha a bainha vazia, mas agora estava armado com um gládio de dois gumes – espada ideal para lutas de perto.

Dezenas de armários móveis tinham sido trazidos das sombras; estavam

repletos de todo tipo de arma que Mia era capaz de imaginar. Espadas e facas, martelos e maças; pelos dentes da Fauce, havia até um armário de albardas. Todas as armas eram simples, sem enfeites, belas e perfeitamente letais.

Solis fixava o olhar cego no chão.

– Qual é o seu nome, garoto?

O brutamontes itreyano respondeu com uma vênia:

– Diamo, shahiid.

– E você é versado na canção das lâminas, pequeno Diamo?

– Conheço uma ou duas melodias.

– Cante para mim, então.

Enquanto Mia retomava seu lugar no círculo, Diamo serviu-se dos armários de armas. Tomou uma espada longa de quase um metro, que zuniu ao partir o ar num golpe de teste. Mia assentiu para si mesma. O garoto tinha escolhido uma boa defesa para a espada curta de Solis, de maneira que sabia ao menos o básico. O alcance extra lhe daria algum espaço de manobra.

Diamo assumiu a posição de guarda diante de Solis e curvou-se de novo. O shahiid permaneceu com a espada baixa, a cabeça inclinada para o lado, aparentemente fora de guarda.

– Não estou escutando você cantar, garoto.

Diamo levantou a espada e investiu. Um golpe bom, um arco amplo que teria decepado a cabeça do shahiid, se passasse. Mas, diante dos olhos pasmos de Mia, Solis deu um passo à frente e defendeu o golpe com uma espadada de lado. Então atacou Diamo, que voltou à posição de guarda apressado e quase não salvou a cabeça, a garganta, o peito e as partes baixas. Aço cantava no aço, a melodia ressoava no salão, pequenas faíscas voavam quando as lâminas se beijavam. O rosto de Solis era sereno como o de uma criança que sonha, e seus olhos sem visão permaneciam fixos no chão. Mas sua ferocidade era aterrorizante, sua velocidade era sublime. O combate durou mais alguns momentos, e Solis permitiu ao garoto mais alguns golpes louváveis, que defendeu um por um. Até que, por fim – com Mia ainda assistindo encantada –, a espada de Diamo foi tirada da sua mão e a lâmina de Solis encostou de leve na bochecha grudenta de suor do garoto.

Aconteceu tão rápido que Mia mal viu o homem se mexer.

Diamo encolheu-se quando a lâmina lhe arrancou sangue – só um arranhãozinho para que ele se lembrasse da surra. Em seguida, Solis deu-lhe as costas e baixou a espada para o chão mais uma vez.

– Péssima demonstração.

– Perdão, shahiid.

Enquanto Diamo voltava ao lugar, Solis reclamou com um suspiro:

– Não há ninguém aqui que conheça a canção?

– Eu sou capaz de sustentar a melodia.

Mia sorriu ao ouvir Tric falar. Seu olho estava roxo por causa da briga com Trazáguas, mas ele parecia ansioso para lutar apesar de Solis quase o ter jogado do Altar Celeste na virada passada. Ele tirou a túnica; sob ela, usava uma calça e um justilho de couro escuro. Mia pegou-se admirando o contorno dos músculos nos braços, a firmeza bronzada da pele. Lembrou-se da briga que tiveram do lado de fora da Montanha, quando luxúria e violência se entrelaçaram. Lambeu os lábios secos.

– Ah, o nosso jovem mestiço – saudou Solis, acenando cabeça. – Já aprendi tudo sobre a sua forma ontem. Mas vamos lá, filhotinho – ele continuou, chamando-o com um gesto. – Quero ouvir você rosnar.

Mia ficou contente de ver que Tric parecia ter aprendido com a surra que recebera e encarou os insultos sem vacilar. O garoto escolheu uma cimitarra no armário e foi para baixo da luz dourada. Solis mais uma vez permaneceu imóvel, com a espada baixa, enquanto Tric se aproximava. Mas embora a forma do dweymeri fosse boa, e seus golpes ligeiros e precisos, a disputa provou-se uma repetição da luta de Diamo. Tric logo se viu desarmado, sem fôlego, e sangrando de um arranhão novo na bochecha.

Solis deu-lhe as costas, balançando a cabeça.

– Patético. Nunca tive rebanho pior. O que seus mestres fizeram vocês estudar antes de virem para cá? Cozinha e costura? – Ele correu os olhos cegos pelo círculo. – As melhores Lâminas não têm necessidade de qualquer aço. Mas mesmo assim todos vocês devem ser capazes de partir a luz em seis fatias antes de deixar essas paredes – ele disse, suspirando. – E aposto que

nenhum de vocês é capaz de cortar a porra de um pão de centeio.

Ele apontou para os armários de armas.

– Peguem uma faca cada um e façam um semicírculo diante de mim. Vamos começar pelo começo.

– Shahiid? – chamou Mia.

– Ah, o retorno da falante. Eu bem me perguntava de onde vinha o cheiro.

– ...*mia*, não...

– Shahiid, você ainda não me ouviu cantar.

– Poupe-se para a tutoria da Shahiid Aalea, garota. Sei de tudo o que preciso sobre você.

Mia deu um passo à frente, entrando no círculo.

– Mesmo assim, eu gostaria de tentar.

Solis inclinou a cabeça de lado até seu pescoço dar um estalo. Então fungou e cedeu:

– Seja breve, então.

Mia foi até os armários e escolheu um par de facas longas, curvadas ao estilo liisio. Por mais simples que parecessem, seu peso era perfeito e seu corte, a perfeição. Eram as armas mais rápidas dos armários – leves e reluzentes. Mas eram mais curtas que a espada de Solis, e serviam apenas para lutas a curtíssima distância. Quando Mia voltou para o círculo, o shahiid riu.

– Você enfrenta um oponente de gládio e quer cantar com adagas. Tem certeza de que conhece a letra, garota?

Mia não respondeu. Posicionou os pés e estendeu a mão esquerda, tamborilando os dedos no cabo das facas. O vitral projetava uma poça escura aos seus pés. Ela sentiu Sr. Simpático encolher-se dentro dela, bebendo seu medo às goladas. E sem esperar outro insulto, ela estendeu a mão para a sombra de Solis e *puxou*.

Embora tivesse trabalhado a Escuridão mil vezes, não conseguia se lembrar de senti-la bem daquele jeito. Talvez por causa da ausência de sóis no lugar, a força dela parecia maior, o preto mais fácil de curvar. Em vez de envolver os pés do shahiid na sua sombra, Mia usou apenas a sombra dele, enterrando-a sob as solas das botas. Nenhuma pessoa no salão seria capaz de saber o que a

garota estava fazendo. Nenhuma ondulação estragava o preto ao redor dos pés do shahiid. No entanto, quando tentou se mover, o cego reparou que suas botas estavam grudadas no chão.

Solis arregalou os olhos quando Mia atacou; um golpe zunindo direto para a sua garganta. Ele defendeu, jogando a mão da garota para o lado e fazendo a faca dela sair voando pela sala. Mas, com a velocidade que uma libélula invejaria, a garota deu uma pirueta que fez seus cabelos esvoaçarem e golpeou com a mão esquerda, abrindo um pequeno corte na bochecha do shahiid.

Os acólitos presentes perderam o ar. Uma gotícula de sangue caiu do rosto de Solis. Tric gritou, exultante. Por um segundo, Mia viu-se sorrindo dos dentes aos olhos, repleta da satisfação vaidosa de ter tirado sangue daquele bastardo desdenhoso.

Mas apenas por um segundo.

Solis agarrou seu punho esquerdo e o dobrou para trás com uma mão de ferro. Passou o gládio pelas próprias botas e mandou as fivelas cantando pelas sombras. E com as solas ainda presas no chão, deu um passo à frente e saltou tranquilamente por sobre a cabeça de Mia. Pousou atrás dela e travou apertado o pulso da garota.

Mia gritou com a torção, dobrando-se de dor com a distensão do braço da espada. O cotovelo gritou, e o ombro ameaçava saltar fora do corpo com um estalo.

– Garota esperta – disse Solis, torcendo dolorosamente o braço dela. – Mas esta é a Sala das Canções, não a Sala das Sombras.

Ele a olhou de cima para baixo com olhos impiedosos.

– E não pedi para ouvir minha sombra cantar.

Solis ergueu a espada; segurava-a com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. E a baixou como um trovão dos céus. Mia não parava de gritar, e ele golpeou

uma

duas

três vezes

e arrancou o braço da garota na altura do cotovelo.

54 Isso não é bem verdade. Alguns dos livros na grande biblioteca de Liis são bem inteligentes.

embora o fato não a surpreendesse demais, o número de degraus mudava a cada corrida.

Capítulo 11

REFEITA

Sangue. Dor. Breu.

Eram tudo que Mia lembrava dos momentos depois que Solis lhe arrancou o braço. A dor tinha sido branca e ofuscante, tinha saído fervilhante do estômago junto com o vômito e os gritos. Sobreveio a escuridão, doce e negra e cheio de sussurros, a voz de Sr. Simpático em algum lugar distante, misturadas com outras que ela não conhecia.

– ...*aguenta firme, mia...*

– Ah, Solis, pobre Solis. Se apenas a sua mãe tivesse te amado mais...

– Que ruína. Tens certeza de que ela vale a pena?

– Drusilla considera que sim. Além disso, o rosto dela. Ele me agrada.

– Um remédio para esse mal, aqui nas pontas dos meus dedos. Certo e seguro.

– Comporta-te, irmã amada, irmã minha.

– Que retrato eu poderia pintar numa tela como esta? Com que horror poderia presentear o mundo?

– ...*não desista...*

Mia acordou com um grito.

Luz arquêmica nos olhos. Tiras de couro prendendo-a com força. Ela se debateu contra as ataduras, mas sentiu mãos suaves, uma voz doce rogando-lhe *calma, calma, bebê*. Então levantou os olhos para um rosto que lhe daria pesadelos mesmo acordada.

Um homem. Alto e esguio e pálido como um cadáver recém-sangrado. Olhos cor-de-rosa, uma pele que parecia feita de mármore, e sob ela um vago traçado de veias azuis. Cabelo penteado para trás, branco como a neve do inverno. A túnica de seda um pouco aberta revelava um peito liso e rígido. Ele tinha o tipo de beleza que ofuscava todo o mundo à sua volta. Exangue. A beleza dele era a beleza de um suicida recente, estendido num caixão de pinho.

O tipo de beleza que você sabe que vai desaparecer depois de uma ou duas horas debaixo da terra.

– Quieta, doce criança – ele disse. – Estás salva, e sã, e inteira novamente.

Mia lembrou-se da lâmina de Solis, da agonia do braço sendo arrancado do corpo. Mas ao olhar além das tiras de couro e das fivelas em volta do seu bíceps, viu seu braço esquerdo – todo roxo e vermelho, latejando de dor – de alguma maneira mais uma vez preso ao cotovelo. Ela engoliu em seco, sentindo uma náusea repentina, o ar tênue demais para respirar.

– Meu braço... – ela balbuciou. – Ele...

– Tudo bem, doce criança, tudo verdade – falou o homem, sorrindo com lábios azuis enquanto desafivelava o braço da garota. – Tuas feridas estão amenizadas, se não completamente curadas. O tempo acertará o resto.

Mia lutou para segurar o enjoo, cerrou os punhos. Sentiu cada dedo formigar, uma dor vaga no ombro onde a lâmina de Solis cortara.

– Como? – ela balbuciou.

– O sangramento coube inteiramente a mim, mas a tua carne foi salva pela minha Marielle. É a ela que deves a maior parte da tua gratidão – explicou o homem, chamando em seguida: – Vem, irmã amada, irmã minha. Mostra teu rosto. Na verdade, receio que sombra alguma seria capaz de esconder-te da vista desta aqui.

Mia ouviu um movimento. Quando virou a cabeça na direção do som, teve de abafar um gritinho. Ali, no lusco-fusco, ela viu uma mulher, corcunda e disforme. Era albina como o homem e estava vestida de preto, mas o pouco que Mia conseguia enxergar da sua carne não era nada além de hediondo. Rachada e inchada, sangrenta e infeccionada, podre até os ossos. Ela cheirava a perfume, mas sob ele, Mia conseguia sentir uma doçura mais escura. A doçura da ruína. De impérios caídos e apodrecendo na terra úmida.

– Que a Fauce me leve – balbuciou Mia.

Um meio sorriso borbulhou nos lábios arruinados.

– Ela já levou, filha.

– Quem são vocês?

– Eu sou o orador Adonai – disse o homem. – Minha irmã amada, a tecelã

Marielle.

– Orador? – perguntou Mia. – Tecelã?

– ...*não feiticeiros*...

Marielle virou-se para Sr. Simpático, agora materializado ao pé da cama de Mia. O não-gato encarava a mulher, jogando o rabo de um lado para outro, com a cabeça inclinada.

– Ah, por fim ele se mostra. Boa viragem para ti, pequeno passageiro.

– ...*são mestres da ars magika de Ashkah*...

A garota franziu a testa. Recordou as estátuas com cabeça de gato que tinha visto nas Ruínas Sussurrantes, gastas e corroídas pelo tempo. Aqueles monumentos eram tudo o que restava do povo que tinha tornado aquela terra um império séculos antes. Nada mais sobrara, exceto poluentes mágicos e monstruosidades.

– Mas as artes ashkahi estão mortas...

Marielle foi para o lado da pedra onde jazia Mia; a pele da garota arrepiou-se com aquela presença. Chumaços de cabelo branco despontavam por debaixo do capuz, e os olhos da mulher eram cor-de-rosa como os do irmão. Uma olhada pelo cômodo revelou arabescos volteados, quatro portas em arco. A vaga impressão de rostos nas paredes.

– Nem todos os mortos morrem de verdade – sussurrou Marielle.

– A Mãe conserva só o necessário – disse Adonai.

– Naev disse o mesmo...

Os olhos de Marielle cintilaram.

– Você é amiga dela?

– Calma, irmã amada, irmã minha – murmurou Adonai. – Esta é a garota que trouxe Naev do deserto. A doce criança lhe salvou a vida.

Marielle apertou os roxos no cotovelo de Mia.

– Pergunto-me, então, por que salvei a dela...

– Porque eu pedi, boa Marielle.

Mia olhou para uma das entradas e viu a Reverenda Mãe de pé, com os braços cruzados e as mãos enterradas nas mangas da túnica; o cabelo grisalho comprido esparramado sobre os ombros. A anciã entrou no quarto e brindou

Mia com um sorriso gentil.

– E que belo trabalho você fez também. Ficou bela como a chuva.

– Alguns arranhões – relatou Adonai. – O osso tem três lascas, e minha irmã não tem domínio sobre essa área. Mas na carne, Marielle é ímpar. Vê-la tecer os tendões, soldar o músculo, ah...

– Lamento ter perdido – a Reverenda Mãe desculpou-se enquanto punha a mão no ombro de Mia. – Como se sente, acólita?

– Como se talvez tivesse perdido a cabeça...

Marielle riu, fazendo a carne do seu lábio inferior partir-se. Ela gesticulou para limpar o fio escuro de sangue, mas Adonai a deteve com mão suave. Mia testemunhou enojada o homem aproximar-se e lambe o sangue do queixo da irmã.

– Meu mais profundo agradecimento – disse a Mãe Drusilla. – A vocês dois. Agora, se não se opõem, gostaria de conversar a sós com a acólita.

– É teu direito. Teus hóspedes somos. – O belo homem se voltou para a irmã disforme. – Vem, irmã amada, irmã minha. Tenho sede. Podes assistir, se te agrada.

Marielle apertou a mão do irmão contra os lábios deformados; os olhos rosa brilharam. Depois de uma mesura à Reverenda Mãe, os irmãos saíram do quarto de mãos dadas. Quando sumiram, Mia olhou para Drusilla e moveu os lábios como um peixe em terra firme.

Sorrindo, a anciã sentou-se ao lado da pedra; as madeixas grisalhas emolduravam as bochechas rosadas e o olhar cansado. Mia foi novamente tomada pela impressão de que Drusilla devia estar sentada em frente a uma lareira quente com netos no colo. O sorriso da mulher a fez sentir-se segura. Querida. *Amada*. No entanto, Mia sabia, pela quantidade de finados da anciã, pela autoridade que ela tinha na Igreja, que Drusilla era a mulher mais perigosa dentro daquelas paredes.

– Peço desculpas se Adonai e Marielle lhe deixaram desconfortável – disse a Mãe. – Eles costumam ter esse efeito sobre quem não é como eles.

– Como eles?

– ...*feiticeiros*...

Drusilla virou-se para Sr. Simpático.

– Ah, você está aqui. Eu devia ter imaginado.

– ...*estou sempre aqui...*

– Quero falar com a acólita a sós.

– ...*ela nunca estará a sós...*

– Não me teste, pequenino. Afastei-me da luz dos sóis há muito tempo, com braços bem abertos e alegria no coração. Conheço a Escuridão como conheço a mim mesma. Quando o Lorde Cassius está ausente, sou a maior autoridade de Niah neste lugar. E da próxima vez que te pedir para sair, não serei tão educada.

– ...*você não precisa ter medo de mim...*

Drusilla riu de leve.

– Ninguém habita as sombras a vida inteira sem aprender uma ou duas coisas sobre aqueles que também vivem ali. Você não tem poder sobre mim aqui.

– Está tudo bem, Sr. Simpático – disse Mia. – Não vá para longe. Se eu precisar, chamo.

O gato feito de sombras encarou-a por um longo e mudo momento. A anciã, por sua vez, o encarava. Finalmente, Mia sentiu que ele olhou para Drusilla e balançou a cabeça.

– ...*como quiser...*

E, sem um som, desapareceu.

Mia sentiu a ausência do gato de sombras quase de imediato. Um medo lento esgueirou-se no seu corpo. Estava só com a matrona de um rebanho de assassinos. Sua mente ardeu com a lembrança dos olhos de Solis enquanto serrava seu braço. Será que ele voltaria ao normal? E se o Ora...

– Você tem uma companhia interessante, acólita – comentou Drusilla.

Mia olhou para a porta pela qual Marielle e Adonai tinham saído.

– Não mais interessante do que a sua, Reverenda Mãe.

– Como eu disse, minhas desculpas caso os irmãos a tenham desconcertado. Marielle e Adonai habitam a Montanha Silenciosa há tempos. Em troca pelos serviços que prestam, oferecemos-lhes refúgio de um mundo em que não há

muita hospitalidade para quem possui o título de feiticeiro.

– Eu pensava que as artes ashkahi tinham morrido com a sua raça.

– A raça ashkahi está morta e enterrada, é verdade. – Drusilla deu de ombros. – Mas a morte não é gananciosa. A Mãe conserva só o necessário. E as artes ashkahi sobrevivem naqueles corajosos o bastante para abraçar o sofrimento que elas trazem.

– Vi Naev realizar um feitiço de sangue no deserto – disse Mia. – O frasco, a escrita. Foi assim que ela pediu ajuda? Adonai lhe ensinou?

– Adonai não ensina nada. O sangue no frasco era dele. Ele o manipula à distância. O sangue dele, e aqueles cujo sangue ele possui. Eis o dom do orador. E sua maldição.

– E a irmã dele?

– Uma tecelã de carne. É capaz de criar uma beleza ímpar a partir da carne, ou um horror sem limites.

– Mas se Marielle é capaz de moldar a carne à vontade, por que a dela é tão...

– A mestria das artes ashkahi tem um preço. O tecelão usa a carne como o oleiro usa o barro. Mas, a cada uso da arte, sua própria carne torna-se mais hedionda – explicou Drusilla, balançando a cabeça. – É preciso reconhecer o mérito dos ashkahis. Não consigo imaginar tortura pior do que ter poder absoluto sobre tudo menos sobre si mesmo.

– E Adonai?

– Os oradores de sangue têm sede daquilo com que têm afinidade. Não se sustentam a não ser com aquilo que se encontra na veia dos outros.

Mia piscou, surpresa.

– Eles bebem...

– Bebem.

– Mas sangue é emético – disse Mia. – Se você beber demais, vai vomitar em jatos.

– As aulas de Mercurio foram... ecléticas, pelo visto.

– A senhora conhece Mercurio?

A anciã sorriu.

– Muito bem, criança.

Mia deu de ombros.

– Bom, ele me fez beber sangue de cavalo uma vez. Se eu ficasse perdida em algum lugar sem água, saberia o que esperar.

Drusilla alargou o sorriso ao ouvir aquilo e balançou a cabeça.

– É verdade que provar mais de um gole de sangue é o caminho certo para provar de novo. Os oradores não são exceção. Repito: é uma vida de tortura, entende? Tome um pouco e experimente uma fome perpétua. Tome demais e experimente um enjoo perpétuo.

– Isso parece... terrível.

– Todo poder tem um custo. Todos pagamos um preço. Para os oradores, é a fome. Para os tecelões, a impotência. E quem invoca a Escuridão... – Drusilla olhou para a sombra de Mia. – Bom, acabará invocado por ela.

Os olhos de Mia foram para o preto a seus pés. O medo disparou.

– Você sabe o que sou?

– Mercurio me contou dos seus talentos. Solis me contou do seu pequeno espetáculo na Sala das Canções. Sei que você foi marcada pela própria Noite, embora eu não saiba o motivo.

– Marcada pela Noite – repetiu Mia. – Mercurio dizia o mesmo.

– Não acredite por um instante sequer que isso vai lhe garantir qualquer favoritismo aqui. Você pode ter sido marcada pela Mãe, mas ainda não conquistou seu lugar. E da próxima vez que desperdiçar seus dons em truques de salão para insultar um shahiid, pode perder mais do que um membro.

Mia baixou os olhos para o cotovelo inchado. Sua voz saiu como um murmúrio.

– Não foi minha intenção insultar, Reverenda Mãe.

– Há anos que um acólito não tira sangue de Solis. Estou surpresa por ele só ter arrancado o seu braço.

Mia franziu a testa.

– E a senhora não se incomoda com isso? Mestres aleijando noviços?

– Você não está aleijada, acólita. Ainda tem seu braço, se não me engano. Isto não é uma escola de assassinatos para jovens dons e donas. Os shahiids

são artífices da morte, encarregados de tornar vocês dignos do serviço à deusa. Alguns de vocês jamais deixarão estas paredes. Solis sempre procura tornar alguém exemplo na classe desde cedo. Mas por trás da sua insensibilidade, a sua tarefa é ensinar, e ele se orgulha dela. Se você lhe der motivos para machucá-la de novo, ele o fará sem qualquer culpa. Machucar faz parte da natureza de Solis, e é *essa mesma natureza* que o torna tão adequado para ensinar vocês a machucarem os outros.

A enormidade de tudo aquilo começava a despontar na mente de Mia. A realidade do lugar em que estava. Do que fazia. A Montanha era a forja onde se afiavam as Lâminas, onde se esculpia a morte. Mesmo após anos ao pé de Mercurio, ela ainda tinha *muito* a aprender, e um passo em falso talvez lhe custasse caro. A verdade é que ela estivera se exibindo. E embora Solis tivesse agido como um completo canalha, ela tinha dado um passo em falso ao tentar vencê-lo diante de todo o grupo. Mia decidiu que não deixaria o orgulho levar a melhor no futuro. Ela estava lá por um único motivo: o cônsul Scaeva e o cardeal Duomo e o justicus Remus tinham que morrer. Ela precisava tornar-se hábil o bastante, afiada o bastante, dura o bastante para dar fim a cada um deles, e isso não aconteceria se ela se perdesse em jogos infantis. Era hora de manter a boca na segurança do silêncio e agir com prudência.

– Eu compreendo, Reverenda Mãe.

– Você não será capaz de estudar na Sala das Canções até sarar das feridas – disse Drusilla. – Conversei com a Shahiid Aalea, e ela concordou em iniciar a sua tutoria mais cedo.

– Aalea – Mia engoliu em seco. – A Shahiid das Máscaras.

A anciã sorriu.

– Não há o que temer, criança. Logo você estará ansiosa pelas aulas dela.

Drusilla se levantou, enfiou as mãos dentro das mangas da túnica e concluiu:

– Agora, se me dá licença, tenho outros assuntos de que tratar. Se precisar de algo, ou de respostas, procure-me. Como todos nós, estou aqui para servir.

A mulher retirou-se sem qualquer som, afastando-se escuridão adentro. Mia observou-a sair, pensando em suas palavras. O que ela tinha dito?

Quem invoca a Escuridão, acabará invocado por ela.

Mercurio nunca se mostrara muito confortável perto de Sr. Simpático, embora nunca tivesse comentado isso abertamente. O não-gato, por sua vez, parecia bem satisfeito em ignorar o mestre da garota, e se mantinha longe da vista quando Mercurio estava por perto. Enquanto crescia, Mia nunca tinha tido alguém com quem conversar a sério sobre seus talentos. Nenhum livro da loja de Mercurio abordava o tema, e o folclore sobre os sombrios era, na melhor das hipóteses, contraditório e, na pior, uma soma de disparates.⁵⁶ Ela simplesmente fora se virando com seus talentos crescentes o melhor que podia. Quando a veratreva caiu no ano em que Mia completou onze anos, a garota notou que a sua conexão com as sombras tinha ficado mais forte. E na veratreva em que completou quatorze...

Não.

Não olhe.

– ...ela parece... legal.

Senhor Simpático apareceu ao pé do assento e pôs um sorriso nos lábios de Mia.

– “Legal” é um jeito de descrever.

– ...tenho outros jeitos menos lisonjeiros, mas já houve derramamento de sangue suficiente para uma viragem...

Mia fez uma careta ao dobrar o braço, a dor subindo até o ombro. Sua ansiedade ia diminuindo com Sr. Simpático de volta ao seu lado, e agora dava lugar à raiva. Murmurava palavrões ao tomar consciência de que aquele ferimento a tiraria das aulas de Canção por semanas. Desejando não ter sido tão imprudente, ou que o Shahiid Solis não tivesse merecido tanto uma surra, ela começou a amarrar uma tipoia ao redor do pescoço.

– ...você deveria dormir. Pode precisar de força amanhã...

Mia chupou os lábios e concordou com a cabeça. Senhor Simpático tinha razão. Mercurio tinha ficado de bico calado com relação ao que ela deveria esperar dentro da Igreja. Ele a tinha preparado o melhor que pôde, mas a garota tinha a impressão de que o mestre só podia fazer revelações até certo ponto para não trair a confiança da congregação. Com a promessa dos

luminatii de erradicar a Igreja se pudessem, o silêncio era a palavra de ordem fora daquelas paredes. Ela não fazia ideia de como os discípulos da Igreja iam de uma cidade a outra, de como as capelas funcionavam, nem mesmo de como era a hierarquia interna. Solis era Mestre das Canções, o que queria dizer que ensinava a arte da espada. Ela supunha que o Shahiid dos Bolsos ensinaria ladroagem? Malandragem? Mas no que dizia respeito às Shahiids das Verdades e das Máscaras, Mia não fazia ideia do que esperar da tutoria delas.

– Eu *estou* cansada – ela suspirou, esfregando as têmporas.

– ...*então durma*...

– Certo. Você vem?

– ...*sempre*...

A garota deslizou o braço ferido na tipoia, o não-gato deslizou para a sua sombra, e ambos deslizaram porta afora.

Tric esperava diante dos aposentos dela quando chegaram; estava agachado, com as costas apoiadas na parede. Levantou depressa quando viu Mia se aproximar e a olhou aliviado.

– Graças a Nossa Senhora – murmurou. – Você está bem.

Mia mexeu o braço, fazendo uma careta.

– Um pouco roxa, mas inteira.

– Aquele bastardo do Solis – sibilou Tric. – Quis abrir as tripas dele pelo que fez. Fiz uma tentativa, mas ele me jogou de traseiro no chão e me apagou com um chute.

Mia inspecionou os novos machucados no rosto de Tric e balançou a cabeça.

– Meu centurião corajoso. Montou em seu alazão para salvar a donzela em perigo? Segure-me, bravo senhor, receio que eu vá desmaiar.

– Vai se danar – resmungou Tric. – Ele te machucou.

– A Reverenda Mãe disse que ele faz isso o tempo todo. Dá o tom das aulas pelo primeiro espertinho burro o bastante para levantar a cabeça.

– Entra Mia Corvere pelo lado esquerdo do palco – caçoou Tric.

Mia fez uma medida e comentou:

– Imagino que Solis possa se dar ao luxo de ser brutal por ter a tecelã Marielle por perto.

– Ela curou mesmo a ferida apenas com as próprias mãos?

Mia tirou o cotovelo da tipoia e levantou cuidadosamente a manga da camisa. Tric virou seu braço devagar para um lado e para o outro; suas mãos calosas e grandes eram de uma gentileza inimaginável. Mia baixou a manga antes que se arrepiasse.

– Viu? Só um ou dois roxos marcam a ocasião do meu primeiro desmembramento.

Tric esfregou os nós do cabelo com um ar envergonhado.

– Eu estava... preocupado com você.

Ela encarou o garoto, com suas tatuagens péssimas e olhos castanhos. Perguntou-se o que haveria por trás deles.

– Não preciso que se preocupe comigo, Tric. Este lugar tem perigos suficientes para matar a nós dois. Se você se descabelar por minha causa, não vai notar a faca apontada na *sua* direção.

– Não estou me descabelando – protestou o garoto. – É só que... estou do seu lado. Só isso.

Ela pegou-se sorrindo. Sentiu um calor de gratidão dentro de si. O que ela tinha dito era a verdade – a Montanha não era um grupo de bordado. Os perigos naquelas salas podiam dar fim a ambos. Ainda assim, não deixava de ser reconfortante saber que alguém velava por ela, que tinha algo em que apoiar as costas. E, pela primeira vez na sua vida, esse algo não era feito de sombras.

– Bom... obrigada, don Tric – ela agradeceu com uma medida suave, e o silêncio desconfortável foi repellido pela risadinha do garoto.

– Está com fome?

– Faminta – ela percebeu.

– Talvez a Moça Branca queira me acompanhar até a cozinha.

Tric curvou o cotovelo e ofereceu o braço. Mia lhe deu um soco, forte o bastante para fazer o garoto gemer. E, sorrindo, a dupla se afastou pelo

corredor à procura de comida.

56 Um conto famoso se passa na cidade de Pontenegra, no leste de Itreya. Ernesto Giancarli, confessor da Igreja de Aa, foi enviado pelo grão-cardeal para investigar as alegações de que várias filhas de uma das famílias mais nobres e afluentes da cidade tinham sido seduzidas por um sombrio. Cada uma dessas uniões resultou numa criança de cabelo e olhos pretos, com a mesma pele pálida que o pai supostamente tinha. Todas as damas em questão estavam seguras do seu conto – passeavam pela floresta quando depararam com um belo estranho e, inocentes como bebês, sucumbiram aos seus encantos escuros. Embora Giancarli tenha investigado amplamente o caso, não foi possível encontrar qualquer vestígio do tal sombrio, e embora fosse quase certo que as crianças tinham o mesmo pai, por causa da aparência, elas pareciam perfeitamente normais. O confessor consolou os pais das garotas e garantiu-lhes que era perfeitamente possível que um sombrio tivesse sido o responsável pela desonra, e voltou a Godsgrave para apresentar seu relatório inconclusivo ao cardeal.

O que Giancarli destacou em seu relatório foi que o jovem chefe da polícia de Pontenegra – um sujeito de cabelo escuro chamado Delfini, que fora indicado ao cargo havia uns doze meses – tinha sido muito prestativo ao longo de toda a investigação.

Capítulo 12

PERGUNTAS

– ...*alguém se aproxima...*

Mia despertou no escuro, piscando com força. Levantou-se apoiada nos cotovelos, e gemeu com a dor lancinante no braço esquerdo. Os hematomas praticamente brilhavam no escuro.

Alguém tentava destrancar a porta do quarto. Não podia ser Naev; ela simplesmente bateria. Quem seria então? Outro acólito? O que matara Trazáguas? Mia pegou a faca, rolou da cama e percorreu o piso de pedra na ponta dos pés até um canto escuro. Ergueu a faca com a mão ruim quando a porta se abriu e deixou ver um rosto sardento emoldurado por tranças loiras.

– Corvere – uma voz sussurrou. – Você está aí?

– Ashlinn? – indagou Mia, levantando-se do esconderijo e escondendo a lâmina de ossário na manga mais uma vez. – Pelos dentes da Fauce, você não devia chegar de fininho desse jeito.

– Eu já disse que os meus amigos me chamam de Ash – a garota falou. Ela entrou no quarto com seu sorriso sardento e levou um instante para achar Mia no escuro. – E se eu tivesse vindo de *fininho*, você não teria me ouvido até a minha lâmina estar na sua garganta, Corvere.

– Ah, é? – perguntou Mia, arqueando a sobrancelha e também sorrindo.

– Pode apostar. Como vai a asa?

Ashlinn deu um tapinha camarada no braço de Mia, que soltou um palavrão entre dentes cerrados, levando a mão ao braço.

– Merda, desculpe – murmurou Ashlinn. – Esqueci que você era canhota.

– Tudo bem – Mia respondeu com uma careta de dor enquanto esfregava o cotovelo. – Não é como se eu não tivesse um reserva. A propósito, por que você estava destravando a minha porta? Não pode praticar na porta do seu quarto?

– Praticar, *pffff*. Se há alguma fechadura neste lugar que eu não consiga

abrir sem chave, ainda estou para encontrar. Só vim perguntar se você estava bem o bastante para sair.

– Sair? – Mia piscou, surpresa. – Para onde? Para quê?

– Só para xeretar por aí. Caçar confusão. Você sabe. Sair.

Mia franziu a testa.

– A Reverenda Mãe disse que estamos proibidos de sair depois da nona badalada, lembra?

Um sorriso sardento iluminou o rosto da garota.

– Você sempre faz o que a mamãe diz?

Mia lembrou-se de uma cela no escuro. Do fedor de podridão e de morte queimando-lhe os olhos. Mãos trêmulas. Um sussurro, frio e agudo como o metal.

Não olhe.

– Não – respondeu, afinal.

– Então ótimo. Meu irmão não é fã de aprontar, e todas as outras garotas aqui querem bancar as duronas ou as mimadas, ou as duas coisas. Então parece que somos só nós duas, Corvere.

– Você ouviu Drusilla. Se nos pegarem, vão chutar a nossa bunda até o nosso nariz sangrar.

– Está aí um bom motivo para não sermos pegas, né?

O sorriso da garota era contagioso, arrastando Mia para a aventura. E quando Sr. Simpático comeu o pouco medo que restava nela, Mia viu-se pendurando o braço ferido na tipoia e retribuindo o sorriso.

– Primeiro as damas – disse Ash, fazendo uma mesura diante da porta.

– Não enxergo nenhuma dama por aqui. E você?

– Ah, nós vamos nos dar tão bem.

Ainda com um sorriso, a garota esgueirou-se para o corredor, e Mia foi logo atrás.

As duas avançaram pelos corredores e desceram incontáveis lances de escada, rumo à escuridão serpenteante. Mia julgou reconhecer algumas

passagens da ida ao ateneu, mas não tinha muita certeza. Podia jurar que algumas das paredes tinham... bem... *mudado de lugar*. A decoração dos corredores era esparsa; apenas vitrais e esculturas estranhas feitas de ossos de animais quebravam a monotonia. No entanto, Ashlinn seguia em frente, silenciosa como um cadáver, sem parar um segundo. Só fazia uma pausa de vez em quando para marcar a parede com um toco de giz vermelho.

– Você sabe aonde estamos indo? – perguntou Mia.

– N... não muito.

– Sabe encontrar o caminho de volta?

– Se ninguém apagar o giz, sei.

– E se alguém apagar?

– Provavelmente vamos nos perder e morrer de fome nas entranhas da Montanha.

– Só para avisar que, se chegarmos ao canibalismo, você é a primeira a ser comida.

– É justo.

Senhor Simpático rumava na frente, escondido na escuridão perpétua. Quando passaram uma estátua de ossos especialmente grotesca – algo entre uma ave de rapina e uma serpente enrolada –, Mia sentiu um calafrio em sua sombra. Quase familiar. Podia sentir os pelos de Sr. Simpático eriçarem-se, sentir sua sombra ondular. Por um segundo, uma lasca de medo penetrou seu coração, fina e pontiaguda. Mia agarrou o braço de Ash e a puxou para trás do suporte da estátua com o dedo nos lábios.

Algo estava vindo.

Um rosnado grave ecoou pelo corredor. Uma forma movia-se no escuro, inteiramente negra, delineada pelo lume fosco da janela. Mia apertou os olhos no escuro, querendo perguntar a Sr. Simpático qual era o problema. Pelas Filhas, era quase impensável, mas pela primeira vez de que se lembrava na vida, o não-gato parecia estar... com medo.

– Merda – sussurrou Ashlinn. – É Eclipse.

Mia franziu a testa.

– O que...

A pergunta lhe morreu na garganta quando a forma escura saltou à vista. Um metro e meio de altura, esguia e absolutamente calada. Presas longas, garras afiadas e nenhum olho. Era uma loba.

Uma loba feita de sombras.

A criatura parou onde estava, lançando um olhar na direção das garotas. As duas se espremiavam atrás da estátua, a respiração presa, a testa de Ash brilhando de suor. Mia sentia Sr. Simpático aos seus pés, tremendo. O medo dele era contagioso, subia pelo peito da garota e fazia suas mãos tremerem. Desde que tinham se juntado, o não-gato tinha permitido que ela conquistasse seus medos. Tornara-a mais dura, mais forte, mais corajosa do que ela jamais seria sozinha. Tinham visto tantas coisas. Estado em tantos lugares. Mas, agora, ele parecia mais atemorizado do que ela.

A não-loba rosnou de novo e o som reverberou pelo chão.

– Eclipse – chamou uma voz grave e musical. – Silêncio.

Embora não ousasse respirar, quanto mais inclinar a cabeça para ver, Mia reconheceu o dono da voz: Lorde Cassius. Ela ouviu um minúsculo ruído de tecido, o toque suave do couro na pedra. O Senhor das Lâminas estava ali; ela tinha certeza. O chefe da Igreja Vermelha inteira. Com os olhos no corredor, bem na direção delas – apenas poucos metros de pedra lisa entre elas e a descoberta.

Longos momentos se passaram.

O coração latejava no peito.

Senhor Simpático tremia cada vez que a loba de sombras rosnava grave e longamente.

Pelas Quatro Filhas, Cassius também é sombrio.

– Eclipse – ele disse. – Adonai está esperando. Vamos.

Um voz oca e entrecortada respondeu. Tinha um toque feminino e parecia vir de algum lugar sob o chão.

– ...*COMO QUISE*...

Um último rosnado grave. Depois, passos. Suaves como um suspiro. Retrocedendo. Mia recuperou o fôlego e apertou a mão contra o peito, sentindo o coração disparado lá dentro. Senhor Simpático foi parando devagar

de tremer, e o medo começou a sumir. Ash deu uma risada abafada, quase maníaca.

– Bom, *isso* foi emocionante.

– Por Nossa Senhora, o que foi isso?

– Eclipse, o passageiro de Lorde Cassius – explicou Ashlinn, lançando um olhar para a sombra de Mia, onde se escondia o gato informe. – Cassius é sombrio. Você sabe sobre eles, certo?

Mia fez que sim.

– Já ouvi falar.

– Quer segui-lo?

– Segui-lo? Você é *louca*?

Ash alargou o sorriso.

– Um pouco.

A garota esgueirou-se pelo escuro, seus pés mal fazendo ruído ao tocar na pedra. Mia estendeu a mão para tocar a própria sombra e sentiu o tremor naquele negrume líquido.

– Você está bem? – ela cochichou.

– ...*pergunta difícil*...?

– O que era aquilo? Nunca senti você com medo antes...

– ...*eu conseguia senti-lo. na minha mente. ele estava... faminto*...

– Faminto por...

– Mia! – Ashlinn sibilou na escuridão. – Vamos!

Mia soltou um suspiro e franziu a testa para a escuridão a seus pés.

– Mais tarde a gente continua...

Ela caminhou sorrateira até a garota, a cada passo lamentando mais a decisão de ter saído do quarto. Mas Cassius era *sombrio*. Ao longo de todos aqueles anos, de todos aqueles quilômetros, ela nunca tinha conhecido outra pessoa igual a si. Deusa, quantos segredos ele não poderia lhe ensinar...

Infelizmente, a caça ao Senhor das Lâminas provou-se tão fugaz quanto uma caça à própria escuridão, e em algum lugar perto dos aposentos da tecelã Marielle, Cassius desapareceu por completo. Na encruzilhada de quatro corredores em meio àquela escuridão labiríntica, Ashlinn chupou os lábios,

xingou em vaaniano e, por fim, deu de ombros.

– Liso como um açúcarado amanteigado, esse cara – murmurou.

– Bom, ele *é* um mestre assassino – respondeu Mia, baixo.

Ash soltou outro suspiro.

– Provavelmente está de saída. Meu pai disse que ele nunca fica muito tempo no mesmo lugar.

– Não posso dizer que lamento ouvir isso.

Ash sorriu.

– Tem medo dele?

– Pela Mãe Negra, você não tem?

– Ah, tenho. Mas é melhor você superar. Se conseguir se formar, é ele que vai te ungir na cerimônia de iniciação.

Ashlinn fez uma pausa e olhou ao redor, para as passagens esticando-se rumo à escuridão.

– Paciência – continuou. – Ele vai ter que esperar. Vamos, que estou com fome.

A dupla se enfiou pelas sombras, deixando o Senhor das Lâminas e seus afazeres de lado. Encontraram a Sala das Canções, onde o cheiro de sangue ainda pairava no ar. O cotovelo de Mia doeu à lembrança e ela sentiu um pico de raiva familiar. Com um palavrão sussurrado, desceu de novo pelas escadas retorcidas. Bem fundo no âmago da Montanha, as duas descobriram as portas do ateneu, embora nenhuma delas achasse boa ideia que o cronista Aelius as descobrisse perambulando depois das nove badaladas. Por fim, depois do que pareceu um século, um aroma delicioso emanando de uma das escadarias as fez descer para as cozinhas.

Fornos longos a carvão assavam pães. As câmaras frias estavam recheadas de queijos e frutas frescas. Os restos da ceia anterior estavam postos em travessas compridas. Mia não avistou nenhuma Mão, de maneira que ela e Ashlinn, depois de roubar um prato cada, saíram às escondidas para o agora vazio Altar Celeste. Mia mais uma vez se impressionou com a enormidade do breu além da plataforma. A longa queda para a terra arruinada abaixo. O deserto que espelhava perfeitamente o agreste ashkahi que ela e Tric tinham

viajado, e que por algum motivo vivia uma noite perpétua.

Mais uma vez Mia viu-se tomada pela sensação da santidade daquele lugar. Do sobrenatural. Quase sentia o olhar negro da estátua no Salão dos Elogios. A deusa, a quem a Igreja estava dedicada.

Marcada pela Mãe, dissera Drusilla.

Mas por quê? Para que finalidade?

Talvez o Lorde Cassius saiba.

Ash sentou-se no parapeito. De pernas cruzadas, contemplava a queda enquanto afastava mechas rebeldes do cabelo loiro e devorava um pedaço de pão com queijo. Mia atacava uma coxa de frango, perguntando-se curiosa de onde a Igreja arranjava farinha para fazer pão e onde criava animais. A caravana de Última Esperança só continha pós arquêmicos e ferramentas e coisa assim. Nada perecível. Nada vivo.

– Como eles nos alimentam? Onde arranjam suprimentos?

Ashlinn respondeu de boca cheia:

– O seu shahiid não te contou nada deste lugar?

– Um pouco. – Mia deu de ombros. – Mas parece que preferiu manter a maior parte do funcionamento em segredo. Eu tinha que conquistar o conhecimento, não receber de graça.

Ashlinn deu de ombros e mordeu o pão outra vez antes de responder:

– Mmm, p’isso q’staqui.

– Quê?

A garota engoliu, lambeu os lábios e repetiu:

– Eu disse “bem, é para isso que estou aqui”. Meu pai contou tudo deste lugar para o meu irmão e para mim. Tudo o que sabia, pelo menos.

– Ele é uma Lâmina?

– Era.⁵⁷ Passou anos a serviço do rei de Vaan. Mas foi capturado quando fazia uma oferenda em Liis. Foi torturado por três semanas nas Torres Talhadas de Elai. Conseguiu escapar, mas não antes de terem arrancado a sua mão boa, um olho e as duas bolas. Aí a Igreja o aposentou.

– Pelos dentes da Fauce – balbuciou Mia. – Marielle não conseguiu consertar os ferimentos?

Ash fez que não com a cabeça.

– Os Sacerdotes Leprosos deram os pedaços que cortaram para cães-sarnentos comer. Não sobrou nada para recolocar. Então meu pai começou a treinar Osrik e eu para tomar o seu lugar – explicou, dando de ombros. – Já que ele não pôde dar a própria vida à deusa, resolveu dar a dos descendentes.

Mia fez que sim com a cabeça; por algum motivo aquilo não a surpreendia. Um homem mais vil teria jurado vingança ao mestre que o enviara para tal destino. Mas bastava um olhar para as ruínas escuras debaixo do altar e era fácil compreender como aquele lugar criava fanáticos. Ela não pôde deixar de lembrar do olhar da deusa no Salão dos Elogios. O poder que tinha. A majestade.

Ela lançou um olhar para a sombra a seus pés.

Marcada para quê?

– O seu pai te contou alguma coisa sobre o Lorde Cassius? – perguntou.

Ash confirmou com a cabeça.

– O homem mais procurado da República. E o mais perigoso. Leva mais assassinatos santos nas costas do que a Reverenda Mãe. Diz a lenda que matou seu primeiro homem aos dez anos. Assassinou o pretor da Terceira Legião na vista do exército inteiro e escapou ileso. Matou o tribuno de Pontassol e todo o seu conselho no meio de uma sessão e ninguém fora da câmara ouviu um suspiro. Faz anos que é o chefe da Igreja Vermelha, mas, como eu disse, nunca fica muito tempo no mesmo lugar. Há décadas que os luminatii estão tentando nos derrubar. E piorou muito depois do Massacre da Veratreva. Eles acreditam que, se acertarem o pastor, as ovelhas vão debandar. Por isso o Lorde Cassius está no topo da lista de afazeres deles.

Ash deu outra mordida no pão e murmurou:

– Encontrar este lugar vem logo em seguida. Então é provavelmente por isso que o seu mestre nunca falou muito sobre a Montanha.

– E a loba de sombras?

– Meu pai só me disse para ficar longe de Eclipse – respondeu Ashlinn, dando de ombros. – Ouvi dizer que um sombrio é capaz de roubar o ar dos seus pulmões. Pode entrar na sua sombra e matar você nos seus sonhos. Só a

Fauce sabe o que os demônios que os servem são capazes de fazer.

– Pffft – desdenhou Mia. – Demônios.

– Ah, temos uma especialista aqui?

– Especialista não. Mas sei uma ou duas coisas.

– Ah, é?

– ...*miau*...

Ashlinn girou e puxou a faca atrás das costas. Senhor Simpático sentou-se no parapeito e a encarou com a cabeça inclinada.

– Cumprimente Senhor Simpático.

– ...*oi, senhor simpático*...

– Pelos dentes da Fauche... – suspirou Ashlinn.

– Está tudo bem. Ele não é nenhum demônio. Não é capaz de matar uma mosca. E eu também não sou capaz de roubar o ar dos pulmões de ninguém. Quer dizer, talvez, se eu ficasse uma ou três semanas sem tomar banho...⁵⁸

Ashlinn franziu a testa para Mia, acenando devagar com a cabeça.

– Então você é sombria.

– Você sabia?

– Imaginei que tivesse alguma coisa estranha depois daquela coisa com Solis. Não vi nenhuma sombra se mexer, mas não me cheirou bem. – Ashlinn sorriu ante os olhos estreitados de Mia. – Você não achou que te convidei pra fugir do quarto só por ser boa companhia, achou?

Mia cravou os dentes na coxa de galinha sem dizer nada. Ash voltou a se sentar de frente para ela, dessa vez devagar e com cuidado. Olhou para o gato feito de sombras. O cidadão médio provavelmente tentaria pregar Mia numa cruz se soubesse um tiquinho do que ela era. Mia se perguntava se a garota estava cega pela superstição ou pelo medo. Contudo, o sorriso que voltou a se desenhar nos lábios de Ashlinn reuniu as suas perguntas, levou-as para um beco escuro e, suavemente, as sufocou.

– E então, como é? – a loira perguntou. – Você consegue andar pelas sombras? Ouvi falar que os sombrios conseguem abrir um par de asas e cuspir escuridão e...

Mia fez sua sombra serpentear pelo piso de pedra, torcendo-se numa

miríade de formas: algumas horríveis, outras belas, outras abstratas. Fixou-as em torno dos pés de Ashlinn e tocou de leve as suas botas.

– Mãe Negra, isso é fantástico – sussurrou Ashlinn. – O que mais você consegue fazer?

– Isso é tudo.

– Sério?

– Consigo me esconder. Me cobrir de sombras como se fossem um manto. Fica difícil de me achar. Mas fico quase cega quando faço isso. Não consigo ver mais do que alguns palmos na frente do nariz. – Mia deu de ombros. – Nada muito impressionante, acho.

– Me fez perder a cor mesmo assim – disse Ashlinn, com uma piscadinha.

– O Shahiid Solis e a Reverenda Mãe não compartilham do seu entusiasmo.

Ashlinn fez uma careta, cuspiu um pedaço de casca de queijo da língua e disparou:

– Solis é um desgraçado. Um pedaço de merda malvado e brutal. – E, aproximando-se, falou em tom de conspiração: – Você sabe o significado do nome dele, certo?

Mia fez que sim.

– É ashkahi. Significa *O Último*.

– E você já ouviu falar da Pedra Filosofal, certo? A prisão em Godsgrave?

Mia engoliu em seco. Confirmou devagar com a cabeça.

Não olhe.

– Eu cresci em Godsgrave.

– Então você sabe como ela costumava ficar superlotada antes de desmoronar. De anos em anos, eles reduziam o número de gente. Foi o cônsul Scaeva que veio com a ideia, quando ainda não era ninguém no Senado. Chamou de...

– Descenso.

Ashlinn confirmou e voltou a falar com a boca cheia de queijo:

– Tiravam todos os guardas do lugar. Amarravam uma escada na torre mais alta e atracavam um barco a remo na parte de baixo. Aí diziam aos prisioneiros que um deles teria permissão de remar para a costa e voltar ao

mundo, não importava o seu crime. Mas isso só depois que todos os outros presos estivessem mortos. Acontece que, doze anos atrás, nosso bom Shahiid das Canções era apenas um ladrão azarado trancafiado na Pedra Filosofal.

– Solis – balbuciou Mia. – *O Último...*

– Foi assim que o chamaram. Depois.

– Quantos ele...?

– Um monte. E é cego como um filhote recém-nascido também.

– Filhas – Mia balbuciou de novo. Ela sentia a lâmina dele serrando seu braço. O músculo arrebetando. A dor lancinante. – E eu meti a faca na cara dele...

– Talvez ele passe a te respeitar por isso?

Mia olhou de relance para a tipoia no braço ferido.

– E talvez não.

– Veja pelo lado bom: pelo menos você não vai precisar ir para as aulas de Canção até essa asa sarar. Talvez consiga conquistá-lo com flores ou algo assim nesse meio-tempo.

– Drusilla falou que vou ter aula com a Shahiid Aalea até sarar.

– Aaaaah – sorriu Ashlinn, maliciosa. – Sortuda.

– Por que sortuda? O que ela ensina?

– Você não sabe mesmo? – riu Ashlinn. – Pelos dentes da Fauce, você faturou.

– Você vai desembuchar ou vai passar a noite piando?

– Ela estuda as *artes* delicadas. Persuasão. Sedução. Sexo. Esse tipo de coisa.

Mia quase engasgou com seu bocado.

– Ela ensina sexo?

– Bom, não o básico. Em princípio a gente já sabe isso. Ela ensina a arte do sexo. Meu pai diz que existem dois tipos de homem no mundo, os apaixonados por Aalea e os que ainda não a conhecem. – Ash arqueou a sobrancelha. – Mãe Negra, não vai me dizer que você é donzela?

– Não! – Mia protestou. – Eu só...

– Só o quê?

Mia fechou a cara na tentativa de conter o vermelho das bochechas.

– Eu só não... só não fiz com muitos.

– E Tric?

– Não! – exclamou Mia. – Pelas Filhas, não!

– Por que não? Um cara forte que nem ele? Quer dizer, eu sei que as tatuagens são péssimas, mas o rosto por baixo é até bonito.

Ashlinn deu um toque de leve no cotovelo de Mia e completou:

– E no escuro eles são todos iguais.

Mia lançou um olhar para Sr. Simpático, ali a seus pés. Enfiou mais frango na boca.

– Quantos você já teve, Corvere?

– Por quê? – Mia resmungou de boca cheia. – Quantos *você* já teve?

– Quatro – disse Ashlinn, então tamborilou um dedo na boca. – Beeeem, quatro e meio, se é para ser exata. Mas ele era um idiota, então nem considero. Todo mundo tem uma segunda chance.

– Um – admitiu Mia.

– Ah. Você o amava, então?

– Nem o conhecia.

– Como foi?

Mia fez uma careta. Deu de ombros.

– Ah. Um desses. E agora não entende por que fazem tanto barulho por isso, nem por que teria vontade de fazer de novo em alguma viragem?

Mia mordeu os lábios e confirmou.

– A Shahiid Aalea vai te ensinar. Melhora, Corvere. Você vai ver.

– Humpf.

Mia debruçou-se no parapeito com a cabeça apoiada na mão.

Ash se levantou e bateu as migalhas de queijo do colo.

– Vamos, melhor a gente ir. Vamos ter aula de Bolsos amanhã cedo. Se você tiver sorte, quem sabe não consegue encaixar um tempinho com Aalea.

Ashlinn fez uns barulhos de beijo.

– Cala a *boca* – rosnou Mia.

Os barulhos de beijo passaram a ser entremeados por gemidos suaves e

guturais.

– Cala a boca.

As duas saíram pela escuridão, e o gato que não era gato as seguiu calado.

Logo em seguida, um garoto saiu das sombras atrás delas. Pele pálida. Couro preto. Muitos o considerariam bonito, embora sua beleza fosse mais feminina do que masculina. Tinha têmporas altas e os olhos azuis mais penetrantes que você veria na vida.

Um garoto chamado Shiu.

Ele segurava uma faca. Observava Mia e Ashlinn sumirem na escuridão, correndo a ponta do dedo esguio pelo gume.

Sorrindo.

57 Embora declarada herética, a Igreja Vermelha, como não foi completamente erradicada pelos luminatii, mantém uma espécie de acordo com várias autoridades pela República de Itreya. Devido ao poder da Igreja de Aa e ao recente e infame atentado contra a vida do cônsul Scaeva durante o Massacre da Veratreva, pouquíssimos membros da nobreza de Godsgrave têm contato direto com os discípulos da Mãe da Noite. Mas os estados-vassalos da República que são mais cosmopolitas – como a corte do rei de Vaania, Magnussun IV – reconhecem abertamente a Igreja Vermelha, e mantêm permanentemente um discípulo a seu serviço.

Os benefícios do acordo são duplos: o bom rei Magnussun pode, claro, livrar-se discretamente de seus inimigos em caso de necessidade e, o que é mais importante, enquanto o rei detém os serviços da Igreja da Lâmina, não precisa temer que algum rival contrate uma Lâmina para despachá-lo. Trata-se de uma regra de ouro em todos os negócios da Igreja, que lhe garantiu uma vantagem sobre todos os outros assassinos de aluguel: a vida daquele que emprega uma Lâmina é considerada fora dos limites de qualquer outra Lâmina de Niah.

Claro, as taxas para que alguém possa contar com o serviço permanente de um dos melhores assassinos da República são de fazer cair o cu da bunda, de modo que apenas um rei tem condições de arcar com tal despesa por muito tempo. Ainda assim, pode-se dizer que, de todos os governantes de Itreya, Magnussun IV talvez seja o que melhor dorme, por ter o sono perturbado apenas de vez em quando, perto do fim do ano, por pesadelos sobre a chegada iminente da conta da Igreja.

58 A semana de Itreya consiste em sete viragens, uma para cada uma das quatro filhas de Aa, e uma para cada um dos seus três olhos. Os hereges nihânicos contam de um tempo antes de a Fauce ser banida do céu, quando Aa reclamava apenas uma viragem da semana para si e concedia outra à noiva.

Os hereges não dizem nada sobre quem era beneficiado com a sétima viragem.

Capítulo 13

AULA

– Como a minha ex-mulher costumava dizer – sorriu o Shahiid Mouser –, os dedos são tudo.

Os acólitos estavam reunidos no Salão dos Bolsos, de pé num semicírculo em volta do shahiid. A sala era enorme, iluminada pela luz vagamente azul dos vitrais do alto. Longas mesas estavam dispostas pela sala, todas lotadas de bugigangas e bizarrices, cadeados e gazuas. As paredes eram cobertas de portas, dezenas de dezenas, cada uma com um tipo diferente de tranca. Já na parte menos iluminada, Mia podia ver armários cheios de roupas. De todo corte e estilo imaginável em cada canto da República.

Mouser, por sua vez, vestia o traje comum dos itreyanos: calças de couro e gibão de mangas com fenda; a túnica de cinza agourento tinha sumido. Ele ainda portava a espada de aço-negro, as figuras douradas com cabeça de gato no cabo enlaçando-se num abraço. Mia ficou novamente impressionada com os olhos do shahiid; embora parecesse um homem recém-chegado aos trinta, o olhar profundo e castanho revelava a sabedoria de um homem bem mais velho.

– Claro que a minha primeira noiva não era das chamadas mais brilhantes. Afinal, se casou comigo.

O shahiid caminhou por entre os noviços, com as mãos às costas, acenando com a cabeça como um janota medular em passeio. Parou abruptamente diante do irmão de Ashlinn, Osrik, e estendeu-lhe a mão.

– Oi, amigo, qual o seu nome?

O garoto loiro apertou a mão oferecida, e Mouser lhe jogou uma faquinha, com o cabo virado para o rapaz.

– Acho que deixou cair isto.

Osrik conferiu a bainha vazia no punho. Piscou surpreso. Mouser voltou-se para os acólitos com uma piscadela.

– Está na distração – disse.

O shahiid continuou pela fila e parou na frente de Tric. Os roxos deixados pelos punhos de Trazáguas e pelas botas de Solis ainda estavam gravados em azul-vivo no rosto dele.

- Como está o queixo, amigo?
- Está bem, shahiid, obrigado.
- Parece bem ruim.

Mouser passou a mão de leve pelo rosto de Tric. O garoto se encolheu e levantou a mão para empurrar o shahiid. Num piscar de olhos, Mouser jogou um anel para ele, e Mia logo reconheceu a joia: três dragões-do-mar enlaçados.

- Acho que você deixou cair isso.

Tric conferiu duas vezes o seu dedo, agora nu. O anel na palma da mão.

Mouser olhou de novo para os acólitos.

- Está no toque – ele disse.

O shahiid voltou a andar pela fila e acabou parando na frente de Jessamine. Mouser ofuscou a ruiva com seu sorriso de prata e se aproximou. A garota o encarou de volta com seus olhos brilhantes de caçadora e com um sorriso divertido, num esforço para ser mais charmosa que o shahiid. A troca de olhares foi interrompida quando Mouser ergueu uma pulseira de ouro, que girou no dedo.

– Acho que você deixou cair isto – ele disse, jogando-a de volta para a garota. Então se virou para os acólitos com uma piscadela e emendou: – Está nos olhos.

Sem uma palavra, Jessamine deu um passo à frente e beijou Mouser na boca. Choque e risinhos espalharam-se pelos noviços à medida que os olhos do shahiid se arregalavam. Quando ele deu um passo para atrás, as mãos levantadas para afastar a garota, Jessamine agarrou o cabo da sua espada de aço-negro e a puxou com um floreio. Ainda sorrindo, apontou a lâmina para o peito do shahiid.

- Está nos lábios – disse Jessamine.

Mouser hesitou, lançando um olhar para a sua própria espada contra seu peito. Mia prendeu o fôlego, perguntando-se se o desgosto dele assumiria a

mesma forma que o de Solis. Mas então o shahiid deu uma gargalhada, alta e longa, e curvou a cabeça para a ruiva.

– Bravo, mi dona, bravo – elogiou.

Jessamine devolveu a espada e saudou-lhe segurando uma saia imaginária.

Ashlinn lançou um olhar para Mia, que assentiu com a cabeça, contrariada.

Ela é boa...

Ainda assim, Mia não conseguia deixar de ruminar sobre a injustiça. Ela tinha se mostrado para um shahiid e acabara sem meio braço. Jessamine recebera uma maldita salva de palmas...

Mouser voltou-se para o grupo.

– Como a nossa proativa acólita aqui acaba de demonstrar, o jogo dos Bolsos é um jogo de manipulação. Um teatro. Uma dança em que o seu alvo precisa estar sempre fora de compasso e você, um passo à frente. Cortejar bolsas ou a arte de permanecer invisível pode parecer pouca coisa perto da “arte” de rachar no meio o crânio de um sujeito ou matá-lo com seu próprio cálice de vinho. Mas, às vezes, você e seu alvo estão separados apenas por uma simples porta, ou por uma senha rabiscada num papel que está dentro do bolso do chefe da guarda. O caminho nem sempre é pavimentado com sangue. Infelizmente, o ex-amor da minha vida *chegou* mesmo perto da resposta. Os dedos de vocês são o seu ganha-pão neste jogo. E o único jeito de eles ficarem bons é praticar. Então pratiquem.

O shahiid apontou para uma pilha de pergaminhos finos sobre uma das mesas.

– Para motivar os acólitos, cada shahiid promove um torneio durante o curso. Todos vocês pegarão uma dessas listas. Nelas, encontrarão uma série de itens que estão dentro da Montanha Silenciosa, cada um com um número ao lado. Vocês somarão pontos se tiverem êxito em obter o item e trazê-lo para mim *sem serem pegos pelo proprietário*.

Mouser correu os olhos pela sala, travando olhares com cada um dos novinhos.

– Entendam que não assumo qualquer responsabilidade pelas consequências no caso de serem pegos tentando obter esses tesouros. E se

forem flagrados perambulando pelos corredores depois das nove badaladas, que a Mãe Negra os ajude. Isto é um jogo, meus filhos. Mas um jogo perigoso.

Mouser mexeu as sobrancelhas e completou:

– O único tipo que vale a pena jogar. No fim do ano, o acólito que obtiver mais itens será o primeiro desta sala. Cada um dos outros shahiids organizará um torneio similar: Canções, Máscaras e Verdades. Se não tiverem deficiências deprimentes nas outras áreas de estudo, é praticamente garantido que os estudantes que terminarem no primeiro lugar de cada sala se formarão como Lâminas de pleno direito da Igreja Vermelha.

Murmúrios pulularam entre os acólitos. Mia trocou um olhar com Tric do outro lado da sala. Ashlinn sorria como alguém que tivesse achado não só uma moeda, mas um cofre e um banco na rua. Uma garantia quase certa de se tornar Lâmina? De vingar o pai? De pisar na cova de Scaeva? Pelos dentes da Fauce, era um prêmio pelo qual valia afanar umas quinquilharias...

Alguns acólitos já tinham começado a pegar pergaminhos. O garoto de uma orelha só, cujo nome era Petrus, teve uma breve disputa com Diamo por ter pegado o mesmo que ele. O de Tric foi tomado de suas mãos por uma sorridente Ash. Mia forçou passagem pela confusão para pegar o seu. Rompeu o selo de cera e abriu a lista escrita à mão:

Uma faca de cozinha — 1 ponto

Uma albarda da Sala das Canções — 1 ponto

Um item pessoal de outro acólito — 2 pontos

Uma joia de outro acólito — 3 pontos

Um livro do ateneu (roubado, não emprestado, espertinho) — 6 pontos

Um espelho da Sala das Máscaras — 7 pontos

Os óculos do cronista Aelius — 8 pontos

Um rosto dos aposentos da tecelã — 9 pontos

As facas cerimoniais da Shahiid Mataranhas — 20 pontos

Uma lembrança do escritório da Mãe Drusilla — 35 pontos

A bainha vazia do Shahiid Solis — 50 pontos

E assim por diante. Dezenas e dezenas de itens listados até o fim da página, um mais bizarro do que o outro. Parecia que o “torneio” desencadearia uma guerra total de ladroagem entre os acólitos, o que provavelmente era o que Mouser queria. Eles passariam o tempo todo alertas, sempre à procura de uma oportunidade, constantemente vigilantes.

Praticariam o tempo todo.

Esperto.

Mia viu o último item no final da lista. O mais difícil de todos.

A chave de obsidiana da Reverenda Mãe — 100 pontos

Mia lembrou-se da chave que pendia do pescoço da anciã. Quão louco alguém precisava ser para tentar roubar aquilo? Ela olhou para o Shahiid Mouser e pegou-o de olho nela com aquele sorriso de prata. Então ele bateu palmas e falou à sala inteira:

– Agora. Pratiquem.

A primeira aula do shahiid foi sobre a simples arte de bater bolsos e bolsas. Ele pegou na mesa uma bolsa tilintando de moedas e a amarrou no cinto. Então expôs aos noviços as diversas técnicas para surrupiar o rico conteúdo dela, cada uma com um nome mais sofisticado que a outra. O Levantamento. O Pateta. A Julieta. O Gigolô. Com uma bengala na mão, Mouser escolheu um acólito ao acaso para tentar roubar o prêmio – Carlotta, a garota com a marca de escrava que gingava como uma cobra e era quase tão rápida quanto uma. Depois, o Grande Diamo, cujas mãos de marreta provaram-se mais ágeis do que aparentavam. Mas ambos os noviços foram lentos demais e tiveram como recompensa uma paulada na mão. Mão pesada demais? *Pau*. Óbvio demais? *Pau*. Estabanado demais?

Pau, pau, pau.

Ashlinn parecia ter mão boa para o jogo, e Jessamine e Shiu estavam no mesmo nível. O garoto pálido de olhos azuis ainda se recusava a falar – usava seu giz e lousa para responder a qualquer pergunta que não pudesse ser despachada com um movimento da cabeça. Mas ele era rápido como vermes

num cadáver e silencioso como a morte.

Mouser trocou de disfarce várias vezes, revirando os armários de roupas para explicar como cada uma delas podia ser superada. Vestiu-se como um don medular, com uma sobrecasaca de corte fino e uma bolsa gorda por dentro. Depois como um senador no típico traje de faixas roxas, com um bolso secreto para ocultar as moedas.⁵⁹

– E agora – Mouser anunciou mais uma vez, revirando os armários –, uma raça que se apega a seus cobres como cães aos seus ossos.

O shahiid apareceu com uma pesada capa branca sobre a cabeça, presa por uma corrente de ouro no pescoço.

– O seu bom, antiquado e temente a deus sacerdote de Aa.

Mouser levantou três dedos numa bênção e falou em uma voz uma oitava mais grave:

– Que o Onividente os guarde sempre na Luz, meus filhos.

E em seguida continuou, erguendo a voz sobre as risadinhas:

– Vamos, vamos, riam se quiserem, acólitos. Mas essa roupa é genuína. Pertenceu a um ministro de Godsgrave que eu conheci por pouco tempo na juventude. Embora ele tenha gostado do encontro menos do que eu.

Ele correu os olhos pelo grupo e continuou:

– Agora, quem vamos escolher para...

De repente o shahiid franziu a testa, preocupado.

– Acólita, você está bem?

Todas as cabeças se viraram na direção de Mia. A garota estava como que grudada no lugar, com o olhar fixo no medalhão em volta do pescoço de Mouser. Os sóis eram feitos de metais diferentes – ouro-rosa para Saan, platina para Saai, e ouro amarelo para Shiih –, e ao vê-los ela sentiu um embrulho no estômago. O rosto começou a suar. A luz do vitral refletia naqueles três círculos de metal precioso. Queimava os olhos. Senhor Simpático encolheu-se na sombra dela, em pânico, tremendo, tão cheio de medo que era incapaz de beber o de Mia. Mas era mais do que simples terror o que acometia Mia diante da Trindade. Era uma dor física real.

– Eu...

– Vamos, filha, é só a roupa de um sacerdote.

Mouser deu um passo à frente. Sem aviso, Mia deu um passo para trás, caiu de joelhos e vomitou o desjejum todo no chão. Os outros acólitos recuaram de nojo. Os três sóis a cegavam, e quando Mouser deu outro passo em sua direção, ela realmente chiou como um gato e rastejou para trás de uma mesa, com a mão erguida para bloquear a luz ofuscante que somente ela parecia ver.

Tric foi atrás dela, com os olhos arregalados de preocupação. Jessamine abriu um sorriso malicioso, Ash parecia estupefata, murmúrios confusos passavam entre os noviços.

– Fora, todos vocês – ordenou Mouser. – Fim das aulas por hoje.

O grupo hesitou, boquiaberto diante da garota aterrorizada.

– Fora! – gritou Mouser. – Agora!

O bando saiu em fila para o corredor, mas Tric rondou Mia como uma enfermeira preocupada até Mouser lhe gritar para sair. Com a sala vazia, o shahiid arrancou a veste e a jogou de lado. Aproximou-se então de Mia como se ela fosse um animal assustado e estendeu a mão.

– Você está bem, filha?

Com a Trindade fora de vista, Mia teve mais facilidade para respirar. O coração foi acalmado no peito, a dor e a náusea amainavam. Senhor Simpático tinha se recomposto e, já aninhado na sombra da garota, bebia o medo dela. Mas as mãos de Mia ainda tremiam, e o coração ainda batia acelerado.

– Me... me desculpe, shahiid.

Mouser ajoelhou-se ao lado dela.

– Não, sou eu quem deve se desculpar. A Reverenda Mãe me contou do truque que você fez com Solis na Sala das Canções. Parabéns, aliás...

O sorriso do shahiid desapareceu ao não encontrar eco em Mia.

– Mas ela me disse o que você é – ele continuou. – Fui descuidado. Perdão. Mia balançou a cabeça.

– Não entendo.

– Antes de eu cortar a garganta dele, o homem que vestia esse traje era um primus do ministério de Aa. O medalhão tinha sido santificado por um grão-

cardeal. Abençoado pela Mão Direita do próprio Aa.

– Duomo?

Mouser fez que não com a cabeça e retomou:

– Seu antecessor. Mas o homem não importa, filha. Nem as roupas. É a fê no Onividente. O cardeal que abençoou o medalhão *acreditava*. Era um discípulo verdadeiro do Deus que banuiu a própria Noite dos nossos céus. Aa concede aos seus servos mais devotos alguma medida da sua própria força. Os luminatii e as suas espadas de aço-solar são os mais evidentes do grupo, mas os sacerdotes mais piedosos podem infundir certa medida dessa força nas coisas que tocam. Eu deveria ter adivinhado que uma coisa dessas poderia ser uma perdição para você.

– Mas por quê?

O shahiid deu de ombros e respondeu:

– Você foi tocada pela Mãe, acólita. Marcada. Se para o bem ou para mal, não sei. Mas sei que a Luz odeia sua noiva. E odeia aqueles que ela ama com a mesma intensidade.

Mia piscou. A náusea ainda se agitava dentro de si. Ela a tinha sentido do mesmo jeito que sentia a pedra sob seus pés naquele momento. Ao olhar aqueles três círculos ardentes, sentiu fúria. Chamas. Malícia. Ela já tinha se sentido da mesma forma uma vez. A luz ardendo nos olhos. Sangue nas mãos. Cegueira.

Não olhe...

Mouser deu-lhe um tapinha amistoso no joelho.

– Vou deixar a Trindade escondida nas próximas aulas. Desculpe de novo.

O shahiid a ajudou a se levantar e conferiu se ela aguentava ficar de pé. As pernas de Mia vacilavam e ela se sentia um pouco zozza. Mas sinalizou com a cabeça que estava bem e respirou fundo.

– Você já viu o Lorde Cassius reagir dessa maneira diante da Trindade?

– Nunca fui burro o bastante para usar isso na presença dele – respondeu Mouser, sorrindo.

– Eu gostaria de falar com ele, se possível. Nunca conheci um...

– O Lorde Cassius já não está na Montanha, acólita – interrompeu o

shahiid. – Vai voltar para a iniciação de vocês, mas duvido que nos brindará com a sua presença antes disso. Sejam lá quais forem as respostas que procura, terá de encontrá-las sozinha. Eu bem que gostaria de poder te falar mais, mas Cassius é o único sombrio que conheci na vida, e o Senhor das Lâminas guarda seus conselhos para si.

Mia agradeceu com a cabeça e saiu da Sala dos Bolsos. Passos ainda incertos. Mãos ainda trêmulas. Ela parou logo à frente das portas da sala, fechou os olhos e ouviu o coral fantasmagórico cantar nas trevas. A escuridão atrás das pálpebras ainda estremecia com os três círculos ardentes; sua mente ainda estremecia por saber que, por algum motivo, ela merecia o ódio de um deus. Ela não fazia ideia de como. Ou por quê. Mas fossem quais fossem os motivos, parecia que ninguém naquela Igreja possuía as verdadeiras respostas.

Talvez...

Mia avançou pela escuridão, ainda enjoada. Os círculos ardentes iam aos poucos sumindo da sua vista. Pensou que talvez houvesse alguém numa daquelas salas que tivesse as respostas de que ela tanto necessitava. Mas ao chegar nas portas monumentais do ateneu, viu que estavam firmemente trancadas. Bateu, chamou o cronista em voz alta. Recebeu apenas o silêncio em troca.

Suspirando, Mia apoiou as costas contra a porta e deixou o corpo cair. Enfiou a mão na tipoia e sacou uma caixinha prateada. Acendeu uma cigarrilha. Exalou a fumaça.

Os três sóis ardiam-lhe por trás dos olhos.

As perguntas ardiam-lhe na mente.

Mas se quisesse descobrir a verdade sobre si, teria que descobrir sozinha.

A sombra agitou-se aos seus pés. Uma voz suave sussurrou no escuro:

– *...sozinha nunca...*

⁵⁹ O roxo é cor de prestígio da República desde o tempo da revolução, quando o último rei de Itreya, Francisco XV, foi derrubado.

O tingimento roxo é feito das pétalas esmagadas de uma flor que só cresce na fronteira montanhosa entre Itreya e Vaan. Quase impossível de cultivar, a flor tinha o nome de Liberis – “Liberdade” em itreyano antigo. Os republicanos que assassinaram Francisco adotaram-na como um símbolo da sua causa, prendendo-a no peito em reuniões da corte para indicar sua fidelidade à conspiração.

É discutível se isso é uma simples invenção romântica ou não, mas o fato é que hoje apenas senadores têm autorização para ostentar a cor em público. Qualquer plebeu flagrado de roxo tem grandes chances de padecer o mesmo destino que o infeliz Francisco XV – ou seja, ser assassinado brutalmente diante da sua família inteira.

A real definição de *roxo* é aberta à interpretação, claro. O lilás pode ser perdoável se o magistrado da vez estiver de bom humor. Pode-se dizer que a vinca é mais *azul* do que roxa, e o mesmo vale para violeta, mas ametista seria com certeza forçar a amizade.

Cor de malva, claro, está completamente descartada.

Capítulo 14

MÁSCARAS

– Sala dos Espelhos seria um nome melhor – murmurou Mia.

Uma viragem se passara desde o incidente na sala de Mouser. Ela tinha abafado as preocupações de Tric e Ashlinn com a história furada de um pedaço de arenque estragado no desjejum, e após alguns olhares desconfiados, ambos deixaram o assunto de lado. O resto do grupo tinha mais uma aula agendada na Sala das Canções, mas com o braço ainda inchado, Mia foi escoltada por Naev para a sua primeira aula na infame Sala das Máscaras.

Escadarias e corredores. Corais, janelas e sombras.

Então a sala abriu-se diante dela, permeada por um perfume vago. Todas as superfícies em escarlate. Compridas cortinas vermelhas agitavam-se como dançarinas em um vento oculto. Vitrais de um rubro brilhante. Estátuas esculpidas em raro mármore vermelho estavam dispostas em fileiras ordenadas – as figuras estavam nuas; eram belas, mas, estranhamente, uma não tinha cabeça. O mais estranho ainda é que não havia qualquer máscara à vista. Em vez disso, Mia enxergava espelhos onde quer que olhasse. De vidro e prata polida, com molduras douradas, de madeira ou cristal. Cem reflexos retribuindo-lhe o olhar. Franja torta. Pele pálida. Olheiras.

Inescapável.

Naev retirou-se da sala. As portas fecharam-se silenciosamente.

– Chegou cedo, meu amor.

Mia procurou a voz entre os reflexos. Era vaporosa. Musical. Captou um movimento; curvas pálidas cobertas por um vestido vermelho-vinho. Foi então que viu emergir das cortinas de seda escarlate Aalea, a Shahiid das Máscaras.

Quase doía ver a mulher à plena luz. Chamá-la de linda era como chamar um tufão de brisa de verão, ou os três sóis de velas. Aalea era simplesmente bela; bela de doer, de enlouquecer. Cachos grossos esparramavam-se até sua cintura como rios noturnos. Os olhos delineados transbordavam mistério; os

lábios carnudos estavam pintados com o vermelho do sangue do coração. A forma de uma ampulheta. Era o tipo de mulher que aparece nos mitos antigos: aquelas pelas quais homens invadiam cidades ou atravessavam oceanos ou faziam outras tolices impossíveis para possuir. Mia sentiu-se um inseto à sua presença.

– Perdão, shahiid. Posso voltar mais tarde, se quiser.

– Não, meu amor – respondeu Aalea. Seu sorriso era como os sóis emergindo das nuvens. Ela atravessou a sala e beijou as bochechas de Mia. – Fique e seja bem-vinda.

– Muito obrigada, shahiid.

– Venha, sente-se. Quer beber? Tenho água açucarada. Ou quer algo mais forte?

– Uísque?

O sorriso de Aalea deu a impressão de ter sido feito especialmente para Mia.

– Como quiser.

Mia viu-se sentada num dos divãs de veludo, com um copo de bom vinho d'ouro na mão. A shahiid reclinou no divã oposto; entre os dedos pintados e delgados, um copo fino com um líquido escuro dentro. Ela parecia um quadro que tinha ganhado vida. Um deusa que andava no mundo com pés terrenos, e que por algum motivo achava adequado gastar alguns momentos com...

– Seu nome é Mia.

A garota piscou, sentindo-se um pouco tonta pelo perfume.

– É, shahiid.

– Um nome tão bonito. Liisio?

Mia fez que sim. Tomou um gole do copo e fez uma careta ao sentir o líquido queimar a garganta. Pelas Filhas, que vontade de fumar...

– Conte-me sobre ele – pediu Aalea.

– Quem?

– O seu garoto. O seu primeiro. Você só conheceu um, se não estou enganada.

Mia tentou não deixar o queixo cair demais. Aalea sorriu de novo, um

sorriso brilhante que encheu o peito da garota com um calor que não tinha nada a ver com o vinho d'ouro. Havia algo naqueles olhos escuros que sugeria uma familiaridade. Segredos compartilhados. Como irmãs que nunca se tivessem encontrado. Uma voz na cabeça de Mia cochichava que a shahiid estava pondo sua arte em prática, mas ao mesmo tempo aquilo não parecia importar.

É esse o truque, ela pensou.

– Não há muito do que falar – disse Mia.

– Podemos começar com o nome?

– Nunca soube.

Aalea arqueou uma das suas sobrancelhas bem-feitas e deixou o silêncio fazer a pergunta.

– Era um açúcarado – confessou Mia, afinal. – Eu o paguei.

– Você pagou um garoto para ter a sua primeira vez?

Mia olhou a mulher nos olhos, recusando-se a desviar o olhar.

– Um pouco antes de vir para cá – disse.

– Posso tentar adivinhar o motivo?

Mia deu de ombros.

– Como quiser.

Aalea reclinou no divã e se refestelou como uma gata.

– Sua mãe. Era uma mulher bonita? – quis saber a shahiid.

Mia piscou. Não disse nada.

– Você sabe que não olhou para nenhum espelho desde que se sentou? Para onde quer que vire nesta sala, vê o seu reflexo. Contudo, fica aí, olhando para a bebida na sua mão, fazendo de tudo para evitar o próprio rosto. Por quê?

Mia encarou a shahiid. Era provável que sempre tivesse tido homens para a adular. Não sabia o que era ser comum. Pequena. Normal. Os olhos de Mia lampejaram de raiva, e sua voz saiu dura e seca:

– Nem todo mundo nasce com a mesma sorte.

– Você tem mais sorte do que sabe. Nasceu *sem* aquilo que a maioria das pessoas valoriza nos seus amantes. O ridículo bem que chamam de *beleza*. Você sabe o que é ser desdenhada. Sabe tão bem a ponto de pagar um garoto para te amar. Para provar essa doçura, ainda que por um instante.

– Não foi tão doce, acredite.

Aalea sorriu e retomou:

– Você já compreende o que é *desejar*, meu amor. E logo vai compreender quanto poder ganha ao instilar esse desejo nos outros.

– O que você ensina aqui, exatamente?

– O toque suave. O olhar detido. Ninharias sussurradas que significam tudo. Essas são as armas que vou te dar.

– Prefiro o aço, se dá na mesma – Mia rebateu de cara fechada. – Mais rápido e mais honesto.

Aalea riu.

– E se precisar de informações para cumprir uma oferenda? Se o seu alvo estiver escondido, e o seu paradeiro só for conhecido por um criado de confiança? Ou se você precisar obter uma senha para ganhar acesso a uma reunião em que seu alvo estará presente? Ou conquistar a confiança de uma mulher que pode te levar à sua presa? Do que vai ter servir o aço?

– Ouvi falar que carvão em brasa faz maravilhas nessas situações.

– A pele cálida faz ainda mais. E deixa menos cicatrizes.

A shahiid se levantou, andou devagar até o divã de Mia e sentou ao lado dela. A garota sentiu o cheiro do perfume da mulher, inebriante, estonteante. Olhou bem para o negro dos olhos dela. Havia um campo gravitacional ao redor de Aalea. Um magnetismo do qual Mia não podia escapar. Havia algum tipo de arquemia no perfume?

– Vou te ensinar a fazer os outros te amarem – ronronou Aalea. – Homens. Mulheres. Total e completamente. Pelo menos por uma quasinoite. Pelo menos por um instante.

Ela esticou a mão com dedos suaves e tamborilou-os de leve pela bochecha de Mia.

– Vou te ensinar a fazer as pessoas *desejar*. A fazê-las sentir o que você sente agora. Mas primeiro precisa dominar o rosto que enxerga no espelho.

O feitiço de Aalea se desfez, o frio na barriga de Mia sumiu, e a garota olhou no espelho mais próximo. O reflexo nele. A garota magricela e pálida de nariz quebrado e bochechas chupadas, sentada ao lado de uma mulher que

poderia ser uma das estátuas da sala que ganhara vida. Era loucura. Nem o perfume mais doce, nem os sussurros mais prazenteiros seriam capazes de tornar Mia bela. Ela tinha se conformado com isso anos antes.

– Eu olhei no espelho mais do que a maioria das pessoas – disse a garota. – E embora aprecie suas intenções, shahiid, se você disser que preciso aprender a me amar para que os outros me amem, acho que sou capaz de vomitar esse ótimo uísque no seu belo carpete vermelho.

Risos, luminosos e cálidos como os três sóis. Aalea tomou a mão de Mia e apertou-a contra seus lábios vermelho-sangue. Contra a sua vontade, a garota sentiu as bochechas corarem.

– Minha cara, não. Não duvido que se conheça melhor do que a maioria das pessoas. É sempre assim com quem é comum, como nós. E não quero dizer que você precisa aprender a amar o rosto que vê no espelho agora.

Aalea fez uma pausa para tocar de novo a bochecha de Mia, e a garota sentiu um calor atordoante.

– O que quero dizer – explicou a shahiid – é que você precisa dominar o rosto que verá no espelho amanhã.

– Por quê? – indagou Mia, franzindo a testa. – O que acontece no fim da viragem?

Aalea sorriu.

– Vamos te dar um rosto novo, claro.

– Um o quê novo?

– Esse nariz, esses olhos... não – desdenhou Aalea. – Chamam a atenção demais, vê? Um nariz torto dá margem a perguntas sobre como foi quebrado. Olheiras podem fazer o seu alvo se perguntar o que você faz às quasinoites em vez de dormir como uma fiel filha de Aa. E os lugares aos quais em breve a enviaremos... – A shahiid sorriu a essas palavras. – Por enquanto precisamos que você seja bela, mas esquecível. Adorável, mas sem deixar lembranças. Capaz de virar a cabeça de alguém se quiser, ou desaparecer em segundo plano em caso de necessidade.

– Eu...

– Você não gostaria de ser linda, meu amor?

Mia deu de ombros.

– Não ligo a mínima para a minha aparência.

– Mas paga um belo rapaz para te amar?

A shahiid chegou mais perto. Mia conseguia sentir o calor emanar da pele dela. Sua boca ficou seca de repente. A respiração acelerou-se. Raiva? Indignação? Outra coisa?

– Pode não ser certo – disse Aalea. – Pode não ser justo. Mas este é um mundo de senadores e cônsules e luminatii; de repúblicas e cultos e instituições construídas e mantidas quase que exclusivamente por homens. E neste mundo, o amor é uma arma. O sexo é uma arma. Seus olhos? Seu corpo? Seu sorriso? – Ela deu de ombros antes de completar: – Armas. E te dão mais poder do que mil espadas. Abrem mais portões do que mil Andantes de Guerra. O amor já derrubou *reis*, Mia. Acabou com impérios. Até mesmo destruiu o nosso infeliz céu, queimado pelos sóis.

A shahiid estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo da bochecha de Mia.

– Eles nunca vão ver a faca na sua mão se estiverem perdidos nos seus olhos. Nunca sentirão o gosto do veneno no vinho se estiverem bêbados com a sua aparência. – Ela deu de ombros. – A beleza só facilita as coisas, meu amor. Vai deixá-las mais fáceis do que são agora para você. Pode ser triste. Pode ser errado. Mas também é verdade.

A voz de Mia saiu um sussurro tenso, no limite da raiva:

– E o que você sabe sobre o jeito que as coisas são para mim, shahiid?

– Já vesti tantas aparências que mal me lembro da primeira, mas eu não era uma pintura, Mia – respondeu Aalea, reclinando-se de novo com um sorriso. – Era bem parecida com você. Eu sabia o que era desejar. A dor de desejar. O vazio. Conhecia o desejo como conhecia a mim mesma. E então, quando Marielle me deu a beleza, aprendi a dar esse desejo aos outros e ninguém mais me segurou.

– Marielle... – balbuciou Mia.

A tecelã de carne.

Tudo fez sentido então. A beleza sobrenatural de Aalea. O rosto jovem e os olhos velhos de Mouser. Mesmo a fachada de ternura familiar da Reverenda

Mãe. Mia finalmente entendeu o nome daquele lugar. *A Sala das Máscaras*. Pelas Filhas, o nome poderia se aplicar à Montanha inteira. Assassinos por dentro – todos assassinos –, ocultos sob disfarces que não eram de cerâmica nem de madeira, mas de carne. Beleza. Juventude. Maternidade doce. Que melhor maneira de manter um quadro de assassinos anônimos do que remodelar seus rostos sempre que houvesse necessidade? Que melhor maneira de seduzir um alvo ou misturar-se à multidão ou ser visto e esquecido logo em seguida do que criar um rosto adequado à missão?

Que melhor maneira de nos fazer esquecer quem somos e nos moldar naquilo que querem que sejamos?

Por mais imperfeito que seu rosto fosse aos olhos alheios, ainda era *seu*. Mia não sabia o que sentir diante daquelas pessoas que queriam tirá-lo...

Você começa do nada. Não possui nada. Não sabe nada. É nada. É o que Mercurio lhe havia dito.

Mia respirou fundo. Engoliu em seco.

Porque então você será capaz de tudo.

– Vamos – disse Aalea. – A tecelã nos aguarda.

A shahiid levantou-se e estendeu a mão. Mia lembrou-se da aparência hedionda de Marielle; os lábios fendidos, a baba, os dedos deformados e atrofiados. Senhor Simpático soltou um suspiro a seus pés e a garota respirou fundo. Cerrou os punhos. Esse era o preço que ela tinha escolhido pagar. Por seu pai. Por sua família.

Quando tudo é sangue, sangue é tudo.

O que mais poderia fazer?

Ela tomou a mão de Aalea.

Mia não tinha notado na primeira vez em que descera até lá, mas ao contrário da sala de Aalea, as paredes dos aposentos de Marielle eram *de fato* cobertas de máscaras. De cerâmica e papel machê. De vidro e argila. Máscaras de Carnavalé e máscaras mortuárias, máscaras infantis e antigas, máscaras retorcidas de osso e couro e pele de animal. Um quarto de rostos,

belos e horrendos e todos os meios-termos, nenhum tão horrível quanto o rosto da própria tecelã.

E nenhum espelho à vista.

Marielle debruçava-se a uma baça luz arquêmica. Uma estátua de uma mulher esbelta com cabeça de leão estava a seu lado na mesa; nas mãos da estátua havia um globo. Marielle lia um volume empoeirado, cujas páginas estalavam ao ser viradas. Quando a Shahiid Aalea bateu de leve na parede para anunciar sua presença, a tecelã nem sequer levantou o olhar.

– Boa virada para ti, shahiid – saudou Marielle, um fio de baba escorrendo dos lábios. Ela fechou a cara, esfregando a mão na página agora manchada. A boca de Mia torceu-se de repulsa.

– E para você também, grande tecelã – Aalea retribui com uma mesura e um sorriso. – Espero que esteja bem.

– Vou indo, obrigada.

– Onde está seu belo irmão?

Marielle levantou os olhos a essas palavras, com um sorriso quase largo o bastante para partir seus lábios de novo.

– Alimentando-se – respondeu.

– Ah. – Aalea pôs a mão na parte de baixo das costas de Mia e empurrou a garota para dentro do quarto. – Peço desculpas por interromper, mas esta será a sua primeira tela. Creio que já se encontraram.

– Por pouco tempo. Pode agradecer o gentil Solis por termos sido apresentadas. – Marielle limpou a saliva da boca e abriu um sorriso torcido para Mia. – Boa virada, pequena sombria.

Mia se irritou com o olhar malicioso da tecelã. Agora que o choque do primeiro encontro tinha diminuído, ela descobriu o tipo de mulher que Marielle era. Mia já tinha lidado com gente assim mil vezes. Ela sorria para provocá-la, a garota percebeu. Marielle sentia prazer em atormentar. Amava observar a dor, amava infligi-la aos outros, e amava a companhia daqueles que a amavam tanto quanto ela própria.

Uma sádica.

No entanto, a Shahiid Aalea se dirigia a ela quase com reverência, com os

olhos baixos para demonstrar respeito. Fazia sentido, Mia pensou. Se era Marielle quem mantinha Aalea com aquela aparência, era lógico que a Shahiid das Máscaras quisesse cultivar uma boa relação com ela.

– Entre, faça a garota sentar.

Marielle levantou da mesa com uma careta e gesticulou para o familiar bloco de pedra negra, com as tiras de couro e as fivelas reluzentes. Mia sentiu um gosto amargo na boca, lembrando de acordar ali, da dor e da incerteza e da vertigem.

– Precisarás se despir, pequena sombria – ceceou Marielle.

– Para quê?

Aalea tocou de leve a bochecha de Mia e assegurou:

– Confie em mim, meu amor.

Mia encarou a tecelã. Senhor Simpático encolheu-se em sua sombra no chão e bebeu seu medo o mais rápido que podia. Com uma careta e sem uma palavra, ela tirou o braço da tipoia, puxou a camisa por cima da cabeça, livrou-se das botas e das calças, e deitou nua no bloco. Sentiu o toque frio da pedra contra sua pele à mostra. Começou a se arrepiar.

Com uma palavra de Marielle, um punhado de globos arquêmicos se acendeu sobre a cabeça de Mia. Ela apertou os olhos, ofuscada pela radiância. Duas silhuetas vagas pairavam sobre ela, desfocadas pela luz. A voz de Aalea era cálida e doce como água açucarada.

– Temos de amarrar você, meu amor.

Mia cerrou os dentes. Fez que sim com a cabeça. Era assim que faziam a coisa ali, lembrou a si mesma. Foi para isso que ela se unira à Igreja. Sentiu as tiras apertarem-se em volta dos braços e das pernas, encolhendo de dor quando o couro cortou seu cotovelo ferido. Almofadas de couro foram postas em cada lado do seu pescoço. Mia percebeu que não podia virar a cabeça.

– O que acha? – perguntou Marielle. – Bons ossos. Poderia fazer dela uma beleza rara.

– Só um gostinho por ora, acho. Melhor não nadar tão fundo muito rápido.

– Ela parece ter os seios no lugar errado.

– Faça o que puder, grande tecelã. Tenho certeza de que será magistral,

como sempre.

– Como quiser.

Mia ouviu dedos estalarem. Uma respiração salivante. Piscou para a luz, para as silhuetas que se moviam nela. O coração disparava. Senhor Simpático era incapaz de dar conta de absorver todo aquele terror. Indefesa. Atada. Imobilizada como uma peça de carne numa tábua de açougue.

Você lutou para estar aqui, disse a si mesma. Cada quasinoite e cada viragem por seis anos. Por seis malditos anos. Pense em Scaeva. Duomo. Remus. Mortos a seus pés. A cada passo que der, estará mais perto deles. Cada gota de suor. Cada gota de san...

Mãos suaves acariciaram-lhe a testa. Aalea sussurrou-lhe ao ouvido:

– Vai doer, meu amor. Mas tenha fé. A tecelã sabe o que faz.

– Doer? – indagou Mia, assustada. – Você não disse nad...

Dor. Dor incrível, excruciante. Mãos deformadas pairando sobre seu corpo, dedos movendo-se rápido como se a tecelã tocasse uma sinfonia e as cordas fossem a pele dela. Ela sentiu seu rosto tremular, a carne fluir como cera ao fogo. Cerrou os dentes, abafou um grito. As lágrimas cegavam. O coração latejava. Senhor Simpático inchava e rolava sob ela, as sombras no quarto estremeciam. As máscaras caíam da parede à medida que a dor queimava mais, e em algum lugar em meio àquela fervura dilacerante, ela sentiu alguém tomar sua mão, apertá-la forte, prometendo que tudo ficaria bem:

– ...segure-se em mim, mia...

Mas a dor.

– ...segure, estou com você...

Ai, Filhas, a dor...

Durou para sempre. Recedia apenas o tempo suficiente para ela recuperar o fôlego e lamentar o momento em que tudo recomeçaria. Nem uma vez ao longo de todos aqueles minutos infinitos Marielle chegou a *tocá-la*. Contudo, Mia sentia as mãos da mulher por toda parte. Rasgando a pele e torcendo a carne. Lágrimas escorriam pelas bochechas derretidas. E quando Marielle baixou um pouco mais as mãos, até o peito e a barriga, Mia parou de resistir. O grito escapou até os dentes e além, para a escuridão sobre a sua cabeça, arrastando-

a para baixo, para um breu misericordioso em que ela não sentia nada. Não sabia nada. Não era nada.

– ...*eu não vou deixar você partir...*

Absolutamente nada.

Ela não estava bela.

Sentada no quarto, mais tarde, Mia deu-se conta de que a tecelã não tinha lhe dado aquela dádiva. Ela não era uma estátua viva como Aalea. Nem alguém por quem um general convocaria seu exército, por quem um herói mataria um deus ou demônio, por quem uma nação iria para a guerra. Mas olhando bem no espelho da sua penteadeira, Mia se viu fascinada. Correu a ponta dos dedos pelas bochechas, o nariz e os lábios, com as mãos ainda trêmulas.

Senhor Simpático a observava das almofadas, fartando-se no banquete do medo dela. Ela tinha acordado na própria cama e dado com ele ao seu lado, observando-a com seus não-olhos. A Shahiid Aalea tinha sumido, mas Mia ainda conseguia sentir o cheiro do seu perfume.

Ao sentar-se pela primeira vez diante do espelho, ela esperava dar de cara com uma estranha. Mas ao examinar o rosto refletido na prata polida, se deu conta de que ainda era o dela. Os olhos escuros, o formato de coração, os lábios curvos: tudo dela. Mas, de alguma maneira, ela estava... bonita. Não bonita a ponto de beirar o belo. Estava mais para uma beleza comum com que você cruza na rua toda viragem. O tipo de beleza que você nota como uma brisa, mas que esquece assim que não a vê mais.

Era como se o quebra-cabeça do seu rosto tivesse enfim recebido as peças que faltavam. Diferenças sutis que faziam toda a diferença do mundo. Lábios mais carnudos. Nariz endireitado. Pele suave como a nata. Nada de olheiras, e os próprios olhos pareciam um pouco maiores. Por falar nisso...

Ela abriu os nós do colarinho e olhou para baixo, para o lugar onde não ficavam seus seios.

– Filhas – murmurou. – Isto aqui é novo.

– ...espero que você tenha notado que por educação deixei de comentar a respeito...

Mia olhou para o não-gato sobre a moldura do espelho.

– O seu autocontrole é admirável.

– ...na verdade, não consigo pensar em nada inteligente para dizer...

– Graças à Fauce pelas pequenas graças, então.

– ...ou pelas notavelmente grandes, como é o caso...

Mia revirou os olhos.

– ...nós dois sabíamos que era bom demais para durar...

A garota voltou a olhar para o seu reflexo. Ficou trocando olhares com o novo rosto. A verdade é que ela achava que se sentiria estranha. Como se lhe tivessem roubado algo: a identidade, o seu eu, a individualidade. Como se tivesse sido violada, talvez? Mas aquele rosto ainda era o seu. A sua carne. O seu corpo. Mia deu de ombros para a o espelho e a garota dentro dele repetiu o gesto. Como sempre tinha feito. Como sempre faria.

Ela tinha que admitir.

A tecelã sabia o que fazia.

Capítulo 15

VERDADE

Naev esperava do lado de fora quando Mia levantou na manhã seguinte. Ao ver o novo rosto de Mia, os olhos da mulher arregalaram-se atrás do véu. A garota ouviu um chiado suave passar pelos lábios arruinados da Mão, e hesitou por alguns instantes, sem saber o que dizer. Por fim, decidiu-se por:

– Boa viragem, Naev.

– Naev veio dizer a ela. Naev vai partir.

Mia piscou, surpresa.

– Partir? Para onde?

– Última Esperança. Depois para a cidade de Kassina na costa sul. Naev ficará fora por um tempo. Ela precisa olhar onde pisa até Naev retornar. Manter-se verdadeira. Forte. E cuidadosa.

Mia fez que sim com a cabeça.

– Serei. Obrigada.

– Venha. Naev vai acompanhá-la ao desjejum.

Enquanto a dupla percorria os corredores sinuosos rumo ao Altar Celeste, Mia se deu conta de que não sabia quase nada sobre a mulher a seu lado. Naev parecia ter sido sincera no seu juramento de sangue, mas Mia não sabia exatamente o quanto podia confiar nela. Embora a mulher não tivesse deixado escapar nem uma palavra sobre o assunto, o espectro do novo rosto de Mia pairava sobre as duas como uma mortalha. Uma pergunta debatia-se contra os dentes da garota, exigindo ser feita. Ao chegarem ao Salão dos Elogios, à grande estátua da deusa que assomava com uma espada e uma balança nas mãos, Mia finalmente desembuchou:

– Como você aguenta, Naev? – ela perguntou.

Naev parou de imediato e encarou Mia com seus olhos frios e negros.

– Aguenta o quê?

– Eu entendi o que quis dizer no deserto. Quando perguntei quem tinha feito

isso com o seu rosto, você respondeu “Amor, apenas o amor”. – Mia olhou dentro dos olhos de Naev. – Você amava Adonai.

– Não amava – respondeu Naev. – *Amo*.

– E Adonai ama você?

– Talvez já tenha amado.

– Então Marielle estragou seu rosto porque tinha ciúmes do seu amor pelo irmão dela? – questionou Mia, incrédula. – O que a Reverenda Mãe disse?

– Nada. – Naev deu de ombros e retomou a caminhada. – Ela tem Mãos em abundância. Mas não muitos feiticeiros.

– Então ela simplesmente deixou passar? – continuou Mia, alcançando a mulher. – Isso não é certo, Naev.

– Ela vai aprender que certo e errado significam pouco aqui.

– Não compreendo este lugar. Um acólito foi assassinado bem debaixo desta estátua e o Ministério parece não estar muito interessado em descobrir o culpado.

– Insensibilidade gera insensibilidade. Logo, ela vai se importar tão pouco quanto eles.

Foi a vez de Mia parar de imediato.

– O que você quer dizer com isso?

A mulher encarou Mia com seus olhos negros sem fundo. Então lançou um olhar para a estátua sobre ambas.

– Naev gostou do novo rosto dela. A tecelã sabe o que faz, não é?

Mia levou a mão à bochecha, pensativa.

– Sabe.

– Ela sente falta da antiga aparência? Já sente a mudança nos ossos?

– Só mudaram a minha aparência. Ainda sou a mesma pessoa que era ontem. Por dentro.

– É assim que começa. A tecelagem é só o primeiro passo. A borboleta se lembra de ser lagarta. Mas você acha que ela sente algo além de pena por aquela coisa que rasteja no limo? Depois de ter aberto as belas asas e aprendido a voar?

– Não sou uma borboleta, Naev.

A mulher pôs uma mão no braço de Mia.

– Este lugar dá muito, mas tira muito mais. Podem fazê-la bela por fora, mas por dentro querem moldar um horror. Então, se uma parte dela é importante *de verdade*, segure-a bem, Mia Corvere. Segure-a com força. Ela deve se perguntar o que dará para conseguir o que quer. E o que vai manter. Porque quando oferecemos outra pessoa para a Fauce, oferecemos parte de nós também. E em pouco tempo não resta nada.

– Sei quem eu sou. O que sou. Nunca vou esquecer. *Jamais*.

Naev apontou para a estátua de pedra sobre as duas. Os olhos negros impiedosos. As vestes feitas de noite. A espada firme na pálida mão direita.

– Ela é uma deusa, Mia. Primeiro e acima de qualquer outra coisa, você é *dela* agora.

Mia olhou bem para Naev, então se virou para a estátua. As paredes pretas, as escadarias sem fim, o coral que parecia vir de lugar nenhum. A verdade é que parte dela ainda duvidava. Dos deuses e das deusas. Da guerra entre Luz e Escuridão. Mia podia ser capaz de fazer uns truques de salão com sua sombra, mas a ideia de que tinha sido escolhida por Niah parecia um pouco forçada. Mesmo num lugar como aquele. E, divindades de lado, uma olhada para o rosto velado de Naev deixava claro que as pessoas eram capazes de mais brutalidade do que a Nossa Senhora do Bendito Assassinato era capaz de conceber. Mia tinha experimentado aquilo na própria pele. O que acontecera com seu pai, com sua família... aquilo não fora obra de imortais. Fora obra de homens. De cônsules e cardeais e seus cachorrinhos de colo. Os sorrisos deles lhe ardiam por trás dos olhos. Os nomes deles ardiam nos seus ossos.

Scaeva.

Duomo.

Remus.

Não importava o quanto aquele lugar a mudasse, ela jamais perdoaria. Jamais esqueceria.

Jamais.

– Boa sorte em Última Esperança – disse Mia, afinal. – Preciso do desjejum. Estou faminta.

A mulher curvou-se e virou-se num frufu de tecido cinza e cachos cor de morango. E embora tivesse falado só para si, Mia ainda conseguiu ouvir o murmúrio de Naev enquanto a mulher se afastava:

– Ela também.

Mia foi a primeira a chegar ao Altar Celeste. Sentou a uma das mesas vazias e começou a correr o dedo pelo rosto. Sentiu a pele um pouco sensível, como se estivesse queimada de sóis. O peito e a barriga doíam como se tivessem levado um soco. Além do mais, ela se sentia absolutamente faminta. Devorou cereais e queijo sem pausa, e encheu uma tigela de canja de galinha quente.

Outros acólitos começaram a chegar à sala. Uma liisia de cabelo preto e olhos verde-claros cujo nome Mia descobriu ser Belle. Petrus, o de uma orelha só, e o garoto de mãos tatuadas que murmurava para si o tempo todo.⁶⁰ Mouser a cumprimentou com um aceno de cabeça; Aalea, com um sorriso malicioso. Solis passou ao largo sem nem olhar para ela. Mia viu a bainha vazia no cinto dele: couro preto gasto, gravado com um padrão caleidoscópico de círculos enlaçados. Valia cinquenta pontos no torneio de Mouser. Cinquenta pontos mais perto de ser a primeira da Sala dos Bolsos. E provavelmente valia também um estripamento se Solis a pegasse roubando-a.

Talvez eu devesse começar com uma coisa um pouco mais fácil...

Ashlinn sentou-se na frente de Mia, com a boca já cheia de comida.

– Intã c'm fffui...

A garota engasgou. Seus olhos se arregalaram ao ver o rosto de Mia. Ela engoliu o que tinha na boca sem terminar de mastigar, fez uma careta, tossiu, e só então perguntou:

– A Shahiid Aalea já te levou até Marielle?

Mia deu de ombros, os lábios se curvando. A sensação ainda era estranha ao sorrir.

– Pelos dentes da Fauce – continuou Ash. – A tecelã acertou em cheio. Até endireitou o seu nariz. Eu tinha ouvido falar que ela era boa, mas, abismos!

Que lábios. – Ela baixou os olhos e completou: – E essas tetas...

– Já *deu* – reclamou Mia.

A garota ergueu o copo.

– Juro pela Noite, Corvere, são de primeira. Estou com uma inveja desgraçada agora. Você era sem graça como um garoto de doze anos antes d...

– Já deu – vociferou Mia.

Ash riu baixo e mordeu um pedaço de pão. Outra acólita passou perto com uma tigela de canja quente. Olhos azuis. Cabelo escuro, curto dos lados. A franja longa o bastante para esconder a marca de escrava na bochecha. Ela hesitou um pouco, mexendo o corpo como uma cobra, então arqueou a sobancelha para Mia.

– Se importa se eu sentar aqui, acólita?

A voz da garota era sem graça, dura como pedra, mas seus olhos cintilavam com uma inteligência marcante. Mia mastigou devagar. Por fim, deu de ombros e indicou com a cabeça um banco ao seu lado. A morena abriu um pequeno sorriso, sentou-se e estendeu a mão.

– Carlotta – disse, com a mesma voz de defunta. – Carlotta Valdi.

– Mia Corvere.

– Ashlinn Järnheim.

Carlotta acenou com a cabeça e baixou a voz quando os outros acólitos começaram a chegar.

– A Shahiid Aalea já te levou para ver a tecelã? – perguntou.

Mia fez que sim, olhando a garota de alto a baixo. Era esbelta, bem musculosa. Olhos brilhantes, muito delineados. Tinta negra nos lábios. Embora o corte de cabelo tentasse esconder, três círculos intrincados queimados por arquemia na bochecha a marcavam como uma escrava educada; talvez artesã ou escriba.⁶¹ Mia não sabia de que casa a garota tinha fugido. Mas o fato de ela ainda carregar a marca era prova de que era fugitiva. A garota tinha coragem, isso era certo. A brutalidade do destino dos escravos fugidos na República só era limitada pela imaginação dos magistrados. Arriscar tudo para fugir do cativeiro e ir até ali...

– Como foi? – perguntou Carlotta. – Com a tecelã?

Mia examinou a garota com cuidado por mais uns momentos, medindo-a.

– Doe mais do que você pode imaginar – ela respondeu finalmente.

– Mas valeu a pena?

Mia deu de ombros. Baixou os olhos para o peito e sentiu um sorriso desenhar-se no rosto.

– Me diga você.

Ashlinn também sorriu, roçando os dedos nos de Mia. Carlotta abriu um sorriso como alguém que tinha apenas lido sobre aquilo nos livros, em seguida endireitou a franja por cima da marca de escrava. Outros acólitos foram entrando no altar, notando o rosto novo-mas-familiar de Mia com interesse. Até Jessamine a encarou. Mia se tornou objeto de curiosidade pela primeira vez na vida.

Ela pegou o parceiro de Jessamine, Diamo, olhando-a até a ruiva lhe dar uma cotovelada nas costelas. Mia deu uma espiada em outro acólito – um belo itreyano com olhos escuros bonitos chamado Marcellus –, que também a olhava. Levou a mão ao rosto. Ouviu as palavras da Shahiid Aalea reverberarem no seu crânio. Sentiu algo inchar sob sua pele.

Poder, ela se deu conta.

Tenho um tipo de poder agora.

– Nobres damas – cumprimentou uma voz sorridente.

Tric sentou-se ao lado de Ashlinn sem cerimônias, com a bandeja lotada de pão de centeio com manteiga e uma tigela de canja. Sem erguer os olhos, ele mergulhou o pão no caldo e tirou uma colherada que estava prestes a engolir. Mas quando aproximou os dois bocados da boca, o dweymeri fez uma pausa.

Piscou.

Cheirou desconfiado a tigela.

– Hmmm.

Ele franziu a testa para a canja como se a comida tivesse roubado a sua bolsa ou chamado a mãe dele de um nome não muito elogioso. Afastando as tranças dos olhos, mostrou a colher para Mia.

– Você acha que isto está com um cheiro estranho? Jur...

Quando Tric finalmente notou o novo rosto da garota, sua boca se abriu

como uma porta enferrujada ao vento.

– Não deixe entrar moscas – caçou Ashlinn.

Os olhos de Tric cravaram-se em Mia.

– O que aconteceu com você?

– A tecelã. – Mia deu de ombros. – Marielle.

– Ela tirou o seu rosto?

Mia piscou surpresa:

– Ela não *tirou*. Só... só mudou.

Tric a encarou com dureza. As rugas na sua testa se aprofundaram. Ele baixou os olhos para o desjejum intocado, empurrou a canja para o lado. E, sem uma palavra, levantou-se e foi embora.

– Ele parece... irritado? – arriscou Carlotta.

– Magoou o amorzinho? – caçou Ashlinn.

Mia mostrou os nós para Ash, que já caía na gargalhada.

– Ai, amor, *volteeeeeeee* – a garota provocou quando Mia se levantou do banco.

– Vai se foder – xingou Mia.

– Você é coração mole, Corvere. Era para *eles* correrem atrás de *você*.

Mia ignorou as gracinhas, mas Ash agarrou-a pelo braço bem antes que ela pudesse sair.

– Temos aula de Verdades hoje de manhã. A Shahiid Mataranhas não gosta de atrasos.

– É – concordou Carlotta. – Ouvi dizer que ela matou um noviço que chegava tarde. Avisou uma vez. Avisou duas. Depois disso, um túmulo sem nome no Salão dos Elogios.

– Isso é ridículo – desdenhou Mia. – Quem faz isso?

Carlotta lançou um olhar para o cotovelo de Mia.

– O mesmo tipo de gente que corta o seu braço por causa de um arranhão na bochecha.

– Mas *matar*?

Ash deu de ombros.

– Meu pai falou para mim e para Osrik antes de virmos pra cá, Corvere:

Mataranhas é o último shahiid com quem você gostaria de ter problemas.

Mia suspirou e, relutante, voltou a se sentar. Mas as palavras de Ash eram sábias, afinal. Mia não estava lá para bancar a consoladora; estava lá para vingar a sua família. O cônsul Scaeva e seus comparsas não seriam despachados por uma tonta de coração mole. O que remoía Tric por dentro podia esperar até depois das aulas. Mia terminou o desjejum em silêncio (ela não sentiu nenhum cheiro estranho na canja, apesar das alegações de Tric), e depois seguiu Ash e Carlotta à procura da Sala das Verdades.

De todos os cômodos na Montanha Silenciosa, Mia logo descobriu que aquela sala era a mais fácil de encontrar. Ela descia as escadarias sinuosas quando, de repente, seu nariz se torceu de nojo.

– Sangue e abismo, que cheiro é esse?

Carlotta, com uma expressão de reverência e olhos brilhando de fervor silencioso, murmurou em resposta:

– Verdade.

O fedor ficava mais forte conforme as três avançavam pelo escuro. Um perfume de podridão e flores frescas. Ervas desidratadas e ácidos. Grama cortada e ferrugem. As acólitas depararam com um par de portas grandes que, quando abertas, liberaram ondas de cheiro sobre elas.

Mia respirou fundo e adentrou o domínio da Shahiid Mataranhas.

Se o tema da sala de Aalea era o vermelho, ali era o verde. Os vitrais filtravam uma luz verde-esmeralda sobre a sala, tingindo os recipientes de vidro de todos os matizes: de verde-limão a jade escuro. Uma bancada enorme de pau-ferro dominava a sala. Havia tinteiros e pergaminhos por toda parte. As estantes nas paredes estavam repletas de milhares de jarros diferentes, com uma miríade de substâncias dentro. Havia utensílios de vidro dispostos sobre a mesa: tubos e pipetas, funis e vasilhas. Uma melodia dissonante de borbulhas e chiados subia das várias reações que aconteciam nos frascos e vasilhas pela sala.

Outra mesa, menor, ficava na frente da sala, com uma cadeira decorada, de encosto alto, atrás. Sobre ela, em meio a outros utensílios, havia um terrário de vidro cheio de palha. Dentro dele, seis ratos fungavam de um lado para

outro, gordos, negros e lustrosos.

Tric, que tinha chegado antes de Mia e sentado na ponta da bancada, ignorou a chegada da garota. Sentando-se ao lado de Ash, Mia começou a analisar os apetrechos: provetas e frascos e fogareiros. Todas ferramentas de uma oficina de arqueia. Quando começou a suspeitar do tipo de “verdade” que ensinavam ali, uma voz melíflua cortou seus pensamentos:

– Uma vez matei um homem sete quasinoites antes de ele morrer.

Mia olhou para a frente e se endireitou no assento. Uma figura emergiu detrás das cortinas na frente da sala. Alta e elegante, costas retas como uma espada. Tranças de sal intrincadas. Imaculadas. A pele dos dweymeris, escura como castanheira polida, e o rosto sem ornamentos de tinta. Vestia uma túnica longa e esvoaçante de um verde-esmeralda intenso e colarinho dourado. Três adagas curvas lhe pendiam da cintura. Lábios pintados de preto.

Shahiid Mataranhas.

– Matei um senador de Itreya com o beijo da própria esposa – ela continuou. – Um proprietário de terras vaaniano com um copo do seu vinho d’ouro favorito, embora eu jamais tenha tocado a garrafa. Assassinei um dos maiores espadachins luminatii de todos os tempos com um pedaço de osso não maior do que uma unha.

A mulher deteve-se diante do terrário, e os ratos lá dentro passaram a observá-la com seus olhos escuros.

– O néctar de uma única flor – ela retomou – pode nos arrancar desta frágil casca com mais violência do que qualquer lâmina. E com mais delicadeza do que qualquer beijo.

Mataranhas exibiu uma trouxa de musselina; dentro, havia meia dúzia de pedaços de queijo. Ela desfez o embrulho e jogou o queijo dentro do terrário. Guinchando e chiando, cada um dos ratos tratou de garantir a própria refeição, e tudo foi devorado em questão de segundos.

– Esta é a verdade que ofereço a vocês – disse Mataranhas, voltando-se para os acólitos. – Mas o veneno é uma espada sem cabo, crianças. Só tem lâmina. De dois gumes e sempre afiada. Deve ser manejada com o maior dos cuidados para que não faça você sangrar até a morte.

Mataranhas tamborilou de leve suas longas unhas na parede do terrário, e Mia percebeu que cada um dos ratos lá dentro estava morto.

A shahiid baixou a cabeça e murmurou com fervor:

– *Escuta-me, Niah. Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-a para perto de ti.*

Mataranhas abriu os olhos e encarou os acólitos. Sua voz quebrou o silêncio mortal que se abatera sobre a sala:

– Agora, quem vai arriscar um palpite sobre o que finou estas oferendas?

O silêncio imperou. Com os lábios contraídos, a mulher correu os olhos pelos acólitos.

– Falem. Tenho ainda menos necessidade de camundongos do que de ratos.

– Viuveira – Diamo enfim arriscou.

– Viuveira causa dores abdominais e vômito de sangue antes de chegar a termo, acólito. Essas oferendas morreram sem um gemido de protesto. Mais alguém?

Mia piscava sob a luz esmeralda. Esfregava os olhos. Talvez fosse sua imaginação. Talvez o ar ali embaixo fosse de pior qualidade. Mas ela estava com dificuldade de respirar...

– Vamos – disse Mataranhas. – A resposta pode se provar útil a vocês no futuro.

– Aspira? – sugeriu Marcellus, cobrindo a boca para tossir.

– Não – disse Mataranhas. – Aspira é inalada, não ingerida.

Começaram a vir os palpites:

– Albanus.

– Sempisombra.

– Veneno de víbora.

– Malícia.

– Não – respondeu Mataranhas. – Não. Não. Não.

Mia passou a mão no lábio úmido de suor. Piscou mais. Olhou para Ash e reparou que a garota também estava com o mesmo problema de respiração. Olhos injetados. Peito subindo e descendo rápido. Mia inspecionou a sala e

viu que outros acólitos passavam pelo mesmo. Jessamine. Shiu. Petrus.

Todos menos...

Um sorriso alargava-se nos lábios negros de Mataranhas:

– Pensem rápido agora, crianças.

Todos menos Tric...

– Merda – suspirou Mia.

Afastando as tranças dos olhos, mostrou a colher para Mia.

– *Você acha que isto está com um cheiro estranho?*

Tric olhou em volta, confuso, quando os outros acólitos começaram a hiperventilar. Belle caiu no chão com as mãos no peito. Os lábios de Pip já estavam quase roxos. Mia levantou-se com muito custo, fazendo seu banco cair para trás com um estrondo contra o chão de pedra. Mataranhas olhou para ela e ergueu a sobrancelha impecável.

– Algo errado, acólita?

– O desjejum... – Mia olhou em volta para os colegas noviços, todos suando e resfolegando. – Pelos dentes da Fauce, ela envenenou nosso desjejum!

Olhos arregalados. Palavrões e murmúrios. O medo espalhando-se entre os acólitos como o fogo no auge do verão. Mataranhas cruzou os braços e se escorou na mesa.

– Eu *disse* que a resposta poderia se mostrar útil no futuro.

Mia correu os olhos pela sala. Peito contraindo. Coração trovejando. Repassou todo o seu conhecimento de venenos, as páginas de *Verdades arquêmicas* que ela lera repetidas vezes. Ignorou o pânico ao seu redor, sem medo graças a Sr. Simpático a seu lado. O que ela sabia?

O veneno era ingerido. Insípido. Quase inodoro.

Sintomas?

Falta de ar. Contrações no peito. Suores. Sem dor. Sem delírio.

Olhou para os lados. Viu Carlotta de pé. A escrava vasculhava as estantes com os olhos enquanto murmurava consigo mesma. Os lábios e as unhas de Ashlinn estavam ficando azuis.

Hipóxia.

– Os pulmões – murmurou Mia. – Vias aéreas.

Ela olhou para Mataranhas. A cabeça a mil. Manchas pretas pontilhando a vista.

– Dália vermelha... – balbuciou.

Mia piscou surpresa. Outra voz fraca ecoou com a sua e deu a resposta ao mesmo tempo que ela. Ela virou para Carlotta, que também virou para ela com olhos arregalados e injetados. Mas ela sabia. Ela *compreendia*.

– Você pega o sal azul e a calfita – disse Mia. – Eu fervero o leite de pimenta.

As garotas arrastaram-se até as estantes superlotadas e começaram a revirar os ingredientes. Ignorando a dor, Mia tirou o braço da tipoia, empurrou uma caixa de raiz paralítica, derrubou um jarro de erva-soberba que se espatifou no chão. Na ponta dos dedos e pulando para alcançar o jarro de leite de pimenta no fundo da prateleira, ela disparou um olhar para Tric e apontou para um dos bicos de óleo em cima da mesa:

– Tric, acenda isso!

Shiu caiu de joelhos, ofegando. Marcellus caiu de costas do banco com as mãos no peito. Sem fazer perguntas, Tric acendeu o bico e afastou-se ligeiro quando Mia, arfando e suando, jogou uma vasilha de fervura em cima da chama. Ela derramou o leite de pimenta dentro, e o líquido cinzento começou a borbulhar quase que de imediato. A sala desfazia diante de seus olhos. Jessamine estava de quatro no chão. Diamo caiu como uma pedra. Mataranhas observava os acontecimentos em silêncio, com o mesmo sorriso negro nos lábios. Sem levantar um dedo, sem dizer uma palavra.

Carlotta enfim encontrou o sal azul, tropeçou e quase caiu a caminho do bico. Derramando o granulado arroxeadado na fervura com mãos trêmulas, ela acrescentou um punhado de calfitas amarelas e brilhantes. Uma série de minúsculos estalos começou a soar dentro do vidro e uma fumaça espessa e esverdeada começou a subir. O fedor era como açúcar queimado dentro de uma privada, mas assim que Mia o inalou, sentiu o aperto no peito se atenuar e as manchas na vista diminuírem. A fumaça continuava a jorrar, pesada e espessa, afundando até o chão.

Carlotta arrastou o semiconsciente Shiu para mais perto; Mia ajudou Belle

e Petrus a aproximarem-se para uma baforada. Ash e Pip mal se moviam. Lábios azuis. Olhos inchados. Mas depois de poucos minutos na fumaça fedorenta, todos já estavam respirando normalmente. Mãos trêmulas. Descrença em todos os rostos.

Um aplauso vagaroso ecoou na sala. Os acólitos traumatizados voltaram os olhos arregalados para Mataranhas, ainda apoiada contra a mesa, sorrindo.

– Excelente – disse a shahiid, olhando para Carlotta e Mia. – Fico contente em saber que pelos menos duas sabem algo da Verdade.

– E é assim... assim que você nos testa? – perguntou Carlotta, ofegante.

– Não aprova, acólita? – Mataranhas replicou com a cabeça inclinada. – Você está aqui para se tornar um instrumento mortal da Senhora do Bendito Assassinato. Acha que a vida a serviço dela vai ter testes mais carinhosos?

Mia ainda arfava, mas conseguiu arranjar voz para perguntar:

– Mas, shahiid... e se ninguém aqui soubesse a resposta?

Mataranhas olhou para os acólitos, todos de pé ou sentados em volta da fervura agora silenciosa. Então ela tamborilou os dedos mais uma vez no terrário com os ratos mortos.

A shahiid olhou para Mia e, devagar, bem devagar, deu de ombros.

– Voltem para os seus lugares – ela ordenou.

Ainda um pouco mais do que perplexos, os noviços foram lentamente para os seus lugares. Marcellus deu um tapinha nas costas de Mia e Carlotta ao passar. Shiu e Petrus agradeceram com a cabeça. Belle ainda parecia abalada e sentou-se com a cabeça enterrada no meio das pernas. Ashlinn lançou para Mia um olhar de “eu te disse” quando voltaram aos assentos. A história de Mataranhas matar um acólito atrasado já não parecia tão forçada...

– Belo espetáculo, Corvere – cochichou Ash.

– Espetáculo? – chiou Mia. – Pelos dentes da Fauce, todo mundo podia ter morrido.

– Todo mundo exceto Tric, claro – Ash disse com um sorriso para o garoto dweymeri, que dava uns tapinhas nas costas de Belle com olhos arregalados, mas não fora afetado pelo veneno. – Que nariz incrível por baixo daquelas tatuagens. Me lembre de pular a próxima refeição que ele achar que cheira

mal, hein?

Mataranhas limpou a garganta e cravou os olhos em Ash. A garota ficou quieta como um defunto.

– Então – a shahiid começou a falar, unindo as mãos atrás das costas e caminhando lentamente pela sala. – Além das lâminas. Além dos arcos. Seja a sua vítima um guerreiro lendário de armadura brilhante, seja um rei num trono de ouro. Dois gramas da toxina certa pode fazer de uma guarnição um cemitério e de uma república uma ruína. Essa, meus filhos, é a Verdade que ofereço.

A Shahiid Mataranhas indicou Mia e Carlotta com um gesto e continuou:

– Agora, talvez as suas salvadoras possam explicar como a toxina da dália vermelha funciona.⁶²

Carlotta respirou fundo, olhou para Mia e deu de ombros.

– Ataca os pulmões, shahiid – ela respondeu simplesmente, já recuperando a compostura.

– Prende-se ao sangue, de modo que o ar não consegue passar – completou Mia.

– Vocês duas leram o *Verdades arquêmicas*, imagino.

– Cem vezes – confirmou Carlotta.

– Eu costumava a ir para a cama com ele – disse Mia.

– Que surpresa vocês saberem ler... – alguém resmungou.

– Como? – indagou Mataranhas, virando na direção da voz. – Não ouvi você, acólita Jessamine.

A ruiva, que ainda parecia meio irritada com a “demonstração” da shahiid, baixou a cabeça mesmo assim.

– Eu não disse nada, shahiid.

– Ah, não. Com certeza, você ia explicar como a toxina é extraída da semente de dália, não é? A dose letal para um homem de cem quilos?

As bochechas de Jessamine ficaram vermelhas e ela apertou os lábios.

– E então? – questionou Mataranhas. – Estou à espera das suas respostas, acólita.

– Filtragem nítrica – arriscou Carlotta. – Numa cama de açúcar e latão

aspirados. Fervido e condensado. A dose letal para um homem adulto é um grama.

Jessamine encarou a garota sem disfarçar o ódio.

– Excelente – elogiou Mataranhas. – Talvez, acólita Jessamine, você deva seguir o exemplo da acólita Carlotta e *conhecer* a matéria antes de interromper. Esse conhecimento pode salvar a sua vida uma viragem. Eu pensei que essa verdade já tinha sido assimilada.

A garota curvou a cabeça e disse:

– Sim, shahiid.

Sem mais cerimônias, Mataranhas voltou-se para a lousa e começou a falar das propriedades tóxicas básicas. Inoculação. Eficácia. Celeridade. A compostura dela era imaculada; seus modos, sóbrios. Era difícil acreditar que quase tinha matado vinte e sete crianças alguns minutos antes. Com a respiração enfim de volta ao normal, Mia olhou para Carlotta e acenou com a cabeça.

– *Bom trabalho* – disse apenas com os lábios.

A garota ajeitou o cabelo por cima da marca de escrava e, séria, retornou o aceno.

– *Você também.*

Ao voltar a atenção para a aula, Mia olhou de soslaio para Jessamine, que escrevia às pressas num pedaço de pergaminho que depois passou para Diamo. A ruiva encarava Carlotta com olhos estreitados. Apesar de a escrava ter acabado de salvar a sua vida, parecia que Jessamine agora tinha duas inimigas. Mia se perguntou se a garota estava disposta a lançar algo além de olhares venenosos...

Ao longo da aula, ficou claro que Mia e Carlotta estavam muito além dos outros na arte do veneno. Isso deixou Mia orgulhosa. A surra nas mãos do Shahiid Solis a tinha abalado mais do que gostaria de admitir. Sua visita à Shahiid Aalea lhe mostrara como conhecia pouco certas facetas do mundo. Mas *isto*, ela entendia. À medida que, com Carlotta, foi respondendo uma pergunta atrás da outra e merecendo um sorriso relutante de respeito da severa Shahiid das Verdades, Mia descobriu que, pela primeira vez desde que

chegara, começava a se sentir parte de tudo. Começava a se sentir feliz.

Não durou, claro.

Nada nunca dura.

60 Um dia, Mia ficou ouvindo o garoto durante a meiada (a refeição no meio da viragem) e descobriu que ele chamava a si mesmo de “Pip”, e que as conversas murmuradas não eram consigo mesmo, mas com a sua faca – uma adaga longa e cruel que ele aparentemente chamava de “Amada”.

61 A escravidão em Itreya é um assunto altamente codificado, com uma ala inteira dos administratii dedicada à regulação desse mercado. Os escravos vêm em três sabores, dependendo do conjunto de capacidades e, portanto, do valor monetário.

Os primeiros são os artigos mais comuns – trabalhadores braçais e domésticos e coisa assim –, que recebem a marca arquêmica de apenas um círculo na bochecha direita. Os segundos são os escravos treinados para a guerra – gladiatii, vigias e legiões de escravos –, marcados com dois círculos enlaçados. Os terceiros e mais valiosos são escravos com algum grau de instrução ou alguma capacidade valiosa. Músicos, escribas, concubinas e assim por diante, que são marcados com três círculos intrincados para demonstrar seu alto valor.

A remoção dessas marcas arquêmicas é dolorosa, cara e segue um processo secreto, muito bem guardado pelos administratii. Para ganhar a própria liberdade, o escravo deve não apenas economizar moedas suficientes para comprar-se dos seus mestres, mas também pagar para a remoção da marca. Não surpreende, assim, que a maioria dos escravos da República vá para a cova com a marca ainda no rosto.

62 Também conhecida como “mata-reis”, a dália vermelha era o veneno preferido durante a monarquia itreyana. Por causa da raridade da flor de que se derivava, era difícil de conseguir e, assim, mais cara que a média dos banquetes de casamento dos medulares. Seu uso era ao mesmo tempo considerado um sinal de respeito pela vítima (seus efeitos começam rápido e ela é relativamente indolor) e uma espécie de ostentação perversa por parte do assassino (já que somente os mais ricos podiam se dar ao luxo de usá-la). No auge da monarquia, a toxina foi usada para assassinar não menos que três reis de Itreya e vários membros do alto escalão da nobreza, incluindo dois grão-cardeais.

Quando seu pai morreu de envenenamento por dália vermelha, o recém-coroadado Francisco VII declarou a flor um instrumento da Fauce e ordenou que todas as plantas dentro das fronteiras do reino fossem queimadas. Isso resultou numa inflação galopante, e a dália vermelha saiu depressa de moda com todos que não tiveram a providência de cultivá-la em estufa. Infelizmente, isso significou que preparados menos piedosos, como o veneno de víbora e o corrosivo “malícia”, tornaram-se moda entre os assassinos menos bem relacionados.

Quando Francisco VII, no leito de morte, gritava enquanto uma dose letal deste último dissolvia seu estômago e entranhas, não podemos deixar de nos perguntar se ele teve a presença de espírito de apreciar a ironia.

Capítulo 16

CAMINHADA

Uma rotina começava a estabelecer-se dentro da Montanha Silenciosa. As viragens passavam sem Mia perceber, e apenas os sinos marcavam as horas naquela escuridão perpétua. Embora todos tivessem sido interrogados sobre a morte de Trazáguas e o toque de recolher da Mãe Drusilla continuasse a valer, parecia que as investigações do Ministério sobre este assassinato tinham parado. Embora curiosa a respeito da identidade do assassino, Mia dizia a si mesma que tinha outras questões com que se preocupar. Scaeva, Remus e Duomo não se matariam sozinhos. Assim, concentrou-se nos estudos. Mostrou ter uma mão leve melhor do que a média depois que tirou a tipoia e era excelente na arte dos venenos.⁶³ Sob a tutela delicada da Shahiid Aalea, Mia chegou até a compreender o básico de manipulação e da arte da sedução.

Ashlinn passou pela tecelagem, e depois Marcellus, que a bem da verdade já era uma pintura. Parecia que presentear as pessoas com novos rostos exigia muito de Marielle, ou talvez ela fosse apenas caprichosa. Em todo caso, a tecelã avançava devagar pelos acólitos. Naquele ritmo, levaria meses até que todos sentissem o gosto do seu toque doloroso.

O desafio de Mouser aos alunos começou silencioso, com pouquíssimos itens obtidos nas primeiras semanas. O toque de recolher às nove badaladas parecia manter a maior parte dos acólitos no quarto, e Ashlinn e Mia não fizeram mais passeios depois da hora. Mas logo algumas marcações começaram a aparecer na lousa da Sala dos Bolsos. Pequenos números no começo, peças de um ou dois pontos, e os itens mais fáceis da lista foram sendo riscados à medida que os acólitos ganhavam confiança. Ash logo assumiu a liderança, mas Jessamine estava em segundo lugar e – aparentemente recuperado por completo do seu envenenamento quase fatal nas mãos de Mataranhas – Shiu vinha em terceiro. Da sua parte, Mia tinha adquirido depressa algumas das peças mais fáceis, mas sabia que seriam os

objetos mais difíceis a realmente virar o torneio, e nenhum acólito ainda era corajoso o suficiente para roubar a bainha de Solis ou as facas de Mataranhas.

Os outros shahiids anunciaram seus próprios torneios, e de novo foi informado aos acólitos que era quase garantido que aqueles que ficassem em primeiro lugar de uma das salas seriam iniciados como Lâminas. Na Sala das Canções, haveria uma disputa de habilidades marciais em que valia tudo. O vencedor receberia a marca de favorecimento de Solis.

Na luz esmeralda da Sala das Verdades, a Shahiid Mataranhas escreveu na lousa a fórmula de uma toxina arquêmica supercomplexa, e informou aos (ainda um pouco aterrorizados) acólitos que aquele que lhe trouxesse o antídoto correto seria o vencedor. Havia um porém, claro: os acólitos deveriam estar dispostos a testar o antídoto ingerindo o veneno de Mataranhas antes. Se o antídoto funcionasse, muito bem. Se não...

E o torneio da Shahiid Aalea?

Esse acabou por ser o mais interessante de todos.

Todas as acólitas foram despertadas no fim da viragem, um pouco antes das nove badaladas, e levadas até a Sala das Máscaras. Era incomum: estava perto do toque de recolher e, além disso, a Shahiid Aalea geralmente dava aulas particulares. Sua arte era sutil demais e requeria atenção pessoal; grupos grandes de adolescentes na mesma sala tornavam contraproducentes as aulas nas artes delicadas da sedução. Mas, por algum motivo, todas as garotas tinham sido levadas até a shahiid.

Aalea trajava uma camisola de pura seda cor-de-vinho, sem qualquer joia. Ela saudou os acólitos com um aceno da cabeça e um belo sorriso, vermelho-sangue.

– Minhas damas, que pintura estamos hoje!

Ela deu um abraço e um beijo carinhoso em cada uma das garotas. Envoltas pelos braços da shahiid, Mia de novo foi tomada pela certeza de que o sorriso da mulher tinha sido feito exclusivamente para si. Quando Aalea lhe beijou as bochechas, Mia sentiu-se corar.

– Precisamos trabalhar nisso, meu amor – comentou a shahiid, acariciando a pele de Mia. – Nunca deixe seu rosto revelar um segredo que seus lábios

mantêm guardados.

Em seguida ela se virou para as acólitas reunidas ali, nove no total, e começou:

– Então, minhas caras, disseram-me que os outros shahiids já anunciaram seus entediantes torneios. Roubar quinquilharias e matar-se na pancadaria e sei lá o quê. Mas a Senhora do Bendito Assassinato tem usos para uma multidão de talentos. Assim, eu lhes dou o meu.

A mulher fez uma pausa, inspecionou a sala e sorriu para cada uma das presentes.

– Antes do fim do ano, cada uma de vocês deve me trazer um segredo.

Carlotta ergueu uma sobrancelha. Mia pegou-se analisando bem a escrava. Ela nunca sorria e sua voz era fria como um túmulo. Mas tinha ficado claro que Lotti poderia fazer maravilhas com uma sobrancelha arqueada. Transmitir incômodo. Curiosidade. O que poderia passar por diversão. A única mulher que Mia já tinha visto fazer isso melhor era a sua mãe.

– Um segredo, shahiid? – indagou a garota.

– Sim – sorriu Aalea. – Um segredo.

Ashlinn piscou. A tecelã tinha feito maravilhas no seu rosto algumas viragens antes. Nada mais de cara redonda, de um monte de sardas. A garota estava linda como um campo de girassóis. Se os girassóis usassem tranças de guerra e roubassem qualquer coisa que não estivesse pregada ao chão, claro...

– Que tipo de segredo, shahiid?

– O tipo prazeroso. Sórdido. Perigoso. Os segredos são como amantes, minha cara. Só depois de ter alguns você pode fazer comparações precisas.

Aalea olhou para as garotas reunidas com um sorriso sombrio e continuou:

– Então me tragam um segredo. Quem trazer o melhor ganhará o meu favor e terminará em primeiro na Sala das Máscaras – explicou Aalea, balançando os dedos pintados no ar. – Coisa de criança.

– Shahiid, onde vamos procurar? – perguntou Jessamine. – Dentro da Montanha?

– Pela Mãe Negra, não. Eu já sacudi todos os segredos destas paredes. Quero algo novo. Algo que me aqueça na hora de dormir.

– E onde vamos encontrar segredos assim, se não aqui? – quis saber Mia.

– No poço de *todos* os segredos, meu amor. Naquele coração podre aberto ao céu...

O coração de Mia saltou no peito. Havia apenas um lugar a que Aalea poderia estar se referindo. O poço de todos os segredos. A fonte de todas as intrigas na República. O coração do poder do cônsul Scaeva, a sede do ministério de Aa e da catedral de Duomo, sempre sob o olhar vigilante de Remus e suas legiões luminatii.

Godsgrave.

Mas a Cidade das Pontes e dos Ossos estava a um oceano de distância. Mia tinha levado oito semanas num navio e mais uma fugindo de krakens-de-areia para ir de Godsgrave até a Montanha.

Pelo amor da Mãe, como chegaremos lá?

Aalea conduziu as acólitas até as entranhas serpenteantes da Montanha, além da sala dos rostos de Marielle e por corredores de granito pelos quais Mia jamais tinha passado. A pedra era lisa como vidro, a temperatura mais quente do que na parte de cima. O ar era pesado, e à medida que andavam mais para o fundo, Mia foi ganhando a certeza a cada respiração de que sentia o cheiro de...

Será?

O corredor deu numa sala ampla, iluminada por globos arquêmicos. Havia o que parecia ser uma banheira enorme escavada no chão, com dez metros de cada lado e forma triangular. Símbolos arcanos estavam gravados na pedra de cada um dos vértices. E dentro da piscina...

– Sangue – balbuciou Mia.

Qual seria a profundidade? Mia não sabia, mas a superfície agitava-se como um oceano numa tempestade. Mia olhou para as paredes ao seu redor e viu que o granito estava gravado com mapas. Cidades. Países. A República inteira e todas as suas capitais; Carrion Hall, Elai, Farrow e Godsgrave. Ao lado delas, tantos símbolos arquêmicos que doíam a vista. O aroma seboso da

feitiçaria pendia do ar junto com o fedor cobreado da piscina.

– Acólitas – disse uma voz suave. – Eu vos saúdo.

Mia viu a figura esguia do orador Adonai vir à luz. Em contraste com a pele sem cor, ele vestia calças de couro escuro, torturantemente baixas na cintura. Os braços e o torso nus estavam rabiscados com pictogramas de sangue. O cabelo branco estava jogado para trás, deixando à mostra a testa esculpida, e os olhos cor-de-rosa pareciam levemente inchados.

Uma beleza de cadáver recente brilhando em meio à escuridão.

– Grande orador – Aalea cumprimentou antes de lhe beijar a bochecha, sem ligar para o sangue. – Tudo pronto?

– A Cidade das Pontes e dos Ossos aguarda – respondeu Adonai, correndo os olhos pelas acólitas presentes. – Apenas as tuas donas hoje?

– Dons amanhã.

– Como quiseres.

Aalea virou-se para as garotas.

– Tirem as joias, meus amores. Nada de anéis e bijuterias. Nada de lâminas e fivelas. Nada que não tenha antes conhecido o calor da vida pode seguir este caminho.

– Se vossa pele nua vos causa constrangimento, a seda vos será útil – o orador avisou com um gesto vago para um cabide de túnicas na parede. – Embora eu vos garanta que não tendes nada que eu não tenha visto antes. Ainda assim, será necessário trocar de roupa do outro lado.

Outro lado? Do que ele está falando?

Apesar das apreensões silenciosas, Mia tirou as botas e o cinto. Puxou a camisa por cima da cabeça, fazendo uma careta quando veio a pontada no braço. Mas ao tirar a adaga da bainha de couro no pulso, ela hesitou. Tinha trabalhado anos para reconquistar aquilo de Mercurio. Simplesmente deixá-la para trás...

Adonai chamou a atenção de Mia e lhe abriu um sorriso belo e preguiçoso.

– Tua lâmina é de ossário, não é?⁶⁴

– É.

– Então ela pode fazer a Caminhada – disse o orador, inclinando a cabeça.

– É osso. A vida uma vez fluiu por ela, eras atrás. Contudo, se quiseses deixá-la sob a minha guarda, não temas. Nenhum ladrão vivo tem coragem suficiente para pilhar este covil de aranhas.

Vendo os símbolos rubros rabiscados no rosto de Adonai e a piscina de sangue espumando e ondulando como um mar vermelho irritado, Mia não teve dificuldade para acreditar no orador. Ainda assim, manteve a faca embainhada no pulso e guardou o resto dos pertences em nichos de granito reservados para esse fim. Despindo-se até deixar apenas a combinação de seda que usava por baixo das roupas de couro, ela começou a sentir a pele arrepiar.

Adonai ajoelhou-se no vértice superior da piscina triangular, com as palmas das mãos viradas para cima. Acenou com a cabeça para Aalea. A shahiid soltou a camisola dos ombros e revelou a pele nua por baixo. Mia não conseguiu tirar os olhos da mulher, impressionada pela total ausência de constrangimento dela. O cabelo comprido escorria pelas costas de Aalea como um rio noturno passando por curvas brancas como o leite. Ela entrou nua no vermelho e caminhou até o centro do triângulo. A piscina parecia ter apenas alguns centímetros de profundidade no começo, mas logo o sangue estava na cintura de Aalea, e o cabelo dela flutuava atrás do corpo.

Adonai começou a falar baixo, revirando os olhos. O calor da sala aumentou e o cheiro de cobre e ferro ficou mais pesado. Então, diante dos olhos de Mia, o sangue começou a se agitar. Transbordando da piscina, ele rodava em sentido horário; um vórtice girava cada vez mais rápido à medida que os murmúrios de Adonai se transformavam numa canção leve e suplicante. Os olhos dele tinham se tornado vermelhos como o sangue; os lábios curvaram-se num sorriso de êxtase. Os olhos de Mia se arregalaram, sua língua formigando com o gosto da mágica.

Aalea manteve os braços ao lado do corpo, com as palmas estendidas. Olhos fechados, rosto sereno. E então, sem aviso, a shahiid desapareceu; arrastada no redemoinho sem qualquer resistência. Sem qualquer som.

O vórtice se acalmou. O sangue voltou a agitar-se sem direção, batendo contra as beiradas em pequenas ondas espumantes. O silêncio pairava na sala como o cadáver de um traidor.

– Próxima – chamou Adonai.

Mia olhou para Ashlinn. Carlotta. Jessamine. Belle. Era óbvia a hesitação em seus rostos. Nenhuma delas tinha testemunhado um tipo de feitiçaria como aquele antes – Filhas, ninguém fora daquelas paredes tinha testemunhado aquilo havia mil anos. Mas, como sempre, Mia não sentia medo, mesmo quando deveria sentir. Sua sombra soltou um suspiro resignado.

Ela pôs o pé na piscina sem falar nada. Sentiu o sangue morno e espesso entre os dedos do pé. O piso da piscina era liso, e a garota tinha que andar devagar para não escorregar. Quando o sangue lhe bateu na cintura, já no centro do triângulo, Adonai recomeçou os murmúrios. O sangue começou a girar de novo, cada vez mais rápido, com Mia no centro do turbilhão. Ela sentiu-se zozza; fechou os olhos contra o brilho arquêmico e abriu os braços para se equilibrar. O fedor de sangue enchia suas narinas. A sala girava ao seu redor. E, bem quando ela estava prestes a falar, percebeu que estava caindo, que estava sendo sugada para baixo, cada vez mais para baixo, como que puxada por uma ressaca colossal.

Ondas vermelhas arrebatavam sobre sua cabeça, o mundo todo girava, virava, agitava-se. Pulmões sem ar. Sangue na boca. Uma escuridão amniótica por toda parte, o pulso grave de um coração enorme e distante, abafado pela escuridão morna do sangue que a engolfava. Um bebê minúsculo num ventre sem luz. Nadando sempre para cima, para uma luz que ela não sabia ao certo se existia. Até que enfim...

Enfim...

Emergir.

Mia saltou para a luz. Engasgando. Arfando. Mãos delicadas a seguraram, vozes suaves lhe garantiram que estava tudo bem. Depois de esfregar os olhos para limpá-los de uma coisa espessa e grudenta, viu-se de novo imersa até a cintura numa piscina de sangue. Dois homens com marcas de escravo estavam ao seu lado, segurando-a para não cair. Eles a ajudaram a sair da piscina, mantendo-a firme enquanto ela escorregava e vacilava. Estava coberta de sangue dos pés à cabeça, pingando no piso, o cabelo e a seda colados na pele. Os cílios grudavam uns nos outros quando ela piscava.

– Pelos dentes da Fauce – resmungou.

Ela foi envolta num tecido macio e escoltada por uma das Mãos até uma antecâmara grande. Lá, encontrou a Shahiid Aalea lavando-se na segunda de três banheiras triangulares. A mulher enxaguava os cabelos com água quente e perfumada. O aroma de flores pairava no vapor, mas por trás dele Mia conseguia sentir o cheiro de morte. Sangue. Carne podre e merda.

– Lave-se na primeira – disse Aalea, apontando para uma banheira cheia de água suja de sangue. – Ensaboe-se na segunda. Enxague na terceira.

Mia concordou calada, tirou a roupa de seda empapada de sangue e entrou na primeira banheira. Aalea já mergulhava na terceira e Mia passava para a segunda quando Ashlinn entrou cambaleando na sala, pintada da cabeça aos pés, os olhos azuis piscando por trás de uma máscara de vermelho pegajoso.

– Bom, foi diferente – ela disse.

Aalea riu, erguendo-se em meio ao vapor e pondo uma túnica de seda. Ela apontou para uma porta pintada de vermelho.

– Quando estiverem prontas, poderão encontrar roupas aqui, meus amores.

Sorrindo, a mulher retirou-se com os pés descalços. Ashlinn arrancou a seda e saltou dentro da banheira, mergulhando até o fundo e deixando as águas ainda mais vermelhas. Reapareceu depois de um tempo, tirando a água escarlate dos olhos.

– Então, esta é a Caminhada de Sangue – ela explicou.

– É assim que chama? – perguntou Mia.

– É – confirmou Ash, inclinando a cabeça para os lados para tirar a água do ouvido. – Meu pai disse que é assim que as Lâminas se movem pela República. Há uma capela em cada uma das cidades principais, dedicada à Mãe. Se houver uma banheira de sangue, Adonai pode nos encaminhar para elas. Todas elas.

– Quer dizer que o meu mestre me fez atravessar as Ruínas Sussurrantes por nada?

Ash deu de ombros.

– Eles não deixam qualquer um fazer a Caminhada, Corvere. Adonai precisa permitir que você passe pelo limiar. A Igreja não quer que cada

noviço em potencial saiba que eles têm acesso a um orador de sangue ashkahi. Se o Senado descobrisse, não pararia por nada até pôr as mãos em Adonai. Imagine se a República pudesse transportar seus exércitos pelo mundo à vontade?

– Mas eles confiam esse conhecimento a nós? Só faz um ou dois meses que somos acólitos.

Ash apenas deu de ombros.

– Pelos dentes da Fauce, onde eles arranjam tudo isso? – suspirou Mia. – Deve ter galões de sangue aqui.

Ashlinn balançou as sobrancelhas.

– Você já vai ver.

– Eu não vou gostar, vou?

Ashlinn apenas riu e afundou na água suja de sangue.

— **O** Porqueiro – suspirou Mia. – Claro.

Erguendo os olhos por cima do mar de guinchos, Mia sentiu as peças desagradáveis do quebra-cabeça se encaixarem.

Graças à infância passada embaixo do Quadril, ela conhecia quatro matadouros ao redor da Baía dos Açougueiros de Godsgrave – quatro montanhas de miúdos e fedor, cuspidos a carne fresca no prato dos ricos e cagando os dejetos na baía. Dois vendiam carne de boi, o terceiro, carnes exóticas, e o quarto apenas porcos. Conhecido como “o Porqueiro”, era pequeno em comparação com os demais, e mais ajeitado que seus pares. Tocado por um homem conhecido apenas por “Bacon” e seus três filhos – “Presunto”, “Pernil” e “Leitão” –, era famoso entre os medulares de Godsgrave por ter os melhores cortes de Itreya, e entre gente mais questionável por ser um lugar excelente para desovar um cadáver, caso alguém tivesse por acaso feito um cadáver em que os luminatii pudessem ter interesse.⁶⁵

As acólitas tinham se vestido com trajes simples de couro e um manto, se armado com as facas comuns mas funcionais do arsenal do quarto de banho, e

guiadas por uma escada em espiral. O fedor dos miúdos e do excremento tinha aumentado, até que as garotas finalmente saíram num mezanino de madeira. Já era tarde e os açougueiros tinham ido para casa pela quasinoite, mas uma massa agitada de porcos movia-se num chiqueiro grande e baixo. Da pedra manchada de sangue no local do abate Mia viu saírem dois canos, que sem dúvidas davam para a piscina abaixo. Somando dois mais dois, a garota descobriu que começava a odiar matemática.

– Acabamos de mergulhar em sangue de porco – disse Carlotta.

– Provavelmente sangue de gente também – comentou Mia.

– Diga que é brincadeira.

Mia balançou a cabeça.

– Muitos braavi de Godsgrave se livram da sua bagunça aqui quando não querem que ninguém faça perguntas.

Carlotta fixou os olhos em Mia, que apenas deu de ombros e completou:

– Um porco faminto come qualquer coisa.

– Ah, ótimo – murmurou a escrava, jogando a franja comprida para o lado.

– Mestre Bacon e seus filhos são Mãos da Igreja – disse Aalea. – A moeda que ganham dos braavi locais ajuda nas operações em Godsgrave. E devo confessar que a ironia é deliciosa. Eu me pergunto se os medulares da cidade gostariam tanto dos cortes finos do Bacon se soubessem exatamente o que vai nos porcos cortados.⁶⁶

– Que óootimo – ironizou Carlotta, puxando a franja com mais força.

– Sangue é sangue, amor – brincou a shahiid. – Porcos. Mendigos. Bois. Reis. Não faz diferença para Nossa Senhora. Todos mancham igual. E são lavados do mesmo jeito.

Mia olhou dentro dos olhos da mulher. Além do delineador e da pintura. Além da beleza sombria. Teria sido fácil pensar que ela falava daquele jeito por insensibilidade. Que o peso de dezenas de assassinatos a drenara de toda a empatia, como Naev tinha avisado. Mas Mia percebeu que havia um motivo diferente para a Shahiid das Máscaras dedicar-se ao serviço da Senhora do Bendito Assassinato. Algo ainda mais assustador, simplesmente por Mia não concordar muito com isso.

Devoção.

A verdade era que ela não sabia se acreditava piamente. Deuses da luz observando-a do céu? Mães da Noite contando seus pecados? Se as ondas afogassem um marinheiro, seria por que a Senhora dos Oceanos não tinha recebido um sacrifício adequado ou por que a Senhora das Tempestades estava mal-humorada? Ou seria tudo acaso? Destino? Era tolice pensar o contrário?

A fé dela nem sempre fora tão vacilante. Ela já tinha sido devota como um sacerdote. Rezava ao poderoso Aa, às Quatro Filhas, a qualquer um que a escutasse. Espetava os dedos com agulhas ou queimava mechinhas do cabelo em sacrifício. Fechava os olhos e implorava a Ele que trouxesse sua mãe para casa. Que protegesse o irmão. Que numa viragem – uma viragem brilhante, maravilhosa – estivessem todos juntos de novo. Rezava todas as noites antes de deitar-se na sua cama na loja de Mercurio.

Toda noite até a veratrega dos seus quatorze anos.

E desde então?

Não olhe.

– Vamos, amores – chamou Aalea. – Tragam-me segredos. Segredos adoráveis. Voltem antes do fim da quasinoite, com os bolsos cheios de sussurros. E enquanto vocês se arriscam por aí sob a vista de Aa, que a Bendita Senhora guarde-as e defenda-as da maldita luz dele.

– Senhora, guarde-nos – repetiu Ash.

– Senhora, guarde-nos – disseram as outras noviças.

Mia fechou os olhos. Inclinou a cabeça. Fingiu que tinha quatorze anos de novo. A garota que acreditava que orações faziam diferença, que acreditava que as divindades se importavam mesmo com ela, que acreditava que, de alguma forma, por algum meio, tudo se acertaria no final.

– Senhora – ela sussurrou –, guarde-nos.

Cada acólita sabia que seria julgada pelos méritos dos segredos que trouxessem, e não havia prêmio por colaboração. Assim, embora Ash

fosse ótima companhia e Mia começasse a gostar do humor negro e da mente rápida de Carlotta, as acólitas se separaram assim que possível. Mia conhecia o bairro portuário tão bem quanto um garoto de treze anos conhece a própria mão, e se enfiou para cima e para baixo por becos tortuosos e vielas apertadas até ter certeza de que ninguém a seguia.

Era estranho estar à luz dos sóis depois de meses de escuridão perpétua. O brilho era doloroso, e embora a sombra que ela projetava fosse nítida, negra e intensa, ela sentiu a sua afinidade com ela tornar-se mais indistinta, distante do controle fácil que experimentava dentro da Montanha Silenciosa. Ela tirou do manto os óculos de lentes de azurita que tinha pego no arsenal e pôs antes de continuar.⁶⁷

– *...aonde vamos...?* – perguntou a voz aos pés de Mia.

– Se são segredos que Aalea quer – sorriu Mia –, segredos ela vai ter.

Ela partiu pelas construções ao redor, por cima de pontes, por baixo de escadas, o fedor da baía começando a diminuir. A quasinoite anunciava-se na melodia dos ventos uivantes e as ruas estavam quase todas vazias. Patrulhas luminatii marchavam para cima e para baixo pelas vias agitadas; nas esquinas, garotos tocavam sinos em meio à ventania para marcar a hora. No geral, contudo, a maior parte dos cidadãos já tinha se retirado para suas casas. Com apenas Saan no céu, o tempo estava esfriando, e os ventos vindos da baía eram frios de doer. Mia percorreu os canais sinuosos de ombros caídos até chegar ao pedaço imundo em que tinha florescido: as vielas ao redor da praça do comércio do Pequeno Liis.

Saan estava baixo e as sombras faziam-se longas. Ela envolveu-se de trevas e esgueirou-se entre mendigos e pivetes brigando pela divisão do que roubaram ou por jogos de dados. Havia um pequeno santuário à Senhora do Fogo numa parede: uma estátua de Tsana cercada de velas sebosas. Deusa de guerreiros e de guerras, seus templos espalhavam-se por toda Godsgrave; mesmo em tempos de paz, não faltavam pequenas rusgas e conflitos em que pedir para Tsana escolher um lado. Mas aquele santuário em particular estava vazio.

Mia se desfez do manto de sombras, olhando para os lados para conferir se

tudo estava bem. Satisfeita, levantou a mão e virou a frente da estátua na direção nordeste. Depois de esfregar os dedos nas cinzas, ajoelhou-se diante da base do santuário e escreveu o número “3” e a palavra “rainha” em carvão entre os pés da estátua. Em seguida, puxou as sombras sobre si de novo e saiu depressa da praça.

Mia seguiu até o Quadril, passou por menestréis e por casas de tolerância, cumprimentando com um aceno as patrulhas luminatii pelo caminho. Cruzou a Ponte das Promessas Quebradas;⁶⁸ um velho remava pelo canal numa bela gôndola cantando o refrão de “Mi Aami” em voz grave e queixosa.

- ...*aonde vamos agora...*?
- Para o Braço do Escudo.
- ...*eu odeio o Braço do Escudo...*
- Objeção registrada.
- ...*você espera encontrar segredos lá...*?
- Um amigo.

O Braço do Escudo fica na parte superior leste do arquipélago de Godsgrave e abrange cinco das principais ilhas. Como muitas regiões da metrópole – Coração, Partes Baixas, Espinha –, ela ganhou seu nome por um motivo muito simples: se você fosse dotado de asas, nobre amigo, ou apenas recorresse ao mapa no início deste volume, poderia notar que os contornos da Cidade das Pontes e dos Ossos possuem uma semelhança notável com os de uma figura sem cabeça deitada de costas.

O Braço do Escudo é sede dos prédios do judiciário e de um número impressionante de catedrais, e é o ponto de entrada do vasto aqueduto de Godsgrave. As ilhas também abrigam o quartel-general dos luminatii – o Palazzo Branco – além de dois dos dez Andantes de Guerra de Godsgrave. Os gigantes de ferro despontavam por cima dos edifícios ao redor, com os dedos cerrados em punhos titânicos.

Mia seguiu até a grande praça no coração do Braço do Escudo, a Piazza d’Vitrium. Com um aceno educado para os guardas do lado de fora, ela passou pelo Palazzo Branco, com suas colunas de granito plissado e arcos magníficos, além de uma grande estátua de Aa na frente. O Onividente envergava um traje

de batalha, com a espada e o escudo erguidos. Lembrando-se do seu encontro na Sala dos Bolsos, Mia desviou os olhos da Trindade incrustada no seu peitoral.

A garota subiu uma ladeira até uma taverna arrumadinha no canto da praça. A placa sobre a porta lia “A Cama da Rainha”.⁶⁹ Depois de um breve reconhecimento das imediações, ela adentrou o lugar e encontrou uma mesa num canto escuro. Pediu um uísque quando uma garçonete cansada veio lhe perguntar o que queria. E, assim que se sentou, todas as catedrais começaram a soar as doze badaladas.

– ...*lá vamos nós...*

– Shhhhiu.

– ...*eu te disse que odeio este lugar...*

Mia achava lindo o repicar, a bem da verdade. As notas entrelaçando-se e explodindo juntas, pombos dorminhocos rebentando das campanas rumo ao vento. Ela assistiu à troca de guarda fora do Palazzo Branco ao soar da hora, pelotões de luminatii com suas armaduras brancas e mantos vermelhos entrando e saindo em ondas. Pensou no seu pai, vestido com as mesmas cores, de pé, belo e alto como o céu. Pensou nos homens que sorriram enquanto ele morria. Matou o uísque num só gole e pediu outro.

Então se preparou para esperar.

Horas passaram. Os sinos deram uma, duas. Ela enrolava com a bebida, ouvia as conversas cochichadas dos poucos clientes ainda acordados àquela hora. Perguntava-se onde estariam as outras acólitas, que segredos estariam descobrindo. Quando os sinos finalmente soaram as três, uma figura de chapéu tricórnio e sobrecasaca de couro comprida entrou na taverna. Mia sentiu um frio na barriga ao vê-lo e um sorriso se desenhou em seus lábios. Ele correu os olhos pela taverna e espirou a garota pelo canto do olho. Depois de pedir um vinho quente, foi manquitolando até a mesa, marcando os passos com o som da bengala contra as tábuas do assoalho.

– Olá, pequeno corvo – disse Mercurio.

A garçonete apareceu com o vinho e Mia se forçou a ficar parada enquanto a garota permaneceu por perto. Quando os dois ficaram a sós, ela apertou as

mãos do velho, felicíssima por vê-lo de novo.

– Shahiid – ela falou baixo.

– Seu rosto está... diferente – ele comentou, franzindo a testa. – Melhor.

– Gostaria de poder dizer o mesmo para você – ela sorriu.

– Ainda a mesma espertinha por baixo da beleza, não é? – resmungou Mercurio. – Não vou te insultar perguntando se foi seguida. Embora você tenha escolhido um ótimo lugar para um encontro clandestino.

Ela apontou com a cabeça para o Palazzo Branco do outro lado da praça.

– As chances de trombar com alguma das minhas colegas acólitas são bem pequenas nesta região.

– Parece que ainda não te mataram.

– Não por falta de tentativas.

O velho sorriu.

– Mataranhas, certo?

Mia piscou, surpresa.

– Você sabia o que ela ia fazer com a gente? Por que não me avisou?

– Eu não *sabia* com certeza. Mudam os testes todos os anos. Mas, em todo caso, os iniciados fazem votos de segredo, e se você agisse como se soubesse o que estava por vir, eles iam começar a se perguntar o motivo. – O velho fez uma pausa e deu de ombros: – Além disso, é obvio que eu te ensinei tudo de que você precisava. Ainda está viva e bem.

Mia moveu os lábios por um instante, mas não encontrou resposta. O que o velho disse era verdade. Ele *tinha* lhe dado um exemplar de *Verdades arquêmicas*, afinal. Graças à Fauce, ela tinha passado mais tempo lendo do que a maioria das outras pessoas da sua leva...

– Muito bem – ela murmurou afinal.

– E então, o que te traz de volta à cidade? Aalea?

– É.

Mercurio acenou com a cabeça.

– Você tem sorte. Eles trocam a cidade todo ano. Em Godsgrave, qualquer pedra que levantar vai ter uma fofoca embaixo. No meu ano, o velho Shahiid Thelonius nos mandou para a maldita Farrow. Imagine ter que caçar migalhas

entre esposas de pescadores dweymeris...

– Eu nunca fui muito boa em descobrir segredos.

– Não deveria estar lá fora treinando, então?

– Achei que poderia me emprestar um para eu poder passar esse tempo bebendo com você.

Mercurio achou graça, os olhos azuis brilharam quando sorriu. O coração de Mia aquecia-se ao vê-lo de novo; apesar de fazer menos de três meses desde que tinha deixado Godsgrave, ela precisava admitir que sentira saudades do velho bastardo. Ela começou a falar com ele sobre a Igreja. Contou da Montanha. Da briga com Solis.

– É, ele é um babaca desgraçado – resmungou Mercurio. – Mas um espadachim de primeira. Grave bem o que ele ensinar.

– É difícil aprender alguma coisa sem poder assistir às aulas – ela disse mostrando o braço, com o cotovelo em belos tons de amarelo e cinza. – Está demorando pra caramba para sarar.

– Isso é besteira – disparou Mercurio. – Quase não está inchado. Volte para a sala dele amanhã.

O velho levantou a voz para sufocar o começo de reclamação de Mia:

– Então Solis te deu uma surra. Aprenda com isso. Às vezes a fraqueza é uma arma. *Se* você for inteligente o bastante para usá-la.

Mia mordeu os lábios e concordou devagar com a cabeça. Ela sabia que o velho dizia a verdade, que devia aprender tudo o que podia de Solis. Agora que estava de volta a Godsgrave, o seu motivo para estudar na Igreja lhe queimava na mente com mais força do que nunca. Para todo lugar que olhasse, via lembretes. As Costelas foram o seu lar na infância. Os luminatii com suas armaduras brancas brilhantes a lembravam do pai.

Os bastardos que o tiraram dela...

– Alguma notícia sobre Scaeva desde que eu saí? – ela perguntou.

Mercurio soltou um suspiro.

– Bom, ele se candidatou a mais um mandato como único cônsul, mas isso não devia ser surpresa para ninguém. Ele tem metade do Senado nas mãos, e a outra metade é medrosa ou gananciosa demais para tumultuar. Parece que a

cadeira de segundo cônsul vai continuar vazia pelo futuro próximo.

Mia balançou a cabeça em silêncio, pasma. Quando os itreyanos fundaram a República e assassinaram seu último rei, construíram um sistema sobre as ruínas da monarquia para tornar impossível uma nova monarquia. Elegiam cônsules para governá-los a cada veratreva, mas havia *duas* cadeiras de cônsul na Casa do Senado, e nenhum cônsul tinha permissão de permanecer por dois mandatos seguidos. Esse era o próprio *fundamento* da República. Todo o exercício de poder era compartilhado, e todo o exercício de poder era breve.

Quando o general Antonius levantara seu exército em rebelião contra o Senado, Scaeva desenterrara algumas emendas anacrônicas na constituição de Itreya que lhe permitiam ser o único cônsul da República em tempos de necessidade, mas...

– Ele ainda alega poderes emergenciais? – suspirou Mia. – A Rebelião Faz-Rei foi abafada há *seis anos*. Como esse desgraçado tem *colhões*...

– Bom, talvez ele tinha tido dificuldades para convencer o Senado de que ainda existe uma crise, mas quando um assassino tenta matar o chefe da República numa catedral cheia de testemunhas, fica um pouco mais fácil defender a tese. O Massacre da Veratreva mostrou ao Senado como a cidade ainda é perigosa. Hoje você precisaria de um exército para chegar a Scaeva. Ele não vai mijar sem um destacamento de luminatii para segurar o penico.

Mia deu um gole no uísque, os olhos cravados na mesa.

– O cardeal Duomo ainda está grudado em Scaeva como um bebê na teta da mãe, claro – resmungou Mercurio. – Botou seus ministros para pregar nos púlpitos em seu favor, elogiando nosso “glorioso cônsul” e sua “era dourada de paz” – ironizou o velho. – Está mais para era dourada de tirania. Estamos mais perto de ter uma bunda nova no trono do que quando os Faz-Rei levantaram seu exército. Mas os plebeus aceitam. Paz significa estabilidade. E estabilidade significa dinheiro. Scaeva é quase intocável agora.

– Me dê algum tempo – disse Mia. – Eu vou tocá-lo. E não vai ser com muita delicadeza.

– Ah, é? O que poderia dar errado, não é mesmo?

– Scaeva precisa *morrer*, Mercurio.

– Preocupe-se apenas com as suas aulas – esbravejou Mercurio. – Você não está nem perto da porra da iniciação. A Igreja vai te testar mais, e há muitos jeitos de acabar enterrada entre aqui e a linha de chegada. Preocupe-se com Scaeva quando for uma Lâmina e nem um instante antes. Porque será necessária uma Lâmina de pleno direito para o pegar agora.

Mia baixou os olhos e concordou com a cabeça.

– Eu vou. Prometo.

Mercurio olhou para ela, e aqueles olhos nascidos para desprezar amoleceram um pouco.

– Como você está se virando lá?

– Até que bem – ela respondeu, dando de ombros. – Tirando o desmembramento.

– Logo vão te pedir para fazer coisas. Coisas sombrias. Para provar a sua devoção.

– Já tenho sangue nas mãos.

– Não estou falando de matar quem merece, pequeno corvo. Você deu fim ao carrasco deles, é verdade. Mas ele foi o homem que enforcou o seu pai. Seria fácil até para o mais bondoso de nós. – O velho soltou um suspiro. – Às vezes me pergunto se fiz a coisa certa em colocar você lá dentro. Em te ensinar tudo isso.

– Você mesmo disse – sibilou Mia. – Scaeva é um tirano de merda. Ele tem que morrer. Não só por mim. Pela República. Pelo povo.

– O povo, é? É esse o motivo de tudo?

Ela estendeu o braço por cima da mesa e apertou a mão do velho.

– Eu consigo, Mercurio.

– É. – Ele fez que sim, e sua voz de repente saiu rouca. – Eu sei, filha.

Ele parecia mais cansado do que ela jamais vira. O peso daquilo tudo, acumulando-se viragem após viragem. A pele como papel. Os olhos injetados.

Ele parece tão velho.

Mercurio pigarreou, secando o resto do vinho.

– Eu saio primeiro. Me dê dez minutos.

– Certo.

O velho assassino sorriu, hesitou alguns instantes. Mia teve que se segurar para não lhe dar um abraço. Mas ela aguentou, e ele pegou a bengala e acenou com a cabeça de leve. Virou-se e deu um passo rumo à porta, mas então parou de repente.

– Sangue e abismo, quase esqueci!

Ele enfiou a mão num bolso da sobrecasaca e tirou uma caixinha de madeira selada com sebo. Mia reconheceu o selo gravado a fogo na tampa. Lembrou-se da lojinha onde o velho costumava comprar cigarrilhas. Lembrou-se da primeira noite em que ele a deixara fumar um. Sentada nos prédios sobre o fórum. Escuridão ao redor. Mãos trêmulas. Dedos manchados de sangue. Quatorze anos.

Não olhe.

– Dorian, o Negro – ela sorriu.

– Papel. Tabaco. Madeira. Tudo isso pode fazer a Caminhada. Lembro de quando você tentou largar. Achei melhor não ficar sem elas lá.

– Melhor não – confirmou Mia, pegando a caixa das mãos dele e piscando para afastar as lágrimas. – Muito obrigada.

– Cuide da retaguarda. E da frente. – Ele gesticulou vagamente. – E do resto também.

– Sempre.

O velho baixou o tricórnio, subiu o colarinho, e sem outra palavra saiu manquitolando da taverna para a rua. Mia o observou partir, contando os minutos na cabeça. Olhos fixos nas costas do homem que mancava na distância.

Logo vão te pedir para fazer coisas. Coisas sombrias. Para provar a sua devoção.

Mia apoiou o queixo nas mãos, perdida em pensamentos.

Um bando barulhento de marmanjos chegou da rua, todos vestidos de armadura branca e manto vermelho de luminatii. A garota levantou os olhos ao ouvir as gargalhadas e viu seus rostos jovens e sorrisos charmosos. Para estarem postados perto do Palazzo, deviam ser filhos de medulares. Se as

coisas tivessem sido diferentes, ela seria noiva de um rapaz como aqueles. Viveria uma vida de privilégio e não pararia um momento sequer para...

– Com licença – disse uma voz.

Mia levantou o olhar, piscando. Um dos luminatii estava de pé ao seu lado. Sorriso arrasa-corações e dentes de riquinho.

– Perdão, mi dona – ele saudou com uma vênica. – Não pude deixar de notar que está só, e considero isso um crime contra a própria Luz. Permite que eu me junte a você?

Os pelos de Mia se eriçaram e seus dedos tremeram. Mas se deu conta de que ela aparentava não ser mais do que uma medular bebendo sozinha e, recordando as muitas e difíceis aulas de Aalea sobre o charme, ajeitou as penas e abriu o melhor dos sorrisos.

– Ah, parece ótimo – ela disse. – Estou honrada, senhor, mas receio que minha mãe esteja me esperando para dormir. Talvez na próxima?

– Acredito que sua mãe pode liberar você para uma bebida, não? – insistiu o garoto, arqueando esperançoso as sobrancelhas. – Nunca a tinha visto aqui antes.

– Perdão, senhor – disse Mia, levantando da mesa. – Mas preciso mesmo ir embora.

– Espere.

O rapaz bloqueou a saída da mesa. Seus olhos escureceram.

Mia tentou conter sua raiva crescente. Manteve a voz firme e os olhos baixos.

– Com licença, senhor, quero passar.

– Só estou sendo gentil, garota.

– É assim que você chama isso, senhor? – Os olhos de Mia cintilaram, seu gênio finalmente vindo à tona. – Outros poderiam dizer que está sendo um babaca.

O rosto do rapaz manchou-se de raiva. A fúria rápida de um sujeito mal-acostumado a ter sempre o que queria. Ele estendeu a mão, protegida por uma manopla, e agarrou o pulso de Mia, apertando com força.

Ela poderia ter quebrado o queixo dele naquele momento. Enterrado o

joelho nas suas bolas. Sentado no peito dele e berrado na cara dele até o rapaz aprender que nem todas as garotas eram para ele. Mas isso ia deixá-la marcada como alguém que conhecia a Canção, e ela estava num bar com meia dúzia de companheiros daquele sujeito. Então ela decidiu apenas torcer o braço como Mercurio tinha ensinado, desequilibrando o rapaz e escapando de seus dedos de ferro.

Os botões da manga dela saltaram. O tecido rasgou. A bainha no seu punho virou e, com um som de couro rebentando, a adaga de ossário foi ao chão.

Uma mão pesada agarrou o pescoço do rapaz, uma voz de fumante saiu grave:

– Deixe a garota em paz, Andio. Viemos aqui para beber, não para caçar pombinhas.

O garoto e Mia olharam por cima do ombro dele e depararam com um homem mais velho com armadura de centurião atrás do jovem soldado. Era um homem grande, com uma cicatriz no rosto sisudo.

– Perdoe-me, centu...

Com um som alto, o centurião chutou o traseiro do jovem e o mandou tropeçando pelo salão. Então cruzou os braços e começou a esbravejar até o garoto se juntar aos seus camaradas. Tratava-se obviamente de um veterano; um dos olhos estava coberto por um retalho de couro. Satisfeito, o centurião deu um tapinha na aba do elmo plumado e inclinou a cabeça para Mia num pedido de desculpas.

– Perdão pela impertinência do meu homem, dona. Ele não lhe fez mal, espero.

– Não, senhor – sorriu Mia, com o coração mais relaxado. – Muito obrigada, centurião.

O homem acenou com a cabeça, abaixou-se e pegou a adaga de Mia do chão. Com uma pequena reverência, ele a pôs sobre o antebraço para que a garota pegasse. Ela alargou o sorriso, agradeceu segurando uma saia imaginária, e tomou a adaga. Mas quando a pôs de volta debaixo da manga, o homem seguiu a lâmina com o olhar e viu o corvo esculpido no cabo. Uma ruga lenta desenhou-se na sua testa.

O rosto de Mia ficou branco.

Ó, Filhas...

Ela o reconheceu então. Fazia seis anos, mas ela não o tinha esquecido. Debruçado sobre o barril em que ela tinha sido enfiada, com belos olhos azuis e o sorriso de alguém que esganava cãesinhos por diversão.

– Pelos dentes da Fauce – suspirou o primeiro. – Ela não pode ter mais de dez anos.

– E nunca vai chegar aos onze – o segundo comentou dando de ombros. – Aguenta firme, menina. Não vai doer por muito tempo.

O centurião já não sorria.

Mia tentou sair apressada de trás da mesa, derrubando o copo vazio. Ensaçou outra reverência rápida e uma caminhada ligeira até a porta, mas, como o soldado anterior, o centurião agora bloqueava a sua saída. Os dedos foram lentamente até o retalho de couro que tapava o olho que ela tinha espetado com sua adaga de ossário havia tantos anos. A incredulidade estava estampada no rosto dele.

– Não pode ser...

– Com licença, senhor.

Mia tentou forçar a passagem, mas o centurião a agarrou pelo braço e apertou forte. Mia conteve o gênio – por pouco – na esperança de que talvez pudesse sair de lá com um blefe. Disparar como um veado assustado chamaria a atenção. Mas o homem torceu o seu braço, olhou para a adaga novamente embainhada no pulso da garota. O cabo de corvo com seus minúsculos olhos de âmbar.

– Em nome da Luz... – ele sussurrou.

– Centurião Alberius? – chamou o soldado rejeitado por Mia. – Está tudo bem?

O centurião fixou o olhar em Mia. O sorriso de matador de cãesinhos finalmente veio à tona.

– Ah, sim, tudo bem, tudo certo – ele respondeu.

O joelho de Mia colidiu com o saco do homem, e o cotovelo com o queixo. O centurião deu um grito, seu elmo voou da cabeça enquanto ele caía para trás,

e Mia já saltava por cima do corpo em direção à porta. Os legionários levaram um tempo para reagir ao verem seu comandante tombar feito um saco de batatas chorão, mas logo dispararam para a rua no encalço da fugitiva. Mia ouviu apitos atrás de si, gritos furiosos, pés correndo.

– De todos os bares de Godsgrave – ela perguntou ofegante –, qual é a porra da chance?

– ...*você escolheu um bem perto do palazzo...*

Ela jogou o capuz por cima da cabeça, saiu correndo da via principal e desceu por uma viela sinuosa, voando por cima de dejetos e bêbados, de açucarados e açucaradas. Mais passos atrás dela, mais assovios, mais homens. Paralelepípedos tortos sobre os pés, paredes estreitas fechando-se ao seu redor. Ela se enfiou numa piazza minúscula, nem três metros de lado, com uma fonte borbulhando no meio. A deusa Trelene ficava no topo com um vestido feito de ondas arrebatando, cercada de velas e oferendas de sangue. Colada numa entradinha, Mia puxou seu manto de sombras pelos ombros, e o mundo inteiro caiu nas trevas e na escuridão.

Passos vindo. Botas pesadas. Através do manto, ela captou a silhueta borrada de uma dúzia de luminatii correndo pela piazza, com as lâminas de aço-solar para fora, flamejantes. Como não viram sinal dela, dividiram-se e dispararam por todas as direções. Mia permaneceu parada com Sr. Simpático aos pés. A dupla era apenas uma mancha na entrada da casa. Ela esperou outro grupo de soldados passar em carreira, gritando e empurrando-se.

Por fim, silêncio.

Ela saiu devagar, tateando o caminho pela parede sob o manto. Num momento como aquele, era difícil culpar a Mãe por tê-la marcado – se é que ela tinha mesmo feito isso. Mas no que dizia respeito à mágica, ser capaz de tropeçar por aí quase cega e invisível estava bem longe do tipo de feitiçaria que Adonai e Marielle faziam. Todos pagavam um preço, ela pensou. Adonai tinha sede daquilo que controlava. Marielle tecia a carne dos outros e corrompia a sua própria. E Mia podia permanecer invisível, mas mal podia enxergar enquanto o fazia...

Ela encontrou o caminho às apalpadelas pelo labirinto de ruas secundárias,

mas não conhecia o Braço do Escudo tão bem quanto o Pequeno Liis. Mesmo com Sr. Simpático à frente, levaria horas para encontrar o caminho de volta ao Porqueiro nesse ritmo. Então, ela finalmente jogou as sombras de lado e procurou a via principal mais próxima. Saiu pela avenida mais importante, cruzou três pontes até o Coração, depois desceu até as Partes Baixas, sempre desviando de qualquer luminatii que aparecesse à distância de um quarteirão. O encontro com o matador de cãezinhos a tinha deixado nervosa. Encheu sua cabeça de lembranças. A mãe algemada. O irmão bebê chorando. A viragem em que toda a sua vida veio abaixo. Ela precisava voltar à Montanha, longe daqueles desgraçados dos chatos solares.

Um momento para pensar.

Um momento para respirar.

Se ela não estivesse tão concentrada em reparar nos grandes grupos de homens em armaduras brancas cintilantes com espadas flamejantes, talvez tivesse notado a figura mais esguia vestida toda de cinza-cimento que seguiu sua trilha quando ela entrou no bairro portuário. Talvez tivesse notado o bando de sujeitos percorrendo o píer na direção dela, dando acenos à figura que se esgueirava por trás. Talvez tivesse notado que eles usavam botas de soldado. Que eles tinham um volume bem suspeito em forma de cassetete por baixo dos mantos.

Talvez tivesse notado tudo isso antes que fosse tarde demais.

Mas aí já era tarde demais.

⁶³ Mataranhas tentou envenenar a turma mais duas vezes nas semanas seguintes. A primeira através do contato com uma toxina conhecida por “calafrio”, que ela jogou na água do banheiro de manhã; a segunda quando, em combinação com o Shahiid Mouser, todas as trancas dos aposentos dos acólitos foram substituídas por uma armadilha liisia com uma agulha carregada com albanus suficiente para matar um cavalo.

Dois acólitos morreram por causa das armadilhas de albanus: um itreyano chamado Angio, que Mia mal conhecia, e uma garota delicada chamada Larissa, que tinha sido uma das melhores alunas na aula de Mouser. Uma missa discreta foi rezada por eles no Salão dos Elogios, com a presença dos noviços e do Ministério. Os corpos foram enterrados com outros servos da Mãe em tumbas sem nomes na parede. Mia passou a cerimônia olhando para Mataranhas, à procura de algum sinal de remorso. A mulher olhou para ela apenas uma vez, na hora em que se cantava o réquiem.

E deu de ombros.

⁶⁴ O material de que são feitas as Costelas e a Espinha de Godsgrove é chamado de “ossário”, embora na

verdade tenha uma resistência à tração maior do que o aço. Os segredos da sua confecção perderam-se no tempo, mas há rumores que dois grão-arquemistas do Colégio de Ferro ainda os têm.

Embora escavadas durante a construção de Godsgrave, as Costelas e a Espinha são agora consideradas tesouros de Itreya, e depredá-las de qualquer forma é um crime passível de punição por crucificação. Boa parte do ossário obtido nos começos da cidade foi perdida com o tempo, e o material é considerado um bem praticamente inestimável. Dito isso, as divisões de elite da legião luminatii vestem uma armadura de ossário, e a maior parte das famílias ricas e poderosas possui relíquias de ossário, geralmente espadas ou facas e, em casos raros, joias. Os reis de Itreya usavam uma coroa de ossário, embora ela agora seja mantida num pedestal de mármore na Casa do Senado, com a inscrição *Nonquis Itarem*.

“Nunca mais.”

Se você olhar de perto, nobre amigo, poderá ver que ela ainda está manchada com o sangue do último homem a usá-la.

65 Devo especificar que há muito poucos desses. Os luminatii preocupam-se, quase exclusivamente, com crimes que incomodam as pessoas que pagam seus salários: o Senado de Godsgrave. Contanto que os elementos criminosos da cidade mantenham a matança entre si e fiquem abaixo do Quadril, o Senado não dá a menor importância ao assassinato de um tinteiro que provocou as pessoas erradas ou de um cafetão que apostou no gladiador errado na arena. Os luminatii não são um instrumento da lei e da ordem na capital itreyana, nobre amigo. São um instrumento do *status quo*.

Ainda assim, acidentes acontecem. E nesses casos você vai querer conhecer alguém que trabalha no Porqueiro.

66 Embora você sem dúvida tenha ouvido histórias sobre porcos que comem rodas de carroça ou pernas de madeira, e mesmo os próprios donos, os contos sobre o apetite lendário dos porcos são, na maior parte, exagerados. Contudo, os porcos que chegavam ao Porqueiro do continente geralmente já estavam mais de uma semana sem comer no momento do desembarque, e depois de sete viragens com nada além de ar, um vaaniano fatiado por ter ficado devendo um pouco demais ao sujeito errado pareceria uma refeição de cinco pratos para você também, meu nobre amigo.

Há uma história famosa entre os marinheiros de Itreya sobre o *Beatrice* – um navio de porcos rumo a Godsgrave –, que foi tirado de rota numa veratreva tempestuosa e naufragou numa ilha do Mar do Silêncio. Doze marujos sobreviveram à tragédia; no entanto, foram desaparecendo um a um ao longo das semanas seguintes. Apenas um marinheiro foi resgatado quando os sóis voltaram a nascer. Tratava-se de um camaroteiro chamado Benio que, ao ser resgatado por uma traineira dweymeri de passagem, jurava que o restante dos seus companheiros tinha sido devorado por outro sobrevivente do naufrágio: uma leitoa feroz que vinha de noite devorar os marujos indefesos um por um.

Os marinheiros aparentemente tinham batizado a porca impiedosa de “Rosinha”.

Ao voltar à civilização, o pobre Benio perdeu a cabeça diante de um desjejum de bacon e presunto e passou o resto das suas viragens no Hospital de Godsgrave. Dizem que Rosinha ainda ronda pela ilha, banquetecendo-se com naufragos e guinchando para o céu quando cai a veratreva.

Se qualquer parte disso é verdade, claro, é questão de muita especulação etílica no convés de vários navios de porco. O que é verdade é que ao ficar sabendo por Mercurio do que se passava exatamente no Porqueiro, a jovem Mia Corvere, ainda com treze anos, jurou jamais comer presunto pelo resto da vida.

67 Os boticários argumentam que o desequilíbrio entre claro e escuro de Itreya é causa de muitos problemas de saúde pública, como o número crescente de doentes de “sonhadeira” lotando o Hospital de Godsgrave, e a dependência cada vez maior das pessoas de sedativos como o Desmaio. Lentes de azurita são um dos poucos remédios aceitos. As lentes são de vidro, tingidas de azul ou verde por processos arquêmicos, compensando o brilho do sol dominante no céu e poupando os cidadãos mais bem de vida do pior da fúria de Aa.

Houve várias comissões financiadas pelo governo com o fim de promover iniciativas de saúde mais abrangentes, mas como é vontade de Aa que sua esposa permaneça banida dos céus por períodos de

anos, o simples reconhecimento de que há doenças relacionadas à luz pode ser interpretado como heresia. Assim, esforços por combater a questão são frequentemente malogrados por fiéis da Igreja no Senado, sem falar dos lobistas a serviço da poderosíssima Guilda dos Fabricantes de Cortinas de Itreya.

Ah, a democracia.

68 A ponte mais alta de Godsgrave, originalmente chamada de Ponte das Torres. Seu novo nome e sua popularidade como lugar de suicídio começou em 39PR, quando a amante do grão-cardeal Bartolomeo Albari – Francesca Delphi – saltou para a morte dali durante o Carnavale de veratreva. Ela vestia o traje completo de Carnavale, incluindo uma máscara estilo *domino* incrustada de joias que valia mais do que uma propriedade pequena no alto de Valentia.

Assim que a notícia de seu suicídio se espalhou, a procura pelo corpo e, mais importante, pela máscara que ela usava causou vários afogamentos, pelo menos quatro esfaqueamentos, e uma rebelião de pequenas proporções. Dizia-se à boca pequena que Albari tinha prometido abandonar o cargo na Igreja e se casar com a amante antes da veratreva de 39. Quando Albari descumpriu a promessa, a garota vestiu-se com as joias que ele lhe tinha dado, escreveu um bilhete para os pais expondo o caso sórdido, e saltou para a morte.

Para a infelicidade do cardeal Albari, o pai de Francesca, Marcinus Delphi, era o cônsul da República naquela época. O escândalo fez com que o cardeal fosse excomungado e flagelado em público, e o ex-cardeal acabou por saltar da mesma ponte que a amante. Com o tempo, essa história evoluiu para um conto trágico – dois amantes separados pela sociedade e consumidos por sua paixão proibida. Desde então, adolescentes sofrendo de amor têm se jogado da ponte, e o controle das margens do rio próximas da Ponte das Promessas Quebradas (e, portanto, do direito de espoliar seus cadáveres amorosos) já foi causa de mais de uma briga de gangues entre os braavi locais.

Diga-se de passagem que o corpo e a máscara de Francesca jamais foram encontrados.

Não por alguém humano, pelo menos.

69 Uma das mais antigas tavernas de Godsgrave, a Cama da Rainha foi construída e nomeada por um comerciante especialmente ousado, Darius Cicerii, durante o reinado de Francisco XIII. A rainha de Francisco, Donnatella, era conhecida por ser uma mulher de... grande apetite, e os plebeus se deliciavam com as insinuações que isso implicava. As conversas, inevitavelmente, desembocavam em algo mais ou menos assim:

– Vamos nos reunir para nos refrescar com líquidos amanhã, nobre amigo.

– Que ideia esplêndida. Mas onde nos encontraremos?

– Na Cama da Rainha?

– Ouvi falar que é um lugar bem popular ultimamente.

(Aqui vinham as sonoras gargalhadas.)

Em consequência disso, a taverna tinha um movimento estrondoso. Quando a consorte ultrajada informou Francisco XIII do nome do bar durante um banquete real, o rei se mostrou... menos irritado do que a rainha Donnatella esperava. De fato, dizem que o rei levantou o copo num brinde ao dono do estabelecimento, e comentou com os seus convivas:

– Talvez eu mesmo deva fazer uma visita à Cama da Rainha. As Filhas sabem que faz um tempo que não a vejo ao vivo.

(Aqui veio o silêncio desconfortável.)

Capítulo 17

Aço

Um tapa forte.

Água no rosto.

Respiração ofegante.

– Acorde, meu amorzinho.

Mia abriu os olhos e logo se arrependeu. Uma dor cegante cruzou sua testa, percorrendo toda a curva até a base do crânio. Lembranças fragmentadas. Um grupo de homens. Clavas. Vários golpes. Sua faca brilhando. Sangue na boca.

E depois escuridão.

Com uma careta de dor, ela olhou ao redor. Paredes de pedra. Uma porta de metal com uma janela gradeada. Ela estava sentada numa cadeira pesada de ferro, as mãos algemadas atrás das costas. Senhor Simpático oculto na sua sombra, bebendo seu medo. Não estava só.

Nunca estava só.

– Acorde.

Outro tapa, fazendo sua cara virar para o outro lado. O cabelo fino e molhado grudado na pele. Ela tentou revidar com os pés, que também estavam acorrentados.

– Estou acordada, seu filho da puta!

Mia levantou a vista para o homem que tinha lhe dado os tapas. Uma massa de puro músculo, com dois metros de altura e quase o mesmo de largura. Mais cicatrizes na cara do que rosto. Outro sujeito estava atrás dele, esbelto e musculoso, com olhos vazios e mortais. Ambos trajavam túnicas brancas. Exemplares dos evangelhos de Aa pendiam de pesadas correntes de ferro ao redor do pescoço dos dois. Havia pequenas manchas de sangue nas mangas.

– Ah, merda – balbuciou Mia.

*Confessores...*⁷⁰

– Sim – disse o homem de olhos mortos. – E por força da lei e das

correntes, você está obrigada a responder às nossas perguntas com a verdade.

O homem das cicatrizes circulou pela cela devagar até parar atrás de Mia. Esticando o pescoço, a garota viu uma mesa longa, cheia de ferramentas. Alicates. Turquesas. Anjinhos. Um braseiro cheio de carvões em chamas. Pelo menos cinco sabores diferentes de martelo.

Nenhum medo por dentro. Nenhum vacilo na voz. Ela olhou o segundo homem diretamente nos olhos mortos.

– O que gostaria de saber, bom irmão?

– Você é Mia Corvere.

Como eles sabem meu nome?

– Sou.

– Filha de Darius Corvere. Enforcado por ordem do Senado há seis anos.

Aquele centurião... Alberius... com certeza ainda não conseguiu avisar Scaeva, ou conseguiu?

– Sou.

Mãos pesadas baixaram sobre seus ombros, apertando firme.

– A cria do Faz-Rei – soou a voz do homem da cicatriz por trás dela. – Quico as bolas no assoalho se isso não é uma ameaça, irmão Micheletto.

O homem de olhos mortos sorriu sem desviar o rosto de Mia.

– Ah, uma rara ameaça, irmão Santino. Minha barriga está gelada, como está!

– Não cometi nenhum crime – disse Mia. – Sou uma filha temente de Aa, irmão.

O homem chamado Micheletto parou de sorrir. Seu tapa fez subir estrelas na escuridão dentro da cabeça de Mia. A cabeça dela pendeu mole dos ombros, e os berros de Micheletto atravessaram o zunido em seus ouvidos:

– Pronuncie esse nome de novo, garota, e eu vou cortar a merda da sua língua com uma faca de manteiga e ferver junto com o meu chá.

Mia respirou fundo. Esperou a dor passar. A cabeça disparava. Ela estava acorrentada. Em menor número. Não fazia ideia de onde estava. Não havia ajuda a caminho. Não era a maior enrascada em que ela tinha se envolvido na vida, verdade. Mas, Filhas, ficava mais difícil a cada segundo...

Ela jogou a cabeça de lado para tirar o cabelo do rosto e olhou para o confessor assomando diante dela.

– Diga-nos onde você esteve mais cedo – ele disse. – Antes de chegar a Godsgrave.

– Chegar? – questionou a garota, balançando a cabeça. – Irmão, eu moro aqui minha vida...

Mia chiou de dor. Santino a agarrou pelo cangote e apertou. Ele falou com os lábios roçando a sua orelha, com um hálito de vinho azedo e tabaco:

– O irmão Micheletto te fez uma pergunta, meu amorzinho. E antes de você enrolar essa língua em outra mentira, é melhor eu te dizer que ainda sinto o cheiro de sangue no seu cabelo...

O coração de Mia bateu dobrado ao ouvir isso. Ela sentiu sua sombra se arrepiar, Sr. Simpático mastigando forte seu medo. Era possível que soubessem que ela era da Igreja Vermelha? Tinham alguma noção de como os discípulos iam e vinham da Montanha? Fazia tempo que o justicus Remus tinha jurado destruir os assassinos, mesmo antes do Massacre da Veratreva. Fazia sentido que recrutasse o Confessorado para localizá-los. Mas será que eram capazes de...

– Diga-nos onde você esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

– Não saio de Godsgrave desde os meus oito an...

Pá. Uma mão vermelha estalada no seu rosto.

– Diga-nos onde esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

– Eu não estava em nenhum lugar, irmão...

Puxaram a cadeira dela para trás; o som terrível do ferro raspando na pedra feriu seus ouvidos. Mia viu um barril cheio de água escura e morna num canto da cela. Mãos ásperas lhe pegaram pelos cabelos, enfiaram a sua cabeça no barril e a seguraram. Ela se debateu, chutou, mas as algemas a imobilizavam e mãos a seguravam forte. Seus urros produziam bolhas que estouravam no pretume salobro. Água da baía, ela percebeu. Provavelmente tirada direto da Baía dos Açougueiros. Sangue, lixo e merda.

E eles estão me afogando nela.

Manchas pretas pairando na vista. Pulmões queimando. A mão a tirou da

água e ela puxou um fôlego desesperado e trêmulo.

– Diga-nos onde você esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

– Por favor, par...

Debaixo d'água de novo. Dor e escuridão. Sua sombra fervilhava aos seus pés, perdida e desesperada. Mas não havia manto de sombras que a pudesse esconder ali. Não fazia sentido prender os pés dos seus captores ao chão. Escolhida pela Mãe? Grande vantagem ela tinha. Por que a deusa não a fizera capaz de respirar debaixo d'água?

Com os pulmões quase arrebatando, ela foi puxada de volta à luz. O peito arfante. As pernas trêmulas. Tosse. Falta de ar. O medo já começava a tomar conta, pois Sr. Simpático já não conseguia beber tudo. Mesmo assim, ela pisou no terror. Chutou-o nos dentes e cuspiu nele.

– Diga-nos onde você esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

– Eu não estava em lugar nenhum! – ela vociferou.

De novo para baixo. E para cima. A pergunta foi repetida, vez após vez. Ela gritou. Jurou. Tentou chorar. Suplicar. Em vão. Cada súplica, cada lágrima, cada xingamento recebeu a mesma reação:

– Diga-nos onde você esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

Mas, sob as lágrimas e gritos, a mente de Mia ainda trabalhava. Se eles quisessem matá-la, ela já estaria morta. Se soubessem onde ela tinha estado, já teriam chegado no Porqueiro. E se o Confessorado estava mancomunado com os luminatii, então cada um desses bastardos era um cachorrinho de Scaeva e de Remus. Dos homens que tinham enforcado o seu pai. Dos homens que a puseram naquele caminho tantos anos atrás. A Igreja Vermelha era a melhor chance que ela tinha de se vingar deles. E aqueles tontos esperavam que ela desistisse por medo de um afogamento?

Ela retirou-se. Retirou-se na escuridão dentro da sua cabeça. Observou a tortura com uma espécie de fascínio semidistanciado. Por horas trabalharam nela, até quebrarem sua voz, fazerem seus pulmões gritarem e cada fôlego arder como fogo. Afogando e batendo. Cuspindo e estapeando. Por horas.

E horas.

Então pararam. Deixaram-na jogada na cadeira, as mãos presas por trás. O

cabelo fedendo à água da baía, caído pelo rosto como uma mortalha. Inchada. Sangrando. Quase afogada.

Quase morta.

– Temos a viragem inteira, meu amorzinho – disse Santino. – E toda a quasinoite depois.

– E se a água não soltar sua língua – disse Micheletto –, temos outros remédios.

O homem levantou um atizador de ferro da mesa de ferramentas. Enfiou-o no braseiro ardente e o deixou ali para aquecer. Ele cuspiu nos carvões, e um chiado crepitante preencheu a cela.

– Quando esse ferro ficar vermelho, nós voltaremos. Pense muito bem sobre onde estão as suas lealdades. Você pode achar que vale a pena morrer pelo seu precioso rebanho de hereges. Mas acredite em mim, há destinos piores do que a morte. E nós conhecemos todos eles.

Os confessores retiraram-se da cela e bateram a porta pesada de ferro. Mia ouviu um chacoalhar de chaves, o deslizar de uma tranca. Passos afastando-se. Gritos distantes.

– ...*mia*...

A garota tirou o cabelo dos olhos. Ainda tentava recuperar o fôlego. Calafrios. Tosse. Por fim, olhou para a sombra aninhada a seus pés.

– Estou bem, Senhor Simpático.

– ...*até que para confessores esses dois são sujeitos adoráveis*...

– Como sóis eles me descobriram?

– ...*mercurio*....?

– Besteira.

– ...*o centurião? alberius*...?

– Ele não fazia ideia de que eu estava com a Igreja. Isso parece coisa grande. Mais profunda.

Senhor Simpático inclinou a cabeça, calado e pensativo.

– ...*enigmas depois. primeiro você precisa sair daqui*... – disse afinal.

– Que bom que você está aqui para me dizer isso.

Mia correu os olhos pelo lugar. O atizador sobre o braseiro. As ferramentas

na mesa. Eles tinham arrancado suas botas, suas armas. A caixa de cigarrilhas que Mercurio lhe tinha dado. As algemas estavam bem apertadas. Os pés, acorrentados à cadeira. Ela sentiu o que havia ao redor dos ferros, percebeu que as travas estavam fechadas com parafusos pesados de ferro e não com uma tranca normal.

– Bosta – ela suspirou.

– ...*você precisa se soltar...*

– Não consigo – ela sibilou, tentando em vão alcançar os parafusos. – Seria uma algaema de merda se desse pra você se soltar com as próprias mãos.

– ...*então não use as mãos...*

– Você sabe que não é assim que funciona.

– ...*mas poderia...*

– Não sou forte o bastante, Senhor Simpático.

– ...*já foi...*

Mia engoliu em seco. Lampejos na cabeça. Corredores escuros. Pedras sem luz.

Não olhe.

– ...*lembra-se...?*

– Não.

– ...*eles vão matar você, mia. a não ser que te façam ceder. e depois vão te matar mesmo assim...*

Mia cerrou os dentes. Encarou o não-gato, que retribuiu o olhar com seus não-olhos.

– ...*tente...*

– Senhor Simpático, eu...

– ...*tente...*

Ela fechou os olhos. Escuridão e calor por trás das pálpebras. Sentia as sombras na minúscula cela úmida. Fria. Velha. Os sóis nunca chegavam ali. A escuridão era profunda. Fresca e faminta. Ela podia sentir as sombras ao seu redor, como se estivessem vivas. Agitando-se à luz tênue do braseiro. Caindo umas sobre as outras e rindo sem som. Elas a conheciam. Um fiapo de coisa, que as tocava como o vento toca as montanhas. Mas ela as alcançou, fechou as

mãos, e elas se aquietaram.

À espera.

– Muito bem – ela sussurrou.

Ela as torceu. Fez com que fluíssem pelo chão e se reunissem às suas costas. Serpentearam ao redor do ferro nos seus pulsos. À sua ordem, elas se enroscaram com força nos parafusos que seguravam as travas. E *puxaram*.

E os parafusos não se moveram nem um milímetro.

Eram apenas sombras, afinal.

Reais como os sonhos.

Duras como a fumaça.

– Não adianta – suspirou Mia. – Eu não consigo.

– ...*você precisa...*

– Não consigo!

– ...*você já conseguiu uma vez. e se não fizer igual de novo, vai morrer aqui, mia...*

As mãos dela tremeram. Lágrimas de ódio tentavam derramar-se dos seus olhos.

– ...*não controle a escuridão ao seu redor...*

O não-gato se aproximou, encarando a garota o máximo possível para quem não tem olhos.

– ...*controle a escuridão dentro de você...*

Passos distantes.

Gritos abafados.

– Muito bem.

Mia fechou os olhos novamente. Não se expandiu dessa vez. Buscou o que estava dentro. Lugares que os sóis *nunca* tinham tocado. O breu informe sob sua pele. Dentes cerrados. Brilho de suor na testa. As sombras tremeram, ondularam, suspiraram. Ficaram mais negras. Mais duras. Mais agudas. Tentando alcançar os parafusos. O rosto dela torceu-se, o coração latejava, a respiração acelerada como a de quem corre. Mas devagar, bem devagar, os parafusos começaram a vibrar. A girar. Momento após momento. Milímetro por milímetro. As veias do pescoço da garota estavam tensas. Saliva nos

lábios. Chiados. Súplicas. Até que ela ouviu um baque leve. Depois outro. O ferro nos pulsos caiu sobre a pedra.

E ela estava livre.

Mia olhou para Sr. Simpático. E achou que, embora ele não tivesse boca, o gato estava sorrindo.

— ...*pronto*...

Ela sacudiu os ferros dos tornozelos e os afrouxou. Levantou-se, com cabelo e roupa ainda ensopados, e avançou silenciosa até a porta. A janelinha ainda estava fechada, mas ela colou a orelha no ferro para ouvir. Ouviu gritos débeis ecoando na pedra. O corredor era longo, pelo que dava para escutar. Som de metal e de passos.

Cada vez mais perto.

Ela agarrou um martelo da mesa, cobriu-se com as sombras e agachou-se no canto. O parafuso da porta chacoalhou, a tranca estalou. O irmão Santino entrou na cela, viu a cadeira vazia, as algemas vazias, e arregalou os olhos. O martelo de Mia explodiu na cara dele, o joelho bateu contra a sua virilha. Com um gemido engasgado, o homem desabou. Micheletto estava atrás de Santino, aterrorizado. Mia desferiu um golpe, mas estava quase cega. O martelo passou longe e o confessor pôde recuar e se proteger com o braçal no antebraço. Ele forçou a vista, vendo apenas uma mancha móvel, mas a atacou mesmo assim. Agarrou-a com os dois braços. Gritou quando o martelo acertou na sua testa. Caiu no chão, levando-a junto.

Ambos rolaram sobre o chão de pedra, entre socos e chutes. Micheletto tentava agarrar a garota que mal conseguia enxergar, enquanto Mia tentava encaixar um golpe decente sem saber ao certo no que mirava. No fim, ela se desfez do manto de sombras e preferiu a ferocidade à discrição inútil. Seu cotovelo esmagou o nariz do homem, seu punho dançou no queixo dele.

Um cruzado vigoroso acertou o lado da cabeça dela e a fez perder os sentidos. Outro golpe veio em seguida, fazendo-a recuar aos tropeções. Mia percebeu que Santino já estava de pé novamente, atrás dela, o rosto uma ruína de sangue gotejante. Ela fez força para se levantar, mas o irmão a pegou numa chave de pescoço sufocante. As sombras estalavam e contorciam-se, mas os

golpes na cabeça a tinham atordoado e ela não conseguia segurá-las com força. Mia deu um chute selvagem para trás, sentiu que acertou algo macio, ouviu um urro de dor. Mas em seguida foi jogada de volta à cadeira, entre cusparadas e xingamentos, o cabelo embaraçado na frente dos olhos. Santino a segurou enquanto Micheletto prendia de novo os seus pulsos. As ferramentas na mesa tremeram, as sombras na cela debatiam-se como serpentes. Algo pesado bateu na sua têmpora e ela desabou, sangrando e arfando, a cabeça pendendo entre os ombros.

– Sua putinha de merda – Micheletto esbravejou entre dentes cerrados.

Ele aproximou-se mancando do braseiro, o nariz escorrendo sangue, e puxou o atiçador dos carvões. A ponta ardia em um tom de laranja furioso, brilhante. Mia debateu-se na cadeira, mas Santino a segurou enquanto o outro confessor suspendeu o atiçador perto do rosto dela. Mia gelou. Sentiu o calor abrasador a apenas um ou dois dedos da pele. Uma mecha desalinhada do seu cabelo tocou o ferro em brasa e fumegou.

– Meu amorzinho – provocou Santino –, receio que você vá ficar menos bonita num instante.

Mãos nos lados da cabeça dela para mantê-la parada. A respiração saindo apertada pelos dentes. Nada além de ódio por dentro agora. Se aquele era o seu fim, ela não partiria implorando.

Nunca trema. Nunca tema. E nunca, jamais, se esqueça.

– Diga-nos onde você esteve mais cedo. Antes de chegar a Godsgrave.

– Vai se *foder*.

– Diga-nos onde você esteve mais cedo, antes de chegar a Godsgrave! – berrou Micheletto.

O ferro estava a um suspiro da sua pele agora. Já começava a queimar. Mia se sentiu enjoada; o suor queimava os olhos. Levantou-os para o confessor. Então, ela arreganhou os lábios para mostrar os dentes e sibilou, feroz:

– Vai se *foder*.

O irmão balançou a cabeça.

E, com um sorriso vazio, ergueu o atiçador até o olho dela.

– Basta.

O sorriso no rosto do irmão desmanchou-se. As mãos segurando a cabeça de Mia a soltaram. Ambos os confessores endireitaram o corpo, como que em posição de sentido. O irmão Micheletto deu um passo para o lado, revelando uma figura de manto à porta.

Mia viu de relance o longo cabelo preto. Os olhos negros sem fundo. As adagas gêmeas na cintura.

Perfeitamente simples.

Perfeitamente mortais.

Um dor úmida subiu-lhe pelas entranhas; Sr. Simpático começou a tremer à medida que a escuridão ao redor deles crescia. E ela ouviu, vindo das sombras, um uivo grave e estrondoso.

Um uivo de lobo.

– Deixem-nos – ordenou Cassius.

– Sim, lorde – responderam Micheletto e Santino.

Os homens abaixaram-se numa reverência e, com um aceno silencioso para Mia, retiraram-se depressa da cela. Mia arrepiou-se com um medo súbito quando Lorde Cassius adentrou o cômodo, Sr. Simpático encolhendo-se no negrume aos pés dela. O Senhor das Lâminas estava de pé diante de Mia, com as mãos unidas, as mechas compridas e escuras movendo-se a uma brisa invisível. Sua voz saiu como mel e sangue.

– Bravo, acólita. Meus parabéns.

– Lorde Cassius?

Mia olhou ao redor. Além do frio na barriga, além do pico de terror e emoção que a presença dele lhe causava, começou a surgir dentro dela a percepção do que tinha acontecido.

Alívio. Raiva. Mágoa.

– Um teste – ela murmurou.

– Uma necessidade – replicou Cassius –, agora que você conhece a Caminhada de Sangue. Além da mestria do aço e do veneno e da carne, há uma virtude que precisamos garantir que todos os discípulos da Igreja Vermelha possuam em abundância.

Mia olhou o Príncipe Negro nos olhos, as mãos trêmulas.

– Lealdade.

Cassius inclinou a cabeça.

– A Igreja Vermelha se orgulha da sua reputação. Jamais um contrato aceito por esta congregação deixou de ser cumprido. Jamais um discípulo revelou um segredo para aqueles que nos caçam. Todo ano trazemos rostos novos para nosso rebanho, afiamos cada um de vocês até o gume mais fino. Mas, por mais aguçadas que sejam, algumas lâminas são feitas de puro vidro.

– Vidro?

– Um caco de vidro pode cortar a garganta de um homem, perfurar seu coração sem problemas. Abrir seus pulsos até os ossos. Mas se você o apertar contra o lugar errado, o vidro se despedaça. O ferro não.

Um sorriso vago se desenhcou nos lábios pálidos, e a mão de Cassius pairou sobre uma das facas na sua cintura.

– Depois do atentado fracassado contra a vida do cônsul Scaeva, o cardeal Duomo declarou que a destruição da Igreja Vermelha era um mandamento divino. O justicus Remus e seus luminatii nos caçam em cada canto da República. Temos o poder da feitiçaria ashkahi à ponta dos dedos. Capelas em cada metrópole. Se um dos nossos discípulos cair na mão dos inimigos, precisamos estar seguros de que não se despedaçará. Assim...

Cassius gesticulou para as celas ao redor, o manto apenas sussurrando com o movimento. O medo de Sr. Simpático já devorava as vísceras de Mia, e as sombras sacudiam pelo chão. Ela levantou os olhos ao eco de outro grito pelo corredor. Engoliu em seco e procurou a voz para perguntar:

– Então o torneio da Shahiid Aalea era apenas um engodo?

– Não, não. O acólito que lhe presentear com o melhor segredo ainda será o primeiro das Máscaras. E todos serão enviados a esta cidade mais de uma vez para procurá-los, não duvide. Apenas aproveitamos esta oportunidade para testar as águas, digamos.

– E as outras acólitas que vieram a Godsgrave? Também as estão testando?

– Testamos todos vocês.

– Alguém quebrou?

– Alguém sempre quebra.

O homem estudou o olhar de Mia. À espera, talvez, de algum tipo de reclamação.

Mia permaneceu muda, retribuindo o olhar sem fundo, lutando contra o enjoo dentro de si. O sabor pastoso da bile grudado no fundo da garganta, as mãos tremendo tanto que ela foi obrigada a segurar na cadeira para fazê-las parar. O que aquele homem tinha que a afetava tanto? A escuridão dele invocava a escuridão dela?

Ela ouviu passos macios, estofados, atrás de si. O rosnar grave de um lobo.

Eclipse...

– O senhor é o primeiro sombrio que conheço – ela disse afinal. – O primeiro com quem converso.

– Talvez o último – ele rebateu. – Você está a muitas quasinoites da iniciação. E se acha que a nossa afinidade vai lhe trazer alguma vantagem nas salas da Mãe, está terrivelmente enganada.

Os olhos do Príncipe Negro tornaram-se mortalmente frios. Sua beleza ainda mais. Mia conseguia sentir a loba de sombras atrás dela, rodeando. Senhor Simpático estufou-se na sombra e chiou, e uma risadinha baixa ressoou nas pedras aos pés da garota. A pergunta unhou a garganta dela até ganhar voz; um sussurro tênue, que pairou no ar como fumaça:

– O que somos?

– O que você acha que somos?

– Mercurio, Drusilla... – Mia engoliu em seco. – Dizem que somos os escolhidos da Mãe.

O cabelo na nuca do Senhor das Lâminas arrepiou quando ele começou a gargalhar.

– É isso que você se crê, pequena sombria? Uma escolhida?

– Não sei em que creio – ela estrilou. – Tinha a esperança de que o senhor pudesse me dizer.

– Dizer no que crer?

– Dizer o que eu *sou*.

– Não importa o que você é – disse Cassius. – Apenas *que* você é. E se busca uma resposta para algum grande enigma da sua existência, não espere

encontrá-la em mim até merecer. Num ponto, e apenas num ponto, deveria estar contente. Porque nisso, se não em mais nada, somos iguais.

Mia sentiu um sobressalto quando o Senhor das Lâminas aproximou o rosto do dela e sacou uma adaga da manga. Ele baixou a mão e cortou as cordas que prendiam os pulsos da garota.

– Somos matadores, você e eu – ele disse. – Matadores, todos matadores. E cada morte que causamos é uma oração. Uma oferenda à Nossa Senhora do Bendito Assassinato. A morte como misericórdia. A morte como aviso. A morte como fim em si mesmo. Todas, para o nosso conhecimento e dádiva ao mundo. O lobo não sente pena do cordeiro. A tormenta não pede desculpas ao afogado.

Ele estudou de novo o olhar da garota, e sua voz reverberava no peito a cada palavra:

– Mas, antes e acima de tudo, somos servos. Discípulos. Cercados de inimigos. Leais até a morte. Não nos dobramos nem quebramos. Nunca. *Essa* é a verdade que você aprende nesta cela. *Esta* é a primeira resposta a qualquer questão sobre si mesma que possa fazer. E se ela não lhe cai bem, acólita, se acha que talvez tenha cometido um erro em vir até nós, agora é o momento de falar.

Então, nada de respostas. Só mais enigmas. Se Cassius possuía alguma verdade maior sobre os sombrios, ele não estava a fim de compartilhar ali. Talvez nunca. Ou talvez, como ele mesmo disse, não até ela *merecer*.

E assim, com uma careta, Mia se levantou devagar da cadeira. As pernas tremiam. Sentia dor até os ossos. Estava com frio. Molhada. Fedendo à água da baía e a sangue. A bochecha inchada, o olho cortado, o lábio partido. A garota tirou o cabelo encharcado do rosto e olhou bem para Cassius.

Estendeu a mão.

– Gostaria de ter minhas cigarrilhas de volta.

Custou muito, mas ela se conteve.
Foi escoltada para fora da cela do porão. Passou pelo cais iluminado e

voltou aos túneis escondidos embaixo do Porqueiro. Uma caixa de madeira lacrada com sebo apertada nas mãos. Uma adaga de ossário sob a manga. Nenhum suspiro nos lábios.

A Caminhada de Sangue de volta à Montanha não foi mais fácil, porém. Mia arrancou as roupas e pisou nua na piscina escarlate debaixo do matadouro. Desceu pelo turbilhão, por um instante tentada a permanecer ali para sempre com suas perguntas e seus medos. Mas investiu contra aquele peso, as mãos apertando a caixa que Mercurio lhe dera, a lâmina de ossário no punho.

Depois de três banhos ela foi escoltada por uma Mão silenciosa pelas escadas sinuosas que subiam até o Altar Celeste, para tomar o desjejum como se nada tivesse acontecido. Os acólitos tinham desaparecido, provavelmente já estavam em Godsgrave, sendo recolhidos para a própria sessão de espancamento e tortura. Ela viu Ashlinn sentada à mesa, um lábio inchado e um corte na bochecha. Mia não quis olhar nos olhos dela. Pegou a comida, sentou-se e comeu sem falar uma só palavra. Observou as outras acólitas que começavam a chegar lentamente. Os sorrisos e piadas das refeições anteriores eram apenas uma lembrança.

Ao fim da refeição, apenas Ashlinn, Jessamine, Carlotta e Mia sentavam-se à mesa longa e solitária. Todas abatidas. Machucadas. Ensanguentadas. Mas vivas, pelo menos. Das nove garotas que tinham se reunido nos aposentos de Aalea na viragem anterior, apenas quatro retornaram.

Quatro de ferro.

O resto, vidro.

Elas se entreolharam. Carlotta, sempre estoica. Jessamine, triunfante. Uma tênue ruga na testa de Ash – provavelmente preocupação pelo que poderia estar acontecendo com seu irmão. Mas nenhuma delas falou. Mia observava o prato, mastigava a comida, uma colherada cinzenta por vez. Forçava-se a comer cada migalha. Sorvia o mingau como uma pedra áspera absorve o sangue. E, ao terminar, levantou em silêncio, caminhou lentamente de volta para o quarto e fechou a porta.

Ela olhou seu rosto no espelho. Olhos escuros, machucados. Lábios finos, trêmulos.

– ...*sinto muito, mia...*

Mia olhou para o não-gato, aninhado à beira da cama. Cassius e Eclipse fizeram Sr. Simpático tremer mais do que ela. Mas as perguntas sobre sombrios, sobre o Senhor das Lâminas e sobre o seu passageiro, morreram todas nos seus lábios.

– Está tudo bem, Senhor Simpático – ela suspirou.

– ...*nunca trema...* – ele lembrou. – ...*nunca tema...*

Mia concordou com a cabeça e completou:

– E nunca, jamais, se esqueça.

Ela sentou-se diante do espelho e encarou a garota que a encarava de volta. A matadora que Cassius havia descrito. O monstro. Perguntou-se, por um átimo, como teria sido sua vida se Scaeva não a tivesse feito em pedaços. Tentou se lembrar do rosto do pai. Tentou se esquecer do da mãe. Sentia a ardência das lágrimas nos olhos. Obrigou-as a recuar até não restar nada. Apenas Mia e a garota de olhos secos que a olhava.

Mercurio devia saber que o teste de lealdade estava por vir. Sabia o que Cassius e o Ministério tinham planejado. E Mia pensou que outra pessoa talvez se sentisse traída por o mestre não a ter avisado, mas ela sentia apenas orgulho. O velho sabia o que a aguardava, e ainda assim não soltou uma só palavra. Não porque não se importava.

Porque sabia.

Cassius e o Ministério não faziam ideia. Não tinham noção do que ela era feita. Mas *ele* sabia.

“Ferro ou vidro?”, perguntaram.

Ela não era nenhum dos dois.

Ela era aço.

⁷⁰ Um braço da igreja de Aa quase tão velho quanto a própria religião, o Confessorado é, como você pode suspeitar, encarregado de erradicar a heresia da República. Preocupados primeiramente com aqueles que cultuam a Mãe da Noite, os confessores são recrutados entre os mais zelosos – ou desequilibrados – ministros de Aa. No começo da sua carreira, a atual chefe do Confessorado, Attia Fiorlini, chegou ao ponto de crucificar o próprio marido por suspeita de heresia. Seus superiores ficaram impressionados com a devoção, e ela subiu rápido os degraus da organização.

Na verdade, Attia fabricou as acusações contra o cônjuge depois de descobrir que ele prevaricava com

uma das criadas.

Ainda assim, foram dois coelhos com uma cajadada só...

Capítulo 18

FLAGELO

No final, dezessete sobreviveram ao teste de Lorde Cassius. Quatro acólitas. Treze acólitos. Todos em diferentes tons de sangue pisado, inchaços e feridas. Os olhos de Shiu estavam tão roxos que ele mal conseguiu enxergar durante três viragens. Marcellus mancou por semanas. O queixo de Pip quase tinha quebrado, e ele só pôde comer sopa por um mês.⁷¹

Mia sabia que não deveria se importar se Tric tinha sobrevivido ou não. Mas quando o garoto surgiu nas escadas e se sentou calado para a virada, ela se pegou sorrindo para ele. Quando Tric levantou o rosto e a flagrou, a garota decidiu não esconder a expressão.

E ele sorriu de volta.

O braço bom de Mia ainda não estava completamente curado, mas a bronca de Mercurio tinha surtido efeito. Quando consideraram o grupo recuperado o bastante para retomar as aulas, Mia decidiu voltar à Sala das Canções. Ela já tinha perdido dezenas de aulas; se continuasse assim, arriscaria ficar atrasada demais para ter alguma chance no torneio de Solis. Não que ela achasse que tivesse muita; a sua melhor esperança de primeiro lugar era criar o antídoto de Mataranhas. Só que um erro no torneio de Mataranhas significaria *morte*. Além disso, se ela conseguisse se tornar uma Lâmina digna do nome, precisaria de toda a habilidade com a espada que conseguisse aprender. Ficar lendo a viragem inteira não ia adiantar.

Quando Mia entrou na Sala das Canções, Jessamine desviou o olhar do boneco de treino que arregaçava na pancada e lhe disparou um sorriso que dizia *foda-se*. Mia tomou um lugar no círculo e Solis arqueou a sobrancelha, encarando-a com aqueles olhos cegos e terríveis. O corte que ela lhe fizera ainda não tinha sido curado pela tecelã Marielle – uma pequena e nova cicatriz, que o Último obviamente tinha decidido manter, enfeitava sua bochecha abatida.

O shahiid não se dignou a dar-lhe as boas-vindas, nem mencionou os acólitos que não retornaram de Godsgrave.

– Começamos recapitulando as técnicas de duas mãos de Montoya – disse Solis. – Acredito que vocês estejam treinando. Acólita Jessamine, talvez possa fazer a gentileza de mostrar à acólita Mia o que ela perdeu durante a sua ausência?

Outro sorriso.

– Com prazer, shahiid.

Os acólitos formaram duplas e começaram os exercícios. Jessamine foi até um dos armários, pegou um par de adagas curvas e jogou outro para Mia. A garota levantou as lâminas e sentiu o cotovelo reclamar um pouco.

– Praticamos com aço de verdade, shahiid? – indagou Mia.

O Último respondeu com um rosto de pedra.

– Considere um incentivo.

Jessamine levantou as facas e, sem uma palavra, atacou a garganta de Mia. A garota recuou, mal conseguindo armar a defesa contra os golpes da ruiva. Parecia que a turma tinha progredido aos saltos durante a ausência dela, e entre a falta de treino e o braço ainda fraco, Mia se viu numa inferioridade desesperadora. Jessamine era agressiva e capaz, e o máximo que Mia conseguia fazer era manter suas vísceras nos lugares onde deviam ficar. Ela levou uns arranhões no braço e um corte no peito que fez seu sangue espirrar sobre o chão de pedra enquanto soltava palavrões.

Jessamine sorriu.

– Quer partir para um descanso, Corvere?

– Agradeço, mas queria mesmo partir a sua cara.

Jessamine apenas riu e girou as adagas para a frente e para trás. Sabendo que não era boa ideia pedir a Solis que interviesse, Mia estancou as feridas e voltou ao treino. Passou a analisar o melhor possível os movimentos dos outros enquanto desviava das lâminas de Jessamine. Depois de uma hora, elas trocaram as facas pelos gládios, e Jessamine continuou impiedosa como antes. Mia passou o resto da manhã tomando uma surra por todos os lados, e terminou a aula estatelada no chão, com a lâmina de Jessamine contra a

jugular. E embora a ruiva tivesse se controlado, Mia tinha certeza de que daria quase qualquer coisa para forçar um pouquinho e pintar o chão de vermelho.

Jessamine curvou-se para Solis, caçoou de Mia e devolveu as armas ao armário. Mia se levantou, apertando o cotovelo dolorido enquanto a frustração fervia dentro de si. O tempo perdido por causa da lesão tinha lhe custado caro, e ela ficara bem mais para trás do que temia. Precisaria redobrar os esforços se quisesse recuperar a distância perdida, e Jessamine bem podia degolá-la “por acidente” nesse meio-tempo.

A vergonha daquilo tudo era que ela e Jess eram a mesmíssima coisa. Ambas órfãs da Rebelião Faz-Rei. Ambas tiveram suas famílias roubadas e eram motivadas pela mesma sede. Se Jess não estivesse tão cega pelo ódio, elas poderiam ter ficado amigas bem rápido, unidas pelo tipo de vínculo que só o ódio pode forjar. E embora fosse Julius Scaeva, e não Darius Corvere, o culpado pela morte do pai de Jessamine, Mia compreendia por que a garota sorria ao ver seu sangue.

Se você não consegue ferir quem te fere, às vezes serve ferir qualquer um.

Tudo isso era um consolo pequeno diante da surra absoluta que Mia tinha levado, claro. E se Jess decidisse agir segundo a sua sede de sangue longe dos olhos dos shahiids? Tentar de verdade acabar com a vida dela? Mia provavelmente terminaria como uma mancha no chão e nada mais.

Não, isso não dá.

Mia balançou a cabeça e saiu mancando da sala.

Não vai dar mesmo.

— Como vai, don Tric?

Mia o encontrou depois das aulas no Salão dos Elogios, olhando para a estátua de Niah. Ele abriu um sorriso de covinhas ao ouvir a garota falar. Olhou-a de alto a baixo.

— Pelos dentes da Fauce, Jessamine te deu uma surra.

— Melhor que uma facada.

— Parece que você também levou umas.

– Acho que preciso passar na tecelã pra cuidar disso.

Tric fechou a cara com a menção à tecelã e voltou os olhos à estátua de novo. Ele passou a mão no rosto, completamente perdido em seus pensamentos, contornando as péssimas tatuagens com os dedos. Não pela primeira vez, Mia se pegou analisando o perfil do garoto e se xingando de idiota no mesmo instante. Ele seria um garanhão sem aquela tinta na cara, sem dúvida. E Mia estava feliz por ele ter conseguido voltar do teste de Drusilla. Mas ainda assim...

Olhos no troféu, Corvere.

– Eu tenho uma ideia – ela disse.

– Ah, caramba – resmungou Tric.

Mia lhe mostrou os nós. A sombra de Marielle se desfez no rosto do garoto, e ele abriu um sorriso. Desviou os olhos da estátua de Niah e encarou Mia de braços cruzados.

– Bota para fora, então.

– Como você fez a gentileza de notar, eu estou um pouco atrasada nas Canções.

– Um pouco? – Tric torceu o nariz. – Tem boneco de treino lá que seria capaz de varrer o chão com a sua cara, Moça Branca.

– Bom, muito obrigada – Mia disse de cara fechada. – Se você quiser ir a algum lugar para se foder em silêncio, estarei aqui aguardando pacientemente o seu retorno.

Tric arqueou a sobrancelha. Mia soltou um suspiro e mandou o seu gênio ir sentar-se no canto.

– Desculpe – ela murmurou.

– Não precisa – ele sorriu. – Não sei se você combina com educação.

– Tenho uma proposta.

– Estou lisonjeado.

– Não é esse tipo de proposta, seu pervertido.

Ela deu um soco no braço do garoto, que sorriu com malícia. Mas em algum lugar dentro daqueles olhos castanhos e brilhantes, ela viu uma ponta de decepção. Algo na postura, na cabeça inclinada. Algo que, depois de meses da

tutela de Aalea, Mia começava a reconhecer.

Desejo.

– Eu estou apanhando que nem gente grande na aula de Canções – ela disse.
– E você é tão útil na aula de Verdades quanto a braguilha de um eunuco. – Ela continuou, abafando os protestos murmurados de Tric: – Então, se me ajudar a pegar os estilos de espada de Solis para que Jessamine não me corte a cabeça, eu vou garantir que você saiba o bastante para não se envenenar antes da iniciação. Justo?

Tric franziu a testa. Mia viu o Desejo em batalha contra o Senso Comum.

– Não há vagas de Lâminas para todo mundo, Mia. Na verdade, somos concorrentes. Por que eu ajudaria você?

– Porque eu pedi “por favor”?

– Você não pediu “por favor”.

Mia fez um gesto de desdém.

– Uma mera formalidade.

Tric sorriu e Mia fez o mesmo, com a mão na cintura. Aalea tinha lhe dito que o silêncio podia ser a melhor resposta para uma pergunta quando a pessoa que a faz já sabe a resposta. Então ela permaneceu calada, encarando aqueles olhos grandes e bonitos e deixando o Desejo falar em seu lugar. Parte de Mia se sentia mal por testar a arte de Aalea no amigo, mas como o próprio Tric tinha lembrado, ele *era* teoricamente seu concorrente. E, como Aalea gostava de dizer, nunca ande com uma faca se você não tem a intenção de sujar as mãos de sangue.

– Tudo bem – disse Tric, afinal. – Uma hora todas as viragens depois das aulas. Encontre-me amanhã na Sala das Canções.

Mia fez uma mesura.

– Muito obrigado, don Tric.

Tric estendeu a mão e ela a apertou para selarem o pacto. Permaneceram ali por um instante com as mãos enlaçadas. A pele dela se arrepiou quando o polegar dele contornou delicadamente a curva do seu pulso. De volta à realidade, Tric a soltou, murmurou algo que talvez fosse um pedido de desculpas e saiu rapidamente. Mia deu meia-volta e começou a sair pela

direção oposta, escondendo o sorrisinho nos lábios. Foi então que sua sombra começou a falar:

– *...embora eu não tenha rosto, acredite que estou com cara de quem abaixaria as suas calças e te daria uns tapas para fazer você tomar jeito...*

Mia rolou os olhos.

– Sim, pai.

– *...claro, aparentemente abaixar as calças parece ser a sua meta, então talvez eu devesse parar...*

– Sim, paaaaai.

– *...não fale comigo nesse tom de voz, mocinha...*

Mia abriu um sorriso e deu um chute de brincadeira que passou direto pela cabeça de Sr. Simpático. A garota e sua sombra rumaram para os dormitórios, à procura de cama e sonhos.

Um belo garoto saiu da escuridão e seguiu o caminho de ambos com seus vivos olhos azuis.

Como sempre, não soltou nem uma palavra.

Longas horas depois, uma batida alta arrancou Mia dos braços dos seus livros. Ela sacou a adaga do pulso e jogou um roupão por cima dos ombros. Avançando na ponta de pés até a porta, ela sussurrou para quem esperava do outro lado:

– Ash?

– Por favor, abra a porta, acólita.

Mia apertou a faca, virou a chave e espiou o corredor escurecido. Viu uma Mão do lado de fora, com seus trajes longos e pretos, o rosto encapuzado. Pensou em Naev e, por um breve momento, se perguntou onde ela estaria.

– Você foi chamada pela Reverenda Mãe Drusilla – disse a Mão.

– Claro – assentiu Mia. – Como ela quiser.

Ela correu os olhos pelo corredor e viu outras Mãos batendo à porta dos acólitos. Ashlinn arrastou-se para a luz com as tranças de guerra todas amassadas pela pressão do travesseiro. Mais à frente, viu o irmão dela, Osrik,

com o cabelo espetado levantando-se da cabeça em ângulos improváveis. Parecia que estavam acordando todo mundo, o que queria dizer que Mia não estava pessoalmente encarcerada.

Um viva aos pequenos milagres.

– O que está acontecendo? – Mia cochichou enquanto o grupo seguia as Mãos.

– Sei tanto quanto você – bocejou Ash. – Aposto que nada de bom.

– Nem vou apostar.

Os acólitos marcharam pelas escadas em espiral, enquanto o coro fantasmagórico cantava em algum lugar da escuridão. Ao chegarem ao Salão dos Elogios, Mia inclinou a cabeça e tocou a testa, os olhos e os lábios diante da estátua como os outros fizeram. Ela viu que todo o Ministério estava reunido: Aalea, perfeita numa camisola vinho justa; Mataranhas, aparentando mais sisudez do que o normal, vestida de verde-jade; Mouser e Solis, que alternavam sorrisos e encaradas, vestindo trajes de couro escuro. Drusilla, com sua boca fina, estava diretamente abaixo da sombra de Niah. Ao lado dela, preso às correntes da própria estátua, Mia viu...

– Shiu...

O garoto estava com o peito nu, vendado com um pano preto, de costas para todos. Os acólitos se puseram em semicírculo à base da estátua, calados e atentos. Ashlinn assentiu para si mesma e cochichou para Mia:

– Flagelo de sangue.

– Quê?

– Shhhh... Veja.

– Obrigada por virem, acólitos – disse Drusilla. – Há poucas regras de verdade que governam a vida das Lâminas. Caso sobrevivam para servir à Mãe, viverão fora dos limites da lei, e, assim, damos a vocês o máximo de liberdade possível dentro destas paredes. Ainda assim, as poucas regras que ditamos não podem ser ignoradas. Depois do assassinado do acólito Trazáguas, cada um de vocês foi alertado para não sair dos aposentos depois das nove badaladas. Prometi que quem fosse pego infringindo o toque de recolher seria severamente castigado. Ainda assim, um de vocês decidiu testar

a minha decisão – ela continuou, indicando Shiu com a mão. – Agora testemunhem o preço dessa tolice.

A Reverenda Mãe desceu do estrado e voltou-se para as sombras.

– Orador? Tecelã?

Mia viu as duas figuras passarem à luz do vitral. O orador Adonai estava descalço e vestia calças de couro, um roupão de seda vermelha jogado de qualquer jeito sobre o torso nu. Sua irmã Marielle estava envolta dos pés à cabeça num tecido preto frouxo e esvoaçante. Os irmãos assumiram suas posições atrás do garoto. Shiu virou a cabeça quando Marielle começou a estalar as mãos; os estalos doentios e úmidos ecoavam nas trevas. Mesmo vendado, Shiu devia ter reconhecido o som. Mia o viu respirar fundo e então virar-se de novo para a pedra.

A Mãe Drusilla falou com uma voz de ferro:

– Comecem.

Marielle ergueu a mão e esticou os dedos. De onde estava, Mia conseguia enxergar o rosto da mulher, os terríveis lábios partidos num sorriso vermelho. Marielle murmurou algo só para si, apertou os olhos e cerrou os punhos.

Um som rascante reverberou pelo ar, e a carne das costas de Shiu partiu-se como uma fruta podre. O garoto jogou a cabeça para trás enquanto quatro cortes hediondos abriram-se através da sua pele, como se um flagelo invisível tivesse golpeado sua espinha. O sangue brotou, os músculos se desfizeram. Mia estremeceu ao ver o osso róseo e brilhante aparecer sob as feridas.

Mas o garoto não emitiu um som.

Marielle acenou com a mão de novo, casualmente, como se espantasse uma mosca impertinente. Mais quatro rasgos se abriram na carne de Shiu, retalhando a parte de baixo das costas. Cada músculo do seu corpo se contraiu, as veias saltaram nos braços e pescoço, o belo rosto se torceu de agonia. Mia não sabia se os outros acólitos conseguiam ver, mas do ângulo em que estava, enxergou, atônita, os lábios do garoto retraírem-se num esgar que expunha as gengivas rosas e vazias.

Mãe Negra, ele não tem dentes.

Marielle fez mais um gesto com a mão. Mais cortes na pele do garoto.

Rasgos compridos, irregulares, abriram-se pelas pernas; suas costas foram moídas como carne de linguiça. O sangue empoçava na pedra sob seus pés. Jorros vermelhos saíam das artérias e desenhavam padrões loucos que brilhavam no ar. E, embora estivesse em agonia, o garoto continuou a não soltar nem um suspiro. Os acólitos testemunhavam horrorizados os gestos de Marielle esfolarem cada vez mais as costas de Shiu. E o tempo todo o garoto permaneceu em silêncio, como se já estivesse morto.

Minutos passaram-se. Sons de rasgos úmidos. De gotas de chuva. Shiu era uma ruína sangrenta. A cabeça pendia dos ombros. O sangue lhe escorria pelos pés como uma maré vermelha-escura.

– Vão matar o garoto!

Ash fez que não com a cabeça.

– Observe.

Marielle continuou seu trabalho macabro, e seu sorriso sangrento alargava-se cada vez mais. Shiu debatia-se debilmente nas correntes, mas já estava quase inconsciente. E quando Mia foi capaz de contar as costelas sob a pele dele, quando parecia que apenas mais um golpe invisível acabaria com ele, a Reverenda Mãe ergueu a mão.

– Basta.

Marielle voltou-se para Drusilla; o sorriso desmanchou-se rápido. Mas, lentamente, a tecelã inclinou a cabeça e baixou a mão com óbvia relutância.

– Irmão amado, irmão meu – ela murmurou.

Adonai deu um passo à frente e tirou o cabelo liso e branco do rosto. O albino começou a sussurrar, suave e musicalmente, como se cantasse só para si. As palavras ecoaram pelo salão, como a canção do coral da Basílica Grande. E, diante do olhar fascinado de Mia, o sangue empoçado sob os pés de Shiu começou a se mover.

Primeiro tremeu, ondulando segundo uma vibração oculta. Mas depois, lenta e vagarosamente, a enxurrada escarlata retrocedeu pela pedra sob os pés do garoto, que ainda se debatia e tremia, e subiu pelas pernas e costas de volta para as feridas que Marielle tinha aberto. Mia olhou para o rosto do orador, pálido como um cadáver. Em vez do rosa habitual, os olhos do homem

estavam vermelho-sangue. O sorriso era extático.

Marielle ergueu as mãos ao lado do irmão. Moveu-as pelo ar como uma costureira num tear de sangue. E, enquanto Shiu tremia e sacudia, com a boca aberta e o rosto brilhando de suor, uma a uma, as feridas se fecharam. Os rasgos e os cortes terríveis. A carne esgarçada e retalhada. Todas selaram-se enquanto Shiu se debatia, até não restar sequer um arranhão na sua pele.

O garoto desfaleceu nas correntes, babando. Tinha permanecido consciente o tempo todo. Cada momento. Os acólitos o olhavam com um misto de horror e admiração.

As Mãos abriram as algemas e jogaram um roupão sobre os seus ombros intactos.

– Levem-no para o quarto – disse Drusilla. – Ele está dispensado das aulas amanhã.

As Mãos obedeceram, dividiram o peso de Shiu entre si e o arrastaram para fora do salão. A Reverenda Mãe voltou-se para os acólitos reunidos e fixou os olhos azuis em cada um deles. A fachada de matrona tinha sumido; o amor materno evaporou por um momento. Ali se revelava a assassina. A mesma mulher que não fizera nada enquanto Lorde Cassius e seus homens torturavam seus acólitos naquele calabouço escuro na cidade de Godsgrave. A mesma mulher que enviara oito dos seus alunos para a morte com um sorriso.

– Acredito que não serão necessárias mais demonstrações – ela disse. – Se outro acólito for encontrado fora dos aposentos depois da nona badalada, beberá do mesmo cálice. Embora, de próxima vez, talvez eu permita à tecelã Marielle agir como bem entender.

A Mãe escondeu as mãos dentro das mangas e fez uma reverência.

– Agora, vão dormir, meus filhos.

O sono viera devagar, e Mia acordou antes das badaladas e ficou olhando para as paredes. Determinada a recuperar a força do braço bom, começou a fazer exercícios: flexões ao pé da cama, puxadas na porta. Depois de alguns minutos o cotovelo já berrava, mas ela continuou o esforço até seus olhos se

encherem de lágrimas. Por fim, desabou no chão e ficou estirada recuperando o fôlego, xingando Solis de bastardo nos intervalos.

Ao sair dos aposentos, partiu rumo ao quarto de banho. Ao passar pelo quarto de um dos acólitos, ouviu uma batida, o estilhaçar de vidro do lado de dentro. Mia parou diante da porta; vários outros golpes e estrondos ecoaram vindo de lá.

– *...quem mete o nariz na vida dos outros corre o risco de ficar sem ele...*

– Pode me chamar de curiosa.

– *...você sabe o que ela fez com o gato...*

Mia chegou mais perto e encostou a orelha na madeira.

A porta se abriu com tudo e Mia deu um pulo para trás, assustada. Ali, em meio à escuridão, estava Shiu. Olhos vermelhos. Pele pálida. O rosto belo marcado por lágrimas. Sem camisa, suado do esforço. O interior do quarto estava um caos: gavetas de cabeça para baixo e jogadas contra a parede, roupa de cama arruinada. Mia o olhou de alto a baixo. Esbelto e musculoso. Peito liso. Fora uns arranhões nos pulsos, seu corpo não mostrava qualquer sinal da tortura que Marielle e Adonai lhe tinham infligido.

O garoto a encarava. Os lábios finos. Os olhos furiosos.

– Perdão, Shiu – disse Mia. – Ouvi barulhos.

Shiu permaneceu mudo. Imóvel.

– Você está bem?

Sem resposta. Só um olhar frio e lacrimoso. Ela se lembrou dele na viragem anterior: cabeça jogada para trás, lábios arreganhados mostrando as gengivas sem dentes. Era por isso que não falava nunca? Como tinha perdido todos os dentes da boca? Será que ele mesmo os arrancara para dar de oferta e entrar na Igreja?

Ambos permaneceram ali, sem fazer menção de se mexer. O silêncio ecoava mais alto do que as badaladas de quasinoite em Godsgrave.

– Sinto muito – tentou Mia. – Pelo que fizeram com você. Foi crueldade.

O garoto inclinou a cabeça lentamente. O mais minúsculo dos movimentos.

– Se quiser conversar sobre isso depois...

Shiu abriu na hora um sorriso irônico.

– Quer dizer... – reformulou Mia, agitada. – Escrever sobre. Se quiser. Estou aqui.

O garoto olhou bem para os olhos de Mia. Deu um passo para trás e, com apenas um movimento do pulso arranhado, bateu a porta bem na cara dela. Mia se encolheu, evitando, por pouco, mais um nariz quebrado. Enfiou os polegares no cinto e deu de ombros.

– ...*bom, foi tudo tranquilo...*

– Você não pode me culpar por tentar – ela disse deslizando pelo corredor.

– ...*é algum stratagema?*...

– Por que é tão impensável eu me importar com os outros?

– ...*não é impensável. é apenas inútil...*

– Veja, não é porque eu não ganho nada que não deveria me importar. Ele foi torturado, Senhor Simpático. Apesar de ter ficado sem cicatrizes, não quer dizer que não ficou marcado. E é como disse Naev. Eu deveria cuidar do que é importante aqui.

– ...*importante? esse garoto não significa nada para você...*

– Eu sei que deveria enxergá-lo como um concorrente. Sei que não há vaga de Lâmina para todo mundo. Mas esta Igreja é feita para me tornar fria. Por isso, me agarrar à parte de mim capaz de sentir piedade fica mais importante a cada viragem.

– ...*piedade é uma fraqueza que será usada contra você. scaeva, duomo e remus não têm piedade...*

– Mais um motivo para me apegar a ela, certo?

– ...*humpf...*

– Pfft.

– ...*grrrrr...*

– Cala a boca.

– ...*cresça...*

O riso ecoou e as sombras sorriram.

– Nunca.

A garota e o não-gato desapareceram na escuridão.

71 Ele murmurou um pouco menos com a faca enquanto o queixo sarava – Mia sentiu a tentação de procurar seus torturadores e os agradecer.

Capítulo 19

BAILE DE MÁSCARAS

As semanas passaram-se na escuridão, marcadas somente pelo repicar dos sinos e pelo horário das refeições e as horas e mais horas de histórias.⁷² Mia e Tric treinavam toda viragem depois das aulas, ou na Sala das Canções ou na Sala das Verdades. Em toda aula de Canções, Mia formava dupla com Jessamine ou Diamo, e o chão sempre acabava pintado com o seu sangue. E embora ela notasse que gostava cada vez mais da companhia de Tric, começava a se perguntar se ele era o mentor de que precisava...

O inverno ficava cada vez mais intenso e a Grande Partilha se aproximava; a neve começava a vestir Godsgrave com trajes de branco lamacento. Quasinoite após quasinoite, belas sombras faziam a Caminhada de Sangue a partir da câmara de Adonai e se espalhavam na cidade à procura de segredos, que em seguida depositavam aos pés de Aalea. A Shahiid das Máscaras não dava sinais de quem poderia estar liderando o seu torneio.

A tecelã continuava seu trabalho, alterando os rostos um a um. Teceu o rosto de Jessamine, fazendo a beleza selvagem da garota desabrochar em plenitude; deu à boa aparência natural de Osrik um acabamento mais fino; mesmo Petrus recuperou a orelha perdida. Os acólitos recém-tecidos começaram a fazer uso das muitas armas de Aalea: joguinhos de flerte e toques durante ou depois das aulas. Nas refeições, Mia sentia novos ventos no ar. Olhares furtivos e sorrisos secretos. Com todo o suor e sangue que os acólitos dedicavam, Mia achava que eles mereciam. As aulas estavam cada vez mais cansativas; quase metade deles já tinha morrido. Um pouco de diversão inofensiva não faria mal a ninguém.

E então veio o baile de máscaras.

Os acólitos foram convocados após a virada até a câmara de Adonai. Sem qualquer preâmbulo, foram, um a um, levados a fazer uma Caminhada de Sangue. Mia sentiu olhos famintos sobre seu corpo ao despir-se da sobrepele;

ao mesmo tempo, seus olhos também pousaram sobre os outros. Ao emergir do sangue morno debaixo do Porqueiro, os acólitos receberam ordens de lavarem-se com cuidado e vestirem-se rápido. Todos os dezessete em seguida foram levados – em nada menos que gôndolas cobertas – até o bairro medular de Godsgrave. Mia embarcou com Carlotta, Ashlinn e Osrik, e passou a viagem espiando por baixo do toldo as propriedades luxuosas dos mais ricos e poderosos cidadãos de Godsgrave. As Mãos que remavam vestiam o que havia de melhor para um servo: sobrecasacas com detalhes em ouro e calças justas de seda. O vermelho sanguíneo de Saan reduzia-se a uma beijo inchado por trás de um pesado véu de ondas cinza, mas mesmo assim Mia não conseguia deixar de apertar os olhos e teve de prender no nariz os óculos de azurita.

Através das lentes tingidas, dirigiu um olhar a Carlotta e admirou o poema que Marielle fizera do rosto da garota. A tecelagem tinha sido feita apenas algumas viragens antes, e era difícil não notar a diferença, ou os olhares dos outros noviços depois da mudança. Os lábios de Carlotta estavam mais cheios, o corpo mais definido. E onde antes a marca arquêmica da escravidão desfigurava a bochecha da garota, havia apenas pele suave e pálida.

– A tecelã sabe o que faz – Mia comentou com um sorriso.

Carlotta desviou os olhos da janela para pousá-los em Mia.

– Acho que sim.

– Ah, por favor, você parece uma pintura, Lotti – protestou Ash. – Marielle é uma mestra.

A menos de um braço da irmã, Osrik entrou na conversa:

– Ah, sim, uma pintura, sem dúvida.

– É estranho – murmurou Carlotta. – As coisas de que a gente sente saudade.

A garota tocou a bochecha onde a marca de escravidão costumava ficar, passando os dedos pela pele agora perfeita. Ela não disse mais nada, e Mia não insistiu. Mas dava para ver as lembranças inundarem os olhos da garota, que observava a passagem da cidade. As sombras deram um tom ainda mais azul às íris de Carlotta.

Onde uma escrava teria aprendido a arte dos venenos?

O que a tinha motivado a unir-se à Igreja?

Por que ela está aqui?

Mia sabia que Carlotta era a sua principal concorrente ao prêmio de Mataranhas. Sabia que Sr. Simpático tinha falado a verdade, que a piedade seria uma fraqueza que usariam contra ela. Que ela não devia se preocupar.

Mas, ainda assim, ela se preocupava.

A gôndola finalmente atracou num pequeno cais em frente a um palazzo grandioso de cinco andares, o tipo de residência que apenas os medulares podiam ter.

– Mas que abismos está acontecendo? – cochichou Mia.

Tanto Ashlinn como Osrik deram de ombros – parecia que o pai deles não lhes contara tudo, afinal. Mia conferiu pela quarta vez se estava com a faca de ossário antes de pisar o molhe. Os ventos vindos do canal eram gelados e o convés escorregadio.

Os acólitos foram conduzidos ao saguão do palazzo. As paredes vermelhas estavam repletas de belos retratos pintados no garboso estilo liisio.⁷³ Vasos cheios de flores enchiam o ar com um perfume suave e um fogo crepitante ardia na lareira esculpida.

No topo de uma grandiosa e sinuosa escadaria estava a Shahiid Aalea. Embora considerasse a expressão uma bobagem encontrada somente em livros, a imagem da mulher realmente fez Mia “perder o fôlego”. A shahiid envergava um vestido longo e esvoaçante, vermelho como o sangue, bordado com linha negra e pérolas. Um espartilho de osso de dragão apertava dolorosamente sua cintura, e o corte nos ombros deixava ver a pele suave e branca feito nata. Na mão, ela segurava uma máscara *domino* sustentada por uma fina vareta de marfim.

Lotti arregalou os olhos, abandonando por alguns instantes as reflexões sobre sua nova aparência.

– Eu mataria minha mãe para ter um vestido assim...

– Eu mataria você e a sua mãe para ter um vestido assim – sussurrou Ash.

– Quer dançar, Järnheim? – rebateu Lotti. – Brocados de seda liisia e

espartilho de corte melphi e luvas combinando? Eu te *enterro*.

Os risos de Mia e Ash foram interrompidos pela fala de Aalea, sua voz macia como fumaça:

– Acólitos – ela sorriu. – Bem-vindos, e obrigada pela presença. Três meses se passaram desde sua iniciação na Igreja Vermelha. Compreendemos que as aulas estão cada vez mais longas e que o peso das horas aumentou, então, de vez em quando, eu convenço o Ministério a permitir que vocês... relaxem um pouco, digamos.

Aalea sorriu para os noviços do jeito que os sóis sorriam no céu.

– A Grande Partilha está chegando, e nessa ocasião, é comum presentear as pessoas amadas. Do outro lado do canal fica o palazzo do pretor Giuseppe Marconi, um jovem e rico don medular que dá algumas das melhores festas em que já estive. Hoje, o pretor oferece o seu tradicional baile de gala de Grande Partilha, uma festa para a qual apenas a nata da sociedade de Godsgrave é convidada. E arranjamos convites... para vocês.

Aalea tirou um punhado de tiras de pergaminho aparentemente do nada e começou a abanar o pescoço devagar.

– Claro, cada um de vocês terá que inventar uma justificativa convincente para justificar o convite a um evento tão exclusivo. Mas tenho certeza de que lhes ensinamos o bastante para conseguirem. É um baile de máscaras, afinal, de modo que podem usar qualquer rosto que quiserem.

A shahiid apontou as portas duplas com um gesto.

– Vocês encontrarão roupas adequadas lá dentro. Divirtam-se, meus caros. Riam. Amem. Lembrem-se do que é viver, e se esqueçam, ainda que por um instante apenas, do que é servir.

Aalea distribuiu os convites dourados e conduziu os acólitos pelas portas. Lá dentro, Mia encontrou fileiras e fileiras dos vestidos e casacos mais belos que já tinha visto na vida. Os cortes mais finos. Os tecidos mais caros. Ashlinn praticamente mergulhou num armário de espartilhos de seda; até Jessamine perdeu a careta habitual.

Mia perambulou de olhos arregalados por uma floresta de pele e veludo, damasco e bordado. Havia anos que ela não via roupas daquele tipo tão de

perto. Havia ainda mais tempo que ela não usava coisas assim. Quando criança, ela tinha frequentado as festas e os bailes mais grandiosos, vestido os trajes mais finos. Ela se lembrava de ter dançado com o pai no salão de festas de um ou outro senador, equilibrando os pés sobre os dele enquanto rodopiavam pelo salão. Por um instante, Mia se sentiu esmagada por lembranças da vida que tinha perdido. Pensamentos sobre a pessoa que ela poderia ter sido mas nunca foi.

Ela passou a ponta dos dedos sobre a fileira de máscaras que Aalea tinha preparado para eles. Cada uma era um *volto* – rosto completo em formato oval. Cerâmica branca como pérolas, com detalhes em ouro e três lágrimas em vermelho-sangue sob o olho direito. Eram de um acabamento extraordinário, macias como veludo ao toque.

– Isso é um pouco demais, não é?

Mia virou e deu com Tric ao seu lado, encarando os outros acólitos de cara fechada. Osrik e Marcellus experimentavam diversos coletes e gravatas, curvando-se um para o outro e dizendo “O senhor primeiro”, “Não, não, *depois* do senhor”. Carlotta tinha se enfiado num vestido feito de um tecido impressionante que mudava de tom à medida que ela se mexia. Shiu se cobriu dos pés à cabeça de um branco límpido, com um gibão bordado em prata brilhante.

– Um pouco demais? – repetiu Mia.

– Devíamos ser discípulos da Mãe. Eles estão agindo que nem crianças.

Mia se via com os nervos à flor da pele, a bem da verdade. Na primeira vez que Aalea os mandara a Godsgrave, ela acabou trancada numa cela e quase espancada até a morte por ordens do Senhor das Lâminas. Todos tinham viajado dezenas de vezes para a Cidade das Pontes e dos Ossos desde então, mas Mia não conseguia se livrar da sensação de que aquele “presente” era bom demais para ser verdade. Contudo, ela deu de ombros.

– Um pouco de diversão de vez em quando não faz mal. Tente. Talvez você goste.

– Besteira – rosnou Tric. – Não estou aqui para me divertir.

– Calma, meu grave centurião – provocou Mia, pegando um dos *volto*s e o

pondo no rosto de Tric. – Se você sorrir, ninguém vai ver.

Tric soltou um suspiro e olhou as fileiras de roupas nobres de ponta a ponta. Casacas e gibões, botas com fivelas reluzentes e coletes com botões cintilantes.

– Não sou muito polido para esse tipo de coisa – ele confessou. – Aalea vem tentando, mas não sei por onde começar.

Mia, sem conseguir conter um sorriso, ofereceu seu braço ao garoto.

– Bom, que bom que você tem a mim, don Tric.

Ele ficou até bem no fim das contas. Embora tenha sido um desafio encontrar algo que caísse confortavelmente naqueles ombros largos, Mia enfim encontrou uma longa sobrecasaca cinza-carvão (naquela estação, parecia que as cores escuras estavam na moda para os cavalheiros) com detalhes dourados. Enquanto ele se sentava e esperneava, ela conseguiu arranjar as tranças dele em certa ordem e amarrar uma gravata branca de seda em volta da sua garganta. Depois de examinar o trabalho da garota no espelho, Tric fez um “sim” rabugento com a cabeça. Ashlinn, por sua vez, assoviou alto de um canto.

Mia escolheu para si um vestido ousado de veludo rústico em vermelho-vinho intenso e pôs um tricórnio do mesmo tecido na cabeça. Delineador para os olhos. Tinta vermelha nos lábios. Aalea preferia tons vermelhos, e Mia tinha uma pele similar e achou que valia a pena arriscar. Depois de botar um par de luvas longas e uma estola de pele de lobo, ela olhou no espelho e sorriu.

Ash assoviou de novo do canto.

Os acólitos caminharam de volta para a luz ofuscante dos sóis e foram levados para o outro lado do canal. Assim que pôs os pés no cais mais amplo e atravessou os portões do Palazzo Marconi, Mia viu convidados chegando de gôndola, outros de carruagem com cavalos que fungavam e batiam os cascos no frio. Ela apertou mais a pele de lobo contra o corpo e lançou um olhar para a luz baça do sol vermelho atrás do véu de nuvens, desejando ao mesmo tempo

não ter escolhido um vestido que deixasse os ombros nus. Tric, andando de braços dados com Ashlinn, notou os calafrios de Mia e passou o braço livre pelas costas dela para aquecê-la.

Mia lamentou um pouco menos a escolha do vestido.

Todos os acólitos usavam seus *voltos*, escondendo os rostos atrás da cerâmica suave. Enquanto apinhavam-se na entrada, Mia viu outros convidados chegarem em trajes similares; os olhos da garota arregalaram-se diante de algumas das máscaras. Um nobre usava uma cabeça de morte esculpida em marfim negro, com globos arquêmicos ardendo no lugar dos olhos. Ela viu também uma mulher com uma *domino* feita de penas de pássaro-de-fogo, que pareciam ondular em chamas quando a luz dos sóis incidia do jeito certo. Mas a máscara mais impressionante pertencia a uma moça mal chegada à adolescência; consistia num feixe comprido de seda preta, perfeitamente ajustado ao seu rosto. A seda ondeava como uma vela de navio ao vento; contudo, quando ela entrou no palazzo, o tecido continuou a ondular, mesmo sem a brisa.

Servos com marcas de escravo na bochecha e roupas que deviam custar mais do que o cidadão médio ganhava no ano saudavam os convidados, examinando os convites antes de conduzi-los ao grande salão de entrada. O palazzo do Pretor Marconi transbordava riqueza; mármore nas paredes e ouro nas maçanetas. Lustres tilintantes de cristal dweymeri giravam no teto, música suave preenchia o ar, e ela ouviu o burburinho de centenas de vozes, risos, cochichos, canções.

– Então é assim que a outra metade vive? – perguntou Tric.

– Eu aguentaria fácil um tempo aqui – respondeu Ash. – Essa era a sua gente, não é, Corvere? É sempre esse brilho todo?

Mia contemplou a opulência ao redor deles. O mundo a que ela pertencera outrora.

– Lembro que todo mundo era mais alto – ela disse.

Servos apareceram com bandejas de ouro. Copos de cristal dweymeri cheios de vinho, com canudinhos finos para que os convidados pudessem beber sem tirar as máscaras. Mimos de açúcar e frutas caramelizadas.

Cigarrilhas e cachimbos já recheados de erva-dormente, agulhas repletas de tinta. Com o copo na mão, Mia perambulou pelo salão, embasbacada com a vista, os sons, os cheiros, esquecendo-se de Aalea, das desconfianças, das preocupações. Ao chegar com Tric no par de portas grandiosas que davam no salão de festas, um servo com máscara de bufão curvou a cabeça para eles.

– Mi don. Mi dona. Posso saber seus nomes?

Tric sacou o convite como se o bolso estivesse em chamas.

– Sim, muito bem – disse o servo. – Mas preciso do seu nome, mi don.

– Para quê?

Mia cortou o silêncio constrangedor com a suavidade de um doce:

– Ele é Dacarinhos, bara do clã do Arpão da Ilha Farrow.

Tric olhou alarmado para Mia. O servo fez uma vênica.

– Obrigado, mi dona. E a senhora?

– Sua... acompanhante.

– Muito bem.

O servo foi até o topo da escadaria do salão de festas e anunciou em voz alta:

– Bara Dacarinhos do clã do Arpão da Ilha Farrow e sua acompanhante.

Um punhado dentre os trezentos e poucos convidados olhou na direção do par, mas a maior parte da multidão continuou com sua conversa. Mia tomou o braço de Tric e o conduziu escada abaixo, cumprimentando com a cabeça as pessoas que os olhavam. Ela gesticulou para um criado que passava por ali, e ele acendeu uma cigarrilha preta num suporte delgado de marfim e entregou-a obediente. Mia enfiou o fumo através dos lábios da máscara e soltou um suspiro contente e cinza.

– *Dacarinhos?* – sibilou Tric.

– Melhor que Malhaporcos.

– Sangue e abismo, Mia...

– Que foi? – ela provocou com um sorriso. – Tenho certeza de que você dá ótimos carinhos.

– Que a Mãe Negra me ajude – suspirou Tric. – Preciso de uma porra de uma bebida...

Quatorze criados se materializaram ao lado do garoto, portando bandejas com quase todas as bebidas sob os sóis. Tric aparentou espanto, mas acabou dando de ombros e pegando dois vinhos d'ouro.

– Muito prestativo da sua parte – disse Mia, estendendo a mão para pegar um copo.

– Cai fora, são meus. Arranja um para você.

Mia correu os olhos pelo mar de máscaras, seda e pele. Um quarteto de cordas tocava no mezanino, um perfume de belas notas pairava no ar. Casais dançavam no centro do salão; grupos de homens de bolso cheio e mulheres bem-vestidas papeavam e flertavam. A música dos anéis de ouro contra os copos de cristal subia em meio aos rostos ocultos. Aalea tinha razão; era fácil se esquecer de quem ela era naquilo tudo.

Mia suspirou. Balançou a cabeça.

– Que vista – concordou Tric.

– Este mundo já foi o meu – ela disse baixo. – Nunca pensei que fosse sentir saudades.

O tinido do metal contra o cristal chamou a atenção, e Mia ergueu o olhar para o mezanino. A música parou e todas as cabeças se voltaram para um nobre sorridente cujo rosto estava semiescondido por uma *domino* de ouro martelado. A casaca era de seda bordada com fios dourados; a gravata no pescoço era engastada de joias, e todos os dedos tinham anéis.

Nosso anfitrião, pretor Marconi, sem dúvida.

– Damas e nobres amigos – o homem iniciou com uma voz rica e grave. – Dou a todos as boas-vindas à minha humilde residência. Não sou de falar em demasia e afastá-los dos festejos, mas é época de Grande Partilha, e seria uma omissão da minha parte não agradecer a cada um de vocês e sobretudo ao nosso glorioso cônsul Julius Scaeva.

Mia sentiu o maxilar tensionar. Seus olhos começaram a varrer a multidão.

– Uma pena que nosso nobre cônsul não pôde vir ao baile, mas ainda assim gostaria que cada um de vocês erguesse o copo em honra a ele. Seis anos passaram-se desde que os Faz-Rei tentaram escravizar-nos uma vez mais sob o jugo da monarquia. Seis anos desde que o cônsul Scaeva salvou a República

e abriu as portas para uma era dourada de paz e prosperidade. Sem ele, nada disso seria possível.

O jovem pretor levantou seu copo. Todos no recinto fizeram o mesmo, exceto Mia. Tric a encarou com olhos arregalados. Não brindar ao cônsul daria margem a um escândalo. Cerrando os dentes com tanta força que ela temeu quebrá-los, Mia pegou um copo de uma bandeja próxima e o levantou como o resto do rebanho.

– Cônsul Julius Scaeva! – gritou Marconi. – Que o Onividente o abençoe!

– Cônsul Julius Scaeva! – foi o grito da multidão.

Bateram os copos, entornaram as bebidas, e palmas educadas encheram o salão. O pretor Marconi desceu as escadas após uma medida e a música recomeçou. O rosto de Mia estava fechado sob a máscara. De repente, ela sentia menos saudades daquele mundo, daquela vida, bem menos do que alguns instantes...

– Você dança?

– Quê?

– Você. Dança? – repetiu Tric.

Uma risada escapou de Mia.

– Por quê? Você dança?

– A Shahiid Aalea tem me ensinado. Para o caso de eu ter que cortejar alguma moça medular ou alguma dona de renome.

– As donas de renome tendem a ter padrões bem elevados, barão Dacarinhos.

– Pois vou te dizer que ela falou que sou excelente.

O garoto ofereceu o braço. Mia correu os olhos pelo salão. Expressões vazias e sorridentes escondiam os verdadeiros rostos debaixo das máscaras. Medulares desgraçados banhados a ouro e mentiras. Será que ela já tinha se sentido mesmo parte daquilo? Aquele tinha sido mesmo o seu mundo?

Ela levantou a máscara e secou o copo de vinho d'ouro num só gole. Pegou outro numa bandeja que passava e o matou com a mesma velocidade.

– Foda-se, então.

Apagando a cigarrilha ainda acesa numa taça de vinho próxima, ela tomou o

braço de Tric.

Quando os dois chegaram à pista de dança, Tric a tomou pela mão, e seus dedos grandes e calosos pelo uso da espada enlaçaram-se nos dela. Ela sentiu um arrepio quando ele pôs a mão livre na sua cintura. Mia poderia jurar que a música tinha ficado mais alta, que as conversas ao redor tinham diminuído de volume. E ali, no meio daquele mar de rostos vazios e sorridentes, eles começaram a dançar.

Era estranho, mas com o rosto do garoto coberto, Mia só conseguia ver os seus olhos. Ao encarar aquelas piscinas de castanho cintilante, ela percebeu que ambas estavam completamente fixas nela. Todas aquelas pérolas e joias, toda aquela seda e brilho, toda aquela opulência à mostra. Tantos dons e donas belos e banhados a ouro. E mesmo assim, ele olhava apenas para ela.

Ela sabia que Tric se movia com elegância só de observá-lo na Sala das Canções, mas, Filhas, apesar de todos os seus fracassos nas aulas de Aalea, o rapaz sabia dançar. Por um momento, Mia se viu arrebatada, acalentada nos braços dele; ela rodopiava e mergulhava e balançava conforme a música parecia aumentar ainda mais e o resto do mundo tornar-se nada. Por um instante, ela não era Mia Corvere, filha de uma casa assassinada, rachada pela sede de vingança. Não era uma aspirante a assassina nem serva de uma deusa. Ela era apenas uma garota. E ele um garoto. Os olhos de ambos estavam cegos para tudo exceto o outro. A voz de Aalea ecoou em seus ouvidos.

Divirtam-se, meus caros. Riam. Amem. Lembrem-se do que é viver, e se esqueçam, ainda que por um instante apenas, do que é servir.

– Convites, por favor.

Mia percebeu que a música tinha parado. O salão estava em silêncio. Ela se virou e deparou com três legionários luminatii, paramentados com seus peitorais de ossário. O líder tinha o porte de uma parede de tijolos. Seus frios olhos azuis estavam fixos em Tric.

– Convites – ele repetiu.

Tric lançou um olhar para Mia e enfiou a mão no bolso da casaca.

– Claro...

O centurião estalou os dedos e apontou para Ashlinn e Osrik, que vagavam

pelas beiradas da multidão:

– Eles também. Qualquer um que estiver com as lágrimas de sangue.

Os soldados dispersavam-se pelos convidados agora atônitos, isolando os acólitos com as máscaras de Aalea. Shiu. Pip. Jessamine. Petrus. Carlotta...

Depois de revirar o bolso, Tric tirou dele apenas um punhado de pó.

– Eu tenho certeza de que estava aqui uns minutos atrás...

Mia levou a mão ao bolso secreto dentro do espartilho. Mas no lugar onde antes o seu convite tinha estado guardado com segurança, encontrou apenas um punhado de pó. *Como se...*

Como se...

– Como eu pensava – declarou o centurião. – Venha conosco, bara *Dacarinhos*.

Mãos se fecharam ao redor do cotovelo de Tric. Do pulso de Mia. Ela deu um rápido olhar para Osrik enquanto Ashlinn era pega pelo ombro. Mia vislumbrou algemas, o brilho do aço. Os convidados ao redor deles ficaram pasmos com a interrupção da sua festa, e o pretor Marconi exigia saber quem tinha ousado perturbar a paz da sua casa. Mas, num piscar de olhos, a ilusão de paz desfez-se por inteiro.

Tric agarrou a mão que o apertava, dobrou para trás o braço do seu dono e o torceu no cotovelo. Mia arrancou uma adaga do espartilho e esfaqueou o lumnati que segurava o seu pulso. Logo ouviu algo espatifar-se e um grito sufocado: era Jessamine que quebrava sua taça de vinho no rosto do legionário. Osrik gritava a plenos pulmões:

– Vamos! Vamos!

Mia investiu de novo com a faca, arrancando sangue de um legionário que tentava agarrá-la. Tric já estava longe, disparando através do salão e jogando homens e mulheres para os lados na sua arrancada em meio à massa de gente. Ele pegou no ar uma bandeja de bebidas e a arremessou contra uma janela; o vidro espatifou-se e ele pulou para fora. Mia, logo atrás dele, chiou de dor quando seu braço foi aberto por um caco preso na moldura e caiu na estreita faixa de grama na lateral do palácio. Ela aterrissou por cima de Tric e lhe arrancou o fôlego dos pulmões num só *ufffff*.

– Parem! – veio o berro. – Parem em nome da Luz!

Mia ajudou Tric a por-se de pé, o rosto contorcido de dor e o braço ensopado de sangue. A dupla disparou pelo beco; atrás deles, ouviram o som de vidro arrebetando e gritos de alarme. Mia ouviu uma janela no andar de cima explodir e viu Shiu saltar para o palazzo ao lado e agarrar-se desesperadamente ao telhado, a casaca branca agora manchada de vermelho. Botas pesadas atrás deles. Vento ardido na pele. A dupla chegou à cerca alta de ferro lavrado ao redor da propriedade. Tric a escalou e passou para o outro lado com um movimento ágil.

– Vamos! – ele urgiu.

Mia olhou para trás e viu quatro luminatii correndo em sua direção, as lâminas de aço-solar expostas e flamejantes. Mas vestidos de noite não eram, aparentemente, o melhor traje para perseguições desesperadas a pé, quanto mais para saltar uma cerca de ferro lavrado de três metros. Ela meteu a faca no vestido e abriu um rasgo na coxa. Então se lançou à cerca, conseguindo passar para o outro lado bem no instante que uma espada ardente zuniu pelo ar e cortou o ferro em pedaços derretidos. O braço de Tric se enfiou em meio às grades, e sua lâmina brilhou vermelha. Ela escutou o garoto gritar de dor. Quando ela caiu sobre o chão de paralelepípedos, os dois dispararam pelo vento gélido.

– Para onde? – arfou Tric.

– Aalea – ela disse, ofegante.

Tric fez que sim e correu até o cais, onde chutou um criado infeliz na água e tomou sua gôndola. Mia pulou para o lado do garoto, que já remava para o canal, golpeando violentamente as águas enquanto meia dúzia de luminatii se enfiavam numa embarcação atrás deles para continuar no encalço. Tric virou a gôndola na direção do palazzo onde tinham encontrado a shahiid. Não havia Mãos na frente nem luz nas janelas. Escancararam as portas e viram que o saguão e a sala onde tinham se trocado estavam vazios. O ar polvoroso. Frio. Era como se ninguém tivesse posto o pé na casa havia anos.

Botas pesadas. A porta da frente se abriu. Mia xingou, agarrou a mão de Tric e correu para a porta dos fundos, dando com um corredor estreito no

fundo do palazzo. Ouviram gritos logo atrás, o tinir do metal. Assovios soavam no canal ao lado, gritos por reforços, passos atabalhoados. Tric arrombou com um chute a entrada para a cozinha de outro palazzo, e os criados começaram a gritar enquanto ele e Mia avançavam aos empurrões para o saguão, forçavam a porta da frente e saíam em uma rua pavimentada.

O braço de Mia jorrava sangue. Tric arfava, a mão colada ao lado do corpo. Mia viu uma marca de queimadura na casaca dele, sentiu o cheiro de carne queimada. Ele tinha provado aço-solar em algum momento da confusão na cerca, e sua casaca estava encharcada de sangue.

– Você está bem? – ela perguntou, ofegante.

– Continue correndo!

– Correndo o cacete – ela disparou. – Estou com a porra de um espartilho!

A garota pulou sobre o degrau de uma carruagem que passava e subiu para o assento do cocheiro assustado, que trajava o libré de alguma casa menor.

– Olá – ela disse.

– Ol...

O cotovelo de Mia acertou-lhe a barriga, e o golpe o fez cair do assento para as pedras do pavimento. Então ela puxou as rédeas e forçou os cavalos a parar, soltou o *volto* do rosto e se virou para Tric com uma sobrancelha arqueada.

– Sua carruagem o espera, mi don.

Tric saltou para o degrau de trás e Mia bateu as rédeas contra o lombo dos cavalos bem no momento em que um quarteto de luminatii sem fôlego despontou na rua atrás deles. A carruagem disparou pela rua, quicando e trepidando sobre pontes e calçamentos em meio aos palavrões que Mia soltava a cada tombo que quase levava. O oficial medular a quem a carruagem pertencia enfiou a cabeça para fora da janela para ver que bagunça era aquela. Deparou com uma garota num vestido de gala esfarrapado no lugar onde seu cocheiro deveria estar. Quando abriu a boca para reclamar, Mia virou e olhou para ele, a pele manchada de sangue e os olhos apertados, com um gato – feito do que poderiam ser sombras – empoleirado no ombro.

O homem puxou a cabeça de volta para dentro sem uma palavra.

– ...*bom, emocionante, não é...*?
– É um jeito de encarar a situação.
– ...*parece que você perdeu metade do seu vestido...*
– Gentileza sua reparar.
– ...*embora dada a maneira como você dançava com aquele garoto, imagino que perder apenas metade seja frustrante...*

Mia revirou os olhos e chicoteou os cavalos com mais força.

Eles abandonaram a carruagem ao sul das Costelas. Mia pulou para a rua e saudou com o tricórnio o dono estupefato. O vento estava cortante no assento do cocheiro, e os lábios de Mia começaram a ficar azuis. Ela estava a ponto de lamentar de novo a escolha de vestido quando Tric arrancou sua casaca e, sem dizer nada, a pôs sobre seus ombros, ainda morna pelo contato com a pele do garoto.

Eles correram por vielas e pequenas pontes, dando voltas na direção sul rumo à Baía dos Açougueiros. Ao chegarem ao Porqueiro, entraram discretamente, subindo com cuidado as escadas até o mezanino sobre o abatedouro agora silencioso.

Mia estava zonha pela hemorragia, com o braço pingando sangue e empapando a manga da casaca de Tric. O colete e as calças de Tric também estavam ensopados, e ele mantinha a mão sobre o corte horrível no lado do tórax. O rosto de ambos estava pálido e dolorido, as lembranças da música, do uísque e dos sorrisos já se desmanchavam na memória. Eles mal escaparam com vida. Esgueiraram-se pela escadaria retorcida, com o cheiro de cobre e sal lhes subindo pelas narinas, descendo, descendo até a câmara inferior encharcada de sangue.

A Shahiid Aalea estava à espera deles.

Nada do vestido elegante, do espartilho de ossos de dragão, da *domino* linda. Ela trajava negro, com rios de cabelo negro como as penas de um corvo emoldurando-lhe o rosto pálido em forma de coração. A única cor era o seu sorriso. Vermelho como o sangue que pingava do braço de Mia.

– Se divertiram sendo normais hoje, meus amores? – ela perguntou.
– Você... – começou Tric, gemendo, ainda sem ar. – Você...

A shahiid caminhou devagar até eles. Levantou a mão de Tric da ferida e estalou os lábios, desapontada. Em seguida, beijou as pontas dos dedos sangrentos de Mia.

– Nosso presente para vocês – ela disse. – Um lembrete. Andem ao lado deles. Divirtam-se com eles. Vivam e riem e amem em meio a eles. Mas nunca, nem por um momento, se esqueçam do que são.

Aalea soltou a mão de Mia.

– E *nunca* se esqueçam do que é servir.

A shahiid gesticulou para a piscina às suas costas e finalizou:

– Feliz Grande Partilha, crianças.

⁷² A essa altura, todos já estavam praticamente curados das feridas do teste de lealdade de Lorde Cassius e, para a tristeza de Mia, Pip voltou a cochichar com a faca até mais do que antes.

⁷³ O retrato liisio é amplamente considerado o mais perfeito da República, e os melhores artistas chegam a cobrar pequenas fortunas para uma encomenda. Vaiello, um pintor famoso que vivia na corte de Francisco XIV, acumulou uma fortuna tão assombrosa que diziam que podia comprar o reino duas vezes. Infelizmente, depois de um incidente que envolveu muito vinho, o segundo filho de Francisco, Donatello, uma cama com dossel e uma chibata, Vaiello viu-se julgado por traição e condenado à morte.

Como era previsível, a execução de Vaiello causou uma profunda inflação no valor das suas pinturas, e os medulares que as possuíam fizeram pequenas fortunas. Uma consequência imprevisível da execução, porém, foi a onda de assassinatos de artistas liisios famosos, pois alguns nobres matreiros quiseram aumentar o valor das suas *próprias* coleções por meio do assassinato dos infelizes bastardos que os pintaram. Os pintores começaram a cair feito moscas, e nos poucos meses que se seguiram à morte de Vaiello, a profissão de retratista se tornou a mais perigosa do reino.

A enxurrada de pintorecídios acarretou um pico assustador nos preços de novas obras, já que havia poucos mestres disponíveis para aceitar encomendas. Cientes do seu valor aumentado, esses mestres também começaram a ensinar poucos aprendizes, aumentando ainda mais os preços. Durante o auge da crise, diziam que o preço praticado para uma pintura padrão eram duas propriedades médias no alto de Valentia e uma primogênita. O caso só teve fim quando o rei Francisco interveio e, ao mesmo tempo, fundou duas escolas de formação de artistas liisios (uma em Godsgrave e outra, mais renomada, em Elai) e declarou o assassinato de um artista liisio um crime punível com crucificação.

Esse incidente, aliás, ainda é usado no Grande Colégio de Godsgrave como exemplo perfeito das leis de oferta e demanda. Em honra de Vaiello, as leis levam o nome de “Princípio da Chibata”.

Capítulo 20

Rostos

Somente um deles não voltou vivo de Godsgrave. Um garoto de cabelo escuro e sorriso de covinhas chamado Tovo. Uma missa silenciosa foi celebrada por ele no Salão dos Elogios.

Uma lápide em branco.

Uma tumba vazia.

Enquanto o coral cantava e a Reverenda Mãe pronunciava palavras de súplica à deusa de pedra no alto, Mia tentava encontrar dentro de si a capacidade de sentir-se mal. De perguntar-se quem era aquele garoto, e por que ele tinha morrido ali. Mas ao olhar para os outros acólitos, seus olhos frios e seus lábios firmes, ela captou o que cada um deles pensava.

Antes ele do que eu.

Mia jamais ouviu o nome de Tovo ser mencionado de novo.

As semanas avançaram e a Grande Partilha passou sem nenhum agradecimento. O baile de máscaras parecia ter sufocado o último fôlego de leveza dentro daquelas paredes. A tecelã continuava seu trabalho, transformando os acólitos em obras de arte, mas já não havia sorrisos e piscadelas, flertes e toques. Se não tinham percebido antes, todos sabiam agora que não estavam num jogo.

Na viragem seguinte à ida de Diamo à tecelã, Mia notou a ausência de Tric na Sala dos Bolsos. Depois de uma aula meticulosa de Mouser sobre a arte das armadilhas de pólvora e os modos de evitá-las, ela subiu uma escadaria sinuosa e encontrou o dweymeri na Sala das Canções. Sem camisa. Brilhando de suor. Um par de espadas de madeira na mão, batendo num boneco de treino com tanta força que o verniz quase gritava.

– Tric. Você faltou à aula de Mouser.

O garoto a ignorou. Golpes amplos e cruzados atingiam a figura de madeira, o *créc-créc-créc* ecoando na sala vazia. O torso nu reluzente, as tranças

pendendo encharcadas sobre o rosto. Meia dúzia de espadas de treino quebradas jaziam no chão ao lado dele. Ele devia ter passado a viragem toda ali...

– Tric?

Mia tocou seu braço e o fez parar. Ele virou-se para ela, quase rosnando, e puxou o braço de volta.

– Não toque em mim.

A garota piscou, atônita pelo ódio nos olhos dele. Lembrou-se daqueles mesmo olhos encarando-a enquanto dançavam, dos dedos enlaçados nos dela...

– Você está bem?

– *Estou* – ele respondeu, então esfregou os olhos e respirou fundo. – Desculpe. Vamos começar logo.

Cada um assumiu suas posições no círculo de treinamento sob a luz dourada. Com as espadas de madeira na mão, ambos começaram a trabalhar no Caravaggio de Mia.⁷⁴ Mas apenas alguns minutos depois, ficou evidente que Tric não estava com clima para ensinar. Rosnava feito um lobo de ressaca a cada erro de Mia, gritava quando ela errava o passo e deu um golpe tão forte com a espada no braço dela que fez um corte na pele.

– Mãe Negra! – gritou Mia, levando a mão ao pulso. – Isso doeu pra caramba.

– Não era para fazer cócegas – rebateu Tric. – Se você baixar a guarda desse jeito contra Jessamine, ela arranca a sua garganta.

– Olha, se você quiser desembuchar sobre o que está te irritando, eu escuto. Mas se está procurando algo em que descontar a raiva, te deixo aqui com os bonecos de treino.

– Não estou irritado com nada, Mia.

– Ah, é? – ela provocou, mostrando o pulso sangrando.

– Você me pediu para te ensinar. Estou ensinando.

Mia suspirou.

– Essa desculpa estoica de merda está ficando chata, don Tric.

– Foda-se, Mia! – ele urrou jogando as espadas no chão. – Eu já disse que

não é nada.

Imóvel, Mia encarou as espadas que ele jogou com um estrondo no círculo de treino. Então procurou os olhos de Tric. Viu as tatuagens péssimas sobre a pele dele. As cicatrizes por trás delas. Então se deu conta de que ele era o único acólito que ainda não tinha sido submetido ao toque da tecelã.

– Ouça – ela disse, com um suspiro. – Eu posso não ser a melhor pessoa para resolver os problemas dos outros. E não quero ser enxerida. Mas se você quiser desembuchar, estou aqui.

Tric fechou a cara e olhou para o nada. Mia brincou de esperar de novo, deixando o silêncio fazer a pergunta em seu lugar. Depois de uma era de silêncio carregado, Tric falou afinal:

– Eles vão tirar – ele disse.

– Não entendo.

– Nem precisa.

– Talvez não precise – disse Mia, pondo a espada de lado. – Mas gostaria mesmo assim.

Tric soltou um suspiro. Mia sentou-se de pernas cruzadas e bateu com a mão numa lajota ao seu lado. Taciturno e quase fazendo biquinho, o garoto ajoelhou-se onde estava e sentou-se no chão. Mia se arrastou mais para perto, apenas o suficiente para ele saber que ela estava ali. Longos minutos passaram-se com ambos sentados e mudos. Um silêncio gritante na sala cujo nome vinha das canções.

Aquilo lhe pareceu de repente uma burrice. Ali, mais do que em qualquer outro lugar. Estavam numa escola para assassinos aspirantes. Os acólitos morriam como moscas. Tric talvez estivesse morto na viragem seguinte. E lá estava ela, tentando fazê-lo abrir-se sobre o que sentia...

Mãe Negra, é pior do que burrice. É ridículo.

Mas talvez fosse essa a questão, não? Talvez fosse como Naev tinha dito. Em meio a tanta insensibilidade, talvez ela precisasse se agarrar às coisas realmente importantes. E ao olhar para aquele garoto estranho, com o cabelo baço caído sobre os olhos atormentados, Mia se deu conta de que ele era importante.

Importante para ela.

– Eu não matei Trazáguas – disse Tric, afinal.

Mia piscou. Verdade seja dita, com todas as mortes que se seguiram, ela tinha quase se esquecido do assassinato do dweymeri na primeira viragem deles ali.

– Eu acredito em você.

– Eu queria, mas alguém foi mais rápido do que eu – ele disse, olhando-a de esguelha, a voz cheia de raiva. – Ele me chamou de *koffi*, Mia. Sabe o que quer dizer?

Por um instante, ela não conseguiu encontrar a voz.

– Filho do...

– Estupro – vociferou Tric. – Filho do estupro.

Então é verdade.

– Seu pai era um pirata dweymeri? Sua mãe...

– Minha mãe era filha de um barra.

– Quê?

– Uma princesa, acredite se quiser – explicou Tric, rindo baixo. – Sou metade nobre.

– Um barra? – Mia franziu a testa. – Sua mãe era dweymeri?

Mia não compreendia. Segundo tudo o que tinha lido, eram os chefes piratas dweymeris e sua tripulação que estupravam e pilhavam. Mas se a mãe de Tric era dweym...

– O nome dela era Andaterras. Terceira filha do nosso bara, Quebraespada – Tric cuspiu o nome como se estivesse azedo. – Ela não era muito mais velha do que você é agora. Viajou para Farrow, para o Festival dos Céus daquele ano. Houve uma tempestade. Acabou ilhada numa pedra com uma dama de companhia e um aprendiz de contramestre. Três sobreviventes entre cem pessoas. Uma traineira itreyana a encontrou. O capitão as levou a bordo. Jogou o garoto para os dragões. Estuprou minha mãe e a criada. E quando descobriram quem ela era, enviaram uma mensagem para o meu avô dizendo que ele poderia ter a filha de volta em troca do peso dela em ouro.

– Pelos dentes da Fauce – suspirou Mia, apertando a mão do garoto. – Eu

sinto muito, Tric.

Ele abriu um sorriso amargo.

– Posso dizer uma coisa sobre o meu vô. Ele amava as filhas.

– Ele pagou?

Tric fez que não com a cabeça.

– Ele descobriu onde os itreyanos estavam entocados e queimou o vilarejo até o chão. Matou todos os homens, mulheres e crianças. Mas recuperou a filha. Nove meses depois, ele ganhou um neto. E, sempre que me olhava no rosto, via o meu pai.

Mia olhou nos olhos do garoto, o peito doendo.

Castanho-claros, não escuros.

– Não é isso que você é, Tric.

O garoto olhou de volta. A história já começava a morrer em seus lábios. Algo mudou no ar, algo no olhar dele acendia uma fogueira dentro de Mia. Aqueles olhos sem fundo. Aqueles rabiscos de ira na pele dele. O coração dela disparado. As mãos suando nas dele. Tremendo.

– ...*mia*...

Tremendo como a sombra a seus pés.

– ...*mia, cuidado*...

– Olha só.

O encanto do silêncio se quebrou, e Mia piscou. Jessamine estava no último degrau das escadas, com Diamo a seu lado. A ruiva vestia trajes de treino: couro preto e uma túnica sem mangas. O seu companheiro brutamontes avultava-se ao seu lado, algo feio ainda no olhar.⁷⁵

Jessamine enfiou os polegares no cinto e entrou na sala com passos lentos.

– Bem que eu me perguntava onde você passava as quasinoites, Corvere.

Mia levantou-se e encarou a garota.

– Eu não sabia que se importava, Jess.

A ruiva olhou ao redor para as espadas quebradas e os bonecos de treino.

– Treinando? – zombou. – Melhor você rezar.

– Perdão – replicou Mia, franzindo a testa. – Acho que não dou a mínima para o que você pensa.

Jessamine botou as mãos nas costelas e gargalhou estrondosamente por meio segundo. Então o sorriso caiu do seu rosto e se estilhaçou como vidro contra a pedra do chão.

– Você se acha engraçada, não é, vadia? – perguntou Diamo.

– Ah, vadia – disse Mia, fazendo que sim com a cabeça. – Muito criativo. Qual é o próximo? Puta? Não, piranha, certo?

Diamo piscou. Mia praticamente o via riscar as palavras da sua lista mental de insultos e ficar sem nada. Tric estava de pé ao lado dela, já se preparando para partir para cima do itreyano gigante, mas Mia o segurou pelo braço. Jessamine não ia tentar nada ali, e Mia não se incomodava de bater boca a viragem inteira. Ela mandaria a dupla mancando de volta para a casa.

– O que você quer, ruiva?

– O seu crânio na escadaria do Senado ao lado daquele do meu pai – respondeu Jess.

Mia suspirou.

– Julius Scaeva executou meu pai que nem o seu. Isso nos torna aliadas, não inimigas. Nós duas odiamos a mes...

– Não me fale de ódio – esbravejou a garota. – Você nunca provou o ódio, Corvere. Minha família inteira está morta por causa do traidor de merda que era o seu pai.

– Chame meu pai de traidor de novo – vociferou Mia –, e você vai voltar a ver sua família um pouco antes do que gostaria.

– Sabe, é até engraçado – sorriu Jessamine. – A sua amiguinha Ashlinn está ganhando o torneio de ladroagem de Mouser por mais de um quilômetro. Está na cara que ela é capaz de invadir qualquer cômodo desta montanha. Achei que ia pedir para ela cuidar de uma coisa pra você. Mas eu invadi a sala de Mouser na semana passada e, caramba, ainda estava lá...

Mia fez uma cara de tédio.

– Pelas Quatro Filhas, para que tanto falatório?

O sorriso de Jessamine ficou afiado feito aço novo. Ela enfiou a mão por dentro da gola da túnica sem mangas. Tirou de lá uma coisa que girava e reluzia à luz fosca.

– Ah, nada de importante.

Mia sentiu um solavanco na barriga. Um espasmo de dor. Um fulgor cegante. E ao dar um passo atrás, cambaleando, erguendo uma mão para proteger os olhos, ela distinguiu os três círculos – ouro-rosa, platina e ouro amarelo – cintilando na ponta de uma corrente fina.

Ai, Deusa...

A Trindade de Mouser. O medalhão santo, abençoado pela Mão Direita de Aa.

Mia recuou à medida que Jessamine avançava, com um sorriso cada vez maior. O terror espalhava-se pelo seu corpo em ondas frias. Senhor Simpático encolhia-se na sua sombra. E embora os sóis só brilhassem um pouco à luz do vitral no teto, a luz já era ofuscante para Mia. Ardente. Escaldante. Jessamine continuou a avançar e Mia caiu de joelhos com a boca cheia de bile. Tric pegou a espada de treino e esbravejou:

– Guarda essa merda, Jess!

A garota fez um bico.

– Só estamos nos divertindo um pouco, Triquinho.

– Eu disse para guardar!

A garota deu mais um passo na direção de Mia. Os sóis brilhavam. Tric levantou a espada de treino e Diamo se aproximou com as mãos de marreta coçando para agir. Os garotos partiram um para cima do outro. Tric golpeou com a lâmina de madeira, que estalou contra o antebraço de Diamo. O itreyano grunhiu de dor e desferiu um soco. Os dois caíram aos murros, chutes, cotoveladas e palavrões. Enquanto isso, Jessamine avançava, e Mia rastejava para trás, com o vômito já borbulhando na garganta.

Ela estava indefesa. O medo de Sr. Simpático vazava para o seu e o duplicava. Triplicava. Ela deu com as costas em algo duro e percebeu que estava contra a parede. Manteve os olhos fechados para se protegerem da luz terrível, ardente. A escuridão ao redor se contorcia, definhando como flores que ficaram tempo demais ao sol. E quando Jessamine chegou tão perto que Mia sentiu a luz golpeá-la como um peso real, o coração palpitando tão alto que ameaçava explodir no peito, Sr. Simpático desvencilhava-se da sua

sombra.

Desvencilhou-se e correu.

– Senhor Simpático!

A sombra disparou em fuga pela sala, chiando. Atravessou o piso de pedra. Desceu as escadas. Sumiu de vista apesar dos gritos de Mia, inundada de um terror que se acumulava em ondas esmagadoras. Ela ensaiou um chute débil nas pernas de Jessamine, que apenas riu e desviou. Mia conseguia ouvir os gritos de Tric. O pulso latejava nas suas orelhas. Dor. Pavor tão negro que ela pensava que morreria. E bem quando aquilo ficou insuportável, bem quando aquela luz terrível ameaçava cegá-la com seu fogo...

– Pelo nome da Mãe, o que está acontecendo aqui?

Jessamine se virou, e seu corpo tapou a luz. Em meio à náusea e às lágrimas ardentes, Mia conseguiu avistar o Shahiid Solis de pé no círculo de treino, com os braços enormes cruzados e os olhos brancos fixos no nada. Tric e Diamo se levantaram, Jessamine escondeu o colar dentro da túnica de novo. Com os sóis longe da vista, a dor que arrasava o corpo de Mia cessou quase que de imediato. Mas, com a ausência de Sr. Simpático, o medo permaneceu, invadindo as entranhas dela como uma maré pastosa. Ela se levantou desequilibrada, o pulso ainda latejando, e correu os olhos pela escuridão. Não enxergou qualquer sinal do amigo.

– Fiz uma pergunta, acólitos! – rugiu Solis.

Ignorando a pergunta do Shahiid das Canções, Mia contornou a parede, afastando-se de Jessamine. Olhos cegos se voltaram para seus passos, mas ela chegou até a porta e desabalou escada abaixo com pernas trêmulas. Ela ouviu Solis berrar exigindo explicações. Tric a chamou, mas ela ignorou e continuou a avançar pela escuridão aos tropeções.

– Senhor Simpático?

Nenhuma resposta. Ela não sentia o amigo em parte alguma. Sentia apenas o medo, aquele peso esmagador que havia muito esquecera. Suas mãos chacoalhavam. Seus lábios tremiam. Ela tomou consciência de que o amigo a tinha abandonado.

Ele me abandonou...

– Senhor Simpático!

– Mia, pare! – gritou Tric, descendo aos saltos a escada atrás dela.

A garota o ignorou e disparou pelos corredores sinuosos sob a luz baça dos vitrais gritando o nome do gato de sombras.

– Pare! – ordenou Tric, segurando-a pelo braço.

– Me solta!

– Isso aqui é uma porra de labirinto. Ele pode estar em qualquer lugar.

– É por isso que preciso encontrá-lo! – ela explicou, então se virou para a escuridão e berrou: – Senhor Simpático!

– Ele só se assustou, foi isso. Vai voltar quando for o momento.

– Você não sabe disso! Aqueles sóis, aquela vadia, *machucaram* Senhor Simpático!

– E qual é o seu plano? Perambular no escuro à procura de uma coisa *feita de escuridão*? Pare e pense por um minuto!

Mia piscou forte. Tentou recuperar o fôlego. Lutar contra o medo. O peso. O frio. Tanta coisa, Deusa, que ela não sentia havia séculos. Não sentia desde a primeira vez que ele a encontrara, encolhida dentro daquele barril, e lhe dera a faca que salvou sua vida. Mas o que Tric lhe tinha dito fora da Montanha era verdade: depois de tanto tempo apoiada no gato de sombras, ela tinha se esquecido de como lidar com aquilo sozinha. Suas pernas tremiam. A barriga estava cheia de um gelo viscoso. Mia fechou os olhos, forçando-se a ficar calma. O medo forçou de volta, rindo. Grande demais. Forte demais.

Ele a abandonara. Pela primeira vez de que ela lembrava.

Estou sozinha...

– Ai, Deusa – ela murmurou. – Ai, Deusa, me ajude...

Mia permaneceu ali, no escuro. Incapaz de mais um passo. Assustada demais para ficar parada. A imagem dos sóis amaldiçoados pairava por trás das pálpebras a cada piscar de olhos. Ela ainda sentia. O ódio impossível. Os três olhos do Onividente, cegando-a com seu fogo. O que tinha feito para merecer aquilo? O que ela tinha de errado? E o que faria se ele não voltasse?

E, então, sentiu. Braços fortes a envolveram. Apertaram-na. Tric a puxou contra o seu peito e a abraçou. Ajeitou seu cabelo. Segurou-a com força.

– Está tudo bem – ele sussurrou. – Vai ficar tudo bem.

Mia concentrou-se no calor da pele nua dele. Nas batidas do seu coração. Olhos fechados. Apenas respirava. Quente e segura e não tão sozinha. Ela repeliu o medo. Devagar. Cada milímetro era como um quilômetro. Mas ela o afastou, o empurrou para baixo dos pés, e pisoteou com toda a força que tinha. Tentando descobrir o sentido daquilo tudo. Descobrir por que aqueles sóis a queimavam. O que ela tinha feito para atrair a ira de um deus. O que tinha assustado tanto uma criatura que se alimentava de medo.

– Perguntas de mais – ela murmurou. – Respostas de menos.

– E então, o que vai fazer?

Mia fungou, engolindo o nó na garganta. Pôs as duas mãos no peito de Tric e, juntando toda a força possível, empurrou. Ela o olhou nos olhos, com o coração ainda pulando no peito. Os lábios estavam a poucos centímetros dos dele.

– Mia?

A garota respirou mais fundo. Baixou a vista para a sombra no chão e viu que estava tão escura quanto a do garoto ao seu lado. Já não era mais escura o bastante para dois. E ali, no negro, ela finalmente encontrou a resposta para o seu enigma.

– Acho que é hora de recrutar o homem mais perigoso desta Montanha – ela disse.

Tric voltou os olhos para a Sala das Canções, para o shahiid do qual eles tinham acabado de fugir.

– Eu achava que tínhamos acabado de escapar do homem mais perigoso desta Montanha.

Mia tentou sorrir.

Decidiu apenas balançar a cabeça.

– Obviamente você não passou muito tempo com bibliotecários, don Tric.

⁷⁴ Um dos espadachins mais temidos da sua época, Antony Caravaggio era duelista na corte do rei Francisco III. Um canalha infame com uma queda por jovens donas de fino trato, Caravaggio lutou não menos do que quarenta e três duelos ao longo da vida, e dizem que gerou dezesseis bastardos. Caravaggio lutava com lâminas gêmeas – uma em cada mão –, tendo sido pioneiro na técnica de duas mãos que

acabou por ganhar o seu nome.

O irônico é que o seu pendor por gêmeas também se revelou a sua perdição: foi morto num duelo com don Lentilus Varus depois de ter passado uma noite de paixão ébria com as filhas gêmeas de Varus, Lucilla e Lucia. Dizem que ainda bêbado e cansado demais para levantar o florete, acabou logo varado pelo oponente – um fim inglório para um artesão da lâmina. Dizem que suas últimas palavras foram: “Valeu a pena...”.

75 Embora Marielle tivesse feito um excelente trabalho de tecelagem no rosto do garoto, sempre que Mia o analisava continuava a achar Diamo no limite da repulsa. Havia algo no olhar do itreyano, algo frio e cruel que Mia achava completamente feio.

Se é verdade que os olhos são a janela da alma, a janela de Diamo dava para uma cela sem luz forrada de palha.

Capítulo 21

PALAVRAS

Os dois pararam apenas para Tric trocar de camisa e Mia verificar se o gato de sombras não estava no quarto dela. Ela procurou no breu debaixo da cama, nos cantos e armários, mas, como não encontrou nada, ambos se apressaram pela escuridão espiralada. Os sinos para a virada soaram, mas Mia e Tric desviaram do Altar Celeste e adentraram ainda mais o negrume, até chegarem ao ateneu. As portas assomaram no fim do corredor, com seus quase três metros de altura e meio de espessura, abrindo-se silenciosas ao toque do mindinho de Mia.

Um aroma familiar a levou de volta a viragens melhores: aninhada no seu quarto em cima da loja de Mercurio, rodeada por montanhas de seus melhores amigos. Os amigos que a tiraram da dor e da escandalosa luz dos sóis e da lembrança da mãe e do irmão trancafiados numa cela sem luz.

Livros.

Mia olhou para os pés. Sua sombra entrou primeiro na biblioteca. Ainda não estava mais escura que a de Tric. Não havia diferença. O vazio dentro da garota mostrou os dentes, e por um instante ela sentiu medo demais para dar outro passo. Mas, por fim, cerrando os punhos, ela entrou no ateneu e inalou o cheiro de tinta, pó, couro e pergaminho. Tric entrou ao seu lado e contemplou o mar de estantes. Mia respirou as palavras. Centenas, milhares, milhões de palavras.

– Cronista Aelius? – ela chamou.

Nenhuma resposta. O silêncio dominava aquele reino de tinta e pó.

– Cronista? – ela chamou de novo. – Olá?

Ela desceu as escadas com cautela até o piso principal e se enfiou pela floresta de estantes. A mesma luminância sem origem preenchia a biblioteca, mas a luz parecia ainda mais fraca em meio aos livros, e as sombras mais profundas. A dupla perambulou pelas pilhas até se ver cercada por todos os

lados. Estantes negras que chegavam até o teto, repletas de manuscritos ornamentados e volumes empoeirados, álbuns grandes e grossos e códices gravados. As vozes de escribas e rainhas. Guerreiros e santos. Hereges e deuses. Todos imortais agora.

Os dois avançaram ainda mais pelas pilhas, chamando o cronista, perdendo-se por entre as sombras. As estantes eram um labirinto serpenteando por todas as direções. Tric pigarreou e falou, sua voz ecoando no escuro:

– Será que deveríamos mesmo estar aqui sozinhos?

Os olhos de Mia corriam pelas pilhas e seu coração disparava no peito.

– Está com medo, meu bravo centurião?

– Eu sei que bancar a princesa espertinha é só a sua técnica natural de autodefesa, mas preciso ressaltar que *estou* aqui para te ajudar.

Mia o olhou de esguelha.

– É. Desculpe.

– O que estamos procurando?

Mia respirou fundo e balançou a cabeça.

– Quando Jessamine mostrou aqueles sóis... Era como se alguém tivesse tocado fogo em mim. Como se a luz fosse me queimar até as cinzas. Eu não sei *nada* sobre isso e estou cansada. Esta é a maior biblioteca que já vi na vida. Se em algum lugar do mundo existe um livro sobre os sombrios, esse lugar é aqui. Eu preciso saber o que sou, Tric.

– O seu shahiid não te ensinou nada sobre você mesma?

– Acho que Mercurio sabe pouco sobre os sombrios, como todo mundo aqui. Os membros do Ministério falam que eu fui tocada pela Mãe, mas nenhum deles sabe exatamente o que isso *significa*. E o Lorde Cassius foi tão receptivo quanto uma muralha de tijolos quando eu perguntei sobre isso em Godsgrave.

– O Lorde Cassius é sombrio?

– O Lorde Cassius é um desgraçado.

Mia mordeu os lábios e deu de ombros, meio a contragosto.

– Mas tem um rosto charmoso, até.

A garota continuou a andar, chamando o cronista sem obter resposta.

Olhando as lombadas de passagem, ela descobriu que muitos dos livros do ateneu estavam escritos em línguas que ela não falava, em alfabetos que ela nunca tinha visto. Com a testa franzida, ela parou diante de uma estante repleta de livros mais empoeirados do que o normal e olhou bem para os títulos. Deteve-se em um em especial: um códice enorme encadernado em couro preto, com letras prateadas na lombada.

– Mas isso é impossível – ela balbuciou.

Ela tirou o livro da estante, segurando-o com dificuldade. Meio desequilibrada, foi até um pedestal de leitura e abriu as páginas com delicadeza.

– Não pode ser...

Tric veio espiar por cima do ombro dela.

– É. É um livro mesmo.

– É Ephesus. *O Livro das Maravilhas*.

– É bom?

– Não tenho como saber. Todos os exemplares existentes foram incinerados na Luz Fulgente. Este livro... não devia existir.

Os olhos de Mia percorreram as fileiras de livros.

– Olhe, ali está *Heresias*, de Bosconi. E o tratado de Lantimo, o Velho, *Sobre a Escuridão e a Luz*.

– Mia, estou começando a ter a sensação de que não deveríamos estar aqui...

O medo de Tric ecoava o dela própria, mas ela investiu contra ele o mais forte que pôde.

– A verdade sobre o que sou deve estar aqui em algum lugar. Não vou sair até encontrar.

– Talvez devêssemos começar pela letra T?

– T?

– T de teimosa. T de tonta. T de tagarela.

– Que tal C de “Cala a boca”?

– Viu, esse é o espírito.

A risada caiu bem. Ajudou a tirar o frio da barriga. Mas Tric se calou. O

sorriso foi murchando em seus lábios, e seu rosto fechado virou-se para a escuridão.

– Você sentiu?

– Senti o quê?

Mia inclinou a cabeça. Ali, parada no escuro, sentiu o mais fraco tremor ondular pelo chão, subir pelas suas botas e morrer na base da sua espinha.

– Eu *senti* – ela sussurrou.

Começou de leve. Os volumes tremendo nas prateleiras. Mas logo as estantes passaram a vibrar, os livros murmuraram e o pó caiu em pequenas nuvens. Mia examinou as sombras quando os tremores aumentaram e o chão sob seus pés começou a balançar. O coração já disparava. Ela não sabia o quanto tinham adentrado o labirinto, mas de repente aquele lugar deixou de parecer o melhor para se estar. Sem Sr. Simpático em sua sombra, o medo veio rápido. A boca secou. O pulso acelerou.

– O que, em nome da Mãe, é isso? – indagou Tric.

Mia conseguia ouvir um som coriáceo. Como se algo muito pesado estivesse sendo arrastado por cima das pedras. Então um rugido retumbante ecoou em algum lugar da escuridão do ateneu.

– Vamos sair daqui, Mia.

– É – ela concordou. – Vamos.

O som de algo sendo arrastado foi aumentando enquanto ambos voltavam depressa pela direção que, Mia esperava, era a de que tinham vindo. Mas a floresta de estantes parecia a mesma, erguendo-se ao redor deles em fileiras idênticas. A dupla se encolheu quando mais um rugido ecoou na escuridão, então Tric pegou a mão de Mia e desatou a correr.

– O que é isso?

– Eu não quero nem saber. Corra!

Os livros estavam quase caindo das estantes agora. Quando Mia e Tric dobraram uma esquina, ela percebeu que o caminho que tinham seguido não tinha saída. Com um palavrão, eles deram meia-volta enquanto soava mais um rugido – dessa vez mais perto. Perto demais para que eles se sentissem confortáveis. Não querendo participar do que estava prestes a acontecer, fosse

o que fosse, Mia agarrou punhados de sombra, rasgou-os e envolveu-se neles. E embora ela nunca tivesse feito isso antes, rodeada por uma escuridão que jamais conhecera o toque de um sol, ela agarrou Tric pelos ombros e o puxou para dentro, de modo que ambos ficaram cobertos.

Mia segurou Tric bem perto de si, e os dois se espremeram contra as prateleiras às suas costas. A proximidade permitiu que ela sentisse o coração do garoto latejar contra as costelas e percebesse que ele estava tão assustado quanto ela. Quase cego sob o manto de sombras, Tric farejou o ar e franziu a testa.

– O que é? – ela cochichou.

– Não consigo sentir o cheiro.

– Nenhum cheiro?

Tric fez que não.

– Só sinto os livros. E você.

– Hora do banho?

– É um convite?

– Ah, vai se foder...

Outro rugido. Mais perto. O que quer que fosse, eles não conseguiam enxergar o suficiente sob o manto para correr – provavelmente dariam de cara com uma estante se saíssem em disparada. Por isso, Mia apenas abraçou Tric e o puxou para baixo, para que ocupassem o menor espaço possível. O medo crescia dentro dela, inundando o lugar que Sr. Simpático ocupava antes. Ela se apertou contra as costas do garoto e tentou não tremer.

O barulho aumentou, ficou úmido, estalou. O chão sob eles estremeceu. Através do véu de sombras, Mia avistou uma coisa imensa passar, deslizando pelas pedras do piso. Ela entreviu uma forma comprida e deslizante, com dezenas de cabeças toscas, brutas, cheias de dentes. Movia-se pelas estantes como uma lagarta colossal, arqueando a coluna para se arrastar para a frente enquanto farejava o ar. Mia apertou a adaga, tremendo de medo. Xingando-se de fracote. De criança.

Sem dizer uma palavra, Tric agarrou a mão dela e apertou.

Os minutos estenderam-se por uma eternidade naquela escuridão úmida de

suor. Mas o que quer que fosse a coisa, ela passou sem que eles se dessem conta, deslizando vagarosa por entre as estantes. Mia e Tric permanecerem agachados juntos, silenciosos como ratos, até pararem de escutar.

– Podemos sair daqui *agora*? – Tric chiou afinal.

– Acho que... ssssssim.

Tirando o manto de sombras, Mia pôs Tric de pé. Em seguida, escalou uma estante e correu o olhar pelo mar de livros à procura de uma saída do labirinto. Ela avistou as portas do ateneu ao longe, apertando os olhos para evitar que a luz a enganasse. Parecia que elas estavam a *quilômetros* de distância...

– Procurando o quê?

Mia soltou um palavrão e seus olhos quase saltaram das órbitas ao ouvir a voz vinda das sombras. Tric virou para trás com tudo, tranças voando e espada na mão.

Mia ouviu o ruído da pederneira, uma chama refletir-se em óculos incrivelmente grossos, dois tufos de cabelo branco. Uma pluma de fumaça com cheiro de canela pairou no ar, e o cronista Aelius caminhou até a luz, empurrando um carrinho de madeira carregado de pilhas perigosamente altas de livros. Na frente do carrinho, havia uma placa em que estava escrito DEVOLUÇÕES.

– Pelos dentes da Fauce, será que *todo mundo* nessa merda anda na ponta dos pés? – perguntou Tric.

O velho sorriu com os dentes brancos e soltou mais fumaça cinza.

– Muito irritável você, não é?

– Que porra você queria? Viu aquilo?

Aelius piscou.

– Hã?

– Aquele monstro. Aquela coisa! Que abismos era aquilo?

O velho deu de ombros.

– Um verme. Desses que comem livros.

– Verme...?

– De livros – completou Aelius. – É esse o nome que eu dou para eles, pelo

menos.

– Para eles? – perguntou Mia, incrédula.

– Ah, sim. Tem um punhado que mora aqui. Esse era dos *pequeninhos*.

– Pequeninhos? – berrou Tric.

O velho forçou a vista por trás da cortina de fumaça.

– Ah, é. Muito irritável.

– Você deixa uma coisa dessas passear pela sua biblioteca?

Aelius deu de ombros.

– Para começo de conversa, a biblioteca não é *minha*. Ela pertence à Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Sou apenas o cronista do que acontece aqui dentro. E eu não *deixo* os vermes passearem por aqui. Eles apenas... *passeiam* mesmo assim – ele explicou, então deu de ombros outra vez. – Lugarzinho engraçado este.

– Engraçado...

– Bom, não é engraçado de gargalhar, claro.

Aelius puxou outra cigarrilha de trás da orelha. Acendeu na que ele mesmo fumava e ofereceu-a com seus dedos manchados de tinta a Mia.

– Quer fumar?

O medo ainda estava instalado na barriga da garota, seus nervos em frangalhos. Talvez uma cigarrilha a acalmasse. Assim, diante do sorriso malicioso do velho, ela arrastou os pés pelo corredor e pegou a cigarrilha com dedos trêmulos. Eles ficaram ali por longos e silenciosos momentos. Mia saboreava o gosto do papel açucarado nos lábios e seus batimentos enfim diminuíram para uma velocidade próxima do normal. Soltando nuvens de fumaça na direção de Tric, e achando graça em vê-lo torcer o nariz e tossir, ela disse finalmente:

– Bom fumo este aqui.

– É.

– Mas não conheço o fabricante.

– Morreu. – Aelius deu de ombros. – Não fazem mais destes.

– Como os livros?

– Hã?

Mia gesticulou para as estantes.

– Eu reconheço alguns dos títulos. Não eram para existir. Mas faz sentido, se você parar para pensar. Estamos numa Igreja dedicada à deusa do assassinato.

Tric piscou ao entender.

– Então a biblioteca de Niah está repleta de livros que morreram?

Aelius olhou para a dupla em meio à fumaça e confirmou devagar com a cabeça.

– Alguns – ele disse, afinal. – Alguns são livros que foram queimados. Ou esquecidos séculos atrás. Alguns nunca tiveram sequer a chance de viver. Foram abandonados ou imaginados pela metade ou eram assustadores demais para começar. Memórias de tiranos assassinados. Teoremas de heréticos crucificados. Obras-primas de gênios que encontraram seu fim antes do tempo.

Mia correu os olhos pelas estantes e balançou a cabeça. Que maravilhas não estariam escondidas naquelas páginas esquecidas ou não nascidas? Que horrores?

– E os... vermes? – ela perguntou com uma baforada.

– Não sei direito de onde veem, para ser sincero. – Aelius deu de ombros.
– Talvez de um dos livros? As coisas nessas páginas nem sempre *ficam* nas páginas, se é que você me entende. Os vermes só saem se acham que as palavras estão em perigo. Ou se ficam, sabe... com fome.

– E o que eles comem? – quis saber Tric.

O velho fixou o olhar no garoto e respondeu:

– O que você acha?

– Estamos aqui há quase quatro meses – comentou Mia, enquanto tragava forte a cigarrilha. – Você acha que isso é o tipo de coisa que o Ministério deveria mencionar na nossa primeira viragem? “A propósito, acólitos, tem uns vermes colossais da porra que moram na biblioteca, então, pelo amor da Fauce, devolvam os livros no prazo”?

– E se mais acólitos entrarem aqui sozinhos? – perguntou Tric. – Mouser dá seis pontos no seu torneio para cada livro que roubarmos do ateneu.

– Bom, Mouser é um bastardo, né? – disse Aelius.

– O que aconteceria se alguém realmente invadissem esse lugar e tentasse levar um livro?

O velho sorriu.

– O que você acha?

Tric soltou um suspiro.

– Que loucura...

– Veja, os vermes só incomodam gente que se mete a besta com as palavras. E se você é burro o bastante para mexer em livros como estes, merece o que vai ganhar. Além disso, eu a *avisei* – disse Aelius, soltando um anel de fumaça na cara de Mia. – Eu disse quando nos conhecemos que, dependendo do corredor em que você entrasse, talvez ninguém mais a visse de novo.

– Pois bem. Então, para eu me precaver no futuro, que corredores devemos evitar? – perguntou a garota.

– Varia. – O velho deu de ombros. – A biblioteca inteira muda de tempos em tempos. Aparecem livros novos a cada dois dias. Outros vão para lugares em que eu não os botei. Às vezes encontro seções inteiras que eu nem sabia que existiam.

– E o seu trabalho é registrar tudo isso?

Aelius confirmou com a cabeça.

– Emprego chato, de verdade.

– Alguém podia te ajudar – sugeriu Tric.

– Já tive quatro assistentes uma vez. Não acabou muito bem.

– Por quê? O que aconteceu com eles?

O velho olhou de esguelha para o garoto. Três vozes soaram ao mesmo tempo no escuro:

– *O que você acha?*

Mia soltou uma baforada cinza-pálida no silêncio.

– Acho que não devem existir muitos livros sobre sombrios aqui, né?

O cronista baixou a vista para a sombra dela. Subiu de volta para os olhos.

– Por quê?

– Isso significa “não”?

– Significa “por quê?”. Uma coisa maravilhosa sobre uma biblioteca que

nem esta é que qualquer livro que foi ou não foi escrito acabará aqui alguma viragem. O problema é encontrar essas porcarias. Dá muito trabalho procurar uma coisa específica. E às vezes esses livros têm um pé atrás. Principalmente os queimados. Às vezes eles não *querem* ser encontrados.

Mia sentiu a esperança afundar no peito. Ela olhou para Tric, que deu de ombros, impotente.

– Mas – continuou o velho, olhando-a de alto a baixo –, você aparenta ser uma garota que não é alheia às páginas. Dá para ver. Você tem palavras na alma.

– Palavras na alma? – caçou Mia. – “*Queime depois de ler*”?

– Ouça, garota – fungou Aelius. – Os livros que amamos nos amam de volta. E assim como nós marcamos a nossa posição nas páginas, as páginas deixam marcas em nós. Eu enxergo isso em você, do mesmo jeito que com certeza vê em mim. Você é uma filha das palavras. Uma garota com uma história para contar.

– Ninguém conta histórias sobre os discípulos da Igreja Vermelha, cronista – disse Mia. – Não existem canções sobre nós, nem baladas ou poemas. As pessoas vivem e morrem nas sombras aqui.

– Bom, talvez você não devesse estar aqui.

Ela lançou ao velho um olhar afiado, os olhos apertados atrás da fumaça.

– Não importa. – O velho fez força para desencostar da estante e suspirou. – Vou ficar de olho aberto. E se encontrar um livro sobre sombrios que valha a pena ler, eu te passo. Combinado?

– Combinado – Mia repetiu com uma mesura. – Muito obrigada, cronista.

– É melhor vocês dois irem andando. E eu também. Livros de mais. Séculos de menos.

O velho guiou Mia e Tric pelo labirinto de estantes, empurrando sem pressa o carrinho de DEVOLUÇÕES e deixando atrás de si um rastro fino de fumaça açucarada ao longo de todo o caminho até as portas. Embora a distância tivesse parecido quilométrica a Mia antes, eles chegaram à saída em poucos minutos, e a floresta de papel e palavras logo ficou atrás deles.

– Tchau, tchau.

Acenando com a cabeça para ambos, Aelius sorriu e fechou as portas sem um som.

Tric voltou-se a ela com um sorriso malicioso.

– Palavras na alma, hein?

– Ah, vai se foder.

O garoto abriu os braços e proclamou em voz alta:

– Uma garota com uma história para contar!

Mia acertou um soco forte no bíceps de Tric. O garoto fez uma careta, enquanto Mia começou a xingar por causa da pontada de dor no cotovelo. Tric levantou os punhos e deu uns socos de treino na garota, que os desviou com tapinhas e depois, quando o garoto lhe deu as costas, acertou a bota no traseiro dele. No final, juntos, ambos saíram caminhando pela escuridão.

Ela resistiu ao ímpeto de segurar de novo a mão dele.

Por pouco.

Capítulo 22

PODER

Ela tinha quatorze anos na última vez que os sóis caíram do céu.

Os maiores artífices da palavra da República jamais conseguiram captar inteiramente a beleza de um pôr de sóis itreyano. O fedor do sangue flutuando pelas ruas de Godsgrave quando os sacerdotes de Aa sacrificam milhares de animais em súplica para que o Deus da Luz retorne logo. O brilho sanguíneo de Saan no horizonte, colidindo com o azul pálido de Saai, tombando num anil mais pronunciado. São necessárias três viragens para que a luz suma por completo. Três viragens de preces, carnificina e histeria crescente até que a Mãe da Noite recupere brevemente seu domínio sobre o céu.

E então o Carnavalé da veratreva começa.

Mia acordou ao som da farra. O constante pó-pó-pó-pó dos fogos de artifício do Colégio de Ferro, feitos para afugentar a Fauce de volta ao seu lugar sob o horizonte. Ela esticou a mão e observou as sombras brincarem. Sentiu o poder que vinha crescendo dentro dela nas últimas viragens finalmente florescer. Com um aceno, um tentáculo de sombra fez uma pilha inteira de livros voar pelos ares, espalhando os tomos pelo quarto inteiro. Ao seu capricho, outras sombras se esticaram e devolveram cada um dos livros ao seu lugar. Ela abriu a porta do quarto com um olhar. Vestiu-se sem levantar um dedo.

– ...bravo... – disse Senhor Simpático. – ...se ao menos eu tivesse mãos para aplaudir...

Mia deu um tapinha no próprio lombo.

– Prefiro lábios para beijar o meu doce traseiro.

– ...eu precisaria encontrá-lo primeiro...

– As bundas são como o vinho, Senhor Simpático. Melhor faltar do que sobrar.

– ...bonita e filósofa. aguenta, meu pobre coração...

O não-gato olhou para o próprio peito translúcido e completou:

– ...ops, eu não tenho coração...

A garota conferiu as facas no cinto, nas botas, escondidas na manga. Ela era um fiapo de gente, de franja torta e bochechas secas, cheia de toda a confiança que quatorze anos no mundo trazem. Pôs-se a escutar o que se passava no andar de baixo e ouviu os sussurros familiares do Velho Mercurio com um dos seus não-clientes. O velho não era de farra. Ao contrário de todos os outros habitantes de Godsgrave, o mestre ficaria longe das ruas na veratreva. Ele já tinha olhos de sobra lá fora.

– ...então você insiste em fazer isso?...

Ela olhou para o amigo. Todos os vestígios de graça secaram em seu rosto, deixando-a dura e pálida.

– *É a minha melhor chance. Nunca me senti tão forte quanto na veratreva. Se vou conseguir entrar lá algum dia, é hoje.*

– ...você devia contar para o velho...

– *Ele vai tentar me convencer a não ir.*

– ...você não se pergunta por quê...?

– *Os guardas não ficam lá na veratreva, Senhor Simpático.*

– ...porque o descenso logo vai começar. centenas de prisioneiros trucidando uns aos outros pelo direito de sair da pedra filosofal. você quer mesmo estar lá com eles...?

– *Quatro anos, Senhor Simpático. Faz quatro anos que eles estão trancados naquele buraco. Meu irmão aprendeu a andar numa cela de prisão. Não sei quando foi a última vez que a minha mãe viu os sóis. Para que treinei todos esses anos, se não para isso? Eu preciso tirar os dois de lá.*

– ...você é uma valente garota de quatorze anos, mia...

– *E é a parte dos quatorze anos ou a parta da garota que te preocupa?*

– ...mia...

– *Não – ela estourou. – Isso acaba hoje. Você está comigo ou contra mim?*

O não-gato suspirou.

– ...você sabe de que lado estou. sempre...

– *Então vamos parar de falar nisso, que tal?*

Saiu da janela. Para a rua. A multidão e a festa. Todos com suas máscaras de Carnavalé; dominos belas e voltos temíveis e punchinellos risonhos. A garota esgueirou-se através da turba, com um rosto de arlequina sobre o seu próprio e um capuz na cabeça. Passou além dos amantes suspirantes na Ponte das Juras e dos traficantes na Ponte da Moeda, até chegar à praia recortada. Depois de tirar a capa da gôndola roubada, ela esticou os braços e fechou os olhos. A escuridão arrastou-se de cantos e recessos para envolver a garota e o barco num sudário de noite.

Escondida na escuridão, ela remou pela Baía dos Açougueiros, sob uma passarela na Ponte das Loucuras, deslizando e avançando através da maré crescente.⁷⁶ Afastou o manto quando atingiu o mar aberto, horas depois, rumo à ponta de pedra agourenta que se erguia da superfície do oceano. O buraco onde sua mãe e seu irmão definhavam havia quatros longos anos por ordem de Julius Scaeva, sem esperança nem ajuda.

Não mais.

Ela atracou nas pedras pontiagudas; as sombras a tinham conduzido sã e salva para dentro da enseada. A escuridão arrastou a gôndola para a praia, poupando-a do beijo agudo das rochas que cercavam a Pedra. Mia lambeu os lábios, inspirou o ar salgado, ouviu o canto distante das gaivotas. A violência já ecoava pelas entranhas da Pedra. Senhor Simpático bebia seu medo, tornando-a confiante e destemida.

Ela estendeu os braços, desejando subir. O poder latejava-lhe nas veias, como nada que ela sentira antes. Uma afinidade negra, fluindo como o escuro crescente. Tentáculos compridos e pretos a envolveram, passaram por entre seus dedos, cravaram-se na alvenaria da base da Pedra. Como se fossem os membros translúcidos de uma aranha imensa, eles a puxaram para cima. E, um degrau negro por vez, a garota começou a subir.

Para o alto da muralha imponente, com o cabelo voando ao vento cada vez mais forte. Por cima dos prédios e dos emaranhados retorcidos de plantas afiadas sobre os muros. As sombras a envolveram como um bebê em

faixas e a baixaram no fedor cobreado da morte.

Mia avançou pelos corredores de pedra ensanguentada, envolta numa escuridão tão profunda que mal conseguia enxergar. Corpos. Por toda parte. Homens sufocados e esfaqueados, espancados até a morte com as próprias correntes e membros. O som de assassinato ecoava por todos os lados, o fedor de vísceras carregado no ar. Formas vagas passavam correndo por ela, contorciam-se e berravam no chão. Os gritos soavam em algum lugar distante, em algum lugar que o escuro não a deixava ouvir.

Ela penetrou a Pedra Filosofal como uma faca entre costelas. A prisão. O abatedouro. Desceu além das celas abertas até as partes mais calmas, onde as portas ainda estavam lacradas, onde os prisioneiros que não queriam tentar a sorte no Descenso ainda estavam trancados, magros e famélicos. Ela removeu o manto de sombras para enxergar melhor, espiando por entre as barras os espantalhos ossudos, os fantasmas de olhos ocos. Mia compreendeu por que alguns tentavam a sorte no jogo horrendo do Senado. Melhor morrer lutando do que ficar ali no escuro e morrer de fome. Melhor levantar e cair do que ajoelhar e viver.

A não ser, claro, que tivesse um filho de quatro anos trancafiado com você...

Os espantalhos gritavam à vista dela, pensando que fosse algum espectro sem coração que vinha atormentá-los. Ela correu de uma ponta a outra do pavilhão, os olhos arregalados. Desesperada. Medo, apesar do gato na sua sombra. Eles tinham de estar ali em algum lugar? Com certeza dona Corvere não teria arrastado o filho para a carnificina lá em cima por uma chance de escapar daquele pesadelo.

Teria?

– Mãe! – chamou Mia, com lágrimas nos olhos. – Mãe, é a Mia!

Corredores infinitos. Preto sem luz. Cada vez mais dentro da sombra.

– Mãe?

—Mãe!

Mia sentou-se na cama, unhando os lençóis. Mechas de cabelo grudadas na pele por causa do suor. O coração se debatia contra as costelas; os olhos estavam arregalados, o peito arfante. Piscando no escuro, encharcada de pânico, ela finalmente reconheceu seu quarto na Montanha Silenciosa, com a luminância sem fonte recobrimdo tudo com seu brilho delicado.

– Só um sonho – ela murmurou.

Sonho não. *Pesadelo*. Do tipo que havia anos ela não tinha. Sempre que os terrores da veratreva esgueiravam-se para a sua cama em cima da loja de Mercurio, sempre que os fantasmas do passado invadiam seu crânio durante o sono, Sr. Simpático estava ao seu lado, fazendo-os em pedaços. Mas agora ela estava só. À mercê dos seus sonhos.

Das suas lembranças.

Pela Filhas, onde ele pode estar?

Mia endireitou o corpo, trêmula. Cabeça curvada. Braços envoltos em si mesma. O medo latejava no peito em sincronia com os batimentos. As sombras contorceram-se na parede quando ela cerrou o punho. Lembrou-se do jeito que elas obedeceram suas ordens na última vez que os sóis caíram do céu. Na última vez que ela...

Não olhe.

Ela pensou que talvez fosse ficar bem. Tric a tinha acompanhado até o quarto depois da visita à biblioteca, e garantiu-lhe que Sr. Simpático voltaria. Quando soou a nona badalada, ela arrastou-se para a cama e tentou se convencer de que tudo se ajeitaria. Mas sem seu amigo ali para protegê-la, não havia nada para deter os sonhos. As lembranças daquele poço sem luz, empapado de sangue. Do que ela encontrara lá dentro.

Não olhe.

Ela apertou os olhos com toda a força.

Não olhe.

O quarto vazio. A cama vazia. Solidão. Medo. Recaíam sobre ela em ondas. Fazia anos que ela não ficava sozinha de verdade. Nunca encarava os terrores do sono sem alguém ao seu lado. Ela apertou os punhos contra os olhos e soltou um suspiro.

As nove badaladas já tinham soado. Furar o toque de recolher da Reverenda Mãe seria burrice, principalmente depois do que fizeram com Shiu. Mas ela já tinha saído do quarto uma vez com Ashlinn sem ser pega. E o lugar a que ela queria ir ficava apenas algumas portas à frente.

O lugar onde quero estar?

A perspectiva de horas infinitas, insones, estendeu-se diante dela.

O medo crescente de que Sr. Simpático jamais voltasse.

A certeza brotando no peito.

O lugar onde quero estar.

Um corredor escuro. Mãos trêmulas. Ela enfiou sombras na fechadura para abafar o som, mas seus dedos tremiam tanto que ela temeu não conseguir abrir a porta. Se batesse, alguém poderia ouvir. Ashlinn. Diamo. Jessamine.

A fechadura enfim estalou. A porta abriu-se com um *créc* das dobradiças abafado pelas sombras. Ela espiou o quarto escurecido, esgueirou-se para dentro. Inspirou de medo quando alguém lhe pegou pelo braço e a jogou de costas contra a parede, com uma faca na garganta. Ele fez uma pausa ao reconhecê-la no escuro, baixou a lâmina e falou por entre os dentes cerrados:

– Pelos dentes da Fauce, o que está fazendo aqui? – sibilou Tric.

– Surpresa?

– Eu podia ter cortado a porra da sua garganta!

Ela lutou para controlar o pulso galopante e sufocar o medo o suficiente para conseguir falar.

– Eu não estava conseguindo dormir – ela sussurrou.

– E por isso invadiu o meu quarto? Já soaram as nove badaladas, e se te pegassem?

– Desculpe – ela disse, então lambeu os lábios ressecados e engoliu saliva.

Ele ainda a apertava contra a parede, perto o suficiente para que o inalasse. Ela se deu conta de que Tric devia dormir pelado – sua pele nua reluzia à luz baça e sem origem. Seu olhar viajou pelo corpo dele. Os músculos rijos do

torso sem pelos, os tendões retesados do pescoço, dos braços. A respiração dela acelerou um pouco. O medo que a tinha acordado ainda agitava-se dentro dela, mas naquele momento outra coisa também se movia. Algo mais antigo. Mais forte.

Eu quero?

Mia olhou dentro dos olhos castanhos, que se suavizavam de pena. Ele não podia saber como era. Não podia entender o que Sr. Simpático significava para ela. Mas, ainda assim, viu a raiva dele desmanchar-se e uma vaga compreensão tomar o seu lugar.

– Me desculpe também. Você só me assustou, foi isso.

Tric suspirou, relaxou o corpo, começou a se afastar. Um protesto sem palavras escapou dos lábios de Mia, e ela estendeu a mão e passou a ponta dos dedos pelo braço dele. Um arrepio subiu pela pele do garoto. Ela pousou uma mão sobre a massa dura no ombro dele. Impediu que ele saísse de perto.

– Mia...

– Posso dormir aqui esta quasinoite?

Ele franziu a testa. Aqueles olhos grandes e castanhos buscaram os dela.

– Dormir?

Nu como o garoto estava, ela conseguiu sentir aquilo pressionar a sua perna. Ela baixou o queixo e olhou-o através da névoa escura dos cílios. Um sorriso pequeno, malicioso, contorceu seus lábios quando Mia o sentiu se mexer um pouco. Com vagar proposital, ela baixou a mão livre. Roçou as pontas dos dedos pelo seu comprimento, sentindo-o inchar. O garoto suspirou quando ela o tomou por inteiro na mão, correndo os dedos pela sedosa parte de baixo. Ela transbordou de uma satisfação sombria ao ver que o mais reles dos seus toques era capaz de inflamá-lo.

Filhas, como ele esquentou. Quase em chamas na palma de sua mão. E a camada de medo frio dentro da barriga dela começou a derreter, dando lugar a um fogo que crescia devagar.

Ela investiu, beliscou o lábio dele com os dentes. Forte o suficiente para tirar sangue. Sal na boca dela. A labareda subindo dentro de Mia, afogando o medo. Ele tentou empurrá-la, mas a mão dela o envolveu e apertou. Tric parou,

gemendo e fechando os olhos. Um sorriso desenhou-se nos lábios dela, a encheu de um calor bêbado. Uma torre de músculos, um matador, e ela ainda era capaz de segurá-lo como um cordeirinho assustado com apenas uma mão.

Mia sentiu medo. Tontura. Desequilíbrio. Mas, por baixo de tudo isso, percebeu que o queria. Queria bebê-lo. Possuí-lo. E o medo, a *ansiedade*, apenas intensificava o desejo. Nada importava naquele momento, os lugares onde ela tinha estado ou as coisas que tinha feito. Nem os quilômetros de assassinatos à frente ou atrás. Só o cheiro dele, almíscar, virilidade e desejo, preenchia os pulmões dela. O calor dele na mão, o pulso latejando como um martelo sob a pele dele; os suspiros, engolidos quando ela lhe descobriu a boca, quando sua língua buscou a dele. Ele gemeu com o beijo, profundo, longo e quente, mãos enfiadas no cabelo de Mia enquanto ela o empurrava contra a parede, os músculos das costas estalando contra a pedra.

Os lábios da garota já estavam na garganta de Tric. A língua seguia o contorno ardente das veias. Uma mão explorando o volume suave do peito dele, a outra ainda o acariciando enquanto ele tremia e suspirava. Ainda com medo, a respiração vacilante, ela desceu, os lábios traçando a clavícula. Com uma mão suave, o garoto a deteve; procurou os olhos dela, ainda com os lábios manchados de sangue.

– Mia... você não precisa.

– Eu *quero*.

Com vagar deliberado, Mia cravou os olhos nos dele e ajoelhou-se. Com ambas as mãos acariciando-lhe a pele trêmula, ela sorriu enquanto Tric inclinava a cabeça para trás e gemia. Ela nunca tinha feito aquilo. Sentia-se insegura apesar de todas as aulas de Aalea sobre o assunto. Mas ela queria possuí-lo com uma intensidade que afogasse qualquer resto de medo por dentro.

A língua dela tocou a pele ardente, e ela o sentiu pular. Deusa, como ele estava excitado! Ela abriu a boca e o lambeu da base à ponta, sorrindo com os gemidos dele. Um sabor agri-doce na cabeça, quente na língua. Ela o beijou de alto a baixo e o enfiou na boca.

Então Mia se soltou por inteiro. O instinto a empurrava para a frente. Mal

acreditava no calor suave. Desastrada no começo, insegura sob o peso do desejo, mas ele enroscou os dedos no cabelo dela e a guiou delicadamente para cima e para baixo. A bochechas murchas, com a mão na base.

Ele era dela. Completamente. Absolutamente. Indefeso. Filhas, ela quase se sentiu esmagada. A sensação de controle absoluto, o deleite dos diferentes gemidos e tremores que extraía dele com a língua, que fazia ela mesma gemer, cada vez mais faminta. Havia apenas uma coisa que Mia queria no momento. Nada de virgem encolhida sobre lençóis manchados de sangue. Nada de garota prisioneira dos pesadelos. Nada de donzela assustada.

Tric segurou com mais força os cabelos dela, seu pulso acelerou. O peito tremia, como se o ar nos pulmões lhe fosse faltar.

– Mia – ele suspirou. – Eu...

Ela o sentiu debater-se, latejar na sua boca. Ele a puxou para perto, mais e mais. As costas arquearam, as pernas tremeram. E então o garoto gemeu o nome dela, tensionou cada músculo, e encheu-lhe a boca com jorros de calor doce e salgado. A garota gemeu, inebriada pelo poder daquilo. Continuou a bombear com a mão, ordenhando até a última gota, até ele balbuciar com a dor e o prazer e afastá-la, inspirando trêmulo.

Ela se levantou com um sorriso pervertido nos lábios brilhantes. Rindo baixo da expressão no rosto dele, da descrença e da fome e dos vestígios de prazer. Ele mal conseguia manter-se de pé, respirar, falar. Tudo isso, ela tinha feito com apenas uns segundos.

Era isso que Aalea quis dizer, ela se deu conta.

– Está tudo bem? – ela perguntou.

Ele piscou com força. Fez que não com a cabeça.

– Talvez eu precise de um minuto.

Rindo, Mia se virou e caiu na cama de Tric. Os lençóis ainda estavam mornos, o cheiro dele impregnado nas peles. O garoto desabou ao lado dela, pelado embora ela ainda estivesse completamente vestida. Tirando as tranças dos olhos, ele olhou para ela por trás dos travesseiros.

– Veja, longe de mim reclamar, mas qual foi o motivo disso?

– Precisa ter motivo?

– Geralmente.

– Eu gosto de você – disse Mia, e deu de ombros. – E queria saber se era capaz. Antes que a Shahiid Aalea nos traga algum escravo liisio jovem e viril para praticarmos.

Tric riu um pouco.

– Por algum motivo eu não acho que essa é toda a verdade.

– Eu... não gosto de ficar sozinha. As coisas que eu vejo quando fecho os olhos...

Ela franziu a testa e balançou a cabeça quando as palavras faltaram. Tric correu o dedo pela bochecha dela, pelos lábios.

– Eu também tenho meus demônios. E gosto de você, sério. Só me pergunto... se isto é bom?

– O que você quer dizer com “isto”?

– Bom, *isto*. Nós – ele respondeu, gesticulando para escuridão ao redor deles. – Não ficaremos aqui por muito tempo. Ainda que sejamos iniciados como Lâminas, seremos enviados a capelas diferentes. Seremos assassinos, Mia. A vida que vamos levar... não tem final feliz.

– Você acha que é isso que eu quero? Um final feliz?

– Essa é a questão, não é? – suspirou Tric. – Não sei o que você quer.

Ela rolou para o outro lado da cama e deitou de lado, com a cabeça apoiada na mão. Seu cabelo comprido e preto espalhado sobre a pele dele, enquanto ela contemplava os olhos doces e castanhos.

– Você é um idiota.

– É verdade – ele concordou, sorrindo.

Ela o beijou, a boca aberta sobre a dele. Passando a mão pelo peito dele, pelos montes e vales do abdômen, sentindo os músculos enrijecerem em contraste com a suavidade dos lábios. Olhos fechados. Sozinha no escuro sem estar sozinha.

Ela interrompeu o beijo e observou o rosto dele. Aqueles terríveis rabiscos de ódio na pele. As cicatrizes. Os belos olhos sem fundo por trás de tudo.

– Apenas afaste os meus sonhos. É só o que peço. Você faria isso por mim? Os olhos dele procuraram os dela. Tric assentiu devagar com a cabeça.

– Isso eu consigo.

Ela pegou a mão dele, puxou a para si. Forçou-a contra o seu peito, conduziu-a pela rijeza da sua barriga, deslizando-a até as calças. Os dedos dele tocaram um trecho de pelos, então baixaram ainda mais, e ela soltou um suspiro trêmulo.

Ela o sentiu abrir-lhe os lábios, gemeu quando os dedos curvaram-se de leve contra ela. Mia baixou a mão, à procura dele de novo, mas o garoto a empurrou de volta à cama, e o toque hábil da sua mão produzia calafrios de prazer pela espinha dela.

– Minha vez – ele sussurrou.

Mia deitou-se por completo, gemendo enquanto ele lhe beijava o pescoço, soltando incentivos por entre os dentes à medida que as mordidas ficavam mais fortes. Ela enroscou os dedos no cabelo do rapaz, que já lhe puxava a camisa para cima e a fazia gemer com a língua, deixando seus bicos duros com os círculos que traçava. Ele pôs tudo na boca, chupou, sem deixar de fazer mágica com os dedos no meio das pernas dela. O calor irradiava do centro dela; as coxas tremiam, empapadas de desejo. Ele puxou os nós da calça dela, baixou-as até os tornozelos, até pararem nas botas. Mia as tirou com um chute, uma perna ficou presa; contorcia-se na cama enquanto Tric ainda acariciava, traçando círculos firmes no ponto mais sensível.

– Filhas, filhas – ela suspirava. – Ah.

Ele ajoelhou entre as pernas dela, uma mão ainda acariciando-lhe o seio, a outra incendiando-lhe o meio das pernas. E, depois de um último beijo nos lábios, ele abaixou-se pelo corpo trêmulo da garota. Deixou um rastro de beijos ardentes pelos seios, o ventre. Mia sabia para onde ele iria, e se sentiu repentinamente assustada, os olhos abrindo-se cada vez mais. A mão enganchou-se no cabelo dele e, com uma careta, ela puxou a cabeça dele para cima.

O garoto a encarou. Uma pergunta ardia em seus olhos por trás da fome.

– Você não precisa – ela sussurrou.

– Mas eu *quero* – ele disse.

Tric levantou a perna dela, beijando a pele tenra atrás do joelho e lhe

dando arrepios. Correu os dedos devagar pela barriga cada vez mais rígida. Deslizou os lábios para baixo, para a parte interna da coxa, roçando a barba, soltando o hálito úmido na pele dela. O desejo afinal superou o medo, e ela enroscou os dedos nas tranças dele, forçando-o para baixo. Com lentidão deliberada, angustiante, ele desceu cada vez mais para perto, lambendo o suor recente e a fazendo gemer, a respiração vindo cada vez mais rápida. Tric fez uma pausa ao chegar nos lábios, inspirando como se ela fosse o ar e ele um náufrago. Mia ganiu uma súplica silenciosa. Ele abriu as dobras com dedos delicados, e ela sentiu o primeiro toque da língua dele.

– Ah, Deusa – ela gemeu.

A língua agitava-se contra ela, delicada no começo, traçando círculos minúsculos em volta do botão inchado. Ela arqueou as costas, ergueu as pernas, esticou os dedos. Ele brincava com ela, punha e tirava a língua, soprava de leve entre breves toques com a boca. A garota estava esmagada pela sensação, exposta e completamente à mercê dele. Filhas, como ela queria. Que prazer. Agarrava os cabelos dele e o puxava para si, querendo que o garoto apertasse mais, sentisse mais o gosto, a incendiasse.

Ele movia-se ritmadamente, e Mia debatia-se na cama, revirando os olhos até a nuca. O calor crescia dentro dela, tortuoso e envolvente, súplicas sem palavras que preenchiam o ar. Bem quando ela pensava que não aguentaria mais, sentiu outra pressão, urgente e cálida. E, abrindo os lábios úmidos com a mão, ele deslizou devagar um dedo para dentro.

Faíscas na mente. Luz ofuscante nos olhos. Mia gemia enquanto ele torcia o dedo, num ritmo que casava perfeitamente com o da língua. Ela começou a tremer mais forte a cada fôlego entrecortado, contorcendo-se à medida que uma torrente a inundava por dentro, dando contra uma represa escondida, cada vez mais alta e mais quente. Tric continuava movendo os dedos e a boca, a língua e o hálito. Estrelas chocando-se por trás dos olhos dela, palavrões escapando-lhe pelos dentes, “Ah, porra, porra, porra”, até a represa desmoronar, a torrente espalhar-se acompanhada de um grito sem palavras, a espinha arquear, a cabeça ir para trás, e ela gritar baixo o nome dele.

Tric desacelerou e afastou a mão, sem deixar de traçar com a língua

círculos delicados nos lábios úmidos dela. Depois ele a beijou carinhosamente, como se ali fosse a boca dela e ele estivesse dando-lhe um beijo de despedida.

Ele levantou a cabeça e Mia desenroscou os dedos do cabelo dele. Ele lhe abriu um sorriso malicioso.

– *Você* está bem?

– Onde... abismos... você aprendeu a fazer isso?

Com um sorriso largo, o garoto se levantou na cama e se jogou ao lado dela.

– No mesmo lugar em que aprendi a dançar. A Shahiid Aalea deu algumas dicas para o caso de eu precisar seduzir alguma moça medular e tal.

Mia suspirou; o coração ainda latejava no peito.

– Vou agradecer da próxima vez que a encontrar.

Tric sorriu, inclinou-se e a beijou. Ela sentiu o próprio gosto nos lábios dele, na língua enlaçada na sua. Baixando a mão, ela descobriu que ele ainda estava rijo como uma pedra, quente como um ferro. Ela queria mais. Mas um medo frio queimava-lhe no fundo da mente, aumentando mesmo enquanto ela se livrava da perna da calça e montava sobre ele. Ela arrancou a camisa e ele investiu contra os seios dela, beijando e mordiscando. Inclinando-se para trás, ela tomou nas mãos a sua lança ardente e a apertou contra os lábios doloridos. Balançou para a frente e para trás, tentada a simplesmente afundar, centímetro por centímetro, até o fim.

– Eu quero você – ele suspirou. – Mãe da maldita Noite, como eu quero você!

Os lábios de Mia tocaram os de Tric, a respiração dela contra a pele dele.

– E eu você. Mas...

– Mas o quê?

– Não sei se é seguro.

Ele a segurou pelos quadris, pôs a boca nos seus seios, forçando-a para baixo enquanto ela esfregava nele os lábios doloridos. A ponta deslizou para dentro – ah, Santas Filhas, como foi gostoso –, e ela quase perdeu o controle. Queria. Precisava. Mais do que já tinha querido ou precisado na vida. Mas ela

enroscou os dedos no cabelo dele e o empurrou para trás dos seios doloridos. Inclinando-se para trás, o deixou sentir mais um centímetro dela, gemendo por dentro. Mas então ela parou. Segurou mais firme e saiu de cima dele, sentindo-se vazia. Ele suspirou, mas ela sorriu, dando-lhe um tapinha jocoso e o empurrando de volta para a cama antes de voltar a deitar-se nas peles empapadas de suor.

– Hoje não, don Tric – ela suspirou.

Tric se acomodou sobre o emaranhado de almofadas e peles. Tentava em vão recuperar o fôlego.

– Você é fria, Moça Branca – ele conseguiu dizer.

Ela tomou a mão dele e a apertou entre as pernas.

– Diz de novo?

– Pelos dentes da Fauce, agora você está sendo sádica.

Ela riu, afundando nas almofadas e olhando para o teto. Fixou o olhar, fez as sombras se contorcerem, observou-as deslizar. O medo tinha passado. Fora engolido por inteiro pela descoberta que lhe queimava na mente.

Ele faria qualquer coisa para me ter neste momento. Qualquer coisa que eu pedisse. Ele mataria por mim. Morreria por mim. Tomaria banho no sangue de centenas de pessoas apenas para respirar seu último fôlego dentro de mim.

Mia arqueou as costas, enfiou a mão dentro das pernas. Pressionou a dor doce que encontrou ali, fechou os olhos e suspirou.

Aqui está a força que derruba reis. Acaba com impérios. Quebra o céu.

Ela passou os dedos úmidos sobre os lábios sorridentes.

Isto é poder.

Horas depois, ela acordou de um sono feliz, sem sonhos. Espreguiçando-se como um gato, juntou as coxas com força, excitada com a lembrança de como ele a tinha tocado. Ela olhou para o garoto ao seu lado, para o rosto sob a tinta, suavizado pelo sono. Disse a si mesma que fora apenas para evitar os sonhos.

Pressentindo que os sinos da manhã estavam próximos a bater, e lembrando-se da flagelação de Shiu, ela decidiu que seria melhor para todos os envolvidos não ser vista esgueirando-se do quarto de Tric quando os outros acólitos acordassem. Assim, ela se vestiu em silêncio e saiu do quarto sem o acordar. Com o manto de sombras sobre os ombros, tateou às cegas pela parede até chegar ao quarto. Ao destrancar a porta com uma volta ligeira da chave, passou para dentro sem que ninguém soubesse. Um pequeno suspiro de alívio.

– ...*o crime perfeito*...

– Senhor Simpático!

Ali estava ele, ao pé da cama dela; apenas uma lasca de preto mais forte na escuridão. Mia correu e mergulhou nas peles da cama, com vontade de o pegar e apertar. E quando ele pulou para os seus braços, Mia ficou chocada ao sentir um toque difuso, suave como o veludo, quando suas mãos passaram por ele; frio como gelo, suave como um fôlego de bebê. As mechas compridas dos seus cabelos se moveram como se tivessem recebido uma brisa leve. Lágrimas de alívio brotaram nos olhos dela.

– Eu fiquei preocupada, seu merdinha!

– ...*desculpe*...

Ela reclinou sobre as almofadas, e o não-gato pulou para cima do seu peito e olhou-a nos olhos. Ele tinha desaparecido a quasinoite inteira, sem dar um suspiro. O que, apesar do alívio que ela sentia com o retorno do amigo, ainda deixava a pergunta...

– Onde você esteve?

– ...*ah, dei uma passadinha no teatro, então uma rodada rápida de cerveja e prostitutas, você sabe*...

– Calma lá, não venha bancar o espertinho. Ficou horas desaparecido.

– *tenho certeza de que encontrou uma diversão enquanto eu estava fora, não?*...

– Ah, uma passadinha no ateneu para uma leitura leve, você sabe.

O não-gato virou a cabeça na direção do quarto de Tric.

– ...*melhor eu não*...

Ela sorriu e passou os dedos através dele, de novo sentindo um friozinho vago arrepiar os pelos da sua pele. Perguntas sobre as escolhas de pernoite podiam esperar.

– Então – ela começou.

– ...*então...*

– Jessamine roubou a Trindade de Mouser.

– ...*sério mesmo? não tinha notado...*

– Já te avisei para parar de bancar o esperto.

– ...*como um sol avisando ao outro que está brilhando demais...*

– Ela me odeia, Senhor Simpático. E agora tem uma arma pendendo do pescoço da qual não podemos nos defender.

– ...*então conte para mouser. o ministério. que confisquem a trindade...*

– Ir chorar para o Ministério é meio... meio sem estilo, não acha?

– ...*e você tem outro plano...?*

– Com certeza poderia bolar um depois da quantidade certa de vinho d'ouro.

– ...*você não tem tempo para essas palhaçadas. lembre-se do seu motivo para estar aqui...*

– Tudo bem, mas e se Jess decidir vingar o pai de uma vez por todas? Ela saca a Trindade e eu caio de joelhos tentando não vomitar as tripas.

– ...*caso não tenha notado, Jessamine odeia quase todo mundo ao seu redor. deixe que pense que te derrotou e ela vai ficar entediada. ela odeia carlotta tanto quanto odeia você...*

– Então o que eu faço? Deito no chão e espero ela vir me pisotear?

– ...*você conhece os cães-sarnentos de liis...?*²⁷

– Claro.

– ...*nunca faz mal ser subestimada, mia. a sua meta deve ser a iniciação...*

Mia mordeu os lábios. Uma pergunta borbulhava atrás dos dentes, mas ela nunca tinha precisado perguntar antes. Claro, ele também nunca a tinha abandonado antes. Em todos os anos que os dois passaram juntos, o gato de sombras tinha sido o seu confidente. A estrela pela qual ela guiava o seu rumo.

Fora ele quem a salvou dos homens de Scaeva. Ele quem ficou ao seu lado quando a sua mãe...

Não.

Não olhe.

Mas a Trindade o tinha afetado de uma maneira ainda pior do que a ela. Os sóis a deixavam apavorada, mas Sr. Simpático quase enlouquecera de pânico. Por que o olhar do Onividente o machucava tanto? Seria apenas porque ele era feito de sombras? Ou havia algo mais nele do que apenas escuridão?

– O que você é, Senhor Simpático?

O não-gato inclinou a cabeça de lado:

– *...seu amigo...*

– Mas o que mais? Um demônio, como dizem as lendas?

Um riso como o vento que roça as lápides pairou no ar.

– *...sim, um demônio. faz tempo que eu queria te pedir para assinar este pergaminho. com sangue, em três vias, por favor...*

– Não estou em clima para piadas. Por que não me diz?

– *...porque não sei. antes de encontrá-la, eu era apenas uma forma à espera nas sombras...*

– À espera do quê?

– *...de alguém como você...*

– Simples assim?

– *...qual é o problema de ser simples...?*

– O problema é que nada nunca é simples.

– *...você é jovem demais para ser tão clínica...*

Mia se levantou de repente, passou através de Sr. Simpático e saiu do colchão. O não-gato lambeu a pata e limpou os bigodes como se nada tivesse acontecido.

– Foda-se então. Pode guardar os seus segredos. Vou procurar o Lorde Cassius quando ele voltar para a iniciação. Vou perguntar de novo sobre os sombrios e sobre o que significa ser um. E se decidir bancar o enigmático em vez de me responder, dessa vez vou esganá-lo até ele falar. Não me importa que tenha têmporas atraentes.

- ...isso não é muito inteligente, mia...
- Por quê? Porque ele pode me contar a verdade?
- ...porque ele é perigoso. você com certeza sente isso...
- Tudo o que sinto quando estou perto dele é o seu medo.
- ...e você acha que temo por mim...?

Mia engoliu em seco ante sua tirada, encarando o não-gato sentado entre as peles. Tudo o que Sr. Simpático sempre fizera era protegê-la. Afugentando seus pesadelos quando ela era criança. Os fantasmas da quasinoite e o matador de cãezinhos que iam afogá-la. Os espantalhos e as sombras que tinha visto dentro da Pedra Filosofal.

– Então vou esperar pelo cronista. Deve haver algum livro no ateneu que contenha a verdade. É apenas questão de tempo até Aelius encontrá-lo.

– ...você acredita de verdade que vai aprender a dominar as sombras lendo um livro...?

- O que eu faço, então? – ela gritou.
- ...já te disse mil vezes...

Ela olhou para o amigo, encolhido na cama. Unhas frias desciam-lhe pela espinha. O som de um grito distante ecoava na sua cabeça. A imagem de um rosto sulcado de lágrimas. Olhos vazios, assustados. Sangue.

– ...para dominar a escuridão exterior, você primeiro precisa enfrentar a escuridão interior...

A respiração vinha mais rápido. Suor na pele. Ela apalpou a calça, encontrou o estojo de cigarrilhas. Levou um aos lábios com mãos trêmulas.

- ...não foi culpa sua, mia...
- Cala a boca – ela murmurou.
- ...não foi c...
- CALA A BOCA!

A garota atirou o estojo de prata contra a parede, o rosto retorcido. O não-gato baixou as orelhas. Encolheu-se em si mesmo e suspirou.

- ...como quiser...

Mia suspirou. Fechou os olhos e respirou fundo. Depois de longos e silenciosos minutos, ela raspou a pederneira e acendeu a cigarrilha, tragando

fundo e sentando-se na cama. Ficou observando as nuvens de fumaça saírem em espirais partidas pelo breu. Por fim, suspirou.

– Eu estou virando uma chata, não estou?

– ...*virando*...?

Ela olhou de canto para gato, que ria baixo, e bateu as cinzas na direção dele.

– ...*isto tudo é novo para você. não deve ser fácil*...

Ela tragou mais forte e soltou a fumaça pelas narinas.

– Não é para ser fácil. Mas eu consigo, Senhor Simpático.

– ...*sem dúvida. e estou com você até o fim*...

– Mesmo?

– ...*mesmo*...

Mia permaneceu acordada, observando a cigarrilha queimar lentamente até sumir. Sentada no escuro com seus pensamentos. Senhor Simpático tinha razão; o objetivo tinha que ser a iniciação. Todo o resto era palha e aporrinhção. Ela não era mestre nos bolsos como Ash e Jessamine. E os treinos com Tric não estavam melhorando as suas habilidades com a espada como deveriam. Mas a sua única rival em venenos era Carlotta, e a sua atual fraqueza na Sala das Canções era algo que ela podia explorar. Como Sr. Simpático e Mercurio tinham dito, o fato de ser subestimada era uma arma que ela podia usar em seu favor.

Hora de começar a concentrar as minhas apostas.

Com a cigarrilha apagada, ela permaneceu deitada de costas, grata porque a fumaça tinha matado o que restava de Tric na sua pele. *A única vez*, ela disse a si mesma. *Apenas para afastar os sonhos*. Os pensamentos dela ficaram mais lentos à medida que o cansaço finalmente a dominou, à medida que o sono a envolveu em braços delicados. Os cílios tamborilaram de leve contra as bochechas, e ela enfim dormiu.

O não-gato ficou ao lado dela, à espera dos pesadelos que a viriam visitar.

Sempre vigilante.

Sempre faminto.

Ele não precisou esperar muito.

Antes do desjejum, Mia levantou e saiu às escondidas do quarto. Passou pelos aposentos dos acólitos e avançou por dentro da Montanha. Depois de consultar educadamente uma figura vestida de preto que passava, ela foi conduzida por escadarias tortuosas até uma câmara que nunca tinha visto. Cheiro de pó e feno, camelo e merda. Ao dar um passo para dentro de uma grande caverna escavada nas entranhas da Montanha, ela percebeu onde estava.

– Estábulos...

A caverna tinha pelo menos uns quinze metros de altura, e grandes baias de madeira continham duas dúzias de fungantes e bufantes máquinas de cuspir. Mia viu Mãos descarregando uma caravana recém-chegada, dando água aos animais que tinham acabado de chegar da areia. As carroças tinham altas pilhas de provisões vindas de Última Esperança e além. E entre as Mãos cobertas de poeira vermelho-deserto, Mia viu um rosto coberto por um véu de seda. Cachos loiros avermelhados. Olhos escuros e brilhantes.

– Naev!

A Mão voltou-se, sorrindo com os olhos.

– Amiga Mia.

Mia lhe deu um abraço, que foi retribuído com carinho. Ela podia sentir o cheiro do suor na pele da mulher, da sujeira e do pó de uma longa estrada.

– Desculpe a intrusão – disse Mia. – Sei que deve estar cansada. Quando perguntei por você, nem sabia se já tinha voltado de Última Esperança.

– Naev acabou de chegar – disse a mulher, acenando com a cabeça. – Está tudo bem?

– Na medida do possível – respondeu Mia, acenando de volta. – Você está ocupada?

– Um pouco. Mas Naev pode tirar um instante para ela.

A mulher levou Mia a uma alcova escurecida. Naev esperou, enquanto os gritos e os grunhidos dos camelos soavam ao fundo. Mia percebeu que a amiga estava com pressa, e decidiu, apesar da primeira regra de ouro da Shahiid

Aalea, que pular as preliminares talvez fosse o melhor naquela situação.

– Quando cruzamos Lâminas nas Ruínas Sussurrantes – começou Mia –, antes de eu invocar a Escuridão, pelo menos... você estava levando a melhor. Se eu tivesse lutado limpo, você teria me superado.

Naev fez que sim. Sem arrogância na voz, apenas pragmatismo.

– Ela luta o estilo Orlani. Um pouco de Caravaggio. Bem hábil. Mas o manejo das lâminas tem muitas faces, e parece que ela conhece de verdade apenas uma.

– E você conhece muitas?

Os olhos da mulher cintilaram.

– Naev conhece todos.

– Talvez você possa me ajudar, então?

– Do que ela precisa?

– Depende.

– De?

– Da sua capacidade de guardar segredos.

76 Construída por ordem do cônsul Julius Scaeva, a Ponte das Loucuras é feita inteiramente de embarcações – navios, barcos e balsas – atadas umas nas pontas das outras por correntes enferrujadas. Uma cláusula da constituição de Itreya determina que os cônsules só podem cumprir um mandato, de quase três anos seguidos. Por isso, quando Scaeva abriu um precedente durante a Rebelião Faz-Rei e concorreu à reeleição, reivindicando poderes emergenciais nos tempos de crise da República, seu mais franco rival político, o senador Suetonius Arlani, teria dito: “Scaeva tem mais chance de caminhar sobre as águas da Baía dos Açougueiros do que ir adiante com essa loucura”.

Quando Scaeva venceu com um apoio avassalador jamais visto, comprou todas as embarcações que conseguiu encontrar, fez com que fossem acorrentadas umas às outras para formar uma ponte improvisada, e atravessou a baía de pés descalços. Chamada de Ponte das Loucuras por causa do comentário de Arlani, o trecho tornou-se um marco em Godsgrave desde então, lar para uma variada multidão de vagabundos, miseráveis e excluídos, que conseguiam assim uma vida livre de aluguel no monumento de triunfo do cônsul. Scaeva não parece se incomodar muito com isso.

Já o senador Arlani foi condenado à prisão perpétua na Pedra Filosofal poucas semanas depois da vitória do cônsul nas eleições. As circunstâncias do seu encarceramento não tinham qualquer relação com as suas declarações públicas, eu lhe garanto.

77 Cães-sarnentos são carnívoros vorazes do continente Iisio que parecem caninos gordos e sem pelos com olhos suínos e dentes de navalha. O cão-sarnento é um predador incrivelmente letal em curtas distâncias, mas não tem resistência para perseguir presas por longas distâncias. Costuma alimentar-se de carniça, mas também desenvolveu um método peculiar de “caça”.

A criatura abre uma ferida superficial em si mesma, mastigando o próprio lombo até sangrar. O cão-sarnento então finge uma ferida mais profunda, começa a mancar e sangra até ser visto por comedores de

carniça, como abutres, chacais e mesmo outros cães-sarnentos. Então ele se joga no chão e se faz de morto. Esse subterfúgio pode durar horas, às vezes até viragens.

Essas feras são atores talentosos, e chegam a ficar imóveis enquanto outro carnívoro lhes dá uma mordida cuidadosa. Mas quando o carniceiro se anima a comer de verdade, o cão-sarnento ataca, despedaçando o predador em potencial e banquetecendo-se com o coração dele.

Por causa dessa estratégia, as criaturas estão quase sempre cobertas de cascas de ferida, e por isso parecem ter sarna. Daí o nome.

E caso você esteja se perguntando se eles podem ser animais de estimação, a resposta, nobre amigo, é não, não podem.

Capítulo 23

MUDANÇA

Semanas passaram-se na Montanha Silenciosa, e muitas delas não foram nada tranquilas.

A Sala das Canções reverberava ao som de metal contra metal. Do assovio agudo de cordas de arco e do ruído seco das facas lançadas. Embora tivesse se mostrado boa de tiro com balestra, Mia ainda apanhava em quase toda aula. Depois do último embate das duas, ela notou que Jessamine sempre usava a Trindade por baixo da túnica, e aquela ameaça pendia entre elas como uma faca. E embora Jess não falhasse uma viragem em deixar Mia estatelada no chão, a garota guardou a raiva debaixo de sete chaves. Concentrou-se no treino. Deixou as mesquinhas para os mesquinhos. Aparentemente entediada pelo sangue de barata de Mia, a ruiva voltou as atenções para Carlotta, que reagia com as respostas secas e o olhar frios habituais.

Jessamine, contudo, não foi a única a notar a nova postura de Mia.

A aula da manhã era de Verdades. Mia entrou na sala despreocupada, ao lado de Ash e Lotti, mas logo notou que as grandes bancadas de pau-ferro tinham sido empurradas para as paredes do fundo, e também que boa parte do equipamento de arquemia tinha sido guardado. Mataranhas estava no centro da sala, com bolsinhas de cores diferentes nas mãos.

– Acólitos – chamou a shahiid, acenando com a cabeça. – Por favor, fiquem atrás de mim.

O grupo obedeceu, formando um semicírculo às costas da shahiid.

– Passamos os últimos meses estudando a criação e a aplicação de toxinas arquêmicas. Mas a arquemia não é apenas produção de venenos e pode ajudá-los na sua vocação mais do que como um mero instrumento de morte.

Mataranhas enfiou a mão dentro da bolsinha de couro preto e tirou um pequeno globo, não maior que a unha do seu polegar. Era perfeitamente liso, polido a um brilho extremo.

– Vidro-falso – ela explicou. – Vapores arquêmicos, mantidos em estado sólido por um processo que eu mesma criei. Um abalo físico agudo perturba o processo e restaura o composto ao seu estado gasoso, mas, diferentemente de outras armas mais grosseiras baseadas em vapor, o vidro-falso não deixa vestígios. Nada de estilhaços nem pinos para dizer que vocês estiveram num lugar. O próprio vidro é o composto.

A shahiid pediu aos acólitos que passassem o globo de mão em mão. Era mais pesado do que Mia esperava, e frio ao toque.

– Desenvolvi uma série de variantes – contou Mataranhas. – O primeiro é o ônix.

A shahiid lançou um punhado de globos pretos no chão. Eles estouraram com uma dezena de pequenos estalos e, em questão de segundos, uma nuvem espessa de fumaça agitou-se e cresceu a partir do chão. Era oleosa, pesada como a neblina, e negra como a noite sobre o Altar Celeste.

– É útil para criar distrações e realizar manobras defensivas.

Mataranhas enfiou a mão na outra bolsa, pegou três vidros-falsos brancos, e os jogou contra a parede ao fundo da sala. De novo, os globos explodiram em fumaça, que começou a descer devagar até o chão. Mia teve dificuldade para crer que tanto vapor pudesse ser condensado numa coisa tão pequena.

– Pérola é a cor das toxinas. Geralmente sedativos, como Desmaio, embora eu tenha produzido variantes mais letais a partir de aspira. E por fim... – A shahiid pegou um globo de vidro-falso vermelho e abriu um sorriso incomum. – Rubi. O meu favorito.

Mataranhas lançou o globo contra outra parede e, com um estouro crepitante, uma esfera de fogo branco se abriu contra a pedra. Os acólitos se encolheram, olhos arregalados, observando o pedaço de granito do tamanho de um punho que caiu da parede.

– Capaz de perfurar uma armadura e pulverizar a carne dentro dela.

Mataranhas entregou globos de vidros-falsos de ônix aos acólitos e apontou para a parede do fundo.

– Agora é a sua vez de tentar.

Trocando sorrisos, os acólitos deram um passo à frente e começaram a

atirar os vidros-falsos contra a pedra. Dezenas de pequenos estalos ecoaram e fumaça preta começou a subir na outra ponta da sala. Mataranhas deu um globo rubi para Shiu e Tric, os lábios pretos se contorcendo com as explosões brilhantes que rasgavam o ar. Assim que a fumaça se desfez, os acólitos sentaram-se às bancadas e Mataranhas se virou para a lousa e começou a explicar as propriedades básicas do vidro-falso.

Mia anotava loucamente quando Ash sussurrou em seu ouvido.

– Uma pergunta.

– Não é aquela sobre a origem dos bebês, é? – murmurou Mia. – Porque acho que a nossa amizade ainda não chegou a esse ponto.

– Por que você está engolindo os sapos da ruiva?

Mia fez uma pausa nas anotações e levantou os olhos.

– Não estou engolindo sapo nenhum – ela cochichou.

– Ela te bate na aula de Canções como se você fosse um boneco de treino. Ontem quase te derrubou no Altar Celeste, e quando começou a te xingar, você simplesmente deu as costas.

Mia olhou para Jessamine, que trabalhava ao lado de Diamo do outro lado da sala. A ruiva disparou um sorriso tão tóxico quanto qualquer coisa que Mataranhas já tivesse preparado.

– Você não é assim, Corvere.

– Não é nada.

– Besteira.

Mia deu uma olhada em Mataranhas, que ainda escrevia na lousa.

– Ela...

Mia mordeu os lábios. Olhou para Ashlinn. Não gostava de pedir ajuda. Não gostava de precisar de ninguém. Mas Ash era decente, apesar do hábito de surrupiar qualquer coisa que não estivesse aparafusada ao chão. E não era como se ela estivesse choramingando com o Ministério...

– Ela roubou a Trindade.

Ash piscou, confusa.

– Da sala de Mouser – sussurrou Mia. – O medalhão que me fez vomitar até as tripas quando ele se vestiu de sacerdote.

Ash arqueou uma sobrancelha.

– Você me disse que tinha passado mal por causa de um arenque estragado, Corvere.

– É, bom, foi legal da sua parte fingir que acreditou.

A loira olhou para Jessamine com a cara fechada.

– Então foi a Trindade que te abalou daquele jeito?

Mia baixou ainda mais a voz.

– Não sei direito por quê. Acho que tem a ver com o fato de eu ser sombria. Jessamine usou o medalhão contra mim na Sala das Canções. Eu achei que fosse morrer.

Ash reparou na corrente de ouro, quase escondida pela camisa, ao redor do pescoço de Jessamine.

– Essa vadia traiçoeir...

Um globo de vidro-falso ônix explodiu na bancada delas. Ambas as garotas foram consumidas por uma nuvem espessa e efervescente de fumaça preta, e Ash caiu de costas do banco. O resto dos acólitos gargalhava enquanto as garotas tossiam e pigarreavam, agitando as mãos para limpar o ar. Quando a fumaça dissipou-se devagar, Mia viu-se sob o olhar afiado de Mataranhas.

– Acólita Ashlinn. Acólita Mia. Vocês têm alguma contribuição a fazer para a aula?

– Não, shahiid – balbuciou Mia.

– Então acham que cacarejar que nem duas galinhas vai me ajudar a ensinar alguma coisa?

– Não, shahiid – Ash respondeu com a sua melhor cara de cachorro pidão.⁷⁸

– Então agradeço se ouvirem em silêncio. O próximo globo que eu jogar vai ser de cor diferente.

Mataranhas mostrou a bolsa de vidro-falso rubi e correu os olhos pelos outros acólitos. Cada um voltou a anotar com um ardor que faria um escriba férreo passar vergonha. O silêncio reinou pelo resto da aula. Mas, quando esta acabou, Ash encarou Jessamine intensamente.

Estalou os dedos.

E piscou para Mia.

Duas viragens depois, um pouco depois da virada, Mia trabalhava na fórmula de Mataranhas. Ao fim de todas as viragens, ela se debruçava sobre suas anotações e tentava desfazer o nó daquele enigma. Parecia impossível: todo antídoto para um componente parecia aumentar a eficácia de outro. Mas resolver a charada era a melhor chance que Mia tinha de terminar em primeiro lugar na classe, e enfurnar-se no quarto reduzia as suas chances de topar com Jessamine. O ar já estava pesado de palavrões, e a garota pensava seriamente em botar fogo nas suas anotações quando ouviu uma gazua tentar abrir a sua porta.

– Pelos dentes da Fauce, será que ela não pode apenas bater?

A garota libertou-se da pilha emaranhada de fórmulas de veneno e foi de mansinho até a porta, abrindo-a com tudo e deparando com Ashlinn agachada do outro lado.

– Os nós dos seus dedos não funcionam ou coisa assim? – indagou Mia.

Ash mostrou os nós com as duas mãos e os agitou no rosto dela.

– Hilário – sorriu Mia. – O que você quer?

– Não é o que eu quero – Ash se endireitou com uma piscadela. – É o que eu posso te dar.

– E o que é?

– A Trindade de Jessamine.

Ash soltou um gemido quando Mia a agarrou pelo colarinho, arrastou-a para dentro e fechou a porta.

– Pelos dentes da Fauce, respire, Corvere...

– Você roubou? – Mia perguntou por entre dentes cerrados.

– Ainda não – disse Ash, com os olhos sobre a pilha de folhas que cobriam a cama de Mia. – Mas estou prestes a roubar, se você quiser fazer uma coisa útil com o seu tempo.

– Ela nunca tira o medalhão, Ash. Já a vi usar até na porra do banho.

– Por falar nisso, não pude deixar de notar as marcas de mordidas na parte interna das suas coxas umas viragens atrás...

Mia franziu a testa.

– Você fica conferindo as minhas coxas no banho?

Ash deu de ombros.

– Olhar não tira pedaço.

– Veredicto?

– Já vi melhores.

Mia levantou os nós na cara da amiga.

– Ah, viu, os meus também funcionam.

– Claro, claro, muito bem. – Ash revirou os olhos. – O negócio é que ela tira o medalhão, sim. Ela precisa tirar quando faz a Caminhada de Sangue, porque ele é feito de... me ajude a lembrar...

– Metal – completou Mia.

– Irra! Ela até sabe alguma coisa!

– Foda-se.

– Um aviso de amiga, não curto muito morder...

– Ash, eu juro pela Mãe...

– *Não importa* – interrompeu Ash. – Acontece que eu sei que Jessamine e algumas das outras acabaram de partir para mais uma rodada de Espremer Segredos em Godsgrove. Assim, neste exato segundo, todos os pertences dela estão bem ali nos nichos perto da piscina de Adonai.

– Você quer roubar a Trindade dos aposentos do orador?

Ashlinn respondeu apenas com um sorriso largo.

– Jessamine vai saber que sumiu logo que voltar – apontou Mia. – E ela precisaria ser especialmente burra para não chegar à conclusão de que fui *eu* quem pegou.

Das calças, Ashlinn tirou três círculos de ouro numa corrente brilhante.

– Jessamine não vai saber de coisa nenhuma, Corvere.

Mia olhou fixamente para o medalhão, girando e brilhando à luz baça. Outra Trindade. Com exceção do metal precioso de que era feita, suficiente para comprar uma casa pequena numa das áreas mais cobiçadas de Godsgrove, parecia perfeitamente comum. Mia não se sentiu nem um pouco enjoada na sua presença. Era óbvio que não tinha sido abençoado por algum crente de Aa.

Mas ainda assim, só de ver...

– Onde você arranhou isso?

– Nas roupas de Mouser. Ele tem uma estranha paixão por roupas de sacerdote. Também encontrei umas roupas íntimas femininas na coleção dele.

– Ash deu de ombros e voltou a guardar a trindade no bolso da calça. – E então? Vai aprontar comigo, ou tem um compromisso com Tric na esperança de ganhar mais algumas mordidas?

Mia abriu a boca para começar a negar, mas Ashlinn levantou uma sobrancelha e disse para a amiga não se dar ao trabalho. Assim, com um suspiro, Mia abriu a porta e apontou para o corredor do outro lado.

– Esse é o espírito – disse Ash com um sorriso largo.

O fedor de sangue ficava mais pesado, e o ar ainda mais, conforme as garotas avançavam para o fundo da Montanha. Senhor Simpático, como sempre, engolia os medos de Mia, mas a parte sensata do cérebro da garota ainda gritava que aquilo era uma ideia extraordinariamente imbecil.

– Isso é extraordinariamente imbecil, Ash.

– É você quem diz. Com essa vez já são vinte.

– Você se lembra do que Marielle fez com Shiu?

– Pelos dentes da Fauce, Corvere. Quando meu pai foi torturado nas Torres Talhadas de Elai, teve as bolas arrancadas e atirada aos cães-sarnentos. Então qual é a sua desculpa?

– Para o quê?

– Hmm, para a sua completa falta de peito?

Mia apontou para os seios.

– Hmm, você vê isto, não vê?

– Certo, certo – resmungou Ash. – Analogia ruim.

Elas chegaram ao andar onde ficavam os aposentos de Adonai. Mia tomou a mão de Ash e, assim como tinha feito com Tric no ateneu, tocou a escuridão ao redor delas. Uma escuridão que jamais conhecera o toque dos sóis. Ela era capaz de sentir o poder dela. O próprio poder. Tecendo o breu com os dedos,

ela cobriu a si mesma e a amiga com o manto de sombras, e elas sumiram de vista como fumaça à brisa.

– Eu não enxergo porra nenhuma debaixo disso – Ash reclamou entre dentes cerrados.

– Eu te falei que ser sombrio não era nada de impressionante. Apenas fique perto de mim.

A dupla esgueirou-se devagar pelo corredor, apenas com tênues pontos de luz arquêmica como guia. Mas, no fim, atraídas pelo fedor pesado de cobre, encontraram a câmara de Adonai. Paradas sob o limiar da entrada, Mia e Ash apertaram os olhos para ver o que havia lá dentro. Adonai estava de joelhos na cabeça da piscina, olhando para o sangue, a pele coberta de glifos escarlates. Como sempre, o orador permaneceria de vigília até cada acólito retornar de Godsgrave.

Aalea tinha explicado que algumas gotas do sangue de Adonai eram acrescentadas nas piscinas no Porqueiro e nas outras capelas da Igreja Vermelha. Através desse sangue, o orador era capaz de *sentir* quando alguém entrava na piscina, e se quisesse, permitir a Caminhada de retorno. Ele era como uma aranha no centro de uma teia vasta e escarlate cujas linhas eram o seu próprio sangue. Mia ainda ficava impressionada com aquilo tudo: perto de Adonai, seus truques de salão com sombras pareciam mesmo um tipo sofrível de mágica. Se o cônsul Scaeva e os luminatii descobrissem que a Igreja Vermelha tinha esse tipo de poder...

– Muito bem – sussurrou Ash. – O plano é o seguinte. Você vai lá e o distrai. Enquanto ele estiver deslumbrado com você, eu vou até os nichos e pego a Trindade.

– Deslumbrado comigo? – sibilou Mia. – E como eu faço isso?

– Não sei, você é a sensual aqui. Use as suas manhas.

Mia engasgou por um instante, como se tivesse perdido a capacidade de falar.

– Pelos Dentes da Fauce, Ash. “Usar as minhas manhas”? *Esse* é o seu plano?

– Bom, sei lá. Você estuda com Aalea há mais tempo que qualquer uma de

nós. Use aquele andar rebolado de que tanto gosta. Ponha as crianças pra fora ou coisa assim.

– Pôr as...

Mia abriu e fechou a boca por um tempo, atônita.

– Use as suas palavras – suspirou Ash.

– Aqui vão as minhas palavras – Mia enfim conseguiu dizer. – Por que *you* não distrai Adonai, e *eu*, a garota que, vale destacar, está nos deixando *quase invisíveis* nesta merda, vou lá pegar a Trindade?

– E como você vai tocar o medalhão sem vomitar que nem uma fonte, ó, invisível?

Mia abriu a boca para rebater. Fechou de novo. Suspirou.

– Boa pergunta.

Ash fez que sim com a cabeça, esperando.

– Bom, então vá lá.

Mia revirou os olhos e tirou o manto de sombras.

– Certo.

Ela se levantou, bateu na parede e entrou na câmara de Adonai.

– Orador?

Adonai não abriu os olhos e respondeu como um homem num sonho:

– Boa virada, acólita. Vais à cidade? A Shahiid Aalea não avisou.

– Não. Desculpe-me. – Mia entrou na câmara, procurando desesperadamente algum artifício. – Eu... gostaria de falar com você.

– E do que deseja falar? Diz, por favor.

Os olhos de Mia percorreram os mapas gravados nas paredes. As ilhas partidas de Godsgrave. A fortaleza obsidiana de Carrion Hall. O porto de Farrow. Glifos tinham sido escritos em sangue entre os relevos, e o sangue se movia e se turvava se ela olhava demais para eles. Daquela sala, a Igreja Vermelha era capaz de tocar qualquer cidade da República.

Seus olhos pousaram sobre um mapa que ela não reconhecia, quase escondido nas sombras agitadas. Uma metrópole grandiosa, maior do que Godsgrave, com limites e ruas diferentes de tudo que ela tinha visto antes.

– Onde fica? – ela perguntou. – Nunca vi.

– Nem verás.

Mia olhou para Adonai com a dúvida estampada no rosto. Deixou o silêncio falar, como Aalea lhe tinha ensinado. Mas Adonai ainda não tinha aberto os olhos, e os lábios estavam torcidos naquele sorriso belo e indolente. O orador, aparentemente, conhecia as artes de Aalea também.

– Pode dizer por que não? – Mia perguntou, afinal.

– Não existe mais – respondeu Adonai.

– Qual era o nome dela?

– Ur Shuum.

– É ashkahi – disse Mia. – Significa *Primeira Cidade*.

Adonai suspirou, irradiando tédio.

– Não estás aqui para aulas de geografia, pequena sombria. Diz a que veio e sai, antes que minha fome vença minha paciência.

Mia engoliu o nojo ao pensar de onde Adonai tirava o sangue que bebia. Ela não ousava olhar para trás para ver se Ashlinn ainda estava na sala. Aproximando-se do orador, ela bloqueou a sua visão dos nichos – caso ele se desse ao trabalho de abrir os olhos. Ali de perto, ela conseguia enxergar-lhe as veias sob a pele branca, traçadas em azul-celeste. Observou o rosto anguloso e os cílios compridos e curvos e, ah, os dedos tão hábeis agitando-se pelo ar. Mia se perguntou se ele tinha nascido belo daquele jeito, ou se a irmã o tinha tecido. E foi então que ela deu com um assunto que podia servir de distração...

– Quero falar com você sobre Naev.

Os olhos de Adonai se abriram. A parte branca coberta por uma fina película escarlate, a íris rosa-brilhante. Bem devagar, o orador virou a cabeça e pousou os olhos em Mia. A garota sentiu o olhar como um peso de chumbo. Estava presa como uma mosca na teia escarlate dele.

– Naev – repetiu Adonai.

O ar ficou mais pesado; as ondas na piscina de sangue ficaram um pouco mais agitadas. Pela primeira vez, Mia percebeu que Adonai parecia não piscar.

– Eu salvei a vida dela nas Ruínas Sussurrantes.

– Disso eu sei, acólita.

– Vi o rosto dela. O que Marielle fez com ela. Não é certo, Adonai.

– Não és a melhor pessoa para falar de certo e errado, matadorazinha.

– Perdão?

– Não peças perdão a mim – sorriu Adonai. – Não foi meu corpo que mutilaste para comprar teu banco ao redor deste altar, foi?

Mia tensionou a mandíbula.

– O homem que matei para estar aqui era um assassino também. Matou centenas de pessoas. Talvez milhares. Ele enforcou o meu pai. Mereceu a morte que lhe dei. Cada centímetro dela.

– E os outros?

Mia piscou, surpresa.

– Outros?

Adonai pôs-se de pé, preguiçoso, lânguido. Aproximou-se tanto de Mia que ela pôde sentir o calor da pele dele. Inclinou-se, a franja branca como ossos roçando na testa dela. Lábios que imploravam para serem beijados a centímetros dos dela, úmidos de sangue. Por um momento desconcertante, ela pensou que ele estava prestes a fazer precisamente isso, e sentiu o pulso disparar e um frio na barriga. Mas em vez de beijá-la, ele inalou, respirando fundo, as pálpebras vibrando e se fechando. E ao falar, sorriu.

– Consigo cheirar o sangue deles em você, pequena sombria.

Mia se forçou a não tremer. Nem recuar.

– Sua irmã te dá ouvidos, Adonai – ela disse. – Ela te ama.

– E eu a amo. Como a Luz ama a Escuridão.

– Mas Naev também te ama. Ela não merece sofrer por isso.

O orador pôs o dedo no queixo dela. Inclinou a cabeça dela para trás de leve. Mia imaginou aqueles lábios rubis acariciando a sua pele, os dentes beliscando a sua garganta. Ela conteve um calafrio. Respirar ficava mais difícil a cada instante.

– Nunca provei alguém do seu tipo antes... – ele sussurrou.

Os lábios dele se torceram em mais um sorriso doce como o mel. Mas olhando nos olhos dele, Mia se deu conta de que não havia nada por trás. Tudo

aquilo era apenas um jogo para ele, e ela, apenas uma distração temporária. A beleza dele não ia além da superfície, a vaidade vazava-lhe dos ossos, e ele era tão corrompido e podre por dentro quanto a irmã o era por fora. E embora Naev pudesse tê-lo amado – mesmo que Mia não conseguisse entender como alguma mulher seria capaz disso –, ela percebeu que, afora Marielle, Adonai não amava ninguém além de si mesmo.

Delicadamente, Mia afastou a mão dele.

– Agradeceria que não me tocasse, orador.

Adonai alargou o sorriso.

– Mas acaso agradecer-me-ias também se eu a tocasse?

Será?

As sombras aos pés de Mia tremeram ao mesmo tempo que o sangue na piscina agitou-se ainda mais. Seus olhos estreitaram-se, seus dentes cerraram-se. E bem quando o calor na sala tinha se tornado insuportável, bem quando a piscina começou espirrar e transbordar, Mia ouviu a voz de Ashlinn:

– Pelos dentes da Fauce, *aí* está você.

Mia se afastou do orador e viu Ashlinn à porta.

– Eu te procurei por toda parte, Corvere. Era para a gente estar estudando para a aula da Mataranhas. – Ash entrou na câmara e curvou-se baixo. – Perdão, orador. Posso pegar de volta a minha colega tão culta? Ela se esqueceria da própria sombra se não estivesse grudada nos pés.

O sorriso de Adonai murchou como folhas no inverno.

– Ela pode ir aonde quiser – ele suspirou. – Não me importa.

Adonai voltou a ajoelhar-se, os olhos de novo na piscina. Dispensou Mia sem uma palavra sequer. Ash a agarrou pela mão e a arrastou para fora. Foi puxando-a pelo corredor e só parou quando estavam longe demais para serem vistas ou ouvidas pelo orador.

– Sangue e abismo – suspirou Ash. – Por um segundo, pensei que ele ia mesmo tentar te dar uns amassos.

– Bom, você não me mandou *distrái-lo*? – disse Mia. – Agora, me diga que deu certo.

Ash enfiou a mão na calça e esticou um trecho de corrente dourada. Mia viu

o brilho e estremeceu como se tivesse sido queimada, levando a mão aos olhos.

– Pelos dentes da Fauce, ponha isso de novo dentro da calça.

– Você realmente deixa a porta aberta para mim, não deixa?

Ash socou o medalhão de volta na calça e deu um tapinha no ombro de Mia. A garota abriu os olhos com cuidado, relaxando assim que notou que a Trindade havia sumido.

– Você trocou pelo outro?

Ash confirmou com a cabeça.

– Jess nunca vai saber. Quer dizer, até ela vir com esse truque pra cima de você de novo. Esse vai ser o sinal para você lhe dar um chute na perseguida. – Ash deu um tapinha no traje de couro. – E eu cuido disso. Vou colocar num lugar em que *ninguém* vai pôr as mãos nele de novo.

– O crime perfeito – sorriu Mia.

– Se fosse perfeito, eu sairia ao menos com uma fatia do bolo no final.

– Ainda não soaram as nove badaladas – disse Mia, oferecendo o braço. – A cozinha ainda está aberta?

– Viu, eu sabia que tinha um motivo para gostar de você, Corvere.

De braços dados, as garotas saíram caminhando pela noite.

78 A melhor cara de cachorro pidão de Ashlinn era capaz de fazer um cachorro pidão legítimo largar o emprego, fazer as malas e se mudar para um lugar mais tranquilo para criar frangos.

Capítulo 24

ATRITO

As viragens foram passando.

Como esperado, Ashlinn ainda liderava o torneio de Mouser, embora Shiu diminuísse cada vez mais a distância entre ela e o seu segundo lugar. Diante daquela competição acirrada, Mia agradecia à amiga por ter tirado um tempo para ajudá-la a roubar algo que não contaria na pontuação oficial. Os acólitos estavam ficando mais ousados, e itens mais complicados da lista já estavam sendo surrupiados, não apenas quinquilharias simples. Ainda assim, se Mia gostasse de jogar, teria apostado toda a sua fortuna na primeira colocação de Ash em Bolsos.

Claro que, se Mia tivesse *mesmo* uma fortuna, Ash já a teria roubado àquela altura, amiga ou não...

As aulas de Mouser tinham começado a ficar tão ecléticas e excêntricas quanto o próprio shahiid. Ele dedicava várias horas por semana ao ensino do que chamava de Deslíngua,⁷⁹ e insistia em que todas as conversas na sua sala se dessem nesse idioma. Em outra aula, Mouser levou um tanque de madeira com rodinhas até a Sala dos Bolsos. Estava repleto de água suja, com um punhado de gazuas espalhadas no fundo. Em seguida, atou as mãos e os pés de cada acólito com algemas de chumbo e os empurrou lá dentro um por vez.

Em sua defesa, é preciso dizer que o shahiid pareceu bastante contente por ninguém ter se afogado.

As aulas na Sala das Máscaras ficaram mais sutis, e, na verdade, bem mais aprazíveis. Os acólitos ainda eram enviados regularmente a Godsgrave e Mia passou uma dúzia de quasinoites enfiada em diversas tavernas, exercitando a lábia e apertando as pessoas com bebidas e belos sorrisos. Chegou a ter dois membros jovens e até atraentes dos administratii na palma da mão, e entreouveu uma fofoca gorda num bordel das docas sobre um golpe violento entre os braavi locais. Aalea aceitou os novos segredos de Mia com um

sorriso e um beijo em cada bochecha. E se notou alguma mudança em Mia depois da quasinoite passada na cama de Tric, a shahiid educadamente absteve-se de comentar.

Nas viragens depois daquela quasinoite, Mia tinha resistido ao impulso de sorrir para o garoto durante o desjejum ou olhá-lo demais durante as aulas. No intuito de manter distância, tinha dito a ele que não queria mais aulas de Canção. Mia sabia que cultivar qualquer coisa com ele seria estupidez, e Tric, por sua vez, ao menos fingia compreender. Ainda assim, às vezes ela o flagrava observando-a pelo canto do olho. Às quasinoites, sozinha no quarto, ela enfiava a mão por entre as pernas e tentava não imaginar o rosto dele. Dava certo, às vezes.

À medida que o tempo passava e a iniciação se aproximava, os testes ficaram mais intensos. Mia tinha sua vingança contra Scaeva e seus cães para a manter focada nas aulas, mas todos os acólitos sabiam o que estava em jogo. Mais um deles tinha sido morto desde o baile de máscaras de Grande Partilha; um garoto chamado Leonis, que teve a garganta esmagada por um golpe que errou o alvo na Sala das Canções e morreu sufocado antes que pudessem chamar Marielle.

Dos vinte e nove acólitos que iniciaram o treinamento, apenas quinze permaneciam. Então veio o incidente que ficaria conhecido como “a Manhã Azul”.

Começou como as crises costumavam começar, com o sussurro já conhecido de Sr. Simpático.

– ...*cuidado*...

Mia abriu os olhos e sacou a adaga, desperta de imediato. Ela conseguia ouvir um chiado fraco. Ao olhar para cima, notou que uma das pedras do teto tinha sido deslocada e um fino vapor escoava para o seu dormitório. Dançava no ar como a fumaça de uma cigarrilha, lenta e vagamente azul.

– Que merda.

– ...*mia*...

Ela olhou por cima do ombro, viu mais do vapor azulado entrando aos poucos. O fluxo ia engrossando, o ar enevoando. Mia sentia um travo amargo

no fundo da língua. Os olhos começavam a arder. Pelo menos os sintomas ela conhecia de cor.

– Aspira... – ela murmurou.

– ...*mais um teste*...

– E eu tinha planos de dormir até mais tarde.

Ela pegou uma camisa do chão, encharcou com a água do criado-mudo e a enrolou no rosto. Aspira induzia à morte por asfixia lenta. Era mais pesado do que o ar, e não inflamável na forma gasosa. Mia conhecia bem o antídoto, embora não tivesse nenhum dos componentes para prepará-lo. Mas um pano úmido sobre a boca manteria o vapor sob controle pelo menos por alguns minutos; tempo suficiente para pensar em como escapar.

Os olhos dela examinaram o quarto enquanto a mente disparava.

A chave não se movia, e se jogar contra a porta só resultou num vergão no ombro. As dobradiças eram fixadas com pregos de ferro; ela era capaz de arrancá-los, mas isso levaria *tempo*, e exposição ao veneno por mais do que alguns minutos resultaria numa celebração silenciosa no Salão dos Elogios e numa tumba sem lápide.

Ela apertou a bochecha no chão e espiou por baixo da porta. Conseguiu ouvir tosses. O som de objetos pesados sendo arremessados contra madeira. Gritos vagos. Ar fresco e limpo entrava pelo vão juntamente com os sons do pânico crescente. Se os acólitos falhassem em escapar dos quartos, cada um deles morreria.

– Dentes da Fauce, eles não estão mais de brincadeira – ela disse entre dentes cerrados.

– ...*a pressão só vai aumentar daqui até a iniciação*...

Mia tomou fôlego.

– Pressão – ela murmurou.

Ela pegou uma garrafa de uísque do criado-mudo e despejou na pele felpuda que cobria a cama. Depois sacou as cigarrilhas, bateu as pederneiras e encostou a brasa na cama, recuando logo em seguida. Com um *voosh* seco, o vinho d'ouro explodiu em chamas. Mia se agachou perto da porta, observando o fogo se alastrar e sua cama começar a queimar alegremente.

– ...isso é meio metafórico até...

A temperatura subiu, ar quente e fumaça e vapor de aspira esquentando nas chamas e sendo sugados de novo pelo buraco no teto. Mia pegou uma das dezenas de facas espalhadas pelo quarto e a enfiou no primeiro prego que prendia as dobradiças da porta.

A cama já era uma bola de chamas brilhantes e crepitantes a essa altura. A fumaça subia pelo telhado junto com o aspira, mas os olhos de Mia ainda lacrimejavam e a garganta ainda ardia. Um por um, ela soltou os pregos, que caíam no chão com uns *plócs* secos e metálicos. Por fim, soltou tantos pregos que a porta mal se mantinha de pé, e algumas voadoras arreventaram as últimas âncoras e a mandaram para o corredor.

Mia escapou trôpega, tossindo e piscando para conter as lágrimas. Mataranhas e Mouser estavam de pé no fim do corredor. O Shahiid dos Bolsos ticava nomes num caderninho de capa de couro. A rígida Shahiid das Verdades agraciou Mia com um sorriso.

– O desjejum será servido no Altar Celeste daqui a quinze minutos, acólita – disse.

Mia recuperou o fôlego, saindo de lado abrindo espaço, quando duas Mãos entraram no seu quarto para jogar água na cama. A garota viu que o quarto de Carlotta estava aberto, a fechadura estilhaçada feito vidro. A porta de Osrik era uma ruína carbonizada. Um tubo longo de pergaminho enrolado despontava pelo vão da porta de Shiu, emitindo o som de respiração firme pela boca. Quando Mia olhou para a porta de Ash, a fechadura aparentemente travada do quarto da garota se abriu de alguma maneira, e a garota saltou para o corredor enfiando no bolso a sua gazua e piscando.

– Boa viragem, Corvere – ela sorriu largo.

Os olhos de Mia encontraram a porta de Tric, e ela ficou aliviada ao ver que já estava escancarada. Deixando o fedor de aspira e a fumaça para trás, ela e Ash marcharam para o Altar Celeste e depararam com Tric e Osrik sentados à mesa com Carlotta. Tric estava de olho nas escadas, e sua expressão ficou visivelmente aliviada quando ele avistou Mia. Lotti estava debruçada sobre um livro de encadernação em couro, tomando notas e fazendo

perguntas para Osrik em voz baixa. O garoto estava inclinado para ela, irradiando um charme fácil, com os lábios curvados num belo sorriso.

Depois de pegar a comida, Ash e Mia se sentaram ao lado do trio. Uma olhada revelou a Mia que Carlotta trabalhava em algum tipo de veneno, embora estranhamente ele aparentasse não ter relação com a fórmula de Mataranhas. As anotações eram feitas em código – aparentemente alguma variação da sequência de Elberti misturada com alguns acréscimos pessoais.

É muita esperteza para uma ex-escrava.

– Bom, não me surpreende encontrar Lotti aqui primeiro. Se é veneno, ela sabe o que fazer – Ash comentou, virando-se então para Tric. – Mas, abismo, Triquinho, como você escapou tão rápido?

– Ah, que mulher de pouca fé.

– Deixa eu adivinhar... Você arrombou a porta com a cabeça?

– Não precisei – Tric respondeu, movendo as sobrancelhas. – Senti o cheiro de aspira antes que eles pudessem travar as fechaduras. Espichei a cabeça para o corredor para ver o que estava acontecendo e Mouser me xingou em Deslândia e me mandou subir para cá.

Ashlinn abriu um sorriso largo.

– Que nariz você tem, Triquinho.

Tric deu de ombros e olhou para Mia.

– Como você conseguiu?

Mia estava observando a escada. Mais acólitos começavam a chegar ao Altar Celeste. Jessamine, Shiu, Diamo, Marcellus... mas ainda faltava meia dúzia de pessoas. Ash já fazia piadas com isso, mas lá embaixo, alguns daqueles seis provavelmente estavam morrendo. Gente que eles conheciam. Gente que...

Ela se deu conta de que os outros a olhavam com expectativa, aguardando os detalhes da sua fuga.

– Diferença de pressão – ela explicou. – O vapor quente sobe pelo buraco no teto. O vão embaixo da porta deixa entrar ar fresco. Simples convecção, esboçada por Micades já no décimo quarto...

A voz de Mia foi sumindo quando ela deparou com três olhares perdidos.

– Ela botou fogo na cama – Carlotta enfim explicou, sem tirar os olhos das anotações.

Ash olhou para Mia e depois Tric. Abriu a boca, mas Mia logo a cortou:

– Não. Diga. A. Porra. De. Uma. Palavra.

Com um sorriso malicioso, Ash voltou a comer.

Três viragens depois, Mia estava sentada sobre sua cama nova em folha; o cheiro de queimado da anterior ainda pairava levemente no ar. Mais um acólito tinha perecido durante a Manhã Azul – um sujeito calado chamado Tanith que, para dizer a verdade, nunca fora muito mestre das Verdades. Mais uma tumba sem lápide no Salão dos Elogios.

Outro acólito que jamais voltaria a ver os três sóis.

Mia estava rodeada de anotações, de novo trabalhando na fórmula de Mataranhas. Com uma cigarrilha pendendo dos lábios, debruçava-se sobre *Verdades arquêmicas* e a dúzia de livros que a shahiid tinha dado aos noviços. Mia era obrigada a admirar a beleza do enigma de Mataranhas – tentar resolvê-lo era como tentar encontrar uma única palha numa pilha de agulhas envenenadas. Mesmo assim, a garota se deleitava com a charada. Como aquela garotinha com sua caixa-segredo. A voz da mãe ainda ecoava na sua cabeça:

– *A beleza vem de berço, mas a inteligência é uma conquista.*

Não olhe.

– *...você vai perder o jantar, mia...*

– Sim, pai.

– *...o seu estômago parece roncar num dialeto ashkahi esquecido...*

Ela levantou os olhos das anotações; as fórmulas ainda dançavam no ar. Levou a mão até a barriga ruidosa. A resposta estava próxima, ela sabia. Mas ainda provocantemente fora de alcance.

– Muito bem. Isso pode esperar.

O Altar Celeste estava cheio de acólitos, e aromas de dar água na boca sopravam da cozinha agitada. Os shahiids não estavam presentes – sem dúvida ocupados em uma reunião de professores para debaterem o progresso dos

noviços –, mas Mãos em trajes pretos iam de um lado para o outro, servindo vinho e removendo talheres e pratos usados.

Depois de fazer uma pilha no prato com cordeiro assado e verduras no mel, Mia sentou ao lado de Ash e Carlotta e começou a enfiar a comida na boca sem pausa. Lotti continuava escrevendo no caderno. Ash contava de uma briga de bar que tinha visto quando as garotas estavam em Godsgrave à procura de segredos; alguns inconformados tinham falado contra o cônsul Scaeva e seus “poderes emergenciais” e depois foram atacados por meia dúzia de capangas braavi que aparentemente consideravam o governo do cônsul mais do que satisfatório.⁸⁰

– A cidade parece furiosa – Ash declarou com a boca cheia de cordeiro.

Mia concordou.

– Mais luminatii nas ruas do que já vi na vida.

– E mais bonitos que os soldados que estou acostumada a ver em Carrion Hall.

– Você só pensa naquilo, Järnheim.

A garota sorriu e balançou as sobrancelhas, enquanto o irmão a ignorou completamente. Mia olhou para Carlotta, ainda ocupada com as anotações.

– Como vai isso? – perguntou Mia.

– Devagar – murmurou a garota, examinando a página. – Sempre que acho que peguei o tigre pelo rabo, ele se vira e me morde. Mas estou perto. Bem perto, acho.

A barriga de Mia deu uma cambalhota. Se Lotti vencesse antes dela o torneio de Mataranhas...

– Você acha prudente trazer essas anotações para o jantar? – questionou Osrik.

– E por acaso eu devia deixar no quarto para a dona Mão-Leve pegar?

Carlotta arqueou uma sobrancelha para Ash. A garota tinha marcado dezenas de pontos no jogo de Mouser surrupiando objetos e joias de outros acólitos. Mia sabia que não era nada pessoal, mas fazia questão de ficar longe do alcance de Ash quando possível. Até Osrik se sentava fora do raio de ação dela na virada.

Ash tentou protestar com a boca cheia, quase se engasgou e por fim decidiu apenas mostrar os nós.

– Como eu dizia – Carlotta voltou a falar com Mia –, melhor mantê-los por per...

– *Cuidado!*

Com um palavrão e um estrondo, uma Mão que passava pela mesa tropeçou e caiu em cima de Carlotta e Mia, derrubando a bandeja de chumbo com tudo. Uma jarra cheia pela metade e pratos sujos despencaram sobre a mesa, fazendo cair uma enxurrada de vinho e restos de comida sobre as acólitas. Carlotta pegou as anotações já encharcadas, com a tinta escorrendo e borrando. Ela se desvencilhou do servo horrorizado, com as páginas ensopadas amarfanhadas no punho. Enquanto a Mão pedia desculpas, ela se levantou, os olhos cravados no itreyano alto que tinha derrubado o servo.

Diamo.

– Sinto muito – ele disse, ajudando a Mão a se levantar. – A culpa foi toda minha.

Carlotta encarou o garoto com seu olhar morto, sem nem piscar.

– Você fez de propósito – ela disse baixo.

– Foi acidente, mi dona, eu garanto.

Mia ouviu um riso baixo. Virando-se, viu Jessamine observando o incidente com um sorriso venenoso. Carlotta também ouviu o som e encarou Jess, que erguia o copo num brinde. Com os papéis encharcados na mão, Lotti caminhou tranquilamente até a ruiva.

– Minhas anotações estão arruinadas – ela informou.

– Espero que não sejam importantes – caçoou Jessamine. – Você não é burra a ponto de trazer os seus estudos de veneno para a mesa, é, escravinha?

A mão de Carlotta foi até a bochecha onde a marca arquêmica costumava ficar.

– Nenhum homem é meu dono – ela disse suavemente.

– *Eu* vou ser a sua dona se não se retirar, ratinha de biblioteca. Mataranhas não está aqui para te salvar. – Jess virou-se de novo à refeição com uma cara de desdém. – Agora, pegue as suas preciosas anotações e vá chorar em algum

canto antes que eu abra um furo novo em você.

O rosto de Diamo se partiu num sorriso convencido. Mia e Ashlinn se entreolharam, condoídas. Não era segredo que Jessamine era uma das favoritas de Solis e uma das acólitas mais habilidosas na Sala das Canções. Carlotta era estudiosa, mas não era páreo para Jess numa luta franca. A ruiva acabara de esfregar isso no nariz de Lotti, sabendo que a ex-escrava era inteligente e equilibrada demais para começar uma briga que não conseguiria ganhar.

Carlotta olhou para os acólitos ao redor.

Amassou as notas na mão.

– Tive uma ideia melhor do que fazer com elas – murmurou.

E, depois de retrair o punho, Lotti deu com tudo no queixo de Jessamine.

A ruiva caiu para trás na cadeira, um olhar de surpresa quase cômico no rosto. Lotti caiu por cima, batendo e cuspidando, com a habitual fachada estoica estilhaçada. Ela agarrou a garganta de Jessamine, bateu a cabeça dela contra a pedra e tentou fazer a garota *comer* os papéis encharcados. A dupla se debatia em meio a uma enxurrada de palavrões e páginas ensopadas. Jessamine acertou um cruzado no queixo de Carlotta, que por sua vez deu com as notas no nariz da ruiva. O estalo úmido fez Mia encolher-se.

Não havia shahiids presentes – ninguém para apartar a briga. Diamo pareceu chegar à mesma conclusão que Mia e Ash, e entrou no meio da pancadaria para separar Carlotta e Jessamine. Lotti se debatia e coiceava, cuspidando xingamentos tão pesados que até o marinheiro mais durão abandonaria a carreira para se tornar sacerdote férreo. Mas Jessamine estava insana de raiva, o rosto retorcido, nariz jorrando sangue e manchando os lábios e o queixo. Ela deu golpes no ar, tentando se soltar de Diamo, sem tirar os olhos de Carlotta.

– Você está morta, sua vadia! – esbravejou. – Ouviu? *Morta!*

– Solta ela! – Carlotta vociferou para Diamo. – Solta!

– Eu vou te enfiar o coração pela goela! Eu vou...

– BASTA!

O urro fez silenciar a massa fervilhante de acólitos, e todos os olhos se

viraram na direção do som. Mia viu o irmão de Ash, Osrik, de pé na mesa, com as bochechas vermelhas de raiva.

– Em nome da Fauce, qual é o problema de vocês duas? Somos discípulos de Niah, não braavi de merda. Estamos dentro da casa de uma *deusa*. Demonstrem um pouco de respeito, porra!

A bronca de Osrik apagou a pior parte do fogo de Carlotta. Mia e Ash seguravam cada uma um braço da garota, e começaram a soltar aos poucos. Diamo soltou Jessamine, e depois de um último olhar venenoso, a garota limpou o sangue do queixo e voltou a sentar-se à mesa, comendo como se nada tivesse acontecido. Fria e dura como um barril de gelo.

Mia e Ash ajudaram Carlotta a juntar as anotações espalhadas. As três agacharam-se sobre o desastre e Carlotta tentou organizar as páginas em alguma ordem. O trabalho estava em frangalhos, molhado a ponto de ficar ilegível em algumas partes. Os ombros de Lotti estavam caídos, a expressão normalmente estoica destruída. Semanas de trabalho desfeitas num instante. Mia viu-se com pena da garota. Lotti era afiada feito uma navalha, e boa companhia ainda por cima. Junto com Ash, a garota era a única coisa parecida com uma amiga que ela tinha naquelas salas e salões.

– Não se abale com o que aquela puta disse – Ash cochichou com um olhar para a bochecha perfeita de Carlotta. – Você não é mais isso.

– Eu nunca fui isso.

As mãos de Carlotta ficaram imóveis, o olhar cada vez mais nublado.

– Me fizeram ser isso.

Mia lançou um olhar de aviso para Ash, achando que era melhor deixar aquela ferida em paz. Juntou mais algumas páginas e as entregou para Lotti junto a uma mudança de assunto.

– Guardo as minhas anotações no quarto – ela disse. – Talvez eu não esteja tão adiantada quanto você, mas posso emprestar, se quiser.

Carlotta piscou, como se retornasse de alguma lembrança em que andava perdida. Ela deu um sorriso fraco para Mia.

– Vai ficar tudo bem. Eu já tinha decorado quase tudo. Vou pedir a Mataranhas permissão para ficar até tarde na sala. Dá para deduzir o resto

perdendo um pouco de sono. Então, muito obrigada pela oferta, mas ainda vou acabar com você, Corvere.

– Cuidado – avisou Ash. – Tem alguém que quer acabar com você antes.

Carlotta olhou para Jessamine. A garota fazia a refeição calmamente, agindo como se tivesse o nariz socado o tempo todo. Não demonstrava dor. Não demonstrava fraqueza. Jess era uma vaca insuportável, mas Mia tinha que reconhecer: a garota era durona.

– Ela pode tentar – disse Carlotta.

Lotti olhou para trás e examinou Osrik de alto a baixo. O garoto voltou ao seu lugar na mesa depois do discurso, com a cara fechada por causa da bagunça deixada pela briga.

– Sabe que o seu irmão é até razoável quando começa a gritar, Ashlinn?

– Ai, Mãe Negra, cala a boca antes que eu vomite.

Carlotta se levantou e caminhou tranquilamente até Osrik. Falou com ele em tons baixos, com o caderno ensopado na mão. Oz abriu seu sorriso charmoso, os dedos roçando nos de Lotti.

Mia balançou as sobrancelhas para Ash.

– Eles estão ficando íntimos. Vi os dois trabalhando juntos em algum composto umas viragens atrás. E parece que formaram dupla várias vezes em Verdades.

Ash estufou as bochechas e fingiu vomitar debaixo da mesa.

Mia sorriu, mas, por dentro, percebeu que estava um pouco mais desconfortável. A iniciação se aproximava. Os atritos cresciam. Facas desembainhadas. A consciência de que nem todo mundo se tornaria Lâmina pairava em cada fôlego; a ideia de que os colegas acólitos eram competidores tingia cada momento. Tinha ficado fácil pensar assim, vendo os companheiros ficarem pelo caminho, um a um. Cada morte os deixava um pouco mais frios. Os testes da Igreja se tornavam mais perigosos, a consideração que o Ministério dispensava à vida dos acólitos, cada viragem mais de fachada. Mia sabia que era idiotice se preocupar com qualquer um que não ela mesma.

Esse era o objetivo, ela imaginou. O que foi que Naev tinha dito?

Este lugar dá muito, mas tira muito mais.

Arrancava a empatia. A piedade. Pedaco por pedaco. Morte por morte.

E o que restará no fim?

Mia correu os olhos pelo Altar Celeste. Os rostos. As manchas de sangue.
As sombras.

Lâminas, ela se deu conta.

Lâminas.

79 Um idioma falado completamente por meio de gestos das mãos, dos dedos e do rosto. Quando realizada por um mestre, uma conversa em Deslíngua pode aparentar ser apenas uma série de tiques, piscadelas e acenos sutis, completamente comuns para qualquer pessoa não treinada na arte.

Os praticantes novatos quase sempre parecem estar fazendo caretas idiotas no meio de uma convulsão, mas dizem que a prática leva à perfeição.

80 Os braavi são mais ou menos um coletivo de gangues que controlam boa parte da atividade criminosa em Godsgrave: prostituição, furtos e violência organizada. Por centenas de anos, os braavi foram uma pedra no sapato de vários reis itreyanos, e mesmo depois da formação da República, permaneceram entocados nos Baixos de Godsgrave como carrapatos especialmente teimosos. Sua atividade predatória prejudicava o comércio, reduzindo os lucros, e parecia não haver quantidade suficiente de operações dos luminatti capaz de removê-los para sempre.

Foi um senador recém-eleito, Julius Scaeva, que primeiro propôs a ideia de dar às gangues braavi mais poderosas – como as que controlavam as docas e as zonas de armazenagem de Godsgrave – um estipêndio oficial financiado pelos cofres da República. Ele argumentava que seria mais barato pagar os bandidos do que organizar uma força de polícia oficial para combatê-los, e que as próprias gangues seriam beneficiadas por um período de estabilidade. Scaeva financiou o primeiro pagamento com a sua própria fortuna pessoal, e foi recompensado praticamente da noite para o dia com uma queda vertiginosa das taxas de crime nos Baixos. Isso fez sua popularidade decolar – entre os mercadores que negociavam nas docas, entre os cidadãos que antes se viam no meio da guerra dos luminatii contra os braavi, e entre os próprios bandidos, que gostaram muito de receber dinheiro sem esforço. Foi depois desse golpe que Scaeva ficou conhecido entre as multidões como “Senatum Populiis” – o Senador do Povo.

Os nomes que seus oponentes lhe davam atrás de portas fechadas eram, claro, bem menos elogiosos.

Mas apenas quando as portas estavam *firmente* fechadas.

Capítulo 25

PELE

Duas semanas depois, tudo começou a mudar.

O rebanho juntou-se para o desjejum como sempre. A cabeça de Mia estava girando depois de horas de trabalho na fórmula de Mataranhas. Carlotta passou a refeição inteira dedicada ao enigma da shahiid no caderno resgatado, quase sem falar. Ela vinha ficando até mais tarde na Sala das Verdades para compensar a destruição do seu trabalho; seus olhos estavam injetados e inchados. E embora Lotti não comentasse, a rixa com Jessamine pairava no ar como veneno. Ashlinn preenchia as lacunas com histórias sobre um bonitão novo que ela tinha conhecido na última viagem a Godsgrave; um filho de senador que aparentemente falava dos negócios do pai durante o sono.

Quando os acólitos começaram a se retirar do Altar Celeste, Mia viu a Shahiid Aalea puxar Tric de canto e falar-lhe em tons sussurrados. Ela viu o rosto do garoto ficar pálido sob a tinta. Ele parecia prestes a discutir, mas Aalea cortou as reclamações com um sorriso afiado feito ossário.

A aula daquela viragem era na Sala das Canções e Solis passara as últimas aulas focando na arte de armas de longo alcance. Uma série de espantalhos serviam de alvos, suspensos do teto por correntes de ferro azeitadas. Solis botava um acólito no meio do círculo de treino, o equipava com balestras e facas para lançar, e instruía os outros a empurrarem os espantalhos na direção da cabeça e das costas do acólito da vez. Os bonecos eram pesados o bastante para mandar a pessoa pelos ares se fosse atingida, e não ser atropelado por um deles se mostrava uma motivação bem convincente. Mia agradecia apenas que a interrupção dos treinos em dupla significava uma pausa no seu papel de boneco de treino de Jessamine. Contudo, ela descobriu ter uma vantagem nesse jogo de arremesso que os seus companheiros não tinham.

A descoberta veio quando ela assumiu seu lugar no círculo, com as facas nos dentes. Enquanto Mia amarrava o cabelo comprido numa trança atrás da

cabeça, Diamo aproveitou a oportunidade para a pegar distraída e jogou em silêncio seu espantalho contra as costas expostas da garota. Mas, embora ela não pudesse ver o alvo vindo com tudo na direção da sua coluna, conseguiu sentir a sua proximidade. Deu um passo para o lado e perfurou o boneco com três facas, então se voltou para Diamo com um esgar.

O garoto lhe soprou um beijinho.

Quando mais alvos vieram voando na sua direção, empurrados por outros acólitos, Mia foi capaz de desviar de cada um deles. Talvez porque a escuridão ali nunca tivesse tido contato com a luz dos sóis, Mia se deu conta de que, mesmo sem ver os espantalhos, ela podia *senti-los*.

Podia sentir as sombras deles.

Mia foi capaz de desviar de todos os alvos durante o seu tempo no círculo. Moveu-se como uma brisa por entre os espantalhos, as facas cantando, grata por finalmente ter encontrado algo em que se destacasse na sala de Solis. Ela não tinha ouvido nada do cronista Aelius sobre a procura por um livro que desvendasse os mistérios dos sombrios. Lorde Cassius não dava sinal de vida desde a sessão de tortura em Godsgrave. Mas devagar, com firmeza, ela descobria mais sobre o seu dom. Um sorriso desenhou-se nos seus lábios e permaneceu neles até mais ou menos o meio da aula, quando Tric assumiu seu posto no centro do círculo e Marcellus o acertou com tudo nas costas com um espantalho voador.

Marcellus abriu um sorriso (muito melhorado pela tecelã, na opinião de Mia) e se curvou.

– Você precisa ser mais rápido do que isso, Triquinho.

Tric se levantou do chão e esbravejou:

– Que tal se você esperasse eu me aprontar da próxima vez?

– Isso seria contra o propósito do exercício, não seria?

– Malditos itreyanos – esbravejou Tric. – É certeza que vão te dar uma facada quando você der as costas pra eles, não é?

O sorriso charmoso de Marcellus morreu na hora.

– Você mesmo é meio itreyano, seu burro.

O coração de Mia desabou. Os olhos de Tric se arregalaram. E então

começou. Punhos e palavrões, cotovelos e caretas, os garotos caindo sobre o chão de pedra um por cima do outro. Tric abriu o supercílio do rapaz com o punho, socou os lábios dele até tirar sangue. Solis logo separou os garotos, batendo em ambos com o cinto como se fossem crianças, até pararem de brigar. Pôs o adversário de pé e o mandou ver Marielle para tratar das feridas.

– E você – o shahiid vociferou para Tric. – Dez voltas nas escadas. Subindo e descendo. Agora.

Tric encarou o cego nos olhos, e Mia se perguntou seriamente se o garoto ia tentar a sorte. Mas com uma expressão sombria no rosto, ele obedeceu. Aos berros, Solis ordenou que os outros acólitos voltassem ao trabalho, e Shiu entrou no círculo para a sua vez. Tric não voltou mais à sala depois da décima volta.

Ela foi procurá-lo ao fim da aula de Canções. Verificou o quarto, o Altar Celeste, o ateneu. Finalmente o encontrou no Salão dos Elogios, com os polegares enfiados no cinto, levantando a vista para a estátua de Niah. Mil nomes de cadáveres gravados nas lápides sob seus pés. Túmulos sem nome nas paredes ao redor.

– Como vai, don Tric?

Ele lhe dirigiu um olhar breve. Acenou uma vez com a cabeça.

Ela se aproximou devagar, com as mãos unidas atrás das costas. O dweymeri tinha voltado a encarar a estátua, olhando-a no rosto. Os olhos da estátua tinham a qualidade desconcertante de parecer olharem diretamente para você, não importava a sua posição. A expressão da deusa era orgulhosa. Escura. Mia se perguntou quem ou o que o escultor tinha imaginado como alvo do olhar de Niah quando moldara o seu semblante. Pela primeira vez, notou que Niah segurava as balanças na mão direita. A espada estava bem apertada na outra mão.

– Ela é canhota – disse Mia. – Como eu.

– Ela não é igual a você em nada – resmungou Tric. – Ela é uma puta ambiciosa.

– Você tem mesmo certeza de que é inteligente xingar uma deusa de puta na casa dela?

Tric olhou a garota de esguelha.

– Pensei que você não acreditasse em divindades.

Mia deu de ombros.

– É difícil não acreditar quando o Deus da Luz aparentemente te odeia profundamente.

– Foda-se ele. E foda-se ela. Qual é o bem que eles nos fazem? Nos dão uma única coisa. A vida. Desgraçada e uma merda. E depois? Tiram. Orações. Anos – ele gesticulou para os túmulos sem nome ao redor. – Tiram até a vida que te deram antes de tudo. – Tric balançou a cabeça. – Eles só tiram.

– Você está bem?

Tric soltou um suspiro, os ombros caídos.

– A Shahiid Aalea veio me chamar.

Mia esperou pacientemente. O garoto apontou para a tinta nas bochechas.

– Adiei o máximo que consegui – ele disse. – Depois do jantar, é a minha vez com a tecelã.

– Ah.

Ela pôs uma mão constrangida no braço dele. Não sabia ao certo o que fazer.

– Por que você estava adiando? Por causa da dor?

Tric fez que não com a cabeça. Mia não disse mais nada, deixando o silêncio falar em seu lugar. Dava para notar que o garoto estava em conflito. Ela sentiu Sr. Simpático na sua sombra, gravitando ao redor do medo dele como moscas ao redor de um moribundo. Ele queria falar, Mia tinha certeza. Tudo o que ela precisava fazer era lhe dar espaço...

– Eu te contei da minha mãe – ele disse. – Do meu... pai.

Mia fez que sim, quase enjoada com a dor que lhe causava pensar naquilo. Suspirando, Tric olhou para os próprios pés, as palavras se debatendo atrás dos dentes. Mia apenas permaneceu ao lado dele, segurando a sua mão. Esperando o silêncio ser quebrado.

– Você perguntou o meu nome quando nos conhecemos – ele disse afinal. – Falou que os dweymeris têm nomes como Papalobos e Quebracostas. – Um sorriso breve. – Dacarinhos.

Mia retribuiu o sorriso, sem dizer nada.

– E me disse que meu nome não podia ser Tric.

– É.

O garoto levantou os olhos para a estátua. Os olhos castanhos ficaram escuros e nublados.

– Quando um dweymeri nasce, o bebê é levado até a grã-suffi da ilha de Farrow. O Templo de Trelene. E a suffi ergue o bebê diante do oceano e olha para os olhos dele e vê o caminho que tem à frente. E as primeiras palavras que ela pronuncia são o nome do bebê. Andamundos para um andarilho. Matadragões para um guerreiro. Tomaondas para alguém fadado a se afogar. Então, como uma boa filha do barra, minha mãe me levou a Farrow quando eu tinha três viragens de idade. – Um sorriso amargo. – Eu era pequeno. Os dweymeris são um povo de gente grande. Nossos antepassados nasceram de gigantes, dizem. Mas eu era apenas um mestiço. Quase cabia na palma da mão. Puxei meu pai, acho. A parteira brincou que eu era tão pequeno que minha mãe não me sentiu vir ao mundo.

Tric balançou a cabeça. O sorriso foi morrendo nos lábios.

– Você sabe o que a suffi disse ao me erguer?

Mia balançou a cabeça. Muda e condoída.

– Ela disse *tu rai ish'há chē*.

Mia juntou as primeiras letras das palavras. Encontrou o nome dele. Mas...

– Eu não falo dweymeri – ela disse baixo.

Tric encarou Mia com dor e ódio no olhar.

– “Afogue-o e pronto.” – A voz dele baixou para um murmúrio trêmulo. – Essas foram suas primeiras palavras. Essa é a porra do nome que ela me deu. “Afogue-o e pronto.”

Mia fechou os olhos.

– Ah, Tric...

– A suffi me devolveu à minha mãe e lhe disse para me entregar às ondas. Disse que a Senhora dos Oceanos ia me aceitar, porque o meu povo jamais aceitaria. – Ele deu uma risada amarga. – Meu povo.

Ele sentou-se na base da estátua e olhou para a escuridão.

Mia sentou-se ao seu lado, olhando apenas para ele.

– Sua mãe disse para a sacerdotisa ir para o abismo, imagino.

– Ela disse – sorriu Tric. – Era corajosa, a minha mãe. Meu avô concordava que ela devia me afogar, e por isso minha mãe me levou para longe de Farrow. Para longe dele. Ela abriu mão do seu direito de nascença por mim. Abriu mão de tudo. Morreu de varíola hemorrágica quando eu tinha dez anos. Mas, no leito de morte, ela me deu isto.

Ele mostrou os três dragões de prata enlaçados no seu dedo.

– E me deu uma maneira de provar o valor que ela sabia que eu tinha.

Tric inclinou-se para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos.

– Os guerreiros dweymeri passam por um rito quando chegam à maturidade. No final, tatuam nossos rostos para que todos que nos encontrem saibam que fomos Provados. Para os guerreiros do clã dos Três Dragões, a prova era a mais dura. Vencer as águas profundas e matar um dos grandes dragões-do-mar. Dragão-tempestade, dragão-espada ou dragão-branco. Comecei a sonhar com isso desde o momento em que minha mãe me contou sobre o rito. Vivíamos a leste de Farrow, num porto chamado Solace. Depois que ela morreu, um velho lobo do mar me ensinou a fazer barcos. Velas. Arpões. *Eu mesmo* cortei o pau-ferro para fazer o meu esquife. Me custou um ano. E quando cheguei aos quatorze, dei as costas a Solace e parti para o alto-mar. Os dragões-tempestade são grandes, mas burros. Os espada são mais espertos, mas menores. Mas o dragão-branco... é o rei das profundezas. Grande, cruel e inteligente. Então rumei para o norte, para a água fria, onde as focas tinham seus filhotes. Tudo o que eu queria era aportar em Farrow com a carcaça de um dragão de seis metros. Apresentar-me diante do meu avô e ouvi-lo dizer que estava errado a meu respeito. Rezei para a Senhora dos Oceanos me trazer um animal digno de um homem. E ela me atendeu.

Tric respirou pelos dentes cerrados, os olhos brilhando.

– Mãe da Noite, era grande pra porra, Mia. Você devia ter visto. Quando ele entrou na linha, quase partiu o esquife ao meio. Mas o meu anzol penetrou fundo, e meu barco aguentou. Tentou me derrubar mais de uma vez, mas depois de sentir o gosto dos meus arpões, ele aprendeu a não vir muito perto. As

ondas se abatiam sobre nós e eu não comi nem dormi. Só lutei. Cinco viragens inteiras, pau a pau, com as mãos sangrando. Imaginando a cara do meu avô quando eu arrastasse o monstro para a Baía de Farrow. O animal se cansou. Não conseguia se manter debaixo da água, nadava cada vez mais devagar. Então eu remei até ele e peguei o meu melhor arpão, o mais afiado que eu tinha guardado para o fim.

Tric olhou para Mia através das cortinas das tranças:

– Você já olhou nos olhos de um dragão-do-mar?

A garota fez que não. Não ousava falar. Não queria quebrar aquela quietude mortal. Quando Tric voltou a falar, até a Mãe da Noite parecia querer ouvir.

– Eles têm olhos negros. Olhos de cadáver. Você olha aquele preto todo e só consegue ver a si mesmo. E vi. Vi a mim mesmo. Aquele desgraçadinho aterrorizado com sua lança que mais parecia um palito e os olhos do pai. Olhei dentro do coração daquele garoto. E o matei completamente, e o animal ao mesmo tempo. E me considerei um homem. Velejei para a Baía de Farrow com a cabeça amarrada à borda do barco. Os dentes dele eram do tamanho do meu punho. Devem ter juntado umas cem pessoas ao meu redor quando comecei a arrancá-los das gengivas. Pendurei-os ao redor do pescoço e parti para a casa do meu avô. Eles se perguntavam quem eu era, aquele mestiço magrelo. Claro e pequeno demais para ser um deles, mas ao mesmo tempo alguém que conhecia seus costumes. Então entrei na casa do meu avô e me ajoelhei diante do assento dele e falei quem eu era. O filho da filha dele. E mostrei os dentes em volta do meu pescoço e o anel no meu dedo. E apontei na direção da cabeça na praia e pedi que ele me nomeasse um homem.

Tric cerrou os punhos. As veias saltaram sob a sua pele, sulcando os músculos. Ele tremia, Mia pôde notar. De dor ou raiva, ela não sabia.

Ela pôs uma mão no braço dele e falou o mais suave possível:

– Você não precisa me contar, Tric...

Ela hesitou ao falar o nome, se perguntando se seria um insulto. Sem saber o que fazer ou dizer. Sentindo-se incapaz. Burra. Depois de todas as aulas de Aalea. De tudo o que ela tinha aprendido.

Impotente.

Tric balançou a cabeça. A voz saiu carregada de ódio:

– Ele riu...

A voz do garoto falhou por um instante. Ele bufou. Limpou a garganta.

– Ele riu, Mia. Me chamou de bastardo. De filho da puta. *Koffi*. Disse que quando a filha o desafiou, deixou de ser sua herdeira. Disse que eu não era seu neto. Ele disse: *Mas você é um homem, seu koffi. Então venha receber a sua tinta, para os outros reconhecerem o que você é*. Seus homens me seguraram e ele arrancou os dentes de dragão do meu pescoço. Rasgou o meu rosto com eles enquanto eu gritava. Então jogou tinta nos ferimentos e bateu em mim até eu apagar.

Mia sentiu as lágrimas lhe rolares pela bochecha. O peito doía, as unhas cravaram-se nas palmas das mãos. Ela passou os braços em volta do garoto, deu o abraço mais apertado que conseguiu, enterrou o rosto no cabelo dele.

– Tric, eu sinto muito.

Ele seguiu em frente, insensível ao toque dela. Era como uma pústula lancetada e o veneno jorrava sem parar. Por quantos anos ele guardara aquilo dentro de si?

– Eles me amarraram num mastro em frente à casa do meu avô – ele disse. – As crianças vinham jogar pedras em mim. As mulheres cuspiam em mim. Os homens me xingavam. As feridas infeccionaram. Meu olhos incharam e não conseguia mais enxergar – ele balançou a cabeça. – Foi a pior parte. Esperar, no escuro, a próxima pedra a ser atirada. O próximo tapa. A próxima cusparada. Bastardo. Filho da puta. *Koffi*.

– Filhas – suspirou Mia. – É por isso que você não queria a venda para entrar na Montanha.

Tric fez que sim com a cabeça. Mordeu os lábios.

– Rezei para a Senhora dos Oceanos me libertar. Para castigar aqueles que me torturaram. Meu avô principalmente. E na terceira quasinoite, quando os ventos subiram e a morte estava tão perto que eu conseguia sentir o seu toque frio, ouvi um sussurro na orelha. Uma mulher. Com palavras de gelo.

A Senhora dos Oceanos não pode te ajudar, garoto.

Eu não mereço morrer assim, eu disse. E a escutei rir.

O mérito não tem a ver com a morte. Ela leva todos nós. Tanto os justos como os perversos.

Então eu rezo para que ela leve o bara devagar, disparei. Rezo para ele morrer gritando.

O que você faria para isso acontecer?

Qualquer coisa, eu respondi. Tudo.

– Então ela me soltou. Adiira era o seu nome. Ela viria a ser a minha shahiid. Cuidou da infecção e me pôs no caminho. Falou que a Mãe da Noite tinha me escolhido. Que faria de mim uma arma. Seu instrumento nesta terra. E que uma viragem eu o veria morrer. O meu avô.

Tric tencionou a mandíbula e disse por entre os dentes:

– Morrer aos gritos.

– Eu jurei a mesma coisa – disse Mia. – Remus. Duomo. Scaeva.

– Um dos motivos de eu gostar de você, Moça Branca – sorriu Tric. – Somos iguais, você e eu.

O garoto tocou o próprio rosto. A tinta rabiscada contava a história da tortura.

– Toda viragem eu acordava e via isso no espelho. Lembrava do que ele tinha feito. Mesmo quando Adiira me forçava até o limite, eu olhava no espelho e lembrava da risada dele. Já não me lembro do que eu era antes. Esta tinta... é quem eu sou. – Ele olhou para Mia. Para suas bochechas agora perfeitas e para os lábios fazendo biquinho. – Marielle vai tirar as tatuagens de mim. Adiira tinha me avisado. Elas me tornam identificável. Mas quem eu serei sem elas? São elas que me fazem ser eu mesmo.

– Besteira – disse Mia.

Tric piscou, chocado.

– É isto que te faz ser quem é – ela explicou, dando-lhe um soco num músculo acima do coração. – Isto aqui. – Ela lhe deu um tapa em cima da cabeça. – Isto aqui.

A garota tomou as mãos dele e se ajoelhou, olhando-o nos olhos.

– Marcas de escravo. Tatuagens. Cicatrizes. A sua aparência não muda quem você é por dentro. Eles podem te dar um rosto novo, mas não podem te

dar um coração novo. Não importa o que tirem de você, eles só podem tirar se você deixar. Essa é a verdadeira força, Tric. Esse é o *verdadeiro* poder.

Ela apertou as mãos dele com tanta força que até sentiu os dedos doerem.

– Guarde bem a imagem, ouviu? Você de pé em cima da cova daquele desgraçado. Cuspindo na terra que o embala. Vai conseguir, Tric. Uma viragem, terá a sua vingança. Prometo. Se a Mãe me ajudar, eu *juro*.

O garoto olhou bem para as mãos que seguravam as suas.

– Vamos caminhar por uma estrada bem escura, Mia.

– Então caminharemos juntos. Eu cuido de você. E você cuida de mim. E se eu cair antes de terminar, pegue Scaeva por mim. Faça-o gritar. E juro que farei o mesmo por você.

O garoto olhou para ela. Aqueles olhos castanhos sem fundo. As marcas do ódio na pele. O coração dela latejava. Fervor no olhar, as palmas das mãos suando contra as dele.

– Vai doer? – ele perguntou.

– Depende.

– Do quê?

– Se você quer que eu minta ou não.

Tric riu, quebrando o feitiço negro que mantinha o salão silencioso. O sorriso de Mia morreu assim que ela olhou nos olhos dele. Ela chegou mais perto. Não perto o bastante.

– Depois – ela se pegou dizendo –, se você não quiser ficar sozinho...

– Acha uma boa ideia?

– Depois das nove badaladas? Provavelmente não.

Ele deu um passo na direção dela. Alto e forte e, ah, tão bonito. As tranças caindo sobre as bochechas dela à medida que ele inclinava o rosto.

– Então provavelmente é melhor não.

Os lábios dela roçaram os dele quando ela sussurrou:

– Provavelmente não.

Eles deixaram-se estar ali por um instante a mais, o frio na barriga de Mia, a pele arrepiada sob o toque delicado do dedo dele subindo pelo seu braço. Ela sabia exatamente o que ele queria. Queria o mesmo. Mas pairava entre os

dois a imagem das mãos retorcidas da tecelã, asfixiando o momento até a morte. E assim, ele se levantou. Encarou a escuridão e respirou fundo.

– Obrigado, Moça Branca.

– Ao seu dispor, don Tric.

Ela o viu sair, e a ausência a deixou com uma dor no peito. Quando ele saiu, ela se sentou aos pés das deusa, no escuro, e sua sombra começou a sussurrar:

– *...acho que é melhor visitar a tecelã depois do garoto...*

– E por quê?

– *...parece que o seu cérebro e seus ovários trocaram de lugar...*

– Ah, para. Acho que vou rachar de tanto rir.

Ela se retirou para o quarto e enterrou-se entre anotações e fórmulas, mais uma vez perdida no quebra-cabeça. Uma mão traçava círculos ociosos no ar, fazendo as sombras do quarto se retorcerem. Senhor Simpático saltava sobre elas como um gato de verdade caçando ratos.

Quando os sinos da virada soaram, ela continuou trabalhando na charada, mas sua mente desviou-se para Tric. Perguntava-se como ele estaria na sala de máscaras da tecelã. A emoção crescia entre os acólitos; dava para sentir. Os sentimentos de todos se intensificavam junto com a competição. Mia tinha a sensação de que o mundo estava ficando mais e mais barulhento, de que tudo importava mais. Ela não fazia ideia do que a viragem seguinte traria. Não o amava. O amor era uma burrice. Bobagem. Não havia lugar para aquilo dentro daquelas paredes nem no mundo que ela conhecia.

Mas uma parte dela tinha a esperança de não passar a quasinoite sozinha...

Horas de espera no escuro. Calafrios percorrendo o seu corpo. Perguntava-se se ele estava bem. Como ficaria depois sem as marcas de ódio no rosto. Quem ele seria no fim.

– *...você tem certeza disso...?*

– Tenho.

– *...eu me pergunto se...*

– Sei o que estou fazendo.

Mas o sono chegou antes do garoto.

Mia acordou no escuro da quasinoite, piscando várias vezes após um descanso sem sonhos. Por quanto tempo dormira? Que horas seri...

Então veio de novo. Um som leve que a arrepiou

Toc, toc.

Ela rolou para fora da cama, jogando um roupão de seda por cima da camisola. O coração martelando contra as costelas. A pedra fria sob os pés descalços. Chegou à porta, as mãos vacilantes ao girar a chave e abrir uma fresta. E ali estava ele, apenas uma silhueta no escuro, as tranças emoldurando os contornos ocultos do rosto.

Com os lábios secos, ela pisou para fora sem uma palavra. Ele olhou para os dois lados do corredor e permaneceu parado à porta. Para Tric, ser pego fora do quarto depois das nove badaladas implicaria tortura nas mãos da tecelã. Mas sabia o que ia acontecer caso entrasse. Ambos sabiam. Uma respiração que pareceu durar para sempre. Ela o observou por baixo dos cílios. E por fim, silencioso como um suspiro, ele entrou.

Mia tocou a lâmpada arquêmica sobre a mesa e esperou que o calor da sua mão acendesse a luz lá dentro. A lâmpada piscou e então um tom sépia quente nasceu do vidro. Ele estava atrás dela, Mia podia sentir. Sentir a sombra. Sentir o medo de estar ali. A sua fome. E, prendendo a respiração, ela se virou e olhou para o rosto dele.

Uma pintura, bem como ela sabia que seria. Nada mais de tinta, as cicatrizes de dente de dragão tinham desaparecido. Bochechas mais definidas, as olheiras removidas. O tipo de beleza que fazia uma garota mobilizar um exército, matar um deus ou demônio. Ao menos aquela garota.

– A tecelã sabe o que faz – comentou Mia.

Tric olhou para os pés, evitando encará-la. Ela sorriu e o deixou constrangido.

– Como foi?

– Não foi tão ruim – ele respondeu, dando de ombros. – Quer dizer, doeu como ferro em brasa, mas depois não é tão ruim.

– Você sente falta? Das marcas?

– Ela me deixou ficar com elas.

O garoto mostrou um pequeno frasco de vidro pendendo de um cordão de couro ao redor do seu pescoço. Mia viu que estava cheio de um líquido escuro e brilhoso.

– Isso é...?

Ele fez que sim.

– Tudo o que resta do trabalho do meu avô.

Mia estendeu a mão para tocar o vidro e desceu o dedo pelo colarinho do garoto, sentindo a pele por baixo da camisa. Ela sentiu a pulsação dele acelerar sob o pescoço. Virou de costas para esconder o sorriso.

– Uma bebida?

Ele acenou com a cabeça sem dizer uma palavra. Ela foi atrás de copos de barro e da garrafa roubada durante uma das suas primeiras excursões à procura das quinquilharias da lista de Mouser. Embora o uísque não valesse pontos para o torneio do shahiid, Mercurio lhe ensinara a não deixar passar uma boa garrafa quando a visse.

A garota serviu duas doses e ofereceu um copo a Tric. Ele tocou o seu copo no dela e virou tudo de uma vez. Mia serviu outra dose para ele e mais uma para si.

– Quer sentar?

O garoto correu os olhos pelo quarto até dar com a banquetta enfiada debaixo da penteadeira.

– Só tem um assento – ele disse.

Mia virou de costas e deslizou o roupão devagar pelos ombros. Deixou-o cair e formar uma trouxa de dobras no chão enquanto ela subia para a cama, deleitando-se com a sensação dos olhos dele sobre o seu corpo. Ela pôs a garrafa no criado-mudo, reclinou-se nos travesseiros com as pernas esticadas, o uísque na mão, à espera.

O garoto caminhou até a cama, seus passos silenciosos sobre a pedra. Movia-se como um lobo, a cabeça baixa, inalando a garota. Mia sabia que ele era capaz de farejar o seu desejo. Seu coração martelava contra as costelas. A

boca tão seca quanto o deserto além das paredes. Ela tomou outro gole do vinho d'ouro e saboreou a ardência chamuscada descer-lhe pela garganta. Tric sentou-se na beira do colchão, incapaz de tirar os olhos da garota. A tensão faiscava entre os dois, fazia os lábios dela curvarem-se nos cantos. Ela sentia, vibrando nas pontas do dedo, pulsando sob sua pele. O desejo. Dela por ele. Dele por ela. Nada nem ninguém no meio.

Ele matou a bebida com uma careta. Ela assistiu à luz tremeluzir sobre seus lábios enquanto o garoto engolia, os sulcos profundos na sua garganta, a linha forte e perfeita do seu queixo.

– Mais um?

Ele fez que sim. Mudo. Ela se levantou devagar, sentindo a alça da camisola cair de um dos ombros. Sentou-se de pernas cruzadas, as ondas de seda à volta da cintura. Encheu-se de um prazer sombrio ao vê-lo passar os olhos sobre seu corpo, até a sombra entre suas pernas. Ela se pôs de quatro e engatinhou por sobre as peles, com os olhos cravados nos dele. Estendeu o braço para pegar o copo na mão dele, as pontas dos dedos traçando círculos na borda, subindo pelo punho de Tric. Percorreu a rijeza suave do braço nu, observando sua pele arrepiar-se, ouvindo sua respiração vacilar. O rosto dela estava apenas a centímetros do dele.

Mia não sabia quem se moveu primeiro. Ela ou ele. Mas se juntaram num estalo, ela de olhos fechados, a boca encontrando a dele como se sempre soubesse o caminho. Pele quente, lábios ainda mais quentes. Mãos fortes e músculos rijos. Os dedos de Tric enroscados no cabelo dela. As unhas dela arranhando a pele dele. A boca do garoto apertada contra a dela, sentindo o gosto do uísque na língua. Ela arrancou a camisa dele, atrapalhou-se com o cinto. Ele agarrou uma parte da camisola e rasgou-a como se a garota jamais fosse precisar dela de novo.

Ela o jogou de costas na cama, se levantou e montou no rosto dele. Queria sentir seu gosto enquanto ele sentia o dela. A boca de Tric lhe deixou uma trilha ardente pelas coxas, as mãos se esfregavam na sua pele nua e lhe causavam calafrios. Com esforço, ela conseguiu empurrar a calça dele até os joelhos. Sentiu os dedos do garoto abrindo suas dobras enquanto ela o tomava

na boca. Enquanto gemia ao redor dele, sentia a língua de Tric vibrando contra ela, súplicas sussurradas, perdidas nas sombras sobre sua cabeça. Os dedos dele. Ah, Filhas, o seu calor suave e ardente contra a sua língua. A boca dele contra o seu botão inchado, gemendo cada vez que ela baixava e subia o punho, rolava a língua pela cabeça para depois descer até a base. Querendo mais. Querendo tudo.

Erguendo-se, ela se virou para Tric, forçando-o de novo para baixo quando ele veio para cima, com olhos brilhantes de luxúria. Montando nele, Mia o tomou na mão, quase bêbada de desejo. Acariciou com força para que ele gemesse, apertando-o contra si. Tric levantou com tudo, tomando o seio dela na boca, pondo as mãos na sua cintura, forçando-a para baixo. Mas ela resistiu por mais um interminável momento, ficou imóvel sobre ele. Cravou os olhos no dele. Um dedo e uma eternidade de distância da queda.

Mas enfim, bem devagar, ela desceu, desceu, olhando fundo nos olhos dele, dor e prazer enlaçados, a respiração engasgada nos pulmões, incapaz até de suspirar. Deusa, como estava duro. A cabeça dela foi para trás, os olhos viraram, agarrando longas tranças enquanto ele passava de um seio ao outro com a língua, enquanto balançava o quadril, a coluna arqueada, unhas arranhando as costas dele. Movendo-se como uma só coisa, os dentes dele na garganta dela. Chiando. Suplicando.

O garoto enfiou a mão entre os dois corpos, desceu-a até o meio das pernas dela. Trabalhando delicadamente com as pontas dos dedos, traçando círculos, o calor dentro dela cada vez mais quente e brilhante e intenso até tornar-se labareda, ofuscando-a por trás dos olhos enquanto cada músculo se contraía e Mia gritava em silêncio contra o cabelo dele. Ele golpeava e ardia dentro dela, os olhos cada vez mais abertos e o seu corpo inteiro estremecendo enquanto a garota se balançava para trás e para a frente sobre ele. Ela o olhou nos olhos, sabendo que ele estava no limiar, implorando para que ela o deixasse cair. E uma fração de segundo antes que ele terminasse, ela desmontou e completou com a mão, suspirando quando ele jorrou sobre sua barriga e seios, murmurando seu nome.

Moles e arfantes, eles desabaram para formar uma pilha de carne e suor em

cima da cama.

O silêncio reinou na escuridão trêmula. As sombras no quarto oscilavam e rolavam. Os livros tinham caído das estantes, e estavam esparramados e amassados pelo chão. As portas do armário estavam abertas, a banqueta de cabeça para baixo, o quarto caótico. Mas Tric a envolveu nos braços e beijou a sua testa, e por apenas um único e minúsculo momento, Mia deixou-se levar. Fechou os olhos e esqueceu. Ouvindo o coração dele contra as costelas, sentindo o prazer cálido arrefecer, com um sorriso nos lábios.

Ela permaneceu ali deitada por um longo tempo. Apertada contra a pele dele, a bochecha no peito dele. O cabelo esparramou-se sobre ele como um cobertor, uma seda negra como as sombras ao redor. E depois, na escuridão já calma, ela sussurrou:

– Paguei demais para aquele açúcarado.

Mia esperou a resposta dele. Os instantes estenderam-se em minutos. Por fim, ela levantou a cabeça e descobriu que o garoto estava morto para o mundo, que a respiração suave lhe escapava pelos lábios entreabertos.

Ela sorriu, balançando a cabeça. Inclinando-se para a frente, apenas o beijou, longa e delicadamente. Passou os braços à volta dele, fechou os olhos com um suspiro satisfeito e caiu, por fim, no sono.

Quando ela adormeceu, as sombras recomeçaram a se mexer.

Devagar no começo.

Ondulantes.

Serpenteantes.

Unindo-se afinal numa forma fina como uma fita, empoleirada ao pé da cama.

Um não-gato, encarando a garota com seus não-olhos. Esperando pacientemente, como sempre fazia. Esperando que os sonhos viessem. Pela chance de rasgar e despedaçar os terrores que chegavam para assombrá-la toda quasinoite desde que ele ouvira seu chamado. Toda quasinoite desde então, ele se empoleirava ao lado dela durante o sono. Ficando forte e cada vez mais forte com cada bocado.

A coisa chamada Sr. Simpático esperou. Uma paciência aprendida ao longo

de eras. Um silêncio como o túmulo. Logo, logo. A qualquer momento ela começaria a choramingar. Sussurrar por ele. Com o que sonharia essa noite? Com aqueles que vieram afogá-la? Com as pernas do pai chutando o ar, o rosto arroxeadado, *guh-guh-guh*? Com a Pedra Filosofal e os horrores descobertos lá dentro, quando ela tinha quatorze anos e perdeu-se no escuro?

Não importava.

Todos tinham o mesmo gosto.

A qualquer momento, os pesadelos viriam.

A.

Qualquer.

Momento.

Mas pela primeira vez desde sempre, os pesadelos não vieram.

A garota não tinha medo.

E lá, na escuridão vazia, o não-gato inclinou a cabeça para o lado.

Estreitou os não-olhos.

E não gostou.

Mia abriu os olhos. Sentou-se na cama. Sorriu ao ver que Tric ainda estava ao seu lado, nu e glorioso sob o brilho arquêmico, com as tranças esparramadas no travesseiro.

Lá estava ele de novo. O som que a tinha acordado.

Tóc, toc.

Tric se agitou, franziu a testa. Mia tocou a sua bochecha e ele abriu os olhos, notando onde estava e sentando-se na cama com um suspiro baixo.

– Mãe Negra, eu caí no sono?

– Shhhh. Alguém está na porta.

Mia arrastou-se para fora da cama. Procurou o roupão em meio ao caos, sorrindo ao sentir os olhos de Tric no corpo. Jogando a seda negra sobre os ombros, ela caminhou na ponta do pé até a porta, bem quando outra batida soou.

– Corvere – uma voz sussurrou.

– Ash?

Mia girou a chave, abriu uma fresta e olhou para fora, perguntando-se por que Ash não tinha simplesmente invadido o quarto como de costume. Ela viu a garota esperando no corredor, com os olhos azuis arregalados no escuro.

– Que horas são?

– Quase o sino de despertar – a loira respondeu, já forçando caminho para além de Mia e entrando no quarto, com nuvens negras de preocupação sobre a cabeça. – Uma das Mãos acabou de me contar. É aquela filha da puta da Jessamine. A desgraçada lis...

Só então ela notou a bagunça. As roupas e livros espalhados pelo chão. E – ah, sim – o dweymeri pelado na cama de Mia.

– Ah – disse Ash.

Tric a saudou com um aceno.

Ash olhou para Mia, um pouco envergonhada.

– Desculpe, Corvere.

Mia fechou a porta para que ninguém mais que passasse por acaso pudesse vir Tric na sua cama. Se alguém contasse à Reverenda Mãe que ele tinha saído depois do toque de recolher...

– Você planeja me contar a que veio?

Ashlinn não disse nada. Abriu a boca, à procura de palavras.

– O quê? – quis saber Mia, procurando a resposta nos olhos dela. – O que aconteceu?

– Mia...

– Porra, Ash, o que foi?

A garota balançou a cabeça.

Suspirou baixo.

– Lotti morreu.

Capítulo 26

CEM

A Sala das Verdades tinha um cheiro diferente naquela manhã. Entre as flores frescas e pobres, ervas secas e ácidos, um novo aroma, com sabor de ferrugem, sufocava o perfume habitual.

Sangue.

Mia forçou caminho por entre as Mãos reunidas, Ash e Tric logo atrás. Os servos tentaram impedi-la, mas ela investiu, empurrou e golpeou até enfim uma voz dizer lá de dentro:

– Deixem-nos passar.

Mia viu-se sob a luz verde da sala, com os olhos arregalados de ódio.

Carlotta estava caída sobre a bancada de trabalho, com uma pena na mão fria. Um fio escarlate coagulado cobria a mesa diante dela, o sangue empoçado sob a banquetta. O canto do coral fantasmagórico pairava no ar junto ao fedor férreo de sangue.

A Reverenda Mãe e Mataranhas estavam de pé junto ao corpo, conversando em tom baixo com Solis. O sorriso habitual da Mãe Drusilla estava completamente ausente, e Mataranhas parecia mais sóbria do que o normal. Solis passou a encarar o espaço vazio acima do ombro direito de Mia assim que ela entrou, e seu rosto era bruto como o piso de um abatedouro.

– Ainda faltam horas para a aula começar, acólitos – disse Mataranhas. – Vocês não deviam estar aqui.

– Ela é nossa amiga – disse Mia, apontando para o corpo de Carlotta.

Mataranhas fez que não com a cabeça.

– Não é mais.

– Como ela morreu? – questionou Tric.

– Ela não morreu – disparou Ash. – Ela foi *morta*.

– Garganta cortada – respondeu Mataranhas. – Muito rápido. Quase indolor.

– Por trás?

A shahiid confirmou com a cabeça.

– Jessamine – sibilou Mia. – Ou Diamo. Talvez os dois.

– Covardes do caralho – murmurou Ash.

A Mãe Drusilla arqueou uma sobrancelha.

– Vocês sabem algo a respeito do assunto, acólitos?

Mia olhou para Ashlinn e Tric e fez que sim devagar.

– Carlotta e Jessamine brigaram na virada algumas viragens atrás, Reverenda Mãe. Lotti estava prestes a resolver a fórmula de Mataranhas, mas Diamo destruiu suas anotações. Lotti quase quebrou o nariz de Jessamine, e Jess prometeu matá-la por isso. Pergunte a qualquer um. Todos ouvimos.

– Entendo.

– Lotti disse que ia pedir à Shahiid Mataranhas permissão para ficar aqui até tarde para recuperar o trabalho perdido. Jessamine e Diamo *sabiam* que ela estaria aqui.

– Pelo que você me diz, qualquer um que tenha participado da refeição sabia que ela estaria aqui.

– Mas Jessamine prometeu matá-la. Na frente de todos nós.

– E o que isso prova de verdade? – disparou Solis. – Lembro-me de que o acólito Tric aqui ameaçou outro noviço de morte não faz muito tempo. E esse mesmo noviço apareceu morto na viragem seguinte.

Solis então voltou-se para Tric e perguntou:

– Você tem algo a confessar, acólito?

– Não tive nada a ver com a morte de Trazáguas, shahiid. Eu *juro*.

O brutamontes voltou-se para Mia e desdenhou:

– Ameaças vazias não fazem um matador.

– Você nem se importa com a morte dela, não é? – ela perguntou.

– Pelo contrário, acólita, nos importamos profundamente – disse a Mãe Drusilla. – E é por isso que vamos fazer uma investigação detalhada em vez de partir para conclusões óbvias. Jessamine é sangue-frio, certo. Mas você a julga burra o bastante para assassinar uma garota que ela ameaçou abertamente diante de uma sala cheia de gente poucas viragens atrás?

– Talvez ela tenha pensado que vocês não ligariam? Não é como se tivessem virado a Montanha de cabeça para baixo atrás de pistas quando cortaram a garganta de Trazáguas. Mais da metade de nós morreu desde então, e nenhuma lágrima foi derramada por qualquer um deles.

Solis ficou vermelho e seus olhos cegos faiscaram.

– Meu conselho é que você dobre a língua para falar com seus superiores, garota. Sua antipatia por Jessamine é bem conhecida. As surras que ela te deu na Sala das Canções seriam motivo suficiente para espalhar mentiras sobre ela agora. E se alguém nesta congregação sai beneficiado com a morte de Carlotta, esse alguém é você.

Mia piscou, estarelecida.

– *Quê?*

– Você mesma falou que ela estava perto de resolver o enigma da Shahiid Mataranhas. Se Carlotta *conseguisse* preparar o antídoto, a sua melhor chance de terminar em primeiro numa sala estaria perdida, não? A sua chance de vencer na Sala das Canções é a mesma que os raios dos sóis têm de atingir um abismo.

– Seu desgraçado...

– Mia – alertou Tric, colocando uma mão no braço dela.

– ...desalmado...

– Corvere – murmurou Ash.

– ...maldito...

– ...*mia*...

– *FILHO DA PUTA!* – urrou Mia. – Ela era minha *amiga*! Que *porra* você acha que é?

Solis desceu o punho na bancada e berrou.

– Eu sou um shahiid da Igreja Vermelha! A Lâmina da Mãe nesta terra, trinta e seis mortes santas em nome dela! E juro que você será a trigésima sétima se ousar falar assim comigo de novo!

Mia deu um passo à frente, a raiva queimando no peito. Ela sabia melhor do que ninguém o que era irritar Solis. Mas mesmo assim continuou com sua loucura, sempre sem medo, pois Sr. Simpático engolia toda sua cautela. Tric e

Ash a seguraram pelos braços e a contiveram. Mas foi a voz da Reverenda Mãe a finalmente trazer silêncio para o quarto.

– Onde você esteve ontem depois da virada, acólita?

Drusilla inclinou a cabeça e lançou um olhar para o corpo de Carlotta.

– Por volta das três badaladas?

Saliva nos lábios de Mia. Olhos semicerrados. Queixo tenso.

– Na cama, claro.

– Sem ninguém para confirmar as suas palavras, então.

– Não.

A Reverenda Mãe cravou-lhe um olhar frio e azul.

– Interessante.

– Por que é interessante?

– Já abri mais de uma garganta no meu tempo – começou Drusilla, gesticulando para o cadáver de Carlotta. – Pela aparência da ferida, eu suponho que o assassino era canhoto.

O silêncio recaiu sobre a sala. Ashlinn e Tric trocaram olhares tensos. O suor na pele de Mia começou a esfriar. A Mãe a olhava diretamente.

– Jessamine é ambidestra – disse Mia. – Ela luta bem com qualquer mão.

– E que mão você usa mais, acólita?

– A esquerda, Mãe Drusilla.

A velha apontou para a mesa. Mia notou um contorno fino na mancha de sangue, como se um objeto retangular tivesse estado diante de Lotti quando abriram sua garganta, protegendo a bancada de parte da sangria.

– É óbvio que Carlotta trabalhava em alguma coisa quando foi assassinada. Parece que tinha o formato de um livro. Um diário talvez. Você não sabe nada a respeito, sabe, acólita?

– Carlotta fazia as suas anotações sobre o antídoto de Mataranhas em um caderno. Todo mundo sabe disso.

A Reverenda Mãe inclinou a cabeça.

– Interessante.

Mia olhou nos olhos dela sem piscar. A voz de Mataranhas quebrou o silêncio:

– Temos trabalho a fazer, acólitos. E vocês têm que ir para o desjejum. Nos vemos na aula de Verdades mais tarde.

Ash tomou a mão de Mia e a arrastou para fora da sala. O trio fez uma refeição sem vida no Altar Celeste. Mia passou o tempo todo encarando Diamo com um olhar furioso. O itreyano retribuía com olhos frios, mortos, desafiando-a a tentar a sorte. Jessamine não estava em parte alguma.

Mia cerrou os dentes. A comida tinha o sabor de pó e morte. Os cochichos de Ash não foram ouvidos. O sangue latejava nas orelhas. Tric insistiu em se apresentar e dizer que tinha passado a noite na cama de Mia. Que ela não podia ter matado Carlotta. Mas a sessão do garoto na tecelã tinha acabado bem depois das nove badaladas – e ele tinha dispensa apenas para voltar ao próprio quarto. Não fazia sentido Tric arriscar uma tortura antes de ela averiguar se as águas em que estava ficariam quentes demais.

Durante a aula na Sala das Verdades, Mia não conseguiu tirar os olhos da cadeira vazia de Carlotta. Da mancha de sangue tênue que nem mesmo a arquemia de Mataranhas conseguiu limpar por completo do pau-ferro. Ela imaginou os momentos finais da garota. Debruçada sobre o caderno. A cabeça puxada para trás por uma mão rápida. Os breves segundos de terror entre o momento em que ela sentiu a lâmina e o momento em que a escuridão a tomou.

Mia encarou Jessamine, que entrou na sala segundos antes de a aula começar. Uma promessa silenciosa ecoava na sua cabeça.

Este vai ser o seu fim, puta...

– Mia Corvere.

Mia piscou. Levantou os olhos do rosto de Jessamine para dar com a Reverenda Mãe na frente da sala, rodeada por meia dúzia de Mãos.

– Sim, Mãe Drusilla.

– Você deve nos acompanhar imediatamente.

Duas Mãos em trajes negros pegaram Mia pelos braços, uma em cada. A garota começou um protesto enquanto eles a puxavam da banquetela e, sem muita delicadeza, a arrastaram até a porta. Ela ouviu Tric reclamar, uma alteração, a ordem gritada de Mãe Drusilla. Espichando o pescoço, viu a anciã logo atrás, rodeada por figuras negras e agourentas. Seus olhos eram como pedras

de gelo azuis.

- Mãe Drusilla, para onde está me levando?
- Para os meus aposentos.
- Por quê?
- Um interrogatório.
- Sobre o quê?
- O assassinato de Carlotta Valdi.

Drusilla pôs um lençol amassado de linho no colo de Mia e cruzou os braços.

- Explique.

Os aposentos da Mãe aninhavam-se no alto da Montanha, em cima de uma escadaria aparentemente infinita. Eram mal iluminados por uma escultura de vidro arquêmico suspensa do teto. Uma escrivaninha decorada repleta de pilhas de pergaminhos dominava a sala; havia peles brancas no chão, tinta branca na parede. Estantes abarrotadas de livros preenchiam as paredes à esquerda e à direita, mas a que ficava atrás da escrivaninha estava escavada com centenas de recessos. Dentro desses nichos, Mia viu toda sorte de bizarrices. Uma adaga de centurião. Uma rosa elaborada feita de ouro batido. Um exemplar manchado do Evangelho de Aa. Um anel de safira.

Misturado com os troféus, Mia viu centenas de frascos de vidro, lacrados com cera escura. Eram do mesmo tipo que Naev usara no pescoço nas Ruínas Sussurrantes. E no centro da parede havia uma porta de obsidiana presa à rocha, marcada com glifos estranhos que mudavam de forma.

Sentada numa cadeira adornada, de espaldar alta, Mia olhou confusa para o tecido que Drusilla lhe dera.

- Explicar o quê, Reverenda Mãe?
- Isto.

Drusilla pegou o lençol, ergueu-o na altura do rosto de Mia. Ali, vazando pelos fios do tecido, a garota enxergou uma pequena mancha seca e escarlate.

- Parece sangue.

– O sangue de Carlotta, acólita. O orador Adonai confirma.

Mia olhou para o albino, que estava de pé, admirando as bizarrices da coleção da Mãe. Estava descalço como sempre, fresco, o peito pálido à mostra pela gola aberta do roupão de seda. Como sempre, o orador parecia especialmente entediado.

– É o *vitus* da assassinada – Adonai afirmou enquanto corria o dedo por uma série de frascos prateados. – Sem dúvidas.

Drusilla dobrou o lençol e pôs de volta no colo de Mia.

– Este lençol foi tirado da sua cama hoje.

Mia franziu a testa. A mente disparada. O coração acelerado.

– Não faz sentido.

– Você pode me explicar como o sangue de Carlotta foi parar na sua cama, acólita?

O queixo de Mia caiu, os olhos foram de um lado para o outro. Ela tomou fôlego pelos dentes cerrados. Lembrou-se de Diamo sentado sozinho no desjejum. A imagem de Jessamine chegando em cima da hora para a aula de Mataranhas.

– Jessamine – disparou Mia. – Ela não estava no desjejum. Deve ter posto lá.

– Jessamine estava aqui nos meus aposentos na hora do desjejum, acólita – suspirou Drusilla. – Sendo interrogada por mim sobre este mesmo assunto.

– Reverenda Mãe, não tive nada a ver com a morte de Lotti. Ela era minha amiga!

– Não *existem* amigos aqui, acólita. O lobo não sente pena do cordeiro. A tormenta não pede desculpas ao afogado. Somos matadores, você e eu. Matadores, todos matadores.

Mia levantou os olhos para anciã, que fazia eco ao aviso de Lorde Cassius. A Mãe continuou:

– E embora tenhamos deixado claro que o assassinato de companheiros acólitos é crime, se você admitir o seu papel no fim de Carlotta, o Ministério vai ser mais leniente no seu julgamento.

– Não vou admitir algo que não fiz!

– Todas as provas dizem o contrário – rebateu Drusilla, sentando-se na beira na escrivaninha e inclinando-se para Mia. A chave de obsidiana no seu pescoço reluziu à luz vaporosa. – É a única canhota do atual rebanho. Você é a que mais ganha com a saída de Carlotta do torneio de Mataranhas. Não tem álibi para o seu paradeiro ontem e o sangue da vítima foi encontrado no seu lençol, fato que você mesma não consegue explicar. Carlotta já visitou o seu quarto?

– Não, ma...

– Acaso ela se cortou durante a altercação no Altar Celeste com Jessamine? O sangue dela caiu na suas roupas de alguma maneira?

Por um instante, Mia pensou em mentir, mas sabia que Drusilla faria as mesmas perguntas a todos que testemunharam a briga. E ser pega mentindo...

– Não, Lotti não se cortou – respondeu Mia com a testa franzida. – Por que vocês entraram no meu quarto, afinal?

– Para procurar o caderno desaparecido de Carlotta, claro.

– Vocês realmente pensaram que iam encontrar? Eu teria que ser uma idiota para guardar o caderno no quarto depois de cortar a garganta dela, não teria?

– Mas se alguém *tivesse* armado para você, como diz, o assassino não se sairia melhor se plantasse o caderno no seu quarto e não apenas uma gota de sangue?

– Então, se tivessem encontrado as anotações, seria a minha inocência ou a minha culpa que ficaria provada?

Drusilla fechou a cara e cruzou os braços.

– E não há ninguém capaz de falar do seu paradeiro?

As unhas de Mia enterraram-se nas palmas das mãos. *Claro* que havia alguém que poderia testemunhar por ela. Mas se Tric admitisse que tinha ido ao seu quarto, admitiria também que tinha violado o toque de recolher. Seria flagelado por isso. Talvez de um jeito pior do que Shiu.

– ...só há uma pessoa que pode falar do paradeiro dela...

A barriga de Mia gelou. Senhor Simpático se materializou sobre a mesa da Reverenda Mãe e encarou a anciã com a cabeça inclinada. Drusilla virou-se para ver a criatura, os olhos claramente céticos. Mas Mia sabia que ele não

tinha afeição a Tric. Nem lealdade. Ele entregaria o garoto num segundo se isso poupasse Mia de mais um segundo daquela indignidade.

– Ah, é? – indagou Drusilla. – Posso perguntar quem?

– ...*não sei se pode. quer...?*

– Senhor Simpático, não.

– ...*e por que não...?*

– Por que eu estou te pedindo para não dizer.

Drusilla se virou rapidamente para a garota ao ouvir isso, encarando-a com olhos estreitados.

– Acólita, eu deveria não ser obrigada a explicar a gravidade deste crime. Se descobrirmos que você é culpada pelo assassinato da acólita Carlotta, será no mínimo flagelada. Talvez até executada. E se há alguém que pode te dar um alibi para ontem...

O olhar de Mia fixou-se no não-gato. Em súplica.

– ...*você costumava confiar mais em mim...*

– Por favor, não.

– ...*o que mudou, mia...?*

– Basta – disparou Drusilla. – Eu sou a senhora deste lugar. Não fale com ela, fale comigo. Em nome da Nossa Bendita Senhora, eu ordeno.

Senhor Simpático virou-se a essas palavras e fixou o olhar sem fundo em Drusilla.

– ...*na verdade é óbvio...*

– Senhor Simpático, não.

O não-gato sacudiu o rabo. Olhou a anciã de alto a baixo.

– ...*eu...*

No silêncio que se seguiu, Mia jurou ter ouvido Adonai rir baixo. O não-gato lançou um olhar para ela e sacudiu a cabeça, como que dizendo que ela deveria ser mais esperta.

– ...*eu nunca saio do lado dela. eu a guardo durante o sono. sei exatamente o que ela fez na quasinoite...*

– Você acha que eu sou burra, passageirinho?

– ...*há burros nesta montanha, reverenda mãe, mas nem você nem ela*

estão entre eles...

Senhor Simpático apontou a cabeça na direção de Mia.

– *...ela não faria e não poderia ter feito isso...*

Drusilla torceu o nariz e se levantou, indo sentar-se à escrivaninha. Adonai perambulava pelos nichos, ainda tocando um ou outro frasco, sorrindo vagamente. A anciã estalou os dedos.

– Acólita Mia Corvere, você está confinada aos seus aposentos. Suas refeições serão servidas lá, juntamente com quaisquer outros materiais necessários à continuidade dos seus estudos. Não terá permissão para qualquer contato externo, e uma Mão será postada à sua porta até o assunto ser resolvido. O Ministério se reunirá esta quasinoite para discutir o seu destino.

Duas Mãos pareceram se materializar ao lado da cadeira de Mia. Percebendo que não fazia sentido dar mais motivos à fúria da Mãe, a garota se levantou devagar, curvou-se baixo, e marchou para fora dos aposentos de Drusilla. As Mãos a escoltaram ao longo de todo o caminho até o quarto, fazendo-a entrar e trancando a porta em seguida. Uma rápida olhada pelo buraco da fechadura revelou duas figuras encapuzadas paradas no corredor.

O quarto tinha sido virado de ponta-cabeça: gavetas reviradas, cama desfeita. Mia desabou sobre o colchão nu, acendeu uma cigarrilha e olhou para o teto.

– Bom, que merda.

Senhor Simpático se materializou na cabeceira da cama e baixou a vista para os olhos da garota.

– *...eu preferiria um pedido de desculpas por escrito, embora uma palavra dita de maneira especialmente eloquente talvez sirva...*

– É – disse Mia, limpando a garganta. – Desculpe.

– *...esse deve ser um novo tipo de eloquência que desconheço...*

– Sangue e abismo, vou te escrever um pedido formal, em pergaminho dourado, e cantá-lo do alto da Montanha mais tarde. Agora temos assuntos mais urgentes para resolver, não acha?

– *...mesmo se te julgarem culpada, não vão te matar...*

– O que te dá tanta certeza? Talvez queiram me fazer de exemplo.

– ...*não faz muito sentido. O assassino era hábil o bastante para escapar do dormitório depois das nove badaladas, esgueirar-se até a sala das verdades, cortar a garganta da garota de uma orelha à outra, lavar manchas de sangue e voltar para a cama, tudo sem ser visto...*

Mia baforou fumaça na cara do não-gato.

– O nome dela era Carlotta, Senhor Simpático.

– ...*seja como for, o assassino demonstrou especial destreza exatamente nas artes que ensinam aqui...*

– Ah, sim, talvez eles me ponham uma medalha nas tetas.

– ...*duvido. mas também duvido que os mestres de uma escola de assassinos letais fiquem irritados demais se um dos seus alunos se tornar um assassino letal...*

A garota tragou forte a cigarrilha, exalando um palavrão cinza.

– ...*jessamine é a culpada óbvia entre os acólitos. mas não necessariamente a culpada de verdade...*

– Quem mais então?

– ...*quem é o terceiro melhor noviço na aula de venenos...?*

– Shiu, talvez? Mas Osrik e Marcellus também estão no páreo.

– ...*e qualquer um deles é capaz da furtividade necessária para fazer uma coisa dessas...*

Mia soltou mais fumaça, enquanto os pensamentos giravam na cabeça. Ela precisava dar um fim em Jessamine. Mas se ela ou Diamo acabassem simplesmente mortos, o Ministério logo suspeitaria dela própria. E tudo aquilo era irrelevante, afinal. Não fazia sentido pensar sobre Jessamine e Diamo até saber qual seria o veredicto sobre Carlotta. Sua pilha de problemas diminuiria bastante se o Ministério simplesmente lhe cortasse a garganta...

Em vez de ferver os miolos com isso, Mia voltou a trabalhar na fórmula de Mataranhas. Debruçada sobre as ruínas da cama, escreveu as ideias no caderno de couro. Horas passaram-se no lusco-fusco, Sr. Simpático oferecendo toda a pouca ajuda de que era capaz. O enigma desviou sua mente do Ministério, da possibilidade de que todos os seus planos bem cimentados pudessem desmoronar em questão de horas. O que Mercurio diria se tudo

viesse abaixo?

Concentre-se no que você pode mudar, ele aconselharia. O resto vai se resolver sozinho.

Mia suspirou.

De um jeito ou de outro.

Uma batida na porta horas depois arrancou Mia da dança arquêmica em sua cabeça, de volta à luz baça. Por distração, ela tinha fumado metade das cigarrilhas que lhe restavam, e o copo ao seu lado estava transbordando de cinzas. Sua garganta parecia esfolada, a cabeça zonza. Ela apagou o que faltava da cigarrilha atual, sorrindo.

– Dentes da Fauce, eu preciso reduzir.

– *...por aqui há coisas mais perigosas para você botar na boca...*

Senhor Simpático a observava por trás de uma nuvem de fumaça.

– *...garotos dweymeris, por exemplo...*

– Ah, bravo. Passou um tempo pensando nessa, não foi?

– *...a maior parte da quasinoite passada...*

– Tempo bem empregado, então.

– *...há maneiras mais perigosas de eu...*

– Muito bem, muito bem. Chega. A última coisa que quero ouvir antes da minha execução são as suas críticas sobre as minhas escolhas de pênis.

– *...coisas ridículas, todos eles. se alguém precisar de uma prova da maldade do seu criador, basta procurar entre as pernas do adolescente médio...*

Tóc, tóc, tóc.

– Acólita, você está convocada ao Salão dos Elogios.

Mia levantou-se da cama. Sem frio na barriga. Coração firme. Escondeu uma dúzia de facas pelo corpo, determinada a cair lutando se fosse para terminar ali. Perguntando-se o que a esperava sob o olhar da estátua.

Seis Mãos aguardavam à porta do quarto, capuzes baixos até os olhos. O Shahiid Mouser estava ao lado deles, sua lâmina de aço-negro no cinto. O

sorriso familiar do homem tinha sumido.

– Shahiid – cumprimentou Mia, acenando com a cabeça.

– Venha conosco, acólita.

A garota foi conduzida pelo corredor até o Salão dos Elogios. Podia sentir Sr. Simpático em sua sombra, bebendo o seu medo o mais rápido possível. Ainda assim, o sentimento começava a transbordar. Suor nas mãos. Estômago se revirando. Mia não morreria de joelhos como uma criança chorona. Mas tinha se esforçado tanto! Tropeçar e cair na última hora por causa de uma coisa dessas?

As sombras incharam-se ao redor dela, pressionando por todos os lados. Reagindo ao seu ódio crescente. À ansiedade à flor da pele. Estavam às suas ordens, se quisesse. Se ao menos ela tivesse a determinação de tomá-las nas mãos... Ela já o tinha feito antes. Não fazia muito tempo. Quatorze anos. Paredes de pedra. Gritos no ar. Sangue nas mãos.

Não olhe.

O Ministério estava reunido sob o olhar granítico de Niah. Os acólitos também. Um a menos do que da última vez que todos se juntaram ali. Tric a olhava com uma expressão agoniada. Ela balançou a cabeça e comprimiu bem os lábios. Um aviso silencioso para que ele fizesse o mesmo.

A luz dos vitrais escorria sobre o chão, vermelho-sangue e de um branco fantasmagórico, o coral cantando ao fundo. Mia foi levada a um lugar vazio diante do Ministério. O rosto dos shahiids reunidos estava grave, e o da Reverenda Mãe era o mais sombrio de todos.

– Acólita Mia, o Ministério investigou exaustivamente a morte da acólita Carlotta. Embora não existam provas conclusivas da sua culpa, o sangue encontrado no seu quarto e a mão usada pelo assassino não podem ser ignorados. Além do mais, o seu motivo é irrefutável. Com a acólita Carlotta morta, você se torna a melhor colocada para chegar em primeiro lugar na sala de Mataranhas. Afora as palavras já ditas hoje cedo, você tem algo mais a acrescentar em sua defesa?

Mia examinou o rosto dos shahiids reunidos. O olhar cego de Solis. A bela máscara de Aalea. Estavam de decisão tomada. E implorar não era o jeito

dela.

– Não, Reverenda Mãe – ela respondeu.

– Muito bem. À luz das provas, e sem qualquer testemunho fiável do contrário, sua culpa está confirmada. Dada a natureza dos seus estudos aqui, e a destreza com que o assassinato foi consumado, será poupada de uma execução. Contudo, você foi avisada *especificamente* de que é proibido dar fim a companheiros acólitos, e portanto merece uma punição. Padecerá o flagelo de sangue. Cinquenta golpes.

Mia apertou os dentes para conter o pico repentino de medo, e Sr. Simpático inchou-se na sua sombra. *Dentes da Fauce, cinquenta golpes*. Shiu tinha recebido metade e quase morrera. Ela lançou um olhar para o garoto de olhos azuis, numa ponta do semicírculo dos acólitos. Podia jurar que ele acenou de leve com a cabeça. A voz da mãe soou na cabeça dela.

Nunca trema. Nunca tema. E nunca, jamais esqueça.

Os olhos dela encontraram os de Tric e ela balançou a cabeça de novo. Não fazia sentido ele se apresentar para o castigo agora. Por mais que falassem de regras, estavam numa escola de *assassinos* – pelo menos o crime que Mia supostamente cometera possuía alguma credibilidade. Mas uma violação flagrante do toque de recolher da Mãe por causa de um boca a boca angustiado?

Ele seria esfolado vivo. Literalmente.

– Além disso – continuou Drusilla –, como o seu crime foi motivado pelo desejo de levar vantagem em Verdades, você está doravante banida do torneio de Mataranhas, e será inelegível para competir pelo primeiro lugar na sala.

Mia murchou como se a Mãe a tivesse socado no estômago. Terminar em primeiro em Verdades era a sua melhor chance de iniciação, e todos sabiam. Sem o torneio de Mataranhas, Mia talvez nunca chegasse a Lâmina. O que aconteceria então? Seria relegada a caravanas até Última Esperança com Naev, ou a guardar alguma piscina de sangue num cu de lugar como Carrion Hall ou Elai? Que esperança teria de se vingar de Scaeva e dos outros como uma serva gloriosa?

Mia olhou para os rostos ao redor. Solis sorria. Jessamine quase

gargalhava, como se todos os presentes da Grande Partilha tivessem chegado de uma só vez. Diamo praticamente babava de ansiedade. A Mãe Drusilla acenou com a cabeça para as Mãos ao lado de Mia, e elas a pegaram pelos braços. Tudo o que ela pôde fazer foi se conter. O negrume estremeceu à medida que ela apertava os dentes e se deixava conduzir até os anéis de ferro na base da estátua, entrevendo Marielle e Adonai nas sombras. O orador não tinha expressão, mas os lábios sangrentos da tecelã partiam-se num sorriso.

Ela já estalava os dedos.

As Mãos seguraram sua camisa. Mia enrijeceu o corpo enquanto eles se preparavam para deixar suas costas nuas. Ela olhou para a deusa no alto, para aqueles olhos impiedosos que a seguiam por toda parte.

Dê-me forças...

– Pare.

Mia suspirou. Alívio e ódio em medidas iguais.

Esse besta do caralho...

Mia se virou. Todos os olhos estavam sobre Tric. O garoto deu um passo à frente e encarou os shahiids reunidos.

– Mãe Drusilla, *pare* com isso.

– Volte para o semicírculo, acólito. A sentença já foi dada. Agora será executada.

– Tric, não – sibilou Mia.

– A sentença está errada. Ela não pode ser a assassina de Carlotta.

– Não estou interessada na sua opinião sobre o caráter dela, acólito.

– Não estou falando de caráter nenhum – disparou Tric. – Mia não pode ter assassinado Carlotta ontem sem que eu soubesse.

– E por quê?

– Tric, pare!

O garoto ignorou o pedido de Mia e lançou um olhar para a tecelã. Lábios secos. Mas apesar de saber a punição que poderia vir, ele falou:

– Porque eu estava com ela em seu quarto.

Os membros do Ministério trocaram olhares, exceto Solis, que olhava enfurecido para o teto. Drusilla olhou para Marielle e o irmão, depois de novo

para Tric.

– Você confessa que estava fora dos seus aposentos depois das nove badaladas?

– Passei a quasinoite toda fora. Ash é testemunha. Ela me viu na cama de Mia hoje cedo.

Drusilla voltou-se para Ashlinn.

– É verdade, acólita?

Ashlinn mordeu os lábios. Relutante, confirmou:

– É, Reverenda Mãe.

– Então Mia não pode ser a assassina de Lotti – continuou Tric. – Apesar das suas “provas”. Você não pode bani-la do torneio de Mataranhas. Passei o tempo todo com ela na cama.

– E por que não nos informou antes?

– Porque eu pedi para não informar – disse Mia.

– Você não pode bani-la do torneio de Mataranhas – insistiu Tric. – Tornar-se Lâmina é tudo para Mia. E ela não matou Lotti.

Drusilla olhou para a garota. Para o Ministério, para a Mãe.

Mia prendeu a respiração e os minutos gotejaram como anos. O coral fantasmagórico cantava seu hino no escuro; o pulso dela trovejava nas veias. O Ministério discutia entre si em tons sussurrados. Tudo pelo que a garota tinha trabalhado e se esforçado pendia na balança. Mia podia ter beijado Tric. Ela podia ter socado ele. Mas o garoto era um concorrente. Antes de tudo, depois, e sempre. Ela não o amava. Ele não a amava. Não havia espaço para amor no escuro, e ambos sabiam. Por que arriscara tanto por ela, quando Mia jamais faria o mesmo por ele?

A Mãe Drusilla enfim tomou a palavra, acalmando o turbilhão na cabeça de Mia.

– Muito bem – começou a anciã. – À luz dessa nova prova, parece que a culpa de Mia não é certa, e sua punição não tem fundamento. E, embora tenha tardado, o Ministério deve aplaudir o acólito Tric por sua sinceridade. Tamanha coragem merece elogios quando vista à luz do seu preço.

Drusilla voltou-se para as Mãos ao seu lado:

– Amarrem-no.

As figuras encapuzadas cercaram Tric e arrastaram-no para a base da estátua, enquanto Drusilla continuava a falar:

– Infelizmente, acólito Tric, sinceridade de lado, parece que a pena infligida ao acólito Shiu não foi um incentivo suficiente para dissuadir os noviços de violar o toque de recolher. Talvez a sua própria punição evite novos atos de desobediência.

Ela voltou-se para Marielle.

– Cem golpes.

Murmúrios ondebaram pela fileira de acólitos e o rosto de Tric empalideceu. Ainda que Adonai impedisse uma hemorragia, ainda que Marielle o impedisse de morrer, a agonia de cem golpes com certeza o mataria. Depois de tudo por que ele tinha passado, tudo que tinha sofrido, estava fadado a terminar ali, nas entranhas daquela Montanha negra, gritando loucamente e implorando para morrer.

Ele tinha arriscado tudo por ela. Tinha falado a verdade, apesar de saber qual poderia ser o custo.

Sabendo que ela jamais faria o mesmo por ele.

– Reverenda Mãe – disse Mia. – Espere.

Os olhos azuis e frios voltaram-se para a garota.

– Acólita?

Ela respirou fundo. A sombra girou nos seus pés.

Será que faria?

– Fui eu quem pedi para Tric ir para o meu quarto. Pelo menos metade da culpa é minha. – Mia se preparou e completou: – Mereço padecer metade da punição.

O salão ficou silencioso como um sepulcro. A Reverenda Mãe olhou para a fileira de shahiids, fazendo a pergunta silenciosa a um de cada vez. Mouser deu de ombros. Solis fez que não com a cabeça, aparentemente apostando que assistir à flagelação de Tric doeria mais a Mia do que sofrer o castigo. Mas Aalea fez que sim, e Mataranhas também concordou, com os olhos escuros fixos em Mia. Drusilla apertou os dedos contra o lábio, a testa sulcada em

pensamento.

– Prendam os dois – disse afinal.

As Mãos conduziram Tric à estátua, prenderam seus pulsos. Mia o encarou furiosa o tempo todo, balançando a cabeça. O garoto retribuiu o olhar, o rosto abatido e lívido.

– *Idiota do caralho* – os dois murmuram simultaneamente.

Mia sentiu sua camisa ser arrancada. Pressionaram-na contra a pedra, fria ao toque da sua carne, e calafrios começaram a percorrer a sua pele nua. Ao olhar por cima do ombro, viu Adonai e Marielle atrás de si. Seu medo começava a superar o apetite de Sr. Simpático. O pulso acelerava.

Mas como deve estar sendo para Tric?

O garoto parecia incapaz de respirar rápido o bastante, e tomava fôlegos grandes e custosos por entre os dentes fechados. Os olhos arregalados, fixos na pedra negra a que estava acorrentado. Mia forçou a mão nas algemas, e seus dedos conseguiram encontrar os dele e apertar forte.

– Segure em mim – ela cochichou.

Tric piscou para tirar o suor dos olhos. Concordou com a cabeça. E então as Mãos se aproximaram por trás deles e vedaram os olhos dos dois, bloqueando toda luz.

Mia sentiu a mão de Tric segurar mais forte, a ponto de esmagar seus dedos. Ela sabia exatamente aonde ele tinha ido. Quatorze anos. Atado ao mastro do lado de fora da casa do avô. Esperando no escuro a próxima pedrada. O próximo tapa. A próxima cusparada.

Bastardo. Filho da puta. *Koffi*.

– Senhor. Simpático – ela cochichou.

– ...*não, mia...*

– Ajude Tric.

– ...*e se eu ajudar tric, quem ajuda você...?*

Ela sentiu as Mãos conferirem as algemas nos seus pulsos. Ouviu os passos quando elas se afastaram. Tric apertava seus dedos com tanta força que doíam.

– Você me falou que para dominar a escuridão de fora, primeiro eu tenho que encarar a de dentro...

– ...*não aqui, não assim...*

– Se não aqui, quando?

Ele sentiu sua sombra arrepiar-se. Sentiu o medo dentro de si subir.

– Eu aguento – ela silvou.

Os dedos da tecelã Marielle estalaram.

A voz de Mãe Drusilla ecoou no negrume das vendas.

– Comecem.

Um momento vazio, sem fim.

– ...*como quiser...*

A escuridão ondulou sob seus pés num último adeus. E então Sr. Simpático se afastou, deslizando pela pedra negra até entrar na sombra de Tric. Ela ouviu a respiração do garoto ficar um pouco mais leve; a força esmagadora que ele fazia sobre os seus dedos diminuiu assim que o não-gato investiu contra o seu medo. Ali, imprensada contra a pedra fria, apesar da agonia por vir, Mia flagrou-se sorrindo. O silêncio ressoava no salão, profundo como os séculos. O mundo prendia a respiração.

E então a tecelã cerrou os punhos.

O golpe foi como uma chama abrasadora, como navalhas enferrujadas. Como se esfregassem limão e sal numa ferida sangrenta recém-aberta. Quatro rasgões irregulares ao longo das costas que a fizeram arreganhar os lábios num grito silencioso.

Cada um dos músculos retraiu-se. As costas rasgadas como papel. Mia debateu-se contra a pedra, apertando mais os dedos de Tric à medida que o medo preenchia o vazio deixado após o fim da chibatada. Medo em ondas gigantes, gélidas, um maremoto, abatendo-se sobre sua cabeça e a puxando para baixo. Cada segundo transbordava numa eternidade. Cada instante passado à espera do próximo golpe carregava a própria agonia. Ela viu-se rezando pelo próximo golpe, só para que a pausa terminasse. E então ele veio, rasgando suas costas em quatro linhas de dor perfeita.

Ela jogou a cabeça para trás. A boca aberta, mas se negando a gritar. Ela não lhes daria essa satisfação. Jessamine e Diamo. Solis. Ela conseguia sentir seus olhares. O gosto do seu sorriso. O sangue descia quente e grosso pelas

costas, empoçava na sombra vazia a seus pés. A tecelã investiu de novo, o som dos chicotes invisíveis estalando pelo ar, a dor incandescente. Ainda assim, ela mantinha a sua mão na de Tric, aferrada àquele único e ardente pensamento: que não importava o quanto doesse

(crack)

não importava o quanto ela quisesse

(crack)

ela jamais

(crack)

os deixaria

(crack)

ouvir

(crack)

o seu

(crack)

grito.

Mas no décimo golpe, ela já tinha soltado a mão de Tric. No décimo segundo, tinha perdido o controle sobre o seu pavor, e o grito lhe jorrou dos lábios, longo e agudo e trêmulo. Podia sentir a mão de Tric apalpando à procura da sua, mas ela cerrou os punhos. Baixou o queixo e apertou a testa contra a pedra. Sem muletas. Sem passageiros. Ninguém ao seu lado. Ninguém dentro de si. Apenas ela *(crack)* e a dor *(crack)* e o medo *(crack)*. Todos uma só coisa.

A cabeça fraquejava. Tonta, mas ainda desperta. Mantida entre a consciência e o desfalecimento pelos feiticeiros e sua mágica. Um breve descanso veio depois da vigésima chibatada, o calor fluindo para cima de novo, subindo pelas pernas, reentrando nas veias abertas e artérias partidas, findando o inverno que ameaçava subjugar-la. Ela ouviu Tric sussurrar de algum lugar distante.

– *Mia, chame-o de volta...*

...raspando a testa na pedra, sangue nos olhos...

– *Mia, por favor...*

A escuridão descortinava-se diante de si agora. O pesadelo à espreita por trás do muro do sono. E quando a tecelã golpeou de novo, uma nova agonia ardeu, arrancada de sua garganta num uivo sem palavras. E o muro começou a ruir. Nenhum estado de consciência para contê-los, ali na fronteira do desfalecimento. Nenhum gato feito de sombras empoleirado na cabeceira da cama, atento com os seus não-olhos aos pesadelos que vinham visitá-la. Apenas ela. A pequena Mia Corvere. Sozinha na escuridão que cada vez mais inchava-se, o medo subindo rápido, a loucura aproximando-se em silêncio. E ali, no negrume fino como papel, com tão pouco entre eles e ela e ela e eles, ela finalmente viu as coisas que assombraram seu sono ao longo de todos aqueles anos.

(crack)

Não eram fantasmas.

(crack)

Não eram pesadelos.

(crack)

(crack)

(crack)

Lembranças.

Capítulo 27

VERATREVA

Não olhe.

Mia avançou pelos corredores de pedra ensanguentada, envolta numa escuridão tão profunda que mal conseguia enxergar. Corpos. Por toda parte. Homens sufocados e esfaqueados, espancados até a morte com as próprias correntes e membros. O som de assassinato ecoava por todos os lados, o fedor de vísceras carregado no ar. Formas vagas passavam correndo por ela, contorciam-se e berravam no chão. Os gritos soavam em algum lugar distante, em algum lugar que o escuro não a deixava ouvir.

Ela penetrou a Pedra Filosofal como uma faca entre costelas. A prisão. O abatedouro. Desceu além das celas abertas até as partes mais calmas, onde as portas ainda estavam lacradas, onde os prisioneiros que não queriam tentar a sorte no Descenso ainda estavam trancados, magros e famélicos. Ela removeu o manto de sombras para enxergar melhor, espiando por entre as barras os espantalhos ossudos, os fantasmas de olhos ocos. Mia compreendeu por que alguns tentavam a sorte no jogo horrendo do Senado. Melhor morrer lutando do que ficar ali no escuro e morrer de fome. Melhor levantar e cair do que ajoelhar e viver.

A não ser, claro, que você tivesse um filho de quatro anos trancafiado com você...

Os espantalhos gritavam à vista dela, pensando que fosse algum espectro sem coração que vinha atormentá-los. Ela correu de uma ponta a outra do pavilhão, os olhos arregalados. Desesperada. Medo, apesar do gato na sua sombra. Eles tinham de estar ali em algum lugar? Com certeza dona Corvere não teria arrastado o filho para a carnificina lá em cima por uma chance de escapar daquele pesadelo.

Teria?

– Mãe! – Mia chamou, com lágrimas nos olhos. – Mãe, é a Mia!

Corredores infinitos. Preto sem luz. Cada vez mais dentro da sombra.

– Mãe?

– ...vou procurar nos outros corredores, vai ser mais rápido...

– Não vá longe.

– ...nunca tema...

Mia sentiu um calafrio quando Sr. Simpático disparou pelo corredor. O negrume ficou mais cerrado, e ela arrancou uma tocha vacilante da parede. As sombras dançavam. Um medo frio tomou as entranhas da garota, mas ela cerrou os dentes e o afugentou à força. A respiração estava acelerada. O coração disparava à medida que ela percorria um corredor atrás do outro, chamando o mais alto que ousava:

– Mãe?

Mais fundo na Pedra.

– Mãe!

Até que, por fim, ela encontrou o caminho para o poço mais profundo. O buraco mais escuro.

Um lugar que a luz nunca tocava.

Não olhe.

– Florzinha linda.

A garota forçou a vista no escuro. O coração tenso ao som da voz dela.

– Mãe?

– Florzinha linda – veio o sussurro. – Linda, linda.

Mia deu um passo à frente à luz da tocha vacilante e espiou por entre as barras de uma cela imunda. Pedra úmida. Palhas podres. O fedor de moscas, merda e podridão. E ali, encolhida no canto, magra feito um palito e coberta de trapos e chumaços sebosos do próprio cabelo, ela a viu.

– Mãe!

Embora tivesse erguido a mão na direção da luz, desviando um pouco os olhos, o sorriso da dona Corvere era amarelo, frágil e largo, largo demais.

– Coisinha linda – ela sussurrou. – Coisinha linda. Mas nada de flores aqui, não. Nada cresce. O que é ela? – Olhos arregalados procurando no escuro, pousando sobre qualquer lugar menos o rosto de Mia. – O que é ela?

– Mãe? – Mia se aproximou das barras com passos incertos.

– Sem flores, nada.

Dona Corvere balançava-se para trás e para a frente, fechando os olhos contra a luz.

– Foi tudo embora.

A garota pôs a tocha no chão, ajoelhou-se diante das barras. Olhou para o esqueleto trêmulo do outro lado, o coração desfazendo-se num milhão de cacos reluzentes. Tempo demais.

Ela tinha esperado tempo demais.

– Mãe, você não me reconhece?

– Eu não – ela sussurrou. – Não ela. Não. Não.

A mulher arranhou as paredes com dedos ensanguentados. Mia viu uma série de marcas na pedra, feitas com sangue seco e unhas quebradas. Um padrão de loucura, gravado pelas mãos nuas da dona Corvere. Um controle do tempo que ela tinha passado apodrecendo ali.

Já fazia quatro longos anos desde que Mia a tinha visto, mas não era tempo suficiente para ela esquecer a beleza da mãe. Uma mente mais afiada que a lâmina de um duelista. Um temperamento que fazia tremer o chão por onde caminhava. Onde estava aquela mulher agora? A mulher que segurara Mia contra as saias para que ela não desviasse o olhar? Que a forçara a observar o pai preso e se debatendo na ponta da corda, enquanto o próprio céu chorava?

Mia conseguia ouvir a voz do de Scaeva na sua cabeça, um eco da viragem em que o pai morreria:

– Quando você já estiver cega em meio à treva, a doce Mãe Tempo reclamará a sua beleza, e a sua vontade, e a sua exígua convicção de que era mais do que merda liisiana embalada em seda itreyana.

Dona Corvere balançou a cabeça, mascando mechas foscas. Joias e ouro já haviam cintilado no cabelo negro como um corvo, agora infestado de pulgas e salpicado de palha podre. Mia estendeu a mão por entre as barras, tentando alcançar o mais longe possível.

– Mãe, sou eu, Mia.

Os olhos cheios de lágrimas. O lábio inferior trêmulo.

– Por favor, mãe. Eu te amo.

Dona Corvere recolheu-se ao ouvir isso. Espiou por entre os dedos ensanguentados. O reconhecimento acendia-se nas profundezas despedaçadas das pupilas. Algum vestígio da mulher que ela fora, escalando até a superfície. A mulher que todos os senadores uma vez temeram. Os olhos cheios de lágrimas.

– Você está morta – ela balbuciou. – Estou morta com você?

– Não, mãe. Sou eu.

– Eles te afogaram. Minha menina linda. Meu bebê.

– Mãe, por favor – implorou Mia. – Eu vim te salvar.

– Ah, sim – ela sussurrou. – Leve-me para o Lume. Me ponha lá e me deixe dormir. Mereço descanso, as Filhas sabem.

*Mia suspirou. O coração partido. Lágrimas nos olhos. Mas não. Não havia segundos a perder. Haveria tempo para curar as feridas da mãe quando as duas estivessem longe dali. Tempo suficiente quando ela fossem...
...elas...*

Mia piscou na escuridão, os olhos vasculhando o interior da cela.

– Mãe, onde está Jonnen?

– Não – ela sussurrou. – Nada de flores. Nada cresce aqui. Nada.

– Onde está o meu irmão?

A mulher moveu a boca, formando palavras sem som. Bateu os lábios. Arranhou a própria pele, enterrando as mãos no cabelo sem brilho. Cerrou os dentes e fechou os olhos enquanto lágrimas escorriam bochechas abaixo.

– Já foi – ela murmurou. – Com o pai. Se foi.

– Não. – Mia balançou a cabeça, bateu a mão contra o peito dolorido. – Ah, não.

– Ai, Filhas, me perdoem.

Custou tudo o que ela tinha. Cada grama de si mesma. Mas Mia empurrou a dor de lado. Esmagou-a sob o calcanhar. Piscou para conter as lágrimas ardentes. Tentando não se lembrar das quasinoites em que tinha segurado o irmãozinho nos braços, cantado para acalmar seus gritinhos.

Ignorando os gemidos febris da mãe, ela examinou a tranca pesada na porta da cela. Tirou uma gazua do cinto e pôs-se a trabalhar como Mercurio tinha ensinado. Concentrada na tarefa. O conforto da rotina. A escuridão ao redor dela tremendo. Os gritos de morte distante ficando mais altos. Chegando mais perto?

Não olhe.

A mão da mãe saiu das sombras. Agarrou o pulso de Mia. A garota puxou, mas a dona Corvere segurou firme a filha. Silvou com hálito podre:

– Como posso te tocar se você está morta?

– Mãe, eu não estou morta. – Ela tomou a outra mão da mulher e a apertou contra o rosto. – Viu? Estou viva. Como você. Viva.

Dona Corvere apertou o seu pulso até doer.

– Ah, deus – ela balbuciou. – Ah, nunca. Nada de flores...

– Shh, está tudo bem. Vamos sair daqui.

– Meu bebezinho – ela lamentou. – Meu doce e pequeno Jonnen. Se foi. Se foi.

Lágrimas escorrendo pelas bochechas imundas. Murmúrios suaves como a neve.

– Minha Mia também morreu.

– Não, estou aqui. – Mia beijou os dedos sangrantes e feridos. – Sou eu, mãe.

– ...mia, o caminho está livre, precisamos nos apressar...

Senhor Simpático se materializou no chão ao lado dela, o seu sussurro cortando o negrume. A dona Corvere deu uma olhada no gato de sombras e sibilou como se tivesse sido escaldada. Soltou as barras e encolheu-se no canto mais distante, mostrando os dentes num esgar.

– Mãe, está tudo bem! Ele é meu amigo.

– Olhos negros. Mãos brancas. Ah, deus, não...

– ...mia, precisamos ir...

– Ele está dentro de você – a dona balbuciou. – Ai, Filhas, ele está dentro de você.

As mãos de Mia tremeram. A fechadura não se movia, enferrujada e

entupida de sujeira. Dona Corvere estava no canto, três dedos apontados para Sr. Simpático; o sinal de Aa para afastar o mal. Mia conseguia ouvir o caos lá em cima, os gritos dos que morriam, o sangue pesando no ar. De repente ela se encheu de raiva, vendo o sofrimento a que a mãe tinha sido submetida, a ruína em que aquilo a tinha tornado. Os sóis já estavam bem abaixo do horizonte, o poder da veratreva lá fora empapava-lhe os ossos. Sem pensar, ela ergueu as duas mãos, contorcendo o rosto. As sombras tremeram. Uma escuridão líquida serpenteou ao redor das barras e puxou-as com força. O ferro chiou ao ser arrancado das dobradiças, como que tirando a casca da cela, as barras estalando como galhos secos. Mia entrou no buraco que tinha feito, estendeu a mão.

– Você é dele – a mãe silvou. – Você é dele.

– ...mia, temos que ir...

– Mãe, venha comigo.

Dona Corvere fez que não com a cabeça, os olhos cheios de horror.

– Você não é o meu bebê.

Mia agarrou a mão da mãe. A mulher gritou, tentando se soltar, mas Mia segurou firme. Atando-a em fitas de escuridão, Mia levantou a mãe e a arrastou para fora da cela. Alinne Corvere já não parecia reconhecer a filha, debatendo-se para escapar. Mas Mia não largou; continuou a arrastá-la pelos corredores e escadas na direção das construções acima. O cheiro de carnificina ficou mais pesado, a canção da matança aumentou. E quando elas começaram a tropeçar nos corpos, os gemidos da dona se tornaram gritos. Olhos vermelhos de sangue semicerrados à luz ardente. Boca aberta.

Gritando.

– ...ela precisa ficar quieta...!

– Mãe, pare, eles vão ouvir a gente!

– Me solta! ME SOLTA!

– ...mia...!

Um homem surgiu na escuridão à frente, segurando um par de algemas ensanguentadas nas mãos. Ao vê-los, soltou um rugido e começou a correr na sua direção. Mia voltou-se para ele, virou o pulso. As sombras

desdobraram-se, levantaram o homem e o jogaram contra a parede. Ele caiu de joelhos, sangrando e zozado, quando mais dois prisioneiros dobraram uma esquina – um par de garotos que já tinham passado da adolescência, com rostos manchados de sangue. A escuridão se moveu às ordens de Mia e golpeou ambos como se fossem feitos de palha. Mas, ao cuidar dos garotos, ela perdeu o controle da mãe, e a dona Corvere escapou e disparou pelo corredor.

– Mãe!

O homem que ela tinha batido contra a parede se levantou com as pernas trêmulas e investiu contra ela. Mia o jogou de novo nos tijolos, mais forte do que antes, e com um suspiro úmido, ele desabou e não levantou mais. Ela disparou atrás da mãe, gritando para que parasse.

Todas as sombras no corredor esticavam-se para a frente, estendendo-se como fitas de escuridão prontas para envolver a dona. Só que mais presos começaram a vir. Os gritos de Alinne os atraíam como o sangue na água atrai dragões. Mia os jogou para os lados, fazendo a alvenaria estremecer.

– Mãe, pare! Por favor!

Alinne continuou a correr e subiu uma escadaria de pedra até o pátio mais à frente. Com uma mão protegia os olhos das tochas na parede, ofuscados após anos de absoluta escuridão. Lançando um olhar para trás, gemeu ao ver a filha atrás dela, as sombras esticando-se ao seu redor como se tivessem vida. Um demônio ao lado da garota. Dentro dela.

– Mãe, pare!

– Longe de mim!

O garoto apareceu da escuridão à frente; um fedelho esfomeado com uma rebarba de aço pontiagudo na mão. Com mais medo do que Alinne, provavelmente. Ainda assim, ele golpeou com esse medo, com esse pânico, a lâmina reluzindo vermelha. A dona cambaleou. Levou a mão ao peito. E atrás dela, a filha gritou:

– NÃO!

As sombras estenderam-se como que por vontade própria. Pegaram o garoto e a faca ensanguentada e os lançaram contra a parede, uma e outra

vez. Mia parou, caindo ao lado da mãe. A mulher jazia sobre a pedra, com o peito úmido e vermelho.

– Mãe! Não, não, não!

A garota pressionou a ferida com a mão, tentando deter o fluxo. O líquido escarlate pulsava através das pontas dos seus dedos, quase tão escuro quanto as sombras ao redor. A dona Corvere levantou os olhos e encarou a filha. A luz do olhar já morria.

– Não é a minha... filha...

Ela tomou a mão de Mia num aperto pegajoso e vermelho.

Jogou-a de lado.

– Só... a sombra dela...

O peito de Alinne chiou, a luz nos olhos foi morrendo devagar. A garota permaneceu ajoelhada na pedra, as sombras ao seu redor volteando e arqueando. A própria estrutura ao redor dela começou a tremer. Alvenaria rachando. Teto desmoronando. Sangue nas mãos. A matança que acontecia ao redor ecoando na sua mente, o sangue das vítimas espirrando sobre a escuridão aninhada entre cada uma das pedras do chão.

NÃO OLHE.

A garota se levantou. O cabelo negro feito um corvo esvoaçava como se estivesse contra um vento imaginário. Punhos cerrados. Cem sombras serpenteando no ar ao seu redor. As paredes partidas e rachadas. O teto começou a ceder, a ruir. E assim que os tijolos se abriram, assim que centenas de toneladas de pedra desabaram, destruindo a escadaria e tudo o que havia dentro, a garota entrou num dos tentáculos de escuridão que se agitavam

e saiu de uma sombra

cinco

andares

acima.

Nos andares superiores agora. O Descenso em pleno fervor. Matadores e mortes. Caos e sangue. Homens sujos dos restos da carnificina, armas toscas ou membros arrancados firmes entre os dedos. Um a viu, e avançou na direção dela com um sorriso mortífero. Ela olhou na direção dele e a escuridão simplesmente o despedaçou. Atirou os pedaços para os lados como uma criança irritada faz com um brinquedo quebrado. As paredes ao redor da garota partiram-se e curvaram-se. Os tijolos desfaziam-se em pó. Mais gente veio, homens e mulheres empapados de assassinatos, apenas para serem rasgados como trapos imundos. A garota avançou pelos pavilhões da Pedra enquanto paredes e tetos caíam atrás de si, desmoronando como cachoeiras de argamassa pulverizada e pedra esmigalhada descendo para o mar.

A Pedra Filosofal começou a tombar; partes inteiras da prisão desfazendo-se em poeira conforme as sombras entre cada tijolo e pedra desprendiam-se, intensificando a tempestade de escuridão que girava em torno da garota em luto. Lágrimas desciam pela bochecha dela. O rosto transido pela dor da perda. Os olhos pretos e lívidos. Coisa demais para segurar. Coisa demais para suportar.

– ...mia...!

Um gato feito de sombras materializou-se ao lado dela, gritando acima dos estrondos da pedra torturada, dos moribundos, da escuridão uivante. A muralha externa da prisão rachou, os baluartes caíam no oceano. Os ladrões e bandidos cessaram os embates sangrentos e encolheram-se nos cantos ou fugiram de volta para as celas de que tinham escapado.

– ...mia, pare com isso...!

O corpo inteiro da garota já estava envolto em sombra. Tentáculos negros como tinta brotavam das costas como asas, tiras de escuridão afiadas como navalhas jorravam de cada dedo. Olhos negros cravados no outro lado da baía, nas Costelas erguidas sobre a Cidade das Pontes e dos Ossos. Lar do Senado de Itreya e de toda a sua nobreza medular, sob o senhorio do cônsul autocomplacente que destruíra sua família. Matara seu pai. Seu irmãozinho. E agora a sua mãe também.

A garota balançou a cabeça. Tensionou a mandíbula.

– Isso para quando ele parar.

E, cerrando os punhos trêmulos, ela desapareceu.

Passo.

Ela estava no fundo da Pedra, entre as sombras das rochas destroçadas.

Passo.

Ela estava do outro lado da baía, no negro mutável da praia.

Passo.

Ela estava no bulevar, olhando para a multidão do Carnavalé com suas máscaras sorridentes. Senhor Simpático já não estava com ela, mas o ódio caminhava ao seu lado, depois de ter incinerado o lugar em que o medo tentara deitar raízes. Ela passava de uma sombra para outra, como uma criança saltando pedras ao longo de um canal alagado. A gente se arrepiava à passagem dela. A cidade ao redor estava turva e indistinta; apenas silhuetas embaçadas contra uma escuridão mais profunda. Mas o céu noturno brilhava como a luz dos sóis. As estrelas esparzidas como diamantes por uma mortalha. As sombras cantavam para a garota. Abraçavam-na forte e secavam suas lágrimas. Uma ânsia no estômago delas. Um querer na língua delas.

Fome, ela se deu conta.

A Escuridão estava faminta.

Mia examinou o panorama e encontrou as Costelas despontando em meio a telhados distantes. Passo. E passo. E passo. Até ela se encontrar do lado de fora da Basílica Grande. Ela sabia que eles estariam lá para a missa de veratreva. Todos na mesma fileira. Cônsul Scaeva. Cardeal Duomo. Justicus Remus. Falsa piedade e belos trajes. Mãos sujas de sangue unidas, olhos voltados para o céu, rezando para os sóis que eles jamais veriam de novo.

Ela saiu das sombras de um arco triunfal e contemplou a basílica diante de si. Um vasto pátio circular, cercado por todos os lados por pilares de

mármore. Uma estátua do todo-poderoso Aa agigantava-se ao centro, quinze metros de altura, espada desembainhada, três grandes globos arquêmicos numa mão virada para cima. A vultosa estrutura por trás, grandiosa, toda em vitrais, com cúpulas amplas. Arcadas e pináculos iluminados por mil globos, tentando em vão banir a escuridão faminta.

O pátio estava lotado de gente que não era rica ou bem-nascida o bastante para receber autorização de entrar em noites tão negras. Mas em cada coluna havia homens em armaduras de branco reluzente, capas carmesim e plumas nos elmos. Legionários luminatii, reunidos em peso para proteger os senadores e pretores e procônsules e cardeais dentro do espaço sagrado da basílica. A visão deles a fez lembrar do pai nas viragens antes de ele morrer. Carregando-a nos ombros pelas ruas da cidade. A penugem do rosto pinicando-lhe a bochecha quando ele a beijava.

O rosto arroxando.

As pernas chutando.

Guh. Guh. Guh.

Ela levantou os olhos para a estátua de Aa. Cuspindo ódio.

– Eu rezei para você. Implorei para os trazer para casa. Você não era onividente o bastante para enxergar o sofrimento deles? Ou simplesmente não ligou?

O Onividente não respondeu. Ela estendeu a mão na direção do Deus da Luz e seus globos, envolvendo-os em tiras de negrume. E, em meio aos gritos de terror da multidão, ela fechou as mãos com força. Retesou os músculos. As veias saltaram no pescoço. Com o chiado de pedra torturada, a estátua vacilou sobre a base. Os fiéis gritavam aterrorizados, espalhando-se em bandos urrantes até que a estátua finalmente caiu para a frente e despedaçou-se sobre o pavimento com um barulho ensurdecedor.

As sombras passaram então ao luminatii mais próximo, serpenteando à volta da cabeça e do quadril do homem e o partindo ao meio. O sangue jorrou no mármore polido. As pessoas gritavam. Legionários berravam alarmes, sacavam as espadas. Mesmo ali na noite escura, as espadas deles brilhavam como se a veraluz dançasse no seu gume. Mia entrou nas sombras

sob seus pés e saiu atrás da sombra do maior e mais forte legionário que vira. A escuridão enroscou-se como que por vontade própria no pescoço dele, e sua espinha estalou como fogos de artifício molhados, jogando-o já morto na pedra.

– Demônio! – veio o grito. – Sombrio! Assassino!

O alarme soou através do vasto pátio. O povo fugia das ruínas do seu deus despedaçado numa manada fiel. Soldados atacavam por todos os lados. A escuridão lhe cantava agora, preenchendo sua cabeça. Lançando os pensamentos conscientes nos lugares ocultos e frios, deixando apenas o ódio. A fome. Tentáculos negros chicoteando no escuro. Ossos e sangue. Luz queimando a vista. Tantas espadas agora. Tantos homens. Ela avançava por eles, pulando de sombra em sombra. Arremessando-os como brinquedos, o negrume afiado como lâmina, abrindo o aço branco e brilhante e mostrando as partes vermelhas por dentro.

Passou de coluna em coluna. Até as ruínas da estátua de Aa e os três sóis esmagados na mão estendida do deus. Ela pulou de um golpe que lhe teria arrancado a cabeça. Outro homem desfez-se em pedaços. Estava nas escadas agora. As grandes portas duplas, ornamentadas com ouro esculpido, refletindo o fogo de cem espadas atrás dela. Mia ergueu as mãos, escancarou as portas e rugiu o nome dele:

– SCAEVA!

Homens aguardavam por ela logo depois da porta. O rugido transformou-se em grito à medida que erguiam suas lanças. Mia estrilou e foi para trás. A luz era tão intensa, tão quente. Com as mãos cobrindo o rosto, ela apertou os olhos para ver em meio ao brilho chocante. E ali, no fim da nave, cercado por duas dúzias de legionários em branco polido e vermelho-sangue, ela o viu. O belo cônsul com seus olhos pretos e trajes roxos, com uma grinalda dourada na fronte. Aquele que sorrira enquanto seu pai morrera. Que entregara sua mãe à loucura. Que matara seu irmãozinho.

– SCAEVA!

– Esta é a casa santa de Aa! – urrou Duomo. – Você não tem poder aqui, demônio!

Mia cerrou os punhos, cega pela luz à frente. O vento zunia em seus ouvidos. O calor a golpeava como os três sóis juntos. Enjoo na barriga, vômito na boca. Nenhuma sombra adiante a que se agarrar. Era demais. Brilhante demais. Ela viu um homem enorme com armadura branca, um rosto de lobo vermelho de raiva, uma bochecha com cicatrizes de garras de gato.

Remus...

– Peguem-na! – rugiu o justicus. – Luminus invicta!

Mia girou enquanto os luminatii subiam os degraus em direção a ela. A luz era tão intensa que a sombra que ela projetava na pedra era comprida como o pôr dos sóis. Algo afiado e quente bateu contra a sua nuca e ela cambaleou. Dezenas de legionários aproximavam-se agora. O justicus Remus atacava com a espada em chamas. O ódio ardia brilhante. A Escuridão dentro dela inquieta. Só queria consumir. Escancorar-se e afogar-se no sangue que derramaria. Mia conseguia sentir, ao redor, escoando pelas rachaduras de Godsgrave. A agonia. A fúria. O ódio puro e cego empapado nos ossos da cidade.

Ela nos odeia.

Mas nos lugares ocios e frios, uma partezinha de Mia resistia. Uma parte minúscula que não era raiva nem ódio nem fome. Apenas uma garota de quatorze anos que não queria morrer.

O justicus disparou através das fileiras de homens santos, pondo toda a força no golpe com seu aço-solar. A Trindade na empunhadura da espada brilhava mais do que a própria lâmina. Mia recuou aos tropeços. A espada resvalou no seu braço, o sangue espirrando quente. Remus investiu de novo e de novo, os luminatii já a cercavam, cegantes e luminosos. E com um grito entrecortado ela caiu na sombra sob seus pés e saiu da mesma sombra trinta metros adiante.

As balestras cantaram. As chamas ondulavam sobre o metal polido. Remus rugia. O povo gritava. Mas ela estava longe. Passando de uma sombra a outra; de novo a garotinha, saltando de pedra em pedra. Sangue atrás do pescoço, quase cegada pela luz do cardeal. E bem lá no fundo, além

da mágoa e da raiva, encolhida nos lugares ociosos e frios, a sensação mais oca de todas.

Fracasso.

Ela se viu no alto dos prédios ao redor do fórum. Acima do lugar em que o pai tinha morrido. A praça iluminada por uma luz arquêmica tosca. Foliões e bêbados dançavam na rua. Ela conseguia ouvir os gritos ecoando pela cidade. Assassina! Demônio! Abominação!

Encostada no ossário frio. Mãos trêmulas e borradas de sangue. A escuridão ao redor sussurrando, suplicando, implorando. Assim como a escuridão por dentro. E ela, apenas uma criança no meio disso. Uma garotinha num mundo tão frio e vazio, e as sombras ao redor não traziam qualquer conforto.

Ela não fazia ideia de quanto tempo passou ali. O sangue secou, formando uma crosta na mão. A cidade em caos. As multidões aglomeradas na costa leste, olhando para a ruína da Pedra Filosofal, as muralhas soltando-se com estrondos e desmoronando no mar. Patrulhas luminatii percorrendo as ruas, na tentativa de levar ordem ao pânico cada vez maior, ao caos bêbado e crescente.

Um arrepio na sombra dela.

— ...mia...

Passos leves na pedra ao lado dela.

— Ele me disse que eu te encontraria aqui.

O Velho Mercurio se ajoelhou ao lado dela, os ossos estalando. Mia não olhou para ele, manteve os olhos fixos no horizonte. As Costelas assomavam sobre eles. Os Andantes de Guerra em vigília silenciosa. O brilho incandescente da Basílica Grande mais além.

— Noite dura, pequeno corvo? — ele perguntou.

Lágrimas rolaram pelas bochechas de Mia. Um soluço escalava a garganta, exigindo ser solto. Ela mordeu os lábios para que ele não escapasse e aumentasse o fracasso. O gosto era de sangue.

Mercurio tirou um estojo prateado de dentro do sobretudo. A garota se encolheu quando ele bateu a pederneira; o lume temporário a lembrou da

luz nas mãos de Duomo, ardendo na espada de Remus. O aroma de cravo queimado manchou a noite.

– Aqui – disse Mercurio.

Ela olhou para o velho. Estendeu as mãos ensanguentadas. Pôs o fumo nos lábios, saboreou o açúcar. Calor para banir o frio. O fumo inalado sufocou os soluços, acalmou os tremores. Ela tossiu. Pigarreou cinza. Fez uma careta.

– O gosto é péssimo.

– Vai ser melhor amanhã.

Ela voltou os olhos para as luzes piscantes da cidade. O coração em chamas de Godsgrave estava diante dela. Mia encolheu-se ao lembrar dos homens que tinha matado, os homem com quem tinha lutado. Tantos, e ela sozinha. Os sóis ardendo nas mãos deles. No aço deles. Nos olhos.

– Era tão brilhante – ela murmurou. – Brilhante demais.

– Nunca tema, pequeno corvo.

O velho sorriu. Acariciou a mão dela.

– Quanto mais brilhante a luz, mais profunda a sombra.

Livro III

O negro se torna vermelho

Capítulo 28

VENENO

Mia acordou nas horas mais escuras. Dores fantasmas pelas costas, nos lugares onde recaíram os golpes da tecelã. Os ossos ainda ecoando a dor. Ela levantou o olhar para onde deveria haver um par de olhos. Senhor Simpático estava na cabeceira da cama, vigiando durante o seu sono.

– ...*você está bem...*?

– O suficiente.

– ...*você me pediu para cuidar do garoto. não consegui afastar o pesadelo...*

– Ele sempre esteve aqui – ela suspirou. – Sempre.

Mia sentou-se na cama, o cabelo grudado no rosto, e baixou a cabeça. Os músculos doloridos por causa das mãos da tecelã, a boca seca por causa das lembranças que ela tinha guardado a sete chaves. Que tinha se negado a ver. A mãe. O poder das noites, fluindo nas veias. Fora ela quem destruíra a Pedra Filosofal. Fora ela que tinha perpetrado o Massacre da Veratreva. Matado dezenas de homens nos degraus da Basílica Grande. Dezenas mais na própria Pedra. Pais. Irmãos. Filhos.

Ela tinha tentado matar Scaeva.

Tentado e falhado.

Tanto sangue nas mãos. Tanto poder na ponta dos dedos.

E ela não tinha chegado nem perto.

– Temos trabalho a fazer.

Foi assim que começou.

O tempo passou sob o céu em perpétua noite, a iniciação cada vez mais próxima. Rotina e ritual. Refeições, treinos desgastantes e sono.

Ter aguentado cinquenta chibatadas das mãos da tecelã não era pouca coisa,

e a maioria dos outros acólitos passou a tratar Mia com um respeito inédito depois da flagelação. Mas Tric tinha conseguido padecer toda aquela prova sem nem mesmo gemer, e começou a ser visto com uma espécie de assombro pelos outros noviços. Até o Shahiid Solis dedicou alguns elogios à melhora contínua no desempenho do garoto na Sala das Canções. Nos momentos íntimos em que conseguiam escapar antes das nove badaladas (já nenhum acólito ousava pôr o pé para fora do quarto), Tric cochichava com Mia que aquilo era ridículo: ela tinha sido a corajosa, não ele. Mas Mia ficava contente em deixá-lo roubar a glória. Era melhor ser subestimada.

Era mais fácil se esconder no escuro do que na ribalta.

Com Mia, Solis ainda demonstrava pouca clemência. Ela ainda batia fraco com o braço bom, e abaixava a guarda quando a pressão era maior. Embora tivesse sido ele mesmo a causar o ferimento, o shahiid mandava Mia correr nas escadas pela menor das falhas. Ela suportava o abuso calada, e conseguia evitar uma perfuração no peito quando seu par era Jessamine ou Diamo, o que parecia ocorrer com mais frequência do que as leis do acaso justificariam.

A garota sempre acabava se apresentando à tecelã para sarar as feridas ao fim das aulas de Canções. Marielle, por sua vez, não dizia nada a respeito da flagelação e não tratava Mia de maneira diferente. Mas ela não se esquecia. Não perdoava.⁸¹

Adonai demonstrava ainda menos preocupação com Mia do que a irmã. Sempre distante, presidia às Caminhadas de Sangue costumeiras que mandavam os acólitos a Godsgrave à procura de segredos para Aalea. Mia viu-se metida em tavernas, trocando gracejos com jovens soldados, imersa em rumores. Um pequeno alvoroço surgiu quando o cônsul Scaeva colocou seu filho de sete anos, Lucius, na Legião Luminatii.⁸² Ela ouviu boatos sobre o justicus Remus ter gerado um bastardo na filha de algum senador. Conversas de que Scaeva se movimentava nos bastidores para ser nomeado imperator – título que lhe daria a liderança do Senado até a morte. Tudo isso, e mais, ela relatava à Shahiid Aalea, na esperança de cair nas suas graças. A mulher apenas sorria, beijava a bochecha de Mia e não dava qualquer indicação da posição dela no torneio.

Era enlouquecedor.

Mais enlouquecedor era o enigma de Mataranhas. Mia passava todo o momento livre trabalhando nele, sem chegar ao antídoto. Escrevendo e xingando. Observando com os olhos da mente os símbolos arquêmicos se chocarem, ao ponto de vê-los quando dormia.

Ela e Tric rodeavam um ao outro devagar, deslizando rumo a outra colisão. Mas a agonia que passaram nas mãos da tecelã ainda gritava mais alto do que a dor de não estarem juntos. Não havia tempo entre as aulas, nem lugar depois das nove badaladas, nem satisfação em algum canto escurecido, transando como ladrões. Ela sentiu que merecia mais do que aquilo. E então ambos esperaram pelo momento em que o outro quebraria. Sonhando com isso sozinha na cama, as mãos descendo aos poucos, gritando em silêncio o nome dele.

E, nos minutos tranquilos, nas sombras, ela se encontrava com Naev.

Suando do mesmo jeito.

Mas sem gritar.

—Mãe Negra, assim eu vou morrer.

Mia estava debruçada sobre suas anotações na mesa do desjejum, de olho em bandejas de bebidas voadoras. Osrik e Ashlinn se sentavam à sua frente, Tric ao seu lado. O ruído das conversas entre os acólitos ecoava em meio ao tinidos e arranhões dos talheres. Pip, como sempre, murmurava com a faca, fazendo pausas entre as perguntas como se a lâmina lhe respondesse.⁸³

Um garfo foi batido num copo para pedir atenção, e todos os olhos se voltaram para a mesa principal. A Reverenda Mãe Drusilla estava de pé, com o costumeiro sorriso nos lábios. Ela correu os olhos pelos rostos dos presentes e fez que sim com a cabeça para si mesma, como se estivesse satisfeita.

— Acólitos, esta é a última viragem de aulas oficiais que terão como noviços da Igreja Vermelha. A partir da virada de hoje, até a iniciação daqui a duas semanas, o seu tempo estará à sua disposição, para que o usem como

acharem adequado. O Shahiid Mouser e a Shahiid Aalea ainda aceitarão itens furtados e segredos até o fim da semana. A Shahiid Mataranhas também receberá soluções ao seu enigma. Devo notar que não houve inscritos até o momento, e destaco que nenhum acólito é *obrigado* a resolver o problema da shahiid. Espero que Mataranhas tenha deixado suficientemente clara qual é a pena para aqueles que falharem.

A mulher severa inclinou a cabeça, os lábios negros curvados num sorrisinho.

– O torneio do Shahiid Solis na Sala das Canções começa amanhã. Os embates preliminares serão travados nas primeiras horas da viragem; as finais começam depois da meia-noite. O orador Adonai e a tecelã Marielle estarão por perto para cuidar dos feridos.

“Assim que os acólitos vencedores de cada sala forem definidos, o Ministério levará a cabo uma série de provas finais. Os quatro que tiverem desempenho satisfatório serão iniciados pela Mão Direita de Niah, e ungidos com o sangue de Lorde Cassius em pessoa.”

Mia engoliu em seco. Tudo pelo que trabalhara. Tudo que queria.

– Sugiro que todos descansem bem depois das aulas – disse Drusilla. – Amanhã começam as provas finais.

A anciã sentou-se de novo à mesa. Um murmurinho cresceu entre os acólitos, o peso do que estava por vir pendendo sobre cada uma das cabeças. Mas logo a preocupação foi soterrada por pilhas de comida. A cozinha parecia estar trabalhando sem parar nas últimas viragens, e os pratos eram empilhados com montanhas de deliciosos doces e salgados, ovos frescos, presunto quentinho.

Mia não tinha estômago para nada disso. Voltou às suas anotações e franziu a testa. As fórmulas saltavam e giravam diante dos seus olhos, uma enxaqueca despontando na base do crânio e fazendo pressão. Ela soltou palavrões cabeludos em todas as línguas que conhecia, enquanto Ashlinn a observava entre uma colherada e outra e sorria aos xingamentos mais exóticos.

– Fuz mm paussa kmsab – ela disse.

Mia levantou os olhos do caderno.

– Quê?

Ash tentou falar com mais clareza, o que brindou Mia com uma vista da comida dentro da sua boca.

– Fuz. Mm. Paussa. Km. Sab.

– Mãe Negra, não fale de boca cheia, Ash – resmungou Osrik.

Ash tomou um gole de água, fez uma careta para o irmão e rebateu:

– Engraçado. Eu falei a mesma coisa ontem para um soldado bonitão na última vez em que estive em Godsgrave.

O irmão tapou os ouvidos.

– Lalalalalaaaaa.

– Cantou como um corista, isso sim. Antes e depois. Os luminatii não perdem nada.

– Acho que eu disse “La. La. LA.” – esbravejou Osrik.

Ashlinn jogou um pão na cabeça do irmão.

Osrik levantou uma colher cheia de mingau.

– Agora você vai morrer...

Mia interveio antes que a guerra estourasse:

– O que você dizia, Ash?

A garota baixou o segundo pão, levantou um dedo cautelar para o irmão e respondeu:

– Eu dizia que você deveria fazer uma pausa, quem sabe. Muito trabalho sem diversão transforma qualquer um num bobão. Dê uma volta comigo da próxima vez que formos para Godsgrave. Vou te levar para alguns bares dos luminatii. Para relaxar um pouco.

– Eu *estou* relaxada.

– Homens de uniforme, Corvere.

– Você só pensa naquilo, Järnheim.

– Pelo menos eles sabem mexer a boca como ninguém.

Ash sorriu de lado para Tric, à espera de uma reação. Para o mérito dele, o dweymeri manteve o rosto como pedra mesmo enquanto pegava um pão e o acertava na cabeça de Ashlinn.

– Você pode se dar esses luxos – resmungou Mia. – Está na liderança da

competição de Mouser por quase setenta pontos. Vai terminar em primeiro na Sala dos Bolsos, com certeza.

Ash pôs as mãos atrás da cabeça, recostou-se e suspirou.

– O que posso fazer se tenho esse talento natural? Roubo até o bife dos dentes de um cachorro. Deviam ter me visto levar as facas de Mataranhas. Foi pura feitiçaria.

– Eu vi o rosto dela quando percebeu que você tinha pegado – disse Tric. – É mais corajosa do que eu, Ash.

A garota deu de ombros.

– Vale tudo no amor e na ladroagem.

– Duas semanas até a iniciação – murmurou Mia. – O torneio de Solis na Sala das Canções começa *amanhã*. Se eu não resolver isso agora, não vou resolver nunca. Ninguém faz ideia de quem está ganhando a competição de Aalea, e eu tenho zero chance de terminar em primeiro nas outras salas a não ser que consiga um jeito de roubar a chave da Reverenda Mãe do pescoço dela.

– Dentes da Fauce, nem eu tenho coragem para isso – Ash disse com um calafrio, lançando um olhar para a anciã. – Que se danem os cem pontos. Ela te mataria duas vezes só por sonhar isso.

– Então – Mia retomou as suas anotações –, lá vamos nós.

– Não te deixa preocupada escrever tudo? – questionou Ash, arqueando uma sobrancelha.

– Por quê? Você planeja roubar isto aqui também?

– Vai se ferrar, sua desconfiada, roubei uma faquinha mequetrefe de você. E pedi desculpas depois. Você fala como se eu tivesse apalpado o seu namorado.

– Eu não sou desconfiada.

– Só estou dizendo para ter cuidado com o esconderijo das anotações – alertou a garota. – Não é como se o assunto com a Ruiva e o garoto dela esteja encerrado. Lembre-se do que eles fizeram com Lotti.

Mia olhou de relance para Jessamine e Diamo na outra ponta da mesa. Embora tivesse bolado uma dúzia de planos para vingar o assassinato de Carlotta, Mia sabia que seria pura burrice colocá-los em prática. Se algo

acontecesse com qualquer um dos dois, o Ministério bateria na porta dela dez segundos depois.

Diamo a observava entre uma colherada e outra, e Jess cochichava no ouvido dele. Mia se perguntou se os dois transavam. Nunca mostravam afeto em público, mas não era do feitio de Jessamine ostentar as suas fraquezas. E embora a morte de Lotti estivesse entre as duas agora, embora jamais tivessem sido amigas, Mia se pegou pensando no pai de Jessamine. Nos luminatii que tinha assassinado do lado de fora da Basílica Grande. Quantos órfãos mais ela tinha criado naquela veratreva? Quantas Jessamines mais?

Será que os filhos e filhas dos homens que ela assassinara a olhariam da mesma maneira que ela olhava Scaeva?

No que ela estava se transformando?

Olhos no troféu, Corvere.

Esmagando os pensamentos desagradáveis, Mia se virou de novo para Ash e cochichou:

– Bom, vamos torcer para eu descobrir a solução antes de nos preocuparmos demais, né?

– E você está perto?

Mia deu de ombros.

– Estou perto. Mas não perto o bastante.

Ash apontou com a cabeça para Jessamine.

– Bom, se você conseguir resolver, guarde segredo. Se essa é a sua única chance de terminar em primeiro numa sala, com certeza a víbora vermelha vai ficar de olho.

Mia levantou os olhos para Ashlinn.

– Diz de novo quem.

– Quem o quê?

– A víbora vermelhinha vai...

– Quê?

– Dália vermelha – Mia disse consigo mesma, arregalando os olhos. – Veneno de víbora preta.

– Hein?

Mia folheou as páginas até encontrar uma toda rabiscada e correu os dedos pelas anotações. Ash abriu a boca para falar, mas Mia levantou o dedo para pedir silêncio. Escreveu um punhado de fórmulas rápidas. Alternou entre a página nova e a antiga. Por fim, levantou a vista para a garota com um sorriso de orelha a orelha.

– Ashlinn, sou capaz de te dar um beijo...

– Pensei que você nunca fosse pedir.

– Você é uma *gênia* do caralho! – berrou Mia.

A garota se virou para o irmão e sorriu, convencida.

– Viu? Eu não te disse?

Mia levantou e agarrou Ash pelas orelhas, puxou-a e estalou-lhe um beijo bem nos lábios. Tric puxou uma salva de palmas, mas Mia já estava juntando as anotações e se escafedendo do Altar Celeste. Jessamine e Diamo prestaram atenção na saída, conversando baixo. Tric e Ashlinn assistiram a Mia desaparecer escada abaixo, Osrik voltando à refeição e balançando a cabeça.

– Toda louca essa daí, que nem pinto no lixo.

– Mas boa de beijo – sorriu Ash. – Agora eu sei por que é caidinho por ela, Triquinho.

O garoto dweymeri manteve o rosto de pedra.

Calmamente, pegou outro pão.

Mia passou o resto da viragem no quarto, curvada sobre o pergaminho com um toco de carvão entre os dedos. Ela espalhou as anotações sobre a cama, repassando a fórmula sem parar. O sinal da virada soou e ela não moveu um dedo, fumando uma cigarrilha para matar a fome. Os não-olhos de Sr. Simpático percorreram a solução de Mia, página por página, ronronando o tempo todo.

– ...*engenhoso*...

Mia tragou fundo.

– Se funcionar.

– ...*e se não*...

– Talvez você vá precisar arranjar outra melhor amiga.

– ...*eu tenho uma melhor amiga agora*...?

A garota jogou as cinzas no rosto do não-gato. Ouviu as nove badaladas soarem, os passos macios dos acólitos retornando aos aposentos. Sombras passando sobre o fio de luz que entrava do corredor. E além delas, um pedaço de pergaminho dobrado, passado por baixo da porta.

Mia se levantou da cama, espiou o corredor. Ninguém à vista. Ela pegou o pergaminho, desdobrou e leu as palavras ali escritas:

Quero você.

T.

Seu coração começou a bater mais rápido diante daquelas palavras, um frio desgraçado na barriga de novo. Ela levantou os olhos para Sr. Simpático, a cigarrilha ainda pendendo dos lábios. O não-gato se sentou na cama, cercado pelo mar de anotações. Não disse uma palavra.

– Eu teria que ser uma idiota completa para sair depois das nove badaladas de novo.

– *...principalmente na véspera do torneio de solis...*

– Eu deveria dormir.

– *...o amor nos torna todos tontos...*

– Eu não o amo, Senhor Simpático.

– *...que bom que todos ao seu redor acham o mesmo, então...*

Juntando as páginas soltas espalhadas pela cama, Mia as enfiou dentro do caderno e o amarrou firme, depois o escondeu debaixo da última gaveta da escrivaninha.

– Fica de olho?

– *...sempre...*

Senhor Simpático passou por debaixo da porta, conferindo se o corredor estava livre. Mia puxou as sombras para si e sumiu no breu. Caminhando pé ante pé atrás do não-gato, seguiu o caminho pelo corredor às apalpadelas, as botas macias sem fazer um ruído sequer sobre a pedra. A figura embaçada de uma Mão atravessando uma passagem à frente a fez ficar imóvel e se colar à parede. Mia esperou o servo ficar bem longe de vista antes de voltar a se

mexer, por fim parando diante da porta de Tric.

Ela tentou a maçaneta, viu que estava trancada. Agachou-se, espiou pelo buraco da fechadura, viu Tric lendo à luz de uma lâmpada arquêmica. O globo projetava sombras compridas pelo chão, e ela as puxou para si. Relembrou o que era ser uma garota de quatorze anos. O poder da noite nas pontas dos dedos. Já sem medo de quem era. Do que era.

E fechando os olhos, ela

deu

um passo

para dentro da sombra

e outro para fora

no quarto dele

Tric ficou estarecido ao vê-la aparecer da escuridão, o cabelo agitado como que por uma brisa oculta. Uma faca desceu pela sua manga, parando na mão quando ele reconheceu a garota.

Mia tirou as botas aos chutes.

– Mia?

Ela puxou a camisa por cima da cabeça.

– Shhhh – sussurrou.

E as perguntas no olhar de Tric morreram.

⁸¹ Mia conseguiu estudar muitos dos rostos que enfeitavam a câmara da tecelã durante essas sessões, e muitas vezes visitava Marielle com pouco mais do que um arranhão a curar, apenas para dar mais uma olhada na coleção. As máscaras eram maravilhas, obtidas de todos os cantos da República.

Mia reconheceu os *voltos* e as *dominos* e os *punchinellos* do Carnavalé de Itreya, claro. As medonhas máscaras de guerra das Ilhas de Dweym, esculpidas em pau-ferro à semelhança dos horrores das profundezas. O rosto imaculado, branco como osso, de um Sacerdote Leproso Liisio, e o capuz-venda do harém de algum Rei-Mago morto havia muito. Mas a tecelã parecia obcecada por rostos de todos os tipos e tamanhos e colecionava uma infinidade de estranhezas para alimentar essa obsessão.

Na coleção da tecelã, Mia viu maravilhas em ouro feitas à semelhança de cabeças de leão, parecidas com as estátuas com cabeça de gato nas Ruínas Sussurrantes e as figuras na espada de aço-negro de Mouser. Espiou um capuz apodrecido de enforcador, uma venda encrostada com o que parecia ser sangue

seco, e as máscaras mortuárias de uma dúzia de crianças, algumas não mais do que bebês. Rostos feitos de madeira e metal. Osso e pele dessecada. Sofisticadas e banais. Belas e horrendas. A tecelã colecionava todas.

Mia às vezes se via prestes a sentir pena de Marielle. Devia ser péssimo, ela imaginou, ter poder sobre a carne dos outros e nenhum sobre a própria. Mas então se lembrava do horror em que Marielle tinha transformado o rosto de Naev. E por mais que tentasse agarrar-se a ela, por mais consciência que tivesse da sua importância, a sua piedade morria devagar.

Deixando apenas cinzas.

82 Dezoito anos era a idade mínima para um Brillhante, tradição que remontava à formação da legião. A doutrina fundacional dos luminatii era incrivelmente detalhada, e as exigências para o ingresso eram extremamente estritas. Curiosamente, os códices não proibiam mulheres de fazer parte das suas fileiras, embora nenhuma mulher na história o tivesse feito.

Ainda.

83 Mia tinha ouvido falar de armas mágicas, claro. Lucius, o Onipotente, último Rei-Mago de Liis, teria sido dono de uma espada que cantava ao perfurar os inimigos. O herói lendário Maximian manjava uma espada conhecida como “Terminus”, que, dizem, sabia como cada homem debaixo dos sóis – mesmo o próprio mestre – ia morrer. O legendário de Itreya era repleto de contos de espadas com capacidade de pensar.

Claro, Mia suspeitava de que a faca de Pip era tão capaz de falar quanto um burro de dar uma pirueta. Ainda assim, sempre que ela cumprimentava o garoto, fazia questão de dizer “olá” também para a “Amada”.

Eis a verdade, nobres amigos: na dúvida, é melhor ser educado ao lidar com lunáticos.

Capítulo 29

ROMPIMENTO

Mia acordou nos braços dele.

Esqueceu-se por um momento de onde estava e do que vinha pela frente. Tric ainda dormia, o peito subindo e descendo devagar. Ela o observou por um instante silencioso, com pensamentos nublados. E aproximando o rosto, beijou-o como se fosse a última vez.

Ela saiu do quarto às escondidas, ainda vestida com as roupas da viragem anterior. Saltando de sombra em sombra. Ouvindo o coral fantasmagórico, os sons do despertar da Igreja ao redor. Viu-se afinal no Salão dos Elogios, debaixo da estátua de Niah. Levantou os olhos para encarar o rosto da Noite em pessoa.

– ...o garoto...

Mia olhou para a sombra a seus pés. Os não-olhos lá dentro.

– O que tem ele?

– ...*não pode acontecer de novo...*

Ela desviou o olhar da deusa, concordou devagar com a cabeça.

– Eu sei.

– ...*não tem futuro...*

– Eu sei.

Os olhos dela percorreram as tumbas sem nome nas paredes. As covas sem lápide dos caídos da Igreja. Ela olhou para a pedra a seus pés. Milhares das vítimas da Igreja sob a sola das suas botas. Ainda achava estranho que os servos de Niah não tivessem nome para marcar sua passagem, mas aqueles que tiraram deste mundo estivessem imortalizados em granito por toda a eternidade. Ela pensou no Massacre de Veratreva. Nas dezenas de mortes por suas mãos. Na luz cegante. Remus. Duomo. Scaeva.

Sua mãe.

Seu pai.

Quando tudo é sangue, sangue é tudo.

Os sinos da manhã começaram a repicar, e ela continuou imóvel.

Os minutos escorreram sem registro, e ela continuou a encarar a estátua.

A deusa retribuiu o olhar. Muda como sempre.

– ...*está tudo bem...*?

Mia suspirou. Concordou devagar com a cabeça.

– Está tudo perfeito.

Os outros acólitos já estavam reunidos na Sala das Canções, descansados e alimentados. Quatro Mãos em trajes negros estavam de pé no centro do círculo, uma delas segurando o que parecia ser um crânio humano com o topo serrado. O shahiid Solis estava em pé ao lado deles, os olhos cegos voltados para cima. Mia foi uma das últimas a chegar, seu atraso apenas superado pelo de Ashlinn, que disparou para dentro da sala apenas com uns instantes de folga. O Shahiid das Canções voltou seu olhar pálido para a garota, os lábios torcendo-se.

– Amável da sua parte juntar-se a nós, acólita – ele disse.

– Amável... estar... aqui... – arfou Ash.

– Não por muito tempo, receio.

Voltando-se para os outros acólitos, Solis falou:

– O Torneio das Canções começa agora. Explicarei as regras apenas uma vez. Ouçam bem. O torneio começa com as eliminatórias. Cada um de vocês fará cinco lutas, com cinco oponentes aleatórios. Cada luta termina em submissão ou golpe mortal. O orador Adonai e a tecelã Marielle gentilmente concordaram em estar por perto para as festividades. – Solis gesticulou para as duas figuras de pé perto dos armários de espadas. – Vão curar qualquer ferida que deixe vocês incapacitados com a maior velocidade que puderem. Podem requisitar o auxílio deles em qualquer momento da luta. Contudo, ao fazê-lo estarão desistindo. Também perde aquele que sair ou for forçado a sair do círculo durante uma luta. Ao final das eliminatórias, os quatro acólitos que acumularam mais vitórias passarão às finais. Qualquer derrota nas finais

resulta em eliminação. Quem ganhar a última luta se graduará em primeiro lugar nesta sala.

O olhar branco de Solis percorreu os acólitos reunidos.

– Perguntas?

– Somos em treze, shahiid – disse Marcellus –, como vai lidar com o número ímpar?

– Apenas doze de vocês competirão. O acólito Diamo retirou-se do torneio.

Mia olhou para Diamo do outro lado do círculo; ele estava de braços cruzados e sorrindo bem para ela. Ashlinn, que parecia ter dormido o mesmo que Mia, cochichou para o irmão ao lado:

– Estou quilômetros à frente em Bolsos e mesmo assim vou competir em Canções. Diamo não é um mestre da espada como Jessamine, mas qualquer chance é melhor do que nenhuma, certo?

Osrik balançou a cabeça.

– Talvez se você não estivesse em Godsgrave até a última hora, faria ideia do que aconteceu aqui dentro.

– Dentes da Fauce, Oz, você vai desembuchar ou me fazer brincar de adivinhação?

– Dizem que Diamo resolveu a fórmula de Mataranhas hoje cedo.

Mia sentiu seu estômago torcer para o lado.

– Diamo? – sibilou Ash. – Ele é tão bom em venenos quanto um bloco de madeira...

Osrik deu de ombros.

– Só estou dizendo o que ouvi. Ele viu Mataranhas antes do desjejum. Caderno de anotações na mão. A shahiid lacrou a sala, mas Diamo saiu um instante depois, inteiro. Foi direto até Solis e saiu do torneio.

Ash olhou para Mia.

– Será que eram as anotações de Lotti?

Mia fez que não com a cabeça.

– Acho que Carlotta nunca chegou a resolver o enigma.

– Então onde você escondeu as *suas* anotações, Corvere?

Mia engoliu em seco. Olhou para Tric. Depois para Mataranhas, sentada ao

lado da Reverenda Mãe. A dupla estava em profunda conversa, olhando de vez em quando para Diamo. E Mia.

– No meu quarto – ela disse.

– Ah, seguro como sua própria casa, então.

Tric lançou um olhar para Mia.

– A não ser que você tivesse saído do quarto na quasinoite passada...

Ashlinn olhou para um e para o outro:

– Ai, diga que você não fez isso.

Mia permaneceu muda, observando Diamo. Ela viu o sorriso de “foda-se” de Jessamine pelo canto do olho. O brilho naquele verde-cobra. O olhar cintilante de Mataranhas.

– Dentes da Fauce, Corvere – suspirou Ash. – Você deixou as anotações sozinhas para dar uma escapadinha? O nosso Triquinho não pode ser *tão* bom...

Tric pareceu magoado, abriu a boca para...

– Sangue e abismo, prestem atenção – sussurrou Osrik. – Eles já vão começar.

Ash se voltou para Solis e seus assistentes, cerrou bem os lábios. A Mão que segurava o crânio humano o ofereceu para outra, ao seu lado. Uma pedra lisa e negra com um nome inscrito tinha sido tirada de dentro da caveira aberta e agora era erguida para os acólitos reunidos.

– Marcellus Domitian.

O belo itreyano levantou a cabeça à menção do seu nome.

– Aqui.

– Um passo à frente, acólito – ordenou Solis.

Ele assentiu e foi até o centro do círculo. O garoto inclinou a cabeça até o pescoço estalar, esticou os braços e tocou os dedos dos pés. A Mão pegou outra pedra, ergueu-a e leu o nome:

– Mia Corvere.

Ela viu Marcellus rir sozinho e Diamo e Jessamine trocarem um sorriso convencido. O rapaz era uma espadachim habilidoso, e tinha chances reais de acabar entre os quatro primeiros. Tinha dado uma bela surra em Mia em todos

os treinos que fizeram juntos, e todo mundo na sala sabia disso.

Mia ficou rondando a beira do círculo. A sobancelha de Solis ergueu-se devagar:

– Acólita?

Mia respirou fundo e entrou no círculo, silenciosa como um gato. Passos firmes. Respiração normal. Ela assumiu seu posto ao centro, Solis entre ela e o oponente. Os acólitos se olharam de alto a baixo, Marcellus com os lábios recurvados.

– Não tema, mi dona – ele disse. – Serei carinhoso com você.

Mia lhe deu um olhar seco. Ele sorriu. Uma das Mãos ergueu um sacerdote de prata na palma, mostrando os dois lados da moeda para garantir que não havia trapaça. Numa face, a trindade dos três sóis, enlaçados. No outro, um relevo do Senado em Godsgrave, com as Costelas erguendo-se para o céu atrás.

– Acólita Mia, jogue a moeda.

– Trindade.

A acólita jogou a moeda. Mais rápido do que uma mosca, a mão de Solis deu o bote e a pegou no ar. O olhar de verme cego do shahiid cravou-se no de Mia.

– Tenho certeza de que você não se esqueceu da primeira lição que aprendeu de mim, acólita – ele disse. – Mas vou lembrá-la mais uma vez de que esta é a Sala das Canções, não das Sombras. Se seu suspeitar de que você está lutando com qualquer outra coisa que não lâminas durante o torneio, não será só o seu braço bom que removerei do seu corpo. Compreendeu?

Mia levantou a cabeça e retribuiu aquele olhar vazio. Sua voz saiu como um sussurro:

– Compreendi, shahiid.

O grandalhão deixou a moeda cair da sua mão. Ela reluziu à luz do vitral durante a queda e tilintou ao acertar a pedra.

– Senado para cima – a Mão informou.

– Escolha as armas, acólita Mia – disse Solis.

Mia foi até os armários de armas, caminhou por fileiras e fileiras de aço

afiado. Olhando para Jessamine, pegou um florete e uma adaga. A ruiva fez troça. Tric pareceu preocupado quando um burburinho de curiosidade começou a se espalhar ao redor do círculo. Mia nunca se mostrara muita coisa nos dois estilos tradicionais de duas mãos, Caravaggio ou Delphini. Nas aulas de Solis, sempre levava bronca porque seu braço era fraco demais, e ela não tinha se saído muito melhor quando Tric tinha tentado lhe ensinar as técnicas. Mia praticamente enxergava a pergunta nos olhos do garoto.

O que você está tramando?

Ainda assim, apesar de todas as dúvidas, Tric fez um punho e acenou com a cabeça para aumentar a confiança de Mia. Mas atrás dele, à espreita nas sombras no canto da sala, entre outras Mãos, Mia viu Naev. A Mão estava envolta em seu manto, os cachos loiros avermelhados emoldurando o rosto velado. E foi para a mulher, não para o garoto, que ela acenou de volta.

Marcellus escolheu uma espada longa e um escudo para neutralizar as escolhas de Mia, confiando na sua força maior para ganhar logo a luta. Mia observou o garoto atrás da franja enquanto eles assumiam suas posições. Qualquer vestígio de sorriso tinha desaparecido de seu belo rosto. Todos sabiam o que estava em jogo ali. Primeiro lugar da sala. Um passo mais perto de se tornar uma Lâmina de pleno direito. Marcellus acenou com a cabeça para Mia, frio e confiante. Como todos na sala, ele sabia que aquilo ia ser uma surra.

Um gongo soou no escuro. Marcellus avançou, cortando o ar em golpes brutais e amplos, esperando que Mia recuasse e se esquivasse. Ele não fazia ideia de que a garota tinha outros planos. Planos formulados por Naev nas horas antes dos desjejuns. As lâminas das duas assoviando no escuro enquanto treinavam sem descanso. As dores e os inchaços. As semanas e meses fingindo fraqueza nas aulas de Solis, deixando-se cortar, furar e surrar por Jessamine, Diamo, Pip, Petrus, todos eles. Tudo para construir uma ilusão de fraqueza. Uma víbora bancando o rato. Um cão-sarnento sangrando na poeira.

Foi bem como Mercurio tinha dito.

Às vezes a fraqueza é uma arma.

Se você for inteligente o bastante para usá-la.

Mia foi ao encontro da terceira investida do garoto com a adaga, virando-a e o desequilibrando. Marcellus ergueu o escudo para se defender, pronto para repelir o contra-ataque fraco de Mia como já tinha feito centenas de vezes nos combates anteriores. Mas com uma velocidade desenvolvida naquelas incontáveis horas com Naev, com uma força que tinha escondido durante as incontáveis surras sob o olhar impiedoso de Solis, ela brandiu o florete pelo ar e abriu um corte profundo no ombro dele.

O rapaz vacilou, confuso e desequilibrado. Mia recuou, saltando na ponta do pé e cortando o ar com a lâmina ensanguentada.

– Ainda vai ser carinhoso comigo? – ela sorriu.

O garoto fez uma careta e lançou um segundo ataque, os golpes rasgando o ar perto da cabeça de Mia, que se esquivava por baixo deles. A garota sumia, girava e se movia como uma dançarina, e a investida acabou com outro corte profundo, dessa vez no braço bom dele. O sangue salpicou a pedra. E quando Marcellus começou a desconfiar da profundidade da água em que nadava, Mia investiu, golpe, golpe, esquiva, golpe, arrancando a espada da mão dele e pousando a sua lâmina sobre o coração desabalado de Marcellus.

– Desista – ela ordenou.

O garoto olhou para o rosto dela. Baixou a vista para a lâmina. O peito arfante. A pele encharcada.

– Desisto – ele cedeu afinal.

– Ponto! – gritou Solis enquanto alguém batia o gongo.

Mia curvou-se num cumprimento com a saia imaginária e voltou para o seu lugar no círculo.

Os outros acólitos cochichavam entre si, pasmos.

O véu de Naev escondia seu sorriso.

Jessamine não sorria nem um pouco.

Os combates aconteceram durante toda a manhã, suor e sangue brilhando sobre a pedra. Embora Pip tivesse quase sido estripado por Osrik, e Jessamine tivesse cortado a garganta de Marcellus de orelha à orelha com um

golpe ligeiro como um relâmpago, o orador Adonai e a tecelã Marielle intervinham rápido para cuidar de qualquer ferimento grave. Nenhum acólito perdeu mais do que algumas gotinhas de sangue no círculo.

Contra todas as expectativas, e sob a carranca indisfarçada de Solis, Mia ganhou três dos seus quatro combates restantes. A verdade é que, graças a Mercurio, ela nunca tinha feito feio com uma lâmina, mas a tutela secreta de Naev a deixara ainda mais afiada, e a ideia de que todos na sala esperavam o seu fracasso simplesmente a motivou a se esforçar mais para esfregar os seus rostos coletivos no chão. Ela deu uma surra em Ashlinn na luta (graças à liderança na competição de Mouser, Ash não pareceu excessivamente preocupada, apesar de mostrar os nós depois) e ganhou de Petrus, desarmando-o com um contra-ataque perfeito e enterrando a adaga no peito do garoto.

Com as lutas preliminares terminadas, os quatro classificados permaneceram à beira do círculo, enquanto todos os outros se retiraram para os bancos ao redor. Tanto Jessamine como Osrik terminaram invictos, ficando em primeiro e segundo lugar respectivamente. Tric tinha ficado em terceiro, perdendo apenas para Jess. E em quarto lugar, apesar das nuvens de tempestade quase visíveis sobre a cabeça do Shahiid das Canções, estava a nossa querida Mia Corvere.

– As lutas finais serão travadas agora – anunciou Solis. – Sorteiem os lutadores.

As Mãos ao lado de Solis se curvaram. Uma pegou o crânio humano, a outra enfiou a mão para tirar uma das quatro pedras com nomes. Mia observou com cautela, os olhos estreitados. Sentiu as sombras aninhadas naquela caveira oca. O pedra lisa e negra gravada com o nome de cada competidor.

– O acólito Osrik... – Uma segunda pedra – ...enfrenta o acólito Tric.

Mia olhou para o outro lado do círculo e deu com o sorriso frio de Jessamine.

– A acólita Mia enfrenta a acólita Jessamine.

Solis assentiu com a cabeça e se virou para os dois garotos.

– Acólitos, em suas posições.

Mia olhou de relance para Tric, abriu-lhe um sorriso. O invicto Osrik saltou para a arena, seus braços musculosos brilhando de suor. Os garotos se encararam das beiradas do círculo; Tric refazia as tranças enquanto Oz jogou a moeda e ganhou.

Tric escolheu a sua combinação preferida de cimitarra e escudo, Osrik foi com dois gládios. O gongo soou no escuro e as lâminas de aço se uniram. A dupla se chocou como ondas e rochas numa praia tempestuosa. Mia assistia à luta em silêncio, mordendo os lábios. Rezando.

A deusa, aparentemente, a ouvia.

Depois de um combate longo e sangrento, a que Mia e os outros acólitos assistiam admirados, Tric conseguiu o impossível. Osrik lutou com valentia, com um desempenho próximo da perfeição, mas talvez, no fundo, Tric simplesmente tivesse mais a ganhar e muito mais a perder. O embate terminou com a barriga de Osrik aberta da virilha até as costelas, e o fedor de tripas e sangue pairou pesado no ar em meio à canção de Adonai. Solis gritou “Ponto!” enquanto os outros shahiids e acólitos aplaudiam, Mia mais alto do que todos.

Adonai e Marielle se puseram a trabalhar nas feridas de Osrik. Tric retirou-se para os bancos, ensopado e arfante. Mas quando seus olhos encontraram os de Mia, ele sorriu.

– Acólita Mia – chamou Solis. – Acólita Jessamine. Em suas posições.

Mia correu os olhos pela sala. Achou Diamo sentando nos bancos com os outros acólitos. Era um dos que sorriam para ela, um sorriso torto e convencido.

– Estou com fome, shahiid – disse Mia. – Que horas são?

– Quase meia-viragem – respondeu Solis. – Mas só vamos comer depois de concluir as preliminares. Assumam suas posições no círculo.

Mia levantou-se devagar, esticou os braços, tocou os dedos dos pés. Seus músculos doíam, e apesar de todo o exercício que ela tinha feito para fortalecer o braço, ele ainda não estava bom. Ela passou os dedos pelo cabelo e ajeitou a trança enquanto Jessamine andava de um lado para o outro no seu lugar. Os olhos verdes fixos na oponente. Esperteza de predadora e fúria animal.

– Dentes da Fauce, vai logo nessa porra, Corvere.

Mia olhou para Tric. O garoto acenou com a cabeça para encorajá-la e lhe deu uma piscadela. Por fim, com as sombras trêmulas ao seu redor, Mia foi até a sua posição.

Solis, enfurecido, voltou-se para a Mão ao seu lado.

– Acólita Jessamine, que lado da moeda?

– Trindade.

A moeda reluziu no ar. Volteou e girou.

– Senado para cima – a Mão declarou.

– Acólita Jessamine – disse Solis –, escolha suas armas.

A ruiva deu passos largos até os armários. Lançou um olhar por cima do ombro para Mia, com o sorriso maldoso de costume. Zanzou de um lado para outro entre as lâminas, como que indecisa, o dedo nos lábios feito uma donzela à procura de um vestido novo numa loja. Mas, no fim, resolveu pegar o que Mia sabia desde o princípio: a combinação de florete e adaga preferida por todos os lutadores Caravaggio. As armas eram penetrantes como uma agulha, e assoviaram uma canção nítida quando Jessamine as fez cortar o ar. A ruiva voltou para o círculo e inclinou a cabeça para Mia.

– Pena que não tem balestra nos armários, não é? Talvez você tivesse uma chance se estivesse a quarenta metros de distância batendo boca comigo, garotinha.

Mia ignorou o risinho enlouquecedor e avançou até os armários. Pegou dois gládios e cortou o ar com alguns golpes experimentais. Um gládio era mais curto, mas mais pesado do que um florete. Quase tão ligeiros e feitos para aguentar mais pancadas. Um golpe firme podia facilmente despedaçar um florete, e Naev tinha mostrado a Mia que um par manejado com habilidade era capaz de formar uma muralha de lâminas que um lutador Caravaggio teria que trabalhar muito para quebrar. A dúvida era se Mia teria qualquer chance para atacar Jessamine de volta...

Jessamine olhou para Diamo nos bancos. Ele a observava com atenção, ainda sorrindo, os olhos brilhantes e arregalados. Passou a mão no lábio superior, encharcado de suor.

Então mandou um beijo para Mia.

– Pare de enrolar, Corvere – suspirou Jessamine. – Vamos acabar logo com isso.

– Vamos – concordou Mia. – Parece que já é hora.

O Shahiid Solis e seus assistentes saíram do ringue, deixando as garotas sozinhas. A luz sem origem brilhava no alto, salpicando o círculo com uma luminância baça. Mia olhou para a tecelã Marielle, para o sorriso daqueles lábios horrendos. O orador Adonai encostou-se na parede ao lado dela, conferindo as unhas. Ela notou que a Reverenda Mãe, Aalea, Mouser e Mataranhas estavam todos juntos para assistir aos combates finais, sentados um ao lado do outro nos bancos de pedra, em meio aos acólitos. Uma corrente arquêmica parecia dançar no ar. A pele de Mia arrepiou quando sua sombra sussurrou:

– ...*sem medo*...

Ashlinn pôs as mãos em concha na boca e berrou do banco:

– Acaba com a raça dessa magrela, Corvere!

– Basta! – urrou Solis.

Mia tomou fôlego.

Jessamine assumiu posição.

Um gongo soou no escuro.

A ruiva investiu com passos velozes pela pedra, mirando a garganta da sombria. Mia recuou, defletindo os golpes rápidos com a mão direita, e seu contra-ataque passou assoviando perto do queixo de Jessamine. As lâminas cantaram, luz pálida cintilando no aço polido. Ambas as combatentes começaram com cautela. Uma por deferência ao talento de Jessamine, e a outra por respeito ao aço nas mãos de Mia. Mas logo a ruiva ganhou confiança, forçando Mia a recuar até a beirada do círculo com movimentos impressionantes dos pés e golpes que caíam como uma chuva de granizo.

Golpe, esquiva, investida: assim soavam os versos. Defesa e contragolpe eram o refrão. As garotas dançavam pela arena a essa canção, o suor ardendo nos olhos focados. Mia estava quase completamente na defensiva, desviando de um lado para o outro à beira da arena. Mas depois de três ou quatro

minutos, seus gládios começaram a pesar. Embora ela tivesse desferido alguns golpes louváveis, Mia já arfava. A falta de sono começava a aparecer. A barriga sem desjejum também não ajudava em nada. Ela sabia melhor do que ninguém naquela sala: as saraivadas constantes de Jessamine com suas armas mais leves e rápidas acabariam traçando o fim da garota se durassem o bastante.

Mia estava lenta demais para manter sua guarda, e Jessamine lhe arrancou sangue uma vez, depois outra. Uma fina linha de vermelho se abriu ao longo do antebraço esquerdo de Mia, um corte profundo repuxou seu ombro. A respiração dela saía cada vez mais rápida, saliva nos lábios. O sangue deixava a empunhadura traiçoeira. Os pulmões queimavam. Jessamine apenas sorria, sustentando o compasso de esquiva-golpe, golpe-esquiva. Mantendo Mia ocupada. Deixando a ampulheta correr um pouco. Não fazia sentido arriscar um golpe firme dos gládios quando a hemorragia e a fadiga podiam fazer o trabalho por ela.

– Está com medo de mim, Jess? – provocou Mia, avançando com tudo na tentativa de travar a rival.

– Aterrorizada – disse a ruiva, escapando e abrindo outro corte no braço de Mia. – Não dá pra ver que estou tremendo?

As duas rondaram uma à outra, armas erguidas. A franja encharcada pendendo nos olhos de Mia.

Os dedos grudentos nos cabos.

Resfolegando.

– Então Diamo descobriu o antídoto, né?

Jessamine abriu um sorriso vermelho e venenoso.

– Ouvi dizer.

– Aquele idiota não aprenderia nada de venenos nem se as fórmulas dançassem em cima do saco dele com saltos liisios.

– Parece que a Shahiid Mataranhas pensa o contrário.

Esquiva, defesa, ataque.

Mia secou o suor da testa na manga da camisa.

– E imagino que quando voltar para o meu quarto na quasinoite vai estar

tudo onde deixei, certo?

– Você imagina mesmo que vai voltar para o seu quarto, menininha?

Jessamine deu um passo à frente, golpeando no rosto, no peito, na barriga. Mia vacilou, emendou um contragolpe temerário para forçar a ruiva para trás. Jessamine se afastou, girando as armas, movendo-se com rapidez e firmeza. Ainda sorrindo.

– Essas facas de açougue estão ficando pesadas, é? – ela perguntou.

– Acha que o tempo está do seu lado, é?

Jessamine apenas sorriu em resposta. Mas Mia abriu um sorriso mais largo quando os sinos da meitada soaram; um canto de bronze e ecos preencheu o ar.

– E Diamo, o que você acha? – perguntou Mia. – Acha que o tempo está do lado dele também?

Jessamine olhou de relance para o rapaz, que limpava o suor da testa.

– De que abismo você está falando, Corvere?

Mia alargou ainda mais o sorriso.

– Eu me perguntava se um de vocês ia ser burro o bastante. Achei de verdade que tinha feito teatro demais ontem no desjejum. Mas vocês nunca foram as facas mais afiadas do faqueiro. O bilhete de Tric foi um detalhe bacana, até. Nada como a promessa de um gostosão dweymeri para fazer uma garota sair do quarto, não é?

Jessamine parou de dançar e encarou Mia com olhos cada vez mais arregalados.

– Ainda assim – continuou Mia –, pensei que Diamo daria as anotações para você. Sorte sua que é melhor com a espada. E que o cavalheirismo está tão morto quanto ele.

– Você está mentindo – esbravejou a ruiva.

Mia inclinou a cabeça.

– Estou?

– J-Jess...

A ruiva olhou para Diamo e seu rosto ficou ainda mais pálido. O garoto penava para ficar de pé. Estava empapado de suor e com a mão na barriga, um fiozinho de sangue escorrendo dos lábios. Ele fez uma careta, dentes pintados

de vermelho, e gemeu. E assim que os acólitos mais próximos recuaram enojados, o garoto pintou todo o chão de vermelho.

– Ai, Deusa... Di?

O rosto de Jessamine perdeu toda a cor quando o garoto caiu de joelhos. Mais rápida do que maquinaria, Mia avançou e arrancou com uma espadada o florete dos dedos lânguidos de Jessamine. A garota tentou esboçar alguma aparência de guarda, mas Mia derrubou a adaga com outro golpe, e com um grito de raiva, enterrou a espada bem fundo na barriga de Jessamine.

A ruiva levou as mãos à ferida com olhos arregalados. Mia puxou o gládio de volta num jorro vermelho e deu um chute selvagem no peito de Jessamine, o que a fez deslizar pela pedra polida. Solis gritou “Ponto!”. Um gongo soou no escuro. Mas ao redor do círculo tudo era caos. Adonai e Marielle se ajoelharam ao lado de Jessamine. O orador começou a cantar e o sangue subiu lentamente de volta ao corpo da garota. Os dedos da tecelã dançaram sobre a horrenda ferida na barriga, tricotando a carne até fechá-la. Mas os olhos de Jessamine ainda estavam cravados em Diamo.

O garoto estava de quatro entre os bancos. Vomitou mais uma poça de sangue no chão. Os acólitos se afastaram, com medo do contágio, do fedor de tripas e bexiga se esvaziando, mas Tric correu até o garoto e se ajoelhou ao lado dele, sem saber direito o que fazer.

– Alguém pegue um pouco de água! – berrou Tric. – Ajudem!

– Ninguém vai fazer nada – disse Mataranhas.

Silêncio na Sala das Canções, quebrado apenas pelos gemidos longos e desgraçados de Diamo. Mataranhas se levantou do assento ao lado da Reverenda Mãe. Suas tranças balançavam a cada passo, como um ninho de cobras sobre sua cabeça. Os olhos negros estavam fixos em Diamo, que estendia a mão na direção dela. Ele estava deitado de costas agora, tentando falar, o sangue borbulhando grosso nos lábios.

– Shahiid, por favor – gemeu Jessamine. – Por favor, salve Diamo.

Mataranhas piscou.

– Todos vocês sabiam as regras da minha competição. Quem tenta e falha, morre. Sem piedade. Sem exceção.

– Eu... – Diamo gorgolejou aos pés dela, agarrando a bainha do vestido da shahiid. – Siiiinto muuit...

– Ah, sim – concordou Mataranhas. – Não tenho dúvida que sente.

O garoto tossia e uma espuma rosa borbulhava em seus lábios. Espasmos, gotas de saliva e sangue saltando da boca. Tric recuou quando os tremores pioraram. Diamo segurou a barriga e gritou, sangue escuro borbulhando garganta afora. Debateu-se nas pedras molhadas do chão. Os olhos enchendo de lágrimas. Dedos arranhando a própria pele. E, afinal, depois de minutos de uma agonia lastimosa, com um último grito gargarejado, ficou imóvel.

Mia permaneceu no centro do círculo.

Gládio ensanguentado na mão.

– Essa foi por Lotti, sua bastarda – sussurrou.

– Sua vaca... – Jessamine já estava de pé; o sangue começava a secar na túnica e nos lábios. As mãos apertavam o lugar em que Mia a tinha perfurado. – Você o matou...

– Eu? Como? Não é minha culpa que ele se envenenou. A não ser... – Mia inclinou a cabeça. – A não ser que tivesse algo de errado com as anotações que ele usou.

Jessamine pegou o florete caído, o rosto transido num esgar.

– Basta! – urrou Solis. – Acólita Jessamine, a luta terminou. Baixem as armas. Ponto para a acólita Mia. Voltem aos seus lugares, todos vocês!

Jessamine tamborilou os dedos pelo cabo da espada. Lançou um olhar para Solis para medir o seu humor. Como não havia qualquer piedade na sua expressão, a garota jogou a espada de lado. As Mãos logo trataram de remover o corpo de Diamo e limpar a trilha de sangue que ele deixou. O orador Adonai lambeu os dedos e os observou trabalhar com olhos cintilantes.

Jessamine se sentou nos bancos, o rosto de pedra. Mia voltou a sentar-se no círculo, de frente para os outros acólitos. Ash chamou sua atenção, acenou com a cabeça, aprovando.

Bom trabalho, gesticulou em Deslíngua. *Fria como gelo*.

Mia deu de ombros, como se não fizesse ideia do que a garota quis dizer. Voltou os olhos para Jessamine. A ruiva a encarava. Passando o dedo pela

corrente de ouro na garganta, ela inclinou a cabeça. Numa promessa.

Mia retribuiu com um sorriso.

E mandou um beijo para Jessamine.

Solis dispensou os acólitos para a refeição no Altar Celeste, avisando para voltarem em uma hora. A final seria disputada diante de todos; o vencedor receberia a marca de favorecimento de Solis. O primeiro acólito a terminar em primeiro numa sala seria nomeado ao fim da viragem.

Mia e Tric sentaram-se um de frente para o outro na meiada, cada prato uma montanha. Mia devorava a comida com toda a fome que a falta de virada e desjejum lhe conferia, enquanto tentava ignorar os olhos de Tric. O garoto não parecia faminto, beliscando a comida e sorvendo o vinho, olhando para o nada quando não estava encarando Mia.

A morte de Diamo indicava que o enigma de Mataranhas ainda estava por resolver – Mia poderia acabar em primeira na Sala das Verdades se ousasse encarar o desafio. Mas ela não precisaria se preocupar com a possibilidade de se envenenar se vencesse o torneio de Solis, e Dentes da Fauce: depois de todo o sofrimento que ele a fizera passar, seria uma alegria ver aquele desgraçado metido reconhecê-la vencedora.

Por outro lado, Mia duvidava que Tric tivesse chance de terminar em primeiro em qualquer outro lugar. Ele não era nenhum mestre dos venenos, nem do furto, embora ela pensasse que o garoto talvez tivesse sido capaz de tirar um ou dois segredos em Godsgrave. Ainda assim, se ela o tirasse do torneio de Solis, diminuiria muito suas chances de ser nomeado Lâmina.

Ela conseguia sentir o olhar dele entre um bocado e outro. Testa franzida. Lábios apertados.

Será que pensava o mesmo que ela? Perguntando-se onde aquela história terminaria exatamente? Cedo ou tarde, um deles teria que perder. Cedo ou tarde, um deles acabaria ferido. A tensão era forte o bastante para que Mia a sentisse seu gosto na língua.

– Você fez isso mesmo? – ele perguntou finalmente.

– Fiz o quê? – Mia piscou surpresa.

Tric baixou a voz para que os outros não ouvissem.

– As anotações. Você as deixou para Diamo roubar? Com um antídoto falso dentro?

Mia olhou dentro daqueles olhos grandes e castanhos. Viu uma faísca de suavidade. A mesma suavidade que ele demonstrava na cama. Trazendo-a perto de si e acariciando o seu cabelo. O problema era que não havia lugar para isso ali. E apesar de tudo que dissera a Sr. Simpático sobre aferrar-se à piedade, ela também sabia que o espaço para ela era escasso e precioso.

Não existia para os assassinos de Lotti, em todo caso.

Mia pôs a faca na mesa. Estreitou os olhos.

– E se eu tiver feito, don Tric?

– Quando foi me encontrar na quasinoite passada... foi porque queria estar comigo, ou só porque queria sair do quarto?

– E por que não as duas coisas?

– Não gosto de ser usado, Mia.

Mia olhou de esguelha para os acólitos a seu redor. Embora cada um fingisse se ocupar da própria refeição, ela percebia que estavam escutando. Sentia seus olhos. Encarando aquela nuance de Mia Corvere que jamais tinham visto de verdade. Mentirosa. Cobra. Raposa.

– Veja, se Diamo roubou as minhas anotações e encheu a barriga de veneno, o idiota mereceu o que aconteceu com ele. Alguém burro desse jeito não duraria um mês numa capela de verdade. Eu fiz um favor para ele.

– Favor? – Tric fechou a cara. – Ele sufocou no próprio sangue até morrer, Mia.

Mia lançou um olhar para a outra ponta do banco, para Jessamine, e depois voltou a Tric.

– Que nem Lotti, você quer dizer?

Jessamine esmurrou a mesa, a faca de carnes firme na mão. Ela olhou para o shahiid, tomando cuidado para não chamar a atenção dele. Então encarou Mia, e sua voz saiu baixa e controlada:

– Nem *tocamos* Carlotta.

– Mentira – murmurou Ash. – Todo mundo aqui te ouviu ameaçá-la de morte, sua vaca.

– Mãe Negra, e eu teria *cumprido* a promessa se tivesse a chance – Jessamine disse por entre dentes cerrados. – Mas eu contaria depois, Corvere. Pelo menos para você. Ia querer ver a sua cara. – A ruiva balançou a cabeça, com os lábios torcidos em escárnio. – Mas ia querer ver a cara de Carlotta também. Por isso seria frente a frente. Só pra que visse meu rosto antes que eu acabasse com ela.

Mia encarou Jessamine, os olhos faiscando como pederneiras.

– Então você é uma idiota também – ela disse.

– Mia... – alertou Tric.

– Quê? – ela disparou. – Escute aqui, só porque estou disposta a bagunçar os lençóis com você, isso não te dá o direito de julgar quem eu sou e o que faço. Isto aqui não é um berçário. Dentes da Fauce, somos candidatos a *assassinos*, Tric. Talvez devesse começar a agir como um. Lembre-se do seu motivo para vir para cá.

Ela olhou o frasco de tinta no pescoço dele, tudo o que restava do ódio do avô.

– Lembre-se de quem você era, ainda que o espelho tenha se esquecido.

A mão de Tric foi para a corrente, os olhos arregalados. Mágoa e raiva em partes iguais.

Mia ignorou ambas. Empurrou o prato de lado.

– Te vejo no círculo.

E sem mais uma palavra, se levantou e saiu.

Mia olhou o dweymeri nos olhos. Não viu nenhum brilho de suavidade. Nada próximo do que ele mostrava na cama, puxando-a para si e acariciando seu cabelo. Nenhum vestígio de mágoa também. Ele a deixara para trás no Altar Celeste.

Não, o que ela via era ódio.

Os acólitos e o Ministério estavam reunidos em volta do círculo. Solis e

suas Mãos aguardavam, moeda de prata na mão. Mia e Tric se encaravam a três metros de distância no granito polido, e as manchas do fim de Diamo já tinham desaparecido.

– Acólita Mia, escolha um lado.

– Senado.

Um tom nítido soou quando a moeda bateu na pedra.

– Deu Senado.

Tric foi aos armários, pegou uma cimitarra cruel e cortou o ar. Em seguida, prendeu um escudo pequeno na outra mão e voltou até a arena. Olhos frios. Queixo firme.

Ele está furioso. Eu o machuquei de verdade.

Mia caminhou para os armários e escolheu uma adaga e um florete.

Bom.

O gongo soou. Um avançou contra o outro, aço contra aço, velocidade e agilidade contra força e ferocidade. Àquela altura todos os acólitos sabiam que Tric e Mia dividiam a cama. Ela imaginou que todos esperavam que um ou outro pegasse leve. Que deixassem o outro ganhar.

Assim fariam os românticos, não?

Dez segundos depois do gongo, essa ideia já estava morta no chão do círculo. Tric queria sangue. Dentes cerrados. As tranças agitavam-se ao seu redor a cada investida contra o peito e a cabeça de Mia. A garota era rápida, mas os pés do dweymeri forte trabalhavam bem, acuando Mia para a beira do círculo, onde a velocidade tinha menos serventia. Ela não tinha mais a surpresa a seu favor; todos sabiam que o seu braço bom não estava tão fraco quanto mostrara e que não era a aprendiz que fingira ser. De modo que Tric estava atento, com a guarda levantada, nunca abrindo demais e mostrando o flanco para o florete.

Sua cimitarra assoviava no ar, tons nítidos ecoando pela sala quando os golpes se encontravam. Mia travou a espada dele, as lâminas enlaçadas, forçando para a frente enquanto ele a pressionava com toda a força. Suando. Rosto vermelho. Sorrindo.

– Você parece bravo, don Tric.

– Vai se foder, Mia.

– Mais tarde, amor.

A garota chutou com o joelho, e vários acólitos gemeram quando o golpe acertou o saco de Tric. O garoto dobrou-se para a frente enquanto Mia desviou pelo lado, girando e voltando ao centro da arena. Tric recuperou o equilíbrio e virou-se com tudo na direção da garota, as tranças voando. Uma mão ainda sobre o tesouro dolorido.

– Mais tarde dou um beijinho pra passar, se você quiser – disse Mia.

Tric urrou de raiva e avançou com tudo pelo círculo. Pura fúria. A sensação de Mia nos seus braços sumira. Ela dançou para trás e cortou o antebraço do garoto. Outro golpe atravessou a túnica e lhe abriu uma ferida sangrenta na barriga. Mia sorria o tempo todo, observando Tric ficar cada vez mais zangado. Os acólitos ao redor deleitavam-se com o espetáculo. A Reverenda Mãe Drusilla assistia a tudo com atenção; a tecelã e até o orador estavam na beira dos assentos. Solis ouvia de cabeça inclinada. Queixo rígido. Punhos cerrados.

Mia mandou a cimitarra de Tric pelos ares com uma espadada de revés, e a arma caiu girando no chão. Ela se abaixou quando Tric atacou com o escudo, deu um passo para o lado quando ele investiu de novo. E, baixando numa fração de segundo, Mia enterrou o florete na barriga do garoto.

Os acólitos suspiraram de admiração. Ash comemorou, animada.

Mia levantou os olhos para a expressão cheia de dor de Tric.

Olhos cravados nos dele.

Sorrindo.

– *Koffi* – ela sussurrou.

O rosto de Tric empalideceu. Ele cerrou os dentes, estreitando os belos olhos castanhos. Pegou a mão de Mia e apertou com força, esmagando os dedos dela contra o cabo do florete. E, com as unhas brancas pelo esforço, o rosto transido, o sangue escorrendo da boca, o dweymeri foi puxando a lâmina mais para dentro de si, arrastando Mia pelo chão até a cruzeta da espada tocar a barriga sangrenta dele.

Ele ergueu o escudo e bateu na cara de Mia. A garota rolou para trás, com

sangue escorrendo dos lábios partidos. Ela recuperou o equilíbrio e atacou, cravando a adaga no peito de Tric. Mas o garoto nem sentiu, dando na cara de Mia de novo. Ela viu estrelas quando o escudo acertou sua bochecha; a cabeça pendendo do pescoço e a escuridão subindo por trás dos olhos. Um golpe no peito a mandou para o chão, as unhas arranhando o chão à medida que tentava se levantar. Uma bota lhe acertou as costelas. E mais outra. Outra. Através da névoa vermelha da sua visão, viu Tric tirar o florete da barriga e erguer a lâmina com as duas mãos, prestes a enfiá-la em seu peito.

– Desisto – murmurou Mia.

O mundo inteiro ficou em silêncio.

– Eu desisto – ela disse de novo, caindo de novo na pedra.

O peito de Tric arfava. As mãos tremiam. Olhos cravados nos de Mia.

A garota sorriu com lábios sangrentos.

E piscou.

– Ponto! – urrou Solis. – Vitória do acólito Tric!

O garoto permaneceu imóvel por mais um instante. A raiva ainda ardia em seu olhar castanho. Mia se perguntava o quanto Tric não a queria morta naquele momento. Mas por fim, ele baixou o aço. Jogou para o lado e caiu de joelho, tossindo sangue, apertando a mão sobre os novos buracos com que ela o presenteara. Os acólitos estavam de pé, aplaudindo, o desejo de sangue brilhando nos seus olhos.

A tecelã e o orador entraram no círculo e se puseram a sarar as feridas que Mia e Tric tinham infligido um no outro com o aço.

Mas e as palavras?

Olhando dentro dos olhos de Tric, a garota se deu conta de que não sabia a resposta.

Os acólitos ganharam o resto da viragem de folga. Com as feridas curadas pela tecelã, mas o queixo ainda dolorido, Mia viu-se de volta ao seu quarto, as mãos apoiadas nos quadris.

Diamo e Jessamine conseguiram apagar bem seus vestígios; havia poucos

sinais de que alguém tinha passado pelos aposentos de Mia. Mas, como ela suspeitara, suas anotações tinham sumido do esconderijo debaixo da escrivaninha, sem dúvida roubadas logo cedo enquanto ela estava na cama de Tric. Mais ou menos cinco horas, ela calculara, entre o momento em que Diamo tomasse o veneno de Mataranhas até o momento da sua morte. O suor tinha sido o sinal mais revelador, mas ainda assim, sua estimativa fora quase perfeita.

– *...feliz consigo mesma...?*

Senhor Simpático espiava do alto da cristaleira.

– Sim, bastante.

– *...com certeza jessamine vai tentar matar você agora...*

– Palavra-chave sendo “tentar”.

– *...e apesar do seu teatrinho no altar celeste, você ainda não resolveu o enigma de mataranhas...*

– Estou quase lá.

– *...diamo roubou as suas anotações...*

– Eu lembro de quase tudo. Estou bem perto, Senhor Simpático.

– *...o torneio de mataranhas acaba daqui a seis viragens, mia...*

– Que bom você estar aqui para me contar essas coisas.

– *...você devia ter ganhado logo a dianteira na sala de solis e pronto...*

– E então Tric não se tornaria Lâmina.

– *...antes ele do que você...?*

Mia desabou na cama, olhos no teto. Sem dizer nada. Os pensamentos disparando na cabeça. Tudo o que Sr. Simpático dissera era verdade. Havia coisas mais importantes em jogo do que ela e Tric. Scaeva. Duomo. Remus. Tudo pelo que ela trabalhara. Apenas um assassino treinado da Igreja Vermelha seria capaz de dar fim a esses desgraçados – o ataque dela na última veratreva era prova suficiente disso. Se não terminasse em primeiro em alguma sala, como chegaria a ser Lâmina? Por que, Filhas, ela simplesmente não...

– *...você está deixando seus sentimentos pelo garoto obscurecer seu juízo...*

– Não sinto nada pelo garoto.

– ...*ah*, é...?

– É.

– ...*então por que passar meses treinando em segredo com naev apenas para...*

Uma batida soou à porta. Mia se levantou da cama e atravessou o quarto. Tric a esperava do lado de fora, tranças caídas por cima do rosto. O coração de Mia bateu um pouco mais rápido ao vê-lo. Aquele frio desgraçado de novo na barriga. Ela cerrou os dentes e tratou de se esquentar. De derreter todo aquele gelo.

– Boa viragem, don Tric.

– Para você também, Moça Branca.

Ela olhou para a camisa do garoto. Ele estava com um broche simples no peito – uma clave musical feita de pau-ferro polido. Tinha sido agraciado com o distintivo ao fim da competição por Solis em pessoa; prova de que terminara em primeiro na sala.

– Parabéns – disse Mia.

O garoto acenou com a cabeça. Mordeu o lábio.

– Posso entrar?

Mia olhou para os dois lados do corredor e, como não viu outros acólitos, abriu passagem. Para um frio figurado, aquele em sua barriga parecia bem forte.

– Bebida? – ela perguntou, voltando-se para o vinho d’ouro roubado.

– Não. Não vou demorar.

Ela percebeu o tom estranho na voz dele. Virou-se para encará-lo, e encontrou aqueles olhos castanhos duros como pedra. Os ombros estavam tensos, como os de um homem prestes a atacar.

– Você me deixou ganhar – ele disse.

– Não. – Mia negou com a cabeça. – Lutei o mais sério que consegui.

– Mas me fez lutar ainda mais sério.

Ela deu de ombros.

– Eu sabia que você ia pegar leve se não fosse assim.

– Então você me conhece tão bem assim?

– Sei o que sente por mim.

– Mesmo? O que é?

Mia baixou a vista, passou a mão no cabelo. À procura das sombras a seus pés. A verdade estava ali para que a visse. Ela levantou os olhos para Tric, incapaz de dizê-la. Na esperança de que a tivesse escutado mesmo assim.

O garoto balançou a cabeça. O olhar ainda duro. A voz mais dura.

– Você sabia o que dizer aquela palavra faria comigo. Sabia seu significado.

– Desculpe – ela suspirou. – Você me conhece bem o bastante para saber que eu não queria ofender. Tinha que te irritar. Sabia que se não fosse assim você ia me deixar ganhar. Ainda consigo ficar em primeiro em Verdades. Não precisava do primeiro lugar em Canções.

– Eu não preciso da merda da sua pena, Mia.

– Dentes da Fauce, não é pena! Tem espaço para nós dois no grupo. Você ficou em primeiro numa sala, agora é quase garantido que vai se tornar Lâmina. Um passo mais perto de pisar na cova do seu avô. Fizemos uma promessa um para o outro, lembra? Quero o que é melhor para você, não dá pra ver?

– E aí você me manipula como um fantoche, é? Mexe os pauzinhos e me deixa cego. – Tric balançou a cabeça. – Aalea te ensinou isso, foi? Pequena Mia Corvere. Loba em penas de corvo. Enganou todo mundo. Eu, Diamo, Jessamine. Quem mais está dançando a sua música sem saber? Quem mais vai matar para conseguir o que quer?

– Pelas Quatro Filhas, Tric, isto aqui não é a porra de...

– A porra de um berçário! Eu sei! Já me disse essa merda mil vezes, Mia.

– E quantas mais vou ter que repetir até isso entrar na sua cabeça dura?

– *Nunca* mais.

As palavras a acertaram como um escudo no queixo. Embora ela negasse para si mesma depois, Mia estremeceu ao ouvi-las.

– Fomos burros de deixar a situação chegar tão longe. Ouviu, Mia? – Tric apontou para ela. Para si mesmo. – Você e eu? Nunca. Mais.

– Tric, eu...

Ele bateu a porta ao sair.

Mia olhou para as mãos vazias. As acusações de Tric reverberavam dentro do seu crânio.

Ela visualizou o rosto de Diamo. A agonia nos olhos dele ao suplicar pela própria vida. Mas ele tinha merecido, não? Por Lotti?

Os gritos dele ecoavam dentro da cabeça dela, enlaçados com os daqueles homens que ela tinha chacinado na escadaria da Basílica Grande. Daqueles que arremessara para os lados como trapos imundos e esfarrapados nas entranhas da Pedra Filosofal. Uma orquestra de gritos, da qual ela era a maestra escarlata. Agitando as mãos ensanguentadas no ar.

Os passos de Tric sumiram no corredor.

Mia permaneceu ali no escuro.

Ombros caídos.

Cabeça curvada.

Sozinha.

– ...*é melhor assim, mia...*

E nunca sozinha.

– ...*é melhor assim...*

Capítulo 30

FAVORES

Cinco viragens até ser tarde demais para resolver a charada de Mataranhas.

Até sua melhor chance de iniciação se dissolver feito fumaça.

Apenas.

Cinco.

Viragens.

Mia mal tinha dormido e quase não comera desde o torneio de Canções. Enterrara o nariz num livro atrás do outro, sentindo a resposta na palma da mão, apenas para vê-la escorrer como a areia pelos seus dedos ao fechá-la.

Uma guerra de ladroagem em que valia tudo tinha eclodido entre os acólitos, que se esforçavam para derrubar Ash do topo da classificação de Mouser. A contagem dos pontos era agora mantida no Altar Celeste, não mais na Sala dos Bolsos, para que todos pudessem saber.

Shiu estava em segundo, ainda uns oitenta pontos atrás. Jessamine aparecia vinte pontos depois. A liderança de Ash era praticamente imbatível – fato que a garota lembrava a todos em voz alta durante as refeições, para o caso de alguém ficar meio convencido. Quartos invadidos, bolsos saqueados, e qualquer colisão aparentemente inofensiva nos corredores terminava com quatro ou cinco objetos diferentes trocando de dono. O cronista Aelius registrou uma queixa formal junto à Reverenda Mãe depois de Ashlinn lhe ter roubado os óculos da cara durante um cochilo na mesa,⁸⁴ e o item 5 da lista do Shahiid Mouser:

Um livro do ateneu (roubado, não emprestado, espertinho) - 6 pontos

foi removido sob os protestos do próprio shahiid. Parecia que Pip tinha tentado uma invasão ao ateneu antes do desjejum para surrupiar alguns volumes do carrinho de DEVOLUÇÕES, e acabou devorado por um dos vermes de

livros mais ranzinzas.⁸⁵

– Agora todos os outros estão irritados porque não fizeram um lanchinho também! – Aelius gritara à ocasião. – Quem vai dar um jeito nessa maldita bagunça? É isso que eu quero saber!

Com o fim das aulas regulares, os acólitos tinham permissão de viajar para Godsgrave quando quisessem. O orador Adonai permanecia junto à piscina, enviando aspirantes a assassinos para a Cidade das Pontes e dos Ossos, desde cedo até a quasinoite. Apenas a Shahiid Aalea sabia quem estava na liderança da competição, mas com a enxurrada de segredos que chegavam de Godsgrave, Mia imaginava que a mulher já soubesse mais coisas do que os chefes dos malditos obfuscatii.⁸⁶

Sozinha no quarto, ou debruçada sobre uma carteira na Sala das Verdades (sempre de frente para a porta), Mia trabalhava na fórmula de Mataranhas. Ela tinha abandonado a ideia de voltar a Godsgrave à procura de segredos. A competição de Aalea era um tiro muito no escuro para o seu gosto. Melhor trabalhar em algo que ela pudesse ver de verdade. Tocar. Provar.

Ela montava uma série de recipientes; provetas e tigelas, cilindros e frascos, e infinitas espirais de tubos. A solução borbulhava ou dissolvia ou solidificava em estruturas sofisticadas, e mais de cem ratos foram libertos de suas preocupações mortais durante a pesquisa de Mia. Mataranhas aparecia com frequência, trabalhando na sua mesa nos seus próprios experimentos, mas Mia já sabia que não adiantava esperar que ela lhe desse uma dica. Se ela queria ser a primeira em Verdades, teria que merecer. De fato, a shahiid quase não falava nada, exceto por uma vez, exatamente na viragem seguinte ao torneio de Solis:

– Uma vergonha o que aconteceu com Diamo...

Mia levantou os olhos do trabalho. Mataranhas caminhou devagar ao lado da última escultura de Mia, passando a unha comprida ao longo do vidro. As mãos negras de toxinas. Os lábios negros de tinta. E o olhar, mais negro que tudo.

– Uma vergonha ele não ter testado o antídoto antes de usar, você quer dizer? – a garota perguntou.

– Ah, mas esse é o ponto, vê? – disse Mataranhas. – Apesar de não neutralizar completamente a minha toxina, a solução de Diamo *adiou* os efeitos. Por isso qualquer rato testado na quasinoite anterior ainda estaria vivo quando ele me apresentou a solução na viragem seguinte.

– Hmmm – disse Mia, voltando ao trabalho. – *Isso* é uma vergonha.

A shahiid deu um tapinha no ombro de Mia e saiu da sala sem mais uma palavra. Diamo fora enterrado numa cova sem lápide no Salão dos Elogios naquela tarde. Mataranhas jamais o mencionou de novo.

Pelo menos, as incontáveis horas de trabalho tornavam mais fácil evitar Tric. Mia mantinha a cabeça focada no problema, pensando o menos possível no garoto. Comia em horários diferentes para evitá-lo. E se seus sonhos recebiam a visita do dweymeri nas suas poucas horas de sono, Sr. Simpático os devorava antes que tivessem chance de incomodar.

Com duas viragens até o fim da competição, Mia debruçava-se sobre um frasco fervente na Sala das Verdades. As nove badaladas já tinham soado, mas ela tinha sido dispensada do toque de recolher de novo por Mataranhas. O perfume de doce queimado e rato morto pairava no ar. Impregnava seu cabelo. Turvava sua vista.

Mia ouviu as portas se abrirem.

Ela levantou os olhos esperando ver Mataranhas, mas em vez disso a garota viu um par de olhos azuis e brilhantes. Pele pálida e têmporas definidas. Uma beleza mais feminina do que masculina.

As enormes portas se fecharam silenciosamente atrás dele.

A mão de Mia foi para a adaga na sua manga.

– Olá, Shiu – ela disse.

O garoto, claro, não disse nada. Atravessou devagar a sala e parou diante de Mia. Observava-a através dos vidros, os lábios bem apertados.

As mãos atrás das costas.

Mia estava tensa como uma mola de maquinaria. Fora dentro daquela sala que mataram Lotti, afinal. Senhor Simpático avisara que Jessamine e Diamo talvez não fossem os culpados. Shiu já tinha sido pego circulando depois das nove badaladas, mas ninguém jamais explicara o que exatamente ele fazia ao

ser flagrado. E ali estava ele, fora dos aposentos depois das nove badaladas *de novo*. E ninguém jamais descobrira o que tinha acontecido com Trazáguas...

O silêncio do garoto era absoluto; não apenas os lábios, mas todo o corpo. Ele não emitia som ao caminhar. Ao respirar. Quando se movia, mesmo o tecido da roupa era mudo. E suas malditas mãos ainda estavam atrás das costas.

– Você não devia estar fora depois do toque de recolher – disse Mia.

Shiu apenas sorriu.

– Posso te ajudar?

O garoto balançou a cabeça devagar.

Senhor Simpático materializou-se atrás de Shiu, observando. Cada músculo no corpo de Mia estava retesado. As sombras ao redor dela ondulavam ao movimento dos seus dedos. A sua própria sombra começou a curvar-se, rastejando pelo chão, mais comprida e escura do que deveria. E Shiu tirou as mãos das costas e mostrou que estavam vazias.

Mia suspirou. Soltou a faca. Shiu começou a falar em Deslíngua, movendo os dedos tão rápido que Mia sofria para acompanhar.

ajudar você

Mia gesticulou em resposta, um pouco mais establanada do que o garoto.

me ajudar com o quê?

O garoto apontou para as misturas borbulhantes, os frascos e condensadores e jarros. Mia lembrou-se da imagem dele na flagelação. As gengivas sem dentes à mostra enquanto ele gritava em silêncio. As mãos dela se moveram rápido, e seus olhos não desgrudavam dos dele.

por quê?

Shiu fez uma pausa. Uma exígua ruga estragando a testa perfeita.

venho observando você

você não pertence a este lugar

Foi a vez de Mia franzir a testa. Confusa. Ofendida.

o que quer dizer?

As mãos do garoto se agitaram, os dedos hábeis esculpindo o silêncio em

palavras.

depois da flagelação

você foi a única

a perguntar se eu estava bem

ninguém mais se importou

Shiu balançou a cabeça.

você não pertence a este lugar

Mia fechou a cara.

e você pertence?

O garoto fez que sim.

feio como o resto

Mia se viu confusa. Ela deu a volta nas espirais de vidro borbulhante, o doce aroma da morte. Parou diante do garoto, tomou suas mãos e sussurrou:

– Shiu, do que você está falando? Você está bem longe de ser feio.

O garoto desatou a rir. Suas cordas vocais haviam atrofiado por falta de uso, e a gargalhada era pouco mais do que um chiado. Ele tapou a boca com a mão e se agitou, mas ela ainda vislumbrou um pouco daquelas gengivas sem dente atrás dos lábios curvados. Vislumbrou também as rachaduras que ele tinha por trás dos olhos.

– O que aconteceu com você? – ela murmurou.

O olhar do garoto era intenso. Olhos de céu castigado pelos sóis.

escravo

– Mas você não tem marca.

O garoto balançou a cabeça.

ele nos mantinham bonitos

– Eles?

casa de prazeres

A barriga de Mia gelou quando ela viu os sinais que o garoto fazia. Ela entendeu no ato o que ele quis dizer. De onde ele tinha vindo. Quem tinham sido seus donos antes da Igreja, e o porquê de terem arrancado cada um dos seus dentes.

– Ah, Deusa – ela balbuciou. – Sinto muito, Shiu.

viu?

Os lábios do garoto torceram-se no que poderia ter sido um sorriso.

você não pertence a este lugar

Ele correu os olhos pela sala, pelo líquido fervente e pelos ratos mortos, podridão e ferrugem no ar.

mas bondade semeia bondade

mesmo num campo como este

O garoto enfiou a mão nas calças, e por um instante Mia desviou a mão para a manga da camisa de novo. A escuridão tremia ao redor dela. Mas em vez de uma lâmina oculta, o garoto sacou um caderno encapado em couro preto. Ele o abriu numa página aleatória. Mia viu as anotações em código – uma variação da sequência de Elberti com alguns toques pessoais. Reconheceu a caligrafia. A própria cifra.

– É o caderno de Carlotta – disse baixo.

O garoto confirmou com a cabeça.

– Onde você conseguiu?

O garoto inclinou a cabeça.

eu disse

venho observando

O coração de Mia bateu mais rápido. Ela folheou as páginas, notou que boa parte delas estava salpicada de sangue seco. Uma página perto do fim tinha sido completamente arrancada. Uma raiva lenta ferveu sob sua pele, mas ela conseguiu se controlar. Não fazia sentido estourar sem motivo. Shiu estava oferecendo ajuda. Ele podia ter conseguido as anotações de Carlotta sem a ter matado – ele vivia se esgueirando pela Igreja desde que chegara. Ainda assim, a resposta simples costumava ser a correta...

– Shiu – ela sussurrou, com vagar e cuidado. – Você matou Lotti?

O garoto baixou os olhos para a sombra de Mia. Depois a encarou.

o que importa?

Punhos cerrados. Olhos vermelhos.

– Importa que ela era minha amiga!

O garoto fez que não com a cabeça. Parecia quase triste.

*você só tem um amigo dentro destas paredes
não carlotta
nem tric ou ashlinn
nem eu*

Shiu a encarava sem piscar. Ele não era um aliado, Mia percebeu. Aquilo não era sinal de respeito nem demonstração de uma amizade rancorosa daquele garoto tão estranho. Era apenas o pagamento de uma dívida. Bondade por bondade. Mesmo num campo como aquele. E embora os dedos de Shiu não se movessem, suas palavras estavam estampadas nos olhos.

é pegar ou largar.

Mia tomou o livro das mãos do garoto. Shiu inclinou a cabeça numa mesura lenta, a franja caindo pelos olhos azuis assombrados. Então deu meia-volta e saiu do quarto, silencioso como um raio dos sóis. Ele chegou até as portas e as abriu com uma mão. A voz de Mia o fez parar.

– Shiu.

O garoto se virou. Esperou.

– Por que você mesmo não usa as anotações? Não quer ser o primeiro da sala?

Shiu inclinou a cabeça. Abriu um sorriso condescendente.

E sem um suspiro, saiu.

Mia levou horas para decifrar o código de Carlotta. Mais horas para juntar as peças que eram aqueles rabiscos, sendo o coral fantasmagórico sua única companhia. A página faltante era um mistério, mas no final não importava. Passou pela cabeça de Mia a ideia de que Shiu talvez tivesse tentado aplicar nela o mesmo golpe que ela tinha aplicado em Diamo. Mas a verdade é que Mia estava perto o bastante da solução para conseguir sentir seu gostinho; talvez algumas horas mais de trabalho e ela teria resolvido o mistério por conta própria. Duvidava que Shiu seria burro a ponto de tentar pegá-la na sua própria armadilha. E ali, no meio das ideias anotadas com clareza por Carlotta, Mia encontrou a peça que faltava: a última chave para

abrir o cadeado que ainda a prendia.

Ela tinha certeza.

Mia destilou a solução em três frascos. Usou dois num par de ratos e guardou o terceiro para si. Seus companheiros peludos estavam dormindo nas gaiolas havia duas horas quando Mataranhas abriu a porta e encontrou Mia sentada entre os castelos de vidro reluzente.

– É cedo para estar aqui, acólita – disse a shahiid. – Ou tarde?

A garota respondeu erguendo um frasco cheio de um líquido turvo. Mataranhas atravessou a sala, as roupas verde-jade como que sussurrando. Jogando as tranças de sal por cima do ombro, ela olhou para o vidro na mão de Mia, os lábios pintados de preto curvados num sorriso curioso.

– E o que você tem aí?

– Uma resposta ao impossível.

– Tem certeza?

Mia olhou para os pés, com absoluta certeza de que, mesmo que Sr. Simpático não estivesse ao seu lado, ela continuaria sem temer.

Olhou para Mataranhas e sorriu.

– Só há uma maneira de ter certeza, shahiid.

O anúncio foi feito no desjejum. Como era típico de Mataranhas, não houve fanfarra nem elogios. A shahiid simplesmente esperou todos os acólitos e membros do Ministério chegarem e espetou um broche no peito de Mia. Era pequeno, esculpido em pau-ferro negro e lustroso.

Uma aranha-lobo.

Um burburinho entre os acólitos. Mataranhas inclinou-se e plantou um beijo negro na testa de Mia.

– Minha bênção – ela disse.

E foi isso.

Ash sorriu de orelha a orelha e estendeu a mão para Mia, que a apertou de volta, sorrindo. Tomando consciência de que fora tonta o suficiente para deixar a garota tocá-la, Mia verificou ostensivamente todos os seus bolsos,

para garantir que o broche de Mataranhas ainda estava no seu peito. Ashlinn revirou os olhos, riu baixo e voltou à refeição sem uma palavra. Mia lançou um olhar para a outra ponta da mesa e encontrou Jessamine, que a encarava com um ódio patente.

– Bom – disse Mouser, levantando-se da mesa do Ministério. – Se Mataranhas houve por bem conceder seu favor, talvez devamos fazer o mesmo? – O shahiid voltou-se para Aalea com o sorriso canastrão de costume. – Beleza antes que idade, shahiid?

Aalea recusou, balançando a cabeça de leve.

– Ainda resta uma quasinoite para os acólitos saquearem Godsgrave. Dispensarei meus favores amanhã.

– Como quiser – disse Mouser, com uma mesura. – Quanto à minha competição, estou seguro de que ninguém poderá bater a líder na arte dos Bolsos. Há objeções entre os participantes?

Ashlinn recostou-se na cadeira e sorriu feito uma rainha num trono roubado. Os outros acólitos fecharam a cara por cima dos pratos, mas Mouser dissera a verdade. Pela classificação, Ash ainda tinha uma vantagem de noventa pontos sobre Shiu, e ninguém mais estava tão perto. A disputa estava mais do que encerrada.

– Acólita Ashlinn – começou Mouser. – Quero oferecer os meus parabéns por aquela que foi a mais audaciosa mostra de ladroagem nesta Montanha desde o meu tempo de aprendiz com...

A voz do shahiid falhou quando Shiu se levantou do seu assento.

– Acólito? – perguntou Mouser com a testa franzida.

Shiu atravessou o Altar Celeste sem uma palavra. Parando diante de Mouser, o garoto enfiou a mão no bolso e, com uma breve mesura, apresentou a mão aberta ao shahiid. Os acólitos ficaram de pé, esforçando-se para ver o que o garoto segurava. Mia vislumbrou algo preto brilhante. Uma corrente prateada.

– Dentes da Fauce – ela balbuciou ao reconhecer o objeto na palma da mão do garoto.

– Não pode ser... – disse Ash por entre dentes cerrados.

Shiu segurava a chave de obsidiana da Reverenda Mãe.

Como, pela Fauce, ele tinha roubado aquilo sem que Drusilla percebesse?

Mia olhou para a mesa do Ministério. Os olhos de Drusilla arregalaram-se ao verem a chave na mão de Shiu, e a mão foi para o peito, tateando as dobras da roupa. Mas, depois de uns instantes, os lábios curvaram-se num sorriso.

– Caro Mouser – ela chamou –, receio que você esteja sendo enganado. Uma raposa em pele de garoto, hein?

A Reverenda Mãe levantou a mão. Pendendo do indicador e do polegar, a reluzente chave de obsidiana girava na corrente prateada.

– Eu sabia – suspirou Ash. – Não tem *como* ele ter roubado aquela coisa...

– Ahá – Mouser disse sorrindo, curvando-se para Shiu. – Ótimo golpe, acólito. Mas aqui não barganhamos, infelizmente. Com o Mouser é só artigo genuíno ou nada feito.

Shiu abriu um sorriso. Colocou sua chave na mão de Mouser e caminhou suavemente até a mesa do Ministério. Os lábios de Aalea curvaram-se num sorriso matreiro, e mesmo Solis e Mataranhas pareciam entretidos. O rapaz pálido deteve-se diante da Mãe Drusilla e estendeu a mão enquanto gesticulava em Deslândia com a outra.

posso?

Drusilla franziu um pouco a testa, mas assentiu, entregando a chave. Sem cerimônias, Shiu jogou a chave no chão e pisou sobre ela. Ao levantar a bota, o garoto fez um gesto teatral para o chão, como algum malandro que faz truques de mágica na esquina. Mia viu que a chave tinha sido pulverizada pela bota de Shiu.

– Filho de uma prostituta – sussurrou Ash.

– Barro... – balbuciou Mia.

Espanto no rosto da Mãe. No de Mouser. No de cada um dos acólitos reunidos. O garoto tinha não apenas roubado a chave de Drusilla do pescoço dela, mas a substituído por uma falsificação que a anciã nem percebera.

O silêncio pairava no ambiente como neblina. Voltando-se para Ash, Shiu levou a mão ao peito e se curvou. Mia olhou para Ash, meio que na

expectativa de que a loira pulasse na garganta de Shiu. Em vez disso, parecia que alguém lhe tinha arrancado as tripas com ganchos de açougueiro. Ela desabou no assento, desânimo no olhar, e virou-se para o irmão. Osrik, que caminhava como um fantasma desde a derrota para Tric, só podia observar, tão arrasado quanto ela.

O resto dos acólitos estava boquiaberto com a demonstração de Shiu. Mouser começou a aplaudir, no que foi imitado por Aalea e Mataranhas, depois Solis e a própria Reverenda Mãe. Mouser foi até o quadro de classificação e acrescentou mais cem pontos para o garoto, colocando-o em primeiro lugar. E com um olhar de desculpas para Ash – que estava tão pálida que Mia achava que fosse desmaiar –, o shahiid espetou o símbolo da sua predileção na camisa de Shiu. Um pequeno broche de pau-ferro, torcido sob si mesmo, com pequenos olhos pretos e brilhosos.

Um rato.

– Primeiro lugar em Bolsos, acólito – disse Mouser. – Bom trabalho.

É por isso que não precisava das anotações de Lotti. Já estava com a chave de Drusilla.

Mia ergueu as mãos e começou a aplaudir também. Mas parou assim que olhou para Ashlinn. A iniciação nas fileiras das Lâminas era tão importante para Ash quanto era para Mia. Ela e o irmão passaram anos sendo treinados pelo pai. Um ex-Lâmina da Igreja, que só queria que os filhos o substituíssem depois de ter sido aleijado em nome da Mãe. Imaginem a pressão a que foram submetidos. Imaginem o desejo que tinham de ver o sacrifício do pai – o braço bom, o olho, deusa, até a virilidade – valer alguma coisa.

E agora parecia que nenhum dos dois seria iniciado.

A –quele comedor de bode, chupador de mula, amante de porcos filho da puta – rosnou Ash.

A garota andava de um lado para o outro no quarto de Mia, que estava afundada nos travesseiros. Uma das últimas cigarrilhas nos lábios. Os últimos goles do vinho d'ouro roubado permaneciam intocados em dois copos sobre o

criado-mudo.

– Como abismos ele fez aquilo? – quis saber Ash.

– Ele é esperto – Mia deu de ombros. – Mais esperto do que todos pensavam. Eu fico pensando se não foi pego depois das nove badaladas de propósito.

– Acha que foi flagelado de propósito?

– Talvez. Só para a gente achar que ele era tonto.

– Bom, funcionou pra caralho.

Mia soltou um suspiro cinza.

– Isso é.

– E agora eu estou frita – lamentou Ash, franzindo a testa e voltando a andar em círculos. – O torneio de Mouser era meu. E fui lá e perdi aquela porra. O Lorde Cassius vai aparecer daqui a *duas viragens* para a iniciação. Enquanto você bebe o leite da Mãe no banquete com as outras Lâminas, eu vou ficar com o resto do lixo e ser feita Mão. Isso se não me reprovarem em tudo e me derem de oferenda à Mãe.

Mia tragou a cigarrilha, apertou os olhos contra a fumaça.

– Então o melhor a fazer é você passar a noite aqui choramingando.

Ash cravou um olhar arrasador em Mia.

– A sua compreensão é muito útil, Corvere. Obrigada.

– Compreensão o caralho – sorriu Mia. – Se você vem aqui, sai com uma solução.

Ash agitou as mãos no ar.

– Então dê a solução.

– Aalea ainda não escolheu seu favorecido, Ash.

– E que chance eu tenho de ganhar?

– Se ficar andando em círculos até cavar um buraco no meu chão, nenhuma.

Se partir para Godsgrave e descobrir algo bem suculento...

– Uma porra de agulha num palheiro.

– Bom, caçar agulha é melhor do que ficar aqui rezando, né?

Ash pôs a ponta de uma das tranças na boca. Mascou-a pensativa.

– Eu vou com você – Mia se ofereceu.

Ashlinn levantou a cabeça ao ouvir isso.

– Querendo evitar o Triquinho, não é?

– Não tem nada a ver com Tric.

– Com certeza.

Mia mostrou os nós para ela e secou o uísque num gole só.

– Vamos lá, vamos sair.

Ash fez uma careta e balançou a cabeça.

– Acho que é melhor eu ir sozinha.

– Dois pares de orelhas são melhor do que um, não?

– São. – Ash deu de ombros. – E agradeço o oferecimento e tudo. É que... não parece certo. Se eu não for capaz de conseguir sozinha, talvez não mereça estar aqui, afinal.

Mia concordou com a cabeça. Embora escondesse por trás de piadas e sorrisos, Ash era orgulhosa. Orgulhosa do talento. Do pai e do seu legado. Mia conseguia compreender o motivo de ela não querer ser iniciada na aba de alguém. Então levantou da cama, passou os braços à volta da amiga e apertou forte.

– Que a Deusa te acompanhe. Cuidado.

Ash retribuiu o abraço, com tanta força que a fez se encolher.

– Sabe, o pessoal aqui te considera uma vaca sem escrúpulos depois daquele lance com Diamo. Mas eu sei a verdade. Se alguém fere uma pessoa que ama, você não perdoa. Mas no fundo, você é do bem, Corvere.

Mia deu um beijo na bochecha de Ash, sorrindo.

– Não conte para ninguém. Tenho uma reputação a zelar.

– É sério. Às vezes me pergunto o que você faz num lugar como este, Mia.

– Desde quando me chama de Mia?

– É sério – disse Ash. – Você devia ter certeza.

– Do quê?

Ash a olhou nos olhos, sem qualquer vestígio de sorriso no rosto.

– Certeza de que quer estar aqui amanhã.

– Onde mais eu estaria?

Ash aparentou estar prestes a falar mais, mas endureceu o olhar e se

segurou. Ela permaneceu mais um instante, os braços ainda ao redor da cintura de Mia. Os lábios entreabertos. As pupilas dilatadas. E então Ash a soltou, saiu pela porta e desapareceu no corredor à procura do orador. Mia fechou a porta e voltou para a cama. Observou a cigarrilha queimar na mão.

Do que Ash estava falando? Aquilo era tudo pelo que tinha trabalhado. Tudo que queria. Todos os anos, os quilômetros, toda a luta. As coisas que ela tinha feito para estar ali, as vidas que tomara ao longo da sua jornada sangrenta. Mãos cobertas de vermelho. Agora ela estava a apenas um passo da iniciação.

Um passo mais perto da garganta de Remus.

Do coração de Duomo.

Da cabeça de Scaeva.

Então tudo valeria a pena, *não valeria?*

Não valeria?

Uma forma preta materializou-se a seus pés. Sussurrando como o vento por entre as árvores do inverno.

— ...*amanhã*...

Mia concordou com a cabeça.

— Amanhã.

⁸⁴ O último par. O bom cronista havia quebrado o reserva numa disputa de luta-livre com um exemplar de *Ao serviço de Sua Majestade*, a autobiografia de Angelica Trobianni, cortesã durante o reinado de Francisco VI. Todos os exemplares daquela “obscenidade traidora” haviam sido caçados e queimados por ordens da rainha de Francisco, Aria, depois da morte do marido. O exemplar no ateneu da Igreja Vermelha é o único que existe.

O livro, tendo herdado um pouco do infame gênio de sua autora, demonstra uma irritação compreensível diante desse fato.

⁸⁵ O que foi feito da amada faca do garoto ninguém sabe.

⁸⁶ O terceiro ramo da burocracia da República, sendo os *luminatii* e os *administratii* o primeiro e o segundo, respectivamente. Bem menor do que as organizações-irmãs, os *obfuscatii* são os informantes e boateiros do Senado. Preocupada mais com ameaças internas à segurança de Itreya, a organização é tão velha quanto a própria República. Seu fundador, Tiberius, o Velho, era conhecido por ser um dos insurgentes que derrubaram o último rei de Itreya, Francisco XV.

Alguns rumores chegam a pôr na mão de Tiberius a lâmina que matou o pobre Francisco.

Capítulo 31

TRANSFORMAÇÃO

Mia dormiu como um morto naquela quasinoite. Uma batida suave na porta a acordou antes da meia-noite, e ela ouviu a voz baixa de uma Mão do outro lado da porta:

– Esteja no Salão dos Elogios em uma hora, acólita.

Mia se vestiu devagar e se dirigiu ao Altar Celeste. Os bancos e cadeiras estavam desertos, a Montanha Silenciosa estava mais quieta do que nunca. A ideia da iniciação preenchia a mente da garota. Ela tinha terminado em primeiro na Sala das Verdades, mas a Reverenda Mãe indicara que havia mais provas aguardando. Não fazia ideia do que enfrentaria no Salão dos Elogios, nem dos obstáculos finais que precisaria superar.

Ela passou pelo ateneu no caminho até o salão. O cronista Aelius vagava perto da porta como sempre, separando os livros do carrinho de DEVOLUÇÕES. Sem palavras, ele tirou a inseparável cigarrilha reserva de trás da orelha e a entregou para Mia. Ambos encostaram-se numa parede, contemplando o mar de estantes abaixo. Quantas vidas ela não seria capaz de passar ali se pudesse? Quão mais fácil não seria perder-se naquelas páginas sem fim e abandonar a estrada de sombras e sangue?

– Iniciação daqui a pouco, hein?

Mia fez que sim, soltando um anel de fumaça perfeito com aroma de morango.

– Bom – Aelius deu de ombros. – Tudo que é bom...

Mia lambeu o açúcar dos lábios.

– Você encontrou o livro que pedi?

O cronista balançou a cabeça.

– Mas descobri uma ala totalmente nova ali ontem. Milhares de livros. Milhões de palavras. Talvez haja algo sobre os sombrios lá.

Ela olhou para as palavras lá embaixo. Suspirou.

- Aqui é bonito. Parte de mim deseja ficar aqui para sempre.
- Cuidado com o que deseja, moça.
- Eu sei – disse Mia, balançando a cabeça. – A grama do vizinho é sempre mais verde. Mesmo assim, te invejo, Aelius.
- Os vivos não invejam os mortos.

Mia olhou para o velho. Uma ruga vagarosa se formou em sua testa. Ela se deu conta de que nunca o vira sair do ateneu. Nunca o vira fazer uma refeição no Altar Celeste ou cruzar a porta e pisar na Igreja propriamente dita nem mesmo uma vez. A garota olhou para sua cigarrilha. A marca de um fabricante que ela nunca vira.

“Não fazem mais destes.”

A biblioteca de Nossa Senhora do Bendito Assassinato.

Uma biblioteca dos mortos.

- Você...
 - A Mãe conserva só o necessário – disse o velho.
- Mia simplesmente o olhou, com um frio na barriga. Horror e tristeza no coração.
- Lembra-se do que eu disse quando você encontrou o verme de livro? – indagou Aelius.

- Você disse que talvez eu não devesse estar aqui.

Aelius tragou forte a cigarrilha. Soprou uma série de anéis de fumaça que perseguiram uns aos outros através da escuridão silenciosa.

- Vou dar uma olhada nessa ala nova. Se encontrar algo falando de sombrios, vou pedir para alguém deixar nos seus aposentos. Ou em outro lugar. Em que você queira estar.

Mia franziu a testa por trás de uma nuvem cinza oscilante.

- Boa sorte no Salão dos Elogios, menina – disse Aelius. – Tenho certeza de que você se sairá bem.

- Obrigada, cronista.

Aelius apagou a cigarrilha na parede e jogou o resto no bolso.

- Melhor eu ir. Livros de mais.

- Séculos de menos.

Ele a olhou, algo oco e terrível naquele olhar azul-leitoso. Mas ele deu de ombros e desceu manquitolando as escadas, enfiando-se por entre as estantes intermináveis.

A escuridão o engoliu por inteiro.

Três acólitos estavam de pé sob a sombra da deusa.

A Mãe da Noite erguia-se diante deles, encarando-os com os olhos de pedra.

Tric e Shiu já estavam à espera quando Mia chegou. Havia várias Mãos paradas no limiar da luz dos vitrais. Ao canto fantasmagórico do coral no escuro, uma figura de túnica acompanhou Mia até a plataforma. Olhando para o lado, ela vislumbrou cachos cor de morango.

– Amiga Naev – sussurrou Mia.

A mulher apertou sua mão.

– Boa sorte. Agente firme.

Mia assumiu seu posto ao lado de Tric. Notou que o garoto fazia de tudo para a ignorar. A voz de uma sombra ecoava em sua cabeça.

– ...é melhor assim, mia...

Três acólitos reunidos. Os vencedores de Verdades, Canções e Bolsos. Mia se perguntava quem, afinal, teria vencido na sala de Aalea e que tipo de segredo teria roubado para ganhar os favores da shahiid. Ela ouviu passos macios atrás de si. Pegou-se rezando para não virar e dar com Jessamine. Respirando fundo, Mia lançou um olhar por cima do ombro. E ali, à beira da luz, viu Ashlinn. O cabelo com tranças recém-feitas, olhos brilhando no escuro. Um pequeno broche de pau-ferro espetado na camisa: uma máscara de arlequim sorridente.

– Desculpem o atraso – disse a garota, animada.

Piscando para Mia, Ash subiu no estrado e assumiu seu lugar ao lado de Shiu. Mia estava impressionada. Que tipo de segredo ela tinha desenterrado? O que seria...

– Acólitos.

Mia endireitou-se, olhou para a frente. As portas que davam para a antecâmara abriram-se sem ruído. Uma Mão em trajes negros e compridos aguardava diante dela, com um pergaminho desenrolado diante dos olhos. Ao lado dela estava a Reverenda Mãe Drusilla.

– Meus parabéns a todos – disse a anciã. – Cada um de vocês demonstrou domínio numa das quatro salas desta Igreja, e proficiência considerável nas outras áreas de estudo. Dentre todos os acólitos do rebanho deste ano, vocês são os mais próximos da iniciação como Lâminas. Mas antes que Lorde Cassius os conduza à plenitude dos segredos deste círculo, resta uma última prova.

A anciã deu meia-volta e desapareceu pelas portas num giro de panos pretos. A Mão com o pergaminho deu um passo à frente e consultou o texto.

– Acólito Tric?

Tric respirou fundo e deu um passo à frente.

– Sim.

– Venha comigo.

Mia observou o garoto marchar adiante, Naev ao seu lado. Perguntou-se o que o esperava. Tentou pôr de lado a lembrança da sua última despedida. A culpa por tê-lo magoado, o ódio em seus olhos... Se a morte jazia do outro lado das portas, ela queria acertar as coisas entre os dois. Mas ele já tinha ido, cruzado o limiar sem nem um olhar para trás, e as portas fecharam-se sem ruído à passagem dele. Mia podia sentir Sr. Simpático em sua sombra, gravitando na direção do crescente medo ao redor dela. Lançou um olhar para Shiu. Para Ashlinn. Perguntou-se se o pai da garota lhe tinha dito o que esperar do outro lado.

O trio aguardou em silêncio à sombra da estátua. Minutos passaram-se. Longos como anos. Aquele coro perpétuo e fantasmagórico era o único som. Por fim, as portas se abriram e Tric surgiu. Queixo firme. Levemente pálido. Aparentemente intacto. Olhou nos olhos de Mia, e ela viu uma expressão assombrada cruzar-lhe o rosto. Por um instante, ela pensou que ele fosse falar. Mas, sem uma palavra aos demais, Tric foi escoltado escada acima e desapareceu nas espirais.

Ash olhava para a frente. Falou aos cochichos, quase sem mover os lábios.

– Tenha certeza, Corvere.

– Acólita Mia.

A Mão na porta a olhava com expectativa. Senhor Simpático ronronou em sua sombra. Mia deu um passo à frente, punhos cerrados.

– Sim.

– Venha comigo.

Mia desceu do estrado. Naev estava de novo ao lado dela, acompanhando-a como fizera com Tric. Ao chegarem ao limiar, a mulher tocou sua mão. Inclinou a cabeça.

– Aguento firme, Mia Corvere. Seja forte.

Mia olhou a mulher nos olhos, mas não havia como perguntar o que ela queria dizer. A garota se virou e seguiu a Mão por uma longa passagem de pedra escura. O único som eram seus passos leves; o coro sumiu quando as portas se fecharam. Uma sala ampla e abobadada aguardava do outro lado, com belos vitrais por todos os lados. Padrões abstratos estavam gravados nos painéis, espirais vermelho-sangue, girando e girando, doze dedos de luz sobrepondo-se no chão.

No centro da luz, Mia viu a Reverenda Mãe Drusilla. Suas mãos estavam enfiadas na túnica, e ela ostentava aquele seu sorriso paciente e materno. A chave de obsidiana em volta do pescoço reluzia com o vagaroso sobe e desce do seu peito. Mia aproximou-se com cautela, examinando as sombras, feliz por ter os não-olhos na nuca.

Ela não pôde deixar de notar que o chão diante de Drusilla estava molhado. Recém-esfregado.

– Saudações, acólita.

Mia engoliu em seco.

– Reverenda Mãe.

– Esta é sua última prova antes da iniciação. Está preparada?

– Suponho que dependa do que é.

– Uma coisa simples. Um instante e pronto. Afiamos você para torná-la capaz de partir um raio de sol em seis. Mas antes de introduzi-la nos mistérios

mais profundos, precisamos primeiro ver o que jaz no seu coração.

A mente de Mia voltou à cela de tortura em Godsgrave. Aos “confessores” que a espancaram, queimaram e quase a afogaram no teste de lealdade do Lorde Cassius. Ela não quebrara então. Não quebraria agora.

– Ferro ou vidro – disse Mia.

– Precisamente.

– Já não respondemos essa pergunta?

– Você já provou sua lealdade, é verdade. Mas enfrentará a morte em todas as suas cores se servir como Lâmina da Mãe. A sua própria morte é apenas uma forma. Esta é outra.

Mia ouviu passos arrastados nas sombras. Viu duas Mãos recobertas de preto arrastando uma figura que se debatia. Um garoto. Mal chegado à adolescência. Olhos arregalados. Bochechas manchadas de lágrimas. Amarrado e amordaçado. As Mãos o arrastaram para o centro da luz e o forçaram a se ajoelhar diante de Mia.

A garota olhou para a Reverenda Mãe. Aquele sorriso doce de matrona. Aqueles olhos idosos e gentis, enrugados nos cantos.

– Mate este garoto – disse a anciã.

Três palavras. Cada uma pesando uma tonelada.

Todo o mundo parou. A escuridão pressionava ao redor dela. O peso recaía sobre seus ombros e a empurrava para baixo. Difícil respirar. Difícil enxergar.

– Quê? – foi só o que Mia conseguiu falar.

– Pode chegar o momento em que lhe pedirão para acabar com uma vida inocente a serviço desta congregação – disse Drusilla. – Uma criança. Uma esposa. Um homem que sempre foi bom e viveu bem. Não cabe a você perguntar por quê. Ou quem. Ou o quê. A você só cabe servir.

Mia olhou o garoto nos olhos. Arregalados de terror.

– Cada morte que trazemos é uma oração – disse Drusilla. – Cada assassinato, uma oferenda para Aquela que é Tudo e Nada. Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Mãe, Donzela e Matriarca. Ela pôs sua marca sobre você, Mia Corvere. Você é sua serva. Sua discípula. Talvez, até mesmo sua escolhida.

A anciã estendeu uma adaga na palma da mão. Procurou os olhos de Mia e completou:

– E se você cortar a garganta deste garoto, poderá ser sua Lâmina.

Durou para sempre. Durou por um instante. A garota permaneceu ali sob a luz vermelho-sangue dos vitrais. A mente acelerada. O coração latejando. Um turbilhão de perguntas na cabeça, perguntas que não seriam feitas.

Ela já sabia as respostas.

– *Quem é ele?*

– *Ninguém.*

– *O que ele fez?*

– *Nada.*

– *Por que devo matá-lo?*

– *Porque eu mandei.*

– *Mas...*

– *Ferro ou vidro, Mia Corvere?*

Ela pegou a adaga na mão de Drusilla. Testou o corte. Pensando talvez que houvesse uma mola no cabo, que aquilo fosse apenas outro engano, que bastava mostrar *disposição* para tudo ficar bem. Mas a adaga era afiada o suficiente para tirar sangue da ponta do seu dedo. A lâmina era sólida como a de qualquer outra faca.

Se ela enfiasse aquilo no peito do garoto, com toda a certeza o enviaria para a cova.

– O lobo não sente pena do cordeiro – disse Drusilla. – A tormenta não pede desculpas ao afogado.

A garota olhou para a pedra molhada a seus pés. Soube exatamente o que tinha sido lavado instantes antes de ela entrar na sala. Soube que Tric não tinha vacilado. Não tinha quebrado.

– Somos assassinos – sussurrou Mia. – Todos e cada um de nós, assassinos.

Era isso. Todos os anos. Todos os quilômetros. Todas as quasinoites sem sono e as viragens sem fim. Aquela era a trilha sobre a qual ela pusera os pés. Tinham enforcado seu pai. Arrancado-a dos braços da mãe, matado seu irmãozinho. Sua casa, sua família, seu mundo tinham sido destruídos.

Mas esse motivo bastava? Para assassinar aquele garoto sem nome?

Ao terminar aquela vida, ela garantiria seu lugar. Ela se tornaria uma Lâmina para penetrar o coração de Duomo, estripar Remus, degolar Scaeva de orelha a orelha. Eles mereciam morrer, as Filhas sabiam. Morrer mil vezes. Gritando. Implorando. Chorando.

Mas o garoto também chorava. Fios de ranho desciam-lhe pelos lábios. Mia baixou a vista para ele, que gemeu sob a mordança. Balançando a cabeça. Dava para enxergar as palavras em seu olhar.

Por favor.

Por favor, não.

Ela olhou para a Mãe Drusilla. Sorriso bondoso. Olhos suaves. Pedra molhada a seus pés. Procurou dentro de si motivos para matar o garoto. Irmão de alguém. Filho de alguém. Quase da mesma idade que ela. Escavou, através da fuligem e do sangue, os frangalhos de moral que ela tinha deixado de lado ao pôr o pé naquela estrada, cheia de boas intenções. Os gritos de Diamo enquanto morria ecoavam dentro da sua cabeça. Os incontáveis homens que ela tinha massacrado dentro da Pedra Filosofal. Os luminatii que ela chacinara nos degraus da Basílica Grande.

Sou aço, ela disse a si mesma.

Tudo isso levou um segundo. Um instante sob o olhar frio da Reverenda Mãe. E no instante seguinte, Mia ajoelhou-se diante do garoto. Encostou a faca na garganta dele. O coração martelando contra as costelas. Pronunciou as palavras que um fiel diria:

Sou aço.

— *Escuta-me, Niah* — ela murmurou. — *Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-a para perto de ti.*

A anciã sorriu.

O garoto gemeu.

Mia tomou um fôlego profundo e trêmulo. O aviso de Naev ecoava na cabeça. E para seu horror, Mia finalmente compreendeu. Finalmente ouviu. Assim como ela tinha ouvido no alto do fórum, no lugar em que seu pai fora

enforcado.

Música.

O cânto fúnebre do coro fantasmagórico. O trovão do seu próprio pulso. Os soluços baixos daquele pobre garoto permeados pela lembrança do aplauso do santo salteador e um belo cônsul e de um mundo errado e pobre. E então ela soube. Como sempre soubera. Não importavam os quilômetros, os anos, os livros empoeirados e as mãos ensanguentadas e a penumbra nociva. Ferro, vidro ou aço: não fazia qualquer diferença do que era feita. O que importava de verdade era no que ela se *tornaria* depois de matar aquele garoto.

Scaeva merecia morrer. Duomo. Remus. Diamo. Os luminatii na Basílica Grande eram instrumentos da máquina de guerra do Senado. Mesmo os homens e mulheres na Pedra eram criminosos insensíveis. Na escuridão do seu quarto, com um pouco de esforço, ela era capaz de convencer-se de que as mortes deles foram justificadas. Podia crer que todos os que matara até aquele momento, que todos os finados que fizera, que a orquestra de gritos e ela, a maestra escarlata... que todos mereceram.

Mas aquele garoto?

Aquela criança sem nome nem culpa?

Se ela o matasse, a verdade é que ela também mereceria. E apesar de todos os quilômetros e todos os anos, a vingança não era um motivo suficiente para tornar-se o monstro que ela própria caçava.

Mia retirou a faca da garganta do garoto.

Levantou-se devagar.

– Isto não – ela disse.

Drusilla examinou seu rosto, olhos duros como ferro.

– Nós avisamos, Mia Corvere. Marcada pela Mãe ou não, se falhar agora, falhará por completo. Todo o trabalho de Mercurio, todas as viragens passadas estudando ao pé dele e dentro desta Montanha. O sangue, a morte, *tudo isso* será por nada.

Ela baixou os olhos para o garoto. Irmão de alguém. Filho de alguém.

As mãos de Mia tremiam. Lágrimas nos olhos. Gosto de cinzas na boca.

Mas ainda assim...

– Não será por nada – ela disse.
E devolveu a faca.

Deitada na cama, no escuro. Uma sombra ao lado dela, sem dizer uma palavra.

A última cigarrilha na mão. Um dedo comprido e irregular de cinzas pendendo da ponta. A franja nos olhos. A cabeça negra.

O que fariam com ela? Rebaixariam ao cargo de Mão?

Seria flagelada?

Morta?

Em todo caso, não importava. Ela jamais se tornaria uma Lâmina agora. Jamais aprenderia os mistérios mais profundos da Igreja, ou os mistérios de quem e do que ela era. Jamais se tornaria suficientemente afiada para ter chances de acabar com Scaeva. Ele lhe era intocável agora, bem como Mercurio tinha...

Mercurio...

O que ele faria?

O que ele diria?

Chaves na porta. Ela nem se deu ao trabalho de pegar a adaga. Fosse quem fosse, ela não se importava. Botando a cigarrilha na boca, ela fixou o olhar no teto, observando as sombras definharem.

Passos macios. O *clic-clac* da bengala sobre a pedra fria.

Uma figura curvada e cansada ao pé da sua cama.

– Vamos para casa, pequeno corvo.

Ela olhou para o velho. Lágrimas nos olhos.

Ah, Filhas, como ela se odiou naquele momento...

– Sim, shahiid – ela disse.

Um punhado de pertences foi tudo o que lhe restou. A adaga de ossário. O broche de pau-ferro pelo qual tinha se esforçado tanto. Uma bolsa bem amarrada com seus livros e as anotações manchadas de sangue de Lotti. Nada

mais podia fazer a Caminhada de Sangue. Nada mais que ela pudesse carregar.

Naev desceu com eles pelo caminho em espiral até os aposentos do orador, mas se negou a entrar nos domínios de Adonai.

– Pense por uma ou duas viragens – Naev disse ao pé da porta. – As feridas curam com o tempo. Naev ficará feliz em vê-la de novo aqui. Naev pode falar em favor dela com Mãe Drusilla enquanto ela estiver fora. Ela pode acompanhar Naev nas caravanas até Última Esperança. É um bom lugar. Uma boa vida. Talvez não o que ela queria – ela olhou para dentro da câmara e para o orador –, mas a vida raramente é.

Mia fez que sim. Apertou a mão da mulher.

– Obrigada, Naev.

Eles entraram nos aposentos de Adonai. O cheiro de sangue pesado no ar. O orador ajoelhou-se no vértice da piscina, untado com sangue. Ele curvou-se diante de Mercurio, olhos no chão.

Mia nunca tinha visto o velho tão cansado na vida. A descida das escadas tinha sido lenta e torturante, e a bengala batera forte em cada degrau. Ele jamais se imaginara fazendo de novo aquele caminho, Mia imaginou. Jamais pensara que voltaria ali para buscá-la – a sua melhor aluna, o seu maior fracasso – e arrastá-la de volta a Godsgrave em desgraça. Mas aparentemente a Reverenda Mãe tinha aconselhado Mercurio de que seria melhor que Mia não estivesse presente na iniciação. Mataranhas estava furiosa por seu favorecimento ter sido desperdiçado. Lorde Cassius não tinha tempo para fraqueza ou fracotes, e logo chegaria à Montanha para ungir os outros com o seu sangue. Mia devia voltar a Godsgrave com seu shahiid e pensar longamente sobre o futuro. Podia voltar à Montanha e servir a vida inteira como Mão. Ou poderia decidir que viver no fracasso era inaceitável e resolver ela mesma a questão.

Drusilla deixara claro qual opção ela preferia que Mia escolhesse.

E a garota jamais teve uma chance de se despedir de Tric...

– Vamos, pequeno corvo – suspirou Mercurio. – Nunca suportei essas porras de piscinas. Quanto mais cedo entrarmos, mais cedo saímos.

– Espere! – chamou alguém.

Mia se virou, o coração disparando, pensando que talvez ele viera despedir-se. Mas, em vez disso, avistou Ashlinn correndo pelo corredor na direção dela. Decepção e alegria misturaram-se no peito de Mia enquanto Ash jogava ao braços em volta do seu pescoço e apertava. Mia retribuiu o abraço com toda a força.

– Você ia embora sem se despedir? – perguntou Ash, ofendida.

– Eu vou voltar – disse Mia. – É só por algumas viragens.

Ash lançou um olhar condescendente para a bolsa de Mia, para os pertences ali dentro. Não disse nada.

– Seu rosto não me é estranho – disse Mercurio. – Qual é o seu nome, menina?

– Ashlinn – respondeu a garota. – Ashlinn Järnheim.

– Você é a menina de Torvar? Como está o velho desgraçado?

– Do mesmo jeito que está faz anos. Caolho. Aleijado. Mutilado.

– Você o deixou orgulhoso, Ash – disse Mia. – Você triunfou onde outros falharam.

– Você não falhou, Corvere – respondeu Ash. – Nunca pense assim.

Mia abriu um sorriso triste.

– Com certeza.

– É sério – Ash replicou apertando-lhe a mão. – Você nunca pertenceu a este lugar, Mia. Merece coisa melhor.

O sorriso de Mia se desfez. Confusão nos olhos. Mercurio rosnou, impaciente.

– Chega de abraços. Vamos embora.

Ash fez uma careta para o velho. Olhou para Mia, insegura. Respirou fundo, como se estivesse prestes a mergulhar em águas turvas. E então inclinou-se devagar, tomou o rosto de Mia nas mãos, e a beijou carinhosamente nos lábios.

Durou um instante de mais. Talvez de menos? Cálido, suave e doce como o mel. Antes que Mia pudesse decidir, já tinha terminado. Ash cortou o beijo e apertou a mão de Mia. Um milhão de palavras não ditas brilhando em seus olhos. Outro milhão na língua de Mia.

– Diga adeus a Tric por mim? – ela pediu afinal.

O rosto de Ash desabou. Ela soltou um suspiro. Fez que sim devagar com a cabeça.

– Digo. Prometo.

Mia soltou a mão da amiga. Olhou para as paredes. Os símbolos e o sangue. Perguntou-se se aquela seria a última vez que os veria. Lançou um olhar para Adonai, Mercurio, Ash. E, respirando fundo, entrou na piscina.

O vermelho ergueu-se ao redor dela.

Mia fechou os olhos.

E caiu.

Ashlinn permaneceu ali no escuro por um século. Passava os dedos nos lábios, imaginando tudo o que poderia ter sido. Observando Adonai observar o sangue. A beleza suicida, agachada ali na penumbra. Uma aranha no centro da sua teia escarlate, sentindo a mais tênue vibração nos fios.

– Quando o Senhor das Lâminas chega, grande orador? – perguntou Ashlinn.

Adonai piscou. Ergueu os olhos do vermelho como que surpreso por a garota ainda estar lá.

– Quando chegar, pequena acólita – ele respondeu.

Ash sorriu, fez uma reverência funda e grandiosa e saiu da câmara. Ela arrastou-se escadas acima, os polegares metidos no cinto, mascando a ponta de uma das tranças. Os sinos soaram as duas, e ela xingou e apertou o passo. Subiu ligeira pelo coração da Montanha até a imensa plataforma do Altar Celeste.

O espaço tinha sido limpo, os lugares postos para o banquete de iniciação. As cozinhas estavam lotadas e barulhentas, mas o altar em si estava deserto. Não havia ninguém a não ser uma figura solitária, num canto sombrio, apoiada num parapeito e contemplando a escuridão.

– Como vai, Triquinho?

O garoto levantou os olhos, saudou com a cabeça. Voltou a pousar os olhos sobre as ruínas ventosas lá embaixo. A noite bela e infinita.

– Nunca me canso de ver isso – ele disse.

– É uma bela visão – concordou Ash, apoiando-se ao lado dele no parapeito.

– Oz disse que você queria falar comigo – ele falou baixo. – Sobre Mia.

– Ela voltou para Godsgrave por uma ou duas viragens. Para pôr a cabeça no lugar.

– Ainda não consigo entender – suspirou Tric. – Dentre todos nós, ela tinha o melhor motivo para estar aqui.

– Quase.

– Nunca pensei que ela fosse tropeçar no último obstáculo.

– Talvez não tenha sido um tropeço – disse Ash, dando de ombros. – Talvez só tenha escolhido não pular. Estou feliz por ela não estar aqui para a iniciação. Decidir não assassinar inocentes a faz melhor do que este lugar.

Tric a olhou de esguelha.

– Você passou no teste. *Você* assassinou um inocente.

– Porque tenho um motivo melhor para estar aqui do que Mia, Triquinho.

– E qual é?

– Família – ela respondeu.

– Mia também estava aqui por causa da sua família.

– É – concordou Ash. – A diferença é que o *meu* pai ainda está vivo. Você ficaria surpreso ao descobrir como um ex-assassino sem testículos é capaz de motivar as pessoas.

Tric achou graça, voltou os olhos para a escuridão de novo. Ash falou suave:

– Mia pediu para eu lhe dizer adeus.

– Ela vai voltar – disse Tric. – Vou vê-la de novo.

– Não tenho tanta certeza.

– Os trajes das Mãos podem servir nela. E o que vai fazer? Ficar quieta num canto? Ela? Sem chance.

– Ah, ela pode decidir fazer parte das Mãos. Mas ainda assim, acho que você não vai ver Mia de novo.

– E por quê?

Ash soltou um suspiro puxado desde os dedos dos pés.

– Como eu já disse, você tem um nariz e tanto, Triquinho. E não te quero farejando os pratos da entrada esta quasinoite.

– Por que vo... – *hrrk*.

Tric piscou para o punhal na mão de Ash. A lâmina brilhando vermelha gotejava. Ele olhou para a mancha espalhando-se por sua camisa quando ela cravou a faca no seu peito de novo. E de novo. E de novo. Ele arfou, tentou agarrar a garganta dela, os olhos arregalados. Mas, rápida como uma mentira, ela o empurrou e o fez cair por cima do parapeito. Rolando e rolando para as ruínas sempre negras lá embaixo.

Sem um som.

Sem um gemido.

Foi-se.

Ash baixou a vista para a escuridão. Sussurrou suavemente:

– Desculpe, Triquinho.

A garota agachou com um lenço, limpou o sangue caído no chão de pedra. Limpou a lâmina e a guardou de novo na manga. Olhou para trás. O altar ainda estava deserto, as Mãos corriam de um lado para outro na cozinha preparando o banquete que estava para acontecer. Nove lugares à mesa. Um para cada um dos acólitos a ser iniciados ao fim do banquete. Cinco para o Ministério: Drusilla, Mouser, Solis, Aalea e Mataranhas. E o último, à cabeceira da mesa, para o Senhor das Lâminas. O Príncipe Negro. O chefe da Igreja Vermelha em pessoa.

– Cassius – ela murmurou.

– Conseguiu?

Ashlinn se virou e viu uma figura em trajes de Mão roubados.

– Consegui – Ash endireitou o corpo, contemplou as ruínas. – O pequeno Tric não vai aparecer para cheirar nada. Caso haja o que cheirar, claro.

– Eu vou fazer a minha parte – respondeu o irmão.

– Não estrague isso, Oz – avisou Ash. – Você queimou a nossa última chance. Era para termos metido o corpo de Cassius num saco meses atrás. Ele estava bem aqui, parado.

– Eu já disse. O idiota do Trazáguas me viu à espreita. O que eu deveria ter feito?

– Ah, deixe-me pensar. Que tal matar Trazáguas e deixar o corpo à vista de todos? Tornar dez vezes mais difícil uma segunda chance?

– Pular em cima de Cassius como uma dupla de bandidos era um plano imbecil. Eu te falei na época. Trazáguas aparecer no meio do caminho foi uma bênção. Tivemos meses para preparar isso. Envenenar o banquete vai ser matar um saco de víboras com uma cajadada só. A acólita que criou a toxina para mim está morta. E o único acólito que tinha chance de farejar o nosso plano está morto. Pare de choramingar e esteja pronta.

– Estou pronta.

Osrik olhou por cima do ombro de novo e baixou o tom de voz.

– Você encontrou com eles na quasinoite de ontem?

– Encontrei – confirmou Ash. – Depois de me darem o segredo para ganhar em Máscaras e um pouco mais. Como eu disse, os luminatii não perdem nada.

– Eles estão prontos?

– Sem dúvida. O nosso nobre justicus deixou a Primeira e a Segunda Centúrias de aviso. Duzentos homens vão invadir o Porqueiro às sete badaladas. Garanta que Adonai esteja motivado.

– Aquele estranho ama mais a irmã do que a própria vida. Com a minha faca na garganta dela, ele vai dançar a porra da Balinna se eu mandar.

– Cuidado quando pegar Marielle. Você viu o que ela fez com...

– Não sou criança, Ashlinn – Osrik cortou de cara fechada. – Dou conta da tecelã e do orador. Você só faz a sua parte. Deixe Cassius e o resto do Ministério amarrados e amordaçados para quando Remus chegar com seus homens. Os confessores vão querer falar com o bando, então vamos ter que mandar todos pela Caminhada. Sem algemas.

– Não tema – a garota sorriu sinistramente. – A Shahiid Aalea me ensinou alguns truques com cordas.

– Em poucas horas – comentou Osrik –, estas paredes vão desmoronar.

A dupla olhou para as ruínas. O negrume infinito no céu, um bilhão de pontos de luz. O rosto da deusa que foram criados para adorar e que agora

traíam.

– Pelo pai – disse Ashlinn.

– Pelo pai – respondeu Osrik.

A garota beijou o irmão na bochecha e saiu esgueirando-se pelo escuro.

Capítulo 32

SANGUE

Eles lavaram o sangue nos banhos do Porqueiro, mas Mia ainda era capaz de sentir o cheiro na pele.

Ela caminhara a passos lentos pelas ruas de Godsgrave, Mercurio manquitolando ao seu lado. Nenhum dos dois falava. Dava-lhe algum conforto o fato de o velho ter ido buscá-la, falado com Drusilla em nome dela. Algumas viragens longes da Igreja arejariam sua cabeça, ele dissera. Fariam bem. Deixariam que pensasse sobre a escolha que tem diante de si.

Vida de Mão. Vida de serva.

Ela pegou-se pensando nisso, a testa franzida e o rosto sombrio. Não havia qualquer vergonha nisso. Naev era Mão e andava de cabeça erguida. Talvez não fosse tão ruim. Trilhar as Ruínas Sussurrantes, atravessar o sul de Ashkah. Descobrir a beleza de partes do mundo que ela jamais vira.⁸⁷

Mas e Scaeva? Duomo? Remus?

Ela seria capaz de passar a vida inteira sabendo que sua família não seria vingada?

Ventos cortantes rugiam na baía, frios e uivantes. O inverno tinha chegado com força em Godsgrave, e tempestades armavam-se no horizonte, velando a luz de Saan e sufocando o brilho azul de Saai, que se erguia na beira do mundo. Mas ainda assim... era tudo tão claro ali. Quase cegava, após meses de escuridão quase constante. O canto do coral tinha sido substituído pelo agito e o barulho das ruas da cidade, os chamados gritados, a batida dos sinos da catedral. Não parecia certo.

Esta não é mais a minha casa.

A garota e o velho voltaram à loja de antiguidades e o sino soou sobre a porta. Mia lembrou-se da primeira vez que entrara ali. Na viragem depois que o pai morrera pendurado. Mercurio a acolhera sob sua asa. O último aprendiz que ele treinaria, era bem provável. Ele lhe dera seis anos. E o que ela lhe deu

em troca?

Fracasso.

O velho foi mancando até a cozinha, a bengala batendo contra as tábuas do assoalho.

– Perdão, Mercurio.

Ele se virou para ela. Viu os olhos quase transbordando de lágrimas.

– Eu decepcionei você – ela disse. – Decepcionei nós dois. Perdão.

O velho balançou a cabeça, mas não lhe disse que ela estava errada.

– Quer um pouco de chá? – ele ofereceu afinal. – Eu levo até seu quarto.

– Não. Obrigada.

Ele tirou a sobrecasaca. Acendeu o fumo e passou para a cozinha.

Em seu quarto no andar de cima, Mia ainda conseguia ouvir as batidas lá embaixo. A raiva dele ressoava no cair das chaleiras, no chacoalhar das panelas. Ela atirou a bolsa de pele sobre sua velha cama e se jogou por cima. Ela nunca tinha se dado conta disso antes, mas a cama era um pouco pequena demais para ela. Assim como o quarto.

Assim como aquela vida.

– ...o que fazemos agora...?

Ela olhou para o pedaço de escuridão empoleirado numa pilha de livros de história.

Se eu pudesse ver seus olhos, também encontraria decepção?

– Dormir – ela suspirou. – Dormir por cem anos.

Ela soltou os nós da bolsa e pegou seu exemplar velho e surrado de *Teorias da Fauce*. Passou com carinho a mão pela capa de *Verdades arquêmicas*. Então deu com o caderno de Lotti. Pensou em Shiu, perguntando-se como ele estaria se saindo. Ash. Tric. Deviam estar se preparando para a cerimônia de iniciação. Refeição no Altar Celeste, então desceriam até o Salão dos Elogios para serem ungidos com o sangue de Cassius e inseridos nas fileiras de Lâminas.

Ali estava um motivo para juntar-se às Mãos, ela pensou. Pelo menos dentro da Montanha, ela teria acesso ao ateneu. Talvez até mesmo ao próprio Cassius de vez em quando. Ela ainda não tinha respostas de verdade sobre os

sombrios, nem fazia qualquer ideia do que era de verdade...

Mia folheou as páginas do caderno de Lotti. Sorriu ao lembrar do humor seco e do olhar mortal da amiga. Mas o sorriso se desfez quando ela chegou às páginas em que Carlotta trabalhava ao ser assassinada. Havia um borriço de sangue seco sobre as anotações, que vazou para as páginas de baixo.

Sangue.

Vazando.

– *Explicar o quê, Reverenda Mãe?*

– *Isto.*

Drusilla pegou o lençol, ergueu-o na altura do rosto de Mia. Ali, vazando pelos fios do tecido, a garota enxergou uma pequena mancha seca e escarlate.

Mia encarou as manchas de sangue nas páginas.

– *Você não têm álibi para o seu paradeiro ontem e o sangue da vítima foi encontrado no seu lençol, fato que você mesma não consegue explicar. Carlotta já visitou o seu quarto?*

– *Não, mas...*

Não, mas *outra* pessoa a tinha visitado naquela viragem...

– Não pode ser – balbuciou Mia.

– *...o que não pode ser...?*

Mia olhou para o não-gato. Esforçou-se para encontrar palavras, mas o pensamento era mais rápido do que elas. Levantando-se da cama, Mia passou para o final do caderno de Lotti. Para as páginas que faltavam. Revirando a escuraninha, encontrou um pedaço de carvão e o esfregou de leve pela página em branco depois das arrancadas. Ali, na poeira preta, conseguiu enxergar as mais tênues impressões. A caligrafia de Lotti, o código que ela tinha inventado, símbolos arquêmicos.

– *...o que você...*

– Silêncio. Um instante.

Ela franziu a testa, forçou a vista sobre a caligrafia esmaecida. As marcações mal eram legíveis. Ela não tinha certeza, mas...

– Parece uma receita modificada de Desmaio...

– ...o sedativo...?

Ela fez que sim.

– Mas essas medidas derrubariam uma dúzia de pessoas. Por que Lotti...

Carlotta se levantou e caminhou tranquilamente até Osrik; falou com ele em tons baixos, com o caderno ensopado na mão. Oz abriu seu sorriso charmoso, os dedos roçando nos de Lotti.

Mia balançou as sobrancelhas para Ash.

– Eles estão ficando íntimos. Vi os dois trabalhando juntos em algum composto umas viragens atrás. E parece que formaram dupla várias vezes em Verdades.

– Isto não faz sentido – ela murmurou.

– ...sensação a que estou me acostumando muito rápido...

Mia se levantou da banquetta com o caderno de Lotti na mão. Quando estava prestes a descer para falar com Mercurio, ouviu mais comoção na cozinha. O palavrão mais cabeludo que já ouvira o velho pronunciar. Não parecia boa hora para o incomodar com teorias insanas. Ele provavelmente arrancaria sua cabeça a dentadas.

Ela colocou o caderno dentro da bolsa de novo. Tantas rugas de preocupação que a cabeça doía.

Mas se ela estivesse certa...

Não pode ser.

– Preciso voltar para a Igreja.

– ...tão cedo...?

– Preciso falar com a Reverenda Mãe.

– ...ela com certeza vai estar ocupada com os preparativos da cerimônia de iniciação...

Mia já estava trepada no beiral da janela, o vento uivando pela vidraça aberta.

– Está comigo ou contra mim?

O não-gato suspirou.

– ...como quiser...

Mia se apressou pelo mercado de Pequeno Liis, pelas ruas agitadas dos

Baixos, forçando e empurrando até chegar à Baía dos Açougueiros. A tempestade já estava quase em Godsgrave agora, trovões e relâmpagos sucedendo-se velozes no céu. O cheiro de vísceras e esgoto misturava-se ao sal das profundezas do mar. Mia andava de ombros curvados, fios de cabelo emaranhados batendo no rosto, e ela ergueu o capuz por causa do frio.

A baía estava movimentada.

Mais movimentada do que deveria estar com o tempo tão severo.

Ao aproximar-se do Porqueiro, Mia notou grupos de homens consideravelmente grandes à espreita perto da entrada. Não estavam fazendo piadas ou batendo papo como os marujos e comerciantes costumavam fazer. Eles fecharam a cara quando ela chegou perto, mas Mia abriu um sorriso doce e passou direto por eles, observando-os pelo canto dos olhos.

Todos eram grandes. Vestidos como gente comum, mas truncados. E ao baixar os olhos, viu que todos calçavam botas de soldado.

Que abismo está acontecendo aqui?

Ela dobrou a esquina, com a cabeça a mil. Puxando o manto de sombras sobre o ombro, ela agarrou uma calha e escalou a lateral do Porqueiro com a destreza de um macaco. No telhado, pôs-se a trabalhar nas telhas, enfiando o punhal de ossário entre elas e as soltando. Descendo pela abertura, ela rastejou pelos caibros, desfazendo-se do manto de sombras para enxergar o matadouro abaixo.

Nem sinal de Bacon ou seus filhos. Nem sinal dos açougueiros que costumavam trabalhar lá. Mas havia mais daquela gente corpulenta em cada uma das saídas, bem como no mezanino que dava para a piscina de sangue.

E ali, entre eles, o coração apertando, a respiração parando, ela o viu.

Fazia dois anos desde que ela o enfrentara nos degraus da Basílica Grande. Seis anos desde que o vira realmente de perto, na viragem que ele roubara o título do seu pai e as propriedades da sua família. Mas ainda assim, ela o reconheceria em qualquer lugar. O maior homem que já vira. Barba aparada emoldurando traços lupinos, uma esperteza animal brilhando nos olhos. Uma cicatriz que só podia ter sido feita por unhas de gato descendo pelo queixo. Estava vestido como plebeu, igual ao resto dos homens. Nada de armadura

branca ou capa vermelha ou espada de aço-solar à vista. Mas Mia o reconheceu. O ódio escorreu-lhe da língua ao murmurar:

– Justicus Marcus Remus...

Ela correu os olhos pelo Porqueiro. Pelos homens com as mãos calejadas de espada e botas de soldado. E viu o que eram exatamente.

– ...*luminatii*...

– Estão aqui por causa da piscina de sangue. – Ela respirou fundo, mal conseguia acreditar em seus olhos. – Estão se preparando para invadir a Igreja.

– ...*adonai jamais os faria caminhar*...

– A não ser que esteja em conluio com eles? – cochichou Mia. – Ou que alguém o obrigue?

– ...*entrar alegremente no covil dos assassinos mais mortais da república? justo hoje? o lorde cassius em pessoa estará lá*...

– Talvez seja essa a ideia.

O justicus Remus falou a um dos seus centuriões, examinando as tropas com olhos estreitados.

– Tudo pronto?

– Sim, justicus. – O homem alto, duro como ferro, saudou seu superior com a mão no peito. – O matadouro foi tomado sem incidentes. Os hereges que habitavam aqui embaixo estão em custódia ou mortos.

O justicus acenou com a cabeça e voltou-se para outro homem ao lado dele. Um veterano que Mia reconheceu, com um tapa-olho.

– Centurião Alberius, a Segunda Centúria entrará no portal primeiro e tomará a área do desembarque. Prepare seus homens. O ataque começa em cinco minutos.

O matador de cãesinhos bateu no peito.

– Luminus Invicta, Justicus.

O homem voltou-se para os seus soldados e berrou:

– Segunda Centúria, em formação!

Cem luminatii se ajeitaram com precisão milenar, os rostos severos e silenciosos. Portavam porretes e escudos de madeira, e alguns tinham facas de

ossário. Pelo menos nenhum deles seria capaz de levar aço-solar consigo – nenhum metal podia fazer a Caminhada de Sangue, e encarar algumas centenas de luminatii armados com lâminas ardentes era um pouco mais desestimulante do que encarar algumas centenas deles armados com porretes.

Mas só um pouco.

Remus voltou-se para o seu secundus e falou em tom comedido:

– Centurião Maxxis, a Terceira Centúria guardará o terreno aqui até voltarmos com os hereges e seus mestres algemados. A Primeira Centúria marchará comigo para o Altar Celeste.

O estômago de Mia revoltou-se com essa referência ao altar. Remus conhecia a Montanha. O que significava que ele conhecia sua planta, seu funcionamento. De que outra forma os luminatii saberiam tudo aquilo se não houvesse um traidor entre os membros da Igreja?

Mas Drusilla testara todos! Cada um dos acólitos da safra escolhera morrer antes de revelar a localização do Porqueiro. Quem aguentaria a tortura nas mãos dos confessores de Lorde Cassius só para vender a localização da Igreja para os luminatii depois?

Alguém que soubesse que os confessores de Cassius eram apenas um teste...

A descoberta dançou passos perturbadores na cabeça de Mia.

Ashlinn sacudiu os ombros e deu mais uma mordida no pão antes de responder:

– *Mmm, p’isso q’staqui.*

– *Quê?*

A garota engoliu, lambeu os lábios e repetiu:

– *Eu disse “bem, é para isso que estou aqui”. Meu pai contou tudo deste lugar para o meu irmão e para mim. Tudo o que sabia, pelo menos.*

– *O pai de Ash e Oz...*

– *...o que tem ele...?*

– *Ash me disse que ele criou seus filhos para o substituírem.*

Ela olhou para a sombra à espreita do seu lado.

– *E se ele os criou para o vingarem?*

– ...atacar o chefe sombrio dos melhores assassinos do mundo num lugar de escuridão perpétua? com algumas centenas de homens? boa sorte, querido justicus...

– Ele não vai precisar de sorte – sussurrou Mia. – O Desmaio, lembra? As medidas nas anotações de Carlotta são suficientes para fazer uma dúzia de pessoas dormir. Se Ashlinn ou Oz envenenarem o banquete de iniciação, Cassius cairá como qualquer outra pessoa, sombria ou não.

– ...mas tric estará no banquete. ele farejaria o veneno, certo...?

O coração de Mia deu um pulo. Um frio na barriga.

– Sangue e abismo...

Ela desceu pelos caibros antes que Sr. Simpático pudesse sussurrar qualquer outra coisa. Caiu no mezanino mais uma vez envolta no manto de sombras; apenas um borrão escuro contra as paredes do Porqueiro. A Segunda Centúria marchava para o mezanino, seguida por Remus e seu primus. Os homens desceram com passos fortes as escadas que davam para a piscina de sangue, dois a dois.

Mia esgueirou-se atrás deles, escondida no manto de sombras, o mundo ao redor turvo e negro. Lâmpadas arquêmicas pontilhavam a escadaria, e ela seguiu sua luz até as entranhas do Porqueiro, o toque seboso de sangue pairando no ar. Ela ouviu a água agitar-se, girar, borbulhar. Moveu-se silenciosamente, Tateando o caminho pela parede até passar as fileiras de soldados à espera. Os glifos na pedra vibravam vagamente, seu poder cantando no ar enquanto o centurião Alberius berrava suas ordens. Nenhum deles tinha visto uma obraria de sangue ashkahi antes, mas, para seu mérito, cada um dos luminatii entrava na piscina de Adonai conforme ordenado. Fechavam os olhos e murmuravam orações e, com um pico de mágica ashkahi, iam desaparecendo um a um.

Todos os olhos estavam no olho do redemoinho. Os glifos pintados em sangue pelas paredes. Mia considerou a possibilidade de esperar até a Segunda Centúria inteira fazer a passagem; com certeza haveria uma chance de pegar Remus então. Mas ela pensou em Tric. No veneno. No banquete. Se Ashlinn e Osrik tinham traído a Igreja, tinham todos os motivos para matá-lo, e

essa possibilidade a encheu de um medo que nem Sr. Simpático foi capaz de devorar.

Mãe Negra, como fui cega...

O sangue virava e ondulava. Os soldados eram arrastados pelo fluxo. Apesar da arrogância de Adonai, Mia não o podia imaginar entregando a Igreja; ele *teve* que ser coagido. Não importava, ela precisava saber o que estava acontecendo. A vingança podia esperar.

As pessoas com quem ela se importava eram mais importantes.

Ela não pôde deixar de se admirar com a ironia. Se ela tivesse se tornado o monstro que a Igreja queria, se tivesse matado aquele garoto sem nome e sido aceita na iniciação, não saberia nada sobre o plano de Ashlinn e Osrik. Estaria sentada à mesa do banquete naquele exato momento, sendo envenenada junto com os acólitos e o resto do Ministério.

Em vez disso, ela era a única que os poderia salvar.

Mia avançou colada às paredes da câmara e escorregou para dentro da piscina, entrando até a cintura naquele calor nauseante. Ela não sabia se duas pessoas podiam fazer a Caminhada simultaneamente. Mas sabia que o sangue de Adonai estava misturado nessa piscina, que o orador seria capaz de senti-la junto com o soldado que agora boiava ao seu lado.

Será que o orador a tomaria por amiga? Será que seria capaz de...

O vermelho ergueu-se. O chão caiu dos pés de Mia. Ela viu-se sugada para baixo, cada vez mais para baixo na corrente, girando e rodando, sangue na boca. Uma ressaca terrível, ameaçando arrastá-la para a eternidade. Nadando em direção à luz. Peito estourando. Coração latejando. Até finalmente...

Sentir pedra sob seus pés. Ergueu-se devagar, sangue pingando nos olhos. Um legionário luminatii emergiu do redemoinho ao seu lado, cuspiendo e tossindo, e os companheiros o ajudaram a se levantar. Os homens na câmara estavam tingidos de escarlata da cabeça aos pés, um horror calado no rosto de cada um deles. A câmara empapada de sangue de Adonai devia apenas confirmar cada uma das histórias sangrentas que eles ouviram sobre os adoradores de Niah. Era fácil ver como julgariam a Igreja uma heresia. Fácil ver como Scaeva e Duomo a venderiam como inimiga.

Vendo de fora, eu pensaria o mesmo sobre nós.

Mia piscou, limpou o sangue dos olhos.

Nós.

Com o manto de sombras ainda sobre os ombros, ela manteve-se submersa, levantando a cabeça apenas para respirar. Como sempre, Adonai estava ajoelhado à beira da piscina. Ao lado dele, de pé, uma dúzia de luminatii encharcados de sangue com porretes de pau-ferro nas mãos. O pulso de Mia acelerou ao sentir uma sombra familiar às costas do orador.

Osrik...

O garoto estava agachado no piso, com uma lâmina comprida e serrilhada na mão. Ao seus pés, Mia viu outra figura, despojada dos trajes negros de costume. Torcida e triste, a pele partida e podre, atada como um porco prestes a ser abatido. As mãos estavam atadas, os dedos quebrados, os olhos cor-de-rosa fechados. Mas o sobe e desce firme do peito da sua sombra revelava a Mia que a tecelã não estava morta – e era a ameaça da lâmina de Osrik contra o pescoço de Marielle que forçava Adonai àquela loucura.

O orador está do nosso lado. Já é alguma coisa...

A mente da garota girava enquanto o quebra-cabeça ia se formando.

Embora a culpa fosse esmagadora, não fazia sentido correr escada acima – o que ia acontecer no Altar Celeste já estava consumado. Pelo menos o veneno usado por Ash e Osrik era apenas Desmaio; ninguém morreria de imediato. Os luminatii evidentemente queriam prisioneiros. Tortura. Interrogatórios. Crucificação pública. Tudo isso aguardava a hierarquia da Igreja Vermelha. Mas naquele momento, Lorde Cassius e o Ministério estavam muito longe da morte. Isso significava que talvez Tric também estivesse...

Ela olhou para Adonai, cantando sobre a piscina agitada. Mia se deu conta de que podia matá-lo. Apenas abrir a sua garganta bem ali, interromper a chegada das tropas à Montanha, deixar o restante do outro lado. Mas isso seria o fim do item mais valioso do arsenal da Igreja Vermelha. Sem a Caminhada de Sangue, a Igreja ficaria aleijada, e suas capelas isoladas.

Ainda assim, por que se importar?

Salvar Tric e Naev não valia aquela perda?

Sob o sangue, ela enfiou a mão na manga da camisa e sacou a adaga de ossário. Observou Adonai ficar tenso e olhar em sua direção.

Ele sabe que estou aqui.

Continuando a canção, trazendo mais e mais luminatii horrorizados e engasgados de sangue para a Montanha, Adonai voltou os olhos para a piscina outra vez. Mas Mia jurava que o viu mexer a cabeça. E com um gesto breve da mão que ela reconheceu como Deslíngua, o orador deixou bem claro o que pensava.

Nem tente, ele sinalizou.

Questão encerrada. Ela não tinha chance de um assassinato discreto, e se Adonai quisesse mesmo lutar contra a garota, podia entregá-la no segundo em que ela avançasse contra ele. Como era do seu feitio, o orador valorizava a própria pele mais do que a de qualquer outra pessoa dentro daquele lugar.

Muito bem. Nada disso.

Mia agachou-se no sangue, observando outras dezenas de legionários fazerem a Caminhada. Quando um grupo de cem ficou completo, o centurião Alberius ordenou que se espalhassem pelo andar para tomar escadas, portas e passagens. Com seus homens já em movimento, o centurião dirigiu-se a um dos seus recrutas mais jovens:

– Informe ao justicus que está tudo seguro.

Sob o escarlate já quase seco, Mia viu o garoto ficar branco só de pensar em voltar àquela piscina terrível. Mas entrou e desapareceu na correnteza. Mia o observou partir, voltando o olhar para Adonai depois. Essa era sua última chance de estancar o desembarque. Se o orador morresse antes que a Primeira Centúria atravessasse...

O sangue subiu ao redor dela, a ressaca sugando-a para baixo. Ela vacilou e agarrou-se à beira da piscina, tingindo o mármore de vermelho. Adonai balançou a cabeça de novo, bem de leve, as mãos tremulando.

Nem pense nisso.

Mia cerrou o dentes. Assistiu à Primeira Centúria começar a Caminhada. Um homem após outro, minuto após minuto, tirados do sangue pelos companheiros. E por fim, erguendo-se do vermelho, Mia viu o homem que

sonhara matar por seis longos anos. Dispensando com um gesto os soldados que vieram ajudá-lo, saiu da piscina, escorrendo grandes ondas de sangue na pedra. Uma grossa camada de vermelho-escuro coagulava em sua barba, caía em cascata pelas costas. Os ombros tão largos quanto a própria Montanha.

O justicus das Legiões Luminatii assomou sobre o orador Adonai com a boca retorcida de nojo.

– Falta de Deus – esbravejou. – Falta de Deus e heresia.

Adonai não disse nada. Apenas olhou o justicus nos olhos sem vacilar, um sorriso tênue nos belos lábios. Remus tirou o sangue do rosto e voltou-se para o seu secundus, enquanto um auxiliar o vestia com uma bela armadura de ossário.

– Centurião, reportar.

– O andar é nosso, Justicus. A Primeira e a Segunda Centúrias estão em ordem.

– Excelente – ele comentou, então apontou para Adonai. – Amarrem bem apertado este apóstata desgraçado.

Os soldados marcharam para a frente com cordas empapadas de sangue nas mãos. Jogaram Adonai no chão e puxaram suas mãos e pés para trás das costas como um novilha a ser abatido. Enfiaram um pano na boca dele, enquanto outro soldado lhe vendava os olhos. Um dos soldados lhe deu um chute para garantir, mas Remus o fez parar, erguendo a mão.

O justicus olhou para Osrik e perguntou em tom seco:

– E o Ministério?

– Ashlinn sabia o que fazer – respondeu Osrik. – Estarão caídos como leitões de Grande Partilha quando você chegar ao Altar Celeste. Não tema.

– Espere aqui até retornarmos com o orgulhoso Senhor das Lâminas e seu rebanho infiel. – Então ele apontou de novo para Adonai. – Se esse herege *esboçar* o menor dos movimentos, comece a cortar pedaços da irmã dele até que se comporte.

Osrik fez que sim. Adonai ficou tenso com a ameaça, mas não se moveu.

Já completamente armado, Remus correu os olhos por seus homens, todos severos e encharcados de sangue. Levou a mão ao cinto e puxou uma espada

comprida e belamente gravada, toda feita em ossário. Corvos em pleno voo enfeitavam o cabo e a guarda. Mia forçou a vista e reconheceu a arma – estivera pendurada na parede do escritório do pai ao lado da coleção de mapas.

O que mais esse homem pode tirar de mim?

– Irmãos justos – começou Remus –, esta quasinoite desferiremos um golpe contra uma blasfêmia que há décadas macula a nossa gloriosa República. Os ministros desta Igreja sem deus devem ser levados com vida para serem interrogados. Mas qualquer outro bastardo adorador da escuridão com quem vocês cruzarem aqui dentro não deve receber misericórdia. Somos a Mão Direita de Aa, e nesta quasinoite, poremos esta casa de heresias de joelhos.

O justicus apertou a espada roubada contra a testa e baixou a cabeça. Os legionários em volta da sala fizeram o mesmo, com os lábios movendo-se em uníssonos.

– Escuta, Aa. Escuta-me, Pai. Sua chama é meu coração. Sua luz, minha alma. Pelo teu nome e pela tua glória e pela vossa justiça, marchemos. Brilha sobre mim.

Remus ergueu a cabeça. Fez que sim para seus homens.

– Luminus Invicta.

⁸⁷ Embora boa parte do centro de Ashkah abrigue apenas ruínas, o litoral é um dos mais belos do mundo. Além dos esplendores da natureza em lugares como Mil Torres, as Cachoeiras de Areia de Nuuvash ou o Grande Sal, assistir ao nascer dos sóis numa paisagem desolada e carregada de poluição mágica é uma experiência de tirar o fôlego.

Claro, os krakens-de-areia, os espectros e outras monstruosidades das Ruínas Sussurrantes podem ir para esses lugares também, de modo que não há uma indústria turística verdadeira em Ashkah.

Capítulo 33

DEGRAUS

Ela aguardou.

Embora sua mente transbordasse de imagens do que poderia estar acontecendo escada acima, embora seu sangue fervesse só de pensar na traição de Ashlinn, na sua vingança contra Remus tão perto mas ainda intocável, ela aguardou. Se os luminatii botassem as garras em Cassius e na Reverenda Mãe, cada um dos discípulos da Igreja Vermelha corria risco. Seus amigos. Mercurio também. O seu primeiro passo *tinha* que ser impedir que Remus escapasse. Cassius e Drusilla não podiam de forma alguma cair nas mãos do Confessorado.

Assim, ela permaneceu à espreita dentro do sangue. Xingando-se de tola. Ela tinha certeza agora. Ash tinha matado Lotti. Tentado jogar a culpa do assassinato *nela*. Cada momento, cada palavra que Ash dissera tinha sido mentira. Shiu também a tinha avisado naquela quasinoite na Sala das Verdades.

você tem um amigo dentro destas paredes

não carlotta

nem tric ou ashlinn

nem eu

Aquele amigo estava à espreita nas sombras da câmara, vigiando com seus não-olhos. Remus e suas tropas tinham saído. Mas ainda havia uma dúzia de luminatii nos aposentos do orador; vestiam uniformes de couro ornamentado, gravados com o selo de Aa. A armadura era grossa; as fivelas eram feitas de madeira, e não havia rebite ou parafuso em parte alguma – tinham sido criadas especificamente para aquele ataque, sem dúvida. Meia dúzia de homens montavam guarda perto de Adonai e Marielle. Outros seis estavam à porta, observando o corredor. A tecelã ainda estava inconsciente, Osrik agachado ao lado dela, a lâmina ainda na garganta.

Comece pelo começo...

Como Mia já não conseguia enxergar muita coisa sob o manto, ela fechou os olhos. Invocou as sombras na câmara. Assim como acontecera com os espantalhos da Sala das Canções, ela era capaz de sentir as sombras como se fossem parte de si. Relembrou o que era ser uma menina de quatorze anos. Despedaçando a estátua de Aa do lado de fora da Basílica Grande. Passando de uma sombra a outra como um espectro. Mas, acima de tudo, lembrou-se do homem que ajudara a começar tudo aquilo, que tinha enforcado seu pai, aprisionado sua mãe, matado seu irmão antes que desse seus primeiros passos.

Ela estendeu os braços sob o sangue. Os dedos esticados. Atravessou o negrume até tocar as sombras sob os pés de cada legionário. Dobrou-as em ganchos e cravou-as nas solas das botas, cada uma delas. E, o mais silenciosamente que pôde, saiu da piscina de Adonai.

Ela se deu conta do erro de imediato: embora ainda estivesse oculta sob seu manto de sombras, o sangue que a cobria não estava. Ao erguer-se pela beirada, as pedras mancharam-se de escarlate, estampadas com as palmas das suas mãos ensanguentadas. Os legionários na sala se viraram na direção do som. Osrik franziu a testa.

Confusão. Hesitação.

Foi o bastante.

Mia entrou na sombra sob si

e saiu

da sombra

na parede

atrás de Osrik

Um dos legionários viu o movimento pelo canto do olho e deu o alarme, mas então a faca de Mia já estava enterrada até o cabo na junta entre o pescoço do garoto e seu braço de espada, cortando facilmente o tendão. Osrik gritou, a lâmina caiu dos dedos sem nervos, e Mia mandou o joelho contra o queixo dele e o deixou estatelado no chão. Ela pegou a adaga dele, e então

entrou

na escuridão

sob seus pés

e saiu pela sombra atrás de outro legionário, cortando os músculos da coxa com a lâmina e o deixando caído no chão. O homem ao lado dele atacou com seu porrete e ela se esquivou para trás; o golpe passou zunindo pelo seu queixo. Mia entrou na guarda do soldado e enterrou o joelho no saco dele, com força suficiente para fazer todos os homens presentes encolherem-se em simpatia. Os soldados gritaram, mas ao tentar investir contra aquele horror coberto de sangue saído do poço do feiticeiro, descobriram que suas botas estavam coladas no chão.

Mia conseguia sentir. O poder da noite correndo por suas veias. A Escuridão faminta. A Mãe em pessoa, a deusa que a marcara, encarando aqueles homens que invadiram seu chão santo com olhos negros.

E ela estava com raiva.

Ela abateu um, depois outro, pegando um dos porretes e esmurrando maxilares e nucas, passando de um trecho de sombra a outro e deixando apenas pegadas de sangue atrás de si. Eram homens da melhor corte da legião – Remus não tinha sido burro de trazer um bando de medulares ou filhos de senador consigo para a Montanha. Mas diante daquele horror coberto de sangue, com olhos negros, sorriso selvagem e mãos vermelhas, tão vermelhas, logo o medo se apoderou deles.

– As botas! – um deles gritou. – Tirem as botas!

As sombras pegaram seus bastões e sufocaram seus gritos conforme ela abatia um a um. Os camaradas que os ouviram gritar e vieram investigar tiveram o mesmo fim: caíram sob golpes brutais ou degolados. Até restar apenas um. Um homem com cachos escuros encharcados de sangue, caindo de costas enquanto tirava as botas, rastejando de qualquer maneira até a parede, olhos arregalados de terror diante daquele demônio do abismo saído das sombras. A faca sangrenta numa mão. O bastão sangrento na outra. Cabelo

grudado ao rosto ensanguentado como uma erva negra.

E o demônio abriu a boca. E falou com voz de garota:

– Sinto muito.

A lâmina desceu.

Erguendo-se do banho de sangue que havia provocado, Mia ouviu um gemido e olhou para onde Osrik estava; o garoto tentava se levantar. Marchando até o vaaniano, ela o chutou forte na cabeça, derrubando-o de novo nas pedras do piso. Então ela se ajoelhou ao lado de Marielle, conferiu se a tecelã ainda respirava e cobriu-lhe as carnes torturadas com os farrapos que sobraram das suas vestes. Em seguida, se agachou perto da cabeça de Adonai e falou com cuidado:

– Orador, sou eu, Mia. Vou desamarrar você. Sua irmã está viva e bem. Não importa o que veja, preciso que não mate ninguém por um ou dois minutos, combinado?

Adonai bufou em resposta, assentindo com a cabeça. Mia cortou os nós, tirou a mordaca e a venda. O orador se pôs de pé num lampejo, rosto transido, mãos erguidas. Tentáculos de sangue ergueram-se da piscina, agitando-se como serpentes, pontiagudos como lanças. O olhos do albino pousaram na irmã, no garoto ao lado dela que lhe ameaçara a vida...

Osrik tentava mais uma vez se levantar, gemendo, com a mão no queixo. Adonai levantou os braços por cima da cabeça, os dedos curvados como os de um titereiro com uma marionete. As espirais de sangue ergueram-se da piscina e agarraram os pulsos e pés de Osrik, arrastando-o pelas pedras até a vermelhidão.

– Eu disse para não matar ninguém!

Mia agarrou o braço do orador e virou o rosto dele para si. Com um aceno dos dedos, o orador enroscou outro chicote de sangue na garganta da garota e a levantou do chão. Mia resfolegou, sufocando, as pernas chutando o ar. Uma dúzia de sombras da câmara agarraram os membros de Adonai, suas pontas em formas de agulhas afiadas, pairando a um ou dois dedos dos olhos do orador.

– Me solta! – grasnou Mia. – Acabei de salvar a sua vida e a da sua irmã. Estamos no mesmo lado, porra. E precisamos de Osrik vivo pra nos contar o

que está acontecendo lá em cima.

– Não é óbvio? – replicou Adonai. – Os luminatii vieram atrás de Lorde Cassius. Que mais precisamos saber?

– Me. Solta. Seu. Fodido.

Adonai fez uma careta de escárnio. Mas o tentáculo na garganta de Mia ficou mais frouxo e a pôs com cuidado sobre a pedra antes de deslizar de volta para a piscina. O orador fez um aceno e Osrik emergiu da piscina, sangue borbulhando nos lábios.

– Mia, por favor... – ele balbuciou, então logo foi puxado de volta para o sangue.

– Adonai, você e Marielle precisam sair daqui.

– E para onde vamos? – ele disparou. – Um traidor nasceu entre nós. É provável que os luminatii saibam a localização de cada uma das capelas daqui até Godsgrave agora.

– Isso não quer dizer que estejam avançando contra todas elas. Provavelmente não fariam isso, com medo de entregar o jogo. Lorde Cassius é o troféu, e *não podemos* deixá-los voltarem para Godsgrave com ele. Com você fora, eles só têm uma maneira de voltar à civilização.

– As Ruínas Sussurrantes – disse Adonai.

– Exatamente. Então pare de bancar o pentelho e saia daqui.

– E o que farás, pequena sombria? Destruirás um exército sozinha?

– Isso é problema meu, não é?

– ...*problema nosso*...

Os olhos de Adonai não desgrudavam dos de Mia. A voz dele saiu fria e dura como pedra:

– Este cão ameaçou minha irmã amada, minha querida irmã, pequena sombria. Se eu estivesse em teu lugar e quisesse alguma informação dele, pela minha vida, faria logo minhas perguntas.

Adonai fez um gesto preguiçoso com a mão. Osrik reapareceu na superfície da piscina, tossindo e gargarejando, quase inconsciente.

– Osrik, pode me ouvir?

– Mia, por fav...

– Cale a porra da boca, seu merda – ela esbravejou. – Você tem uma chance de sobreviver, e é me contar o que quero saber, entendido?

– Eu... – O garoto balbuciou, pigarreando e tossindo. – Sim.

– Você envenenou o banquete de iniciação. Cassius, Ministério e iniciados?

O garoto fez que sim, o cabelo pingando sangue nos olhos.

– Sim.

– Nenhum deles está morto?

– N... não. Usamos um tipo de Desmaio. Fizemos Carlotta criar uma dose especial que agiria mais rápido do que o normal. Remus queria o Ministério vivo, para in-interrogatórios.

– E Tric? Ele teria farejado o Desmaio na comida a um quilômetro de distância. Como você o impediu de notar?

Osrik não disse nada. Os lábios se mexiam silenciosos.

– Osrik?

– Ashlinn, ela...

Então, Mia soube. Ouviu na voz dele. O coração caiu para os pés. Lembrou-se da sensação dos braços dele. Do jeito como ele a beijava.

Ela não o amava, mas...

Não.

Ela não o amava.

– É tudo que preciso saber.

– Mia, n...

O gemido de Osrik foi engolido pela piscina quando o garoto foi arrastado para o seu destino.

– ...*mia, temos que ir...*

Mia concordou com o não-gato e tomou um instante para pôr as ideias no lugar.

– Adonai, preciso que você saia daqui. Agora.

O orador a encarou por um longo momento, apenas o som vago das ondulações na piscina quebrando o silêncio. Mas por fim levou a mão ao pescoço, pegou um frasco de prata num cordão de couro e o soltou. Mia o reconheceu – era do mesmo tipo que Naev usara no deserto. Do mesmo tipo

daqueles que enchiam os nichos nos aposentos da Reverenda Mãe.

– Meu vitus – disse Adonai. – Caso triunfes, despeja-o no chão, escreve como se o vermelho fosse a tábua e o teu dedo o pincel. Eu saberei.

Mia o amarrou em volta do pescoço, depois limpou o sangue que já coagulava nas suas sobrancelhas. Ela podia senti-lo secar na sua pele e rachar em seus lábios enquanto falava:

– Vá.

Adonai tomou a irmã nos braços, desceu os degraus de mármore e adentrou o redemoinho. O sangue parecia prender-se nele conforme caminhava, pequenos tentáculos erguendo-se à superfície e o acariando. Ele voltou-se para Mia e acenou uma vez com a cabeça.

– Boa sorte, pequena sombria. Necessitarás dela.

– Quando ela acordar, conte a Marielle o que aconteceu aqui. Diga que ela me deve uma.

Adonai fez que não com a cabeça e sorriu.

– Os mortos não devem nada.

Ele falou em tons ligeiros, vibrantes e dissonantes com a piscina, como um pai fala a um bebê adormecido. O sangue cantou em resposta e numa enchente súbita, férrea, a dupla desapareceu poço abaixo. A superfície ficou plácida como um lago. Nenhuma onda marcava a passagem deles.

Mia torceu os cabelos. Virou as botas para tirar o máximo de sangue possível, guardou a faca serrilhada de Osrik na canela. Senhor Simpático assistia a tudo, imóvel e mudo. Mas sussurrou afinal:

– ...*sinto muito por tric...*

– Não tem o que sentir.

– ...*você sentia o que sentia, mia. não precisa negar...*

– Não estou negando.

Uma pausa preenchida por um suspiro baixo.

– ...*também não precisa mentir...*

O coro estava calado.

Foi a primeira coisa que ela notou ao sair dos aposentos do orador e adentrar a escuridão da Montanha. A melodia fantasmagórica que a acompanhara em cada momento dentro daquelas paredes sumira. Seus passos ficaram mais altos por causa disso, a respiração ressoando nos ouvidos. Parecia errado. Como um espinho sob a pele. Um silêncio tão grande que era ensurdecedor.

No fim do andar, dois luminatii guardavam as escadas que davam para o piso superior. Mas seus olhos estavam fixos no alto, à espera de que o justicus e seus homens retornassem. Mia esgueirou-se até eles, silente o bastante para deixar tanto Mercurio como Mouser radiantes de orgulho. Mais quieta que um sussurro, ela ergueu-se por trás dos dois. Mais rápida que um borrão, sua lâmina de ossário rasgou um homem de orelha a orelha e penetrou o coração do outro, que se virara para assistir à queda do camarada.

O soldado estremeceu e desabou de costas contra a escadaria, a mão no peito, os olhos buscando na escuridão o que o tinha matado. Então ela jogou de lado o manto, só para que ele visse. Visse a criança pálida encharcada de preto e vermelho, a máscara de sangue seco, os olhos. Visse a sombra de um garoto morto nas suas pupilas quando ela estendeu a mão para lhe tapar a boca e abrir a garganta, sussurrando:

– *Escuta-me, Niah. Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti. Leva-a para perto de ti.*

O não-gato ao pé dela inchou e tremeu, bebendo o terror final do soldado. E ao redor de si, ela sentia. A Escuridão. Sussurrando. Incentivando-a.

Estava satisfeita.

Mia abriu os braços e ordenou que as sombras se levantassem, envolvessem os corpos e os arrastassem para a escuridão. Ela quase desejou ficar ali e ver os camaradas dos mortos voltarem e encontrarem apenas manchas de sangue marcando o fim de ambos. Assistir às primeiras sementes de medo criarem raízes, até que aqueles homens se dessem conta de como estavam longe de casa. De que a Escuridão ao redor não estava apenas irada. Estava faminta.

Mia disparou pelas escadarias, encontrou com mais dois soldados no topo

e lhes deu o mesmo fim que os de baixo. Pareciam tão pequenos dentro das entranhas da Montanha. Sem suas lâminas solares, armaduras brancas e capas semelhantes a rios rubros, eram apenas homens minúsculos, cuja fé no Onividente não bastava para protegê-los da esposa dele. Daquela que ela marcara. Daquela que ela escolhera, ali, em sua casa. Seu altar. Seu templo.

Mia estava quase no Salão dos Elogios quando a flagraram. Acabava silenciosamente com dois legionários quando não notou mais dois descendo as escadas. Ela ouviu gritos de alarme, virando-se a tempo de ver os luminatii correndo em sua direção. Ela deslizou no chão e cortou-o do joelho até as partes baixas, rasgando sua artéria femoral e o deixando sangrar caído. O segundo deu com o bastão na orelha dela, e ela recuou trôpega, então envolveu os pés dele na escuridão, passou para trás dele e cravou a lâmina meia dúzia de vezes nas suas costas. Mas ela começou a ouvir mais gritos, mais pés correndo.

Meia dúzia de luminatii desciam as escadas atrás dela, entre eles Alberius, o próprio chefe da centúria. Ela podia vestir o manto de sombras, provavelmente passar despercebida por eles. Mas a traição de Ashlinn, o que ela fizera com Tric, aqueles bastardos invadindo o lugar que ela julgava seu lar: tudo isso lhe queimava o peito com uma intensidade que chegava a dar medo.

Bastava de correr. Bastava de se esconder.

– Muito bem, seus desgraçados – ela murmurou. – Sigam-me.

Os legionários a viram, gritaram em alerta. Ela sacou a adaga de ossário, a fâca de Osrik na mão direita. O sangue seco em seus lábios rachou quando seu rosto se retorceu num esgar, as sombras ao seu redor contorcendo-se quando ela investiu escada acima contra eles. Alberius e o legionário ao seu lado, ambos largos como casas, ergueram porretes e escudos. O centurião forçou a vista para enxergá-la no escuro, enxergar em sua mão a adaga que lhe arrancara o olho. Por fim, o rosto empalidecendo, ele a reconheceu.

– Você... – balbuciou.

O centurião levou três dedos à testa e depois os mostrou para Mia.

– Luminus Invicta! – ele urrou.

Mia gritou sem palavras, e com o coração cantando ergueu as armas. Os luminatii urraram em resposta, desabalando pela escada em direção daquele demônio manchado de sangue. Bastões erguidos, olhos arregalando-se. E a menina então entrou

na sombra

a seus pés

e saiu na sombra atrás deles

e continuou a correr.

Os luminatii pararam com tudo, e o último do bando a viu desaparecer escada acima. Alberius berrou e assim teve início a perseguição, pelos corredores mais amplos e pela Montanha propriamente dita. Mia avistou mais quatro luminatti à frente, disparando em sua direção. Ela apertou o passo, as lâminas reluzindo. E bem quando eles chegaram a ela, porretes levantados, dentes à mostra, de novo ela passou

pelas sombras

e saiu pela escuridão nas costas deles.

Eles se viraram, estupefatos, e depararam com ela dobrada sobre si, numa pausa para tomar fôlego. Os gritos furiosos de Alberius ecoavam na distância. Mia endireitou o corpo, mostrou os nós, mandou-lhes um beijo e voltou a correr.

Trinta homens a perseguiam quando ela chegou. Mais gritos ecoando pela Montanha, o som de mais pés se aproximando. Mia olhou para trás e viu fúria e morte nos olhos deles. Deslizou pelo corredor até parar diante de um par de portas enormes. Escapou para dentro, fechou as portas e voltou a correr.

Pela escuridão do ateneu.

Os luminatii invadiram a biblioteca, escancarando as portas e batendo no carrinho de madeira em que se lia DEVOLUÇÕES, que tinha sido deixado – de

modo bem desleixado, aparentemente – bem na frente da porta.

O carrinho virou de ponta-cabeça e se estatelou no chão de pedra, dezenas de livros esparramando-se, espalhando-se, estragando-se. Alberius, vermelho de raiva, chutou o carrinho de lado, o que fez mais livros caírem pelo mezanino; os soldados o roderaram. Ele examinou a escuridão, uma expressão negra no rosto.

E ali, de algum lugar daquela floresta de páginas e estantes,
veio um ressonante,
assustador
rugido.

– Onividente, o que foi isso? – indagou um soldado.

– Espalhem-se! – ordenou o centurião. – Encontrem a puta herege e a esfolem!

Vinte e nove saudações soaram contra vinte e nove peitos. Os luminatii marcharam escada abaixo e se enfiaram pelas estantes com as armas em posição. Dividindo-se sem palavras em pequenas colunas de seis homens, eles se espalharam, conferindo um corredor depois do outro. Alberius liderava um grupo com seus melhores homens, olhos estreitados, examinando cantos e recantos. Seis anos convivendo com a mentira. Quasinoites sem sono pela preocupação, imaginando se a viragem seguinte seria aquela em que Scaeva descobriria que a filha de Corvere ainda vivia. E agora ele tinha a chance, não apenas de vingar a perda do olho, mas de acabar com qualquer medo de o seu fracasso ser descoberto.

Pergunto-me se ele se considerava um homem de sorte por isso.

Outro rugido soou na escuridão.

Mais próximo.

– Centurião? – perguntou um dos homens. – O que é isso?

Alberius se deteve, examinou a escuridão. Levantou a voz e gritou para o outro lado das estantes:

– Graccus? Belcino? Situação!

– Nenhum sinal, senhor!

– Nada, senhor!

Outro rugido. O som de algo pesado se aproximando.

Mais próximo.

O bom centurião parecia perturbado. Arrependimento talvez superando o fervor inicial. E assim que abriu a boca para falar, ouviu passos suaves, uma brisa ondulante, um grito de dor. Virou para trás e viu um dos seus legionários com a mão sobre uma facada nas costas, e uma garota pequena, de cabelos escuros, encarando-o por trás de uma máscara de sangue seco.

– Boa viragem, centurião – ela disse.

– Ela está aqui! – berrou Alberius.

A garota sorriu e jogou de leve algo contra o peito dele.

– Um presente para você.

O centurião ergueu o escudo e golpeou o objeto no ar. Percebeu se tratar de um livro velho e empoeirado, com capa de couro; a encadernação arrebentou e dezenas de páginas se soltaram. O livro deslizou pelo chão, espalhando mais do miolo pelo caminho.

– ...*imprudente*... – veio um sussurro.

– Matem essa filh...

Algo ergueu-se por cima das estantes. Algo grande, de muitas cabeças, monstruoso, feito de focinhos e pele de couro e mandíbulas cheias de, ah, dentes demais. Os luminatii gritaram – para seu mérito, não de medo, mas em alerta –, erguendo seus pequenos escudos e palitos de dente e berrando para os companheiros nos outros corredores. E então a Coisa investiu e envolveu o centurião Alberius naqueles, ah, dentes demais, sacudindo como um cachorro triste por seu osso ser tão pequeno.

Soldados vieram correndo. Soldados correram gritando. Mais Coisas ergueram-se sobre as estantes, enormes e cegas, mordendo e rugindo e despedaçando os homenzinhos, tudo sem tocar uma página sequer das estantes.

De volta ao mezanino, Mia saiu das sombras da balaustrada. Parou ao lado de um velho, com as costas curvadas como um ponto de interrogação, apoiado no parapeito e assistindo ao espetáculo.

– Uma garota com uma história para contar – sorriu Aelius.

– É o que dizem.

– Quer fumar?

– Talvez mais tarde.

E ela sumiu.

Capítulo 34

PERSEGUIÇÃO

Ela esgueirou-se para a Sala das Verdades. Vazia. Luz tênue brilhando nas paredes de vidro verde. Mas depois de destravar com cuidado as gavetas na mesa de Mataranhas e revirar o que havia dentro, encontrou o que buscava: as três bolsas de vidro-falso. A maioria dos globos de cristal já tinha sido usada, mas os sacos com vidro-falso pérola e rubi estavam quase cheios. Duas bolsas cheias de Desmaio e do fogo arquêmico de Mataranhas.

Serve.

Depois, ela partiu para a Sala das Canções, fazendo uma parada para assassinar mais dois luminatii postados no Salão dos Elogios. Ela passou rápido pelos túmulos sem nome, tentando não imaginar Tric jazendo num deles. Transformando a dor no peito em raiva. No meio das escadarias ela encontrou os corpos de duas Mãos mortas a pauladas. Quase no topo, encontrou mais uma dúzia de corpos. Marcellus e Petrus entre eles, olhos bem abertos sem enxergar nada.

Não havia tempo para rezar.

Não havia tempo para se importar.

Ela disparou para a sala de Solis e pôs um justilho de couro pesado por cima da camisa ensanguentada. Revirou os armários e encheu as botas de adagas, meteu um gládio bom e afiado na cintura, passou uma bandoleira com facas de atirar pelo peito, e pendurou uma balestra e uma aljava nas costas.

– Dentes da Fauce...

Ela se virou na direção do sussurro, balestra erguida, as sombras inchando-se ao seu redor. Ali, no topo das escadas, avistou figuras em trajes negros, meia dúzia no total. Entre elas, avistou uma de cabelo vermelho e ondulado, um rosto bonito, olhos verdes de caçadora.

– Jessamine?

– Corvere – sibilou a garota. – Em nome da Mãe, o que faz aqui?

Uma figura de véu abriu caminho pelo grupo com um sorriso nos olhos.

– Naev está contente por vê-la – disse.

– Deusa, você está bem!

Mia atravessou a sala correndo e jogou os braços em volta da mulher. Mas Naev encolheu-se ao toque da garota e recuou com um gemido. Olhando para os lados, Mia reparou que a maior parte das pessoas do grupo estava ferida. Jessamine sangrava feio de um corte acima do olho, o braço numa tipóia improvisada. Alguns dos outros seguravam punhos ou costelas quebradas. Naev respirava com esforço, a mão na lateral do corpo.

– O que aconteceu? Vocês estão bem?

– Os desgraçados vieram para cima como uma enchente – Jessamine disse com uma careta de dor enquanto esfregava o sangue nos olhos. – Sem aviso. Assassinarão todas as Mãos e acólitos que encontraram. Como abismos entraram aqui? Onde está o Ministério?

– Provavelmente acorrentado agora – disse Mia. – Ashlinn e Osrik nos traíram. Envenenaram o banquete de iniciação. Mataram Tr...

Mia mordeu os lábios para segurar as palavras. Balançou a cabeça.

– Ashlinn? – balbuciou Jessamine. – Osrik? Mas eles são discípulos, porra.

– Vingança pelo pai – disse Mia, balançando a cabeça. – Não importa. O *justicus Remus* está aqui com duas centúrias de homens. Capturaram Lorde Cassius e o Ministério. Querem levá-los para Godsgrave para torturar e executar.

– São tolos de desafiarem os discípulos de Niah dentro da casa dela – disse Naev, para em seguida voltar-se para as outras Mãos. – Às armas. Lâminas e arcos.

– Você quer que eu lute ao lado dela? – disse Jessamine, olhando Mia furiosa. – Depois de ela ter matado Diamo? Não mesmo.

– Devemos todos ficar juntos nisso.

– Não tenho que me juntar em nada com esta vadia.

– Não temos tempo para a nossa merda, Jess – disse Mia. – Estamos falando do *justicus Marcus Remus*. Ele ajudou a acabar com a Rebelião Faz-Rei. Provavelmente pisou sobre a caveira do seu pai todas as viragens por

seis anos ao entrar no Senado. Toda a merda que você me fez passar? Todo o ódio? Esse é um homem que realmente *merece* as duas coisas.

A garota olhou bem para os olhos de Mia, a lembrança de Diamo evidente nos seus. Segundos de que ninguém podia dispor desciam pela ampulheta. O ódio por Mia em guerra contra o ódio por aqueles que mandaram executar sua família. Mas a verdade era que ela e Jess eram farinha do mesmo saco. Ambas órfãs da Rebelião Faz-Rei. Ambas destituídas da família. Ambas garotas que se mantinham inteiras pelo tipo de liga que só o ódio pode forjar.

No fim, só havia uma escolha real.

– Então, o que vamos fazer?

– Adonai partiu.

Mia viu Naev ficar tensa com as palavras e, antes de continuar, pôs uma mão no braço da amiga para reconfortá-la.

– Levou Marielle consigo. Estão seguros. Mas, sem acesso à Caminhada de Sangue, Remus está de mãos atadas. Só tem um caminho para voltar a Godsgrave.

– As Ruínas Sussurrantes – disse Naev.

Mia concordou.

– A esta altura já sabem que a Caminhada de Sangue não é opção. Mas Ashlinn está com eles. Ela pode levá-los para os estábulos. Devem estar indo para lá, a fim de usar nossas caravanas de camelos para chegar a Última Esperança.

– Então os pegamos nos estábulos – disse Jessamine. – Podemos interceptá-los.

– Pouco espaço – concordou Naev. – Não vai importar muito eles estarem em maior número.

– Você está ferida – disse Mia. – Todos vocês. Vai ser um massacre lá, e não quero...

– Você pode me lembrar quando foi a última vez que eu dei a mínima para o que você quer, Corvere? – disparou Jessamine. – Pode se achar o presente da Mãe para o mundo, mas não é metade da espadachim que acha que é. Se quer ter uma chance de acabar com esses bastardos, vai precisar da nossa ajuda.

Mia se virou para Naev e deparou com um olhar frio e duro.

– Ela fala a verdade.

– Muito bem – suspirou Mia. – Vocês têm razão.

As Mãos se armaram até os dentes, cobriram os trajes com justilhos de couro, pegaram balestras, espadas e facas. Mia distribuiu o vidro-falso entre eles, guardando um punhado generoso de rubi e pérola para si. Ela não fazia ideia de como conseguiriam o que planejavam. Não fazia ideia de como eles viveriam para ver a viragem seguinte.

Não havia tempo.

Não havia chance.

Não havia medo.

Ela olhou para os discípulos ao seu redor. Acenou uma vez com a cabeça.

– Vamos.

Parecia que o justicus Remus não era o tipo de pessoa que se enganava duas vezes.

Ele tinha deixado as costas expostas ao invadir a Montanha, e seu excesso de confiança foi retribuído pelo massacre da sua retaguarda e pela perda do orador. Com a perda da rota de escape planejada, o justicus se dirigira aos estábulos, bem como Mia previra. Mas, para seu mérito, ele aprendeu com os erros do passado.

Infelizmente, o justicus não tinha contado com Sr. Simpático.

O não-gato desceu pelas escadas antes de Mia e seus companheiros, esgueirando-se até o Salão dos Elogios e logo sentindo o tremor do medo no ar. Ele descobriu figuras escondidas, à espreita nos recessos ou aguardando em antecâmaras. Preces murmuradas ao Onividente nos lábios.

Ele correu escada acima, materializando-se nos ombros de Mia e sussurrando em seu ouvido.

– Há legionários no Salão dos Elogios – repetiu Mia. – Quase quarenta.

– Quarenta – balbuciou Naev, contemplando os parques seis que eles eram.

Mia puxou um punhado de vidro-falso da bolsa no cinto e sorriu.

– Acho que posso igualar as chances. Venham correndo assim que ouvirem o tumulto.

A garota se envolveu no manto de sombras e ouviu Jessamine e as Mãos suspirarem quando ela sumiu. O mundo tornou-se quase todo negro sob seu véu, e ela teve de tatear o caminho escada abaixo. Mas logo sentiu um arco e o vasto, imenso espaço do salão do outro lado. Os nomes dos mortos no chão. As tumbas sem nomes nas paredes. Consequia enxergar a vaga silhueta da estátua de Niah no alto, recortada contra a luz baça dos vitrais.

Devagar, quase cega, ela se agachou atrás de um pilar próximo. Tirou o manto por tempo suficiente para ter uma visão decente das imediações e entrou na sombras sob si para reaparecer quinze metros acima do chão, aninhada nas sombras profundas do capuz dobrado de Niah.

Um dos luminatii viu o movimento no alto e deu o alarme. Mas, a essa altura, Mia já fazia chover vidro-falso do seu poleiro. Nuvens grossas de Desmaio estouravam pelo salão. Pelo menos doze homens caíram depois de o inalar, enquanto outros saíram correndo dos cantos e fendas em que se escondiam à procura de um abrigo melhor.

Quando os luminatii saíram dos esconderijos, Naev, Jessamine e as outras Mãos invadiram a sala, negros e ligeiros e silenciosos como a morte. Os soldados só descobriram que enfrentavam mais de um atacante até outros cinco deles morrerem. Os discípulos caíram sobre os invasores com uma fúria que os paralisou. As lâminas de Jessamine eram um borrão, Naev lutava como um demônio apesar das costelas quebradas. Talvez fosse a raiva da invasão do seu lar. Talvez fosse a presença da deusa, espada e balança erguidas sobre eles, os olhos frios de pedra acompanhando a carnificina. Mas em questão de instantes, a tocaia luminatii tornou-se um massacre, e o negro ficou vermelho com o sangue dos fiéis de Aa.

Mia, empoleirada na estátua, balestra na mão, atirava nos fugitivos e interrompia qualquer um que pensasse em atacar algum discípulo pelas costas. Depois de dez setas, sacou as lâminas e saiu da sombra da estátua, quinze metros abaixo, enterrando a adaga nas costas de algum infeliz, cortando outro com um punhado de facas de atirar. Com as costas nas costas de Naev, as duas

ergueram uma muralha de aço e sangue, a canção das suas lâminas preenchendo o espaço deixado pelo coro da Mãe, os gritos dos trucidados ecoando no escuro depois de o último homem ter caído.

Naev vacilou, levando a mão às costelas e suspirando. Jessamine estava ensanguentada e sem ar. Duas outras Mãos – um garoto chamado Pietro, não muito mais velho do que Mia, e um homem mais velho chamado Neraius – tinham caído sob os golpes dos *luminatii*.

– ...*mia*...

A garota deteve-se diante do corpo de Pietro, de cabeça baixa.

Encarando aquele olhar sem visão.

– ...*mia, eles estão nos estábulos*...

Ela permaneceu ali na penumbra silenciosa. Tentando não se lembrar.

Tentando e fracassando.

– Ele era apenas um menino, Senhor Simpático.

Ela balançou a cabeça.

– Apenas um menino.

– ...*agora não é hora de lamentar, mia. nem por este garoto, nem por qualquer outro*...

A garota o olhou com pesar brilhando nos olhos.

– ...*vingue-os, em vez disso*...

Mia concordou devagar com a cabeça.

Limpou o sangue das lâminas.

E correu.

Os estábulos eram um mar revolto de homens, animais e pó. O fedor de suor, sangue e merda, os gritos dos centuriões, o burburinho contínuo de camelos agitados e, acima de tudo isso, os urros do *justicus* Remus.

Mia só tinha escondido mais uma pessoa sob seu manto, mas Tric era gigante, e Naev e Jessamine tinham metade do tamanho dele. Então, deixando para trás as outras Mãos feridas, o trio esgueirou-se escada abaixo até os estábulos. Olhando através das sombras, Jessamine suspirou.

– Sangue e abismo, chegamos tarde demais.

Os luminatii já tinha conseguido abrir as paredes da Montanha, luz cegante, dedos de cascalho e areia vindo das Ruínas Sussurrantes do lado de fora. Os soldados tinham engatado duas fileiras de carroças a juntas de camelos, e as conduziam para o sopé do lado de fora; outros luminatii selavam animais e os puxavam pelas rédeas. A maioria dos soldados jamais tinha posto os olhos num camelo antes e o processo estava levando mais tempo do que devia. Daí os gritos do já citado justicus. Mas, ainda assim, os luminatii estavam a instantes de escapar.

Mia conseguiu avistar sete figuras atadas com sacos na cabeça serem carregadas na carroça da frente. Mesmo com os rostos escondidos, ela os reconheceu de imediato. O Ministério, um rapaz esbelto que devia ser Shiu, e por fim, uma figura envolta num casulo de cordas e correntes, sendo carregada por um dos maiores luminatii que Mia já vira.

– Lorde Cassius – ela balbuciou.

– Mãe Negra – estrilou Jessamine. – Eles mataram os outros camelos.

Mia olhou para as baias e viu que Jessamine tinha razão; qualquer animal que não estava preso a uma carroça ou selado para um soldado tinha sido sacrificado. Ela xingou baixo, olhando para o pé da Montanha lá fora.

– Naev, quando chegamos à Montanha pela primeira vez, tinha um tipo de mágica. Uma confusão, um tipo de...

– A Discórdia – disse Naev.

– É, é isso. Vai afe...

– Não – a mulher suspirou. – Ela só afeta aqueles que tentam entrar na Montanha sem convite. Esses homens querem *sair*. A Discórdia não os incomodará.

– Merda – chiou Mia. – Como vamos atrás deles?

– Nos coloque nas carroças sem ninguém perceber com a sua obraria de sombra – disse Jessamine.

– Eles já estão lá fora. Meu poder é forte na Montanha porque a luz dos sóis nunca tocou este lugar. Mas lá fora... Não sei se sou forte o bastante para esconder nós três. Se formos vistas, acabaremos mortas como aqueles camelos

desnecessários. Além disso, as carroças estão cheias. Não tem espaço pra gente se esconder ali de qualquer jeito.

Mia falava a verdade: mesmo com a diminuição do número de luminatii na biblioteca e no Salão dos Elogios, ainda havia mais de cem deles, divididos em seis carroças. Com os companheiros e os suprimentos necessários para sobreviver uma semana de jornada até Última Esperança, os homens de Remus estavam espremidos como peças de toucinho num barril.

– Merda – suspirou Jessamine.

– É – concordou Mia. – Merda é a palavra.

Os luminatii puxaram os últimos camelos vivos para o sopé e montaram nas suas costas. Remus já estava dentro da primeira fileira de carroças, e através da poeira Mia avistou Ashlinn, com olhos vermelhos e furiosos, de pé dentro da carroça, contemplando a entrada da Montanha. Os seis soldados que Mia deixara caídos na câmara de Adonai já deviam ter contado à garota o que acontecera ao seu irmão. Ashlinn sabia que Osrik estava morto. Mais do que isso, sabia que Mia fora a responsável.

A garota esbravejou algo para Remus, apenas para ouvir um grito como resposta. Não importasse o quanto ela tivesse ajudado na tomada da Igreja, parecia que o justicus dos luminatii não estava com vontade de ouvir sermões de uma herege de dezessete anos.

Fico feliz por ser a pedra no seu sapato, vaca...

Os últimos camelos saíram. Coberturas da carroças esticadas, roldanas conferidas. Naev murmurou uma oração e se preparou para atacar, mas Mia a agarrou pelo braço.

– Você não pode ir lá fora.

– Não podemos deixá-los escapar – silvou a mulher.

– São soldados demais, Naev. Vão nos massacrar antes de andarmos dez passos.

– Não podemos simplesmente ficar aqui! – disparou Jessamine.

Mia mordeu os lábios. Observou os cem metros de corrida que a separavam da última carroça.

– Eu consigo – disse Mia. – Eles não vão me ver. Consigo entrar numa

delas.

– E fazer o quê? Eliminar cem luminatii sozinha?

A sombra de Mia ondulou. O ar agitou-se frio.

– ...*ela nunca está sozinha...*

Mia olhou para o não-gato, rabo balançando de um lado para o outro. E ali, nas sombras, enfiado entre a poeira e o escuro, o quebra-cabeça se juntou na mente de Mia. A última peça, a última ideia, encaixando no lugar.

Clic.

– Eu sei como deter os luminatii – ela murmurou. – Você está comigo?

Senhor Simpático jogou a cabeça de lado, sarcástico.

– ...*sempre...*

Antes que Naev ou Jessamine pudessem falar, Mia partiu, rasgando as sombras e as jogando sobre o ombro, disparando através dos estábulos e saindo ao ar livre. As carroças estavam em movimento, os olhos e a boca de Mia cheios de pó e cascalho, e ela correu quase cega, como um borrão se movendo contra a poeira suspensa. Tropeçou através da penumbra, da mancha dos cavaleiros luminatii e da última carroça, transbordando de soldados resmungões e cobertos de sangue. Movendo-se pelo tato, ela passou para baixo, rastejou para a frente e se pendurou no eixo da frente para aguardar.

A carroça quicava e chacoalhava pela encosta ruínosa, e os cocheiros chicoteavam com força os camelos. Remus obviamente queria se afastar o máximo possível da Montanha com o seu troféu; o justicus podia ser corajoso para matar gatinhos e jogar crianças em canais, mas, pelo visto, quando seus planos davam errado, seu desejo por confronto sumia também.

Ou talvez Scaeva simplesmente quisesse Lorde Cassius mais do que Mia era capaz de imaginar.

A garota agarrou-se ao fundo da carroça como uma sanguessuga. Como era certo de que ela estava fora da visão dos soldados por enquanto, tirou o manto de sombras e se concentrou em não cair. Ela quicou e bateu, chacoalhou e ralou, as costas e a bunda protestando o tempo todo. A areia cobriu sua língua, grudou nos seus olhos, colou no sangue seco em seu cabelo. Ela quase escorregou umas seis vezes, e rezava de olhos fechados pedindo força. A

carona parecia durar para sempre.

Umas boas cinco ou seis horas após a partida da Montanha, os sopés começaram a ficar mais igualados e a carona se tornou menos torturante. A areia ficou mais macia e os cocheiros continuavam nos chicotes. Os camelos dispararam no galope mais rápido possível, apressando as carroças atrás de si.

Veremos...

Embora apenas Saan pairasse no céu, a luz ainda era quase cegante se comparada com o interior da Montanha, e os poderes de Mia pareciam ter murchado. Ainda assim, ela tomou a sombra debaixo da carroça, puxou-a para cima dos ombros e segurou firme. Chamou as sombras o mais alto que podia, na esperança de que outra coisa aparecesse.

– *...creio que você me pediu para te lembrar de nunca mais invocar a escuridão neste deserto...*

– Acho que as mulheres têm direito de mudar de ideia.

Senhor Simpático tentou ronronar, a voz ondulando de admiração:

– *...acho que você tem razão...*

Passaram-se mais alguns minutos até ela ouvir um grito de alerta na carroça à frente. Passos apressados nas tábuas acima de si, chamados dos luminatii.

– *Claudius, você viu aquilo?*

– *O que é?*

– *Tem outro! Dois!*

– *Não, três.*

Sob o rangido trêmulo da madeira, o bater das rodas, os gritos dos homens, Mia pensou ouvir um estrondo ao longe. Um grito da carroça à frente.

– *Kraken-de-areia!*

A garota magricela e ensanguentada segurou firme e riu. Ela não se deu o trabalho de olhar – mesmo se não estivesse quase cega debaixo do manto, entre a poeira das rodas e a multidão de passageiros, não teria chance de ver. Mas com o ouvido atento, ela conseguia escutá-los, assim como na viragem em que lutara com Naev naquelas mesmas areias. A agitação de corpos imensos nadando pelas profundezas do deserto. Os vagos ecos de rugidos distantes,

trovejantes.

São grandes.

Vindo bem na direção deles.

Tateando o caminho, Mia foi se movendo por baixo da carroça até os engates em forma de Y que a prendiam à carroça da frente. Os cocheiros batiam forte os chicotes, desesperados para correr mais do que os behemotes atrás de si. Mia sabia que Ashlinn conheceria os horrores das Ruínas Sussurrantes e saberia como contê-los, e, de fato, ela ouviu: o terrível ritmo da ferraria. Os luminatii começaram a bater naqueles malditos canos com toda a força. Mia se encolheu. Ela não sabia se o barulho tinha mesmo efeito nos krakens maiores, mas o músico que batia na ferraria não queria arriscar. A cacofonia era de arrebentar os tímpanos, e Mia já estava de mau humor. Como que em resposta à sua situação, ouviu mais um urro terrível e estrondoso.

Mais próximo.

– *...você está deixando os bichos bem irritados...*

Mia cuspiu; com toda aquela terra na boca, quase não conseguia falar.

– Eu vou compensar.

– *...como, diga, por favor...?*

Um sorriso branco brilhou no rosto sujo de areia e sangue.

– Preparando o jantar.

Balançando e batendo à medida que as carroças quicavam pelas areias, ela se arrastou para fora do eixo até o engate. Através da escuridão sobre seus olhos, conseguiu distinguir as formas turvas envoltas em nuvens de areia. Talvez uns quinze luminatii cavalgando ao redor das carroças. Talvez vinte soldados em cada carroça, todos de pé, olhando para trás. Ela ouvia o tremor de terra cada vez mais próximo.

– *Outro!* – alguém gritou.

– *Para oeste! Para oeste!*

– *Pela luz de Aa, olha o tamanho desse!*

Mia sorriu sozinha, limpando a poeira dos olhos. Ela tinha mesmo esperado que invocar a Escuridão tão dentro do deserto atrairia alguns dos krakens maiores. Mas pelo som que faziam, parecia que tinha fisdado um par de

monstros.

Ao avistarem o seu quarto convidado inesperado, o luminatii encarregado da ferraria começou a bater nos canos feito uma janela contra o vento. Mia xingou de novo e tapou os ouvidos. A batucada não era apenas irritante; era dolorosa.

Vamos tocar o sino da meitada em vez disso.

Ela saltou para baixo da segunda carroça, tentando entender exatamente como as carroças estavam ligadas. Chegando bem perto e forçando a vista, ela distinguiu uma barra metálica enganchada numa argola, ambas presas com uma corda grossa. Pensando rápido, Mia puxou uma faca da bota e começou a serrar, olhando de tempos em tempos para os luminatii acima.

Como esperado, os homens só tinham olhos para as monstruosidades de tentáculos que estavam decididas a devorar suas queridas cabeças; nenhum reparou no borrão empoleirado no engate. As cordas eram duras, mas com esforço, Mia as cortou fora, deixando apenas o gancho e a argola a unir as carroças.

Só mais um tranco forte e...

Ela deslizou pela barra e se arrastou até o meio da carroça. A fileira bateu numa pedra na areia, deu um tranco, e a garota prendeu a respiração, esperando que o acoplamento soltasse. Mas tanto a sorte dos luminatii como o gancho aguentaram firmes, e cuspidando um punhado de terra vermelha, Mia continuou a rastejar. Ela quase não enxergava, mas o tremor estava mais perto. Acima dos estrondos das rodas, dos cascos e da ferraria, ela ouviu um zunido forte e se deu conta de que os luminatii estavam atirando no kraken mais próximo com as balestras nas laterais da carroça. Dentes cerrados, unhas cravadas na madeira, Mia se arrastou até a junção entre as carroças da frente e do meio. E, serrando com a faca, soltou as amarras. As únicas coisas que prendiam a fila de carroças eram sorte e alguns pedaços de metal gasto.

E a sorte acaba cedo ou tarde.

As carroças viraram para o oeste, na direção de um chão mais rochoso onde os krakens teriam dificuldade de segui-las. Para salvar a própria vida, Mia se agarrou no engate da primeira carroça; o chão ficava mais duro, as

rodas gritavam, os eixos rangiam, e as carroças iam quicando em morrinhos e buracos e pedaços de pedra. Eles chegaram no alto de um pequeno monte, os camelos já espumando sob as chicotadas do cocheiro. Os engates gemeram. Os soldados xingaram. E numa nuvem de pó, pedregulhos e ferro torcido, a última carroça se soltou.

A madeira partiu-se. A barra do engate raspou no chão e a carroça virou, equilibrando-se de pé por poucos e torturantes segundos antes de começar a capotar. Os vinte e poucos homens lá dentro foram arremessados como brinquedos, gritando e berrando e caindo uns por cima dos outros, projetados da cobertura rasgada ou esmagados pela carga que ia ao chão. A carroça foi girando e girando, deslizando até parar de cabeça para baixo. Uma ruína despedaçada.

Gritos de alerta soaram na carroça do meio. Gritos de horror soaram quando algo enorme se levantou da areia perto do acidente e pôs-se a trabalhar: a goela abrindo-se larga, os tentáculos agitados. Homens e camelos correram ou morreram, a areia vermelha foi tingida de um vermelho mais forte, os camaradas na fileira em fuga incapazes de fazer mais do que olhar e rezar. Mas quis o azar que um dos luminatii tivesse o bom senso de se perguntar como a carroça de trás se tinha soltado, e inclinou-se por cima da mesa e viu que as cordas entre as carroças da frente e do meio tinham sido cortadas. Ele franziu a testa, certo de que aquilo devia ser algum truque da luz, forçando a vista para o... estranho borrão que parecia estar empoleirado no engate. Perguntou-se o que era aquilo que via durante os poucos segundos que o borrão levou para se levantar, aproximar e enfiar uma faca de ossário bem no olho dele.

O homem se retorceu e caiu de cara da carroça. Os luminatii gritaram em alerta quando o corpo rolou para debaixo da carroça e foi moído pelas rodas. A carroça do meio deu um tranco forte enquanto os homens lá dentro urravam. Caíram uns por cima dos outros e o centro de gravidade mudou de lugar. A carroça se inclinou bruscamente, quebrando as barras de madeira e se soltando da parceira.

Pó e homens voando. Eixos e ossos quebrando. Mia enfiou a mão na cinta e

sacou um punhado de globos vermelhos e brilhantes. E quando meia dúzia de formas turvas se esticaram por cima da rabeira da carroça para ver o que, em nome das Filhas, estava acontecendo no engate, ela as fez voar, por cima e para além do parapeito, e para dentro da carroça.

Estrondos faiscantes soaram pelas Ruínas Sussurrantes, explosões no interior da carroça fazendo em pedaços a cobertura e os homens sob ela. E, jogando de lado o manto de sombras, Mia saltou para a carnificina.

Lâminas à mosta. Dentes à mostra. Movendo-se entre os homens cegados e trôpegos como uma serpente na água. O aço reluzindo, os soldados caindo, gritando, golpeando com os bastões o borrão em seu meio; uma mancha de sangue movendo-se pela fumaça, as lâminas afiadas ao extremo cintilando. Alguns a consideraram uma *coisa* do abismo, algum servo demoníaco de Niah à caça deles. Outros a tomaram por um horror das Ruínas Sussurrantes, uma monstruosidade criada por mágicas perversas. Mas conforme ela cortava e se esquivava entre eles com lâminas assoviando, os mais ligeiros perceberam que ela não era demônio. Nem monstro. Mas uma garota. Só uma garota. E isso os deixou mais assustados do que qualquer demônio e monstro que podiam nomear.

Ela as *sentia*. Mesmo aquelas que não enxergava. Quanto mais brilhante a luz, mais profundas as sombras. E ela as sentia, como tinha sentido as sombras dos espantalhos na Sala das Canções. Investindo com toda a habilidade que Naev lhe conferira, com toda a fúria daquela menina de quatorze anos na escada da Basílica Grande. Sem cardeais ou Trindades ardentes para os ajudar. Sem aço-solar queimando em suas mãos nem armaduras brancas e brilhantes no peito. Apenas couro sobre a pele e poeira nos olhos, os cadáveres enegrecidos dos camaradas caídos ao seu lado, o eco das explosões ressoando nos ouvidos. E ela, armada com todo o ódio de todos os anos, filha de pais assassinados, irmã de um irmão assassinado, marcada pela mãe das trevas.

E um a um, todos e cada um deles foram jogados à Fauce.

Os camelos puxando a carroça continuaram a galopar, ainda aterrorizados o bastante para continuar correndo sem um cocheiro lhes chicoteando. Com os

inimigos dentro da carroça mortos, Mia pegou a balestra das costas. Pôs um joelho no estrado e mirou no cavaleiro mais próximo. Ela enfiou um dardo no coração dele, recarregou e meteu outro na garganta do seguinte. Alguns luminatii pularam para fora de alcance, mas, para mérito deles, outros gritaram em desafio e chicotearam seus animais com mais força, partindo para cima da carroça e da garota lá dentro. Aqueles eram homens da Primeira e da Segunda Centúria, afinal: as melhores tropas que Godsgrave tinha a oferecer. Não seriam vencidos por uma criança herege qualquer.

Mas a balestra cantou e o vidro-falso voou, e os homens iam caindo das selas ou sendo arremessados pelas explosões. Um gigante grisalho chegou até a beira da carroça, mas uma faca atirada na sua laringe o calou para sempre. Outro saltou do camelo para a traseira da carroça, mas quando começou a escalar, Mia lhe enfiou um globo de vidro-falso rubi na boca e o chutou para fora; a explosão que se seguiu arrancou a perna de outro camelo e mandou seu cavaleiro pelos ares, apesar da falta completa de asas.

Examinando as ruínas, Mia notou que os krakens tinham desistido da perseguição: com o fim das invocações à Escuridão e o banquete que ela lhes deixara, aparentemente os gigantes estavam contentes, rolando e pulando enquanto caçavam alguns luminatii pela areia. Mia embainhou as lâminas e pulou para o assento do cocheiro, partindo rumo às carroças que estavam à frente.

Por causa de toda a carnificina, a fileira de carroças de Remus abriu uma vantagem considerável. Mas sem o peso dos companheiros de viagem desnecessários, os camelos de Mia viajaram bem mais rápido, cuspindo e fungando e fazendo todo tipo de som que os camelos fazem ao correr.⁸⁸ A carroça dela avançou aos solavancos pelas dunas rochosas, serpenteando pelos jardins de monólitos ashkahi quebrados, encurtando aos poucos a distância. Ela conseguia avistar Remus na carroça dianteira, mas só porque o homem era imenso – todas as outras pessoas eram manchas de pó e pedras. Contudo, ela tinha plena consciência de que pelo menos sessenta capangas bem treinados e fanáticos a esperavam à frente, caso ela conseguisse alcançá-los. Ponderando as chances mais do que desfavoráveis, ela se perguntava

exatamente o que fazer quando chegasse lá.

Felizmente, nunca precisou chegar à resposta.

Os luminatii no comboio de Remus tinham acabado de vê-la matar mais de sessenta dos seus companheiros, afinal, e apesar de ser digno de nota o fato de nenhum deles chegar a parar para ajudar, os melhores de Itreya tinham uma tendência a guardar mágoas. Quando a carroça de Mia se aproximou, os soldados encarregados das balestras abriram fogo. Mia não podia se esconder sob o manto de sombras; primeiro porque não poderia enxergar e, portanto, desviar; mas, mais importante do que isso, porque ninguém precisaria ser o melhor dos acadêmicos do Grande Collegium para descobrir onde o cocheiro, invisível ou não, se sentava numa carroça. Mas o justicus Remus, não pouco impressionado pelo fato de aquele toco de menina ter conseguido sozinha matar meia centúria dos seus melhores homens, parecia mais preocupado em escapar do que se vingar. Por isso, em vez de mandar seus homens atirar na lunática que espancava os camelos com a chibata, mandou seus homens atirar nos pobres camelos.

E foi o que eles fizeram.

O primeiro dardo acertou no peito o camelo que ditava o ritmo, que tombou feito uma árvore. Ficou de joelhos, mordeu forte os arreios e derrubou o animal atrás de si. Outro dardo veio voando pela poeira, seguido de um terceiro, e em meio aos estalos de ossos e aos gemidos dos camelos agonizantes, a carroça de Mia bateu no emaranhado maldito que a puxara até ali, capotou e deslizou entre sangue e gritos até parar.

Mia foi arremessada no ar, percorrendo uns bons seis metros até cair de cara na areia. Ela conseguiu encolher o ombro antes de atingir o chão, perdendo o fôlego e espalhando areia, uma bota saltando do pé. Rolou aos palavrões até parar, arfante, a uns quinze metros das ruínas da sua carroça.

Ela tentou se levantar. Os ouvidos zuniam, a cabeça girava. Esforçando-se para se pôr de joelhos enquanto mais alguns dardos cruzavam a poeira, observou a carroça de Remus e Lorde Cassius e do Ministério e da sua vingança galopar cada vez mais para longe.

Ela ficou de quatro. Vomitou. Sentia costelas quebradas, a boca cheia de

areia e bile. Desabando de barriga na areia, rastejou puxando-se com as mãos.

Incapaz, depois, mesmo de rastejar.

Ela tinha chegado tão perto.

Tão perto.

Mas, de novo, no obstáculo final, ela tropeçou. E caiu.

– É a história da minha vida – ela murmurou.

Os olhos fecharam-se devagar.

Ela suspirou.

E então veio o escuro.

88 Parece-me que não há palavra para descrever o som que os camelos fazem. Os cachorros latem, os leões rugem, os bêbados murmuram.

Que abismo um camelo faz?

Capítulo 35

KARMA

Um cutucão.

Mia gemeu, sem ousar abrir os olhos.

A cabeça latejava, as costelas doíam, cada suspiro era uma batalha.

Ela não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado ali.

Minutos?

Horas?

Sentia os sóis sobre si, ardendo do outro lado das pálpebras.

Ela sabia o que a aguardava caso ousasse abri-las.

Fracasso.

A carroça arruinada. Os camelos mortos. A Montanha Silenciosa estava a uma viragem de caminhada a leste, mas ferida como estava, teria sorte se conseguisse fazer em duas – isso se não fosse comida por krakens ou espectros. Chegar a Última Esperança a pé dali era impossível, mas ain...

Cutucão.

Algo macio e úmido com bigodes. Esfregando seu rosto com algo grosso e quente. Uma partezinha do seu cérebro gritava bem alto que a Coisa era bem grande e estava evidentemente muito viva e que agora a *cheirava*, possivelmente como um prelúdio para comê-la.

Os olhos se abriram devagar, a dor à espera do outro lado. Ela chiou e olhou para um par de narinas largas, cutucando-a de novo e sujando seus lábios com – ah, alegria das alegrias – mais ranho. Uma língua enorme e rosada estalava contra dentes amarelos e grandes e Mia acordou de vez, rastejando para trás numa nuvem de areia vermelha fina até perceber exatamente o que estava tentando *comê-la*.

Era um cavalo.

Negro e brilhoso e com vinte palmos de altura.

Um cavalo que gostou de ver ir embora alguns meses antes, verdade seja

ditá.

Mas, ainda assim, ela se pegou sorrindo. Levantando-se com dificuldade e se escorando no lombo dele, correu a mão pelos seus flancos enquanto ele emitia um som que soava suspeitosamente como uma gargalhada.

Ela pôs os braços em volta do pescoço do animal.

Beijou-lhe a bochecha.

– Oi, Bastardo – ela disse.

Capítulo 36

PÔR DOS SÓIS

Daniio Gordo já começava a achar que o Onividente o odiava.

Quando Lem adentrou o Velho Imperial e declarou que uma caravana lotada estava se aproximando de Última Esperança, Daniio imaginou que talvez os kephianos idiotas tinham voltado da expedição mais idiota sem conseguir nada. Mas então Scupps entrou, coçando o saco e piscando para tirar a areia do olho, declarando que era gente demais para ser os kephianos. Na opinião abalizada de Scupps, pareciam mais soldados. Saindo a passos gingados para a estrada de Última Esperança com os chapas a reboque, Daniio Gordo avistou a caravana abatida subir e descer.

– Soldados – afirmara Scupps. – Soldados ou eu sou uma puta que vale dois mendigos.

Lem caçoou.

– Kephianos, tô falando.

– Os dois estão errados. – Um sorriso partira o rosto rechonchudo de Daniio. – São *fregueses*.

A casa da guarnição não era nem de longe grande o suficiente para abrigar setenta sujeitos, e claro que aquele punheteiro medular do Garibaldi (que ainda estava magoado por causa da porra do seu cavalo ter sido roubado – do jeito que estava, parecia até que era a noiva dele) apareceu no Velho Imperial mais ou menos uma hora depois de a caravana chegar a Última Esperança e reservou todos os quartos vagos no lugar, rápido como cuspe. Faltava pelo menos uma semana até Papalobos voltar para levar os recém-chegados de volta à civilização, e Daniio começou a sonhar com a pequena fortuna que faria enquanto isso.

Até ele descobrir que os desgraçados não tinham dinheiro, claro.

Nem dois mendigos para esfregar um no outro.

Ele marchara direto para a casa da guarnição, esmurrou a porta e exigiu

falar com o merdinha no comando. Um homem com uma cicatriz na cara e do tamanho de uma taverna modesta se aproximou com passo forte e lento da porta e se declarou o *justicus* – justicus, ora, ora – de toda a Legião Luminatii. Falou para Daniio que o Velho Imperial e todas suas provisões tinham sido requisitados pela “segurança da República de Itreya”. O centurião amante dos cavalos abriu um sorriso convencido para Daniio, e uma loirinha que tinha idade para ser filha do babaca do tal Remus deu de ombros como que pedindo desculpas. A porta se fechou bem na cara de Daniio.

E foi assim que ele se tornou um mestre da caridade. Os dedos esfolados de tanto trabalhar. O saguão e todos os quartos lotados de bastardos luminatii resmungões, peidorreiros e ingratos. Comiam feito tinteiros na farra. Bebião como peixes famintos. Fediam como latrina na veraluz. E o pobre Daniio não recebia *nada* por isso.

Agora já fazia três viragens que aqueles cães tinham chegado a Última Esperança. O *Namorado de Trelene* ainda demoraria quatro quasinoites para chegar, se os ventos ajudassem, e do jeito que estava a sorte de Daniio, ele não ficaria surpreso de saber que Papalobos e toda a tripulação naufragaram na mítica Ilha de Vadias e Vinho e decidiram passar ali uma temporada.

A despesa do Imperial já estava no osso, alimentando todos os soldados três vezes todas as viragens por quatro viragens seguidas, e Daniio tinha ficado limitado a servir quase só cozidos e sopas. O rango da quasinoite era um caldo feito dos ossos do atum-do-fundo que ele tinha servido na viragem anterior e deixara fervendo no fogão enquanto ia ao saguão servir outra rodada de bebidas. Os soldados na taverna se espremiavam em mesas em grupos de oito. Não havia papo de “segurança da República” que convencesse dona Amile e as dançarinas do Sete Sabores a prestar serviço de graça, de modo que os desgraçados não tinham o que fazer a viragem inteira a não ser beber, se coçar e intimidar os fregueses de sempre.

Depois de servir as bebidas, Daniio entrou na cozinha e fechou a porta com um chute e uma careta. Arrastando os pés até o fogão, cheirou fundo o ensopado. Estava com um cheiro meio estranho; talvez ele tivesse fervido os pedaços tempo demais. Mas foda-se, aqueles cães estavam comendo de graça,

e se algum quisesse reclamar, ele já estava pronto para cuspir sua resposta na sua cara.

Ele serviu a virada, respondeu a gritos por mais vinho. Depois de meia hora correndo de um lado para o outro, conseguiu arranjar uns minutos para se retirar para o beco e fumar.

– Bastardos – ele resmungou. – Bastardos e mendigos pau-mandados de deus, todos eles.

Daniio se escorou no muro do beco, xingando. Ele tinha conseguido o fumo com Papalobos, importado diretamente de Godsgrave. Era bem chique, papel açucarado e tudo. Metendo uma cigarrilha nos lábios, tapou a pederneira com a mão e acendeu o fogo.

– Era para você estar na torre da guarnição, Daniio – uma voz disse.

– Pelo cacete de Aa – ele blasfemou.

A pederneira caiu-lhe das mãos e retiniu pelo chão do beco. Uma garota vestida toda de preto saiu das sombras, suave como um suspiro. Ventos de tempestade sopravam da baía, empurrando a franja comprida sobre olhos escuros e duros. Inclinando-se devagar, ela pegou a pederneira. Jogou-a no ar e pegou com a mão suja.

– Sangue e abismo, você quase fez o meu coração sair pela boca, menina – reclamou o taverneiro. – Mas que caralhos você está fazendo se esgueirando aqui...

Ele olhou bem para ela, o olho esquerdo percorrendo seu corpo mais devagar que o direito.

– Errr, eu te conheço? Você não me é... estranha.

A garota inclinou-se para a frente com um sorriso e tirou a cigarrilha bem dos lábios dele. Pôs nos seus e se apoiou na parede oposta, suspirando, tragando como se sua vida dependesse disso. Ela parecia mais do que um pouco sebosa, verdade seja dita, o cabelo encrostado e a pele imunda. Mas as curvas eram um raro regalo, e os lábios eram do tipo que te faziam vender a mãe para experimentar.

– Era para você estar na torre da guarnição, Daniio – ela repetiu.

– Para quê?

– Você serve as viradas lá, se bem me lembro.

Daniio fechou a cara e encarou a garota de alto a baixo. Era um toco de gente. Metade da idade dele. Mas havia algo em sua aparência. Nos olhos talvez. Algo que o deixava não pouco nervoso sem saber bem o motivo...

– Não sirvo mais – ele disse. – Garibaldi deu um escândalo depois que ele e os seus rapazes tiveram caganeira. Na mesma quasinoite que roubaram o cavalo dele. Agora eles cozinham o próprio rango lá. Ordens do centurião.

A garota deu um suspiro cinza.

– Eu mereço, acho. Mas isso nos deixa com um problema.

Daniio olhou de um lado para outro no beco, bem ciente de que estava sozinho com a garota. De que ela tinha mais armas do que qualquer um que não fosse um gladiatorii na arena tinha permissão de ter. De que o observava do mesmo jeito que ele imaginava uma víbora observando um rato.

De que ela ainda não tinha piscado.

– E que problema seria esse? – ele conseguiu perguntar.

– O que você ouve, Daniio? – perguntou a garota.

– Hein?

– Escuta – ela sussurrou. – O que você ouve?

Julgando aquilo um joguinho estranho, e agora bem desconfortável, Daniio inclinou a cabeça para o lado, ouvindo como ela pediu. Última Esperança era um lugar quieto como uma cova, mas isso era comum numa quasinoite. A maior parte da gente estava agora em casa, sentada diante da lareira com uma bebida na mão. Ele ouviu os camelos bufando nos estábulos da guarnição. Um cachorro latir na distância. O uivo do vento e a arrebentação das ondas. Deu de ombros.

– Não muito.

– Você está com sessenta homens no seu saguão, Daniio. Por mais que sejam servos devotos de Aa, será que não fariam um pouco mais de barulho?

Daniio franziu a testa. Agora que ela tinha mencionado, a taverna *estava* um bom tanto mais silenciosa do que deveria. Ele não tinha ouvido ninguém gritar por mais bebidas nem uma reclamação aos berros desde que saíra para fumar sua cigarrilha...

Bom, a cigarrilha *dela*.

A garota tragou o resto da cigarrilha, jogou-a no chão e esmagou com o salto da bota. E, enfiando a mão na manga, sacou um punhal comprido, esculpido no que deveria ser ossário. Os cabelos de Daniio se ergueram junto com suas mãos, e ele passou de nervoso para completamente aterrorizado. A garota se aproximou enquanto ele se encolhia contra a parede. Enfiou a mão no cinto e tirou uma única bola de vidro, lisa e pequena e perfeitamente branca.

– O que é isso? – questionou Daniio.

– Desmaio. Eu tinha meio saco disso ontem. Agora só tenho um.

– C-cadê o resto?

– Dissolvi no ensopado que você fez para a virada.

Daniio arriscou uma olhada por cima do ombro, para dentro da taverna. Quieta como uma tumba.

– Agora, o nosso problema é o seguinte – disse a garota. – Era para você servir a virada na torre da guarnição depois de servir aqui. E, depois disso, era para voltar e encontrar todos os soldados debaixo do seu teto com a cara enfiada na sopa.

– Você fez os soldados dormirem?

A garota olhou para sua faca. Voltou a olhar para os olhos de Daniio.

– Não por muito tempo.

Daniio tentou falar, mas sua língua estava colada ao céu da boca.

– Mas como você não serve mais a virada lá, vou precisar de uma distração – continuou a garota. – Então talvez queira subir as escadas e pegar qualquer coisa de valor que esteja guardada no seu... sem dúvida excelente estabelecimento.

Daniio conseguiu desenrolar a língua.

– Por quê? – ele conseguiu perguntar.

Ela mostrou a pederneira na palma da mão. O olho lento de Daniio captou antes do resto do corpo, e se arregalou. As palavras emergiram como um grasnado.

– Ai, não...

– Se eu sobreviver, vou pedir para a Igreja Vermelha te compensar. Se

não... – A garota deu de ombros e lhe apresentou com um sorriso irônico. – Bom, desde já peço desculpas.

Ela olhou para Daniio, batendo a pederneira.

– Melhor se apressar. A comida não vai ser a única coisa queimada daqui a pouco.

O vinho d'ouro na adega de Daniio não era do que poderíamos chamar de melhor safra. Na verdade, parecia mais removedor de tinta do que uísque. Sem que os fregueses soubessem, Daniio o usava para limpar as painéis uma vez por ano, e elas sempre ficavam tinindo. Mas essa é uma das maravilhas dos destilados, não importa quão barata seja a produção nem quão ruim seja o gosto.

Eles queimavam lindamente.

A fumaça já subia do teto do Velho Imperial quando Mia chegou à torre da guarnição, esgueirando-se por trás dos estábulos e pulando o muro dos fundos. A torre tinha dez metros de altura e nenhuma janela nos últimos andares – ela tinha quase certeza de que era lá que tinham colocado o Ministério e Lorde Cassius. Ela imaginava que estariam no mesmo estado de quando foram levados da Montanha, amordaçados e acorrentados, mas precisava ter certeza. Estava numa terrível desvantagem numérica e não conhecia a planta do lugar. Queimar a maior parte das tropas de Remus viva para causar uma distração tinha parecido um bom jeito de matar dois coelhos com uma cajadada.

Ou sessenta coelhos, no caso.

Ne verdade, ela nem sabia se o Desmaio dissolveria na sopa de Daniio, mas arriscar parecia uma ideia melhor do que marchar para dentro do Imperial e atirar vidro-falso para todo lado. O fedor da carne queimada pesava no vento, a fumaça se levantando e retorcendo contra o céu queimado pelos sóis, mas qualquer culpa que ela pudesse sentir pelo destino que conferiu aos luminatii foi rapidamente anulado pela lembrança de Tric e dos outros que morreram nas entranhas da Montanha.

Ela já tinha escalado metade da torre de vigia quando um legionário no alto

soou o alarme, batendo num sino pesado de bronze aos gritos de “*Fogo! Fogo!*”. O povo de Última Esperança saiu correndo pelas portas, o centurião Garibaldi foi à rua xingando, e Mia subiu na construção e cortou a garganta do vigilante, de uma orelha a outra.

Cobrindo-se com sombras, ela abriu o alçapão abaixo deles antes que o corpo do homem batesse no chão. Caiu no andar mais alto, onde encontrou beliches, guarda-roupas e um único e grogue legionário, que se levantava do colchão para ver que confusão era aquela. O gládio de Mia o pôs de volta na cama, e ela cobriu o rosto dele com os cobertores ensanguentados, murmurando uma oração a Niah. Descendo as escadas para o andar seguinte, ela sussurrou um palavrão ao ver que estava vazio, assim como a sala comum embaixo. Espiando pelas janelas do térreo, avistou quatro legionários postados na porta da frente – Remus e Garibaldi e o resto pareciam ter ido ao Imperial. Com apenas mais um lugar em que procurar, Mia abriu a porta da adega e esgueirou-se pelo escuro.

Dois globos arquêmicos projetavam um brilho tênue pelos barris de vinho e as prateleiras, as vigas de madeira e as figuras aglomeradas. Três luminatii estavam sentados ao redor de uma caixa virada de ponta-cabeça, discutindo enquanto jogavam baralho. Os três levantaram a vista quando ela entrou. Estava escuro demais para enxergar sob o manto ali, por isso ela o descartou, então lançou um dos poucos globos de vidro-falso de ônix que lhe restavam. A fumaça negra estourou no centro da mesa das cartas, mendigos e bebidas voaram, e Mia saltou das escadas com as espadas na mão, golpeando o homem mais próximo sem fazer um som.

Embora a luz fosse pouca, ela ainda sentia a sombra deles, e invocou a Escuridão para prender suas botas no chão, um a um. O soldado que liderava o grupo lutou com afinco, xingando-a de herege e prometendo que ela logo se encontraria com sua Mãe Negra. Mas, apesar das bravatas, ele caiu com uma espada na barriga, apertando as mãos na cota de malha perfurada e soltando gritos pela mamãe; seu sangue escorreu vermelho pela pedra. Mia lançou um punhado de facas no segundo; duas acertaram e o mandaram para o chão. O terceiro tentou fugir; mexia nas botas e soltava as fivelas quando ela surgiu por

trás dele e enterrou a espada entre suas costelas. A lâmina rompeu a cota de malha e saiu pelo peito. Ele caiu sem um som, com os olhos abertos e acusadores.

Mia os juntou no chão com outra oração murmurada.

Em meio ao redemoinho de fumaça e o fedor de sangue, ela os viu. Sete figuras, amarradas num canto. A Shahiid Aalea algemada e amordaçada. Mataranhas ferida e inconsciente. Solis, espancado quase até a morte, o rosto uma massa de vergões. Shiu, Mouser e Drusilla, todos despertados, de boca tapada. E por último, Cassius, os olhos escuros furiosos, repletos de dor. O Príncipe Negro. O Senhor das Lâminas. Olhando para ele, Mia sentiu a mesma náusea que sentira das outras vezes que se encontraram. Enjoo. Vertigem. Medo. Era quase doloroso. Uma forma escura se materializou ao lado dele, presas negras à mostra na carranca.

Eclipse.

A loba de sombras deu um passo na direção de Mia, pelos eriçados. Senhor Simpático inchou-se na sombra da garota, chiando e cuspiendo. As criaturas se encararam até Mia dizer por entre os dentes:

- Ponham as armas de volta no cinto, os dois.
- ...*MENINA TONTA, EU NÃO USO CINTO...*
- ...*ah, você deve ser o cérebro da dupla, então...*
- Senhor Simpático, chega.

O não-gato fez um silêncio tenso, e um olhar de Lorde Cassius foi o bastante para Eclipse fazer o mesmo. Agachando-se ao lado do Ministério, Mia cortou a mordaca de Drusilla e a arrancou da boca da anciã.

- Acólita Mia – ela sussurrou. – Que... surpresa agradável.

Mia soltou as mordacas de Mouser e Aalea e, por fim, de Lorde Cassius. O homem parecia ter sido usado como saco de pancadas: lábios inchados, olhos roxos, cortes na bochecha. Mas mesmo sem a mordaca, o Senhor das Lâminas não disse nada.

Mia tentou ignorar o enjoio crescente por causa da presença daquele homem, o trovejar do seu coração contra as costelas. Ela olhou as algemas e as cordas que os amarravam e começou a serrar os nós que prendiam Cassius

com sua adaga de ossário.

– Preciso tirar vocês daqui – sussurrou Mia. – Distraí os luminatii, mas não por muito tempo. Vocês conseguem andar? Melhor ainda, correr?

– Os luminatii claramente queriam nos levar vivos – resfolegou Drusilla. – Mas Solis está nesse estado, e depois que Mouser escapou das cordas ontem, o bom justicus garantiu que ele não correria para parte alguma por algum tempo.

Mia olhou para o Shahiid de Bolsos e notou o ângulo estranho das suas canelas.

– Mãe Negra – ela murmurou. – Ele quebrou as suas pernas.

– E dedos – gemeu Mouser. – Achei uma grande... falta de espírito esportivo.

Mia cortou as cordas, mas as algemas da guarnição eram mais complicadas. Ferro pesado, trancadas por uma chave que nenhum dos três soldados que ela acabara de matar parecia ter. Os membros do Ministério estavam acorrentados nos pulsos e nos tornozelos, e só conseguiriam andar arrastando os pés se não fossem libertados.

– Merda – ela suspirou. – Não tenho nenhuma gazua comigo.

– Nas minhas botas – Mouser sussurrou com um sorriso fantasmagórico. – Calcanhar esquerdo.

Mia quebrou o calcanhar da bota de Mouser como ele instruiu, murmurando um pedido de desculpas por ter deslocado sua canela e o feito chiar de dor. Lá dentro, encontrou algumas gazuas e uma pequena barra de torção, e assim pôs-se a trabalhar nas trancas de Cassius. Abatido como estava, o Senhor das Lâminas ainda seria capaz de carregar Solis, e Aalea, Mataranhas e Shiu se virariam com Mouser. A pergunta era: eles deviam enfiar o rabo entre as pernas e fugir ou ficar e lutar? Solis e Mouser não tinham condições de cavalgar, e ela não tinha chance de selar uma caravana de camelos sem os luminatii perceberem. Mas um confronto direto contra doze homens armados com aço-solar? A qualquer minuto um deles podia aparecer ali para conferir...

– Sangue e abismo...

Mia olhou por cima do ombro na direção do sussurro e avistou uma figura no alto das escadas da adega. Botas empoeiradas. Adagas na cintura. Tranças loiras. Olhos grandes e azuis.

– Ashlinn...

Mia esticou o braço na tentativa de agarrar a sombra sob os pés da garota. Mas sem uma palavra, Ash se virou e subiu de volta num salto, sumindo de vista. Os passos macios das suas botas soaram nas tábuas sobre a cabeça dos prisioneiros à medida que avançava em direção à porta.

– Merda, ela vai avisar!

Mia jogou as chaves no colo de Cassius, se levantou como podia e disparou atrás de Ashlinn. Subiu as escadas de três em três degraus até sair à luz dos sóis, bem a tempo de ver os quatro luminatii postados à porta da casa da guarnição a escancararem e Ashlinn levantar uma nuvem de pó enquanto descia a rua para o Velho Imperial aos gritos.

Os luminatii eram dali, e diferentemente dos refugiados da invasão, estavam todos armados com aço-solar. Embora cobertos com a poeira das ruínas, usavam armaduras e penas de um vermelho sujo nos elmos. Desembainharam as espadas sem um grito, o aço explodindo em chamas, e entraram correndo. Curta distância. Fortemente armados e protegidos. Nenhum elemento de surpresa, e espadas que podiam cortar Mia como se ela fosse uma manteiga de boa aparência.

A garota não gostava nem um pouco das perspectivas.

Ela jogou um globo de vidro-falso ônix no chão, deu meia-volta e subiu em disparada pelas escadas. Tossindo e cuspiendo na neblina grossa, os luminatii investiram contra ela, berrando para que parasse. Mia lançou um punhado de vidro-falso rubi enquanto avançava para o terceiro andar; os globos acertaram o luminatii da frente no peito e espalharam os pedaços dele pelo andar. Chamuscados e salpicados de sangue, os três restantes continuaram com mais cautela, encolhidos atrás dos escudos, até chegarem ao terceiro andar. O último vidro-falso de Mia transformou seus escudos numa massa derretida, e uma das suas últimas facas de atirar acertou o homem da ponta na garganta e o fez cair de joelhos, com as mãos na jugular cortada. Mia olhou para a escada

de cordas que dava para o telhado, perguntando-se se conseguiria chegar lá antes que os dois outros soldados a cortassem. Então decidiu pegar as sombras dos homens estendidas pelo chão...

O luminatii na retaguarda caiu com uma expressão de choque. Um metro e meio de aço-solar sem chamas partiu a sua cabeça quase em duas. Sangue e miolos mancharam as paredes quando o corpo caiu para a frente e derramou o que restava pelo chão. Lorde Cassius se ergueu por trás dele, rosto inchado e roxo, olhos escuros apertados numa fúria fria. E, perante o olhar admirado de Mia, Cassius curvou os dedos da mão esquerda e as sombras do lugar saltaram à vida, agitando-se como serpentes diante do encantador. Com um aceno, o Senhor das Lâminas arrancou a espada do último legionário das suas mãos e, sem um som, brandiu a espada grande de aço-solar contra o pescoço do soldado.

Apesar do que seus poetas possam dizer, nobre amigo, são precisos um golpe poderoso e um braço ainda mais para decapitar um homem de primeira. E o Senhor das Lâminas obviamente não estava na sua melhor forma. Ainda assim, apenas um pedaço mascado de carne e alguns fiapos de osso partido pregavam a cabeça do luminatii ao corpo quando ele se ajoelhou e caiu; seu corpo se contorceu no chão até se dar conta da triste realidade de que estava morto.

Mia contemplou as sombras se movendo ao bel-prazer de Cassius. Ainda sentia o enjoo dolorido e oleoso na barriga, e Sr. Simpático tremia a seus pés.

– Belo truque – ela disse.

– Truque? – O Senhor das Lâminas arqueou uma sobrancelha. – É assim que você chama?

– Quando encontrei você em Godsgrave... quando estava perto de mim... – Mia balançou a cabeça. – Você sente o mesmo que eu quando estamos próximos? Enjoo? Medo?

Cassius aguardou um longo momento antes de responder.

– Sinto fome.

Mia fez que sim. A boca seca.

– Sabe por quê?

O Senhor das Lâminas lançou um olhar agudo para os cadáveres no chão. Para as paredes ao redor.

– Talvez aqui não seja o melhor lugar para falarmos disso.

– Você me deve respostas – disse Mia. – Acho que já mereço agora.

Como se invocada, Eclipse se materializou aos pés de Cassius. Senhor Simpático chiou baixo enquanto a loba de sombras falava, sua voz aparentemente vinda do subterrâneo:

– ...*ESTÃO VINDO, CASSIUS. O ILUMINADOR E SEUS SEQUAZES...*

O Senhor das Lâminas olhou para Mia. Acenou com a cabeça para as escadas.

– Venha – disse Cassius. – Vamos nos livrar desses cães. Darei a você as respostas que tiver depois da iniciação.

– Iniciação? – Mia franziu a testa. – Mas eu falhei na prova final.

Um sorriso exíguo desenhou-se nos lábios de Cassius.

– Sua última prova a aguarda lá embaixo, pequena irmã.

– Irmã?

Cassius já tinha ido, esgueirando-se pelas escadas sem um som. Mia se apressou atrás dele, e apesar de todo o treino, se sentia como uma bêbada trôpega. Mesmo espancado até sangrar, torturado e faminto, Cassius se movia como uma sombra. Suas botas não faziam barulho contra a pedra. Cada movimento era preciso, nada supérfluo, nenhum brilho ou espetáculo. Seu cabelo esvoaçava atrás da cabeça como se uma brisa o soprasse, e a espada roubada brilhava em sua mão quando ele abriu a porta da frente e saiu à rua.

Uma dúzia de luminatii o aguardava. O centurião Garibaldi com os olhos em Mia, reconhecendo-a vagamente. Um punhado de legionários fortemente armados, aço-solar queimando nas mãos. O justicus Remus, uma montanha de homem, com sua cicatriz e sua armadura de ossário, encarando Cassius com olhos apertados e lupinos. E, atrás de Remus, olhando Mia com algo entre o ódio e a admiração...

– Ashlinn – sussurrou Mia.

Remus deu um passo à frente, a espada erguida e ondulando em chamas. Ele tinha parecido um gigante quando Mia o vira pela última vez à luz dos sóis,

quando tinha apenas dez anos e estava agarrada à saia da mãe. Agora ele parecia apenas um pouco mais velho. Um pouco menor.

Mas só um pouco.

– Minha vontade não é matar você, herege – esbravejou o justicus.

– Não é recíproco – disparou Mia.

Remus arqueou a sobancelha, como se surpreso por descobrir que a garota tinha língua. Cassius olhou de lado para a garota e falou com o canto da boca:

– Acho que ele estava falando comigo.

– Acho que não me importa merda nenhuma – Mia replicou antes de se virar para Remus. – Que bom vê-lo de novo, justicus. Por acaso a vadia traidora ao seu lado contou quem eu sou?

Remus relanceou para Ashlinn, então olhou Mia de alto a baixo e fez uma cara de desdém.

– Eu sei quem é, menina. E não me surpreende nem um pouco ver gente como você enfiada num covil de hereges e assassinos. Filho de peixe...

Mia apertou os olhos, o cabelo esvoaçando em frente ao rosto com o vento que começava a ficar mais forte. Os luminatii olharam para seus pés, tremendo ao perceberem que suas sombras escorriam e pulsavam na direção da garota, como se desejassem tocá-la.

– Você enforcou meu pai para dar espetáculo a uma plateia de merda – ela vociferou. – Jogou minha mãe num buraco sem luz dos sóis e a deixou ser devorada pela loucura. Meu irmão era só um bebê, e você o deixou morrer no escuro. E vem me falar de assassinato?

Os olhos de Mia marejavam, o rosto transido de ódio.

– Toda quasinoite desde os dez anos, sonho em te matar. Você, Scaeva e Duomo. Abri mão de tudo. De qualquer chance de ser feliz na vida. Toda viragem, imaginava seu rosto e tudo que diria para saber o quanto te odeio. É tudo o que sei agora. É tudo que restou dentro de mim. Você me matou, Remus. Assim como matou minha família.

Mia ergueu a espada e a apontou para a cabeça de Remus.

– E agora, eu vou matar *você*.

Remus rosnou para os homens ao seu lado.

– Acabem com a garota. Tragam-me Cassius com vida.

Para o mérito dos soldados, diga-se que a ordem de capturar com vida o homem mais mortal de República de Itreya não os espantou muito. Talvez prefaciá-la com o assassinato de uma garota de dezesseis anos a tivesse deixado mais fácil de engolir. Ashlinn ficou para trás, mas os legionários – doze no total – avançaram, o centurião Garibaldi à frente. Com orações a Aa e súplicas por força à Luz Onividente, ergueram os escudos e investiram.

Mia já tinha visto alguns lutadores se moverem como dançarinos, ágeis e graciosos. Outros se moviam como um touro, só músculo e tumulto. Mas Cassius se movia como uma faca. Simples. Direto. Mortal. Não havia brilho no seu estilo. Nenhuma afetação. Ele simplesmente cortava direto no osso. As sombras se ergueram ao seu chamado, e, com um gesto da mão, Cassius desarmou o primeiro legionário a avançar contra ele e enterrou a espada em seu peito. O segundo caiu de cara no chão, o avanço interrompido pela rasteira de uma sombra. Cassius o despachou com um golpe rápido na nuca, quase dando a impressão de improvisado.

Mia estava impressionada com a facilidade que o homem tinha para manejar a Escuridão. Lá fora, mesmo sob a luz de um único sol, o segundo quase nascendo, ela teve de se esforçar muito para conter um punhado de legionários. Ainda assim, conseguiu fixar no chão as botas de dois dos maiores, então atirou o último vidro-falso rubi na cara de outro, explodindo-lhe a cabeça dos ombros. Uma espada flamejante rasgou o ar, chiando enquanto vinha em sua direção. Mia se dobrou para trás, sentindo o calor no queixo. Rolou para o chão, dando cambalhotas pela terra e jogando a última faca de atirar em resposta. Ela se cravou no pescoço do luminatii e o deixou sangrando e sufocando no chão.

Mia se levantou. Olhos em Ashlinn. A dupla se encarou em meio às nuvens de areia, e os fantasmas de dois garotos assassinados pendiam no ar entre elas. Tric. Osrik. Ambos por vingar. Mas por algum motivo Ashlinn permanecia para trás, circulando pela beirada da luta à medida que mais luminatii investiam contra Mia com as espadas levantadas.

– Medo de mim, Ash?

Defesa. Esquiva. Golpe.

– Não queria que terminasse assim, Mia – a garota falou. – Eu disse que você não pertencia àquele lugar.

– Nunca achei que fosse covarde. Seu irmão deu mais trabalho.

– Tentando me atrair para um corpo a corpo? – Ash balançou a cabeça, triste. – Acha que acaba assim, amor? Comigo entrando numa luta de espadas que não posso ganhar?

– Sonhar é grátis.

– Continue a sonhar, então. Também fui aluna de Aalea.

Mia defendeu um golpe dirigido à sua garganta e chutou um monte de areia nos olhos do agressor. O homem a acertou com o escudo e a derrubou no poeira. A garota rolou de lado bem quando a espada dele se cravou na areia ao lado de sua cabeça e então desferiu um chute cruel no joelho do homem. Ouviu um estalo úmido e um grito sufocado. Pôs-se de pé. As aulas de Naev cantavam na sua cabeça. Aço flamejante fatiando o ar, poeira incrustada na língua.

Arriscando um olhar, viu que Cassius era mesmo todo o espadachim que sua reputação indicava. O chão ao seu redor estava coberto por meia dúzia de cadáveres, e mais outros dois homens jaziam feridos e gemendo na areia. Como era típico da maioria dos generais, Remus ficou para trás e deixou os soldados de infantaria cuidarem da luta, mas com seus homens caindo feito folhas, o justicus cuspiu no chão e mergulhou no combate. O Senhor das Lâminas recuou, esquivando-se com suas sombras, enquanto a Escuridão se agitava diante da lâmina ardente de Remus.

Com a maioria dos soldados sobre Cassius, Mia lutava contra um único oponente: o centurião Garibaldi. O homem era incansável, abrindo caminho com o escudo e acertando um golpe atrás do outro sobre a guarda de Mia. Ela era rápida, mas Garibaldi estava com uma armadura forte, e a garota viu os poucos golpes que conseguiu acertar resvalarem nas placas. O homem bateu o escudo no peito de Mia e a fez voar pelos ares. Ela rolou de lado, a tempo de impedir que sua cabeça fosse partida ao meio, e agachou-se como pôde para jogar seu último globo de vidro-falso ônix no escudo dele. O centurião vacilou

e começou a tossir. Mia juntou toda a força que lhe restava, apertou os punhos e tomou posse da sombra aos pés do homem, torcendo as suas botas quando ele voltou a atacar. Ele tropeçou, os braços abertos na tentativa de manter o equilíbrio, mas no final fracassou. Garibaldi caiu de frente, com os pés presos à rua, e os ossos lhes saltaram das canelas quando seu peso levou o resto do corpo ao chão.

O homem gritou e agarrou as pernas quando Mia o soltou, para então limpar a poeira dos olhos. Cassius ainda brigava com os luminatii; os corpos deles eram um emaranhado de branco e preto, chama e sombra. A entrada de Remus no combate igualara as chances – o Senhor das Lâminas estava agora na defensiva, sua espada era um borrão, e a Escuridão cantava.

Mia olhou para o justicus; o rosto dele contorcia-se de fúria. O homem que tinha ajudado a matar a família dela. Que arruinara sua antiga vida. Mas então Mia se virou para Ashlinn. A garota que tinha tomado a sua nova vida e a feito em pedaços sangrentos. Ashlinn retribuiu o olhar, espada na mão, olhos azuis estreitados. Virar as costas para ela não parecia a melhor cartada. Assim, Mia inclinou o pescoço até estalar, e deu um passo na direção da loira.

– Não faça isso, Mia – alertou Ash.

Mia a ignorou, erguendo a mão e envolvendo os pés da garota na escuridão.

– Não vai doer – disse Mia. – Muito.

Ash respirou fundo. Suspirou. E, enfiando a mão no bolso da calça, sacou um punhado de chamas ardentes girando na ponta de uma corrente de ouro.

A Trindade.

A luz cintilava, mais forte que todos os três sóis. A visão do medalhão foi como uma paulada na nuca, e pôs Mia de joelhos. Pelo canto do olho, ela viu Cassius vacilar e erguer o antebraço para proteger os olhos. Remus estava no meio de um golpe quando o Senhor das Lâminas abriu a guarda. Desesperado para manter seu troféu vivo, o justicus virou a lâmina e acertou Cassius com a lateral ardente. Mas o legionário ao lado dele – aterrorizado além da razão com a morte dos companheiros, a queda do seu centurião, e o silêncio mortal daquele demônio de preto que invocava sombras do abismo para fatiar seus colegas – não teve a mesma restrição.

Ao mesmo tempo que Remus gritava “cuidado!”, o legionário atacou. Cassius já estava abalado pela luz da Trindade e pelo golpe de lado de Remus. Uma espada ardente penetrou as suas costelas e se enterrou até o cabo. O legionário tirou a lâmina; o Senhor das Lâminas gritou de dor, levando a mão ao peito perfurado. Caindo de joelhos, tossiu vermelho e encolheu-se, um braço ainda levantado para se proteger daquela luz terrível e ardente.

– Seu idiota maldito! – urrou Remus, virando-se para o homem e acertando um soco esmagador no seu queixo. A cabeça do legionário virou com força e seus dentes saíram voando ao mesmo tempo que ele caía amassado como uma folha de papel. – Eu o queria vivo!

Mia estava de quatro, a cabeça baixa, os olhos fechados para se protegerem do ódio abrasador do Onividente na mão de Ashlinn. Ash avançou pela areia até ela, segurando a Trindade. Mia rolou de costas, recuando de qualquer jeito, batendo os pés no chão. Agonia. Terror. Senhor Simpático, encolhido em sua sombra, definhava tão indefeso quanto ela.

– Desculpe, Mia.

Remus olhou para Ashlinn, furioso e incrédulo.

– Você estava com isso o tempo todo? Podia ter acabado com isso quando quisesse? Sua traidora de...

– Ah, vá se foder, seu pau-mandado do Deus – esbravejou Ashlinn. – Não estou aqui por causa da sua gloriosa República nem dou *porra* nenhuma por vocês e por seus homens. Se queria ter uma carta na manga, o problema é meu. E caso não tenha percebido, essa carta acabou de salvar a sua vida. Por isso, em vez de choramingar por causa disso, que tal acabar com a garota que tentou te matar agora há pouco e depois garantir que o restante do Ministério ainda esteja trancafiado? A não ser que você e o seu bando de bobos alegres queiram estripar mais algum deles por acidente!

Embora tivesse quase meio metro a menos que Remus, Ashlinn encarou o justicus de alto a baixo. Com uma careta, Remus ergueu a espada e avançou para Mia, as chamas ondeando no gume.

Mia rastejou para trás no chão. Esmagada pela dor, incapaz mesmo de levantar. Terror nas veias, rugindo na mente, angústia por tudo acabar assim.

Todos os quilômetros e todos os anos. Para ver tudo acabar ali? Estatelada no pó de algum cu-de-mundo esquecido, incapaz até de levantar a espada?

Aqui?

Ela cerrou os dentes. Olhos repletos de lágrimas de ódio.

Assim?

A luz a cegava; não importava para onde virasse, era como olhar direto para os sóis. Só conseguia enxergar silhuetas turvas. Ashlinn à sua frente, a Luz ardendo forte nas mãos. Remus assomava atrás dela, uma luz menor queimando no punho. Luminatii feridos, gemendo no chão. Lorde Cassius, cujo terror tocava o dela própria.

Nunca trema. Nunca tema.

Ela fez que não com a cabeça. Encarou a silhueta de Remus. Determinada a olhá-lo nos olhos. A mostrar que não importava o quanto doeria, o quanto o coração dela a chamava de mentirosa...

– Não tenho medo de vocês – ela disse entre dentes cerrados.

Ela ouviu um riso baixo. A luz menor erguendo-se no alto.

– Luminus Invicta, herege – disse Remus. – Mandarei lembranças suas ao seu irmão.

As palavras atingiram Mia com mais força do que a luz da Trindade. Fizeram-na derreter por dentro. Do que ele estava falando? Jonnen estava morto. A mãe de Mia dissera que estava morto. Naquela veratрева em que ela despedaçara a Pedra Filosofal, fora até os degraus da Basílica Grande e caíra aos pés daquele mesmo desgraçado, daquela mesma luz amaldiçoada, para depois gritar sobre os edifícios, sobre o lugar em que o pai morrera, Mercurio ao seu lado para ouvi-la:

– *Era tão brilhante – ela murmurou. – Brilhante demais.*

O velho sorria. Dera-lhe um tapinha nas costas.

– *Quanto mais brilhante a luz, mais profunda a sombra.*

Ashlinn à sua frente, com a Trindade ardendo na mão. Remus aproximava-se por trás, espada erguida. Atrás de ambos, esticada pela areia até encontrar-se com a do justicus, estava a sombra de Mia. Negra. Debatendo-se. Mas sob aquela luz terrível, mais escura do que nunca.

Ela a invocou. Os dentes cerrados. Olhos fechados. Sentindo a escuridão de fora e a escuridão de dentro. E apertando os punhos, adaga firme na mão

ela desceu

pela própria sombra

e saiu atrás do justicus, pela sombra dele.

O corpo dele bloqueava a luz da Trindade, e o fulgor cegante o tornava uma silhueta de músculos. Então, com um golpe do seu punhal, o punhal que sua mãe pusera na garganta de Scaeva, o punhal que Sr. Simpático lhe dera no escuro, o punhal que salvara sua vida antes, e agora de novo, ela o enterrou até o cabo no pescoço de Remus.

O justicus apertou o buraco que ela abrira, uma fonte de sangue esguichando-lhe pelos dedos. Mia se afastou aos tropeços, encharcada de vermelho. A luz ainda a queimava. Os olhos apertados. O cabelo grudado no rosto em mechas emaranhadas. Ela tropeçou e caiu.

Remus vacilou. A espada caiu da sua mão e estremeceu na areia. Ambas as mãos no pescoço agora. O sangue arterial jorrando por entre os dedos. Seus olhos revelavam que tinha tomado consciência – *ela me matou, meu Deus, ela me matou* –, e essa consciência se tornou ódio, e ele se virou com tudo para a garota, mãos estendidas, dedos como garras. O sangue brotou livremente, escorrendo pelo peito largo, o rosto lupino perdendo toda cor. O justicus da Legião Luminatii deu um passo cambaleante, dois, três. Caiu de joelhos. Olhos cravados na garota que se esforçava ao máximo para rastejar para longe.

Remus gemeu engasgado, a luz lhe fugindo dos olhos. E com um som seco e pesado, seu corpo caiu de cara no chão. As últimas e fracas batidas do seu coração banharam a estrada num tom mais profundo de cinza. Exatamente como ela sempre sonhara. Exatamente como ela sempre quisera.

Morto.

Ashlinn permaneceu imóvel, o rosto horrorizado. Às costas de Mia, ela sentiu mais sombras juntarem-se, aglomeradas ao redor dos donos na porta da

torre da guarnição.

A Reverenda Mãe.

Solis apoiado no ombro dela, coberto de sangue e arranhões.

Shiu, silente como a morte, uma lâmina caída no punho cerrado.

Aalea e Mataranhas atrás dele, apoiando Mouser uma de cada lado.

Embora estivessem abatidos e ensanguentados, nenhum dos assassinos era sombrio. Nenhum deles se sentiu intimidado pela Trindade na mão de Ashlinn. E diante de cinco dos mais talentosos assassinos da República de Itreya, a garota fez o que qualquer outra pessoa faria em seu lugar, e dane-se o desejo de vingança.

Ashlinn deu meia-volta e fugiu.

Shiu e o ministério voltaram arrasados da torre, nenhum deles em condições de persegui-la. Mas com a Trindade agora desaparecendo pela rua, Mia sentiu a dor começar a desvanecer; rolou de barriga para baixo e vomitou em silêncio. Virou-se para Cassius e arrastou-se até ele, puxando o corpo para a frente com unhas na terra. O Senhor das Lâminas estava encolhido, as mãos no peito, rosto retorcido. Mia sussurrou algo com suavidade, afastou as mãos dele e empalideceu diante do ferimento. Eclipse gania, andando de um lado para o outro, orelhas coladas à cabeça, dentes negros à mostra.

— ...*MENINA TOLA, AJUDE-O...*!

— Eu...

— ...*AJUDE-O...*!

Cassius torceu o rosto de dor. Incapaz até de respirar. Tossiu, vermelho pegajoso nos lábios, agarrando a mão de Mia e apertando firme. Drusilla coxeou até o lado dele, e os outros membros do Ministério se ajoelharam no chão ao seu redor.

Ela queria perguntar-lhe. Quem ele era. Quem *ela* era. Se sabia algo sobre a Escuridão de fora ou da Escuridão de dentro. Estava tão perto. Esperara tanto tempo. As perguntas lhe fervilhavam na garganta, à espera de que as ventilasse, mas Mia se viu sem fôlego nos pulmões. Cassius estendeu as mãos escarlates, apertou a palma de uma delas contra a bochecha de Mia. Passando o próprio sangue pela pele dela. Ainda estava quente, e o aroma de sal e cobre

enchia os pulmões da garota. O homem marcou uma bochecha, depois a outra, por fim traçando uma mancha comprida nos lábios e no queixo dela. Ungindo-a; como teria feito no Salão dos Elogios, se este fim, este conto, fosse diferente.

Ungindo-a Lâmina.

E com um suspiro final, silencioso como fora em vida, o Príncipe Negro a deixou.

Levando as respostas de Mia consigo.

A loba de sombras parou de andar em círculos. Levantou a cabeça e preencheu o ar com um uivo capaz de partir corações. Deitou-se na terra ao lado de Cassius, tentou lambeu seu rosto com uma língua incapaz de sentir sabores. Passou sobre a mão dele garras incapazes de tocar.

Senhor Simpático observou tudo em silêncio. Sem olhos para se encher de pena.

Os ventos de tempestade sopraram da baía, frios e amargos. Os matadores esfarrapados estavam de cabeça baixa. Mia tomou a mão de Cassius. O calor da pele dele diminuindo contra a dela.

E ela sussurrou em meio ao vento:

– *Escuta-me, Niah. Escuta-me, Mãe. Esta carne, o teu banquete. Este sangue, o teu vinho. Esta vida, este fim, minha oferta a ti.*

Ela suspirou.

– *Leva-a para perto de ti.*

Epílogo

Quebraespadas, de pé na sala do trono, observava a chuva abater-se sobre a Baía de Farrow.

A quasinoite já tinha caído, e sua cidade estava quase em completo silêncio. O povo encolhido diante das lareiras enquanto Trelene e Nalipse encolerizavam-se do lado de fora. As Senhoras dos Oceanos e das Tempestades vinham brigando muito ultimamente. O inverno fora duro, com as gêmeas engalfinhando-se o tempo todo. Com sorte, aquela seria a última grande tempestade antes do terceiro pôr de sóis – Quebraespadas podia avistar o brilho amarelo de Shiih despontando no horizonte além das nuvens, e o nascer do terceiro sol anunciava o retorno lento do verão.

Ansiava por ele, verdade seja dita. Os invernos eram mais severos em Dweym do que em qualquer outro lugar da República. O frio lhe pesava cada vez mais em seus ossos velhos, ano após ano. Ele estava envelhecendo. Já deveria ter deixado o cargo de bara dos Três Dragões, mas suas filhas se casaram com um par de idiotas, ambos mais músculo do que cérebro. Repugnava Quebraespadas a ideia de ceder a Coroa de Corais a qualquer um dos seus genros. Se Andaterras ainda estivesse por perto...

Mas não. Pensar na filha mais nova não lhe fazia bem.

Aqueles tempos se foram, e ela com eles.

Quebraespadas deu as costas para a baía e coxeou pelos longos corredores de pedra da sua propriedade. Com olhos baixos, os criados curvavam-se à sua passagem. Trovões ribombavam pelos caibros do telhado. Ao chegar nos seus aposentos, ele fechou a porta e olhou para a cama vazia. Pôs-se a pensar na crueldade da vida: um marido viver mais do que a esposa, mais até do que a filha. Ele tirou a Coroa de Corais da frente, colocou-a de lado, os lábios torcendo-se.

– Pesada demais nos últimos tempos – ele murmurou. – O maior dos pesos.

Erguendo a garrafa de cristal cantante dweymeri, ele encheu um copo com mãos trêmulas. Levou aos lábios com um suspiro. Então olhou para fora da janela. A chuva fustigava o vidro. Ele desviou os olhos para a lareira crepitante, suspirou com os beijos do calor nos ossos. Sua sombra dançava atrás dele, agitando-se pelas lajotas do chão e pelas peles.

Ele franziu a testa. Os lábios entreabertos.

Sua sombra, ele percebeu, movia-se. Encolhia-se e contorcia-se. Serpenteava pelo piso de pedra, recolhendo-se para em seguida – grande Trele, ele poderia jurar pela própria visão – esticar-se em *direção* à luz do fogo.

– Mas, em nome da Senhora, o quê...

O rosto de Quebraespadas embranqueceu de medo quando as sombras das suas mãos começaram a mexer-se por conta própria. Subiram até a garganta, como que para sufocar a si mesma. O velho bara olhou para as próprias mãos, para o vinho d'ouro na taça. Um friozinho tomava conta do seu corpo apesar do calor do fogo.

Então a dor começou.

De início era uma queimação leve na barriga. Uma pontada, como que por excesso de tempero na virada. Mas a dor rapidamente alastrou-se, ficou mais brilhante, mais quente, e o velho fez uma careta, levou a mão ao ventre. Esperando passar. Esperando...

– Deusa – ele balbuciou, caindo de joelhos.

A dor já era como um fogo. Quente e branca. Ele dobrou-se sobre si, a taça de cristal caiu-lhe da mão e tilintou pela pedra, o vinho d'ouro derramado reluzindo ao brilho do fogo. A sombra do velho movia-se e agitava-se, como se tivesse vida própria. O rosto dele contorceu-se, uma agonia lenta unhava suas entranhas. Ele abriu a boca para chamar os criados, os guardas. Algo estava errado.

Algo estava errado...

Uma mão deslizou para cima dos lábios dele, abafando o grito. Os olhos dele arregalaram-se ao som frio do sussurro no ouvido. Ele sentiu o cheiro de cravo queimado.

– Olá, Quebraespadas.

As palavras do velho foram abafadas pela mão. O estômago queimava.

– Eu esperava uma chance de ficarmos a sós – disse a voz. – Para conversar.

Uma mulher, ele se deu conta. Uma *garota*. O velho debateu-se, tentando escapar, mas ela segurou firme, forte como ossário. A sombra dele continuou a torcer-se, a dobrar-se, como se estivesse deitado no chão, com as mãos erguidas para o céu. E quando a intensidade da dor dobrou, ele acabou por fazer justamente isso: cair de barriga para cima e encarar a figura sobre si através das lágrimas de agonia nos olhos.

Uma garota, bem como ele pensara. Pele branca como o leite e curvas suaves e lábios carnudos. Da escuridão aos pés dela, ele viu uma sombra formar-se. Fina como papel e semitransparente, negra como a morte. O rabo enrolava-se no tornozelo dela, quase de maneira possessiva. E embora ela não tivesse olhos, o cara sabia que ela o observava, extático como uma criança diante de um espetáculo de marionetes.

– Eu vou tirar a mão agora. A não ser que você esteja pensando em gritar.

O velho gemia enquanto o fogo lhe queimava na barriga. Mas ele encarou a garota com olhos cheios de ódio. Gritar? Ele era cara do clã dos Três Dragões. Seria o fim dar àquela fedelha essa satisfação...

Quebraespadas balançou a cabeça. A garota tirou a mão. Ajoelhou-se do lado dele.

– Qu... – ele tentava. – Que...

– Quem? – perguntou a garota.

O velho fez que sim, abafando outro gemido de dor.

– Receio que jamais saberá o meu nome – ela disse. – Eu ando pelas sombras. Sou um murmúrio. Um suspiro. O pensamento que faz os bastardos deste mundo acordarem suando na veratreva. E você *é* um bastardo, Quebraespadas do clã dos Três Dragões. Um bastardo que foi objeto de uma promessa que fiz a alguém de quem gostava havia não muito tempo.

O rosto do velho contorceu-se, os dedos arranhavam a barriga. As entranhas ferviam, queimavam, como ácido e vidro quebrado. Ele balançou a

cabeça, tentou cuspir, mas apenas gemeu. A garota olhou para o copo derramado de vinho d'ouro. Os olhos negros brilhavam com um fogo.

– É Malícia – ela disse, apontando para a taça. – Uma dose purificada. Já abriu um buraco no seu estômago. Vai corroer as suas tripas nos próximos minutos. E nas próximas viragens a sua barriga vai sangrar e inchar e apodrecer. E no fim você morre, Quebraespadas do clã dos Três Dragões. Morre como eu prometi a ele que morreria.

Ela sorriu.

– Morre gritando.

Outra forma movia-se ao lado da garota. Outra sombra, encarando Quebraespadas com seus não-olhos. Uma loba, ele percebeu. Rosnando com uma voz que parecia vir do subterrâneo:

– ...*CRIADOS SE APROXIMAM. MELHOR IRMOS...*

A garota fez que sim. Levantou. As duas sombras o observavam. A vida diante dos olhos. Todos os erros e acertos. Todos os fracassos e triunfos e meios-termos.

– Caso encontre Tric nas suas andanças pelo Lume, cumprimente-o por mim.

Os olhos de Quebraespadas arregalaram-se.

A voz da garota saiu suave como as sombras.

– Diga a ele que sinto saudades.

A escuridão ondulou e o velho viu-se sozinho.

Apenas gritos por companhia.

O coral cantava novamente.

A melodia fantasmagórica já tinha voltado quando Mia e o Ministério retornaram da jornada pelas Ruínas Sussurrantes, com Naev e Jessamine e sua equipe de busca. O interior da Montanha estava vermelho de sangue; dezenas de Mãos e acólitos jaziam em túmulos sem nomes no Salão dos Elogios, o Senhor das Lâminas ao lado deles. Os nomes do justicus Remus e do centurião Alberius estavam gravados no chão entre as outras vítimas da Igreja, e não foi

pequeno o prazer de Mia ao ficar de pé sobre eles durante a cerimônia. Aquelas seriam as únicas covas que ambos teriam.

A Reverenda Mãe fez um discurso, honrando aqueles que caíram na defesa da Montanha, louvando aqueles que salvaram a Igreja Vermelha da calamidade. O Ministério a rodeava, solene e silente. As poucas Mãos que sobreviveram ao massacre cantaram o refrão, e o canto saiu mais tênue do que umas viragens antes.

Mia tinha passado o tempo todo contemplando os novos túmulos. Apenas mais um bloco na parede, igual aos demais. A lápide sem marcas e o interior vazio: o corpo dele nunca foi recuperado, afinal. Mas quando a missa terminou e o que restou da congregação dispersou-se pelo escuro, ela ajoelhou-se sobre a pedra, sacou a adaga de ossário e gravou quatro letras na rocha.

TRIC.

Ela apertou os dedos contra os lábios e, em seguida, contra a pedra.

O orador cumpriu a palavra, voltando à Montanha ao saber que estava segura. Adonai ressurgiu com Marielle ao lado; os dedos quebrados da tecelã atados em talas. Levou meses para os ossos sararem e ela recuperar suas habilidades. Mas, assim que sarou, a sua primeira tarefa seria retribuir Mia por ter salvado a vida de Adonai.

Ela deu um novo rosto a Naev.

A mulher aguardava do lado de fora dos aposentos do orador pela volta de Mia da visita ao bara do clã dos Três Dragões. Depois de a garota ter lavado o vermelho na casa de banho, Naev a abraçou calorosamente e beijou-lhe as bochechas. E sem um único olhar para a câmara ou para o orador lá dentro, acompanhou Mia de volta ao quarto. Naev ainda usava o véu – talvez acostumada com ele após anos escondendo o rosto, talvez ciente como Mia de que no fim das contas a aparência não importava, mas as *ações*.

Talvez porque simplesmente gostasse de véus.

As duas pararam em frente aos aposentos de Mia, e Naev abriu a porta com um sorriso. Os cômodos na ala de Lâminas da Montanha eram maiores, mais reservados, velados pela veratreva. A cama de Mia era tão grande que dava para se perder nela. A garota odiava dormir ali, verdade seja dita. Era fácil

demais se sentir sozinha. Mas ela tinha sido ungida por Cassius diante de todo o Ministério – as desconfianças de Drusilla ou de Solis não importavam mais: ela era Lâmina agora. Ela ficaria ali até o Ministério lhe destinar a uma Capela. Ela tinha solicitado Godsgrave, mas não dava para saber onde ela acabaria indo parar.

– Antes que eu me esqueça...

Naev indicou o criado-mudo com a cabeça. Um livro de capa de couro preto sobre a madeira, protegido por um fecho.

– O cronista mandou para você. Ele disse que saberia o que é.

O coração de Mia pulou no peito. Ela agradeceu Naev novamente, fechou a porta e caiu no colchão. Senhor Simpático materializou-se na cabeceira da cama, Eclipse aos seus pés. As duas sombras encaravam-se com seus não-olhos e a desconfiança estalava no ar. Senhor Simpático tinha passado um bom tempo expondo a Mia com dureza que Eclipse não tinha lugar ao lado deles. Mas a loba de sombras tinha andado completamente desolada depois da morte de Lorde Cassius. Passara noites vagando pelo interior da Montanha, uivando seu luto. Mia enfim a caçou por pedido de Drusilla e pediu que Eclipse andasse com ela, já que não tinha ninguém mais com quem andar. A loba de sombras a encarara por um tempo longo e silencioso e Mia achou que recusaria. Mas quando a garota olhou para a escuridão sob seus pés, notou que estava ainda mais intensa.

Escura o bastante para três.

Mia pegou o livro no criado-mudo e examinou a capa. Símbolos estranhos gravados em relevo no couro, símbolos que faziam a vista doer. Ela abriu o fecho e encontrou um bilhete escrito na grafia retorcida do cronista. Sete palavras:

“Outra garota com uma história para contar.”

Mia folheou as páginas, gemendo e estalando antiguidade, e examinou as belas ilustrações dentro do livro. Formas humanas, com as sombras de animais diferentes a seus pés. Lobos e pássaros. Víboras e aranhas. Outras coisas, monstruosas e obscenas. Ela franziu a testa para os símbolos estranhos que giravam e mudavam diante dos seus olhos.

– Não conheço essa escrita.

– ...*dúvido que exista muita gente no mundo capaz de ler...*

– Mas você consegue?

Senhor Simpático fez que sim com a cabeça.

– ...*não sei como. mas as letras... falam comigo...*

Eclipse se pôs de pé e pulou para o colchão para se sentar ao lado de Mia. Senhor Simpático cuspiu e a loba rosnou em resposta, espiando as páginas nas mãos da garota.

– ...*TAMBÉM CONSIGO LER ISSO...*

– Qual é o nome?

O não-gato caiu sobre o ombro de Mia e deu uma olhada nos símbolos estranhos e instáveis.

– ...*a escuridão faminta...*

Mia correu os dedos pelas páginas. As páginas empapadas de tinta preta, o texto instável e rastejante. Talvez estivesse ali. A resposta para todas as suas perguntas. Quem ela era. *O que* era. Ou talvez fosse pura baboseira. Um livro que morreu porque nunca deveria sequer ter existido; só mais uma casca sem vida da biblioteca de mortos de Niah.

– Vocês dois leriam para mim?

– ...*você quer mesmo saber...?*

– Como pode perguntar uma coisa dessas? Precisamos compreender o que somos, Senhor Simpático.

– ...*gosto de como as coisas estão agora...*

– ...*EU LEIO PARA VOCÊ...*

– ...*de volta para o canil, vira-lata...*

– ...*CUIDADO, BICHANO. SÓ OS GATOS DE VERDADE TÊM SETE VIDAS...*

– ...*ela era minha antes de ser sua...*

– ...*SE ELA TEM DONO, ESSE DONO É ELA MESMA...*

Mia espalmou a mão nas páginas e encarou as sombras ao seu redor.

– Leiam.

O não-gato suspirou. Aninhou-se no ombro da garota e olhou para o texto oscilante. A tinta era mais preta que o preto, e borrava e retorcia-se diante dos

olhos de Mia. A garota era tomada por uma estranha sensação de vertigem se olhasse demais para a escrita, e por isso se fixou nas ilustrações, belas e monstruosas. Virou uma página depois da outra, enquanto o rabo do não-gato balançava de um lado para o outro e a não-loba permanecia completamente imóvel.

– *...quase nada faz sentido. tudo besteira de perdedor...*

– Deve haver algo.

– *...O NOME DA AUTORA É CLEO. ELA VIVEU NUM TEMPO ANTES DA REPÚBLICA. FALA DA INFÂNCIA. CASADA COM UM HOMEM CRUEL AINDA ANTES DE FLORESCER. AS SOMBRAS ERAM SUAS ÚNICAS AMIGAS...*

– *...quando a veratreva caiu no ano em que ela sangrou pela primeira vez, sufocou o marido com a escuridão quando ele veio lhe buscar. ela fugiu, viajando por liis em busca da... acho que está palavra é “verdade” ...?*

– *...SIM, É VERDADE...*

– *...eu não te perguntei nada, vira-lata...*

Eclipse rosnou e Mia sorriu, passando a mão pelo pescoço da loba de sombras.

As seções seguintes do livro eram na maior parte ilustrativas. Padrões variáveis em preto, uma forma feminina com uma multidão de sombras diferentes. Páginas inteiras recobertas de rabiscos negros, como um céu de veratreva com as estrelas destacadas por retalhos de puro branco.

– *...ESSA PARTE É OBSCURA. ELA FALA DO AMOR DA MÃE. DOS PECADOS DO PAI. DA CRIANÇA NO SEU VENTRE...*

– Ela estava grávida?

– *...ela era claramente louca...*

– Encontrou a verdade que buscava?

Senhor Simpático passou para o outro ombro de Mia e examinou a página mais de perto:

– *...ela fala de sentir outros como ela. uma atração, como a de uma aranha pelas moscas...*

Um retrato de uma mulher, envolta em negro, com sombras que se desdobravam das pontas dos seus dedos.

– ...*ela escreve sobre a fome...*

Uma página negra, coberta com centenas de bocas, repletas de dentes afiados.

– ...*FOME INFINITA...*

Pinceladas largas, pretas e violentas.

– ...*ai, ai...*

– Que foi?

– ...*ela fala de encontrar outros como ela. outros que falavam com a escuridão. encontrá-los e...*

– E?

Eclipse rosnou baixo no fundo da garganta dela:

– ...*COMÊ-LOS...*

– Sangue e abismo.

– ...*“os muitos eram um”...* – leu Senhor Simpático. – ...*“e serão novamente; um sob os três, para erguer as quatro, libertar o primeiro, cegar o segundo e o terceiro. ó, mãe, negríssima mãe, o que me tornei”...*

– Pelos dentes da Fauce.

– ...*de fato...*

– Por acaso algo disso lhe parece ou soa familiar, Eclipse? Esses desenhos? Essa história? Você ou Cassius já viram algo assim?

– ...*NÓS NUNCA VIMOS...*

– Nunca?

– ...*CASSIUS NÃO QUESTIONAVA SUA NATUREZA. NÃO SE IMPORTAVA COM O QUE ERA, MAS APENAS QUE ERA...*

Mia soltou um suspiro e balançou a cabeça.

– O que aconteceu com ela? Com Cleo?

– ...*continue a ler...*

As sombras se calaram quando Mia virou a página. Havia um mapa no pergaminho, um esboço do mundo conhecido. Os países de Itreya e Liis, Vaan e Ashkah antigo. Bem no meio das Ruínas Sussurrantes de Ashkah, cercado por formas irregulares que só podiam ser krakens-de-areia, havia um X em tinta vermelha.

– ...*ela fala de uma jornada...*

– ... “*À PROCURA DA COROA DA LUA...*”

Mia piscou, confusa.

– A Lua?

– ...*é o que ela diz...*

Mia mordeu os lábios. Ao virar a página, sentiu a respiração travar na garganta.

– Vejam isso...

A página consistia em outro mapa do mundo conhecido, desenhado pela mesma mão. Mas na costa leste de Itreya, já não havia a enseada que abrigava a cidade de Godsgrave. Terra firme estava em seu lugar; uma península que se abria para o Mar do Silêncio. E no coração da península, onde a grande metrópole se erguia agora, havia outro X, e um rabisco irregular em tinta vermelha logo ao lado.

– O que diz?

Senhor Simpático olhou para a página:

– ... “*aqui, caiu*”...

– A Lua?

– ...*possivelmente...*

Mia deteve o olhar sobre o mapa.

Sobre o lugar onde deveria estar a Cidade das Pontes e dos Ossos.

Godsgrave...

– Quem ou o que é a Lua? – ela perguntou.

Mas as sombras não responderam.

Dicta Ultima

Suponho que agora você pense que a conhece.

A garota que alguns chamaram de Moça Branca. Ou Faz-Reis. Ou Corvo. A garota que estava para o assassinato assim como os maestros estão para a música. Que fazia com os finais felizes o mesmo que uma serra faz com os ossos.

Observe agora as ruínas à passagem dela. Enquanto a luz baça rebrilha nas águas que beberam uma cidade de pontes e ossos. Enquanto as cinzas da República dançam na escuridão sobre a sua cabeça. Contemple em silêncio o céu partido e sinta o gosto do ferro na língua e ouça os ventos solitários sussurrarem o nome dela como se também a conhecessem.

Você acha que ela ria ou choraria ao ver o mundo que suas mãos produziram?

Acha que ela sabia que terminaria assim?

Você a conhece de verdade?

Ainda não, mortalzinho. Ainda nem a metade.

Mas no fim das contas, este conto é apenas um de três.

Nascimento, vida e morte.

Então tome a minha mão.

Feche os olhos.

E caminhe comigo.

agradecimentos

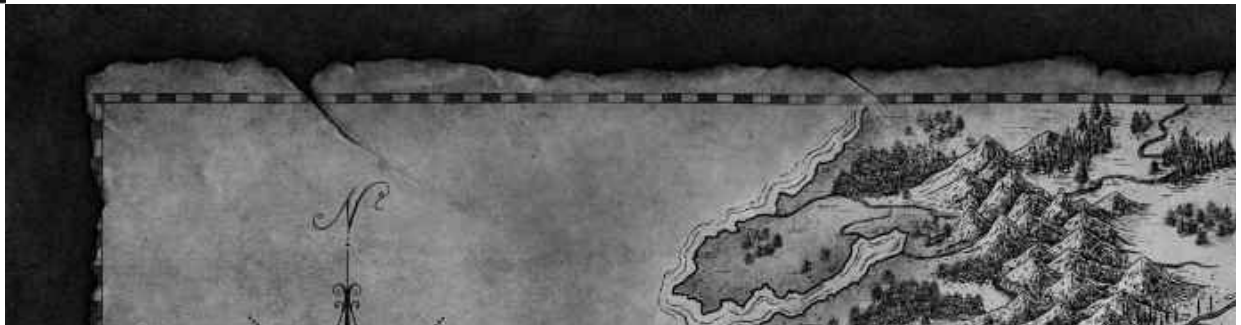
Um obrigado tão profundo quanto a Escuridão para:

Amanda, Peter, Emma, Paul, Justin, Allison, Nancy, Kim, Young, Mike, Melissa, e todos da Thomas Dunne/SMP, Emma, Kate, e todos da Harper Voyager UK, Rochelle, Alice, e todos da Harper Collins Australia, Mia, Matt, Lindsay, Josh, Tracey, Samantha, Stefanie, Steven, Steve, Jason, Megasaurus, Virginia, Kat, Stef, Wendy, Marc, Vilma, Molly, Tovo, Orrsome, Tsana, Lewis, Shaheen, Soraya, Amie, Jessie, Caitie, Louise, Marc, Tina, Maxim, Zara, Ben, Clare, Jim, Weez, Sam, Eli, Rafe, AmberLouise, Caro, Melanie, Barbara, Judith, Rose, Tracy, Aline, Louise, Anna, Adele, Jordi, Ineke, Kylie, Julius, Antony, Antonio, Emily, Robin, Drew, William, China, David, Aaron, Terry (RIP), Douglas (RIP), George, Margaret, Tracy, Ian, Steve, Gary, Mark, Tim, Matt, George, Ludovico, Philip, Randy, Oli, Corey, Maynard, Zack, Pete (RIP), Robb, Ian, Marcus, Trent, Winston, Tony, Kath, Kylie, Nicole, Kurt, Jack, Max, e Poppy.

O povo e a cidade de Roma.

O povo e a cidade de Veneza.

E a você.





SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2017

FONTE Adobe Garamond Pro Regular 11,1/15pt; Prida02Calt Regular 50/30pt

PAPEL Offset 63 g/m²

IMPRESSÃO Geográfica

LOTE G66957

Table of Contents

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[Mapa](#)

[Provérbio](#)

[Caveat Emptor](#)

[Livro 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

[Dicta Ultima](#)

[Agradecimentos](#)

[Mapa](#)

[Sua opinião](#)

Não desvie o olhar de...

O DIRETOR

UM EPISÓDIO DA SÉRIE ASYLUM



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

MADELEINE ROUX

PLATA
FORMA 3D

O diretor

Roux, Madeleine

9788592783075

92 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primavera de 1968. Jocelyn e Madge estão ansiosas. Ambas se formaram juntas: uma com honras, a outra com estilo. E, agora, elas são as novas enfermeiras do Brookline, um hospital para pacientes mentalmente instáveis.

Enquanto Madge pretende conhecer os outros funcionários, talvez até seu futuro marido, Jocelyn quer simplesmente ajudar as pessoas. Afinal, não é isso o que todos deveriam querer? Pelo menos, é nisso que ela acredita e o que diz ao ser confrontada por seu chefe, o enigmático diretor Crawford.

A rotina de Jocelyn estava tranquila até a noite em que começou a ouvir os gritos. Eram gritos assustadores. Vinham das entranhas do Brookline. E ela precisava desesperadamente descobrir a origem deles.

Sua curiosidade poderia ter lhe rendido uma punição, mas o diretor a convidou para um projeto experimental com os pacientes mais problemáticos, no porão do hospital. Uma chance para

Jocelyn descobrir a verdade sobre aquele lugar. E nada poderá ser mais perturbador. Será que todos os pacientes poderão mesmo ser ajudados?

[Compre agora e leia](#)

Lynn Weingarten
Best-seller do *New York Times*

notas
suicidas
de
belas
garotas

PLATA
FORMA 3

Notas suicidas de belas garotas

Weingarten, Lynn

9788592783174

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

June sempre foi solitária. Até conhecer Delia Cole no sexto ano do colégio. Elas se tornaram inseparáveis, compartilhando a perda da inocência e o florescer da malícia na adolescência.

Para June, não havia ninguém como sua melhor amiga. Delia era a garota mais bela do mundo quando sorria, e incendiava aqueles que a rodeavam. Embora, às vezes, se tornasse fria e sombria. As duas acreditavam que nada poderia separá-las... até aquela estranha noite que as afastou por um ano – e depois para sempre.

Quando o vice-diretor da escola North Orchard anuncia que Delia está morta, uma onda de angústia toma conta de June. Dois dias antes, a amiga havia ligado para ela, mas June ignorou as chamadas.

Todos dizem que Delia ateou fogo no próprio corpo. Sua melhor amiga havia se matado. June não consegue aceitar. Delia não seria capaz disso. Ou seria? Então, quando bilhetes póstumos da amiga começam a chegar, June se convence de que ela fora assassinada.

Alguém estava mentindo nessa história, e a lista de suspeitos é perturbadora.

O que June fará quando toda a verdade vier à tona?

[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador!

Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar.

O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados.

Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes.

Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com

um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego.

"Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

O IMPOSSÍVEL É APENAS O COMEÇO

INSIGNIA

A ARMA SECRETA



S. J. KINCAID



Insígnia: a arma secreta

Kincaid, S. J.

9788576835738

502 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Você não vai conseguir parar de ler." - Veronica Roth, autora de Divergente, best-seller do New York Times.

É a Terceira Guerra Mundial. O inimigo está vencendo.
E se a arma para virar o jogo fosse você?

Mais do que qualquer outra coisa, Tom Raines quer ser alguém importante. Aos 14 anos, com uma aparência pouco digna de atenção e uma vida cheia de incertezas, ele está bem longe de realizar o seu desejo. Exceto por sua habilidade com games, Tom não tem muito com o que contribuir. Um zero à esquerda. Durante anos, o garoto perambulou de cassino em cassino com seu pai, um jogador completamente sem sorte e que fazia de seu vício um meio de sobrevivência. A cada dia, iniciava-se uma nova jornada em busca de um "lar", mesmo que isso significasse um quarto qualquer pago com o pouco dinheiro ganho em apostas.

Mas, certo dia, o que parecia ser uma existência fadada ao fracasso, muda radicalmente. Da noite para o dia, Tom é convidado para integrar a elite do Exército e utilizar seu talento como jogador para ajudar seu país a vencer a Terceira Guerra Mundial. Tom, então, tem a oportunidade de se tornar alguém importante: uma supermáquina de guerra com habilidades tecnológicas jamais imaginadas. E de quebra, ganha a chance de conquistar tudo aquilo que parecia reservado aos outros: sucesso, amigos, um amor de verdade. Mas o acesso a tudo isso tem um custo. Será que vai valer a pena?

Com personagens fascinantes e um enredo de tirar o fôlego, Insígnia faz uma eletrizante viagem ao futuro e revela um mundo onde as fronteiras entre humanos e máquinas não podem mais ser distinguidas.

[Compre agora e leia](#)

O Clô das Freiras Assassinas LIVRO II

DIVINA VINGANÇA

A história de Sybella

ROBIN LAFEVERS



Divina vingança

LaFevers, Robin

9788576839507

394 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sybella nunca soube ao certo o que era amor. Não sem segunda intenções. Desde sua infância, ela teve de confiar em si mesma para conseguir sobreviver.

[Compre agora e leia](#)